SHOREFALL

A NOITE DO CAOS

TRILOGIA OS FUNDADORES



VOLUME 2

ROBERT JACKSON BENNETT

MORROBRANCO
EDITORA

SHOREFALL
A NOITE DO CAOS

OS FUNDADORES, VOL. 2

ROBERT JACKSON BENNETT

Tradução
Aline Storto Pereira

MORROBRANCO
EDITORA

◆ Sumário

Folha de rosto
Dedicatória
I. O bibliotecário e as Musas
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10

II. O rei velado
11
12
13
14
15
16
17
18
19

III. O último problema

20
21
22
23
24
25
26
27
28
29

IV. A Noite Shorefall

30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41

V. Sempre alguém mais poderoso

42
43
44

Sobre o autor

Créditos

Para meus familiares, próximos e distantes

Se houver uma pessoa viva com mais poder que eu, então, com o tempo, as circunstâncias vão enfim se deteriorar até que inevitavelmente eu me torne seu escravizado. E se fosse o contrário, então inevitavelmente ela seria escravizada por mim.

— CRASEDES MAGNUS

◆ I

O bibliotecário e as Musas

◆ 1

— Os portões estão logo à frente — disse Gregor. — Prepare-se.

Sancia respirou fundo e se preparou enquanto a carruagem deles se locomovia em meio à chuva torrencial. De onde estava, podia ver as luzes no alto dos muros do campo, brilhantes e destacadas e frias, mas pouco mais que isso. Esfregou as mãos, as pontas dos dedos deslizando pelos calos nas palmas e nas articulações, agora uma sombra do que haviam sido no auge de seus dias de ladra.

Berenice estendeu as mãos, pegou as dela e as apertou.

— Só se lembre do plano — falou ela. — Lembre-se dele e nada vai dar errado.

— Eu me lembro do plano — respondeu Sancia. — Mas também lembro que várias partes dele dizem "Sancia improvisa um monte de merda". O que não é, sabe, reconfortante.

— Vocês não estão ficando nervosas aí atrás, estão? — perguntou Orso da cabine do piloto. Ele se virou para fitar os outros, os olhos de um azul-pálido arregalados e inquietos no rosto enrugado.

— Um pouco de ansiedade — retorquiu Berenice — é compreensível nessas circunstâncias.

— Mas tendo ralado do jeito que nós ralamos no trabalho por quase seis meses para chegar até aqui — disse Orso —, estou bem menos disposto a compreender.

— Orso… — falou Gregor.

— Somos apenas inscritores que vão fazer negócios com uma casa comercial — replicou Orso, virando as costas. — Apenas quatro inscritores encardidos procurando vender seus projetos e ganhar dinheiro rápido. Só isso. Não há nada com que se preocupar.

— Estou vendo os muros — comentou Gregor. Ele ajustou o volante da

carruagem e desacelerou para um ritmo bem lento.

Orso espreitou o que havia à frente.

— Ah. Bem. Devo admitir que *aquilo* é um pouco preocupante.

Os muros do campo da Corporação Michiel surgiram em meio à chuva abundante. Parecia que os Michiel haviam feito acréscimos substanciais desde que Sancia os vira pela última vez. Para começar, os muros agora tinham doze metros a mais de altura, salpicados com uma nova estrutura cinza; devia ter dado trabalho. Mas foi o que estava no alto da nova parte construída que chamou a atenção dela: uma série de caixas grandes e compridas de bronze, instaladas nas paredes em intervalos de mais ou menos trinta metros, cada uma sobre alguma espécie de suporte giratório.

— Aquilo é uma porrada de baterias de espringais — murmurou Orso.

Sancia examinou as baterias de espringais, imóveis e escuras sob a chuva. Viu quando um pássaro se aproximou voando de uma e ela entrou em ação, a extremidade da caixa comprida monitorando o voo dele como um gato acompanharia a passagem de um morcego. A caixa aparentemente concluiu que o pássaro não era motivo de preocupação e voltou à sua posição original.

Ela sabia como esses dispositivos funcionavam: as baterias estavam cheias de flechas inscritas, convencidas a voar com força e rapidez sobrenaturais, mas o ponto crítico era que as baterias haviam sido inscritas para detectar sangue. Se uma bateria detectasse um pouco de sangue que não reconhecesse, apontaria suas flechas para quem quer que o contivesse, atiraria todas elas e despedaçaria o alvo (embora os inscritores que as projetaram tivessem sido obrigados a trabalhar bastante para impedir que desperdiçassem munição com animais errantes, em especial os macacos cinzentos, que confundiam muito as baterias).

Não era uma solução elegante. Mas funcionava: as pessoas não se aproximavam mais de nenhum dos muros do campo.

— Que garantia nós temos, Orso — perguntou Gregor —, de que aquelas coisas *não* vão nos estraçalhar?

A carruagem deles passou por uma saliência e uma água marrom-acinzentada respingou nas laterais, caindo nas tábuas do assoalho.

— Acho que estamos prestes a descobrir — respondeu Orso.

Os portões do campo Michiel estavam bem à frente agora. Sancia podia ver guardas saindo de suas cabines, as armas de prontidão.

— Aí vêm eles — disse Gregor.

A carruagem deles parou em um posto de fiscalização diante dos portões. Dois guardas se aproximaram, ambos fortemente armados, um deles trazendo uma espringal muito avançada. O guarda armado da Michiel ficou a mais ou menos seis metros da carruagem com a espringal abaixada, enquanto o outro se aproximou e fez um gesto para Gregor. Ele abriu a porta e saiu, o que deixou o guarda da Michiel um pouco nervoso: Gregor era quase um palmo mais alto que ele e vestia uma armadura leve de couro com o logotipo da Periferia da Fundição gravado nela.

— Vocês são da Periferia da Fundição? — perguntou o guarda.

— Somos — respondeu Gregor.

— Recebi ordens para que todos vocês sejam revistados antes de receberem autorização para entrar no campo.

— Entendido.

Eles saíram da carruagem um a um e ficaram tomando chuva enquanto o guarda os revistava. Depois disso, ele verificou a carruagem. Era uma carruagem inscrita um tanto estropiada, que Gregor alugara de um comerciante de ferro (suas rodas às vezes esqueciam para qual direção deveriam rolar), mas essa fora uma escolha estratégica: quanto mais parecessem uma firma na pior, mais os Michiel acreditariam.

O guarda abriu o compartimento traseiro. Dentro havia um grande baú de madeira lacrado com uma fechadura de bronze.

— E isto — disse o guarda — seriam as… mercadorias combinadas?

— Obviamente — fungou Orso.

— Preciso examiná-las.

Orso deu de ombros, destrancou o baú e o abriu. Dentro havia placas de bronze cobertas de *sigils*, algumas ferramentas para inscrever, vários livros muito grandes e mais nada.

— Só isso? — perguntou o guarda.

— Propriedade intelectual nunca é muito interessante de se olhar — comentou Orso.

O guarda fechou o compartimento.

— Muito bem. Podem entrar. — Entregou a cada um deles uma insígnia: um botãozinho de bronze com uma série de *sigils* entalhados. — Isso vai garantir que as baterias dos muros e outras medidas não considerem vocês uma ameaça. Porém, eles expiram em cinco horas… Depois desse período, todas as defesas do campo vão começar a mirar em vocês.

Orso suspirou.

— E eu que achei que sentia falta da vida no campo.

Eles entraram de novo na carruagem. Os portões de bronze destrancaram e foram se abrindo aos poucos, e Gregor conduziu a minúscula carruagem estropiada para dentro.

— A primeira parte já foi — falou Orso do banco da frente. — Entramos.

Mas Sancia sabia que essa era a parte fácil. Logo tudo ficaria muito mais difícil, especialmente para ela.

Berenice apertou a mão dela outra vez.

— Seja ponderada — sussurrou ela. — E dê liberdade aos outros. É isso que estamos fazendo, certo?

— É — concordou Sancia. — Acho que a questão é só que, normalmente, quando tento roubar uma casa comercial, eu invado, não marco um maldito encontro e entro dançando pelo portão da frente.

A carruagem entrou ruidosamente no campo.

◆◆◆

Sancia nunca estivera nos enclaves interiores do campo Michiel, então não sabia ao certo o que esperar. Estava ciente de que os Michiel, conhecidos por serem os mais habilidosos na manipulação do calor e da luz (bem como por serem esnobes insuportavelmente criativos no geral), tinham um dos campos mais impressionantes de Tevanne. Mas, à medida que Gregor conduzia a carruagem para as profundezas do campo, ela descobriu que não havia esperado por… isto.

Edifícios forjados em vidro despontavam na paisagem urbana, e se retorciam e se erguiam e avançavam juntos, a parte de dentro cintilando com uma luminescência acolhedora e hipnotizante. Paredes inteiras haviam aparentemente

sido transformadas em uma exibição de arte, suas superfícies variando e mudando para mostrar belos desenhos em espiral que se moviam.

E então surgiram os sóis.

Ela olhou fixamente para um deles quando se aproximou. A maioria dos campos usava lanternas como método favorito de iluminação, mas parecia que elas não satisfaziam os Michiel. Em vez disso, eles haviam criado uma espécie de globo gigantesco e brilhante que deslizava devagar uns noventa metros acima das ruas da cidade como um sol em miniatura, banhando tudo abaixo com algo muito semelhante à luz do dia. Teria sido uma vista surpreendente em qualquer horário, mas era particularmente incrível neste momento, deslocando-se em meio à chuva.

— Que inferno fedegoso — disse Sancia.

— É — concordou Berenice. — Me falaram que dá para ver o topo dos sóis de certas torres da cidade.

— Uma porcaria autoindulgente — resmungou Orso. — Uma completa asneira.

Eles prosseguiram ruidosamente em meio às torres até serem parados novamente no portão seguinte. Lá foram instruídos a sair da carruagem e entrar em outra, dessa vez uma carruagem da Michiel, cheia de guardas da Michiel. Os membros da Periferia da Fundição obedeceram, Gregor carregando a caixa fechada, e a carruagem partiu para o santuário mais recôndito do campo Michiel, perto do *illustris*, o edifício principal de toda aquela casa comercial.

Aquele, porém, não era o destino deles. Em vez disso, a carruagem seguiu em direção a uma alta estrutura violeta e cintilante, repleta de diminutas janelas redondas: o Edifício do Hípato da Michiel, onde os inscritores da casa faziam experimentos com *sigils* e lógica, descobrindo novas maneiras de remodelar a realidade a seu gosto.

Eles pararam à entrada e saíram da carruagem, os guardas da Michiel carregando a caixa fechada atrás deles. Não havia ninguém ali para recebê-los. Em vez disso, foram conduzidos para dentro, passando por cômodos de vidro e paredes reluzentes e subindo escada acima até chegarem, enfim, a uma câmara alta e espaçosa que parecia uma sala de espetáculos, com palco e luzes, embora a área para a plateia estivesse cheia de sofás, almofadas e pratos e mais pratos de comida.

Sancia olhou espantada para a comida quando entraram. Fazia muito tempo que não passava fome, mas ainda não conseguia acreditar no que estava vendo: tortas e cozidos e chocolates e cortes de carne defumada, tudo delicadamente disposto em fileiras de pratos dourados. Havia também jarros e jarros de vinho (ela reparou que Orso olhava com uma expressão de muito interesse para eles).

— Achei que as rebeliões de escravizados nas lavouras significavam que todos estivessem apertando os cintos — comentou Sancia.

— Isso deve ser para os hípatos seniores do campo — retorquiu Berenice em voz baixa. — Para eles não falta nada, independentemente das circunstâncias.

— Vocês podem começar a montagem ali — disse um guarda da Michiel, apontando para a mesa no palco. — O hípato virá logo.

Sancia viu os guardas se posicionando nos cantos da sala. Não ficou surpresa: sabia que a cada segundo que eles passassem ali seriam observados com atenção.

— Isso vai funcionar, né? — indagou Orso, aproximando-se da mesa. Ele apontava para alguma coisa que, para a maioria das pessoas, pareceria uma grande e curiosa fornalha de metal, mas até o inscritor mais inexperiente a teria reconhecido como uma grande câmara de aquecimento contendo um *lexicon* de teste: uma versão muito menor e mais simples dos gigantescos *lexicons* utilizados para administrar as fundições por toda Tevanne.

— É *muito* mais avançado do que aquele com que estamos trabalhando agora — comentou Berenice, examinando o revestimento do dispositivo.

Orso bufou.

— Claro que é. Nós não temos um milhão de duvots para esbanjar nas Áreas Comuns.

— Mas… acho que podemos fazer funcionar, não podemos? — falou Berenice, olhando para Sancia.

Sancia se inclinou e examinou a câmara de aquecimento que continha o *lexicon* de teste. Estava basicamente verificando as emendas e as bordas do objeto, porque se iam mostrar a tecnologia deles para os Michiel, a coisa toda tinha de ser hermética.

— Precisamos vedar aqui e aqui — disse ela, apontando para duas emendas que lhe pareceram fracas. — Mas, fora isso, deve dar certo.

— Verifique outra vez — pediu Orso. — Precisamos que os nossos projetos

funcionem.

Suspirando, Berenice e Sancia abriram o caixote de madeira deles, pegaram algumas lentes de aumento inscritas e começaram a medir e a testar a câmara de aquecimento, confirmando que não havia nenhum defeito. Era um trabalho monótono. Sancia se sentia como uma medicineira examinando um paciente em busca de lesões causadas por uma peste.

Ela olhou para Berenice, cuja lente estava bem encaixada no olho.

— Você tem algum compromisso depois que isto acabar? — perguntou ela.

Berenice piscou e alçou o olhar para ela, confusa.

— Oi?

— Eu estava pensando que poderíamos ir a uma apresentação de marionetes. Ouvi falar que o Pasqual tem um tipo de girafa inscrita que é incrível.

Berenice se permitiu dar um sorriso sardônico.

— É mesmo?

— É sim. Pensei que poderíamos dar uma passada em uma taverna…

— Experimentar o mais novo vinho de cana…

— Comer um prato de arroz com açafrão…

— Um cauda-vermelha caramelizado, talvez.

— É — falou Sancia. — E depois ir ver as marionetes. Parece uma boa ideia?

— Muito — respondeu Berenice. Ela rearranjou a lente e voltou ao trabalho. — Eu não perderia por nada. Mas talvez…

— Talvez amanhã.

— É, amanhã seria melhor. Se bem que, agora que estou pensando, depois de amanhã…

— Seria melhor ainda.

— Acertou de primeira.

Sancia deu uma risada soturna.

— Claro.

Essa era uma velha piada entre elas. Apesar do desejo de sair das oficinas e se divertir, Sancia e Berenice sabiam quase com certeza que não conseguiriam. Provavelmente passariam outra noite trabalhando até o amanhecer com placas de definição de inscrições e lousas e cuidando da saúde do velho *lexicon* instável que

eles tinham.

Um dia, pensou Sancia, *vou ser uma pessoa que tem uma namorada o tempo todo e um trabalho quando necessário, e não alguém com um trabalho o tempo todo e uma namorada quando o tempo permite*.

Então as portas se abriram e uma voz forte e refinada gritou:

— Orso Ignacio! Faz uma *vida de cachorro* que a gente não se vê, não faz?

Os membros da Periferia da Fundição se viraram e viram uns vinte homens bem-vestidos entrando na sala. Todos eles pareciam cuidadosamente arrumados, sem um fio de cabelo fora do lugar nem uma ruga em seus roupões. Muitos tinham o rosto pintado com linhas e padrões intrincados, uma afetação comum da elite da cidade. Mesmo entre os que haviam fingido um visual elegantemente desalinhado, estava claro que haviam feito isso com muito cuidado e ponderação.

O primeiro era um homem alto e magro que decididamente irradiava uma satisfação presunçosa. Em seu rosto pintado de branco havia círculos dourados em torno dos olhos, e seu roupão estava aberto até a altura do umbigo, mostrando o torso escuro, firme e torneado, que estava curiosamente besuntado.

— Armand Moretti — disse Orso em um tom de falsa alegria. — É tão *bom* ver você…

Orso foi até ele, a mão estendida. Era como vê-lo se aproximar de alguma espécie de espelho bizarro: de um lado estava Orso, alto e desgrenhado, com olhos nervosos e cabelo indomável, cada centímetro dele ossudo e esticado como se às vezes se esquecesse de que tinha um corpo do qual precisava cuidar; e do outro lado estava Armand Moretti, hípato da Corporação Michiel, que era mais ou menos do mesmo tamanho e da mesma idade, mas parecia o tipo de homem que de vez em quando se banhava em leite para manter a pele em boas condições.

— Foi tão *bom* da sua parte ter vindo, Orso! — exclamou Moretti, apertando a mão de Orso. — E estou tão feliz de poder ajudar você. Quanto tempo faz que criou a sua empresa? Um ano? Dois?

— Quase três, na verdade — respondeu Orso.

— *Sério?* Faz tanto tempo assim? Pelo estado das suas coisas, achei que fizesse menos. Bem, estou sempre ansioso para estender uma mão solícita para os inscritores dos velhos tempos, né?

— Ah… é — retorquiu Orso, que tentava nitidamente lidar com essa franca condescendência.

Moretti olhou para o resto deles e fez cara de espanto ao ver Berenice. Girando o roupão, aproximou-se dela.

— Ah! E… quem é essa criatura encantadora que você conseguiu de alguma forma induzir a trabalhar para você?

— Esta é Berenice Grimaldi — respondeu Orso secamente. — A nossa chefe de operações.

— É *mesmo*? Devo dizer que é muito mais agradável olhar para ela do que para o *nosso* chefe de operações…

— É uma honra conhecer o famoso e renomado Armand Moretti da Corporação Michiel — falou Berenice, fazendo uma mesura.

— E educada também — comentou Moretti, estendendo a mão para tocar a lateral do rosto dela. — Eu garanto a você que o prazer é todo meu.

Sancia havia ficado completamente imóvel até aquele ponto, mas achou tudo aquilo um pouco demais. Ela se aproximou por trás de Berenice com os punhos cerrados, mas Berenice a dispensou com um gesto, as mãos entrelaçadas nas costas.

Sancia e Orso se entreolharam. *Precisamos começar o nosso show*, pensou ela, *antes que eu perca a paciência e transforme a cabeça desse imbecil em um pudim*.

Os olhos de Moretti passaram para Sancia e ele parou, espantado. Ela não ficou surpresa com a reação dele. Baixa, cheia de cicatrizes, com o cabelo quase raspado e roupas de um tom marrom-pardo, ela sabia que se assemelhava a um macaco rebelde, e definitivamente não se parecia com ninguém que Moretti já tivera de conhecer.

Ela observou as reações no rosto dele.

— E… — disse ele. — E… esta é…

É por isso que prefiro roubar a aplicar golpes, pensou Sancia. *Quando se rouba, eles não chegam a ver você*.

Gregor deu um passo à frente.

— Esta é Sancia Grado, nossa chefe de inovação. E eu sou Gregor Dandolo, chefe de segurança. — Ele fez uma mesura.

— Ah, sim! — exclamou Moretti. — O famoso Fantasma de Dantua. É um

achado e tanto ter você trabalhando na lojinha do Orso nas Áreas Comuns. É tão deliciosamente transgressor, tenho certeza de que a sua mãe deve estar arrancando os cabelos.

Gregor se permitiu um sorriso apertado e contido e fez outra mesura.

Moretti bateu as mãos.

— E hoje vamos ver a sua famosa caixa *strata*, certo? A sua nova técnica de *lexicon*?

— Certo — respondeu Orso, destrancando o baú e o abrindo. Pegou um volume gigantesco e grosso e o colocou na mesa. — Temos todas as definições de inscrição e os protocolos aqui para você examinar. Vamos entregá-los depois da demonstração. A maior parte vai fazer mais sentido quando você tiver visto como são usados de fato.

— E essa foi a técnica que vocês usaram aquela noite na Montanha? A que permitiu que usassem a ferramenta de gravidade e atacassem os Candiano? — perguntou um inscritor mais velho da Michiel com um ceceio acentuado, algo que Sancia considerou afetação.

Orso fez uma pausa, claramente sem saber ao certo o que dizer. Embora fosse verdade que essa técnica tivesse permitido que efetivamente destruíssem uma das quatro casas comerciais de Tevanne, os membros da Periferia da Fundição haviam simplesmente pressuposto que esse seria um assunto delicado entre as três que restaram e decidido evitá-lo.

No entanto… os inscritores da Michiel não pareciam se importar nem um pouco. Observavam Orso com expressões de interesse moderado, como se esperassem saber se o primo de alguém ia se casar ou não.

— Hum, é — respondeu Orso, dando uma tossida. — Está correto. Embora esta seja uma versão mais refinada.

— Fantástico — replicou o inscritor, acenando com a cabeça. — Fascinante.

— Vocês não devem pensar que não podem falar abertamente aqui, Orso — disse Moretti. — Eles *eram* nossos concorrentes, afinal. Graças a vocês, conseguimos adquirir grande parte dos enclaves dos Candiano por uma bagatela. — Serviu uma taça de vinho e a ergueu para eles. — Inclusive a Montanha.

— Oh — falou Orso, agitado. — Então… vamos continuar com o nosso ab…

— Você não quer confirmar o pagamento primeiro? — perguntou Moretti.

Orso ficou paralisado e Sancia soube o porquê de imediato: ele se esquecera completamente do dinheiro e estava se perguntando se isso havia revelado o jogo.

— Ah, claro — respondeu Orso. Ele fez uma mesura. — Eu não queria abusar.

Moretti deu um sorriso largo, bebeu o vinho e estalou os dedos. Um criado jovem adentrou com um pequeno baú de madeira.

— Não se preocupe. Sessenta mil duvots não é abuso nenhum.

O menino abriu o baú. Os membros da Periferia da Fundição fitaram as pilhas de duvots de ouro e prata que havia dentro.

Que inferno fedegoso, pensou Sancia. *É a maior quantia de dinheiro que já vi na minha maldita vida.*

Mas ela se lembrou do que Orso lhe dissera: *Dane-se o dinheiro. Se fizermos isso do jeito certo, vamos embora com algo mais valioso que todos os castiçais de ouro e todos os dispositivos inscritos do Edifício do Hípato juntos*.

Contudo, parecia que Orso também estava tendo dificuldades para se lembrar desse detalhe.

— Muito bem — disse Orso em um tom de voz abafado. — Obrigado, Armand…

— Certamente — replicou Moretti, nitidamente satisfeito de ver seus efeitos em ação. O menino fechou o baú com um estalido e o levou para um canto.

Moretti se serviu de outra taça de vinho com um floreio.

— Vocês têm a minha aprovação para prosseguir. — Ele bebeu todo o conteúdo da taça. — Me surpreendam, por favor.

◆◆◆

— Para fazer a demonstração — disse Orso —, vamos precisar de uma única caixa, preferencialmente de aço ou de ferro. Bronze é um pouco frágil. E ela tem que ser mais ou menos do tamanho deste *lexicon* de teste aqui.

Moretti bamboleou até uma almofada enorme. Estalou os dedos para um garoto e falou:

— Por favor, pegue uma para ele.

O garoto saiu correndo e Moretti se deixou cair sobre a almofada. Os demais

inscritores seguiram o exemplo e se estiraram sobre os sofás e as poltronas. Moretti mergulhou uma ameixa em um pote de chocolate e a comeu ruidosamente enquanto observava Sancia e Berenice trabalharem no *lexicon* de teste.

A arte da inscrição era quase sempre um processo de duas etapas. A primeira parecia bastante simples: um inscritor colocava uma pequena placa gravada no objeto que desejava alterar, em geral dentro do objeto (em grande parte para evitar que as impressões fossem danificadas). Essa placa estava gravada com vários *sigils*, normalmente algo entre seis e dez, e, quando ela aderisse ao objeto, esses *sigils* começariam a convencê-lo a desobedecer a realidade de formas muito incomuns: daí o motivo de esse componente ser chamado de placa de persuasão.

Mas uma placa de persuasão apenas *parecia* simples. Na verdade, cada um desses seis a dez *sigils* era amparado por um segundo componente: uma placa de definição, armazenada em um *lexicon* nas proximidades. E era aí que o trabalho *de verdade* era feito, pois uma placa de definição era composta de centenas de milhares de sequências de *sigils* escritos à mão, todos formando argumentos muito complicados e fortes o bastante para obrigar parte do mundo a desafiar a realidade. Os *sigils* da placa de persuasão simplesmente indicavam a que aqueles argumentos deveriam ser aplicados.

Criar uma placa de definição demandava semanas de testes e análises. Tal experimentação parecia entediante para a maioria das pessoas (e era), mas era o tipo de experimentação que, quando não executada da maneira correta, podia fazer a sua cabeça ou o seu torso implodir de repente. Portanto, qualquer placa de definição para uma inscrição bem-sucedida valia uma fortuna em Tevanne.

E foi isso o que Berenice e Sancia tiraram cautelosamente da caixa e colocaram dentro do pequeno *lexicon* sobre a mesa: uma placa de definição que elas haviam feito pessoalmente e que forçaria a realidade a fazer algo que os Michiel achariam muito, muito valioso.

— Então — falou o inscritor mais velho com um ceceio — o seu pessoal está criando uma forma de… duplicar a realidade?

— Não exatamente — respondeu Orso quando o criado da Michiel voltou com uma caixa de ferro em um carrinho. — O que elas vão fazer é convencer as duas câmaras de que a realidade dentro delas é a *mesma*. O mundo não será capaz de

distinguir se o *lexicon* de teste na câmara de aquecimento está de fato na câmara de aquecimento, na caixa de ferro que trouxeram para cá ou nas duas.

Moretti estreitou os olhos.

— O que significa…

— O que significa que, quando as duas câmaras forem duplicadas, você pode transportar a caixa vazia neste carrinho para onde quiser — explicou Orso, dando tapinhas na caixa de ferro enquanto Sancia e Berenice começavam a trabalhar nela — e levar junto com ela as definições de um *lexicon*.

Os Michiel não estavam mais comendo nem bebendo. Sancia não podia culpá-los, pois Orso acabara de sugerir casualmente uma solução para uma das maiores limitações da inscrição.

Os *lexicons* abrigavam milhares e milhares de definições e argumentos cuidadosamente compostos que convenciam a realidade a fazer coisas que ela normalmente tentava com muito afinco não fazer. Eles eram gigantescos, complicados e terrivelmente caros, o que queria dizer que eram uma completa desgraça para construir e ainda mais difíceis de transportar.

No entanto, dispositivos inscritos (como flechas e carruagens e lanternas) só podiam funcionar até cerca de três quilômetros de distância do *lexicon* de uma fundição. Se você se afastasse demais, a realidade se tornaria mais segura do que era ou não era e, desse modo, ignoraria a placa de persuasão do seu dispositivo, não importava com quanto cuidado os *sigils* houvessem sido escritos.

Em resumo, era muito mais barato levar uma caixa de ferro básica e *convencê-la* de que continha um *lexicon* do que construir outro *lexicon*. *Inimaginavelmente* mais barato. Era a diferença entre cavar quilômetros de valas de irrigação e bater no chão com uma varinha mágica e fazer surgir uma fonte de água borbulhante.

— Quais são as limitações? — perguntou Moretti. Ele soava bem menos refinado agora.

— Bem, originalmente a realidade dentro da caixa duplicada ia ficando bastante instável com o passar do tempo — respondeu Orso. — O que significa que ela, ah, acabava explodindo.

— Mas nós resolvemos esse problema — acrescentou logo Berenice.

— É. Exigiu muito trabalho, mas… a instabilidade foi eliminada — confirmou

Orso.

— Me mostre a definição, por favor — pediu Moretti.

— Nós já a colocamos lá dentro — falou Berenice.

— Eu sei. Mas gostaria de ver.

Franzindo o cenho, Orso tirou a placa de definição de dentro do *lexicon* para mostrar para ele. Era um disco grande de bronze com 45 centímetros de largura, coberto de milhares e milhares de minúsculos *sigils* gravados, todos feitos com a cuidadosa caligrafia de Berenice.

Moretti se levantou, foi até eles e se inclinou para examinar a placa. Depois assentiu com a cabeça e deu um passo atrás.

— Entendo — comentou ele. — Fascinante.

— Essa técnica pode ser reproduzida em escala maior? — perguntou o inscritor que ceceava, obviamente pensando em *lexicons* de fundições.

— Poderia — disse Orso. Ele pôs a placa de volta no pequeno *lexicon*. — Mas, como a Periferia da Fundição Limitada não tem um *lexicon* de fundição para fazer experimentos nas Áreas Comuns, não posso dar uma resposta definitiva.

Os inscritores da Michiel trocaram sorrisos maliciosos e afetados ao ouvir isso.

— Porém, nós olhamos para o segundo maior problema dos *lexicons* — comentou Orso. — Pois, embora construir um *lexicon* seja difícil e caro, a construção tem um custo único. Mas atualizar constantemente *todos* os *lexicons* existentes no seu campo com *todas* as últimas definições de inscrição… Isso ficaria bem dispendioso, não ficaria?

Os sorrisos maliciosos sumiram. Todos os olhares estavam fixos em Orso, enquanto Sancia e Berenice trabalhavam silenciosamente na caixa de ferro como assistentes de palco antes de um truque de mágica.

— O que você quer dizer? — indagou Moretti sem demora.

— Bem, como antigo hípato, sei que leva dias, semanas ou até meses para fabricar a definição de uma inscrição — respondeu Orso. Ele deu um tapinha no *lexicon* que continha aquela que acabara de mostrar a eles. — Tendo que escrever com cautela cada *sigil* do argumento perfeitamente em uma placa de bronze antes de colocá-lo no berço de um *lexicon* de fundição… E você não pode produzi-las em massa, já que um *sigil* mesmo *ligeiramente* fora do lugar em um *lexicon* ativo poderia

causar destruição total. Então você tem que produzir todas à mão… O que significa que pode levar mais de um ano para uma única nova definição ser implementada no campo todo.

— É — concordou Moretti, impaciente. — E daí?

— Bem, nós descobrimos que o berço dentro de um *lexicon* de fundição… A parte que contém *todas* as definições… — Orso deu batidinhas no queixo com o dedo, pensativo. Sancia achou que ele estava exagerando um pouco demais na cena. — Nós descobrimos que *ele* pode ser duplicado com bastante facilidade.

Os inscritores da Michiel se entreolharam.

— Você está dizendo que, em vez de escrever várias centenas de placas de definição à mão — falou Moretti, olhando para a caixa forrada — para as nossas centenas de fundições…

— Sim? — indagou Orso.

— Nós… Nós poderíamos usar a sua técnica para duplicar todos os berços dentro dos nossos *lexicons* de fundição…

— Isso.

— E então, se você colocasse apenas *uma* série de placas de definição em *um lexicon* de fundição… *todos* eles simplesmente acreditariam que contêm esses argumentos?

— Isso.

— E então todos os argumentos que escrevemos… se aplicariam *em toda parte*? — perguntou Moretti.

Orso aquiesceu como se a ideia houvesse sido inteiramente de Moretti, e não dele próprio.

— Isso definitivamente poderia funcionar.

A postura dos inscritores da Michiel nas poltronas não era mais desleixada. A maioria se sentava em posição ereta ou se inclinava para a frente… e alguns até estavam de pé.

Sancia podia ver os cálculos que eles estavam fazendo em suas mentes: as horas de puro trabalho que economizariam e a eficiência que ganhariam por todo o campo. Aquilo também eliminaria todo um conjunto de preocupações com segurança, pois as definições de inscrição eram sem dúvida as coisas mais valiosas

que um campo possuía: os *lexicons* podiam ser o coração de um campo, mas as definições eram o sangue. Mesmo essa aplicação em pequena escala da técnica de Orso seria revolucionária para eles.

— E está tudo aqui — disse Orso, colocando uma das mãos no gigantesco volume sobre a mesa. — Não tenho dúvidas de que mentes avançadas como as suas vão tirar proveito disso rapidamente…

— Depois da demonstração — retrucou Moretti de forma brusca. — Quero ter certeza de que funciona.

Orso fez uma mesura.

— Claro.

Berenice e Sancia continuaram seu trabalho, aplicando cuidadosamente os marcadores apropriados na caixa de ferro. Dentro de meia hora, haviam terminado.

— Pronto — falou Berenice, dando um passo atrás e limpando o suor da testa.

Os inscritores da Michiel se levantaram, aproximaram-se do palco e examinaram as alterações que elas haviam feito no *lexicon* de teste e em sua câmara de aquecimento, bem como na caixa de ferro. O trabalho delas era ilusoriamente simples: não passava de um pouco de bronze, algumas placas e alguns *sigils* forjados à mão, cautelosamente gravados.

— Não está em funcionamento agora, está? — perguntou com preocupação o inscritor que ceceava.

Orso deu um ligeiro sorriso.

— Não. Não vai funcionar até que o *lexicon* seja carregado e ativado. Só *então* teremos duplicado a realidade com sucesso.

— Mas como vocês vão provar que funciona? — perguntou o inscritor que ceceava.

— Bem — respondeu Orso —, existem várias maneiras de…

— Não. Nós vamos nos encarregar disso — interveio Moretti. Ele fez um sinal para um dos inscritores no fundo da sala, que se aproximou a passos largos com uma caixa (embora esta fosse de prata e bronze, em contraste com a caixa de madeira opaca de Orso).

Moretti abriu a caixa. Dentro havia outra placa de definição junto com uma pequena lanterna inscrita. Ele se virou para Orso com um sorriso largo no rosto.

— Embora pareça que a sua demonstração poderia mesmo corresponder à sua ideia inicial, eu preferiria, em vez de ver você dar um espetáculo com as suas ferramentas, ver como a sua técnica funcionaria com as *nossas*. Esta definição aqui vai argumentar que esta lanterna vai acender… mas *apenas* a trinta centímetros de distância do *lexicon* que a sustenta.

Orso acenou devagar com a cabeça.

— Então… você pretende ativar o *lexicon* de teste, colocar a lanterninha em cima da caixa de ferro e… tirar a caixa de ferro desta sala para ver se a lanterna continua funcionando?

— Exatamente — retorquiu Moretti. — Para uma parte do campo que eu *sei* que você nunca viu antes. Nem você nem os seus funcionários.

Os inscritores da Michiel olharam para Orso, mas ele simplesmente deu de ombros e disse:

— Claro.

O sorriso de Moretti esmoreceu um pouco.

— Continuem — falou ele, acenando para sua equipe.

Os inscritores da Michiel inseriram cuidadosamente essa segunda definição de inscrição no *lexicon* de teste. Depois o fecharam, vedaram e ativaram.

Cerca de metade dos inscritores da Michiel se afastou, preocupados que ele pudesse explodir. Mas não explodiu: ouviu-se apenas um rangido no carrinho onde estava a caixa de ferro, como se houvessem colocado um peso de uns 130 quilos sobre ele.

O que era verdade, Sancia sabia. *Lexicons* de teste pesavam centenas de quilos. Se a caixa de ferro acreditava que continha um, então teria acabado de ficar incrivelmente pesada.

Orso fez um gesto, apontando para a lanterna. Moretti a ergueu e a ligou. De início, não aconteceu nada… Mas, quando ele a pôs em cima da caixa de ferro, a lanterna brilhou de repente, emanando uma luminescência brilhante e constante.

O inscritor que ceceava arquejou. Moretti fitou a lanterna, ainda estreitando os olhos.

Orso apontou para a porta.

— Se quiserem levar a caixa para fora — disse ele —, eu e a minha chefe de

inovação ficaríamos felizes de acompanhar vocês para responder a qualquer pergunta — fez um gesto na direção de Sancia, que deu um passo à frente — enquanto Berenice e Gregor ficam aqui para garantir que nada dê errado.

Moretti lançou um longo olhar de repulsa para Sancia.

— E… por que essa criatura deveria andar pelo meu Edifício do Hípato? — Ele olhou para Berenice. — Por que não ela?

— Ahh — respondeu Orso. — Bem. Berenice é *muito* competente. Sempre acho que funciona bem formar duplas entre as pessoas competentes e as pessoas, hum, menos competentes.

Sancia e Gregor se entreolharam. *Que encantador*.

Moretti deu um sorrisinho, depois abriu um sorriso largo tremendamente falso e respondeu:

— Claro. Faz todo o sentido.

Dois inscritores da Michiel pegaram o carrinho e começaram a levá-lo porta afora. Moretti e os demais saíram atrás em cortejo, com Orso e Sancia entre eles.

Sancia respirou longa e profundamente. *Hora de trabalhar*.

◆ 2

Sancia, Orso e os inscritores da Michiel marcharam pelos corredores do Edifício do Hípato quase em silêncio. Os olhos de todos estavam fixos na pequena lanterna resplandecente em cima da caixa de ferro, esperando que ela bruxuleasse e apagasse, embora Sancia soubesse que não apagaria. Eles não os haviam enganado. A caixa de fato acreditava conter o *lexicon* de teste e todas as definições que asseveravam sobre a realidade.

— Até que distância exatamente pretendemos ir, Armand? — perguntou Orso. — Só por curiosidade, claro…

— Até que a *minha* curiosidade seja satisfeita, Orso — respondeu Moretti.

Eles viraram à esquerda, depois à direita, vagando pelos salões, adentrando cada vez mais nas oficinas e salas de reunião e bibliotecas. Sancia sabia que, como em quase todos os edifícios de hípatos do campo, muitos experimentos perigosos e desvairados podiam ser encontrados ali.

Ou pelo menos assim ela esperava.

Lá vamos nós.

Ela estreitou os olhos, respirou fundo… e flexionou.

Não havia outra palavra para descrever aquilo. Ela sabia que o cérebro humano não tinha nada que se assemelhasse a músculos; no entanto, quando queria usar sua visão inscrita, a sensação era sempre a de estar flexionando alguma coisa no crânio, tensionando algum ligamento ou tendão ou músculo que então abriria… Bem. Tudo.

O mundo à sua frente se iluminava com emaranhados tremeluzentes de prata, que pareciam entrelaçados nas paredes, nas portas, nas lanternas, em tudo: as inscrições que alteravam as realidades individuais de todos os objetos ao seu redor.

Cada vez que ela olhava para um emaranhado, via sua *lógica*: os argumentos e os comandos que persuadiam esses objetos a desobedecer à física de formas muito bem escolhidas. Ver esses nós interligados era como ver as regras ocultas do próprio mundo.

Ou pelo menos era desse modo que ela acabara pensando naquilo. Era bizarro ser capaz de literalmente ver as inscrições (mesmo através das paredes e do chão e do teto, pois sua visão inscrita não era tão limitada pelos obstáculos físicos quanto a visão normal), mas difícil mesmo era descrever essa habilidade. Como poderia começar a descrever o extrassensorial? Já que não existia nenhum outro ser vivo com o seu talento (exclusivamente resultado da placa inscrita instalada na lateral de sua cabeça), ela não tinha com quem discutir.

Ela olhou de inscrição em inscrição, perscrutando minuciosamente. Viu muitos experimentos e projetos malucos em funcionamento dentro do Edifício do Hípato à sua volta, alguns bem impressionantes.

A pergunta era: qual deles era o certo para aquele momento?

Moretti os conduziu por um longo corredor, passando por um grupo de funcionários da Michiel que empurrava um carrinho cheio de caixas com centenas de minúsculas gotas de vidro. Mas, quando Sancia as examinou com a visão inscrita, viu que eram na realidade sóis em miniatura, como aqueles que vira lá fora, e entendeu de imediato tratar-se de uma versão diminuta e experimental que flutuaria por um cômodo ou uma rua em uma nuvem.

Ah. Vocês vão servir bem…

Ela analisou os dispositivos quando o carrinho se aproximou. A multidão de inscritores se afastou para o lado para dar passagem ao carrinho com os pequenos sóis, enquanto os funcionários murmuravam: "Licença… Perdão…".

Mas Sancia se demorou um pouco mais que a maioria. O carrinho desacelerou, ela teve de se afastar para um lado para abrir caminho e, ao fazê-lo, encostou uma das mãos descobertas na caixa.

No instante em que fez contato físico com a caixa de dispositivos, sua mente se acendeu com um mar de vozinhas minúsculas:

<Nós somos o sol. Somos o próprio sol! Quando o céu se abrir e o invólucro for liberado, vamos ser como o sol, todos nós sóis, todos nós flutuando pelo ar, seguindo a

nossa marca…>

Sancia prestava atenção enquanto as minúsculas inscrições falavam com ela em uníssono. Tudo aconteceu num lampejo (ela estava ficando muito boa em conversar com dispositivos ultimamente), mas sabia que ainda assim não tinha muito tempo.

<*Me contem: qual é a marca de vocês?*>, pediu ela para a caixa de lanternas.

<*A marca é a coisa a seguir, o ponto para onde devemos ir! Todas nos movemos como uma, seguindo a marca, pois que alegria ser o sol, que alegria ser o sol…*>

Ela ouviu a torrente de informações. Os pequenos globos, ao que parecia, haviam sido persuadidos a brilhar, a flutuar e a seguir, como cães presos a uma coleira. Na versão final, a pessoa provavelmente levaria algum tipo de sinal (um anel ou colar) e uma nuvem de diminutos globos flutuaria atrás ou em volta dela. Um efeito espetacular, na verdade. Tudo isso fora muito bem definido, mas os inscritores que as projetaram haviam claramente tido dificuldade para definir *como* os pequenos sóis deveriam flutuar: a que velocidade, em que posição, e assim por diante.

<*O que acontece se vocês baterem em uma parede?*>, perguntou Sancia.

<*Nós revertemos a trajetória e tentamos voltar para corrigir a distância do marcador!*>

<*Certo. E a que velocidade vocês devem seguir o marcador?*>

<*… velocidade?*>

<*É. Vocês flutuam, não flutuam? A que velocidade vocês flutuam?*>

Um pequeno período de silêncio.

<*Indefinido!*>

<*Nunca definiram a velocidade com que vocês se movem?*>

<*N-não?*>

<*Então… como flutuam?*>

<*Devemos ficar a dois metros do marcador o tempo todo, dispostas em constelação!*>, estridularam as lâmpadas.

Sancia conteve um sorriso. Não era surpreendente que os inscritores desse dispositivo não tivessem definido algo tão crucial (era um projeto novíssimo, afinal), mas era muito útil para ela agora.

<*E… quanto é um metro?*>

<*Cem centímetros?*>

<*Ah, não, não*>, disse Sancia. <*Mudaram tudo isso recentemente. Me deixem contar para vocês…*>

Rapidamente, Sancia argumentou com as pequenas lâmpadas, contestando o conceito delas de distância, assegurando que um metro era na verdade uma fração de um centímetro. Isso significava que, quando as lâmpadas saíssem da caixa, sairiam voando em direção ao "marcador" em velocidade máxima, tentando sempre chegar cada vez mais perto. Mas, ao fazer isso, inevitavelmente bateriam em uma parede, o que as faria corrigir excessivamente suas posições de flutuação.

Na realidade, foi quase fácil demais. Mas ela ficara muito, *muito* boa nisso nos últimos três anos.

<*… e é assim que funciona, entenderam?*>, terminou ela.

<*Entendemos!*>

<*E quando vão fazer isso?*>

<*Daqui a quarenta segundos!*>

<*Excelente. Obrigada.*>

Ela afastou a mão. As vozes silenciaram e cada um continuou seguindo seu caminho.

Sancia soltou o ar. No tempo real, a conversa toda não levara mais que dois ou três segundos. Ninguém percebera nada.

Moretti virou à esquerda, depois à direita, depois à esquerda outra vez.

— Eu gostaria de levar isso para o pátio, Orso — declarou ele. — Só para ver se ainda funciona do lado de fora.

— Claro.

— Há algum problema com a chuva ou com a umidade?

— Não testei isso amplamente… mas não tenho motivo para imaginar que haveria…

Sancia, ainda flexionando sua visão inscrita, perscrutou os andares do Edifício do Hípato, examinando as inscrições atrás das paredes ou debaixo dos pisos.

Então ela viu uma gigantesca bola brilhante de emaranhados reluzentes vários andares abaixo, tão intensa que olhar para ela fez sua cabeça doer.

O *lexicon* do hípato. O dispositivo que abrigava todos os argumentos

experimentais que os Michiel já haviam feito.

E ali está ele. Aquele é o meu alvo.

— Você tem uma instalação impressionante aqui, Armand — comentou Orso. — Bem mais alegre que a de Ofelia.

— Hum? Ah, é — concordou Moretti. — Não consigo imaginar como é o Edifício do Hípato da Dandolo. Provavelmente papéis e tinta por toda parte. E todo mundo em uma salinha insignif…

Um estalido ecoou no corredor atrás deles. Depois um grito.

O cortejo de inscritores parou. Todos olharam para trás.

Ah, pensou Sancia. *Lá vamos nós…*

— O que foi isso? — perguntou o inscritor que ceceava.

Mas então ressoou outro barulho, como granizo em um telhado de metal.

Moretti arregalou os olhos quando uma bolinha minúscula de brilho intenso desceu o corredor a toda velocidade, seguida velozmente por dezenas mais.

— Ah, *merda*! — gritou ele.

Instantaneamente, eles foram inundados por diminutas gotas de luz brilhante que ricocheteavam em cada superfície com um tinido estridente, disparando por toda parte a uma velocidade ofuscante. Devia haver centenas delas, se não milhares, e os inscritores reagiram como se fossem um enxame de vespas, porque, Sancia descobriu, elas *machucavam*: várias haviam batido em suas costas como se tivessem sido lançadas por um estilingue, e ela sabia que em breve teria hematomas.

— *Filho da puta!* — gritou Moretti. — *Quem foi o maldito idiota que ativou as nuvens de sol?*

Tudo mergulhou em caos enquanto os inscritores cobriam as cabeças e os rostos e procuravam se abrigar da enxurrada de bolas de luz ofuscante que ricocheteavam.

Acho que fiz um trabalho bom até demais, pensou Sancia, *em persuadir aquelas bolinhas a voar por aí tão rápido…*

Mas ela não tinha tempo para se preocupar com isso. Recuou três passos pelo corredor, encontrou uma porta trancada que dava para uma oficina vazia e encostou a mão nela.

<*Eu espero os sinais*>, falou a porta para ela. <*Sou como uma parede de pedra sem o sinal, sou…*>

<*Quando foi a última vez que uma chave foi usada em você?*>, perguntou ela.

<*Hã? Ah. Umas… duas horas atrás…*>

<*E qual é a janela de tempo em que uma chave deve ser aplicada para você destrancar?*>

<*Seria de… dez segundos?*>

<*E quanto dura um segundo?*>

A porta teve dificuldade nesse ponto. Tempo e espaço, ela sabia, eram coisas muito complicadas para objetos inscritos entenderem. Como você descreveria um segundo para algo que não tinha conceito de tempo? Inscritores sempre tinham problemas com isso.

<*Você entendeu tudo errado*>, disse Sancia. <*Me deixe explicar quanto* realmente *dura um segundo…*>

Sancia continuou trabalhando na porta, convencendo-a de que um segundo era na realidade um período supreendentemente longo e, portanto, a última chave usada ainda se aplicava agora, e que a porta deveria se abrir. E, enquanto trabalhava, começou a sentir os *sigils* penetrando em sua mente, como sempre sentia.

Quanto melhor Sancia ficava em se comunicar com as inscrições, mais começava a perceber e sentir e, enfim, até mesmo *ver* os *sigils* em suas placas de persuasão enquanto conversava com elas. Ela pensava entender o porquê: em linhas gerais, sentia o que o *objeto* estava sentindo, vivenciava os argumentos que outra pessoa colocara nele, o que faziam e como funcionavam.

Entrar em comunhão com um objeto inscrito era, de certa forma, sentir as inscrições e as amarras colocadas sobre ele. E toda vez Sancia ficava um pouco preocupada com o fato de que, sempre que interrompia a conexão, estava um pouco mais alterada que antes.

Enfim, ouviu-se um *clique*.

A porta se abriu.

Sancia entrou correndo, fechou a porta e a convenceu a se trancar de novo. Então se virou para a oficina atrás dela, flexionando sua visão inscrita.

Avançou correndo, lembrando-se do que Orso lhe dissera quando começaram a planejar esse trabalho: *Não vamos precisar levar nenhuma arma ou truque conosco, claro*.

Ela perguntara: *Por quê?*

Porque todo edifício de hípato está cheio de porcarias malucas, respondera ele. *Por que ter o trabalho de construir armas quando podemos simplesmente colocar você lá dentro, te soltar e transformar o lugar inteiro em uma arma?*

◆◆◆

Sancia passou rapidamente pelas oficinas, ouvindo tinidos, algazarras e gritos às suas costas. Calculou que tinha dez minutos antes que conseguissem resolver a situação e notar que ela sumira.

Flexionou a visão inscrita e perscrutou as paredes e os pisos do edifício. Aquele emaranhado quente e radiante de inscrições estava quatro andares abaixo. Agora precisava encontrar uma maneira de acessá-lo.

O lexicon *em si vai estar muito bem protegido*, recordou-se das palavras de Orso. *Não dá para você chegar até ele. Mas existe, como posso dizer, uma infraestrutura disponível…*

Ela desceu por um corredor, flexionando a visão inscrita ao máximo. Passou por oficinas cheias de painéis de vidro (os Michiel estavam ficando *muito* bons em criar vidro que imitava a luz do dia, ela notou), e azulejos reluzentes, e candelabros suspensos que criavam um som de flauta curiosamente tranquilizante, e espelhos que brilhavam com uma luminescência curiosamente intensa e assustadora.

Droga, droga, droga, pensou ela.

Ela continuou andando, olhando ao redor em busca de um caminho para chegar ao seu alvo, ouvindo os gritos e o alvoroço nos corredores às suas costas. Mesmo com a visão inscrita, era difícil se orientar nesse edifício. Ele parecia formar uma colmeia de oficinas e salas, e muitas tinham janelas que haviam sido inscritas de forma a aparentarem dar para o lado de fora, embaralhando ainda mais seu senso de direção.

De repente, viu um punhado de inscrições correndo em sua direção (florete, espringal, armadura), reconheceu o que era e foi calmamente se esconder atrás de uma porta aberta.

Ela esperou. Por fim, um guarda da Michiel passou correndo, resmungando:

— Juro por Deus, cada dia acontece alguma coisa nova nesse lugar…

Ficou prestando atenção até ele desaparecer, então continuou adentrando o edifício, um corredor, depois outro, até avistar o que estava procurando: uma linha comprida e espessa de inscrições seguindo horizontalmente mais ou menos dois andares abaixo, todas argumentando sobre a pressão da água.

Canos de água, pensou. *Para resfriar o* lexicon…

Mas ela precisaria encontrar um jeito de chegar até eles. A escada não era uma opção, ficaria exposta demais nela. As janelas *poderiam* ser uma opção. Mas talvez houvesse uma melhor…

Ela olhou em volta e viu uma coisa atravessando o edifício na vertical: uma espécie de chaminé com uma placa absolutamente carregada de inscrições sobre a gravidade.

Eles colocaram mesmo um maldito elevador de comida no Edifício do Hípato?

O que ela estava dizendo? Claro que os Michiel colocariam.

Ela começou a seguir na direção dele.

Se você tivesse dito a Sancia três anos antes que um dia ela não só invadiria o Edifício do Hípato da Michiel no meio do dia, mas também percorreria seus incontáveis cômodos e postos de vigilância e pontos de inspeção com facilidade, ela teria pensado que você estava louco. E, no entanto, com sua visão inscrita, era capaz de distinguir o caminho pelo prédio como uma faca quente passando pela gordura de uma enguia: dançava em torno dos guardas e dos inscritores, espreitando os dispositivos em seus bolsos enquanto andavam e entrando atrás de portas ou virando as esquinas nos corredores no momento exato; atravessava trancas e verificações de insígnias e portas inscritas como se houvessem sido construídas para esperar sua passagem; até conseguiu se esconder em plena vista uma vez, postando-se atrás de um novo tipo de lâmpada inscrita e convencendo-a a brilhar mais intensamente que o normal, de modo que o inscritor que passava por lá apenas apertou os olhos com raiva ao olhar para ela antes de continuar, resmungando: "Quem foi o maldito idiota que achou que *isso* seria uma boa ideia…".

E ela deixou tudo mais ou menos como encontrara. Os Michiel não fariam ideia de que estivera por ali.

Em alguns minutos, chegou ao escritório onde estava o elevador de comida e se espremeu lá dentro.

Estava familiarizada com as técnicas que eles haviam usado para inscrever o elevador (basicamente uma versão amplificada do argumento utilizado para fazer as lanternas flutuantes flutuarem), então dentro de segundos convencera a coisa a deixá-la descer para o âmago do Edifício do Hípato, mais perto dos canos de água que levavam ao *lexicon*.

O elevador de comida a levou cada vez mais para baixo.

Estou me saindo bem, pensou ela enquanto descia. *Estou me saindo* muito *bem! É bom estar de volta.*

Sem pensar, levou a mão ao peito como que tateando em busca de um colar, esperando sentir o metal frio contra a pele. Mas não havia nada lá.

O sorriso sumiu.

Era a sua primeira participação num roubo de verdade desde a Montanha, contudo, não era a mesma coisa.

O elevador parou. Ela abriu a portinhola, viu que estava dentro de outra oficina (esta, repleta de placas adesivas construídas para aderir às paredes) e saiu.

Os canos de água vão estar acessíveis mais perto do próprio lexicon, dissera-lhe Orso. *Mas vai haver mais segurança lá embaixo. Quanto mais importante você é, mais perto o seu escritório fica do* lexicon*… o que significa mais guardas, mais defesas e mais proteções*.

Ela se esgueirou até a porta da oficina, olhando adiante com sua visão inscrita. Abriu uma brecha e espiou. Do outro lado da porta estava outro corredor, e apenas alguns metros à esquerda, descendo o corredor, havia uma câmara de onde podia acessar os canos de água do *lexicon*, provavelmente debaixo de algum tipo de portinhola de manutenção no piso.

Todavia, no cômodo da portinhola havia três guardas da Michiel, todos muito armados, todos em posição de sentido. Ela não demorou a entender o porquê: havia um escritório ao lado com bem mais proteções defensivas que todos os outros, o que a fez desconfiar que os cômodos pertenciam ao próprio Armand Moretti.

Merda. E agora?

Agachada no corredor, ela analisou a câmara. Os aposentos de Moretti eram exatamente como teria esperado: uma ostentação ridícula e indulgente de luzes e vidros.

Mas havia *muitos* potes inscritos. Provavelmente para manter quentes os malditos chocolates dele. E, embora os guardas estivessem posicionados diante das portas da frente da câmara dele, isso não significava que não existia outra entrada.

Ela andou pelo corredor, espreitando as salas até encontrar o quarto dele: suspeitou que aquele fosse o quarto pela quantidade anormal de luzes inscritas cálidas e brilhantes em torno do que presumiu ser a cama. E, apesar de não conhecer o sr. Moretti havia muito tempo, sentia ter uma noção muito boa do caráter dele.

A-há, pensou ela. Havia um dispositivo escondido na parede ao lado do quarto dele que se parecia muito com uma porta, provavelmente para permitir que amantes se esgueirassem para dentro e para fora sem serem vistos.

Ela foi até lá, pôs uma das mãos na parede e ouviu.

<*Eu espero a insígnia do meu mestre… os* sigils *organizados com perfeição encostados no calor da minha pele, me enchendo de luz, me enchendo de significado, me enchendo de propósito…*>

Ela torceu o nariz. Preferia certamente mexer com as inscrições de Orso. Elas podiam ser um tanto ranzinzas, mas pelo menos eram bem menos sentimentais.

A garota subjugou a porta, entrou nos aposentos dele e achou o maior pote de chocolate inscrito disponível. Olhou ao redor, pegou uma garrafa grande de óleo de semente de uva e despejou seu conteúdo no pote. Depois colocou a mão na lateral do pote e ouviu.

<*… só um pouco mais quente do que o corpo humano*>, falou o pote em um tom de tranquila satisfação. <*Não quente demais. Não fervendo. Apenas… morno. Tão morno quanto a carne, a carne em um dia de verão, a carne sob a luz brilhante do sol…*>

<*Ei, tenho uma novidade sobre carne para você*>, disse ela ao pote.

<*Hum? É mesmo?*>

Ela logo convenceu o pote inscrito de que a carne humana era muitas vezes mais quente do que haviam lhe dito originalmente (ou seria em mais ou menos um minuto). E então ele deveria acreditar nisso durante um minuto exato, caso contrário, se continuasse acreditando naquilo, esquentaria tanto que poderia atear fogo no edifício inteiro.

<*Isso é incrivelmente interessante!*>, exclamou o pote. <*Eu estava fazendo tudo*

errado esse tempo todo!>

<*É, estava mesmo*>, falou ela. <*Então, tente fazer o certo daqui a pouco, tudo bem?*>

O pote inscrito concordou enfaticamente. Sancia passou de novo pela porta secreta e se espremeu na oficina com as placas adesivas mais uma vez. Depois lambeu o dedo, estendeu a mão para baixo e tocou o salto da bota com ele.

Instantaneamente, o salto da bota reconheceu a saliva dela e se soltou, revelando um pequeno espaço oco. Sancia pegou o salto e olhou ali dentro.

Ninguém em sã consciência jamais teria imaginado que alguém inscreveria o salto da bota. Fora ideia de Berenice. Mas eles precisavam de uma maneira de fazer esse componente final entrar no campo, pois nem mesmo Sancia teria conseguido fazer isso na hora.

Parecia uma plaquinha quadrada de metal. Mas, quando Sancia a tocou com a pele descoberta e falou com ela usando seu talento, a placa de repente se expandiu como uma escultura de papel e se transformou num pequeno cubo.

Ela aninhou o minúsculo cubo nas mãos, examinando-o, observando os incontáveis argumentos e inscrições gravados na superfície em uma escrita microscópica. Ela, Berenice e Orso haviam trabalhado naquilo por quase seis meses e tudo culminara naquele momento. Se não funcionasse, eles teriam apenas vendido a maior ideia de Orso e aumentado imensamente o poder de uma casa comercial por nada.

Ela olhou através das paredes à sua frente e espiou o pote inscrito. Viu que os argumentos haviam mudado de súbito e agora a temperatura estava aumentando, aumentando, aumentando…

Lá vai.

A garota deslocou o olhar para analisar os três guardas do lado de fora dos aposentos de Moretti. Por um momento, não aconteceu nada. Então um guarda virou e ouviu-se um grito de "*Fumaça! Fumaça! Fogo!*".

Ela observou os três guardas entrarem em disparada nos aposentos. Quando estavam longe o suficiente, Sancia adentrou correndo na câmara onde estava a portinhola que dava para os canos de água.

A sala já estava cheia de fumaça (ao que parecia, o óleo de semente de uva fazia

uma fumaça dos diabos), mas ela avistou a portinhola no canto da câmara. Foi até lá depressa e a abriu em silêncio.

Examinou as inscrições no cano abaixo. Havia uma pequena válvula na lateral, mas ela não podia simplesmente abri-la: a água jorraria.

Quando você chegar nos canos de água, dissera-lhe Orso, *vai ter que encontrar um jeito de convencê-los a parar de canalizar água para dentro. Então pode abrir os canos, jogar o cubo e pronto. Mas é perigoso. Você só vai ter uns quinze segundos antes de ter que fazer o fluxo voltar. Eu acho. Não tenho certeza*.

Por quê?, perguntara ela.

Porque ninguém nunca testou interromper o fluxo da água de resfriamento de um lexicon. *Eles precisam de muita água para se resfriar, e se não a tiverem, bem… Um* lexicon *é apenas uma pilha gigantesca de inscrições e argumentos que deixam a realidade fraca e confusa. Se um* lexicon *se desfizer e tudo ficar muito confuso… Isso seria ruim não só para nós, mas para todo mundo que vive a mais ou menos um quilômetro e meio do Edifício do Hípato. Então vamos ser conservadores e dizer que você tem só dez segundos para jogar o cubo*.

Sancia olhou para os canos no chão.

Dez segundos. Ótimo.

— Filho da puta! — gritaram os guardas na sala cheia de fumaça. — Que inferno ele colocou nesse pote?

Ela começou a desatarraxar a válvula bem, bem devagar.

Se eu errar… Bem. Pelo menos o Orso não vai poder gritar comigo.

Ela continuou desatarraxando até restarem apenas alguns giros. Então pôs uma das mãos descobertas na lateral do cano e ouviu.

<*EXPLOSÃO DE BOLHAS*>, gritavam os canos. <*EMPURRANDO, ROLANDO, CORRENDO, ESGUICHANDO PARA BAIXO E PARA BAIXO E PARA BAIXO E PARA BAIXO…*>

Ela estremeceu. Não ficou surpresa ao descobrir que os argumentos dentro do cano eram incomumente fortes (essa era uma parte importante do *lexicon*, afinal), mas isso significava que demoraria para persuadi-los, e depois, pior ainda, demoraria para restaurar seus argumentos originais e permitir que a água voltasse a fluir.

Respirou fundo. *As inscrições têm dificuldades com distância, direção e tempo*, falou para si mesma. *Essas são sempre as portas. É sempre esse o caminho para destravá-*

las.

<*Quem te falou o que era para baixo?*>, perguntou ela.

<*O QUÊ?*>, disseram os canos. <*O QUE FOI?*>

<*Eu perguntei*>, retorquiu ela, <*o que é para baixo.*>

O cano respondeu.

<*BEM, PARA BAIXO É…*>

Sancia ouviu e então começou a aplicar seus argumentos, um após o outro, o mais rápido que podia.

— Eca — comentou um dos guardas. — A fumaça manchou o teto… Devemos pegar um esfregão?

<*ENTENDO*>, disseram os canos depois de terem ouvido. <*MUITO BEM, ENTÃO. ACIMA DESTA JUNÇÃO, DEVO FORÇAR TODA A ÁGUA PARA FORA.*>

Sancia engoliu em seco enquanto observava os canos começarem a empurrar a água para longe da válvula, o que significava que, a partir daquele momento, o *lexicon* bem mais abaixo começaria a se desfazer.

Ela começou a contar.

Um.

Atrapalhou-se com a válvula, desatarraxando-a o mais rápido que podia.

Dois.

A válvula se soltou e ela quase a deixou cair, o que teria alertado os guardas de sua presença. Ela a pegou e a colocou com cuidado no chão, uma de suas mãos descobertas ainda encostada no cano.

Três.

Vasculhou o bolso em busca do cubinho de metal e o pegou.

— Apenas leve o pote lá para fora! — gritou um dos guardas. — Você sabe que não temos permissão para entrar aqui mesmo!

Quatro.

Ela flexionou a visão inscrita. O *lexicon* lá embaixo estava começando a queimar em um tom de branco estranhamente brilhante e perturbador.

A garota enfiou o cubinho no cano e delicadamente pegou a parte superior da válvula.

Cinco.

Ela começou a atarraxar de novo, uma volta, depois outra, depois outra: apenas o suficiente.

Seis.

<*Na verdade, eu estava errada!*>, gritou ela para os canos.

<*HÃ? ERRADA SOBRE O QUÊ? SOBRE O QUE SE PODE ESTAR ERRADO?*>

O *lexicon* lá embaixo agora tinha um tom rosado inquietante.

— Essa maldita coisa ainda está pelando! — gritou um dos guardas.

<*Eu estava errada sobre onde é para baixo!*> Ela impôs seus argumentos aos canos, um após o outro.

Sete.

<*EU… EU ACHO QUE ISSO PODERIA FAZER SENTIDO*>, falaram os canos. <*MAS VOCÊ PODE ME LEMBRAR O QUE É ÁGUA MESMO?*>

— Merda, merda, merda — sussurrou Sancia. Ela se concentrou o máximo que pôde, dizendo aos canos o que era água, como funcionava, qual sensação passava, como reconhecê-la, ativando suas associações uma após a outra.

Oito…

— Não, não, *não*! — gritou um dos guardas. — Não deixe o pote cair nessa maldita cama!

<*AH. AGORA ENTENDO*>, disseram os canos. <*MUITO INTELIGENTE. MUITO INTELIGENTE DE FATO*.>

<*Então… vocês vão trazer a água de volta?*>, perguntou ela, desesperada.

<*BEM, CLARO! CLARO…*>

Ela ouviu o esguicho de água dentro dos canos e um gorgolejo sonoro e curiosamente agradável. Olhou para o *lexicon* lá embaixo.

Por um momento, não aconteceu nada: o tom rosado se intensificou de uma forma desagradável e ela sentiu o estômago revirar de puro pavor.

Bem. Eu consegui. Matei um lexicon*. Que fedegoso, agora todo mundo vai morrer.*

Mas então o tom rosado desvaneceu, muito devagar, pouco a pouco… até voltar ao brilho branco de costume.

Ela quase suspirou, tomada pelo alívio. Mas então se lembrou do cubinho.

Voltou a olhar para baixo e viu que conseguia seguir sua passagem pelos canos do *lexicon*: era uma estrelinha brilhante com inscrições de um branco incandescente,

descendo e rolando no fluxo das águas até se aproximar do imenso dispositivo.

Naquele ponto, as inscrições de densidade do pequeno cubo foram ativadas e ele despencou como uma pedra, aderindo ao fundo do cano e recusando-se a se mexer na corrente de água. Estava praticamente nas entranhas da coisa. Estava bem firme.

Eu consegui. Puta merda, eu consegui…

— *E como exatamente nós vamos explicar para o hípato que ateamos fogo na cama dele?* — gritou um guarda dentro dos aposentos de Moretti.

Sancia fechou a portinhola e saiu de fininho.

◆ ◆ ◆

Dois andares acima, Sancia abriu a porta trancada e deparou com a visão de meia dúzia de inscritores da Michiel no chão, gemendo e resmungando, os rostos e os corpos cobertos de vergões de um vermelho-vivo.

— Acabou? — perguntou ela. — Me desculpem, fui atingida por algumas daquelas coisas e só… só me abaixei e me escondi naquele escritório lá…

Os inscritores da Michiel olharam feio para ela e se levantaram, sem se dar o trabalho de responder.

— A caixa funcionou? — indagou ela. — Precisamos fazer mais testes?

— Não! — retrucou Moretti, a pintura facial e o cabelo agora uma completa bagunça. Havia até buracos no roupão onde as pequenas esferas de vidro haviam atravessado. — Que diabos você estava fazendo lá?

— Eu falei para você, me escondendo das…

— Revistem-na! Agora!

Dois guardas se aproximaram, as armaduras cobertas de minúsculos amassados causados pelas lâmpadas. Ela suspirou e ergueu os braços, e eles a revistaram de forma um tanto invasiva.

— Nada — disse um deles quando terminaram.

— Filha da puta — proferiu Moretti com violência. — Orso! No mínimo, repreenda essa garotinha horrorosa pela impertinência dela!

Sancia tentou conter um sorriso. Mas então ouviu uma voz sibilando atrás dela:

— Se escondeu naquele escritório lá… Você só… Você só se escondeu naquele escritório lá, *hein*?

Ela se virou e encontrou o olhar mortal de Orso Ignacio, seu rosto tremendo de fúria, seu rosto machucado, coberto de vergões e marcas.

◆ 3

Moretti não pediu desculpas pelo acidente com a nuvem de sol. Parecia considerar um risco natural que alguém pudesse ser açoitado por diminutas esferas de vidro a qualquer momento quando estava no edifício de um hípato. Em vez disso, ele e Orso (ambos machucados e furiosos) se sentaram à mesa diante das pilhas e pilhas de papelada, quase tudo destinado a satisfazer as outras autoridades no campo da Michiel.

— Assine aqui — falou Moretti. Ele estremeceu ao tocar a lateral do rosto. — E aqui. E aqui…

Finalmente havia terminado. Os Michiel empacotaram todas as ferramentas que os membros da Periferia da Fundição haviam trazido (as placas, os volumes) e as levaram embora, deixando apenas o baú de duvots ao lado da mesa.

Moretti se levantou e tentou sorrir, mas, ao que parecia, mesmo isso doía demais.

— Parabéns, Orso. Me perdoe se não aperto sua mão. Nem faço mesura. Nem continuo conversando. — Ele levou uma das mãos à nádega esquerda e soltou um desagradável gemido de dor. — Eu tenho… que cuidar de alguns assuntos urgentes… Por favor, vão em paz.

Ele foi embora. Dois guardas da Michiel se aproximaram e um deles falou:

— Vamos acompanhá-los de volta ao seu veículo.

— Obrigado — respondeu Gregor. Ele pegou o baú de duvots e eles os seguiram para a saída.

Berenice lançou um olhar intenso para Sancia. A garota acenou muito de leve. Um sorriso gigantesco surgiu no rosto de Berenice (uma demonstração anormal de entusiasmo, uma vez que ela costumava ser sobrenaturalmente controlada) e Sancia

teve de se esforçar para não a beijar ali mesmo naquele instante.

Eles seguiram para a carruagem dos Michiel em silêncio e voltaram para a própria carruagem estropiada em silêncio, até que, por fim, atravessaram os portões externos e retornaram às Áreas Comuns: as lamacentas, fumegantes, bamboleantes e desordenadas Áreas Comuns.

— Vou continuar dirigindo — disse Gregor, a voz tremendo de empolgação ou ansiedade, Sancia não conseguia distinguir. — Eles com certeza continuam observando. Precisamos manter as aparências até voltarmos para a nossa empresa, fora da vist…

— Você conseguiu? — perguntou Orso bruscamente. — O cubo funcionou?

— Sim — respondeu Sancia.

— Ele… Ele *funcionou*?

— Sim.

— Funcionou mesmo, Sancia? — indagou Gregor da cabine do piloto.

— Sim.

— Pelo menos uma vez — comentou Berenice com um suspiro — você *poderia* responder com mais de uma palavra…

Orso quase começou a chorar de alegria.

— Isso. *Isso!* Ah, meu Deus fedegoso, isso!

— Você não está bravo por causa do seu rosto? — perguntou Sancia.

— Meu rosto? Quem diabos se importa com o meu rosto? Eu arrancaria essa porcaria para fazer o que nós fizemos lá atrás! Ah, vamos ter um bom e velho carnaval este ano, não vamos? Vamos voltar para casa o mais rápido possível!

◆◆◆

A carruagem sacudia e rolava pelas Áreas Comuns quando a noite caiu. Sancia segurou firme a mão de Berenice e continuou olhando pela janela, rezando e esperando que não vissem nenhum assassino ou guarda da Michiel os perseguindo. Até agora não vira nada além dos tagarelas macacos cinzentos, que se aninhavam nos telhados dos edifícios das Áreas Comuns.

— Nada ainda? — indagou Gregor da cabine do piloto.

— Nada — respondeu Sancia. E sabia que estava certa. Não apenas sua visão

inscrita lhe dava uma vantagem, mas era difícil se esgueirar pelas Áreas Comuns atualmente. Havia muitas lamparinas agora, graças às mudanças que Orso e a Periferia da Fundição haviam realizado nos últimos três anos.

Depois que Orso começara a sua própria firma de inscrição nas Áreas Comuns, ninguém sabia ao certo como as casas comerciais reagiriam. Será que o matariam de cara? Explodiriam o prédio com flechas estriladoras? As duas coisas pareciam muito prováveis.

No entanto, com o passar dos dias, a decisão fora tomada por eles, pois dúzias e dúzias de inscritores de casas comerciais, incluindo alguns dos mais geniais dos campos, haviam seguido seus passos: abandonado as casas comerciais, montado uma oficina nas Áreas Comuns e começado suas próprias casas comerciais em miniatura.

Agora havia quarteirões murados aqui e ali entre os cortiços, minúsculos complexos que as outras novas firmas de inscrição haviam transformado em suas próprias sedes. Essas empresas operavam fundições e baias de fabricação em miniatura dentro daqueles muros, remexendo e experimentando dia e noite. Uma vez que as Áreas Comuns eram muito mal projetadas, assemelhando-se mais a uma toca de coelho que a um bairro civilizado, as novas firmas haviam recorrido a gigantescas lanternas flutuantes estacionárias que pairavam sobre os novos complexos, com as palavras "FRIZETTI" e "BALDANO" costuradas na lateral para que as pessoas pudessem encontrá-los. No decorrer dos meses, o nebuloso termo meio pejorativo "Terra das Lanternas" começou a ser usado, e todos os que trabalhavam nessas vizinhanças eram lanterneiros.

As casas comerciais e o Conselho de Tevanne haviam ficado totalmente confusos sobre como reagir a tudo isso. Entre uma rebelião de escravizados no exterior e uma rebelião de inscritores em casa, eles haviam ficado completamente paralisados. O que foi muito conveniente para a Periferia da Fundição.

Orso se inclinou para a frente quando se aproximaram por fim de sua própria sede.

— Enfim chegamos. Puta merda, estamos quase livres.

A carruagem seguiu com dificuldade até o Edifício Diestro (a sede torta, improvisada e decaída da Periferia da Fundição Limitada) e o muro irregular de ferro que o isolava das ruas. Embora fosse quase noite, uma fila de inscritores da

Terra das Lanternas esperava por eles nos portões.

— Nós passamos o dia inteiro aqui! — reclamou um inscritor quando eles saíram. — Você está atrapalhando o nosso trabalho, Orso!

— Não estamos abertos para negócios hoje! — vociferou Orso, empurrando-os para passar. — Fedeguem-se daqui!

— O quê? — contestou outro. — Você não pode fazer isso. Você nem colocou um aviso!

— Uma empresa de consultoria tinha mais é que prestar consultoria! — acrescentou ainda um terceiro.

— Bem, mas hoje é que não vai mesmo! — Orso fez um sinal passando o polegar sobre o ombro. — Caiam fora! Voltem amanhã! Ou não voltem, eu não me importo!

Resmungando, os inscritores partiram, e os membros da Periferia da Fundição abriram os portões, atravessaram o pátio e se aglomeraram diante das portas da frente de seus escritórios. Gregor começou a trancar a porta e ativar as proteções defensivas (janelas e paredes e assoalhos que poderiam de repente se tornar bastante hostis a pessoas erradas que estivessem por lá no horário errado), mas parou quando Orso respirou fundo, ergueu os dois punhos e deu um grito áspero de vitória.

— Nós conseguimos! — gritou ele. — Conseguimos mesmo!

— Hum, em grande parte foi Sancia quem conseguiu — comentou Berenice.

— E ainda não está feito — acrescentou Gregor. — Vai levar semanas para terminar.

Orso caiu no chão, as pernas tremendo.

— Que seja. Logo teremos o campo dos Michiel inteiro à nossa mercê… e os desgraçados ainda nem sab…

Alguém bateu à porta. Todos ficaram paralisados.

Gregor pegou um florete inscrito que estava ao lado da porta da frente e espiou pelo olho mágico.

— Ah — disse ele.

Ele girou a maçaneta e abriu a porta para revelar um homem de meia-idade e uma mulher jovem à entrada. O homem tinha uma barba grisalha desgrenhada e vestia um conjunto de calça e jaqueta que talvez estivessem em voga dez anos antes.

A mulher era mais jovem, mais ou menos da idade de Berenice, usava avental e luvas feitos de couro e em seus braços reluziam cicatrizes brilhantes de queimadura.

Gregor acenou para eles.

— Claudia, Gio. Que bom vê-los aqui.

Eles se esgueiraram para dentro e Gregor fechou a porta.

— Estávamos esperando vocês voltarem! — exclamou Gio.

— Como foi? — perguntou Claudia. — Funcionou?

— Claro que funcionou — respondeu Sancia. — Quando foi que eu falhei em um trabalho?

— Teve aquela vez que você incendiou a orla — retorquiu Claudia. — Lembra daquela vez que incendiou a orla?

— Lembro — falou Gregor secamente.

Giovanni e Claudia eram velhos ex-funcionários da Periferia da Fundição. Os dois haviam vindo do mercado clandestino e saído para começar seus próprios negócios de inscrição depois que a Terra das Lanternas decolou. Orso guardava só um pouco de ressentimento deles, o que Sancia considerava uma grande evolução no caráter moral dele.

— Quanto vai demorar para ser concluído? — indagou Gio.

— Quanto demora para encher uma latrina? — retrucou Orso. — Vai demorar o quanto demorar.

— Então os Michiel não estão usando agora? — perguntou Claudia.

— Não! — respondeu Orso. Depois pensou no assunto. — Bem. Pelo menos eu *acho* que não.

— Por que não vamos ver? — sugeriu Gregor.

Eles atravessaram o saguão e adentraram a área central dos escritórios. No passado, aquele espaço fora composto de corredores e pequenos apartamentos e cômodos, mas eles haviam derrubado as paredes e transformado o andar inteiro em algo muito diferente: uma biblioteca.

Mas não uma biblioteca normal. Esta era uma biblioteca de procedimentos de inscrição, e de projetos, e de sequências de *sigils*, e de definições de argumentos, todos compilados ao longo dos últimos três anos. Sobre a entrada havia uma placa que dizia: TODOS OS VISITANTES DA BIBLIOTECA DEVEM FORNECER UM (1) PROJETO DE

INSCRIÇÃO A SER ANALISADO PARA APROVAÇÃO E PAGAR UMA TAXA DE CINQUENTA (50) DUVOTS PARA RECEBER UMA INSÍGNIA PARA USO DA BIBLIOTECA.

Claudia e Gio pararam no balcão de atendimento.

— Hum. Vamos precisar da ajuda de vocês aqui…

— Hein? — indagou Sancia. — Ah, certo. — As defesas da biblioteca haviam sido inscritas para detectar o sangue dos membros da Periferia da Fundição e permitir sua entrada, mas essas permissões foram negadas a Claudia e Giovanni.

Sancia foi até o balcão e pressionou o dedo em uma gaveta. Ela destrancou e a garota a puxou e vasculhou em busca de duas insígnias, que jogou para os dois inscritores.

— Pronto. Agora entrem!

Eles passaram pelas estantes altas, e pelas mesas com pilhas de volumes, e pelos baús repletos de placas de definição, até chegarem enfim a uma portinha vermelha no fundo da biblioteca. Orso pegou uma chave inscrita, colocou-a na fechadura, abriu a porta e desceu a escada até o porão enquanto os outros o seguiam.

— Vai levar um tempo para eles implementarem os nossos projetos — falou ele. — Talvez dias, talvez meses. Mas não tenho dúvidas de que eles vão tentar.

O porão era um lugar imundo e indomável, cheio de montes de livros e lousas, pilhas de papéis cobertos de *sigils* e caixas com tigelas inscritas para aquecer metais leves. No meio do piso do porão havia duas curiosas geringonças: uma era um *lexicon* de teste um tanto desgastado, parecido com aquele com que haviam trabalhado no campo dos Michiel, mas este trazia as letras "PF", grandes e desleixadas, marcadas no alto, indicando que era propriedade da Periferia da Fundição. A outra era uma grande cúpula de ferro com uma janela de vidro redonda na lateral. Pela janela era possível ver dúzias de placas redondas de bronze em prateleiras dentro da cúpula.

Qualquer inscritor que valesse o vinho que tomava teria ficado perplexo ao encontrar esse dispositivo ali naquele porão mofado e crepitante: era o berço de um *lexicon* de fundição, a parte que continha todos os argumentos cuidadosamente escritos que o *lexicon* usaria então para remodelar a realidade, como um advogado de campo pegando um punhado de livros jurídicos para ditar a lei.

Mas esse espécime era diferente de duas formas: para começar, não havia

nenhum *lexicon* de fundição para acompanhá-lo de fato; e, em segundo lugar, todas as placas de definição lá dentro estavam vazias.

Orso olhou para Sancia.

— Está pronto?

Ela flexionou a visão inscrita e examinou o berço do *lexicon*.

— Parece pronto para mim.

Ele soltou o ar, aliviado.

— Ah, graças a Deus.

Giovanni contornou o berço do *lexicon*, acenando muito de leve com a cabeça.

— Então, só para recapitular como isso funciona… Quando os Michiel começarem a lançar uma definição atualizada…

— É quase certo que vão usar os nossos projetos para duplicar todos os berços de *lexicon* — falou Berenice. — Assim eles só têm que escrever uma série de argumentos… E então, se você colocar essa série em um berço, a realidade vai achar que ela está sendo colocada em *todos* os *lexicons* do campo inteiro, tudo de uma vez.

— Economizando uma fortuna de tempo, dinheiro, recursos… — Orso agitou uma das mãos. — Tudo.

Claudia concordou com a cabeça.

— E o que Sancia fez nos escritórios do hípato… Aquele cubinho que vocês falaram que tinham feito…

— É um dispositivo de retransmissão! — exclamou Orso, literalmente pulando de alegria. — Como um cuco-de-peito-vermelho depositando o ovo furtivamente em um ninho! Sancia tinha que colocar o cubo infernalmente perto do *lexicon*, mas agora que fez isso o dispositivo induziu o maldito *lexicon* do hípato a tratar *este* berço como se estivesse no campo dos Michiel!

Giovanni ficou tonto de admiração. Ele se sentou devagar no piso do porão.

— Então quando eles colocarem os argumentos deles no *lexicon* do hípato… Todos os projetos e as sequências de *sigils* proprietários que eles gastaram milhares de duvots para produzir durante sabe-se lá quantos anos…

— Daí essas placas vazias aqui vão ser preenchidas com *esses mesmos projetos*! — gritou Orso, pulando pelo cômodo. — Todos aqueles argumentos incrivelmente valiosos que podem convencer a realidade a dar nós fedegosos em si mesma vão estar

literalmente escritos nas nossas placas vazias! Tudo o que torna os malditos Michiel tão superiores e *tão* poderosos vai passar pelo *meu* maldito porão em uma questão de dias, ou até horas!

— Puta merda — disse Claudia. — Vocês acham mesmo que conseguiram?

Berenice soltou um enorme e lento suspiro.

— É, acho que sim. Devemos conseguir roubar todas as definições de inscrição que os Michiel já fizeram.

— E tornar toda a casa deles irrelevante da noite para o dia — completou Sancia.

Seguiu-se um longo período de silêncio.

— Vocês todos parecem muito contentes — falou Gregor. — Mas acho que meu trabalho como chefe de segurança vai ficar muito, muito difícil logo, logo. No momento que descobrirem, vão querer a nossa cabeça por causa disso, Orso. Embora talvez queiram outras partes da nossa anatomia primeiro.

— Nós temos *algum* tempo para relaxar — disse Orso. — Não é como se eles fossem duplicar a câmara e começar a inserir as definições deles hoje à noite ou coisa do tipo. Temos tempo suficiente para colocar a nossa casa em ordem, estabelecer os protocolos necessários e…

Ouviu-se um estalido vindo do berço.

Todos eles se sobressaltaram e se entreolharam.

Outro período de silêncio, este muito, muito mais longo.

Sancia espiou o berço.

— Parece… que as placas mudaram.

— Já? — falou Berenice, pasma. — Eles *já* implementaram as nossas técnicas?

— Você está de brincadeira… — retorquiu Gregor.

— Talvez… — disse Orso com uma voz rouca. — Talvez eu não tenha dado a Moretti o devido crédito…

Ele foi até o *lexicon* de teste e o desligou. Depois, dando uma última olhada em todos, abriu a porta da câmara, pôs o braço lá dentro e tirou uma placa de bronze.

A placa não estava mais vazia. Agora estava coberta de milhares e milhares de *sigils* e, embora Sancia não tivesse certeza, desconfiou que estivessem escritos com a letra do próprio Armand Moretti.

Orso fitou-os com lágrimas nos olhos.

— Nós conseguimos. Roubamos as joias que estavam debaixo do dragão adormecido. E ninguém em Tevanne sequer sabe disso.

◆ 4

Sancia inclinou o copo de vinho e sentiu uma quentura quando ele escorregou pela garganta e chegou ao estômago. Limpou a boca com um prazer que beirava o extravagante.

— *Isso* — afirmou ela — era exatamente do que eu precisava.

Gregor a observava por sobre a borda da sua xícara de chá fraco, uma expressão de mórbida fascinação fixa no rosto.

— Você sabe que não é para beber os resíduos, né? Que todos os pedaços de cana-de-açúcar se sedimentam no fundo?

— Ela sabe. — Berenice suspirou. — É difícil fazer uma pessoa que cresceu comendo só arroz e feijão entender como saborear o vinho.

— Como muito mais coisas além de arroz e feijão hoje em dia — retorquiu Sancia, sorrindo para ela.

Berenice ficou paralisada e Gregor discretamente se afastou.

— Já chega — falou Berenice baixinho. Mas sorriu.

Sancia estendeu a taça em direção a ela.

— Para o inferno com as marionetes de girafa do Pasqual — disse ela. — Eu preferiria estar aqui a estar em qualquer outra parte do mundo.

Eles estavam todos amontoados na costumeira mesa de canto na taverna do bairro, o Cadinho Rachado. Embora as paredes de reboco estivessem rachando, a fumaça do cachimbo fosse nociva e o vinho, perturbadoramente viscoso, era considerado um ponto de encontro crucial dos especialistas da Terra das Lanternas. Em grande parte porque era a taverna preferida de Orso, e aonde quer que Orso fosse, os outros inscritores tendiam a ir atrás.

— Vocês não estão preocupados com a possibilidade de os Michiel descobrirem?

— perguntou Claudia.

— Tendo conhecido esses cavalheiros — respondeu Gregor —, não estou.

— Um vagaroso vazamento de informações — disse Orso, os olhos brilhando. — Eles levaram uma punhalada em uma artéria e ainda nem sabem que estão morrendo.

— E o que você vai fazer com as definições deles quando tiver todas? — indagou Gio.

Ele deu um sorriso maléfico.

— A mesma coisa que já fazemos — respondeu ele. — Distribuí-las.

Claudia o encarou.

— Você não está falando sério.

— Quando tivermos os argumentos mais poderosos — continuou Orso grandiosamente —, vamos fazer cópias das placas, agrupá-las e deixá-las na entrada de cada firma da Terra das Lanternas. Ao acordar, todas terão recebido um presente de Carnaval das Monções *muito* agradável, penso eu. E talvez larguemos algumas nos mercados clandestinos e as deixemos irem para o exterior. E que se espalhem, se espalhem e se espalhem.

— Você não quer vendê-las primeiro? — perguntou Gio. — Você ganharia uma maldita fortuna, cara. Sei que a minha firma seria a primeira a comprar.

Claudia concordou veementemente com a cabeça. Ela e Gio haviam saído da Periferia da Fundição para começar os próprios negócios, mas estavam tendo o seu quinhão de problemas. Sancia não ficou surpresa ao ouvir que eles poderiam estar interessados em dar uma olhada em definições de casas comerciais em busca de inspiração.

— Gio, meu rapaz — falou Orso —, eu trocaria todos os duvots dos cofres de todos os campos só para mijar na garganta deles por um segundo. Isso não tinha a ver, nem nunca vai ter, com dinheiro. — Ele se endireitou e assumiu uma pose digna e majestosa. — Tinha a ver com os nossos *princípios*.

— Mijo e princípios — emendou Claudia. — Que amantes prováveis.

— Continuo sem entender a sua estratégia, Orso — disse Gio com um suspiro.

Orso pensou sobre o assunto.

— Você já viu um bêbado jogar bola e garrafas quando todos os outros estão

sóbrios?

— Eu tanto já vi como já fui esse bêbado em particular — respondeu Gio.

— O que você está falando agora, Orso? — indagou Sancia.

— Bem, se o bêbado não estiver em pleno controle da coordenação a ponto de ganhar o jogo, de fazer boas escolhas de fato — explicou Orso —, então ele simplesmente arremessa a bola nos agrupamentos dos adversários e os espalha por toda parte. Não faz arremessos estratégicos com finalidades específicas, mas joga para bagunçar a quadra inteira e arruinar o jogo de todos os outros.

— Então, nessa metáfora — perguntou Gio —, você é um bêbado arremessando bolas?

— Estou *dizendo* que, quando uma pessoa não tem boas escolhas — respondeu Orso —, a escolha mais inteligente é bagunçar a quadra. E é isso que vamos fazer.

Eles brindaram ao sucesso uma, duas, mais vezes, e compartilharam tigelas de arroz de coco e camarão. Mas então um jovem cabisbaixo se aproximou da mesa e se inclinou sobre o ombro de Claudia para conversar com eles.

— Eu queria perguntar para vocês — murmurou o homem — sobre aquela solução para densidade que me deram.

— Hoje à noite não, Otto — bufou Sancia.

— Eu sei que vocês resolveram — disse o jovem —, mas não consigo reproduzir o que fizeram.

— Podemos discutir isso amanhã na biblioteca — falou Berenice para ele. — Num encontro com *hora marcada*.

— Eu tenho um prazo — argumentou Otto. — Se… Se pudessem só me mostrar alguma coisa…

Sancia e Berenice o ignoraram devidamente.

— Por favor — pediu ele. — Minha posição está em risco…

— Argh! — exclamou Sancia. Ela tragou mais vinho, pegou uma faca e começou a rabiscar *sigils* no tampo da mesa. — Sente-se e cale a boca. Porque eu só vou fazer isso uma vez.

O rapaz observou enquanto Sancia desenhou um conjunto simples de sequências de *sigils* que governavam a densidade e começou a lhe explicar o processo. Alguns fregueses do Cadinho se levantaram para observar também.

— Você está entregando os nossos serviços de bandeja! — chiou Orso.

— Eu arrasto a maldita mesa de volta para a biblioteca se precisar! — retrucou Sancia.

Claudia e Giovanni riram.

— É culpa sua por ter começado uma maldita instituição de caridade de inscrições, Orso — disse Gio. — Todo mundo espera a sua ajuda agora.

— A biblioteca *não* é uma instituição de caridade — falou Orso. — A Periferia da Fundição é um interesse particular compartilhando bens públicos e comunitários.

O que era verdade. Depois de fundar a Periferia da Fundição, Orso enfrentara um dilema: criara uma novíssima técnica de duplicação, mas não havia absolutamente nenhum mercado para ela. Só as casas comerciais tinham recursos para usá-la, e as casas comerciais não tocariam nele nem com um bastão de três mil metros (a menos que pudessem enfiar o bastão na goela dele).

Mas então os outros inscritores haviam se mudado para as Áreas Comuns e aberto suas próprias firmas, e Orso percebeu que tinha outro recurso valioso nas mãos: Sancia. Especificamente, a placa na cabeça da garota que lhe permitia interagir com as inscrições. Isso, combinado à profundidade do conhecimento dele e de Berenice, significava que eles eram especialistas em uma indústria que de repente precisava de muita ajuda.

Então eles mudaram e transformaram a Periferia da Fundição em uma empresa de consultoria. Se você tivesse um projeto ou um dispositivo ou uma sequência que simplesmente não conseguisse fazer funcionar, bastava o levar à Periferia da Fundição e eles ajudariam você a consertá-lo por uma taxa. A Terra das Lanternas até inventou um apelido para Sancia e Berenice: elas eram "as Musas", trazendo brilhantismo lá do alto para eles lá embaixo.

Mas havia um porém: qualquer projeto que eles ajudassem a consertar ia para a biblioteca. E a biblioteca podia ser vista por qualquer pessoa que *também* doasse um projeto para ela e pagasse a taxa.

Era um conceito aterrorizante para a maioria dos inscritores, que vinha dos campos, onde a questão da propriedade intelectual era algo que frequentemente levava as pessoas a serem presas ou mortas todo mês. *Compartilhar* projetos

inscritos? Construir uma espécie de biblioteca que podia ser visitada por quase todos? Parecia loucura.

Mas, com o tempo, os inscritores se deram conta: eles não estavam mais nos campos. E precisavam de ajuda. "Para ganhar", dissera-lhes Orso, "primeiro vocês precisam doar." E finalmente eles doaram.

De início, Sancia relutara em empregar seus talentos dessa forma. Mas Orso lhe contara a aposta dele: "O que quer que a gente faça para empoderar a Terra das Lanternas vai acabar minando as casas comerciais. Fortalecendo a Terra das Lanternas, vamos enfraquecer as casas comerciais e os seus impérios".

E aquilo era a única coisa que já interessara a Sancia.

Ela terminou de rabiscar as sequências na mesa.

— Está vendo agora? — perguntou ela. — Vê como funciona?

Otto piscou.

— Eu… acho que sim…

— Não acho que ele tenha entendido de verdade — comentou Gregor em voz baixa, com a boca na caneca.

Orso bateu as mãos.

— Otto, você está com sorte. Se aparecer no nosso escritório amanhã, vamos marcar uma consultoria de correção para você *e* dar um descontão de apenas o dobro das nossas taxas habituais.

— Como pode ser um descontão — retrucou Otto — se é o dobr…

— Tenha um bom dia! — rosnou Orso, e apontou para a porta com um dedo. Otto se virou e foi embora cabisbaixo.

— Me agrada ajudar os nossos irmãos da Terra das Lanternas — disse Orso, recostando-se. — Mas gostaria que alguns deles não fossem uns desgraçados tão burros e desmiolados.

Sancia e Berenice trocaram um sorriso, exultantes com o momento, com o sucesso, com a sensação de finalmente estarem começando algo novo. Sancia bebeu mais vinho.

— Devagar — recomendou Berenice. Seus dedos deslizaram pelas costas de Sancia. — É cedo ainda.

— Eu mereço — falou Sancia. — Nós todos não merecemos?

— Merecemos — concordou Orso. Ele ergueu a taça outra vez. — Hoje à noite nós salvamos esta cidade. Salvamos o *próprio ato* de inscrever. E ninguém nem ao menos sabe. Todos nós somos guardiões de uma chama sagrada, iluminando o caminho à frente. — Ele bebeu (ou tentou, já que boa parte acabou escorrendo pelo queixo).

Eles brindaram de novo, mas o rosto de Gregor permanecia quieto e fechado enquanto ele tomava chá.

— Alguma coisa errada? — perguntou Sancia.

— Não uma chama, penso eu — refletiu ele. — Uma faísca. Nós pretendemos começar um inferno. — Ele olhou pela janela engordurada para as vielas nevoentas do lado de fora. — Porém, o fogo não se importa com quem ele queima.

◆◆◆

Juntos eles voltaram cambaleando para casa pelas vielas das Áreas Comuns. Aos olhos de Sancia, as lanternas aéreas eram manchas amarelas e alaranjadas e roxas na tela escura do céu noturno. Embora ainda faltassem dias para o Carnaval das Monções, algumas pessoas já estavam fantasiadas. Sancia se assustou um pouco quando alguém passou correndo com a fantasia clássica do Papai Monção: o manto, a máscara e o chapéu de três pontas, todos em preto, do homem mítico que trazia tempestades e morte a cada seis anos.

— Imaginem — arrotou Orso enquanto eles passavam sobre as rangentes calçadas de madeira. — Imaginem como *costumava* ser. Centenas de firmas pensando, trabalhando, colaborando… Antes era assim. — Ele parou e olhou para uma viela. O vento se agitou pelo céu noturno e todas as lanternas dançaram, os nomes e as cores se mesclando, e por um momento a cabeça de Orso se incendiou com chamas de muitas tonalidades. — Pode voltar a ser desse jeito. Podemos resgatar isso. Pensem em todos os soldados, todos os inscritores, todas as pessoas esperando por um estilo de vida melhor… Tudo, *todas* essas coisas podem mudar.

— Não vamos ficar sentimentais — disse Gregor. — Em vez disso, vamos para casa.

Sancia olhou para Gregor e viu que ele não parecia bêbado, nem feliz, nem alegre. Ao contrário, ele estava com a mesma expressão que tão frequentemente

assumia: um aspecto de solidão discreta e conturbada, como um homem ainda refletindo sobre um pesadelo.

— Venham, venham — falou ele, pastoreando-os. — Vamos. Para a cama, todos vocês.

— Sinto muito, Gregor — disse Sancia.

— Pelo quê? — perguntou ele.

Porque não consegui consertar você, ela quis responder. Mas então houve um estrondo de tubulação vindo da esquina, e uma gargalhada, e o momento passou.

◆ ◆ ◆

Berenice a ajudou a subir a escada um degrau de cada vez.

— Só porque você finalmente pode beber — falou ela —, não significa que deveria fazer isso com *tanto* entusiasmo.

— Me beije — pediu Sancia.

— Já beijei. Várias vezes. Apesar do gosto de vinho do Cadinho nos seus lábios.

— Nós executamos o plano. Nós realmente conseguimos, Ber.

— Eu sei que conseguimos.

— Mas o inferno é que… nem foi tão difícil — comentou Sancia.

— Como é que é?

— Bem, pelo menos não para *mim*. Se conseguirem me colocar dentro da Morsini ou da Dandolo… Podemos acabar com todas elas.

— Você mal dá conta dessa escada. Vamos ajustar nossas expectativas.

Elas viraram no patamar seguinte e começaram a subir outro lance.

— Podemos contar pra ele? — perguntou Sancia.

— Contar pra quem? — Então ela se deu conta. — Ah. Sim. Claro.

Subiram os degraus até o sótão da Periferia da Fundição, onde moravam juntas. Berenice destrancou a porta (que fora inscrita para requisitar tanto a presença do sangue quanto a da saliva delas) e Sancia entrou cambaleando e se dirigiu ao guarda-roupa.

— Me deixa fazer isso? — ofereceu Berenice, trancando a porta. — Você bagunça tanto as coisas…

Mas Sancia a ignorou. Cambaleou até o guarda-roupa e remexeu em roupas e

livros até revelar um pequeno painel no fundo. Encostou a mão nele e houve um estalido.

— Fechaduras e fechaduras e fechaduras — murmurou ela, afastando o painel. Colocou a mão lá dentro. — E, no entanto, a única coisa que eu quero é… ah.

Sentiu os dedos se fecharem sobre o metal: sobre a cabeça dele, curiosamente moldada em forma de borboleta, e seus dentes, estranhos e ondulados.

Como sempre, esperou um momento: para ouvir a voz dele, a tagarelice, o fluxo enlouquecedor de comentários sobre tudo. Mas não havia nada.

Ela soltou um suspiro triste e o tirou de lá, o dourado dele brilhando sob a luz das lanternas inscritas.

— Oi, Clave — sussurrou Sancia para ele.

A chave, claro, não respondeu nada. Ou melhor, a mente aprisionada dentro dela (o homem que no passado se chamara Claviedes, sua personalidade e suas lembranças deformadas pelo projeto da chave) não respondeu. Quando a ferramenta estava ficando velha e desgastada, Clave conseguia conversar com Sancia diretamente, sussurrando em seu ouvido como uma ave canora em um conto de fadas, até que fora obrigado a se reinicializar e restaurar todos os limites dentro do aparato. Desde então, estivera em silêncio.

Sancia acreditava que ele ainda estava lá, uma mente aprisionada dentro de todo o mecanismo invisível da chave, calada, porém consciente, e solitária.

— Traga-o para cá, se vai fazer isso — falou Berenice. — Aposto que ele está cansado do escuro.

Sancia pegou a pequena chave dourada, levantou-se trêmula, caminhou e sentou-se ao lado de Berenice ao pé da cama delas. Ela o ergueu à altura dos lábios e sussurrou para ele:

— Conseguimos, Clave. Conseguimos fazer o que você disse.

Berenice ficou em silêncio, permitindo a Sancia aquele momento.

— Seja ponderada — disse ela. — E dê liberdade aos outros. E… acho que vamos fazer isso. As casas estão enfraquecidas e sabem que estão. Elas perderam inscritores. Perderam dinheiro. Não conseguem manter o controle de suas lavouras… Os escravizados estão se rebelando a torto e a direito. E… se nós dermos só um empurrãozinho, podemos…

Sancia se calou e uma súbita onda de culpa brotou dentro dela.

— Não — falou Berenice.

— Não o quê?

— Não comece a se martirizar.

— Você sempre diz isso.

— Você está fazendo o que pode. Libertando *quem* você pode. E só porque não conseguiu libertar Clave ou… ou Gregor, isso não desmerece o resto do que fizemos.

Sancia fechou os olhos desejosamente.

— Eu invadi o edifício daquele hípato como se não fosse nada. Seria de se esperar… Seria de se esperar que eu fosse capaz de fazer mais.

Berenice delicadamente tirou Clave das mãos dela.

— Quem quer que tenha criado Clave era muito melhor que você, ou Orso, ou vocês dois juntos.

— E Gregor?

Berenice ficou em silêncio. A questão de Gregor pairava sobre todos eles como uma sombra, pois ele, como Sancia, era um ser humano inscrito, carregando na cabeça uma placa de comando que podia alterar seus pensamentos, suas habilidades… e talvez ainda mais.

Então a pergunta era: quem fizera aquilo com ele? Quem o tornara o que ele era, um espécime que ultrapassava qualquer coisa que a Periferia da Fundição já houvesse feito? E por quê? Apesar de todo o trabalho e a pesquisa deles, ainda não sabiam.

— Talvez Valeria pudesse tê-lo consertado — comentou Sancia com amargura — se não tivesse sumido e nos deixado.

— Quanto menos você falar de Valeria — retorquiu Berenice —, melhor eu durmo.

— As criancinhas não rezam para os anjos as protegerem enquanto dormem?

— Valeria era muitas coisas. Mas acho que definitivamente passava bem longe de ser um "anjo".

Sancia foi até o lavatório e jogou água fria no rosto. Fitou seu reflexo nas águas pouco iluminadas e examinou as rugas nos cantos dos olhos, as linhas ao redor da

boca e os fios prateados no cabelo raspado.

Voltou para a cama e se sentou. *Quando foi que fiquei tão velha?* Ela se jogou de costas. *Quando foi que fiquei tão fedegosamente velha?*

Berenice colocou a chave de volta no painel secreto do guarda-roupa e se sentou ao lado dela.

— Isso vai resolver? — perguntou Sancia.

— O que vai resolver o quê? — devolveu Berenice.

— O que estamos fazendo. O plano grandioso do Orso. Parece inteligente o bastante, derrubar outra casa comercial. Só me preocupa que seja mais uma jogada no mesmo velho jogo. — Ela deu de ombros com tristeza. — Candiano, Morsini, Dandolo, Michiel… até os hierofantes, por mais antigos que sejam. Tenho a sensação de que são todos elos de uma corrente, nos amarrando. Mas, toda vez que quebramos um elo, forjam outro para substituí-lo. Quando isso acaba?

— Por enquanto, pare de pensar nesse assunto — aconselhou Berenice.

— Não consigo — respondeu Sancia. — Como posso parar de pensar?

Sancia levantou os olhos quando Berenice se aproximou.

— Ah — disse Sancia, sorrindo. — Entendi.

◆◆◆

Gregor Dandolo estava na cama em seu minúsculo quarto, tentando dormir. Fechou os olhos e os abriu, e voltou a fechá-los e abri-los.

Fora uma noite maravilhosa. Uma noite triunfante. Ele sabia que deveria estar feliz. Deveria se sentir satisfeito com a culminação de meses de trabalho perigoso e ousado. Então por que não conseguia dormir?

Porque, embora a Periferia da Fundição possa ter mudado as coisas, pensou ele, *eu continuo o mesmo*.

Ele ouviu os canos lá fora, os gritos e os chamados dos primeiros foliões do Carnaval das Monções, a algazarra dos macacos cinzentos que brigavam para definir qual telhado pertencia a qual tribo. Por fim, não conseguiu mais suportar, levantou-se e olhou para a cidade mais além pela janela.

Contemplou o mar de gigantescas lanternas flutuantes. Seu olhar seguiu um caminho conhecido, passando pelas iluminadas ruas sinuosas da Terra das Lanternas

até algo que parecia uma imensa onda preta se erguendo da extensão da cidade.

Os muros do campo da Dandolo. O topo dos muros fora equipado com lanternas refletoras que brilhavam e giravam aleatoriamente, detectando sangue, ou movimento, ou calor, ou qualquer outro fenômeno que você pudesse convencer um dispositivo a identificar. Desde que Sancia destruíra os muros da Candiano quase sem ajuda, todos os campos haviam começado a investir muita pesquisa na identificação de ameaças. Gregor não sabia ao certo quantos daqueles novos sistemas eliminavam acidentalmente pessoas inocentes (digamos, um bêbado que chegasse perto demais dos muros ou alguém que trouxesse a insígnia errada no dia errado), mas tinha certeza de que era mais que zero.

Observou os holofotes da Dandolo dançarem, atravessando o vapor e a fumaça se desenovelando das pilhas da fundição.

Você está aí, mãe?

Os holofotes giraram outra vez.

O que você está criando dentro desses muros? Ele ergueu a mão direita e massageou a lateral da cabeça. *Eu fico me perguntando… você está criando alguém como eu?*

Ele voltou a se deitar, mas não dormiu. Desde aquela noite na Montanha (a noite em que as inscrições em sua mente foram ativadas e ele travou uma guerra contra os Candiano, massacrando dúzias), Gregor Dandolo descobriu que não gostava muito de dormir. Sempre se preocupava se poderia acordar uma pessoa diferente.

Piores ainda eram os sonhos que ele vinha tendo havia mais ou menos um ano: sonhos com praias de areia e a lua refletida no mar; com fogo e gritos e cheiro de terra e pedras antigas; com uma sala cheia de mariposas, brancas e frágeis e esvoaçantes, e o rosto da mãe, pálido e reluzente no escuro; e, finalmente, com a sensação de alguma espécie de *presença*, um homem ou algo com a forma de um homem, talvez, trajando preto e pairando sobre seu ombro, só que fora de vista. E com esses sonhos vinha a intensa e avassaladora compulsão de que ele deveria estar procurando alguém, tentando encontrar essa pessoa, descobrir onde havia se escondido.

Gregor desconfiava que esses sonhos fossem lampejos de memória do que a mãe o obrigara a fazer: missões e assassinatos e conspirações aos quais ela o lançara

quando estava hipnotizado, possivelmente nas lavouras ou por todo o Mar Durazzo.

Ele não sabia. Tampouco sabia o que fizera, ou contra quem. Mas gostaria que os sonhos parassem.

Esfregou a lateral da cabeça de novo. *Que coisa, desejar ser desfeito*, pensou ele. *Desejar abrir a cabeça e permitir que todas as amarras lá dentro saiam se desenrolando como um extenso arame…*

Embora houvessem tentado consertá-lo uma vez. E só uma.

A lembrança da tentativa continuava nítida em sua mente: ele deitado em um catre no porão; depois Sancia ajoelhando-se ao seu lado e colocando os dedos descobertos na lateral da cabeça dele, exatamente como a mãe dele fizera tantas vezes; e em seguida a voz dela, alta e confusa e furiosa nos pensamentos dele, e na sequência os lampejos de tantas lembranças (aço e gritos e corredores de pedra, sangue quente jorrando e gritos com pedidos de misericórdia), e então foi como se tivessem colocado um cobertor frio sobre a mente dele, e ele estava andando em uma sala escura sem paredes, e aí…

E aí ele acordara. Acordara e se vira de pé em uma sala destruída, todos os móveis estraçalhados, as estantes viradas e Berenice chorando, e diante dele estava Sancia, o rosto vermelho e os olhos marejados de lágrimas, gritando e berrando e arranhando as mãos dele, que apertavam com força a garganta dela.

Gregor fechou os olhos. *Não sou um dispositivo. Não sou*.

◆ 5

Sancia estava deitada sob as cobertas, perdida nas profundezas de um sono ébrio.

— Sancia — sussurrou uma voz ali perto.

Ela tateou a cama com uma das mãos. Berenice não estava lá.

Abriu os olhos ainda sonolenta e olhou ao redor. Estava sozinha no quarto, nua na cama, o teto piscando em amarelo e laranja enquanto as lanternas lá fora flutuavam e giravam.

Fechou os olhos de novo e tentou voltar a dormir.

<*Sancia. Acorde*.>

Ela abriu uma fresta de um olho.

Eu conheço essa voz.

Virou a cabeça e dessa vez viu que havia alguém no quarto com ela: alguém enorme, a sombra gigantesca e desmedida de uma figura que quase chegava ao teto, os ombros brilhando em dourado e os olhos, dois minúsculos pontos de uma fria luz amarela ardendo no escuro…

<*SANCIA*>, a voz de Valeria retumbou em sua mente. <*ELE ESTÁ VINDO*.>

Sancia abriu a boca para gritar. Mas então o mundo virou um borrão e ela se foi.

◆ ◆ ◆

Primeiro, uma escuridão e uma sensação de eras, de anos, de milênios, a horrível, esmagadora, violenta sensação de todo esse *tempo* pesando sobre ela.

Viu o horizonte em chamas, o céu cheio de fumaça, o mundo inteiro queimando, e, em algum lugar lá no alto, pensou estar vendo uma forma humana, coberta com um manto preto, flutuando no ar, as pernas cruzadas em uma curiosa posição meditativa.

<*ELES O ACHARAM. ELES O ACHARAM E VÃO TRAZÊ-LO PARA CÁ E VÃO TRAZÊ-LO DE VOLTA*.>

Ela viu um túmulo, a uma grande profundidade, e um sarcófago de pedra preta e, dentro do sarcófago, um único osso minúsculo, como o de uma articulação. Sentiu a consciência de uma localização surgir de algum modo em sua mente, como se fosse uma velha lembrança esquecida até aquele momento.

Este lugar… fica nas lavouras, nas ilhas ao longo do Durazzo. Sei que fica…

Um lampejo de água, de mar aberto, um horizonte sem sinal de terra, mas algo se aproximava, um pontinho dividindo as águas até crescer, crescer…

Um navio?

Ela viu as colinas de um deserto e um peristilo de pedra branca no alto das dunas, as estrelas e o aveludado céu púrpura visíveis por entre suas colunas.

Havia alguém no peristilo. Um homem, ou uma figura com a forma de um homem, coberto de preto.

Estava flutuando no ar.

<*O CRIADOR NÃO DEVE VOLTAR*.>

Ela se aproximou do peristilo e viu que a coisa de preto parecia estar sentada no ar, as pernas cruzadas, as mãos nos joelhos.

A coisa de preto estremeceu, como se a ouvisse se aproximar. E então começou a se virar vagarosamente.

Eu já vi isso antes, pensou ela. *Eu vi essa coisa antes*.

A coisa de preto girou muito lentamente no ar.

Nas lembranças de Clave… Uma coisa envolta em preto, e uma caixa dourada, e o som de milhares de mariposas no ar…

O vento soprava pelas dunas e o véu preto que cobria a coisa em forma de homem dançava e ondulava.

<*O CRIADOR NÃO DEVE VOLTAR*>, disse a voz de Valeria.

A figura vestida de preto continuava se virando na direção dela.

<*EU ESTOU FRACA*>, falou a voz de Valeria. <*NÃO POSSO ENFRENTÁ-LO*.>

A coisa de preto havia se virado para ela agora, o rosto oculto atrás do véu. Mas Sancia sentiu o olhar da coisa, sua consciência, sentiu uma imensa pressão por todo o corpo, como se estivesse sendo agarrada pelas mãos de um gigante.

<*ELE NÃO DEVE VOLTAR, SANCIA!*>, gritou a voz de Valeria.

Um horripilante grito agudo encheu o céu e as estrelas começaram a estremecer; então, uma a uma, elas desapareceram.

A coisa de preto ergueu a mão, pegou o véu preto que lhe cobria o rosto e começou a tirá-lo.

<*O CRIADOR NÃO DEVE VOLTAR!*>, gritou ela, e havia verdadeiro pavor em sua voz, um medo genuíno e palpável.

O véu caiu no chão.

Sancia viu o que estava por baixo, e sua mente ficou ensandecida, e ela começou a gritar.

◆◆◆

Seu rosto assumiu uma expressão de dor. Ela ouviu a voz de Berenice por perto:

— Pelo amor de Deus, Sancia, por favor, *acorde*!

Sancia se sentou na cama, soluçando de susto. Ela se virou, agitada e bêbada e desorientada, e teria caído da cama se uma mão não a houvesse pegado pelo braço.

— Sancia! Meu Deus, o que foi? — indagou a voz de Berenice outra vez.

Os lampejos da visão desvaneceram de sua mente e o mundo ficou pequeno e exequível de novo. Berenice estava ajoelhada sobre a cama à sua frente, segurando-a, mas os gritos ainda ecoavam em sua mente, bem como a visão da coisa de preto e do peristilo e das estrelas agonizantes lá no alto.

Ela sentiu lágrimas escorrendo pelas bochechas.

— Eu… eu a vi — sussurrou.

— O quê? — perguntou Berenice.

— Ela… estava aqui. No quarto comigo. — Ela olhou ao redor, mas o quarto estava vazio. — E falou.

— Quem? Quem estava aqui?

— Valeria.

Berenice a encarou.

— O que você quer dizer?

— Eu a vi — sussurrou Sancia entre lágrimas. — E… e ela me levou para algum lugar. Algum lugar distante. E ela… ela me *mostrou* uma coisa. Ou alguém.

— Sancia… você está…

— Ele está vindo — cortou Sancia. — Era o que ela queria me dizer. Estão tentando trazê-lo de volta.

— Quem?

Sancia engoliu em seco e fez um esforço para encontrar o fôlego para falar.

— O homem que a construiu.

◆ 6

Sancia estava sentada na sala de reuniões da Periferia da Fundição, abraçando os joelhos e olhando para a frente. Faltava pouco para o amanhecer. Orso e Gregor estavam à mesa, observando-a com cautela, sem saber ao certo o que dizer, enquanto Berenice segurava sua mão esquerda com firmeza.

— Ou ainda estou bêbado — falou Orso —, ou isso tudo é um pesadelo, ou as duas coisas.

— Aconteceu — retrucou Sancia num tom taciturno. — Sei que parece loucura. Mas aconteceu.

— Sim, mas… *o que* aconteceu? — perguntou Orso. — Você viu Valeria no seu maldito quarto, pairando sobre você? Como é que isso pode fazer sentido? E tenha em mente, *nenhum* de nós nunca viu de fato essa coisa.

— Está sugerindo que eu sou louca? — perguntou Sancia.

— O que ele está dizendo, Sancia — explicou Gregor pacientemente —, é que é um pouco difícil de entender.

— Se é difícil para vocês ouvirem sobre isso — retorquiu Sancia —, imaginem acontecendo com vocês.

— Por que não começa do começo? — sugeriu Berenice. — De novo.

Sancia respirou tremulamente.

— Eu já falei para vocês. Ela estava lá no quarto comigo. Me disse que ele estava vindo. Me mostrou uma coisa, um túmulo e um osso minúsculo dentro dele, e de alguma maneira eu sabia que estava nas lavouras. Vi um navio velejando pelo oceano. Ela disse que eles estavam tentando trazê-lo de volta e que estava fraca demais para enfrentá-lo. Acho que ela estava tentando me dizer… *nos* dizer que nós tínhamos de impedi-los antes que fizessem isso. E então eu… — Ela parou,

horrorizada demais para falar.

— Você viu a coisa de preto — completou Gregor.

— No deserto — continuou Sancia, estremecendo. — Entre colunas de pedra. Parecia uma pessoa, envolta e coberta de preto, e estava flutuando.

— E você já tinha visto essa coisa antes? — indagou Orso.

— Uma vez — respondeu Sancia. — Nas lembranças de Clave. Nós estávamos no campo Candiano e um *lexicon* intensificou a atividade de repente. E Clave falou que a sensação de estar tão perto dele… o fazia se lembrar de alguém. — Ela fechou os olhos, recordando as palavras do amigo. — Alguém de muito tempo atrás. Alguém que podia fazer qualquer coisa flutuar. E, sempre que quisesse, ele podia voar como um pardal na noite…

Seguiu-se um longo período de silêncio.

— Quem são *eles*? — perguntou Gregor. — Quem é que vai trazer essa coisa de volta?

— Não sei — respondeu Sancia.

— Bem, por que diabos ela não podia contar para você? — indagou Orso. — Parece que ela está obcecada com tudo isso. Por que não podia nos dar um nome ou uma descrição?

— Acho que ela falou tudo o que precisava. Alguém encontrou algum artefato, um *pedaço* de alguma coisa. Eles pretendem trazer para cá de navio, pelas águas. E depois…

Outro longo silêncio.

— E depois esse criador dela volta à vida — completou Orso.

— É — respondeu ela com uma voz abafada. — Acho que sim.

— Esse túmulo que você disse ter visto — comentou Gregor. — E o sarcófago preto e o osso dentro dele… Você mencionou ter sentido que ficavam nas lavouras?

— É — confirmou Sancia. — Não sei como ela fez isso, mas… de alguma maneira Valeria pôs esse conhecimento direto na minha mente. — Ela esfregou a lateral da cabeça ansiosamente. — Na verdade, não sei dizer como me sinto sobre isso…

Gregor desviou o olhar, o rosto curiosamente fechado.

— O que foi? — indagou Berenice.

— Eu… venho tendo sonhos — revelou ele por fim. — Lampejos de lembranças de quando estava sob o controle da minha mãe, desconfio eu. Sonho com areia, e com o mar, e com a lua…

Sancia se endireitou na cadeira.

— As lavouras?

— Sim. E… eu me lembro de procurar alguém. Procurar com *muito afinco*. Me lembro de ter pensado que ele tinha se escondido e eu tinha que encontrá-lo. E me lembro de câmaras de pedra muito abaixo da superfície…

— Você acha que é o mesmo? — perguntou Berenice. — Que sua mãe mandou você para encontrar essa… essa coisa, esse artefato? O que quer que seja?

— Acho — respondeu Gregor em voz baixa. — Talvez eu tenha conseguido. Talvez só tenha demorado um pouco para eles pegarem. Mas faz tempo que suspeito que minha mãe tinha algum plano maior em mente. Fiquei observando em busca de sinais dos movimentos dela. Sempre pensei que ela faria alguma coisa com as outras duas casas comerciais, mas… mas isso…

Sancia estremeceu e pôs a testa nos joelhos.

Orso soltou uma gargalhada desesperada.

— Isso é absurdo! — gritou ele. — É *loucura*. Vocês entendem o que estão sugerindo aqui?

— Sim — respondeu ela baixinho. — Eu entendo.

— Uma deusa artificial aparece no seu quarto — começou ele. — E conta para você que o *criador* dela está voltando? Que Ofelia Dandolo vai trazê-lo de volta dos mortos? E você não falou, mas está sugerindo que esse criador dela, essa coisa de preto… que é… quero dizer… — Ele se levantou e andou em volta da mesa. — Quero dizer, quem mais poderia ter construído Valeria? Quem mais carregava um pequeno deus em uma caixa, libertando-o para alterar o próprio mundo? A única pessoa de quem ela poderia estar falando…

Sancia ergueu a cabeça e olhou para ele.

— Crasedes Magnus — completou ela em voz baixa. — O primeiro dos hierofantes. É. Acho que Valeria está nos dizendo que Ofelia Dandolo vai trazê-lo de volta para este mundo.

◆◆◆

Orso a encarou, boquiaberto. Ele abriu ainda mais a boca para falar, então ficou paralisado, fechou-a e recostou-se na cadeira, atônito demais para dizer qualquer coisa.

Gregor pigarreou cuidadosamente.

— Acredito que ele costuma ser retratado como um… mago sábio e barbado, certo?

— Certo — respondeu Berenice. — Mas esses retratos são baseados em histórias. Quase ninguém sabe muito sobre ele, ou sobre os outros hierofantes, na verdade. Durante anos, a única coisa que nós tínhamos eram as ruínas das obras deles no norte, nas terras do deserto… fragmentos de arcos, túmulos, aquedutos, cidades.

— Mas nós sabemos mais que a maioria das pessoas — comentou Sancia.

— Eles eram malditos *monstros* — proferiu Orso violentamente.

Seguiu-se um silêncio sombrio. Eles sabiam, pelo trabalho com Clave, que as habilidades quase míticas dos hierofantes não haviam vindo de alguma fonte divina, mas de meios mais perturbadores: eles haviam aperfeiçoado, deformado e alterado seus corpos usando horrendos rituais de sacrifício humano. O próprio Clave era um desses espécimes: uma mente arrancada do corpo e presa nas configurações de uma chave dourada.

— Será que eles eram monstros por escolha? — perguntou Gregor. — Ou por necessidade?

— Minha suspeita é que, interrompendo o processo de morte — explicou Berenice —, aprisionando uma alma ou uma mente dentro de um objeto, ou dentro do corpo de outra pessoa… eles confundiram imensamente a realidade, ganhando poderes e privilégios que nós mal podemos compreender.

— E… Crasedes foi o primeiro deles — disse Gregor. — Foi ele que inventou esse método. Certo?

— O maior — falou Orso — e mais poderoso de todos eles. — Ele estremeceu. — Não estou surpreso em descobrir que ele é um… tipo de espectro em um lençol preto. Existem histórias desse desgraçado aniquilando cidades inteiras e nações!

Estalando os dedos e fazendo civilizações inteiras sumirem!

— Mas por que ele tentaria voltar agora? — indagou Gregor.

— Provavelmente porque Sancia soltou a maldita mascote dele da caixa! — exclamou Orso. — E ele quer recuperá-la! Em geral, eu hesitaria um pouquinho em sair correndo e travar uma guerra porque algum deus avariado sussurrou no ouvido de Sancia, mas… se for mesmo, e não posso acreditar que estou dizendo isso, se *for* o próprio Crasedes Magnus que talvez esteja voltando, então… Merda.

Eles se sentaram ao redor da mesa, atormentados e consternados.

— Então — disse Sancia. — O que vamos fazer?

Orso deu uma risada monótona.

— Claro que isso vai acontecer agora. *Bem* quando avançamos com os Michiel. Bem quando estávamos tentando melhorar a cidade, fazer realmente algum maldito *progresso*… — Então seus olhos pálidos e frios se estreitaram. — Não duvido que você tenha visto o que viu, Sancia. Mas Valeria já mentiu para você antes, certo?

Ela aquiesceu.

— Sobre quem e o que ela era.

— Então eu gostaria que existisse alguma maneira de verificar tudo isso — argumentou Orso. — Confio em aparições noturnas tanto quanto nas casas comerciais. Mas como diabos vamos confirmar que a Ofelia fedegosa Dandolo vai mesmo fazer isso? E quando? E como? Nós não conseguimos nem passar dos muros do campo dela!

— Está vindo de navio — falou Gregor. — Foi o que você disse, correto?

— Foi — confirmou Sancia.

— Então provavelmente vai chegar logo. Duvido que Valeria teria acordado você de noite se nós ainda tivéssemos um mês ou dois para trabalhar. — Gregor se recostou devagar, a cadeira rangendo sob o seu peso. — Não tenho mais muitos amigos na marinha da Dandolo. Não tenho muitos amigos da época da casa Dandolo, na verdade. Mas… talvez eu saiba de alguém que poderia nos dizer se há algo diferente nos padrões de remessa da Dandolo. — Ele olhou para Sancia. — E… provavelmente seria útil se você viesse.

— Hein? — retorquiu Sancia. — Eu? Por quê?

— Por causa do seu carisma generoso — respondeu Gregor. — Me acompanhe.

Se Valeria foi mesmo insistente como você disse, não temos tempo a perder.

◆◆◆

Gregor e Sancia andavam a passos largos pela Valeta Velha enquanto um amanhecer turvo banhava os telhados, ou melhor, Gregor dava largas passadas, enquanto Sancia se esgueirava pelas bordas das ruas. O modo de andar dele sempre a incomodara: as costas extremamente retas, os braços balançando para a frente e para trás, cada centímetro dele confiante e em movimento. Para alguém acostumado às Áreas Comuns, ele estava pedindo para levar uma facada nas costas.

— Por aqui, por favor — falou ele, apontando para uma viela.

Sancia percebeu que estavam se dirigindo para as Encostas: uma faixa da Valeta Velha ao longo do principal canal de embarque. Um dia fora usada como zona portuária, antes das casas, mas ficara em mau estado e começara a inundar frequentemente, até que fora enfim abandonada.

Mas, quando viraram a esquina, Sancia viu que não estava mais abandonada.

Uma grande tenda fora construída sobre as Encostas, com uns noventa metros de largura e quinze de altura. Lá dentro havia pilhas e pilhas de caixotes, barris, sacos e carroças. Viu homens posicionados ao redor da tenda, de pele e cabelo curiosamente claros. Tinham rostos e olhos severos, carregavam floretes e espringais e observavam as vielas com atenção.

Gregor virou à direita, rumo aos homens. Sancia foi atrás, sem saber ao certo o que aqueles homens protegiam, mas então sentiu cheiro de milho e pimenta e se deu conta.

É comida, pensou ela. *Especiarias. Meu Deus, até vinho*.

Aquilo era uma surpresa. Desde que as rebeliões tinham estourado em todas as lavouras com escravizados, havia escassez de comida e vinho em Tevanne, mas em especial nas Áreas Comuns.

Ela teve uma ideia. Flexionou a visão inscrita, examinou os homens diante da grande tenda e viu suas armas se acenderem com inscrições e amarras.

Sentiu o pavor lhe revirar o estômago. *Só existe um tipo de gente nas Áreas Comuns que teria acesso a comida e vinho e armas inscritas…*

— Como você conheceu esses caras, Gregor? — perguntou.

— Eu me associo com muitos tipos de pessoas, Sancia — respondeu ele. — É o que um bom chefe de segurança faz. É mais fácil deter uma ameaça se você fica sabendo antes que ela está vindo. Mas… esta é a única pessoa que conheço que poderia confirmar alguma coisa do que você está sugerindo.

— Certo.

— Porém… eles estão interessados em você. Me pediram várias vezes para deixá-los ver você, embora eu tenha relutado em permitir que isso acontecesse.

— Certo… por quê?

Um dos homens viu Gregor se aproximando e avançou para interceptá-lo.

— Não estamos abertos hoje — informou ele com um sotaque curioso. — Ainda é muito cedo.

— Não estou aqui para comprar — falou Gregor. — Estou aqui para ver a srta. Carbonari.

O homem franziu a testa, desconfiado.

— Por que você deveria poder vê-la?

— Porque pedi com educação, assim espero.

O homem tinha aberto a boca para responder quando um segundo se aproximou, deu-lhe um tapinha no ombro e sussurrou algo em seu ouvido. O rosto do sujeito foi tomado por uma expressão de quem estava entendendo alguma coisa. Ele pareceu um pouco envergonhado.

— Ah — falou ele. — Ahh. Vou avisá-la que você está aqui.

O homem entrou nas profundezas da tenda. Gregor se virou para Sancia e disse:

— Se perguntarem, você é apenas um prodígio da inscrição.

— O quê? — retrucou ela, perplexa.

— Se por acaso alguém perguntar — explicou ele, desta vez lenta e claramente —, você apenas tem um dom natural para a inscrição. Não existe nada *sobrenatural* em você. Entendeu?

— O que você tem contado para essas pess…

O homem saiu de trás das pilhas de caixotes.

— Ela vai recebê-los agora.

Gregor fez um aceno de mão e eles entraram juntos na tenda.

A luz lá dentro era de um amarelo pálido, filtrada pelos tecidos e couros acima, e

havia reluzentes lamparinas a óleo espalhadas pelas pilhas de caixotes. Embora parecesse um pequeno labirinto, estava bastante cheia: homens e mulheres passavam entre as mercadorias ou dormiam em catres toscos e, apesar de mal olharem para Gregor, muitos fitavam Sancia com curiosidade.

O olho de Sancia os rastreava no escuro. Alguns tinham os braços descobertos. Eles sempre tinham uma marquinha no tríceps esquerdo, denotando, a garota sabia, a qual ilha haviam pertencido um dia.

Por fim, eles serpentearam pelas profundezas da tenda até chegar a um pequeno escritório improvisado. Havia uma mulher no canto, atrás de uma minúscula mesa bamba, inclinada sobre uma pilha de papéis, uma vela ensebada tremulando a apenas alguns centímetros dos olhos dela.

Ela olhou para Gregor. Vestia roupas simples, uma jaqueta e culotes (incomuns para uma mulher, mas uma escolha que a própria Sancia fazia com frequência), e talvez fosse da idade dele, embora parecesse um pouco mais velha em razão de uma vida difícil. Sua pele provavelmente já fora mais clara que a de um tevannense típico, mas agora estava escura e enrugada pelos anos sob o sol, e os olhos de um cinza-ferroso estavam sempre apertados. Contudo, havia uma uniformidade em suas feições e uma confiança em sua postura que a tornavam atraente ao olhar.

— Gregor — falou ela. Sua voz era baixa e sonora, mas suas palavras eram rígidas. Ela obviamente não era de nenhum lugar perto de Tevanne. — Bom dia. Já faz um tempo.

Gregor fez uma mesura.

— Bom dia, Polina. Como vão os seus negócios?

— Prósperos, como sempre. — Seus olhos severos passaram para Sancia e se estreitaram. — Ah. Então você finalmente a trouxe.

— Trouxe. — Gregor se sentou em um dos caixotes. — Eu cumpro as minhas promessas.

— Nesse caso, você continua sendo um tevannense incomum.

— Mas eu gostaria de uma coisa em troca — disse Gregor.

Ela apertou os lábios.

— Talvez não tão incomum assim.

— Não seria nada muito importante. Só informação.

— Como estamos em uma cidade onde o poder se baseia exatamente nisso — argumentou ela —, me pergunto que definição de "importante" você está usando. — Então se levantou, caminhou a pequena distância que a separava de Sancia e estendeu a mão. — Eu sou Polina Carbonari.

Sancia apertou a mão dela, que era dura como madeira velha.

— Sancia.

Polina segurou a mão da moça por um tempo um pouco longo demais. Sancia percebeu que ela estava apalpando seus calos, sua pele, suas unhas. A mulher deu um sorrisinho afetado e a soltou.

— Você é Sancia Grado, certo?

— Certo.

— Você é uma celebridade. Ouvi muitos boatos de que havia uma garota escravizada trabalhando nas oficinas do Orso, fazendo muitas maravilhas com as inscrições. Esses boatos são verdadeiros?

— Eu não sou mais uma droga de escravizada. E não parecem maravilhas quando você tem que dar um duro fedegoso para fazer tudo funcionar. Mas são, eu acho.

— Como foi que você desenvolveu essa habilidade para as inscritações, posso saber? — perguntou Polina.

Sancia estava muito consciente dos olhos de Gregor sobre ela.

— São chamadas de inscrições. Mas, assim como qualquer criança pode ter habilidade com uma viola — explicou ela —, qualquer pessoa, tevannense ou não, pode se sobressair na inscrição.

— É mesmo?

— É sim.

— Que curioso. Estou pensando agora… o que foi que o Gregor falou sobre nós?

— Nada. Não faço ideia de por que estou aqui.

— Entendo. Então o que você supõe?

Sancia pensou por um momento.

— Suponho… que vocês sejam contrabandistas — respondeu ela.

— E?

— E provavelmente escravizados rebelados das ilhas que estão aqui para vender o que em geral teria ido direto para as casas comerciais.

Um aceno muito ligeiro de cabeça.

— Entendo. E por que você supõe isso?

— Para começar, vocês têm bastante comida — explicou Sancia. — O que ninguém mais nas Áreas Comuns tem. Em segundo lugar, vocês têm armas inscritas, o que suponho que tenham conseguido depois de derrotar um forte ou outro de alguma lavoura. Mas também vi uma mulher lá atrás com uma marca da Ilha de Crepsis. E dois homens com a marca da Ontia.

— E você?

Sancia hesitou por um brevíssimo instante.

— Silicio.

— Eu tinha a impressão de que a Lavoura Silicio não existia mais — comentou Polina. — De que alguém tinha queimado tudo.

Sancia encolheu os ombros.

Polina a examinou com atenção. Sancia achou a experiência perturbadora, em especial quando os olhos de Polina passaram pela cicatriz na lateral de sua cabeça, onde os Candiano haviam instalado uma placa de comando inscrita em seu crânio.

— E você? — perguntou ela em um tom suave. — Está aqui para queimar Tevanne inteira, como fez em Silicio?

— Queimar Tevanne? — retrucou Sancia. — Que diabos? Não.

— Por que parece tão surpresa? Achei que você e Gregor e Orso estivessem liderando algum tipo de revolução.

— Nem todas as revoluções envolvem queimar uma maldita cidade.

— Não sou historiadora — disse Polina —, mas… parece provável que estas estejam longe de ser a norma…

— Foi isso que *você* veio fazer aqui? Massacrar a cidade toda?

Ela fez um gesto, apontando para a sala à sua volta.

— Massacrar? Com vinho e grãos e frutas velhas? Não. Mas admito que muitos dos meus compatriotas sonham em fazer isso. Acham que tornaria o mundo um lugar melhor.

— Não é tão simples assim — retorquiu Sancia com rispidez. — Para começar,

existe um inferno todo de gente em Tevanne além dos moradores dos campos.

— Eu me solidarizo com elas — falou Polina. — Mas vou te dizer… me solidarizo mais com as pessoas que conheci e que pereceram na escravidão e na miséria, enquanto os seus observadores inocentes aqui em Tevanne simplesmente… — Os olhos dela se demoraram sobre Sancia pela fração de um instante. — Bem. Observam.

Sancia inclinou a cabeça.

— E o que isso significa? Você acha que *eu* fico só observando? Que sou cúmplice de tudo isso?

— Polina… — começou Gregor.

— Para ser franca — respondeu Polina —, acho que, se você for o que me disseram que é, uma escravizada liberta com um dom para a inscrição, então as suas energias poderiam ser mais bem empregadas em outro lugar.

Sancia franziu a testa para ela.

— Espere. Espere, espere aí. Você está… você está tentando me *recrutar*?

— Sim — respondeu Polina de maneira prática. — Estou. Acredito que uma escravizada liberta talentosa deveria usar esses talentos para libertar outros escravizados. É uma maluquice tão grande assim?

Sancia olhou para Gregor.

— Meu Deus, Gregor. Você me trouxe aqui sabendo que ela ia me pedir isso?

O rosto de Gregor era indecifrável. Ele encolheu de leve os ombros.

— Gregor sabe para que estou aqui — revelou Polina. — Ele acha que os nossos objetivos dão apoio um ao outro: eu ataco de fora, criando caos nas lavouras, enquanto você e ele e o resto da sua pequena biblioteca atacam de dentro. Mas, embora a gente possa compartilhar propósitos, não podemos compartilhar você, Sancia, nem os seus dons.

— E para que você usaria os meus dons? — perguntou Sancia. — Para contrabandear vinho? Queimar lavouras?

— Tevanne acredita que sua força vem da inscrição — respondeu Polina. — Mas as casas esquecem: eles ainda são humanos, e mesmo os inscritores precisam comer. A cada lavoura que tomamos ou queimamos, deixamos os soldados e os inscritores e os cidadãos de Tevanne cada vez mais famintos e enfraquecemos o

domínio deles sobre o mundo. Mas com você nos ajudando, Sancia, nós poderíamos acabar com esse domínio. E, além do mais — um brilho cruel lampejou nos olhos de Polina —, com certeza você consegue enxergar a justiça em fazer as casas passarem fome, assim como fizeram com pessoas como você e eu.

Sancia a fitou por um bom tempo. Depois olhou de soslaio para Gregor, que a estava observando com aquela expressão curiosamente fechada no rosto.

Aí pensou na visão: a coisa de preto flutuando no deserto…

— Precisam de mim aqui — afirmou ela.

— Entendo esse sentimento — disse Polina. — Mas pense. Quando você ainda era escravizada, não sonhava com um libertador? Alguém que queimasse as paredes e quebrasse as suas correntes em pedaços? Você poderia ser essa libertadora para muitas pessoas, Sancia. E isso não vai acontecer com a sua revolução sem sangue.

— Você não sabe o que estamos enfrentando — falou Sancia. — E ainda tenho que tentar.

As duas se encararam firmemente.

— Se as coisas fossem diferentes, Polina — disse Sancia —, eu me juntaria a você num piscar de olhos.

Por fim, Polina suspirou e se sentou.

— Entendo — comentou ela. — Nesse caso, obrigada, Gregor, por pelo menos trazê-la aqui. Espero que pense melhor, Sancia. — Ficou calada por um bom tempo. — Bem… que informação é essa que vocês estão procurando?

Gregor esfregou as mãos ao longo da barba: era fácil perceber que ele estava ansioso.

— Você ainda tem espiões na frota da Dandolo, presumo?

O rosto de Polina estava inexpressivo como uma parede de pedra.

Ele deu uma olhada nas caixas.

— Estou vendo vários carregamentos novos, o que sugere que você conseguiu se esquivar das patrulhas deles…

— E o que é que você quer saber?

— Eu quero saber se aconteceu alguma coisa… estranha ultimamente. Um carregamento para Tevanne. Talvez seja secreto, ou talvez tenha alguma coisa secreta a bordo. Talvez esteja marcado para chegar muito em breve. E seria um navio da

Dandolo, vindo das lavouras.

Ela o encarou, incrédula.

— Quanta imprecisão. Então, você não sabe nada específico sobre o que está perguntando?

— Sei quando chegaria — respondeu ele —, que tipo de navio é e de onde viria. Fora isso, eu esperava que você soubesse mais.

Polina abriu a boca para fazer outro comentário, mas aí fez uma pausa. Sancia pensou ter avistado um brilho de preocupação nos olhos dela.

— O que foi? — perguntou Gregor.

— Um navio vindo das lavouras — repetiu ela baixinho. — Um fora do comum…

— O que você sabe, Polina?

— Por que você está perguntando sobre isso?

— Porque alguém nos alertou de que uma coisa muito ruim ia ser mandada para cá — respondeu Gregor. — E nós preferiríamos que não chegasse. O que você sabe, Polina?

— Entendo. — Ela esfregou o queixo, depois olhou para eles com relutância, os olhos de um cinza ferroso, severos e frios. — Nós tomamos um cuidado especial para rastrear o transporte de escravizados, como é de se esperar. Mas houve uma informação que eu recebi recentemente que… me preocupou.

— Por quê? — perguntou Sancia.

— Um navio chegou à lavoura de Cefalea apenas três dias atrás — respondeu Polina. — Mas não um barco normal. Um galeão da Dandolo. Um imenso navio de guerra. Nós não conseguíamos entender o que uma embarcação dessas estava fazendo numa lavoura pequena, mas… então, para nossa surpresa, os Dandolo suspenderam todo o trabalho na ilha, embarcaram *todos* os escravizados no galeão e zarparam.

Gregor e Sancia a encararam, perplexos.

— Eles encerraram as atividades da lavoura inteira? — indagou Gregor.

— Encerraram — confirmou Polina.

— E levaram os escravizados? — acrescentou Sancia.

— Correto. Pelo menos cem.

— Para onde estavam indo? — perguntou Gregor.

— Não sabemos — respondeu Polina. — O navio não chegou em nenhum dos portos das lavouras ainda. É um galeão, não é rápido. Mas recebi uma mensagem dizendo que foi visto passando por Ontia… uma das ilhas mais a oeste.

— Está vindo para cá, então — ponderou Gregor.

— É possível, mas… não faz sentido — comentou Polina. — Não é permitida a entrada de escravizados em Tevanne propriamente. Não quando se tem tão pouco espaço e tantas mágicas para fazer o trabalho por vocês.

Sancia e Gregor ficaram em silêncio, mas trocaram um olhar preocupado.

É isso, pensou Sancia. *Tem que ser esse artefato, seja lá o que for*.

— O que vocês sabem? — indagou Polina. — Do que se trata? O que eles pretendem fazer com aquelas pessoas?

— Não sei — respondeu Gregor. — Sinceramente. Não sei. Mas você precisa me contar, Polina… quando acha que esse galeão vai chegar?

— Chegar aqui em Tevanne? É loucura pensar que chegaria, mas… se este for mesmo o destino do navio… — Ela parou para pensar. — Ele poderia estar aqui antes de amanhã de manhã.

— Um dia — ponderou Gregor. — Por Deus. Um maldito dia para nos prepararmos para… — Ele chacoalhou a cabeça. — Obrigado. Nós precisamos ir.

Eles começaram a seguir o caminho sinuoso para fora do labirinto enquanto Polina os seguia.

— O que você vai fazer? — perguntou Polina.

— Não sei ao certo — respondeu Gregor.

— Será que existe alguma coisa que você *possa* fazer? É o galeão de uma casa comercial! Um navio desses é… é como uma cidade flutuante! Nem as nossas embarcações se atrevem a se aproximar!

Gregor não respondeu, pois eles começaram a sair da tenda.

Polina o agarrou pelo braço.

— Você me deve pelo menos isso. O que é? O que está acontecendo?

— Nós ainda mal sabemos — respondeu Gregor.

Ela examinou o rosto dele.

— Mas você parece assustado. E essa é uma coisa que eu nunca tinha visto no

seu rosto. Seja sincero. É a sua mãe?

— É — respondeu Gregor. — Acho que sim.

Sancia olhou de um para o outro. Embora sua mente ainda estivesse sobrecarregada com a lembrança de Valeria e a perspectiva do que poderia estar velejando pelo Durazzo em direção a eles naquele momento, ela não pôde deixar de perceber uma sensação de intimidade nessa conversa, algo que ela não esperara.

Polina o soltou.

— Então vá.

Gregor tocou a testa com os dedos e fez uma mesura para ela. Depois ele e Sancia se viraram e se afastaram das Encostas para voltar à Valeta Velha e à Periferia da Fundição.

◆◆◆

— Tem que ser isso — disse Gregor. — O galeão de uma casa comercial viajando para Tevanne… Que outra coisa eles usariam para transportar o primeiro de todos os hierofantes?

— Mas por que levar todos os escravizados? — indagou Sancia. — É algum tipo de disfarce?

— Não faço ideia — respondeu Gregor. — Por que eles precisariam de um disfarce? Quem mais estará vigiando navios da Dandolo por um motivo tão maluco quanto esse?

Eles viraram uma esquina. Àquela altura, a Valeta Velha estava totalmente acordada. Um homem com uma fantasia imunda de Papai Monção pechinchava com uma velha que vendia os listrados que cozinhava em um caldeirão enorme. Macacos cinzentos urravam e matraqueavam dos beirais de um telhado próximo.

— Por que você não me contou o que ela ia fazer? — perguntou Sancia. — Que ela ia tentar me recrutar?

— Porque a decisão era sua — respondeu ele. — Seria de mau gosto da minha parte, um tevannense, aconselhar uma escravizada liberta sobre a moralidade de lutar para libertar outros escravizados.

— Como você sabia o que eu escolheria? — indagou ela.

— Eu respeito a luta de Polina e os métodos dela — disse ele —, mas… um

hierofante é várias ordens de magnitude mais urgente que as lavouras, para o bem ou para o mal.

— Você parece saber muita coisa sobre Polina.

Gregor não falou nada.

— Então — continuou Sancia. — Você e ela. Vocês, há…

— Não sou obrigado a contar tudo sobre a minha vida para você, Sancia — interrompeu Gregor.

Eles seguiram o resto do caminho sem dizer uma palavra.

◆ 7

— Então… é verdade — disse Orso em voz baixa na biblioteca da Periferia da Fundição. — Valeria não estava mentindo. Ofelia está mesmo trazendo… trazendo *aquele sujeito* para cá.

Sancia olhou em volta. A biblioteca da Periferia da Fundição estava sempre bastante cheia, mas parecia estranhamente lotada naquele dia, com dúzias de inscritores perambulando entre as estantes, pegando projetos ou volumes e os espalhando nas mesas para analisar. Parecia totalmente insano estar discutindo aquele assunto naquele exato momento enquanto todos aqueles rapazes (mesmo na Terra das Lanternas, mulheres inscritoras eram extraordinariamente raras) trabalhavam em silêncio ao redor deles.

— É — confirmou Gregor. — Embora, ao que parece, também haja em torno de cem escravizados no navio com ele, ou com aquilo, ou… qualquer que seja a terminologia adequada.

— Apesar de eu não fazer ideia de por que Ofelia Dandolo iria querer isso — comentou Sancia.

— Quer dizer… o quê, eles vão fazer os escravizados construírem alguma coisa? — perguntou Orso. — Pensei que os hierofantes não precisassem de escravizados, que eles tivessem todos os tipos de ferramentas. Que inferno, *nós* mal precisamos de escravizados, só…

Berenice soltou o ar devagar e se recostou na cadeira, o rosto expressando uma revelação horrorizada.

— Ah, meu Deus…

— O que foi? — indagou Gregor.

— Acho… Acho que sei o porquê. — Berenice olhou para Sancia, perturbada.

— O que era que a Estelle Candiano queria fazer aquela noite na Montanha? Ela queria matar o campo inteiro como uma espécie de sacrifício em massa e usá-lo para se tornar uma hierofante.

— Ah, merda — falou Sancia. — Então você acha…

— Acho que ressuscitar o primeiro de todos os hierofantes provavelmente requer um… um sacrifício significativo — continuou Berenice. — Deve requerer que você acesse privilégios incrivelmente poderosos…

— Eles vão matar *todos* os escravizados? — perguntou Orso, horrorizado. — Tudo por algum tipo de *ritual*?

— Quanto maior a violação — explicou Berenice —, maiores as permissões que você obtém…

— E as vidas dos escravizados não valem nada para as casas comerciais — comentou Sancia.

O rosto de Gregor se contorceu. Ele se afastou e olhou pela janela por um instante, furioso.

— Precisamos deter esse navio antes mesmo que chegue a Tevanne — asseverou Gregor em tom brando. — Antes que chegue até a minha mãe. Antes que ela ou qualquer um dos seus inscritores imundos possa fazer esse ritual horroroso e matar tantos inocentes.

— Isso sem mencionar ressuscitar um maldito hierofante — completou Orso.

— Presumindo que tudo isso seja como um ritual hierofântico normal — pontuou Berenice —, se é que a palavra "normal" poderia sequer ser aplicada… teria de acontecer à meia-noite, durante o minuto perdido. É o único momento em que um nível desses de ruptura do mundo seria possível.

— Então nós o interceptamos bem antes desse horário — propôs Gregor —, para garantir que não exista *nenhuma* possibilidade de completarem o ritual. Nem mesmo em alto-mar.

— Espere, espere, espere — interpôs Orso. — É do fedegoso *galeão de uma casa comercial* que estamos falando. Ele carrega o seu próprio *lexicon de fundição*! Um maldito galeão pode alimentar uma frota de navios! Você quer o quê, comprar um barquinho ou uma carraca e sair ao mar e derrubá-lo com olhares irritados e linguagem rude? Quem nós conhecemos que tem alguma experiência com coisas

desse tipo?

Gregor educadamente pigarreou. Todos olharam para ele.

— Você? — indagou Berenice. — Gregor… você já tomou um navio antes?

— Ah… um galeão nunca — admitiu ele. — Mas participei da tomada de duas carracas e uma caravela nas Guerras Iluministas. E a caravela estava no porto, então na verdade não contou…

Seguiu-se uma pulsação de silêncio.

— Certo — falou Orso. — Então, nós temos Gregor. Mas ele sozinho não pode exatamente nos ajudar contra um galeão fedegoso! Não só vamos precisar de um navio, mas onde vamos encontrar uma ferramenta que poderia ser de utilidade contra o que é basicamente uma gigantesca arma inscrita?

— Bem — disse Sancia. — Nós temos a mim.

Seguiu-se outra pulsação de silêncio.

— Tudo bem — continuou Orso. — Outra boa observação. Está tudo se encaminhando, ao que parece! Mas como vamos colocar vocês *a bordo*?

Berenice se levantou de repente.

— Eu tenho uma ideia! — exclamou ela. — Me deem um ou dois instantes.

— Para fazer o quê? — perguntou Orso.

— Para fazer o quê? Temos o conhecimento agregado de centenas de inscritores bem atrás de nós! Consigo pensar em uma *dúzia* de projetos que poderiam ser úteis aqui!

— Mas vasculhar as pilhas poderia levar horas! — contrapôs Orso.

— Não, não! — redarguiu Berenice. — Eu lembro exatamente onde estão!

Isso provavelmente é verdade, pensou Sancia. Berenice tinha um talento maravilhoso para a memorização: fora isso que a tornara uma construtora e uma jogadora de *scivoli* tão talentosa.

— Água — falou Berenice para si mesma, pensando. — E processamento, e vapor… Isso! Já sei! — Ela se virou e desapareceu em meio às pilhas da biblioteca.

— Vou sair e garantir uma embarcação para nós — anunciou Gregor. — Suponho que posso gastar o pagamento da Michiel à vontade para isso?

— Deus Todo-Poderoso — suspirou Orso. — Quatro horas atrás, eu estava caindo de bêbado, me sentindo vitorioso e desmaiado na cama. Agora vamos gastar

os nossos ganhos para travar uma guerra com navios gigantescos e personagens antigos! Eu daria dez vezes o dinheiro da Michiel só para voltar no tempo! — Ele pôs as mãos no rosto. — Pegue o que precisar e vá, eu acho.

Gregor saiu com passadas largas. Orso e Sancia ficaram na biblioteca se entreolhando, cansados.

— Eu não devia ter bebido aquele rum ontem à noite — disse Orso.

— E eu não devia ter tocado naquele vinho — falou Sancia.

— Mas acho que agora nós vamos ter que fazer uma coisa que nenhum de nós quer fazer — comentou Orso. Ele a fitou com o rosto sombrio. — Acho que chegou a hora de desenterrar o horror escondido no porão.

◆◆◆

Orso grunhiu de exaustão ao golpear com a picareta outra vez. A lâmina perfurou o canto de pedra do porão com um agudo *tlim!*

— Eu gostaria… — arquejou ele, e deu outro golpe: *tlim!* — … que a gente… — *Tlim!* — … não tivesse mandado Gregor… — *Tlim!* — … embora. — *Tlim!* Ele se recostou contra a picareta, o peito arfando e o rosto coberto de suor. — Quero dizer, esse tipo de trabalho é a cara dele, não?

Sancia bebia vinho de cana fraco de uma jarra e o observava com impaciência.

— Por que foi mesmo que a gente enterrou essa coisa no cimento? — perguntou Orso.

— Porque a gente queria que fosse difícil pra caramba desenterrar. Continue.

— Ah, Senhor… me leve agora. — Orso bateu com a picareta repetidas vezes.

— O que sabemos sobre o que ele pode fazer? — indagou Sancia.

— Quem, Crasedes? — perguntou Orso. — Bem. Sabemos que podia mover as coisas sem tocá-las, inclusive a si mesmo… pelo menos suponho que era assim que conseguia voar. Fora isso, temos pouco mais que histórias. — Outro golpe de picareta. — Relatos dele aparecendo do nada. Relatos dele manipulando a luz, a água, o ar, o tempo… e a morte, claro.

— Como Ofelia vai tentar fazer. A ressurreição é só uma manipulação da morte, certo?

Orso chacoalhou a cabeça e manejou a picareta mais uma vez.

— Existem histórias sobre Crasedes morrendo dúzias de vezes e voltando de um jeito ou de outro. Histórias de trapaças amigáveis em que ele engana o Papai Monção ou qualquer personificação da morte que você prefira. Se forem verdadeiras, então o que quer que estejam prestes a tentar agora parece diferente.

— Por quê?

— Porque ele demorou mil anos para voltar? — Outro *tlim!* da picareta. — A morte não era um problema para o Crasedes das histórias antigas. *Esta* com certeza parece ter sido um problemão para ele. — *Tlim!* — Suponho que tenha alguma coisa a ver com sua amiga dourada… Você disse que eles travaram uma guerra, talvez ela o tenha ferido.

Ela pensou em como Valeria tremeluzia no escuro.

— E talvez ele a tenha machucado também.

— Dois titãs contundidos. — *Tlim!* — E os feridos é que são os mais perigosos. É mais provável que você seja mordido por um macaco com a perna quebrada que por um sadio e cordial. — Ele pôs a picareta no chão, limpou o suor da testa e analisou o buraco raso aos seus pés. — Quantas batidas você deu?

— Cento e setenta e quatro.

— E eu?

— Trinta e nove.

Orso resmungou.

— O maldito navio vai chegar antes de nós terminarmos…

— Ah, sai da frente! — exclamou Sancia. Ela se levantou, tomou a picareta dele e começou a bater muito mais rápido, a lâmina da picareta perfurando cada vez mais fundo.

— Exibida — murmurou Orso. Ele bebeu avidamente o conteúdo da jarra.

Ela deu outro golpe de picareta e houve um curioso *crec*. Eles se entreolharam, então se ajoelharam e espiaram pelo buraco.

— Está ali! — disse Orso. — Dá para ver!

— Afaste-se enquanto eu tiro o resto da pedra — falou Sancia.

Uma dúzia de batidas depois, o cimento se esfacelou. Orso esticou o braço e tirou alguma coisa das profundezas do buraco.

Parecia uma caixinha de ferro grande o suficiente para conter um sapato.

— É isso, não é? — perguntou Orso. Ele chacoalhou a caixa. — Que eu me lembre, era maior…

— Pelo amor de Deus! — exclamou Sancia. — Não chacoalhe essa coisa fedegosa, seu idiota!

Ele pôs a caixa no chão diante de si.

— Se bem me lembro… nós inscrevemos essa caixa de modo que ela precisasse identificar o sangue de *dois* fundadores da Periferia da Fundição para abrir. Assim não aconteceria de um de nós enlouquecer, desenterrá-la e usá-la sozinho. Então venha aqui.

Sancia soltou a picareta e se ajoelhou com Orso no chão. Eles trocaram um olhar nervoso, então cada um pôs uma das mãos na caixa de ferro.

— Pronta? — indagou Orso.

— Um — começou Sancia. — Dois, três…

Eles deslizaram a tampa. Os dois recuaram ao ver o que havia lá dentro.

Aos olhos de uma pessoa comum, aquela coisa teria parecido um tanto inusitada, mas não terrivelmente perturbadora. Aparentava se tratar de um grande e curioso relógio dourado de bolso, com muitas alavancas, botões e discos na superfície. O mais curioso era a placa dourada e lisa no centro, coberta por incontáveis *sigils* minúsculos, todos gravados numa caligrafia fria e precisa.

— Droga — murmurou Sancia. — Como eu gostaria de nunca mais pôr os olhos nessa coisa fedegosa.

Então ela se preparou e pegou o imperiato.

◆ 8

Era fim de tarde quando eles chegaram no cais. O céu estava carregado de nuvens, que escureciam e se amotinavam no ponto onde tocavam o horizonte. Encontraram Gregor diante de um barco de pesca velho e encardido que parecia ter visto dias melhores talvez dez anos antes, se não mais.

— Esta é a nossa embarcação? — perguntou Orso, o rosto dolorosamente contorcido.

— É o que consigo adquirir sem chamar quase nenhuma atenção — respondeu Gregor. — Eu pechinchei bastante, mas… vou poupar você dos detalhes sobre o preço.

— Merda — comentou Orso debilmente.

— Você tem certeza de que sabe pilotar essa coisa? — quis saber Sancia.

— Tenho. — Ele olhou para ela e depois para a caixa de ferro pendurada por uma tira no pescoço dela. — E você, tem certeza de que sabe manejar *essa* coisa?

Sancia sentiu um aperto desconfortável no estômago.

— Mais ou menos — respondeu ela. — Mas em grande parte não.

O que era uma resposta sincera. O imperiato era uma ferramenta hierofântica que podia enfraquecer ou aniquilar qualquer inscrição em um raio de cerca de quatrocentos metros. Ele fortalecia a realidade, de certo modo, tornando mais fácil para o mundo ouvir os incontáveis comandos inscritos e dizer: *Hum, não, é melhor não, sério*. Sancia também o vira controlar ou manipular as inscrições, dominando-as de longe (a placa em sua cabeça fora um desses exemplos), mas jamais descobrira como fazer isso.

E havia inúmeros motivos. Para começar, Berenice, Orso e Sancia haviam por fim chegado à conclusão de que o imperiato não fora projetado para funcionar com

um ser humano normal: era uma ferramenta dos hierofantes, feita por eles e para eles. Um humano mortal podia puxar algumas alavancas e apertar alguns botões, mas Sancia desconfiava que havia outras formas mais precisas de utilizar o dispositivo. Algumas ela talvez fosse capaz de descobrir (como Estelle Candiano descobrira um dia), mas outras não poderia e jamais descobriria.

Porque ela não tinha interesse em explorar mais. Sinceramente, ficava aterrorizada ao brincar com aquela coisa. O imperiato podia matar um *lexicon* com facilidade se a pessoa não tomasse cuidado. Enterrá-lo debaixo de alguns metros de concreto parecera uma escolha muito mais sensata.

— E temos certeza de que isso afundaria mesmo um galeão? — indagou Gregor.

— Podemos configurá-lo para selecionar e matar uma inscrição crucial no próprio *lexicon* — explicou Berenice —, disparando todos os seus dispositivos de segurança, de maneira que ele fique em pausa, basicamente. É assim que a maioria dos *lexicons* é projetada.

— Dessa forma, se eu tiver que acionar a coisa enquanto estiver *no* galeão — continuou Sancia —, a embarcação em si não vai literalmente se fragmentar à nossa volta porque… Inferno, sei lá, porque as inscrições de construção esqueceram como colar o casco ou algo do tipo. O que nos dá uma chance de escapar.

— Então… chegamos até o galeão — disse Orso. — Sancia entra e faz o navio se voltar contra si mesmo e depois nós levamos os escravizados para as chalupas… Deve haver o suficiente delas, certo?

Gregor aquiesceu.

— Há chalupas suficientes para o número máximo de tripulantes do galeão, que chega às centenas.

— Ótimo. Nós os tiramos, afundamos aquela coisa maldita… e ela leva junto qualquer artefato que eles tiverem descoberto. Não me importa como vai afundar, se vai ser por conta das manipulações de Sancia ou porque o imperiato faz o navio lembrar que não passa de um monte estúpido de madeira e ferro. Só quero a embarcação e toda a crueldade de Ofelia no fundo do oceano o mais rápido possível.

Gregor os ajudou a subir no pequeno barco de pesca.

— E como vamos entrar a bordo do galeão? Conheço as rotas desta região bem o bastante: se ele passou por Ontia, então dá para eu ter uma boa ideia da

aproximação dele, e deve ser possível ver a coisa a um quilômetro e meio de distância, mas um galeão tem *muitas* defesas. Um barco de pesca como o nosso não será problema para eles.

— Vou deixar Berenice responder isso — falou Orso, e se curvou para ela, estendendo a mão.

— Os Frizetti tentaram encontrar um método de inscrição para purificar a água — explicou Berenice. — Eles chamaram Sancia e eu para prestar uma consultoria e ajudá-los a encontrar uma solução, e nós ficamos com a sequência de *sigils*. Essencialmente, eles acharam um modo muito eficiente de ferver a água… mas isso é tudo de que precisamos hoje à noite.

— Ah — disse Gregor. — Vapor… ou neblina?

— Neblina — respondeu Berenice. Ela abriu a mochila que levava nas costas, revelando dúzias de bolinhas de madeira e ferro, cada uma mais ou menos do tamanho de um melão pequeno. — Vamos colocar isto no caminho do navio e, quando ele se aproximar, elas vão criar um imenso nevoeiro.

— E eu consigo ver as inscrições no navio — acrescentou Sancia. — Então nós ainda vamos poder navegar às cegas pela névoa, por assim dizer.

— E como esses dispositivos de neblina vão funcionar? — indagou Gregor. — Vamos estar a quilômetros de qualquer *lexicon*.

— Não do *lexicon* do galeão — lembrou Berenice. — Foi bem simples ajustar o trabalho dos Frizetti para usar as linguagens de inscrição da Dandolo.

Gregor a encarou.

— Quanto estamos te pagando mesmo?

— Evitar o apocalipse é pagamento suficiente — respondeu Berenice. Ela se sentou no barco de pesca. — Por falar nisso, sugiro que a gente comece.

◆◆◆

Exposta na parte de trás do barquinho de pesca, Sancia sentiu um pavor bruto e gritante quando olhou para trás e não viu sinal de Tevanne nem de terra nenhuma, na realidade. Parecia que estavam em um diminuto balde enquanto o mundo inteiro hostilmente os esperava para engoli-los.

Berenice, porém, aparentava não se importar nem um pouco. Enquanto Gregor

pilotava o barco para nordeste, ela manejava o mastro e o portaló e a proa, colocando placas de *sigils* pré-escritas nas superfícies ou escrevendo sequências de *sigils* na hora.

— Estas são sequências da Dandolo projetadas para navegação — gritou ela para Gregor enquanto ele trabalhava na cabine do piloto. — Não têm muita utilidade aqui, mas, quando chegarmos perto do galeão, elas vão nos deixar muito mais rápidos e ágeis.

— Excelente! — exclamou Gregor. E, pela primeira vez, soava verdadeiramente alegre. Talvez estar de volta ao mar fosse bom para ele.

Quando terminou, ela se sentou perto de Sancia.

— Continua ansiosa? — perguntou.

— Como poderia não estar? Existe um enorme mundo maldito de água à minha volta!

— Entendo. Bem, poderia ser pior para você.

— Como?

— Você poderia ser como eu. — Ela cruzou as pernas. — Eu não sei nadar.

Sancia a encarou.

— Você… você não sabe nadar? E não está *preocupada*?

— Ah, eu estou preocupada. Só estou administrando essa preocupação. Afinal, não estamos na água. Estamos em um *barco* na água. O que é muito diferente. Agora, preciso refletir sobre umas coisas… mas vou estar aqui se precisar de mim, amor.

Então ela fechou os olhos, pôs as mãos no colo e começou a meditar. Sancia a olhou fixamente, mas, antes que pudesse ficar zangada demais, o barco sacudiu para um lado de novo, e seu estômago deu uma cambalhota, e ela fez o melhor que pôde para não gritar.

A noite caiu rápido. O mar e as nuvens cinzentos estavam repletos de luzes pálidas e fracas, e então, de repente, não estavam mais: parecia que o barco estava deslizando no topo de um amplo abismo negro, o céu era uma mancha azul-escura lá no alto.

— Horas? — perguntou Gregor.

Orso, com o rosto lívido por causa do enjoo, consultou o relógio mecânico.

— Passa das oito da noite — respondeu ele.

— Passa quanto?

— Não sei, esta coisa fedegosa é tosca como o inferno. Eu diria que meia hora.

Gregor aquiesceu sombriamente. Então começou a procurar.

Ele conduziu o barco para um lado e para o outro, cortando o vento e as águas com uma graciosidade que Sancia teria achado admirável se não estivesse a bordo com ele. Ela e Orso vomitaram por sobre as laterais do barco uma, duas vezes, depois perderam as contas.

— Estou tentando ver o máximo possível do oceano — explicou Gregor. — Não podemos deixar esse navio passar por nós despercebido.

— Como você consegue distinguir alguma coisa? — indagou Orso.

— A arte de avistar navios à noite — respondeu Gregor — tem a ver com detectar luzes e silhuetas e formas no horizonte. E encontrar o galeão deve ser relativamente simples porque ele é muito gr… Hã. Hum. — Ele se inclinou para a frente.

Berenice se levantou.

— O que foi?

Gregor pegou a luneta e perscrutou o horizonte.

— Eu… estou vendo.

Sancia se afastou da lateral do barco com um empurrão.

— Tem certeza?

— Absoluta — respondeu. Havia uma calma desconcertante em suas palavras. Quando Berenice se juntou a Gregor na cabine do piloto, ele lhe entregou a luneta.

Ela espiou e arquejou.

— Ah. Ah, meu…

Sancia cambaleou até eles, mas então parou ao perceber que não precisava da luneta.

Havia uma coisa grande e compacta no horizonte. Ela não sabia ao certo a que distância, mas desconfiava que estivesse muito, muito longe. Parecia um gigantesco triângulo de madeira agarrado ao horizonte, do tamanho de dois, se não três, quarteirões de um campo. Obviamente, *obviamente* não era algo que deveria de fato flutuar na água, não a menos que houvesse muitas regras e argumentos convencendo

a realidade de que deveria.

— Puta merda — disse ela. — É… aquilo?

— É — confirmou Gregor, ainda com aquela voz perturbadoramente calma. — Aquele é o galeão de uma casa comercial. — Ele girou o leme e apontou o barco em direção ao navio. Depois de mais ou menos um minuto, o barco de repente deu um solavanco para a frente e acelerou.

Berenice olhou para as velas.

— As inscrições foram ativadas. Estamos perto.

Sancia sentia um fio de pavor lhe revirar o estômago à medida que a imensa sombra compacta no horizonte se tornava cada vez maior.

— Ótimo — falou ela.

◆◆◆

Quando estavam uns quatrocentos metros à frente do navio gigantesco, Gregor girou o leme e começou a se afastar dele, como se o galeão os estivesse perseguindo. De trás do barco, Berenice começou a jogar os pequenos dispositivos aquáticos no mar, um a um. Devia haver pelo menos cinquenta deles.

— Está funcionando — afirmou Orso, olhando para trás. — Vejam.

Sancia examinou o horizonte escuro atrás deles. Ele agora parecia vagamente turvo ou enevoado. Ela não conseguia distinguir onde terminava o céu e onde começava o mar.

— Pronto — falou Berenice.

Outra vez, Gregor girou o leme e o navio singrou a água.

— Agora a parte complicada — disse Gregor. — Temos que nos posicionar ao lado do navio e temos que fazer isso em meio à névoa. Com sorte, a neblina vai fazer o galeão desacelerar.

— Para ficar mais fácil de alcançar? — perguntou Orso.

— Isso também. Mas, se ele agitar muito a água, então… Bom. Vamos tombar para o lado e então ser feitos em pedacinhos.

Orso engoliu em seco.

— Entendo.

— É — continuou Gregor. — Então, Sancia, por favor venha se juntar a mim

na cabine do piloto. Preciso saber a que velocidade devemos seguir e onde está o navio.

Sancia se postou ao lado de Gregor, uma das mãos na parede para se estabilizar. Ele fez o barco dar uma volta enorme até se aproximarem do nevoeiro cada vez maior pela extremidade traseira.

— Prepare-se — avisou ele. — E, quando estivermos na neblina, *precisamos* ficar calados. A tripulação vai estar no convés, atenta à presença de obstáculos, então vão poder nos ouvir.

Sancia respirou fundo quando adentraram a parede de névoa turva. Era desagradavelmente quente, nada parecido com os nevoeiros frescos com os quais estava acostumada. Eles foram se aprofundando cada vez mais e Sancia flexionou sua visão inscrita, espreitando à frente. Por algum tempo, não viram nada (sua visão tinha limitações), mas então, de repente, uma gigantesca e brilhante espiral de prata surgiu no horizonte, tão descomunal e intensa que a visão a fez arquejar.

— Está vendo? — sussurrou Gregor. — Aponte para ele.

Ela o fez, estendendo o braço.

— Aponte para a proa, a extremidade dianteira — murmurou ele. — Como se o seu braço fosse uma bússola apontando para o norte. Preciso saber a que velocidade ele está indo.

Ela apontou. Ele ajustou a rota, navegando ao lado do navio, tentando igualar a velocidade. Ela sussurrava "mais rápido" ou "mais devagar" e o ajudava a fazer os ajustes.

O gigantesco navio foi se aproximando cada vez mais. Eles sentiram e ouviram o galeão muito antes de vê-lo: a água ao redor começou a balançar, agitando o barco, e veio um enorme borbotão de algum lugar, como se uma ilha estivesse emergindo das profundezas do mar.

— Meu Deus, ele é grande — murmurou Orso. — Que *merda* fedegosa, é grande…

Gregor conduziu o barquinho de pesca para mais perto do galeão, Orso e Berenice agarrando os assentos com firmeza enquanto eles balançavam e sacudiam nas águas. Então surgiu do nevoeiro uma imensa, elevada e reluzente parede de madeira que se ergueu como um edifício aflorando do oceano.

— Impressora pronta — sussurrou ele para Berenice lá atrás.

Berenice se levantou, ajoelhou-se e, tremendo, pegou uma espringal de aparência curiosa: uma "impressora", uma invenção dela e de Sancia. E Sancia esperava encarecidamente que funcionasse bem naquela noite.

A impressora era como uma espringal, mas, em vez de atirar flechas, lançava projéteis de chumbo que instantaneamente aderiam a qualquer superfície que atingissem. Isso por si só não era particularmente útil, mas Sancia projetara a arma para entalhar os *sigils* de sua escolha nos projéteis *pouco* antes de disparar, como um dispositivo de impressão aplicando tipos para confeccionar um livro, o que significava que era possível controlar os efeitos de um tiro para o outro.

O melhor uso que haviam encontrado até agora fora o de sequências de ancoramento: atirava-se um projétil de chumbo em uma superfície e um segundo em outra. Os projéteis aderiam e, então, juntavam os dois objetos, em geral de forma bem violenta. E era essa configuração que Berenice usaria naquela noite.

Ela apontou a impressora e lançou um projétil no casco de bombordo do barco de pesca. O projétil aderiu com um estalido.

Sancia tentou ouvir algum aviso ou grito vindo do galeão, mas não houve nada. Gregor girou o leme e se esforçou para manter a embarcação estável quando uma onda imensa de água do mar os encharcou. Ele aproximou o barco mais e mais, até que estivessem a quase três metros de distância do galeão.

— Agora! — murmurou ele.

Berenice posicionou a impressora no casco do barco de pesca e atirou no galeão. O projétil bateu no casco e logo aderiu.

Por um instante, não aconteceu nada. Então, com um solavanco aterrorizante, as inscrições ganharam vida e deram uma arrancada em meio às águas até os dois cascos se beijarem.

Sancia teve de fazer um esforço para não gritar. Tinha certeza de que Berenice havia disparado um pouco alto ou baixo, e eles iam inclinar para a frente ou para trás e ser jogados para fora do barco, mas isso não aconteceu. O barco produziu um rangido um pouco desagradável, mas nada se fragmentou. Eles estavam grudados na lateral do galeão como um peixe sanguessuga colado à barriga de um tubarão.

Gregor soltou o leme e se afastou cautelosamente. O barco se manteve firme.

Depois ele e Sancia se agacharam e começaram a juntar seus equipamentos: espringais, impressoras, bombas atordoantes, luzes, floretes inscritos e placas de adesão.

— Vamos escalar o navio — murmurou Gregor para eles. Apontou para a névoa acima. — Deve haver uma escotilha por ali que Sancia possa arrombar. Quando estivermos lá dentro, vocês dois se afastam e seguem atrás de nós até terminarmos o trabalho. Entenderam?

Berenice e Orso aquiesceram, embora os dois estivessem claramente apavorados.

— Ótimo — disse Gregor. — Quando terminarmos, Sancia e eu vamos usar os nossos dispositivos de navegação aérea para fugir do navio e chegar até vocês.

— Desde que o *lexicon* do navio ainda esteja funcionando — advertiu Berenice. — Se não estiver, eles não vão funcionar.

— Nesse caso, vamos tentar entrar nas chalupas — falou Gregor. — Ficou claro?

Eles assentiram.

— Ótimo. Então vamos começar. — Ele e Sancia encaixaram as placas de adesão nas mãos.

— Boa sorte — desejou Berenice. Ela estendeu a mão e apertou o ombro de Sancia, que acenou com a cabeça, com receio de que, se abrisse a boca, pudesse vomitar.

Então ela e Gregor se aproximaram do casco, ativaram as placas e começaram a escalar a lateral do navio como formigas operárias subindo em uma parede. Embora não fosse exatamente fácil, ela se viu desejando ter tido ferramentas como aquela nos seus tempos de ladra: perdera as contas de quantas vezes esfolara as mãos até sangrar tentando galgar essa ou aquela parede.

Quando estavam a uns seis metros de altura, Sancia flexionou a visão inscrita e espreitou através da neblina até que viu um emaranhado de lógica de trancamento flutuando na penumbra. Ela fez um gesto para Gregor e ele a seguiu pelo casco até alcançarem a escotilha. Sancia teve de tirar uma das mãos da placa, de modo que, basicamente, ficou pendurada por uma mão (tinha absoluta consciência do amplo e agitado oceano lá embaixo), mas então agarrou a maçaneta da escotilha, e a ouviu e conversou com ela.

A lógica de trancamento da maçaneta era bastante simples (aquele ponto de entrada obviamente não fora considerado uma vulnerabilidade) e ela logo a abriu. Esgueirou-se para dentro, arquejando de exaustão e pavor, e deu um passo para o lado para permitir que Gregor fizesse o mesmo. Depois ele fechou a portinhola e eles estavam dentro do navio.

◆ 9

Aquele deque do navio (fosse qual fosse, Sancia não fazia ideia, tampouco sabia se a ideia de deques se aplicava a uma embarcação daquele tamanho) estava quase completamente escuro. Ela presumiu se tratar apenas de um protocolo naval comum, mas então Gregor murmurou:

— Por que as luzes estão apagadas?

— E-elas deveriam estar acesas? — balbuciou Sancia.

— Todas as luzes interiores deveriam ficar acesas à noite, exceto as dos quartos. Caso contrário, existe um grande risco de tropeçar, entre muitas outras coisas.

Sancia teve de fazer uma pausa diante da preocupação de Gregor com o risco de tropeçar em um momento como aquele. Então flexionou sua visão inscrita e recuou com o excesso de informação que lhe inundou os olhos: estar dentro do galeão era como estar dentro de um gigantesco monstro marinho, só que ela conseguia ver todos os ossos e músculos dele à sua volta, tudo de uma vez.

De início, ficara preocupada com a possibilidade de que fosse como a Montanha dos Candiano: a gigantesca cúpula no centro do campo deles em Tevanne, que fora inscrita para funcionar como uma única e maciça inteligência. Mas o galeão, ao contrário, era formado por milhares e milhares de componentes que tinham de trabalhar juntos com precisão para o navio funcionar: o casco acreditava que era sobrenaturalmente forte, porém leve, e que podia afastar a água, os mecanismos que trancavam todas as escotilhas acreditavam estar só esperando pelas chaves certas, todas as lâmpadas e lanternas esperavam sinais para acender…

Mas faltava alguma coisa.

— O que você vê? — sussurrou Gregor.

— Muitas coisas — respondeu ela. — Mas… nenhuma pessoa.

— O quê? — retorquiu ele, surpreso. — Espere. Você *consegue* ver pessoas?

— Não — disse ela. — Mas eu conseguiria ver qualquer dispositivo inscrito que estivesse com elas balançando quando andassem ou se mexessem. E é difícil ver no meio de todos os componentes… mas não vejo nada disso perto de nós. Talvez a tripulação esteja toda lá em cima no convés principal ou… inferno, não sei nada sobre navios, em algum outro maldito lugar. Mas… parece que estamos muito sozinhos aqui.

Ela mal conseguia distinguir o rosto dele a encarando com incredulidade no escuro.

— Isso é uma armadilha? — indagou ele.

— Como poderia ser? Por que eles suporiam que Valeria saberia ou contaria para a gente? — Ela olhou ao redor. — E não vejo nenhuma lógica ou sequência de *sigils* sugerindo que…

— E você não está vendo… bem… ele? Crasedes? Ou o artefato?

Ela chacoalhou a cabeça.

— Não vejo nada de nada.

Por um momento, eles apenas ficaram ali na escuridão, sem saber ao certo o que dizer ou fazer.

— O primeiro passo é transformar o navio numa arma contra si mesmo — falou Gregor. — Ainda é possível?

Então ela olhou para o teto.

— Estou vendo catapultas estriladoras. E ninguém vigiando. Então… é. Definitivamente.

Juntos, ela e Gregor encontraram o caminho para subir pelos deques do galeão. Embora o navio fosse gigantesco, estava claro que os Dandolo haviam maximizado o uso do espaço: todos os corredores eram minúsculos, abarrotados e sufocantes, em especial na penumbra. Ela e Gregor foram avançando cada vez mais, as luzes de suas lanternas inscritas dançando pelas paredes de madeira enquanto os dois prestavam atenção a qualquer barulho. Não encontraram ninguém, nem nenhum obstáculo, na verdade. A embarcação inteira parecia estranhamente abandonada.

— *Deveria* haver alguém aqui, certo? — murmurou ela.

— Os galeões normalmente têm mais de trezentos tripulantes — respondeu ele

baixinho. — Este andar deveria estar cheio de gente.

Ela sentiu a pele arrepiar. *Há algo errado. Nada está como deveria*.

— Devemos estar nos aproximando agora dos deques superiores com as catapultas — sussurrou Gregor.

— Ótimo.

— Deve haver trinta e cinco catapultas estriladoras em cada um. O que você pretende fazer?

— Não sei o que diabos está acontecendo — respondeu Sancia —, mas, se alguma coisa der errado, quero tantas armas quanto for possível do meu lado.

Finalmente chegaram aos compartimentos das catapultas. As engenhocas compridas e finas de madeira e ferro estavam sem munição, mas apontavam para fora, para as portinholas de artilharia fechadas.

— Os estriladores conseguem penetrar o casco de um galeão? — indagou Sancia.

Gregor chacoalhou a cabeça.

— Sem chance.

— Tudo bem. Então… vamos virá-los — sugeriu Sancia — para apontarem para dentro, não para fora. Você faz isso enquanto eu trabalho nas catapultas.

Nenhuma das catapultas estava carregada com estriladores, o que significava que ela ficara com a árdua tarefa de pegar as compridas lanças de metal inscrito e colocá-las nos braços lançadores das catapultas. Fazer isso ativava as sequências de aceleração dos estriladores: no instante que as inseriu nos braços lançadores, começaram a vibrar e pulsar com uma energia pavorosa.

Ela pôs a mão em uma das catapultas e ouviu seus argumentos.

<*… espero o rompimento do vínculo, a separação dos metais, e então você vai estar no alto, bem no alto, lá no céu, lá no espaço, e vai ter caído, caído, caído, vai ter caído trezentos quilômetros, caindo pelo ar…*>

Sancia ouviu com cuidado os comandos de aceleração dela. Funcionava como muitos projéteis inscritos: eles eram convencidos de que não haviam sido atirados para a frente, mas estavam caindo, despencando em linha reta por quilômetros e quilômetros, atingindo velocidades impossíveis.

A garota tirou a mão do objeto. *É fácil o suficiente de trabalhar*, pensou ela.

Agora a parte perigosa…

Ela pegou a espringal impressora, apontou-a para uma das lanças de metal e atirou. O projétil acertou a ponta do estrilador e aderiu, mas, fora isso, não aconteceu nada.

Sancia soltou o ar, aliviada. O estrilador era uma das armas inscritas mais mortais e menos previsíveis que Tevanne já inventara. Ela jamais imaginara que ia querer mexer com um, menos ainda com trinta e cinco.

Ela colou projéteis de metal em mais ou menos metade dos estriladores.

— Gregor, me dê a sua impressora — pediu então.

— Por quê? O que você está fazendo?

— Nos dando uma vantagem. Confie em mim.

Ele o fez. Ela pegou a impressora dele e percorreu o restante das catapultas, aplicando os projéteis nelas também. Quando terminou, afastou-se, avaliando o trabalho.

— Feito.

— E… o que você fez?

— Os estriladores ativam suas sequências de velocidade quando as lanças são arremessadas desse obturador de metal aqui — explicou ela, apontando para os mecanismos da catapulta.

Gregor estremeceu.

— Nesse caso, por favor não toque nisso…

— Mas nós aplicamos metade de uma sequência de ancoramento em todas as lanças — continuou ela. — Como colamos o nosso barco no galeão: você aplica metade, depois aplica a outra, e as duas partes se atraem.

— Então?

— Então… — Ela mostrou a Gregor a configuração da espringal dele. — Você aponta a sua espringal para uma coisa e dispara a segunda metade da sequência de ancoramento, e ela vai puxar cinco estriladores das catapultas. Como as catapultas estão apontadas para dentro, não para fora, os estriladores devem atravessar as paredes do navio, e os nossos projéteis de ancoramento vão redirecionar as lanças para onde você atirar.

Gregor ficou olhando, impressionado.

— Então… quando eu disparar a minha impressora contra alguma coisa, basicamente vou atirar *cinco estriladores*?

— É. Dispare de novo e atire os próximos cinco. Mais uma vez, e outros cinco. Você tem três saraivadas, eu tenho quatro. Parece útil se quisermos afundar o navio ou… se encontrarmos qualquer outra coisa aqui. Só tenha em mente que vai destruir um monte de merda para chegar até o alv…

Ela ouviu algo ecoar abaixo, tênue, porém estridente. Parou e espreitou a escuridão às suas costas.

— Você… — perguntou ela.

— Sim — respondeu Gregor, preocupado. — Ouvi.

Eles prestaram bastante atenção e então ouviram de novo: o grito de um homem.

O som foi sumindo gradualmente. Sancia e Gregor se ergueram sem conversar, ouvindo o navio rangente, crepitante e trêmulo se mover ao redor deles. Não havia nenhum outro som.

— Então… *isso* não é normal, certo? — indagou ela.

— Não — respondeu Gregor.

Seguiu-se um longo período de silêncio.

— Acho… que é melhor a gente investigar — propôs Gregor em voz baixa.

— Que horas são? — perguntou Sancia.

Gregor pegou um relógio inscrito e o colocou sob a lanterna inscrita para ver.

— Não são nem dez horas.

— Então… eles não podem ter feito ainda, certo? Eles precisam esperar o minuto perdido, a meia-noite.

— Receio que eu não seja o especialista nesse assunto.

— Merda dos infernos — disse Sancia. Ela limpou o suor da testa e ergueu a espringal. Juntos continuaram adentrando nas profundezas do galeão.

◆◆◆

Eles foram avançando cada vez mais pelos deques do navio, através dos quartos e das câmaras e das escadas. O ar estava quente e úmido e terrivelmente parado, e as luzes das lanternas pareciam extremamente pequenas, minúsculas bolhas de

luminescência tentando fazer a escuridão recuar.

Então ouviram um grito outra vez, ecoando das entranhas da gigantesca embarcação. Eles se entreolharam e prosseguiram, adentrando cada vez mais, as espringais a postos.

— Estamos nos aproximando dos compartimentos de carga — sussurrou Gregor.

— O que isso significa?

— Não tenho certeza. Mas deve haver uma grande câmara adiante. Talvez seja onde colocaram os escravizados.

Eles chegaram a um corredor que parecia estranhamente comprido e reto, talvez atravessando da proa à popa. Os dois pararam e apontaram as lanternas para a extensão do corredor, mas não conseguiram ver o fim.

Espero que não haja ninguém do outro lado, pensou Sancia, *olhando de volta para a gente*.

Começaram a percorrer o corredor, andando o mais silenciosamente possível. Sancia flexionou a visão inscrita enquanto caminhavam. Por um bom tempo, não viu nada, até que ergueu uma das mãos.

Os dois pararam enquanto ela examinava o que havia à frente. Achou que conseguia ver um punhado de inscrições incomuns no chão a poucos metros de distância: um relógio inscrito, uma insígnia, um iniciador de fogo para acender um cachimbo, uma faca aperfeiçoada…

É uma pessoa, pensou ela. *Estou vendo o que está no bolso ou no cinto*.

Ela não estava se movendo. E estava logo além da luz projetada pelas lanternas.

Alguém está deitado ali adiante, articulou ela com os lábios para Gregor, apontando para a frente.

Gregor aquiesceu e avançou furtivamente, a espringal erguida. Sancia observou, tentando não respirar alto demais enquanto a luz dele se estendia ao longo do assoalho de madeira do corredor, até recair sobre uma poça de sangue que se espalhava.

Gregor parou muito brevemente ao vê-la. Depois continuou andando até a luz iluminar o corpo de um homem deitado com o rosto para baixo de um lado do corredor.

Ele não correu até o corpo. Em vez disso, olhou para a escuridão, a cabeça inclinada, sem dúvida tentando ouvir o assassino. Então deu um passo por cima do sangue, ajoelhou-se ao lado do corpo e o rolou.

Gregor afastou a mão depressa. Sancia não podia ver a que ele estava reagindo, mas não era nenhum conforto para ela que um veterano de tantas guerras pudesse ter uma reação dessas.

— O que foi? — sussurrou ela.

— Este homem… este homem está sem os olhos — respondeu Gregor.

— *O quê?* — replicou ela, horrorizada.

— Os olhos dele foram arrancados. — Ele se aproximou mais e ergueu a lanterna até o rosto do cadáver. — Não. Decepados. — Examinou o resto do homem. — E… Sancia… acho que ele fez isso consigo mesmo. Veja.

Com uma careta, Sancia se aproximou e viu a faca aperfeiçoada presa nos dedos do homem. Seus pulsos haviam sido cortados e seu rosto estava coberto de sangue.

— Espere — falou ela. — Ele *se* matou?

— Sim. Mas desconfio que tenha cortado os olhos primeiro.

Ela engoliu a sensação de horror e examinou o corpo. Ele parecia consideravelmente abastado, vestindo um conjunto elaborado de gibão e calções, com golas de renda e abotoaduras. Examinou-o com a visão inscrita e verificou mais de perto a insígnia inscrita e as muitas permissões que concedia a ele.

— Definitivamente Dandolo — afirmou ela. — E acho que era um inscritor. Faz algum tempo que não analiso as insígnias deles, mas… parece muito típica de enclave interior para mim. Por que ele fez isso?

— Não sei. — Gregor olhou para o corredor e ergueu a lanterna. — Mas foi de lá que ele veio.

Ela olhou e viu as gotas de sangue no chão escurecido do corredor, marcando a trilha do homem. Ele devia ter vindo da outra extremidade.

Ouviu-se um barulho: um soluço abafado no outro extremo do corredor, perdido no escuro.

Sancia fez o máximo para não se sobressaltar e gritar. O rosto de Gregor permaneceu totalmente impassível. Ele se levantou, ergueu a espringal e começou a caminhar pelo corredor em direção ao som.

— Por favor, venha comigo — pediu ele em voz baixa. — E me conte o que está à frente.

Ela foi atrás dele, contornando o sangue no chão.

Ainda não é meia-noite. O que aconteceu aqui? O que diabos está acontecendo?

Por fim, a luz das lanternas chegou à extremidade do corredor: uma parede pequena e branca com uma única porta simples entreaberta. Ela não conseguia ver nada além de escuridão do outro lado. Havia sangue na maçaneta e ao redor da moldura da porta, resquícios das impressões digitais de alguém que tateava, supôs ela.

— Sancia — sussurrou Gregor. — O que há nessa sala?

Ela avançou. Pequenos emaranhados de lógica e argumento ganharam vida: todos pequenos, triviais e, em sua maioria, separados em grupos no chão.

Ela engoliu em seco outra vez. A boca e a garganta estavam muito secas.

— Acho que… Acho que há corpos lá, Gregor — respondeu ela. — Nove.

Gregor ficou ali por um momento, totalmente paralisado, a espringal apontada para a porta aberta. Ela viu que a testa e as têmporas dele estavam cobertas de suor. Então ele avançou e Sancia o seguiu.

Eles ouviram o barulho de novo: um gemido cansado vindo de dentro da sala.

Sancia observou quando um montinho de inscrições e insígnias se mexeu.

— Um deles está vivo — sussurrou ela.

Gregor se colocou na entrada e ergueu a lanterna bem alto. A câmara fora construída para ser uma sala de reuniões ou planejamento, pensou Sancia, a julgar pela mesa grande e pelas cadeiras no centro, mas parecia ter sido transformada em um compartimento de montagem improvisado para o trabalho de inscrição: centenas de volumes haviam sido empilhados na mesa, junto com canetas e tigelas inscritas de metais aquecidos, e havia pedaços de pergaminho colados nas paredes, todos cobertos com tabelas e sequências de *sigils*.

E abaixo deles, por todo o chão, havia corpos de inscritores. E todos haviam sido horrivelmente mutilados.

Alguns haviam enfiado canetas no pescoço. Outros haviam aberto as veias dos braços, como o homem no corredor. Um havia cravado um punhal inscrito no coração. Mas havia algo em comum nos ferimentos: ao que parecia, todos haviam

decepado ou arrancado ou extirpado à unha os próprios olhos antes de recorrer ao suicídio.

Sancia olhou a cena à sua volta. Inevitavelmente, chamou-lhe a atenção a grande porta no lado mais distante da parede. Estava aberta, embora ela não conseguisse ver nada além. A julgar pelas inscrições que conseguia avistar, parecia haver uma sala grande do outro lado.

E o que é que há ali?

Um soluço úmido veio do canto. Gregor atravessou a sala até um homem que estava encolhido no chão, os olhos arrancados, o rosto e o peito cobertos de sangue. Ele tentara cortar os pulsos, mas não fizera um bom trabalho e continuava vivo.

— Quem está… quem está aí? — choramingou o inscritor.

Então, com a voz trêmula de pavor, acrescentou:

— É *você*, Meu Profeta?

— Quem é você? — indagou Gregor. — O que aconteceu aqui?

— Por favor — soluçou o inscritor. Suas órbitas oculares mutiladas brilharam à luz da lanterna. — Por favor, quem quer que seja. Por favor, me mate, por favor…

— O que aconteceu?

— Por favor…

— Por que fez isso consigo mesmo?

— *Por favor!*

— Me conte — disse Gregor com firmeza. — Agora. Por quê?

— Não era para… vê-lo — sussurrou o inscritor agonizante. — Não dá para ver o que ele é… debaixo de tudo aquilo…

— Quem? — perguntou Gregor. — De quem você está falando? É… é o Cras…

— Por favor — implorou o homem. — Por favor, me mate! Por favor, eu não… não posso viver com isso dentro de mim! Não posso *ter isso dentro de mim*!

Sancia olhou para os pergaminhos fixados na parede. A maioria eram projetos de inscrição, mas alguns pareciam ser mapas, embora fossem mapas de um lugar que Sancia achou familiar.

Ela examinou o esboço do edifício que eles retratavam, que era imenso, circular, com muitos andares, e tinha seis áreas específicas realçadas, nas profundezas dos

alicerces da estrutura.

Por que diabos, pensou ela, *eles trariam mapas da Montanha dos Candiano para cá? E o que há de tão interessante no porão?*

A garota passou para os projetos de inscrição. Eles tinham incontáveis *sigils* hierofânticos para muitas permissões e comandos: símbolos para mudança, para morte, para força, para repetição… e depois outro pergaminho com muitas sequências que ela nunca vira antes.

Ela se aproximou mais, ergueu a lanterna e começou a ler.

— O que vocês fizeram? — indagou Gregor. — O que aconteceu a bordo deste navio?

— Nós tínhamos… tínhamos que encontrar um pedaço dele — respondeu o inscritor, engasgando.

— O quê? — perguntou Gregor.

— Ele tinha deixado para trás. Escondido. Um túmulo entre as ilhas…

Sancia observou os novos *sigils*, mas nenhum deles lhe era familiar. Ela gostaria que Berenice estivesse ali: a moça tinha uma memória quase perfeita no que se referia a *sigils* e sequências.

Ela leu as anotações no alto, escritas em texto corrido. Uma delas dizia: *Capaz de convencer a realidade a mudar o horário…*

Um pavor terrível tomou conta dela. *Ah, não*.

— Um pedaço do quê? — indagou Gregor.

— Um… um osso minúsculo. Você podia colocar em uma pessoa viva e… e argumentar que era ele, que ele nunca tinha morrido…

Sancia começou a arrancar os pergaminhos da parede, dobrando-os e metendo-os nos bolsos.

— Onde estão os escravizados? — perguntou Gregor. — O que vocês fizeram com as pessoas a bordo deste navio?

— Mas… nós não podíamos ver — murmurou o homem. — Não tínhamos permissão para ver. Não podemos vê-lo. Não se pode ver… o rei atrás do véu… — Ele teve um acesso de tosse carregada.

Gregor se recostou e fitou o homem mutilado, o rosto pálido.

— O que vocês fizeram aqui? — indagou ele baixinho.

— Por favor… eu o vi. — As palavras do inscritor estavam ininteligíveis e pastosas agora. — Eu olhei para ele. Não posso ter isso… dentro de mim…

— O que a minha mãe fez? — perguntou Gregor.

A cabeça do inscritor se inclinou para trás e ele se calou.

Por um instante, eles não fizeram nada, nem se atreveram a falar. Depois olharam para a porta mais adiante, que levava para a sala maior.

Sancia fitou mais uma vez os livros e as tigelas na mesa. *Esta era a sala de preparação deles*.

Gregor e Sancia foram até a grande porta na outra extremidade da parede.

Mas será que foi aqui que fizeram o verdadeiro trabalho deles?

— Você está vendo alguma coisa aí dentro, Sancia? — sussurrou Gregor.

Ela flexionou a visão. A sala do outro lado da porta estava escura, desprovida de qualquer lógica ou argumento. Ela chacoalhou a cabeça.

Gregor respirou devagar, abriu a porta, entrou na sala e ergueu a lanterna.

— Ah… Ah, meu *Deus*… — gemeu ele.

Sancia se juntou a ele. Então ela viu, e se sentiu fraca e caiu de joelhos.

Havia quase cem corpos de homens, mulheres e crianças no chão, todos presos por correntes e cordas e ordenados em anéis sobrepostos em torno de um pequeno espaço circular onde brilhava uma única lamparina. Sancia instantaneamente reconheceu os corpos como escravizados, a julgar pela gama de raças, ou pelas marcas nos braços, ou pela dureza das mãos. Estavam todos mortos, embora nenhum tivesse sinais de ferimento, exceto por um pequeno marcador de metal inscrito que havia sido colocado sobre o peito deles.

Sancia deixou cair a espringal e cobriu o rosto. Era horrível demais, simplesmente horrível demais para ver…

E o mais curioso eram as mariposas: o chão da sala estava coberto de minúsculas e frágeis mariposas brancas mortas, tantas que era quase como uma fina camada de gelo.

— O que eles fizeram? — indagou Gregor. — Como conseguiram… Não é meia-noite ainda, é? — Ele procurou o relógio e viu a hora. — Não são nem onze horas…

Ela se sacudiu e se levantou. Examinou os pequenos marcadores de metal no

peito dos escravizados mortos. Não viu nenhum emaranhado prateado de lógica, nenhum conjunto de comandos entrelaçado à realidade deles.

O que significa, pensou ela, *que eles não são dispositivos… Ou foram usados na criação de outra coisa, como um ferreiro poderia usar um molde…*

Lutando contra o ímpeto de vomitar ou correr ou gritar, ela caminhou entre os anéis de corpos no chão até o espaço no centro, o pequeno círculo com a lamparina. À medida que se aproximava, viu incontáveis *sigils* na borda do círculo, um fluxo denso e emaranhado de metais e tintas.

Um fluxo de sangue manchava os *sigils* em certo ponto, rompendo qualquer vontade que houvessem imposto sobre o mundo ali. Sancia viu que eram comandos hierofânticos, mas não aqueles que conhecia. Ela pegou um dos pergaminhos que tirara da outra sala.

— Sancia — suplicou Gregor. — Sancia, o que está acontecendo?

— Fique quieto — pediu ela enquanto lia.

— Sancia… não pode ter acontecido ainda, pode? Ele… ele não pode já estar de volta…

— Gregor, fique *quieto*! — retrucou ela, ríspida.

A garota analisou com cautela os *sigils* no pergaminho, depois olhou para os que estavam escritos no chão. Seu coração regelou quando ela ficou mais convencida do que havia acontecido ali.

— Eles… eles inscreveram o tempo — sentenciou Sancia por fim.

— O quê?

— Estes *sigils* aqui — disse ela, apontando para eles. — Nunca os vi antes. Mas… mas acho que convenceram a realidade de que a hora dentro do círculo era diferente da hora do lado de *fora*.

— Isso não faz sentido.

— Você está ouvindo, Gregor? Eles não tinham que esperar pela meia-noite. Não se pudessem convencer o espaço dentro daquele círculo de que era *sempre* meia-noite. Eles… eles poderiam fazer o ritual ali e funcionaria muito bem… não funcionaria? — Ela guardou o pergaminho de volta no bolso. — Ele sabia. Ele sabia que Valeria tentaria impedi-los. Então deixou tudo pronto e à espera para quando achassem o pedaço dele de que precisavam.

— Não é possível.

— *É* possível. Você pode convencer a gravidade de que para cima é para baixo se quiser! E existem histórias sobre Crasedes Magnus pregando peças no tempo! Ele só precisava contar como fazer. Um ritual para inscrever o tempo, depois outro para trazê-lo de volta. Deve… deve ter sido exigido um sacrifício desproporcional para convencer o tempo a mudar, mas… — Ela olhou para os escravizados mortos no chão, imóveis e pálidos e frios.

— Então ele… ele pode mesmo estar de volta? — perguntou Gregor.

— Não sei.

— Você consegue vê-lo aqui perto de nós?

Ela perscrutou o navio.

— Não. Eu… eu ainda não vejo nada.

— Pode ter falhado? Pode ter dado errado? Foi por isso que aqueles homens se mataram? Porque falhou e fez alguma coisa com eles?

Sancia passou os olhos pela sala. Avistou algo no chão diante de uma escotilha aberta que levava ao próximo andar, foi até lá e se ajoelhou.

Era um véu preto. Por algum motivo, aquilo a fez pensar em uma crisálida vazia, descartada e deixada para trás por… alguma coisa.

Lembrou-se da visão de algo envolto em preto no meio das colunas: o modo como estendera a mão, pegara o véu que cobria o rosto e o puxara devagar.

Ela olhou para a escotilha aberta e pensou por um instante.

Alguma coisa está conosco neste navio. Agora mesmo.

Ela pegou a caixa com o imperiato, abriu-a e, lentamente, relutante, retirou o antigo dispositivo.

Hora de me preparar para o pior.

Ela nunca tivera de fato a oportunidade de mexer muito com o imperiato e, diferentemente da maioria dos aparatos inscritos, Sancia tinha dificuldade de interagir com dispositivos hierofânticos. Clave, por exemplo, mantivera-se completamente invulnerável a todos os esforços dela depois de se "resetar". Ao se agachar na sala obscura e examinar o imperiato sob a luz da lanterna, lembrou-se de que havia um número intimidador de controles nele.

O conjunto principal parecia ser formado pelas três alavancas da lateral. Ela

sabia o que a maior e a menor faziam, mas a do meio, não.

Preparando-se, ela puxou a alavanca do meio para trás e um pequeno painel redondo e dourado no centro do aparato mudou rapidamente, mostrando uma série de *sigils* que aparentava ter sido gravada de imediato no próprio metal, como se ele fosse feito de líquido.

Ela os reconheceu: *sigils* de velocidade, gravidade e direção.

Estou vendo as inscrições que estão impulsionando o próprio galeão.

Era como uma lente, ela percebeu: podia ser focada ou direcionada. Você poderia aplicar os efeitos do imperiato a uma inscrição na área ou a todas. Era uma sensação curiosa saber que podia afundar o galeão inteiro naquele exato lugar e naquele exato momento se quisesse.

Ela tocou a alavanca maior, mas teve o extremo cuidado de não a mover. Sabia o que aquela fazia, pois a vira em ação: controlava a extensão dos efeitos do imperiato. Você podia enfraquecer um pouco a inscrição selecionada ou aniquilá-la de vez. Simplesmente tocar naquela alavanca poderia causar um completo desastre.

A menor das três alavancas era aquela em que a garota estava mais interessada agora: controlava a capacidade do imperiato de detectar se havia alguma inscrição hierofântica por perto. Ela sabia disso, claro, porque a alavanca certa vez fora capaz de detectar as próprias inscrições hierofânticas na placa em sua cabeça.

— Isso deve revelar se existe alguma coisa hierofântica por perto… — Ela passou o imperiato pela cabeça e ele zuniu inadvertidamente. Depois o passou pela cabeça de Gregor e ele fez o mesmo. — Está funcionando. Mas… quando Valeria estava por perto e ativa, ele de repente *berrou*. Acho que, quanto mais poderosas as inscrições que ele detecta, mais alto é o alerta.

— E o fato de que não está apitando neste exato momento…

— Significa que eu não sei — respondeu Sancia. Ela abaixou a alavanca, tornando o imperiato menos sensível e, com sorte, menos barulhento. Se deparassem com qualquer coisa hierofântica, não queria que ele começasse a gritar e revelasse para todo mundo que estava lá.

— E… o imperiato — perguntou ele. — Se *ele* estiver mesmo no navio com a gente agora, Sancia, o imperiato consegue… consegue matá-lo?

— Mais uma vez… eu não sei, Gregor.

Ela olhou para a escotilha obscura à sua frente, flexionando a visão. Continuou olhando para cima, e para cima, e para cima, até ver uma luz inscrita ardendo dois andares acima, movendo-se de um lado a outro, de um lado a outro.

— Tem alguém lá em cima — sussurrou ela.

— O quê? — indagou Gregor.

— Eu vejo uma luz se mexendo, como se alguém estivesse… como se estivessem segurando uma lanterna e andando de um lado para o outro. Alguém neste navio está vivo.

— E… E é…

— Não sei. — Ela se pôs de pé. — Mas precisamos ir ver. Temos que descobrir se ele voltou mesmo, se é ele mesmo e… e o que ele pretende fazer.

◆◆◆

Eles apagaram as lanternas e subiram a escada na total escuridão, movendo-se o mais devagar possível, tentando não fazer barulho. Por fim, chegaram ao andar onde estava a luz inscrita e foram avançando furtivamente até chegar a uma porta fechada. Sancia flexionou a visão, viu que a luz estava logo do outro lado, tocou o ombro de Gregor duas vezes e apontou.

Ele engoliu em seco com tanta força que deu para ouvir, depois encostou o ouvido na porta, a respiração tão rápida e alarmada que parecia alta como um grito.

A luz inscrita dentro da sala parou de andar. Depois se abaixou e ficou ali, em cima de uma mesa, pensou ela.

— *Imperiato?* — articulou ele com os lábios para ela.

Sancia verificou o dispositivo outra vez. Ele continuava imóvel e silencioso. Ela chacoalhou a cabeça.

— Não há nada do outro lado desta porta a não ser a luz — sussurrou Sancia.

Gregor aquiesceu, então se endireitou, apontou a espringal e pôs uma das mãos na maçaneta. Respirou fundo, preparou-se e abriu a porta bruscamente.

Ele entrou rápido, a espringal erguida, e Sancia o seguiu. Ela não fazia ideia do que encontrariam lá dentro (talvez algum monstro inimaginável ou outra cena sangrenta e horrível), mas o que acharam foi uma mulher alta, de pele escura e bastante bonita, sentada calmamente à mesa, com a luz inscrita no colo.

— Gregor — disse ela em voz baixa. Embora seu rosto estivesse firme, sua voz estava muito rouca e terrivelmente trêmula.

— *Mãe?* — falou Gregor, atônito.

Sancia fitou a mulher, cujo rosto estava sinistramente iluminado pela luz da lanterna inscrita, e aos poucos se deu conta de que aquela tinha de ser Ofelia Dandolo, uma das pessoas mais poderosas de Tevanne. Trajava uma roupa luxuosa, um corpete ricamente desenhado e uma saia rodada, e estava no limite entre a meia-idade e a velhice.

— O que… o que você está fazendo aqui, mãe? — perguntou Gregor.

— Ele falou… ele falou que talvez você viesse — respondeu ela em voz baixa, e piscou algumas vezes. Sancia percebeu que a mulher estava em choque. — Na verdade, não acreditei nele. Mas aqui está você.

— Mãe, por que você está aqui? O que está acontecendo? Você… você matou aqueles escravizados?

— Ele… Ele disse que ela ia tentar nos impedir — sussurrou Ofelia, os olhos arregalados. — Então tínhamos que ser rápidos. Mas precisava de tantas vidas para fazer o mundo pensar que era meia-noite…

Gregor soltou um suspiro trêmulo.

— Meu Deus…

Ela olhou para ele com um ar suplicante.

— Mas ele está de volta agora. Ele voltou e pode consertar você, meu amor, e consertar a cidade, e o mundo, e tudo, e… e todas as coisas que eu fiz para nos trazer até aqui. Ele pode fazer tudo volt…

— Onde ele está? — indagou Sancia.

Ofelia Dandolo olhou para Sancia como se só naquele momento houvesse notado a sua presença.

— O-o quê? — perguntou ela.

— Onde ele está? Onde ele está agora?

Ela olhou vagamente ao redor, depois apontou para a porta aberta do outro lado da sala.

— Acho que… Acho que ele passou por ali.

— Você acha?

— Eu não sei.

— Como não sabe?

— Quando… Quando ele chegou, eu estava esperando e… e ouvi inscritores gritando, gritando que ninguém tinha permissão para vê-lo e… e então nós apagamos todas as luzes. Mandei que apagassem todas as luzes do navio e que a tripulação subisse para o convés. E fiquei aqui no escuro, esperando, e depois… ouvi passos se aproximando de mim e então ouvi uma voz. Uma voz no escuro, Gregor. Ouvi uma voz conversando comigo, perto de mim, e era como… era como… — Ela parou de falar, incapaz de descrevê-la.

— O que aconteceu depois? — quis saber Sancia.

O rosto dela estremeceu e ela engoliu em seco.

— Ele disse que precisava… *se calibrar*. Entender quais privilégios e permissões ainda tinha. E encontrar alguma coisa onde se esconder. Algo para cobrir sua forma. E ele saiu e… e… eu ouvi esses barulhos. Esse estalo e esse estrondo enormes e… e depois parou.

Eles a encararam por um bom tempo, sem conseguir falar.

— Quanto tempo faz que parou? — perguntou Gregor.

— Não sei — respondeu ela. — Eu não sei.

Os olhos de Sancia continuavam fixos na porta aberta do outro lado da sala, perfeitamente cientes da escuridão além (e do que poderia estar lá, observando).

— Droga, mãe — sussurrou Gregor. — O que você *fez*? O que você atraiu sobre nós?

Ela piscou e lágrimas escorreram por suas bochechas.

— Ele pediu desculpas, sabe. Pelos meus inscritores. Falou que lamentava. Que não tinha previsto os problemas que a forma dele causava. — Ela fechou os olhos. — Ele disse que *lamentava* muito, Gregor.

Ofelia ficou ali de olhos fechados, inspirando e expirando. Sancia ficou se perguntando se ela enlouquecera por causa do choque.

— Sancia — falou Gregor com a espringal ainda apontada para a mãe. — O que vamos fazer agora?

Boa pergunta fedegosa, pensou ela. Olhou para a porta com a visão inscrita. Em geral, quando avistava um dispositivo hierofântico (como Clave ou a placa na cabeça

de Gregor), sua visão o interpretava como uma diminuta estrela vermelho-sangue. Mas não via nada disso ali à frente agora.

— Ainda não vejo nada.

— Você acha que ele… foi embora?

— Não faço ideia.

Seguiu-se um longo e horrível período de silêncio enquanto os dois fitavam a porta obscura.

— Seríamos idiotas —– comentou Gregor — de entrar lá. Certo?

— Certo — concordou Sancia baixinho. — Mas… eu vou ter de entrar.

— Você não pode estar falando sério.

— Não podemos deixar essa *coisa* chegar a Tevanne — argumentou Sancia. — Não podemos deixar um maldito hierofante entrar na cidade! Quero dizer… não só Valeria estaria vulnerável, mas haveria milhares de inocentes no caminho!

— E você acha mesmo que o imperiato oferece uma chance de impedi-lo?

Ela olhou para a caixinha pendurada no pescoço.

— Acho que o imperiato matou um *lexicon* — respondeu ela. — E, ao que parece, hierofantes têm muito em comum com *lexicons*. Então, vale a pena tentar.

Gregor respirou fundo, ainda olhando para a mãe pela mira da espringal.

— Vou ficar aqui e vigiá-la para garantir que não vai chamar nenhum soldado. Vá e dê uma olhada, Sancia, e volte *logo*, entendeu?

— É — disse Sancia em voz baixa. Começou a andar na direção da porta obscura. — Entendi.

◆◆◆

Sancia avançou pela escuridão, a lanterna inscrita em uma das mãos, a espringal impressora na outra.

Estamos no ponto central do navio? Quantas paredes e deques os estriladores que eu manipulei vão ter que atravessar para chegar ao meu alvo? Então lhe ocorreu outro pensamento: *E se eles acabarem* me *atravessando?*

Continuou descendo o corredor. Sua visão inscrita não lhe mostrava nada e o imperiato permanecia mudo.

A garota chegou a uma porta fechada e se aproximou sem fazer barulho, seus

passos silenciosos e lentos. No entanto, notou que havia algo diferente nessa porta: havia luz nas bordas. Era uma luz curiosa e tênue, pálida e cinzenta: nada parecido com a luz de uma lanterna inscrita.

Ela flexionou a visão e espreitou através da porta. Para sua confusão, não viu nenhum tipo de dispositivo inscrito do outro lado. Até aquele ponto do galeão, houvera pelo menos uma dúzia de componentes inscritos a cada punhado de passos. E, no entanto, não conseguia ver nada do outro lado.

Sua pele se arrepiou, mas não pelo medo. Ela sentiu um vento no corredor, ou…

Uma corrente de ar?

Sancia hesitou e pegou o imperiato. Empurrou a alavanca menor bem de leve, prestando bastante atenção. Ele não fez nenhum chiado ou zunido.

Mas… isso não significa que Crasedes fedegoso Magnus não esteja ali. Pode ser que signifique apenas que ele não está perto.

Ela desligou o imperiato e o guardou. Depois encarou a porta, respirou fundo e a abriu.

Sancia recuou ao ver o que havia do outro lado. Por alguns metros além da porta não havia… *nada*.

Era como se alguém houvesse pegado uma colher gigantesca e arrancado um pedaço enorme do interior do galeão, de pelo menos uns noventa metros de largura. Pisos e deques e tetos terminavam em ruínas irregulares e truncadas. Até o convés principal fora quebrado, e a luz fria e branca da lua se infiltrava lá de cima, ondulando sobre os escombros. Canos de água desembocavam no espaço vazio, seu fluxo caindo nas profundezas do navio e refletindo, aqui e ali, um raio de luar, transformando-se em brilhantes faixas prateadas.

Era difícil calcular a escala da devastação. Pelo menos meia dúzia de deques havia sido extirpada de repente, mas não, pensou ela ao olhar para a devastação do outro lado: eles haviam sido *quebrados* ou arrancados ou destacados ou… Ela não sabia. Ela mal conseguia compreender o que estava vendo.

Mas não via nenhuma pessoa. Nada vivo, nenhum sinal de nada se mexendo além da água e dos pedaços de tábua ainda pendurados nas bordas dos escombros.

Ela olhou para o rasgo no convés principal. Uma pessoa poderia definitivamente

caber ali.

Será que ele foi embora? Será que tudo isso é só o estrago da… da calibragem dele? Outra vez a situação a fez lembrar de um inseto se esforçando para sair da pupa.

Aposto que a tripulação foi para as chalupas quando essa merda toda aconteceu, pensou ela. *Sei que eu teria ido. Estamos em um navio fantasma. Então… como é que ele ainda está se movendo?*

Sancia se inclinou para dentro da porta aberta e deu uma olhada. Havia um pedaço daquele deque passando ao lado da imensa abertura, o suficiente para ela andar por ali. Entrou no cômodo e se esgueirou pela beirada, prestando atenção, observando, tentando avistar alguma pista do que poderia ter acontecido lá, e de para onde Crasedes fora.

Se ele já tiver partido para Tevanne, pensou ela, *então… Meu Deus. Então nós fracassamos.*

Ela seguiu pelas bordas das ruínas, depois ficou de costas para a abertura, olhando para o estrago. Percebeu que, onde havia um componente de metal, como uma viga de apoio ou uma parede de aço, aquele ponto não fora exatamente fendido: fora entortado ou *esticado*, como aquele doce escuro que faziam com açúcar.

A garota sabia o que isso sugeria. Ela já usara uma ferramenta dessas uma vez, com um efeito devastador.

Será que alguma coisa alterou a gravidade aqui?

Então ela sentiu náusea.

A agonia quase a fez desmaiar. Era como se seu estômago estivesse cheio de água fervente e vermes se contorcendo, tudo ao mesmo tempo, como se sua cabeça fosse uma ferida infeccionada cheia de pus. Ela gritou e caiu de joelhos, esfregando os nós dos dedos no centro da testa.

Sabia que os *lexicons* não eram os únicos aparatos que causavam aquela sensação: as velhas histórias diziam que as pessoas se sentiam mal quando se aproximavam de um dos antigos.

Um raio de luar tinha penetrado pelo convés dilacerado lá em cima, iluminando a parede à frente dela, e uma sombra se erguia na parede, como um fantoche das peças de teatro: a sombra de um homem sentado de pernas cruzadas sem apoio

algum.

Atrás de mim…

Ela ouviu uma voz.

Era masculina, mas não era a voz de um *homem*, não de verdade. A voz de um homem soaria humana, e aquela não soava. Embora fosse aveludada e estranhamente agradável de ouvir, era profunda demais, ressonante demais, muito mais do que a de qualquer homem mortal poderia ser.

A voz falou:

— Oi, Sancia.

◆◆◆

Sancia ficou absolutamente imóvel, os olhos fixos na sombra projetada na parede à sua frente. Ela olhou para a sombra durante o que pareceu uma eternidade, a respiração ofegante.

Lembrou-se dos inscritores lá embaixo, os olhos destroçados e ensanguentados, as gargantas cortadas. *Não vire*, pensou ela. *Não olhe para ele. Não!*

— É bom finalmente conhecer você — disse a voz. — Embora obviamente… essas circunstâncias sejam um pouco *menos* que ideais…

Ela piscou enquanto as palavras reverberavam dentro de si. Ouvir a voz dele era como se derramassem chocolate e mel em seu ouvido. Embora estivesse apavorada (e ela *estava* apavorada), sentiu o repentino e curioso desejo de que ele nunca parasse de conversar com ela. Ignorou-o e permaneceu reta como uma vara, observando a sombra na parede, plenamente ciente de que a coisa que agora ocupava aquele espaço com ela destruíra o interior daquele navio como se fosse feito de palha.

Ele está bem atrás de mim… Ah, meu Deus, ele está logo ali…

Então a sombra se mexeu: estaria inclinando a cabeça?

— Você *pode* se virar, sabe — falou a voz. — Eu tive alguns… Como devo dizer?… *Problemas* com a minha aparência original. Era quase tão desagradável para mim quanto para eles, mas… acho que encontrei um método adequado para encobrir a minha forma. Você vai estar segura.

Não. Não faça isso. Não se vire. Não veja.

— Ou… não. — A sombra assumiu uma postura ereta, como se estivesse de pé

no próprio ar, e começou a caminhar de um lado a outro. — Quero dizer, normalmente eu pensaria: qualquer coisa para tornar essa situação um pouco menos *impessoal*, mas… — Os destroços pareciam chacoalhar quando a voz dele atingia os tons mais baixos de seu alcance. — Faz muito tempo desde a última vez que tive uma conversa de verdade. Especialmente uma conversa com alguém como você.

Ela estava perplexa com o quão despreocupado e *refinado* ele soava. Essa coisa fora a causa da morte de muitos escravizados e uma dúzia de inscritores e, no entanto, agora se dirigia a ela como um conhecido numa esquina.

Mas talvez fizesse sentido. Um ser como ele se preocuparia com muito pouco.

A sombra parou de andar. Então se avolumou na parede quando ele se aproximou, e o estômago dela revirou de náusea.

Ah, meu Deus, pensou ela. Seus olhos lacrimejaram. *Ah, meu Deus, por favor…*

— Você sabe por que estou aqui, Sancia — afirmou ele. — E tenho certeza de que sabe quem eu sou.

Seguiu-se um longo, longo silêncio.

Depois de um tempo, ela se deu conta de que ele estava esperando uma resposta.

— C-Crasedes — respondeu ela.

A sombra se mexeu de novo, como se ele houvesse inclinado a cabeça para o outro lado.

— Estou certo de que o construto lhe contou todo tipo de histórias a meu respeito. Histórias sobre como eu sou um monstro, uma coisa implacável e horrível…

Ela pensou no imperiato que estava na caixa ao lado do seu corpo. Será que conseguiria pegá-lo rápido o bastante e acioná-lo? Duvidava muito que fosse conseguir com ele observando, e a total devastação à sua volta era um excelente lembrete do que poderia dar errado.

— Certo? — perguntou Crasedes. — Você acha que sou tal coisa?

Ela engoliu em seco.

— Eu… eu vi os escravizados e os inscritores lá nas entranhas do navio.

— Hum — falou ele, contemplativo. — É justo. Esta restauração esteve *bem longe* de ser ideal. Eu teria feito de uma dúzia de outras maneiras se pudesse. Mas eu sabia que tinha de estar aqui o mais rápido possível, porque o construto está

mentindo para você, Sancia. Se você continuar ajudando-a, preciso dizer, ela vai matar você e todas as pessoas na sua cidade. E isso, eu garanto, é apenas o começo. Você está me ouvindo? Está me *ouvindo*, Sancia?

A voz dele parecia ecoar dentro da cabeça dela, tanto que parecia indistinguível dos seus próprios pensamentos.

Ela se sacudiu. *Foco*.

A sombra começou a andar de um lado a outro da parede novamente, os membros dele enormes e espectrais e distorcidos na superfície de madeira encharcada.

— Preciso que faça uma coisa, Sancia. Preciso que me conte onde *está* o construto. Sei que ela está machucada e fraca. Sei que ela provavelmente está presa em algum lugar físico real, se tivesse que dar um palpite. E preciso que você me diga onde é para que eu chegue até ela e a detenha antes que as coisas fiquem *muito* ruins. Então me conte, Sancia. Por favor. Para o seu bem e para o bem de todo o seu povo: onde está o construto?

Sancia ficou perfeitamente imóvel, fitando a sombra na parede. *Não fale outra vez. Não se vire. Não olhe para ele*.

— Você conhece o poder dela — falou Crasedes. — Você foi tocada por ela, alterada de formas que você sabe e ao mesmo tempo *não* sabe…

O coração dela enregelou. *O que diabos ele quer dizer com isso?*

— Mas, só porque ela modificou você, não significa que lhe deva alguma coisa. Ela já acha que você é uma ferramenta dela. Veja como fez você…

— O que quer dizer? — indagou Sancia, ainda de frente para a parede. — Como ela me fez?

A sombra se virou para ela.

— Bem… não posso dizer com exatidão. Porque aparentemente uma dessas modificações torna você muito, *muito* difícil para eu perceber. Ela… protegeu você. Ocultou você. Pretende transformar você em uma arma para ser usada contra mim. Você sabia que ela havia feito isso? Você *pediu* essa alteração?

Ela ficou calada.

— Achei que não tivesse — continuou ele. — Fico me perguntando que outros projetos estão ativos dentro dessa sua cabeça…

Sancia começou a tremer. *Ah, meu Deus*…

— Eu não queria que fosse assim — disse ele. A sombra na parede fez uma pose de contemplação teatral. — Não queria que ela fugisse. Não queria que usasse você. Com certeza não queria que todas aquelas pessoas a bordo deste navio morressem. Mas sabia que precisava fazer isso, Sancia. Está me ouvindo? — Mais uma vez, a voz dele parecia verter na mente dela como o oceano em maré alta, e ela achou difícil pensar. — Tive que fazer isso porque sabia que, se não estivesse aqui para detê-la, ela mataria mil vezes mais do que aqueles que pereceram aqui hoje à noite. Então precisei fazer uma escolha, uma escolha cruel, fria e monstruosa. Estou seguro de que você consegue compreender…

Ela ouviu a voz dele. Ficou muito difícil lembrar dos rostos dos escravizados mortos no piso do galeão. Ela não conseguia recordar a aparência das crianças, tão pálidas e tão imóveis… Ou será que houvera de fato alguma criança? De repente, ela não sabia.

— Vire-se, Sancia. Vire-se e converse comigo cara a cara. Quero dizer, olhe para este navio — sussurrou a voz dele. — Se eu quisesse matar você, bem… você estaria morta há *muito* tempo.

As palavras dele dançavam na superfície da mente dela. De súbito, pareceu-lhe um pedido tão razoável…

Sim. Vou fazer isso. Vou me virar.

Sancia se virou.

Ela ainda estava vendo o mundo com sua visão inscrita, então foi assim que o viu pela primeira vez, embora, ao se virar, de início não soubesse ao certo o que estava vendo.

Quando olhara para Clave e os outros dispositivos hierofânticos com a visão inscrita, eles sempre pareceram estrelinhas vermelho-sangue de brilho desagradável, mas essa coisa à sua frente com certeza *não* era uma estrela. Era como um gigantesco turbilhão carmim que rodopiava, uma impressão digital sangrenta pendurada no centro da abertura, uma violação tão imensa que era como se a própria realidade estivesse sangrando.

Mas ela também o viu com a sua visão normal. E isso não a confundiu menos.

Um homem pairava no ar de pernas cruzadas acima das ruínas. Vestia um

manto preto, um chapéu de três pontas e uma reluzente máscara preta: a clássica fantasia de carnaval de Papai Monção. Sua máscara era totalmente inexpressiva, apenas um rosto sem detalhes com buracos para os olhos; no entanto, Sancia não conseguia vislumbrar nenhum indício ou brilho de olhos atrás daquela máscara. Na verdade, não conseguia ver nada de pele nem um sinal sequer de feições humanas: todas as características humanas estavam cobertas por mangas, ou luvas, ou manto.

O homem flutuante fantasiado de Papai Monção inclinou a cabeça devagar.

— Pronto — disse Crasedes com sua voz profunda e fluida. — Não é tão ruim assim, é?

◆◆◆

Gregor olhou para a porta aberta. *Faz muito tempo que ela entrou lá. Faz tempo demais que ela entrou lá*.

— Não — falou Ofelia. — Não vá. Você ainda não o entende.

— Ela está em perigo? — perguntou ele. — Você a colocou em perigo também, mãe?

— Fique comigo — pediu ela. — Fique comigo e… e vou ajudá-lo a consertar você. Eu não queria que você fosse como é, Gregor. Nunca foi para ser permanente, você *precisa* acreditar em mim.

Gregor deu um passo em direção à porta, a espringal ainda apontada para a mãe.

— O seu pai… — Ela chacoalhou a cabeça. — Você não se lembra. Você não se lembra daquela época, e do que aconteceu com ele, e do que ele se tornou… e depois aconteceu o acidente da carruagem, e você e Domenico…

Gregor se virou, a espringal erguida.

— Vou atirar em você! — exclamou ele. — Vou atirar! Já ouvi mentiras suficientes, já… já morri vezes suficientes por você, não morri? Talvez você devesse descobrir qual é a *sensação*!

Ela o encarou, de olhos bem abertos e despreocupados. Ainda parecia estar em choque.

— O mundo está arruinado. Está desequilibrado. É um projeto mal planejado e mal executado. Você sabe disso, não sabe?

— Aqueles escravizados lá embaixo — disse Gregor. — Todas as pessoas nas lavouras. Na Montanha. Todos mortos. É, mãe. É, eu sei que o mundo está arruinado, e que foram pessoas como você que o arruinaram.

— Se você me deixar agora — falou ela, sua voz baixa e entrecortada —, não sei se algum dia vamos ser capazes de reconstruir você. Ela vale isso?

Ele olhou para ela pela mira da arma. Como parecia velha agora, como parecia pálida e enrugada e frágil.

Mas então sentiu um vento nas costas, uma brisa curiosa, e lembrou-se de Sancia, perdida na escuridão.

— Prefiro correr o risco de ter uma vida amaldiçoada — respondeu Gregor — e salvá-la a abandoná-la e ficar com aqueles que me amaldiçoaram em primeiro lugar.

Ele se virou e correu para dentro da escuridão.

◆◆◆

Crasedes não se mexeu quando Sancia olhou para ele. Nem parecia estar respirando. Pairava tão estático no ar que ela se perguntou se ele era talvez um fantoche ou um boneco. Não havia nenhum barulho a não ser o do vento e o do tamborilar das águas caindo nos andares esfacelados abaixo.

Então ele estendeu os braços para ela, suplicante, ainda suspenso em um raio de luar, sua máscara preta reluzindo, o átrio ecoando com a sua voz profunda e sonora. De repente, ela entendeu como os povos antigos haviam acreditado que ele era um deus.

— Isto… isto não é o ideal, claro — disse ele. — *Nada* disso é. A minha aparência… — Ele fez um gesto, mostrando a si mesmo. — Este navio. Aquelas pobres pessoas lá embaixo. Você e Gregor aqui… Nada é como eu gostaria que fosse. Mas estou aqui para ajudar. Foi por esse motivo que eu vim, por esse motivo que *sempre* estive aqui, Sancia. — Flutuou para baixo até os dedos dos pés tocarem o piso diante dela e eles ficarem frente a frente. — Mas não vou conseguir fazer isso sem você.

Uma voz se manifestou na mente dela: *Pare! Não dê ouvidos a ele! Fure os seus ouvidos se necessário, mas pare de ouvir o que ele diz!*

Ela sentiu a testa franzir de leve e começou a recuar.

— Você ainda não confia em mim? — indagou ele. — Depois que tudo o que eu disse? Estou preocupado que você não esteja me *ouvindo*, Sancia.

As palavras dele se dilataram na mente da garota, abafando todas as preocupações dela. Ele avançou na direção dela, andando pelo fragmento de piso em volta do buraco aberto.

— Você deveria. Nós temos muito em comum, ou, mais especificamente, *alguém* em comum. — Ele inclinou a cabeça, os olhos escuros e enormes na máscara. — Pois estou aqui para fazer a mesma coisa que desconfio que você queira fazer: ser ponderado e dar liberdade aos outros.

Sancia ficou paralisada. Era como se um sino houvesse tocado nas profundezas recônditas dos seus pensamentos.

— Não — sussurrou ela.

— Ele era meu amigo também — falou Crasedes. — Há muito, muito, *muito* tempo. Sei que está com ele, Sancia, e vou lhe dizer uma coisa: eu não me importo. Mas preciso perguntar: ele confiava mesmo em você? Ele contou o verdadeiro nome dele? Falou para você chamá-lo de… Clave?

Ela o fitou, sentindo-se muito zonza agora. Só ela e os outros membros da Periferia da Fundição sabiam o nome de Clave ou, na realidade, que ele já fora um ser humano.

— Ele falou, não falou? — continuou Crasedes. — Sei disso pela expressão nos seus olhos.

Ela se sentia enjoada, como se seu estômago estivesse cheio de relâmpagos, e não conseguia pensar. Simplesmente não conseguia *pensar*…

Mas, embora sua mente estivesse dominada, ela não pôde deixar de notar que algo muito estranho aparecera em sua visão inscrita.

Crasedes continuava parecendo um vórtice de vermelho-sangue infernal, mas havia algo mais ali que apenas a sua violação. Os braços e as pernas e o peito tremulavam em um tom desagradável de vermelho, e lá, encravada na mão direita, havia uma estrela vermelha brilhante.

A articulação, pensou ela. *O osso. É lá que ele fica. E o envoltório dele… a vestimenta no próprio corpo dele é o que o está mantendo vivo, convencendo o mundo de que ele nunca morreu*…

— Ele era meu amigo — disse Crasedes em voz baixa. — Gostaria que você fosse minha amiga também. Me conte, Sancia. Me conte: onde está o construto? Onde está ela? Me ajude. Você precisa me *ajudar*.

— Eu não sei — respondeu ela. A garota observou, impotente e horrorizada, as palavras saírem de sua boca.

Crasedes a analisou com atenção.

— Não sabe?

— N-não. Não sei. Ela… ela simplesmente apareceu para mim uma noite.

Pare! Pare, pensou ela, *pare, pare, pare! O que você está fazendo,* O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO?

— Entendo… — comentou ele em um tom suave. — Então talvez você possa me ajudar de outro jeito, Sancia. Me conte, onde está Clave?

As palavras quase saltaram de sua boca (*Está no meu sótão lá na Periferia da Fundição, tem um botão que eu preciso apertar para abrir o cubículo dele*), mas por pouco ela as barrou antes que fossem ditas.

— Sancia — falou Crasedes, avançando em direção a ela. — Você precisa me ajudar. Está me ouvindo? Para combater o construto, preciso ter Clave. Por favor, me *ajude*.

Mais uma vez, ela quase deixou escapar, quase gritou a resposta para as vigas do navio, mas conteve as palavras, pois não podia fazer isso com Clave, não podia desistir do amigo que a ajudara tanto tantas vezes.

O que estou fazendo? O que diabos estou fazendo?

Então lhe ocorreu outra coisa: *Talvez o primeiro dos hierofantes não tenha poder apenas sobre a gravidade dos objetos. Talvez também tenha controle sobre a gravidade dos* pensamentos.

Ela começou a suar frio. *Tenho que dar o fora daqui. Mas como?*

Então percebeu movimento atrás dele, vindo do fragmento de piso de onde ela acabara de vir, e teve uma ideia.

— Acho… — disse ela lentamente.

Ele a observou, seu corpo envolto em preto tão imóvel quanto uma estátua.

— Acho… que vou ter que pensar nisso — completou ela.

Ele não esboçou nenhuma reação. Apenas ficou ali, seu corpo de frente para ela.

— Acho que seria melhor se… se me deixasse ir embora — propôs Sancia. — Você precisa me deixar ir para eu poder pensar nisso e decidir qual vai ser a minha resposta. E eu *sei* que vai me deixar ir embora, claro. Porque sou de Tevanne, onde muitas pessoas poderosas dizem coisas admiráveis sobre salvar ou consertar o mundo, mas… quando finalmente têm que fazer isso, de repente a melodia do discurso delas muda. — Ela o olhou, a luz do luar tremulando nos ombros dele. — E com certeza o primeiro dos hierofantes não é como eles, é?

Crasedes a observou, seu semblante implacável, indecifrável. Ela começou a achar que ele não era uma pessoa, e sim um totem ou um peão que alguma outra coisa fazia se mover pelo mundo. Alguma coisa talvez do outro lado da realidade, se é que isso fazia sentido.

— Não — respondeu Crasedes.

Sancia esperou pela continuação.

— Não para… o quê? — perguntou ela.

Crasedes não se mexeu.

Então Gregor saiu de trás de uma coluna do outro lado da fissura no navio e disparou a espringal impressora.

Crasedes sequer desviou os olhos dela. Moveu rapidamente a mão direita e pegou o projétil de chumbo no ar como se fosse uma borboleta esvoaçando entre videiras de madressilva. O movimento foi tão anormal que parecia que deveria ter deslocado o ombro dele.

Ela o encarou, chocada.

— Não — respondeu Crasedes. — Não sou como eles, Sancia. Não sou *nada* parecido com eles. — Ele virou a cabeça devagar para olhar para Gregor. — Olá, Gregor — falou ele. — É muito bom ver você de novo.

Ouviu-se um terrível zunido abafado vindo de cima, à direita, e o teto e o piso e as paredes chacoalharam com uma série de pancadas estridentes, uma atrás da outra.

E então surgiram os estriladores.

Sancia se agachou e cobriu a cabeça quando as lanças de metal trespassaram os deques, precipitando-se em direção a Crasedes. Ela se preparou para uma explosão, preocupada com a possibilidade de que os estriladores pudessem se engavetar, quebrar e bombardeá-la com estilhaços mortais.

Mas não aconteceu nada.

Crasedes estava pousado sobre o piso, a outra mão estendida. Cinco estriladores pairavam a apenas alguns centímetros de sua mão aberta, ondeando no ar como pipas presas a um pedaço minúsculo de linha, suas pontas tão quentes e escaldantes que o ar úmido parecia queimar.

Ele virou o rosto mascarado de preto para Sancia.

— Vocês realmente não sabem o que estão fazendo — disse ele. O hierofante flexionou os dedos da mão e os estriladores entortaram e se curvaram ao redor de um ponto no ar, transformando-se aos poucos em uma bola deformada. — Sabem?

— *Dispare todos os tiros fedegosos!* — gritou Sancia.

Ela e Gregor ergueram as espringais e abriram fogo, atirando um projétil de chumbo atrás do outro em cima dele. Mas Crasedes estava pronto agora e calmamente os afastou com um peteleco, um a um, redirecionando suas trajetórias de modo que grudassem em colunas, pisos ou no distante deque superior mais acima. Saraivada após saraivada de estriladores estraçalharam o navio, deslocadas para esse ou aquele lado, e em pouco tempo a ruína no centro do galeão era como uma gigantesca exibição de fogos de artifício com metais quentes colidindo e borbulhando, salpicando os deques e as paredes com estilhaços violentos.

E, no meio de tudo isso, Crasedes fitava Sancia. Seu olhar implacável nunca desviou dela.

— Ela apenas vai matar todos vocês — falou ele. — Você sabe disso, não sabe?

Gregor jogou fora a impressora, desembainhou o florete, avançou correndo e saltou da borda do piso para mergulhar na direção de Crasedes, a espada posicionada bem alto.

— Hum — disse Crasedes, entediado.

Então Gregor simplesmente… ficou paralisado.

Ele pairava no ar, preso naquela posição com a espada erguida bem alto, meros trinta centímetros acima da cabeça de Crasedes. O hierofante contorceu um dedo preto e a lâmina do florete de Gregor se estilhaçou como se fosse de gelo.

Crasedes olhou para Sancia, seus olhos pretos vazios fixos no lugar onde ela estava.

— Preciso ter Clave de volta — falou ele, seu tom de voz ligeiramente

repreendedor.

— Vá se fedegar, seu…

Ele fez outro gesto com uma das mãos e Gregor foi alçado para cima e virado em um arco suave e perturbadoramente abrupto, os braços e as pernas fixos no lugar, como se não fosse um homem, mas uma marionete sendo posicionada no ar.

Mas seu rosto não podia se mexer. E Sancia podia ver que ele estava sentindo uma dor terrível.

Ela viu quando a carne dos braços e das pernas dele tremeu de um modo desagradável, como se grandes mãos invisíveis o estivessem pressionando, deslocando o corpo dele.

É a gravidade. Ele está… ele está ajustando a gravidade de Gregor, não está?

Crasedes a fitava com seus olhos vazios.

— Não quero fazer isso — disse ele com sua voz baixa e ressoante. — Mas preciso ter Clave de volta. Me diga onde ele está.

O ar pareceu flexionar. Sancia observou, horrorizada, o rosto de Gregor ficar bem vermelho. Ela podia ver as veias do pescoço e das bochechas dele, e ele começou a sufocar terrivelmente, a saliva lhe escorrendo da boca. Ela se perguntou se ele estava esmagando todos os órgãos de Gregor ao mesmo tempo.

— Não posso machucar você — continuou Crasedes. — O construto cuidou disso: muito inteligente da parte dela. Mas quanto a ele… eu posso machucá-lo. — Ele inclinou a cabeça. — E acho que nós dois sabemos que Gregor vai se recuperar. Você não diria que vai?

Sancia ficou olhando para Gregor (ou fez questão de mostrar que estava olhando). Com a mão direita, começou a se inclinar lentamente para o imperiato.

— Por quê? — perguntou Sancia. — Por que você precisa de Clave?

— Por quê? — retorquiu Crasedes. Ele soou perplexo. — Pelo mesmo motivo que me levou a *criá-lo*. Para consertar o mund…

Antes que ele pudesse terminar, Sancia pôs a mão dentro da caixa com o imperiato, encontrou a alavanca que controlava todas as inscrições ao redor dele e a empurrou até o fim: com sorte, matando a influência de Crasedes, quando não o próprio Crasedes, uma vez que, basicamente, ele não passava de uma inscrição gigantesca.

Ao fazer isso, porém, ela se deu conta de que também mataria tudo o que fazia o galeão flutuar.

De imediato, o navio inteiro tremeu. Crasedes cambaleou para trás como se alguém houvesse lhe dado um murro no estômago, depois caiu no assoalho. Gregor caiu e bateu na madeira. O turbilhão vermelho que indicava Crasedes na visão inscrita da garota foi desvanecendo até se tornar uma maligna centelha carmim.

— Um *imperiato*? — indagou Crasedes. Ele parecia profundamente insatisfeito, o que fez a parte da mente de Sancia que não estava enlouquecida de medo se sentir muito, muito feliz.

Mas ele não estava morto, ela notou. Estava ferido ou atordoado, mas continuava se mexendo.

— Você achou que isso ia me matar, não achou? — perguntou ele, ainda com aquela voz melíflua e uniforme. — Ah, Sancia, você não sabe que fui eu que *projetei* essa exata ferramenta?

O navio inteiro tombou para a direita e eles escorregaram e bateram na parede atrás dela. Por um instante, Sancia ficou pensando se Crasedes ainda estava fazendo alguma coisa com a gravidade, mas então percebeu: já que o imperiato acabara de desativar todas as inscrições que faziam o galeão funcionar, ele não sabia mais ao certo como ser um navio. O que significava que agora estava provavelmente se inclinando sobre o oceano, e talvez fosse emborcar a qualquer momento.

E, embora ela não se importasse com a ideia de prender Crasedes Magnus no fundo do mar, preferia não ficar presa com ele.

Ela se lançou para a frente, agarrou Gregor e o fez se levantar.

— Vamos, seu idiota! — gritou para ele.

Eles entraram correndo em um corredor ao acaso, fugindo para as entranhas do navio, que estava bem escuro agora, uma vez que Sancia acabara de apagar as luzes. Ela sentiu a inclinação sob os seus pés aumentando rápido demais para o seu gosto. Era uma das coisas mais desorientadoras que já experimentara na vida, agarrar-se ao caminho por esse navio gigantesco à medida que a gravidade oscilava para um lado e para o outro.

— Sancia — chamou Crasedes preguiçosamente —, só para você saber, realmente não é assim que eu queria que fossem as coisas…

Sancia tentou ignorá-lo, e ignorar os imensos rangidos, estalos e tremores que ecoavam pelo navio.

A inclinação mudou outra vez (estariam eles afundando no mar?), mas ela continuou tateando a parede, depois o corrimão de uma escada, abrindo uma porta desajeitadamente…

Olhou à frente com a visão inscrita em busca de uma escotilha, mas não havia nada, mas claro que não haveria nada: ela acabara de desativar todas as inscrições do navio. Não havia nada para ver.

Droga. Vou ter que desligar o imperiato para achar uma saída fedegosa daqui!

Ela cerrou os dentes e olhou para trás, para a escuridão. Se ativasse de novo as inscrições, então Crasedes os perseguiria, os pegaria, os mataria…

Então houve um estalo de alguma coisa nas profundezas do navio, seguido do som forte de algo jorrando, e de repente Sancia sentiu os pés e os tornozelos muito frios e molhados.

— Sancia! — gritou Gregor. — Ative esse maldito navio de volta!

— Merda — disse Sancia. Ela delicadamente tateou em busca do imperiato e baixou a alavanca.

Instantaneamente, a lanterna de Gregor voltou a acender. Eles estavam andando na água que vinha do corredor lá atrás. Alguma coisa chiou e rangeu e rilhou nas entranhas da embarcação: ao que parecia, o galeão não gostava muito de ser desativado e ativado outra vez.

E Sancia imaginou que o *lexicon* devia estar com dificuldades também. Os *lexicons* tinham de passar por uma sequência específica de "aceleração" de argumentos antes de aplicar os mais complicados, aqueles que de fato permitem que você infrinja as regras da realidade. Orso sempre falava que era um pouco como planejar uma rota marítima: antes de fazer isso, era preciso entrar em acordo sobre coisas básicas, como o que era água, e o que eram correntes, e como o vento funcionava, e assim por diante. *Erre a sequência de aceleraçã*o, dissera-lhe Orso, *e você vai zarpar sem saber como funciona uma maldita onda*.

Essa metáfora é infernalmente mais perturbadora, pensou Sancia enquanto o navio rangia à sua volta, *nas circunstâncias atuais…*

Ela flexionou a visão inscrita e avistou um pequeno emaranhado de lógica de

fechamento menos de um metro à frente.

— Ali! — gritou ela.

Eles avançaram correndo. Tudo se deslocou outra vez até que, de súbito, eles estavam tendo de subir uma inclinação acentuada.

— Merda! — gritou Sancia enquanto escalava uma parede, agarrando-se de escotilha em escotilha. Ela olhou para trás e o corredor estava virando devagar, até se tornar um abismo líquido e brilhante se estendendo lá embaixo. Se eles escorregassem, poderiam despencar, batendo nas bordas e quebrando os crânios, só para se afogarem nas águas escuras ali no fundo.

Enfim chegaram à escotilha, que agora dava para o céu. Sancia bateu uma das mãos descobertas nela.

<… *uuuuuuuuh algo está muito errado*>, disse a escotilha. <*Não é para abrir para cima. É para abrir para fora! Muito estranho isso. Preciso recalibrar e reexaminar os protocolos de segurança quanto a…*>

<*APENAS ABRA, SUA FILHA DA PUTA*>, gritou Sancia.

Ela colocou comandos suficientes no sentimento a ponto de subjugar a escotilha. Abriu-a com tudo e ela e Gregor rastejaram para fora, para o que normalmente seria o bombordo do casco, embora Sancia não soubesse ao certo se ainda poderia ser considerado bombordo, uma vez que agora apontava para o céu.

Eles se agacharam, agarrando-se ao casco escorregadio. O ar estava terrivelmente enfumaçado ali: ao que parecia, alguma parte do galeão pegara fogo, desorientada pela experiência de ser desativada e depois ativada outra vez.

— Dispositivos de navegação aérea! — gritou Gregor.

Eles tiveram dificuldade para pegar os pequenos paraquedas. Sancia mal teve tempo para refletir sobre a ironia daquela situação: ela usara uma versão daquele dispositivo para invadir a orla de Gregor certa vez, anos antes, onde acidentalmente destruíra muitos bens das casas comerciais. Agora ambos iam usá-lo para fugir após ter destruído um bem de uma casa comercial que era astronomicamente mais caro que a orla.

Os dois arrumaram os paraquedas, seguraram-se nas barras com as placas inscritas e os acionaram. De imediato, foram arrastados pelo ar. Sancia gritava enquanto se esforçava para se segurar (suas mãos estavam encharcadas), mas então

viu o minúsculo barquinho de pesca deles surgindo entre as borrifadas e as ondas escuras e a fumaça do galeão. Seu coração acelerou um pouco ao vê-lo.

Estamos quase lá! Quase lá!

Mas então eles deram um solavanco muito, muito violento. E depois começaram a cair.

Sancia percebeu o que estava acontecendo no mesmo instante. As inscrições do dispositivo de navegação aérea só funcionavam porque estavam perto do *lexicon* do galeão. Mas o galeão estava afundando e, à medida que fosse inundado pela água do mar, o *lexicon* lá dentro inevitavelmente falharia, o que significava que os dispositivos de navegação aérea parariam de funcionar também. Então os dois despencariam no mar.

E foi isso o que aconteceu.

Gregor e ela caíram nas ondas a uns noventa metros de distância do barco de pesca. Juntos jogaram fora o paraquedas e começaram a nadar.

— Livre-se do seu equipamento! — berrou Gregor. — Livre-se de tudo e fique boiando!

— Estou fazendo isso! — Ela soltou a espringal, a impressora e o florete. A única coisa que não jogou fora foi a caixa com o imperiato.

Ela olhou para o galeão, que emborcara de lado sobre as águas como uma espécie de grande monstro marinho. O que teria acontecido com o que restara da tripulação e com a mãe de Gregor? Teriam conseguido chegar às chalupas?

— Certo — disse Gregor, arfando. — Agora, vamos nadar juntos e, se quisermos descansar, podemos flutuar de costas para… *Ahhh, cuidado!*

— Hein? — falou Sancia. Então sentiu a enorme onda às suas costas, e ela e Gregor foram arremessados para a frente, empurrados para longe do galeão enquanto davam cambalhotas na água.

Por um momento, ela teve certeza de que se afogaria (nunca fora uma boa nadadora), mas lutou para voltar à superfície, emergiu da água e respirou em grandes e arfantes golfadas de ar.

— *Sancia? Gregor? São vocês?*

Sancia começou a gritar "*Somos!* " assim que ouviu a voz de Orso. Ao que parecia, a imensa onda os havia jogado para mais perto do barco de pesca. Exaustos,

ela e Gregor bateram os pés e nadaram pelas águas escuras. Era difícil não entrar em pânico (toda vez que ela achava que estavam próximos do barco, ele parecia estar se afastando), mas por fim Orso e Berenice estenderam uma vara comprida usada para pegar caçarolas de listrado, à qual ela e Gregor se agarraram, e eles foram puxados.

Subiram no barco e se deitaram no chão, tentando respirar.

— O que diabos aconteceu? — perguntou Orso. — O plano… o plano funcionou? Vocês os impediram?

Sancia chacoalhou a cabeça.

— N-não — respondeu ela, tossindo. — Não. Ele… ele voltou. Ele *voltou*.

— Ah, meu Deus — sussurrou Berenice.

— Mas… como? — indagou Orso. — Não é nem meia-noite ainda. Como pôde ser feito?

— Porque ele sabe como inscrever o tempo — explicou Sancia. Ela fungou e cuspiu, e então lembrou.

Eles ainda poderiam tirar alguma vantagem daquilo: ela pegara todos os pergaminhos com as instruções sobre como inscrever o tempo.

Sancia pôs a mão no bolso, mas não sentiu nada além de uma pasta. Tirou aquilo do bolso e resmungou ao ver a massa liquefeita de pergaminho grudando em sua mão. Devia ter se desfeito nas águas do oceano.

A garota jogou fora aquela papa e soltou um palavrão, furiosa.

— E nós não temos nada.

— T-talvez ele não sobreviva — sugeriu Orso em desespero. — Talvez esteja preso no galeão. Quero dizer, olhe para o navio: está afundado como uma pedra!

— Está mesmo? — retorquiu Berenice, observando o naufrágio.

Gregor e Sancia se sentaram e olharam para a vista defronte a eles.

Impossivelmente, o galeão parecia estar se endireitando lentamente, soerguendo-se para flutuar pelos mares na vertical.

Ou… estaria sendo empurrado?

— Alguém pegue uma luneta para mim — falou ela com uma voz rouca. — Agora.

Orso lhe entregou uma. Ela pôs a luneta diante do olho e espreitou a forma escura do galeão se levantando das águas. Forçou a vista e o examinou, e então o

viu.

Um pequeno vulto preto pairando logo ao lado da popa, erguendo o navio devagar, movendo aquela embarcação imensa como se não passasse de um brinquedo.

— Sancia — disse Gregor baixinho. — É… É o…

— É — respondeu ela. — Vamos dar o fora daqui. E descobrir um jeito de entrar em contato com Valeria.

Gregor assumiu o leme. As velas pegaram vento e eles começaram a voltar para Tevanne.

— Para falar o que para ela? — perguntou Berenice.

— Que nós falhamos — falou Sancia. — Que Crasedes Magnus está vivo mais uma vez.

◆ 10

Ofelia Dandolo tentou não tremer enquanto desembarcava do galeão arruinado, descia pela passagem de corda e entrava na pequena caravela da Dandolo.

A tripulação da caravela não se deu ao trabalho de esconder o choque e o desânimo causados pelo estado da embarcação. Ela não podia culpá-los. Fazia mais de dez anos desde a última vez que alguém conseguira afundar o galeão de uma casa comercial. Eles deveriam ser invulneráveis, mas este parecia ter sido monstruosamente triturado.

— Mais alguém… mais alguém vai se juntar a nós, senhora? — perguntou o capitão da caravela. Ele lançou um olhar para o galeão rangente e fumacento.

— A maior parte dos tripulantes já está em segurança — disse ela em voz baixa. Seus olhos ficaram vagando pelo céu do amanhecer até avistarem um minúsculo ponto preto bem, bem alto sobre o galeão. — E se mais alguém for se juntar a nós, capitão… acho que não precisamos esperar por ele.

— P-perdão, senhora? — retorquiu o capitão.

— Deixe para lá. Vamos embora.

Eles recolheram a ponte de corda e se afastaram rápido, seguindo em direção a Tevanne.

Ofelia foi até a proa e ficou olhando para o mar aberto. Lembrava-se do rosto de Gregor, de sua postura, do modo como apontara sua arma para ela…

Prefiro correr o risco de ter uma vida amaldiçoada, dissera ele, *e salvá-la, a abandoná-la e ficar com aqueles que me amaldiçoaram em primeiro lugar*.

Ela observou as águas escuras fluindo sob a proa do barco.

É isso o que ele pensa de mim? Que eu o amaldiçoei?

Ele entendeu tudo errado, pensou ela. Ele não faz ideia.

Mas eu não o amaldiçoei. Eu o salvei.

Ouviu-se uma série de estalos distantes vindos de algum lugar atrás deles.

E eu desisti de tanta coisa para fazer isso…

Os estalos se transformaram em rangidos e crepitações estrondosos. Ofelia e a tripulação olharam para trás, alarmados, e viram o galeão afundando rapidamente no mar. Era como ver uma ilha despencar de repente nas profundezas.

— Eu o mantive de pé enquanto pude — falou uma voz baixa e sonora às costas dela. — Com sorte, não vai lhe causar mais problemas do que já causou…

Ela sentiu um espasmo de náusea no estômago e se virou devagar para encontrá-lo de pé na proa perto dela, olhando para o oceano aberto diante deles, os olhos pretos e vazios da reluzente máscara preta fixos no horizonte.

— M-meu Profeta! — exclamou ela. — Como chegou aqui?

Ele se virou lentamente para fitá-la.

— Rápido.

Ela não sabia ao certo o que dizer. Como era estranho ouvir a voz que vinha lhe sussurrando pelos últimos três anos emanando dessa figura vestida com uma fantasia preta de carnaval, de pé no convés, com as mãos cruzadas atrás das costas. Vê-lo ali, vivo, alerta e *real*, e ver as obras que ele podia fazer, era algo que ela ainda estava se esforçando para compreender.

Ele se virou muito de leve para trás para olhar para o galeão, ou qualquer parte dele que ainda estivesse visível. Ela sentiu a pele arrepiar. Se ao menos conseguisse ver algum sinal dos olhos dele…

Mas então ele falou e todas as preocupações dela desvaneceram.

— Quero me desculpar pelo modo como tudo se deu, Ofelia — começou ele. — Não foi… como eu pretendia ou desejava, para dizer o mínimo. Você me ajudou muito nos últimos anos. Eu teria garantido que você tivesse recebido um tratamento melhor que esse.

— O-obrigada, Meu Profeta — respondeu ela.

Ele ergueu a face para o céu, a máscara preta resplandecendo ao sol do amanhecer.

— Mas é bom estar de volta. É bom persistir neste mundo por mais uma manhã, não importa em que condição eu esteja. E nós temos *tantas* obras a realizar.

— O… O Gregor… Ele conseguiu sair do…?

— Ah, ele sobreviveu — contou ele. — Tanto ele como Sancia. — Inclinou a cabeça. — Ela é… uma coisa muito engenhosa. Mas ainda não tem ideia do que o construto fará com ela… ou do que já fez. Isso pode ser útil. — Olhou para ela. — Ele veio até você? Você o viu?

Ela fez que sim com a cabeça.

— O que ele falou?

— Ele ameaçou me matar. Eu… eu sabia que o nosso esforço ia exigir muito de nós, Meu Profeta. Mas devo admitir… nunca imaginei que o meu próprio filho fosse ameaçar me matar.

— Não… Não, isso é lamentável — comentou ele. — Prometi que devolveria o seu filho para você, Ofelia, em troca de todo o seu trabalho. E eu não quebro promessas. Mas é lamentável que, para consertar um mundo monstruoso, seja preciso se tornar um pouco monstruoso por conta própria.

Juntos eles contemplaram a cidade quando ela despontou. As imensas baterias costeiras se erguiam sobre a entrada da baía, os conjuntos maciços de estriladores cuidadosamente acompanhando o avanço da caravela. Em seguida, viram os muros do campo, altos e lisos e brancos, e dentro deles os pináculos e as torres dos campos, todos muito iluminados com incontáveis cores.

Ofelia não tinha cabeça para nenhuma dessas coisas, e sabia que tampouco seu convidado. Em vez disso, os dois olharam para a enorme cúpula preta no distante centro da cidade, sua coroa agora rachada e desmoronando, suas paredes encardidas de poeira.

— O local ainda não está em nosso poder? — perguntou ele.

— Achei mais sensato dedicar os nossos recursos à sua restauração, Meu Profeta — respondeu ela.

— Bem. Não posso censurar você por isso, claro… E duvido que a posse seja um problema. Sempre me achei um negociante muito convincente. — Deu um ligeiro suspiro e fitou o horizonte irregular de Tevanne enquanto navegavam até o porto. — Como é difícil mudar o mundo. É preciso ter ferramentas poderosas para sair por aí fazendo isso. E, quando você não tem ferramentas — ele se virou para a Montanha dos Candiano —, você tem que improvisar.

◆ II

O rei velado

◆ 11

Sancia acordou e viu uma gigantesca água-viva roxa surgindo de uma rua das Áreas Comuns.

Olhou para aquilo de onde estava, piscando. Era de manhãzinha, o ar estava quente e úmido, e ela estava deitada de lado na terra molhada. Até sabia onde estava: perto das Encostas, ao longo do canal. E, no entanto, o que via era verdade: havia definitivamente uma grande água-viva em um tom vivo de roxo surgindo de uma rua das Áreas Comuns. Ela ficou pensando se teria machucado a cabeça durante a loucura da noite anterior, ou se enlouquecera, ou talvez estivesse sonhando.

— O quê… — resmungou ela. — O que exatamente estou vendo agora?

— Parece — respondeu uma voz áspera ali perto — uma grande… lanterna roxa de água-viva. Mas não tenho ideia do porquê.

Ela se sentou, olhou ao redor e fez um esforço para se orientar. Estava em algum tipo de acampamento nas Áreas Comuns, um que não reconheceu de imediato. Tampouco reconhecia qualquer uma das pessoas acordando e andando à sua volta, acendendo fogueiras e fervendo água.

Então viu a marca no braço de alguém, indicando que ele era propriedade da Ilha de Ontia, e se lembrou.

— Ah — disse ela. A garota esfregou os olhos. — Certo. Está certo.

— Sim — falou a voz áspera de algum lugar próximo. Polina Carbonari estava encostada em uma pilha de caixas, fumando um cachimbo e observando a gigantesca lanterna roxa de água-viva se elevar ao céu. Ela voltou seus olhos firmes de um cinza ferroso para Sancia. — Vocês ainda são meus convidados. Em tempos muito estranhos, ao que parece.

Sancia fez um esforço para se levantar e aos poucos se lembrou da viagem de volta para Tevanne. Tudo havia sido tão surreal: tentar combater a histeria para contar a Orso e Berenice o que acontecera a bordo do galeão; espreitar o céu noturno, convencida de ter avistado Crasedes voando atrás deles como uma mosca preta; e depois, quando se aproximaram da costa, perceber que a Periferia da Fundição não seria mais segura para nenhum deles, já que tanto Ofelia Dandolo quanto Crasedes Magnus sabiam exatamente quem eles eram e onde dormiam.

Então Gregor os conduzira ao acampamento dos contrabandistas. *Polina me deve um favor*, explicara ele. *Eu contei para eles onde os Dandolo guardavam um estoque de armas muito grande e muito secreto nas lavouras. Ela ainda não me pagou esse. Pode nos abrigar hoje à noite.*

Sancia passara a noite toda no acampamento, acordada, sentada na terra com Berenice por perto, balançando-se para a frente e para trás e esperando por alguma coisa. Que Crasedes chegasse, que o apocalipse chegasse ou que Valeria se manifestasse à sua frente para lhe dizer que falhara.

Mas não tinha acontecido nada. Ela devia ter desmaiado de pura exaustão. Não conseguia entender por que eles a haviam deixado dormir.

— Está se sentindo melhor? — perguntou Polina.

— Não — respondeu Sancia. Ela estalou as vértebras inferiores da coluna, gemendo. *Estou ficando velha demais*, pensou, *rápido demais*. — Onde diabos está Berenice? E Orso?

— Por aí, conversando bastante — falou ela com um suspiro. — Como parece ser o hábito dele. Se quiser vê-los, foram por aqui.

Ela conduziu Sancia pelas margens do canal e pelo meio do acampamento. Estava totalmente irreconhecível à luz do dia. Enquanto andavam, Polina viu outra lanterna flutuante se juntar àquela que parecia uma grande água-viva roxa.

— Então… isso é o carnaval — comentou ela.

— É — retorquiu Sancia. Ela tentou se lembrar do que haviam contado a Polina na noite anterior. Será que Gregor ou Orso tinham explicado o que diabos acontecera a bordo do galeão? E, em caso positivo, será que ela havia acreditado?

Polina examinou a lanterna com a expressão de alguém a quem fora apresentado um prato considerado totalmente reprovável.

— Todo mundo faz lanternas grandes… para as monções? — indagou ela, duvidosa.

— Faz — respondeu Sancia.

— Por quê?

— Ao que parece, uma estação de monções uns cem anos atrás arrasou a cidade inteira. Então agora eles fazem um grande carnaval antes das monções, comendo e bebendo tudo o que quiserem, porque você pode morrer quando chegarem as tempestades. As lanternas são todas lembretes do que está por vir. Embora eu ache que a cidade está muito mais bem construída hoje em dia. — Ela avistou um cortiço vacilante. — Ou pelo menos partes dela estão.

— E então, no final, chega o demônio?

— Nas histórias e peças de teatro, sim — disse Sancia. — Noite Shorefall, a noite da queda das margens. Quando chegam as tempestades, trazidas pelo…

Um lampejo da noite anterior: Crasedes, vestido de preto, flutuando nas sombras.

Oi, Sancia.

Ela estremeceu.

— Pelo Papai Monção? — perguntou Polina.

— Isso.

Elas viraram uma esquina e a imensa tenda surgiu à frente.

— É lá que eles estão? — perguntou Sancia.

— É. Eles estiveram conversando e debatendo pelas últimas horas. Compartilhando os segredos deles. Acharam prudente deixar você dormir.

— Estou agradecida — falou Sancia, esfregando os olhos. Tinha a sensação de que poderia ter dormido mais dois dias. — Eu acho.

— Agora — disse Polina. Ela se virou para encarar Sancia, seus olhos pétreos fitando-a com tanta firmeza que praticamente machucavam. — *Você* vai me contar o que aconteceu no galeão? Porque, apesar de você e Gregor e os outros inscritores terem chegado cambaleando, agindo como se o céu estivesse prestes a cair, implorando por abrigo, ninguém me contou *do que* vocês precisam se abrigar.

Sancia ficou pensando no que dizer. Ela mal sabia descrever para si mesma o que acontecera, menos ainda para alguém que sabia pouco sobre inscrições ou

hierofantes.

— Se não for falar — continuou Polina —, então vou adivinhar. Vocês tentaram sabotar algum tipo de conspiração de uma casa comercial.

— Sim — respondeu Sancia.

— E presumo que as coisas tenham dado errado.

— É.

— E os escravizados a bordo?

Sancia hesitou. Seu corpo estava doído de dormir no chão, e ela estava morrendo de fome e fedia a água do mar e suor. Não estava com paciência para jogos, então escolheu não jogar.

— Eles os mataram — contou ela.

Polina ficou pálida.

— O-o quê? *Todos* eles?

Sancia aquiesceu sombriamente.

— Quantos havia?

— Pelo menos cem.

— E as mulheres? E… e as crianças?

Sancia chacoalhou a cabeça.

— Mas… pelo amor de Deus, por quê?

Sancia pensou um pouco.

— Se eu dissesse que era a merda de um esquema de uma casa comercial — retorquiu ela —, você acreditaria?

Múltiplas emoções passaram pelo rosto de Polina.

— Acreditaria — respondeu ela enfim. — E não acreditaria. Preciso saber mais. Droga, garota, tenho que saber *por que* eles morreram. E se vão matar mais.

Sancia chegou à entrada da tenda, depois vasculhou nervosamente o céu, meio que esperando ver um homem de preto flutuando de pernas cruzadas pelo ar.

— Para ser perfeitamente franca, Polina — disse Sancia —, mais pessoas vão morrer. Não posso garantir que serão escravizados. Mas tenho certeza absoluta de que mais pessoas vão morrer.

Ela se virou para entrar na tenda. Então Polina estendeu rapidamente a mão e a agarrou pelo braço.

— Você diz isso com tanto arrependimento — comentou ela. — Mas não com raiva. Não com ira. Quando vai perceber que esta cidade fica contente de adquirir um metro de terra com um rio do nosso sangue? Quando você vai enxergar que essas pessoas *nunca* serão convencidas a mudar?

— Eu tenho um monte de pesadelos e problemas para resolver — retrucou Sancia. — Não preciso da sua maldita propaganda de guerra, muito menos agora.

— Talvez, se tivesse travado uma guerra antes — argumentou Polina —, não estaria no lugar onde está agora e todas aquelas pessoas ainda estariam vivas.

Ela soltou Sancia e se afastou.

◆◆◆

— … filtrar no campo Dandolo simplesmente não é uma opção — estava dizendo Berenice dentro da tenda. — Duvido que algum de nós tenha contatos próximos a Ofelia Dandolo.

— Verdade — admitiu Gregor. — Mesmo quando ainda estava nas graças dela, eu raramente sabia quais eram as intenções da minha mãe.

— Mais especificamente — pontuou Orso —, como sabemos que *Ofelia* sabe o que Crasedes vai fazer ou o que ele quer? Parece que, quando você a encontrou a bordo do galeão, as coisas não haviam saído exatamente como ela havia previsto…

— Eu que o diga — murmurou Sancia, cambaleando para dentro.

— Ahh! — exclamou Orso, virando-se no chão onde estava sentado. — Finalmente acordada. Suponho que você tenha notado que o mundo ainda não acabou. Acho que Crasedes não fez progressos nesse quesito. — Ele se levantou de um salto, caminhou a passadas largas e se curvou para examinar os olhos dela. — Diga — pediu ele. — Algum contato da sua amiguinha dourada?

Sancia ainda estava abalada com a conversa que tivera com Polina, então demorou um pouco para se concentrar no que ele estava falando.

— Valeria? — perguntou ela. — O que diabos você quer dizer?

— A última vez que ela conversou com você foi durante o sono — comentou Berenice. — Ela parece ter mais… acesso a você, acho que devo colocar dessa maneira, enquanto você está dormindo. Esperávamos que ela falasse com você.

— Então imagino que isso seja um *não*? — disse Orso.

Sancia chacoalhou a cabeça.

— Filha da puta! — vociferou ele. O inscritor começou a andar de um lado a outro na minúscula e abarrotada tenda. — Deixamos você desmaiada na terra durante horas e não conseguimos nada com isso! Como diabos vamos entrar em contato com ela? Valeria é a única pessoa, ou entidade, ou o que diabos ela for, que poderia nos dizer o que Crasedes está fazendo!

— Ele quer o Clave — falou ela. — Eu contei para vocês ontem à noite. E saber que ele está preso no nosso maldito sótão me deixa *realmente* muito nervosa! Crasedes poderia simplesmente voar até lá, destruir o telhado e pegá-lo!

— E, no entanto — interveio Gregor —, ele não pegou. Paguei alguns colaboradores de Polina para vigiar o lugar. Crasedes ainda não apareceu, nem ninguém da Dandolo.

— Foi isso o que debatemos a manhã inteira — completou Berenice com um bocejo — e a maior parte da noite, na verdade. O que ele veio fazer aqui? E, se ele consegue fazer quase qualquer coisa, por que não se mexeu ainda?

Seguiu-se um período de silêncio. Sancia caminhou devagar para se sentar ao lado de Berenice e estremeceu um pouco. As lembranças da noite anterior (a voz no escuro e a imensa pressão da presença dele) começaram a envolver seus pensamentos, e ela fez um esforço para afastá-las.

— Você não estava em condições de discutir ontem à noite — disse Orso. — Mas, por favor, conte-nos tudo o que vivenciou com relação a Crasedes. Qualquer fraqueza, qualquer característica poderia ser útil.

Ela pensou no assunto, recordando a imagem do corpo dele em meio às sombras, sua máscara reluzindo sob a luz do luar, os ossos dela reverberando com o som da voz dele.

Sancia contou para eles. Quando terminou, comentou:

— Ele… fala mais do que pensei que falasse.

— O que isso significa? — perguntou Orso.

— Quero dizer que ele é… persuasivo. Ele tem um poder *imenso* sobre a gravidade, o que todos nós sabíamos. Mas a voz dele… talvez a voz seja a coisa mais perigosa nele. Quanto mais eu ouvia, mais acreditava em tudo o que ele dizia. Acho que o único motivo para eu conseguir resistir foi… bem, ao que parece, Valeria me

deu algum tipo de proteção contra ele.

— É — disse Orso, fazendo uma careta. — Muito proativo da parte dela. Imagino que seja parecido com a maneira como nós inscrevemos os objetos para rejeitar certa pessoa falando para uma porta: "Se *essa* pessoa com *esse* sangue vier, não abra". Só que ela fez isso com a sua maldita cabeça e falou para ela rejeitar o primeiro de todos os hierofantes fedegosos. — Ele deu uma risada triste. — Me desculpem, é que esta é a conversa mais louca que já tive na vida…

— Mas acho que aquela coisa de preto… — continuou Sancia. — Não tenho certeza de que seja mesmo *ele*. Acho que ele está usando um corpo vivo como vestimenta, ou como totem, fazendo-o de marionete. Eles apenas fizeram o mundo acreditar que o corpo vivo é *ele*, inscrevendo o envoltório e colocando o ossinho na mão do corpo.

— Quer dizer que você acha que o corpo já foi uma pessoa viva? — indagou Berenice, horrorizada.

— É, provavelmente. Talvez o de um escravizado. Acho que o corpo é como um… um ponto central para a presença dele e para as permissões. Se a gente destruir o envoltório ou tirar o osso dele… talvez se disperse e ele volte a ser… o que diabos era antes. Não morto, mas quase isso.

— Não sei ao certo como poderíamos tentar fazer isso — comentou Gregor. — Ele cuidou muito bem de uma surriada de estriladores, e eu não consegui chegar perto dele com o meu florete.

— Talvez Valeria saiba — opinou Sancia. — Se eu conseguir encontrar um jeito de ela falar comigo outra vez…

Orso parou de andar de um lado para o outro e estreitou os olhos, pensando.

— Alguém achou engraçado que Valeria só tenha aparecido uma noite antes da chegada do navio de Crasedes?

— Eu não achei engraçado — respondeu Gregor. — Na verdade, definitivamente não achei nada engraçado.

— Não, quero dizer, o navio estava no mar fazia *dias*. Eles devem ter encontrado o… o… o que era?

— Um pedaço dos ossos originais de Crasedes — falou Sancia. — Eu acho.

— Eca. Certo. Isso. Eles devem ter encontrado essa coisa dias ou *semanas* atrás.

E é óbvio que ela soube de alguma forma, ou sentiu, ou algo do tipo. Então por que esperar até o último minuto para nos contar? — Ele girou sobre os calcanhares como um dançarino, o rosto radiante de entusiasmo. — A menos que algo tenha mudado. Não com Crasedes, mas com Valeria e a habilidade dela de ter acesso a *Sancia*.

Berenice esfregou o queixo com a ponta do dedo anelar.

— Os *lexicons* duplicados…

— Exatamente! — exclamou Orso. — O que mais poderia ser?

— Posso pensar em muitas outras coisas — disse Gregor, impaciente. — Por favor, expliquem.

— Valeria é como… como uma inscrição gigantesca, certo? — começou Orso. — Com base no que Clave contou para Sancia, ela é como um enorme comando emitido para a realidade, ordenando que se altere. No passado, ela era capaz de mudar… inferno, não sei, todo tipo de coisa. Não importa. Mas você falou no outro dia que ela parecia danificada quando conversou com você no sonho…

— É — confirmou Sancia. — Ela disse que estava fraca demais para enfrentá-lo sozinha.

— Então, se você fosse uma inscrição danificada que quisesse fugir de toda aquela realidade a lhe encurralar, asseverando que você *não* era verdade e que não tinha que lhe dar ouvidos, para onde iria?

— Para… onde a realidade fosse mais fraca? — arriscou Gregor.

— E onde seria isso? — retorquiu Orso, tão convencido que era quase insuportável. — Ora, perto de um *lexicon*, claro! Onde estão compilados milhares de argumentos, tornando a realidade muito tênue e maleável! Para algo como Valeria, um *lexicon* deve ser como uma poça d'água no deserto. E, quando os Michiel usaram a nossa técnica para duplicar *todos* os berços de *todos* os *lexicons* ao mesmo tempo…

— Então, se ela estivesse perto de um *lexicon* da Michiel, de repente seria capaz de… de se locomover — completou Sancia. — Ela poderia saltar de um *lexicon* para outro. E na Periferia da Fundição… meu Deus, deve ter sido como se nós tivéssemos aberto uma maldita porta para ela no nosso porão!

— E depois ela escapou à noite — disse Orso — e sussurrou no seu ouvido

enquanto você dormia. E bem a tempo: se tivéssemos roubado os Michiel um dia depois, Crasedes teria aparecido firme e forte e matado todos nós sem que tivéssemos levantado uma mão contra ele. Não que a gente possa, sabe, fazer muita coisa contra ele agora.

— Então… precisamos chegar perto da Periferia da Fundição para conseguir conversar com ela? — perguntou Berenice. — Não tenho certeza de que isso é prudente. Mesmo que ninguém tenha invadido ainda, eles devem saber que precisam vigiar o local.

— Não — respondeu Orso. — Nós só precisamos chegar perto de uma *fundição da Michiel*. Acredito firmemente que Valeria está em uma delas, o que significa que deve estar em todas, porque eles estão usando a nossa maldita técnica de duplicação! Talvez seja tão simples quanto levar Sancia para perto do trecho certo do muro da Michiel, bater na cabeça dela e mandá-la para a fedegosa terra dos sonhos!

— Só que a minha cabeça é valiosa demais — contestou Sancia.

— Mas podemos usar veneno de dolorspina para colocar você para dormir por uma hora, mais ou menos — falou Berenice. — Isso… pode funcionar.

— Então vamos! — sugeriu Orso. — Com sorte, antes que um maldito hierofante comece a destruir a cidade.

◆◆◆

Gregor procurou Polina antes de irem embora. Encontrou-a ao lado das saídas do acampamento, observando seus contrabandistas carregarem as mercadorias para as negociações do dia: em carrinhos, em cestas, em pacotes às costas. Ela contava cada bolsa, cada garrafa, cada saco e cada caixa. Nada escapava ao seu olhar atento.

Que contramestre ela daria, pensou ele, *se fosse para a guerra*. Mas ponderou que ela estava em guerra à sua própria maneira.

— Polina — disse ele. — Você não deveria mandá-los sair hoje.

Ela olhou para ele por sobre o ombro.

— O quê?

— Os seus vendedores, os seus comerciantes. Você não deveria mandá-los sair hoje.

— Gregor… será que a gente pode ter *uma* conversa sem esses seus enigmas de merda?

Por um instante, ele fez um grande esforço.

— Uma coisa horrível veio para a cidade. Foi a minha mãe que a trouxe para cá. Não sei o que vai acontecer, mas… não pode ser bom. Você deveria retirar o seu pessoal. Eles vão ser mais úteis em casa agora.

Ela estreitou os olhos para ele, depois olhou para o contrabandista à sua frente, contou as mercadorias dele e fez um aceno breve.

— Perigoso, hein?

— É.

— Mais perigoso do que, digamos, o império mais rico do mundo fazendo tudo o que pode para nos matar a qualquer momento?

— Polina… não estou brincando.

— Nem eu. Acha que sou tola? Viemos para este lugar esperando a morte, Gregor. Se ela vem por uma flecha inscrita ou por alguma contorção do mundo causada pela sua magia horrorosa, não faz diferença. — Ela suavizou o olhar quando viu a expressão dele. — Você não percebeu? É por isso que vamos ganhar.

— O que quer dizer?

— Eu não vim aqui para contrabandear ou roubar. Vim para este lugar para dar o meu tempo, a minha vida, para que outros possam desfrutar do que eu tenho.

Ela tocou o rosto dele muito rapidamente, os nós dos dedos delineando a bochecha dele, e seus olhos se cruzaram por uma fração de segundo.

Ela deixou a mão cair.

— Bem. É época de carnaval — disse ela, verificando a mercadoria de novo enquanto outro comerciante partia. — Tenho muito vinho para vender e vidas para salvar.

Ele voltou para os outros membros da Periferia da Fundição, chacoalhando a cabeça.

Que mulher malditamente teimosa.

◆ 12

Eles entraram nas Áreas Comuns, passando por fileiras de debulhadores de ostras, por uma firma da Terra das Lanternas que vendia lanternas inscritas em miniatura para o carnaval, por uma matilha de cães selvagens que perseguiam macacos cinzentos pelas vielas, por uma mulher que tocava flauta quadrada enquanto as pessoas lhe jogavam moedas. Tudo parecia imensamente surreal para Sancia, considerando o que vivenciara na noite anterior: todos aqueles acontecimentos cotidianos, e ninguém sabia o que acabara de chegar.

Berenice evidentemente pensava o mesmo, dizendo:

— E pensar que ele está aqui… E pensar que um *hierofante* está aqui na cidade e todo mundo continua vivendo normalmente…

Sancia olhava para os pés enquanto andava, o rosto sombrio e determinado.

— O que há de errado? — perguntou Berenice. — Além do óbvio.

— Nós devíamos estar melhorando as coisas — disse Sancia. — Era para estarmos *ajudando*. E agora estamos envolvidos nisso. Toda vez que tentamos fazer progresso, eles mudam o jogo para a gente. Eles mudam as regras como querem. — Ela viu quando a matilha de cães pegou um macaco cinzento e o estraçalhou de imediato enquanto ele gritava. — Talvez façam isso para sempre.

Eles continuaram andando pelas ruas da Valeta Velha, depois passaram pelo Visgo, até avistarem os muros do campo Michiel se erguendo apenas algumas ruas adiante. Sancia podia ver as baterias de espringais girando para um lado e para o outro lá no topo.

— Então… a que distância precisamos chegar mesmo? — perguntou ela.

Berenice vasculhou a bolsa e pegou uma luz inscrita.

— Eu usei uma sequência da Michiel um tanto fora do comum nisso aqui —

falou ela —, uma que tirei das definições que roubamos na outra noite. Ela só deve acender quando chegarmos perto o suficiente de uma fundição da Michie… Ah! — A luz começou a brilhar com uma luminescência semelhante à luz do dia. — Pronto. Estamos dentro do alcance.

Orso olhou para Sancia.

— Está sentindo alguma coisa? — indagou ele.

Sancia deu de ombros.

— Fome, principalmente.

— Então não é só proximidade. Deve ser proximidade *e* sono. Ótimo. Gregor, por favor.

Gregor pegou um dos dardos de dolorspina dela.

— Não sei muito bem como regular a dose. Você não pode ficar apagada o dia todo.

Sancia pegou o dardo da mão dele.

— Esses são bem velhos, então duvido que estejam tão potentes. Afinal, não tive a oportunidade de realizar muitos roubos ultimamente. Talvez se eu só lamber a ponta de um… Hum. Nunca experimentei isso pela via oral — comentou ela, franzindo o nariz. — Imagino que gosto tem.

— Bem, eu detestaria fedegosamente se a sua apreensão por causa do gosto arruinasse todos nós, Sancia! — disse Orso bruscamente. — Lambe logo essa maldita coisa!

Sancia fez uma careta, depois abriu a boca e lambeu a ponta do dardo.

— Eca. Tem gosto de peixe. Mas acho que teria mesmo. — Ela engoliu e olhou ao redor, esperando.

— Como se sente? — perguntou Berenice.

Ela pensou um pouco.

— Nada mal — respondeu ela. — Eu me sinto… praticamente igual.

Todos os três assumiram uma expressão perplexa. Sancia de repente notou que a boca parecia muito grossa e que o mundo parecia muito claro e agradável.

— Hã… — começou Orso. — O que foi esse disparate que ela falou?

— Acho — respondeu Gregor — que está funcionando.

— O que quer dizer com disparate que eu falei? — perguntou Sancia, ou isso

era o que ela *pretendia* dizer. Agora que estava ouvindo, percebeu que saiu algo como "Oquié dzê coiarate quiê flei".

Ela notou que o mundo saltava para trás e para a frente e se deu conta de que era porque estava cambaleando, incapaz de se manter de pé. Cambaleou para trás, sem conseguir distinguir para que lado ficava o alto.

— Vou cair. Alguém por favor… me segu…

Ela caiu para a frente. Viu Gregor se precipitar, os braços estendidos.

Mas ele não precisava pegá-la, pensou ela oniricamente. Porque então mergulhou na água.

◆◆◆

Sancia caiu nas águas escuras, afundando como uma pedra, as profundezas turvas passando rapidamente por ela enquanto mergulhava aos trambolhões.

De onde… de onde vieram essas águas?

Ela não sabia ao certo. Mas sabia que precisava respirar. Seus pulmões ardiam, as costelas doíam, a cabeça latejava a cada pulsação, mas ela não podia abrir a boca agora, não podia deixar nenhum pequeno regato de água invadir seu corpo.

Então viu algo mais abaixo, aparentemente no fundo desse estranho mar escuro. Era uma espécie de bolha e parecia brilhar.

Sancia desceu em direção à bolha, atravessou sua parede e fechou os olhos, preparando-se para o impacto. Mas não atingiu nem areia nem pedra; em vez disso, apenas parou de forma abrupta e ficou pairando no ar, como que suspensa por uma rede invisível.

Ela abriu os olhos. Estava dentro da gigantesca bolha, as areias pálidas do fundo do mar abaixo e as vastas águas escuras acima. Mal podia ver a luz pelo filtro das ondas. Descobriu que era extremamente desagradável estar dentro da bolha: sentia-se não só estranhamente enjoada ali, mas também franzina e *esticada*, como se seu próprio ser estivesse preso em um momento de indecisão exausta e ansiosa.

Mas ela não estava sozinha. Havia alguém bem na beirada: alguém grande e dourado em uma posição incômoda e espremida.

Fosse qual fosse a força que lhe permitia ficar suspensa no ar, de repente desapareceu. Ela gritou, caiu os poucos metros que restavam e atingiu a areia abaixo.

— Eca! — exclamou, levantando-se e limpando-se. — Merda… — Ela estremeceu (havia algo extremamente *errado* com aquele lugar) e então ergueu os olhos.

Valeria estava agachada na borda da bolha, de costas para Sancia, olhando para as águas escuras. Sancia viu que ela não escolhera se manifestar do modo como a vira pela primeira vez (a mulher dourada e nua que originalmente havia vislumbrado no campo Candiano), mas como a imensa estátua pesada e encouraçada que tinha visto naquela noite da Montanha. Ela não reagiu quando Sancia se pôs de pé.

— V-Valeria? — perguntou ela.

Seguiu-se um longo silêncio.

— É você? — indagou Sancia. Ela deu um passo, sentindo-se nervosa. Quando vira Valeria pela última vez, na Montanha, ela era quase inconcebivelmente poderosa. Agora Sancia não podia deixar de sentir que ela parecia… diminuída. — Você… você sabe o que aconteceu?

A gigantesca figura dourada pareceu suspirar, desesperançada.

<*Malsucedido*.>

Sancia ficou surpresa. Ela ouviu a voz em sua mente, da mesma maneira que ouvia a de Clave. Fazia muito tempo que não interagia com alguém desse modo. Era como ouvir uma língua que não se ouvia desde a infância.

<*Sim*>, respondeu Sancia. <*Ele fora ressuscitado antes mesmo de chegarmos no navio*.>

<*Verdade*>, disse a voz de Valeria, baixa e retumbante. <*O Criador sempre foi… previdente. Não tinha percebido que ele tinha escondido um pedaço do corpo original, caso precisasse ser restaurado. Desconfio que ele tenha feito isso muito, muito antes da nossa guerra. Mas agora ele voltou. E está aqui*.> Ela fez uma pausa. <*Como fizeram? Como ele conseguiu realizar uma restauração tão prematura?*>

<*Ele… inscreveu o tempo, eu acho. Fez uma parte da realidade pensar que era meia-noite*.>

Ela pareceu estranhamente animada ao ouvir isso.

<*Alterar o tempo… Uma prática muito difícil. Ele escondeu de mim a natureza de inscrever o tempo, achava que era perigoso demais para o meu uso. Mas fazer isso dessa*

forma, para alcançar a restauração… teria efeitos colaterais significativos. Uma imitação barata da meia-noite, não a coisa real.>

<*Ele parece desfigurado*>, contou Sancia. <*Todas as pessoas que o viram durante a ressurreição, hã… arrancaram os próprios olhos. E depois se mataram.*>

<*Então sim*>, concordou Valeria. <*É provável que ainda exista alguma distorção da realidade em torno dele… Uma que possa tornar o estado dele instável. Defeituoso. Difícil de ser percebido pelos mortais. No fim das contas, um sinal de desespero. Ótimo.*> Ela soou bastante satisfeita com isso. <*Mas e o processo, você descobriu a técnica? O método para alterar o próprio tempo?*>

<*Não*>, respondeu Sancia com amargura. <*Roubei alguns papéis dos projetos, mas eles se despedaçaram na água.*>

Valeria pareceu desanimar ligeiramente.

<*Lamentável.*>

<*Valeria, por que ele está aqui? O que Crasedes está procurando?*>

<*Eu*>, disse ela simplesmente.

<*Por quê? Achei que vocês tivessem lutado um contra o outro. Por que ele voltaria para procurar você?*>

<*Sou um comando de que a realidade deve mudar. O Criador tomou medidas sem precedentes para garantir que eu modificaria* toda *a realidade, tudo de uma vez. Mas ele não forjou meus comandos tão bem quanto imaginava. Eu temia o que ele ia me obrigar a fazer. Então manipulei as falhas dele, as… que termo funciona melhor… brechas? Está correto? Talvez verdade. Eu me modifiquei e o ataquei. Nós lutamos e ferimos um ao outro gravemente, e dormimos. Agora nós dois retornamos, e ele quer me adquirir, fechar as brechas e me obrigar a completar as obras dele.*> Ela olhou para Sancia por sobre o ombro e seus olhos dourados brilharam como estrelas no rosto enorme e implacável. <*Isso não deve acontecer. A realidade não deve ser modificada na escala que ele deseja. Mas sou incapaz de lutar contra ele aqui.*>

<*E… onde estamos?*>

<*Dentro da penumbra de… qual é o seu termo… um* lexicon>, respondeu ela.

<*E-espere. Estamos dentro de um* lexicon*?*> Isso explicaria o desconforto, pensou ela.

<*De certa forma.*> Ela apontou com a mão enorme para os mares escuros.

<*Aquilo é a realidade. Minha batalha com o Criador esgotou as minhas habilidades de modificá-la, de sobreviver a ela. Então subsisto dentro desta pequena bolha de irrealidade*.>

<*Então o que podemos fazer?*>, perguntou Sancia. <*Crasedes deve estar em Tevanne a esta altura! Ele poderia estar manipulando o tempo de novo e produzindo dúzias de dispositivos no campo Dandolo…*>

<*O Criador me feriu*>, falou Valeria. <*Mas eu feri o Criador*.> Sancia pensou ter ouvido um tom de satisfação perversa nas palavras dela. <*Ele não consegue mais completar o ritual sozinho. Eu arranquei aqueles projetos da mente dele e o tornei cego para eles. Ele não pode aprender o que foi desaprendido. Não pode adquirir novos privilégios ou atribuí-los a outras ferramentas, nem pode ensinar seus métodos aos outros. Foi por isso que demorou tanto tempo para retornar: ele precisava esperar que esses métodos fossem descobertos. E, embora esteja restaurado agora, ainda é limitado*.>

<*Como?*>

<*Assim como estou presa nesta bolha de irrealidade*>, explicou ela, <*ele está ancorado ao minuto perdido, à meia-noite. Suas maiores permissões se tornam disponíveis quando o mundo se aproxima desse horário: seu controle da gravidade, do calor e outros. À medida que o mundo se afasta do minuto perdido, lembra-se de que ele deveria ter desaparecido deste mundo e esses privilégios são retirados*.>

<*Ele não poderia simplesmente fazer alguém inscrever o tempo para achar que é meia-noite para sempre?*>

<*Poderia*>, confirmou Valeria. <*Mas isso exigiria a morte de milhares de pessoas. Muito mais do que você testemunhou a bordo do navio. No entanto, apesar de estar fraco, ele ainda é extremamente perigoso. Ele ainda possui a voz, sua ferramenta mais poderosa. Temo ao pensar com quem ele vai falar nesta cidade*.>

<*O que podemos fazer?*>, indagou Sancia. <*Imagino que a gente não possa, tipo… sei lá, atirar na maldita cabeça dele ou coisa assim*.>

<*Improvável, verdade*>, respondeu Valeria. <*Se bem conheço o Criador, ele se cercou de incontáveis alterações e inscrições, uma rede de permissões que o protegeria contra danos físicos graves mesmo quando estivesse longe da meia-noite…*>

Sancia se lembrou do envoltório preto, enrolado na figura de Crasedes, e estremeceu.

<*Mas sei o que ele veio fazer aqui*>, revelou Valeria. <*O Criador e eu estamos fracos e feridos e não temos força para enfraquecer a realidade e acessar permissões mais poderosas. Então… precisamos encontrar outra ferramenta aqui na sua cidade para enfraquecer a realidade* por *nós*.>

<*Como… um* lexicon*?*>

<*Verdade. Mas… não um como este*.> Ela apontou para a bolha diante dela. <*Embora os meus objetivos e os do Criador sejam muito diferentes, nós dois necessitamos de algo muito mais poderoso para fazer o que precisamos*.>

<*E como diabos você vai conseguir uma coisa desse tipo?*>, perguntou Sancia. <*Não existe nada parecido em Tevanne, e eu espero pra cacete que você não vá sugerir que* a gente *construa uma. Somos só três malditos inscritores, inscritores sem teto, aliás*.>

<*Inverdade*>, contestou Valeria. <*Tal espécime existe na sua cidade. Um lugar que foi argumentado a existir por meio de uma estrutura de comandos poderosos, aquilo que vocês chamariam de comandos* hierofânticos.>

<*Que diabos? Alguém… Alguém conseguiu construir alguma coisa hierofântica em Tevanne?*>

<*Verdade. Eu fui trazida para esse lugar. Na época, eu estava constrita e não tinha como acessá-lo*.> Ela se virou para fitar Sancia, seus olhos como alfinetadas de luz amarela em seu amplo rosto. <*Você também esteve lá*.>

Aos poucos, Sancia se deu conta do que ela estava falando, ou melhor, de *onde* estava falando.

<*Ah, merda*.>

<*Não é necessária a estrutura inteira. Nem mesmo o* lexicon*. Só um* pedaço *dela, um componente. Depois você pode aplicá-lo no pequenino que você tinha na sua… biblioteca? Empresa? Oficina? Qual termo?*>

<*Tanto faz*>, respondeu Sancia miseravelmente.

<*Quando isso for feito, posso auxiliá-la diretamente. Mas o mais importante*>, advertiu Valeria, <*da mesma forma que eu sei que o Construtor vai ter necessidade disso…*>

<*Ele vai saber que você precisa também*.>

<*Sim. E ele vai se preparar devidamente. E, como você já descobriu… ele não deve ser subestimado*.>

<*Não brinca*.>

<*Posso incutir em você a natureza e a imagem desse componente*>, ofereceu Valeria. Ela se virou para ficar de frente para a garota, deslocando seu imenso volume nas areias. <*Se você quiser*.> Ela levou a mão até o rosto de Sancia, o dedo indicador estendido. O dedo era mais ou menos do tamanho do braço de um adulto.

Mas Sancia recuou.

<*Problema? Qual?*>, perguntou Valeria.

<*Crasedes disse que você estava me enganando*.>

<*Sobre?*>

<*Ele falou que estava aqui para deter você. Que você era a verdadeira ameaça*.>

Ela continuou olhando para Sancia, seus olhos brilhantes a examinando.

<*O Criador*>, respondeu ela enfim, <*é uma coisa de inverdades. Isso é conhecido*.>

<*Um mentiroso?*>

<*Verdade. Você acha que eu sou uma coisa de inverdades?*>

<*Acho que você já me contou mentiras antes. E me deu proteções e defesas sem eu saber. Uma coisa fedegosa que não me agrada*.>

<*Fiz isso para você sobreviver*>, retorquiu Valeria, <*para você ser libertada. Para você estar pronta para o Criador, que eu sabia que estava se aproximando. Ele não consegue afetar nem perceber você, nem nenhuma ferramenta ou arma que estiver portando. Tudo em você está velado para ele*.>

<*Ainda assim, você podia ter me perguntado!*>

<*Às vezes, só se tem escolhas difíceis, ramificando-se em todas as direções, levando a caminhos indesejados. Eu avaliei você e considerei que não estava pronta para ouvir as minhas verdades e as do Criador. Eu dei a você meias-verdades que a levariam a verdades mais completas. Você acha que eu tinha razão na época?*>

Sancia ficou em silêncio.

<*Vou lhe dizer uma coisa*>, continuou Valeria. <*O Criador é uma coisa terrivelmente engenhosa. Ele destruiu cidades apenas sussurrando algumas palavras para quem quisesse ouvir. Eu quis preparar você para ele e as mentiras dele. E, entre mim e o Criador, só um de nós matou inocentes para retornar. Isso não significa nada para você?*>

Sancia hesitou. Então uma pulsação se propagou pelo ar e as paredes da bolha

estremeceram. Ela sentiu uma pressão estranha sobre o corpo, como se estivesse sendo puxada por fios invisíveis.

<*Você vai acordar logo*>, falou Valeria. Ela estendeu o indicador outra vez. <*Preciso lhe mostrar o componente. Só então, quando você estiver com ele, eu posso protegê-la do Criador*.>

Ainda assim, Sancia estava relutante. Ela havia permitido que Valeria acessasse sua mente antes. E, naquele momento, Valeria aparentemente fizera mais coisas do que havia sido combinado de início.

<*Sem as minhas proteções*>, argumentou Valeria, <*você vai ficar indefesa. Vai ser como areia macia perante as ondas do Criador. Você deve fazer isso. Depois nós podemos formular um método para destruí-lo.*>

<*Se você me enganar, Valeria*>, disse Sancia, olhando para o amplo rosto daquela figura dourada, <*juro por Deus que pego Clave e vou direto para o campo Dandolo para entregá-lo ao seu Criador. Você entendeu? Eu não sou seu dispositivo. Não sou sua ferramenta. E não vou ser tratada como se fosse. Entendeu?*>

Valeria a avaliou por um segundo. Então as paredes da bolha chacoalharam de novo e Sancia sentiu o corpo estremecer.

<*Entendido*>, respondeu Valeria.

<*E quero mais que apenas proteções*>, retorquiu Sancia.

<*Sancia…*>

<*Há duas pessoas que venho tentando consertar há mais de três anos, e quero a sua ajuda: Gregor e Clave. Você sabe como consertá-los, não sabe?*>

As paredes da bolha chacoalharam mais uma vez.

<*Eu… eles dois são criações do Criador. Como eu*.>

<*E daí?*>

<*Daí que… é difícil. Mas… possível*.>

As paredes tremeram outra vez e a estranha pressão sobre o peito de Sancia triplicou.

<*Me prometa*.>

<*Não temos tempo*.>

<*Então é melhor você me prometer rápido*.>

Valeria analisou os olhos da garota com seus frios olhos amarelos.

<*Eu… prometo que vou tentar*.>

Sancia cerrou os dentes.

<*Então faça, droga!*>

Valeria estendeu o imenso indicador e muito delicadamente tocou a testa de Sancia.

Imagens e conceitos invadiram a mente de Sancia, um após o outro, como se alguém injetasse sangue em seu crânio.

Ela viu um cômodo escuro, uma câmara ampla e um dispositivo enorme lá dentro (um *lexicon*), e situado em seu berço havia um diminuto cone de metal dourado.

<*Isso. Precisa ter isso*.>

Ela gritou de dor, incapaz de suportar por mais tempo.

E então viu… alguma coisa.

Ou talvez alguém.

◆ ◆ ◆

Havia um homem envolto em faixas de tecido preto, e estava de joelhos, e chorava.

Sancia o fitou, surpresa. Ela não sabia ao certo o que estava acontecendo ou o que estava vendo. Contudo, de alguma maneira, sabia que aquele momento fora transferido para a sua mente quando Valeria a tocara, embora tenha logo desconfiado que isso não fora planejado.

Ela examinou o homem. Seu envoltório era semelhante ao de Crasedes, escondendo as mãos e o rosto, mas o dele era puído e empoeirado, como se houvesse atravessado um incêndio florestal com aquela roupa. Ele soluçava, como que tomado pela tristeza, um homem totalmente alquebrado pelo sofrimento, e, enquanto ela o observava, o resto da cena entrou em foco.

O homem estava ajoelhado em uma caverna. Ela podia vislumbrar a luz do dia na entrada da caverna, mas estava encoberta por espessas nuvens ondulantes de fumaça preta. Era evidente que a caverna se tornara uma habitação improvisada havia algum tempo; o homem chorava diante de uma cama, mas havia também um balde, e um fogão rústico, e um baú que Sancia achou muito familiar: enorme e maciço, com uma complicada fechadura dourada…

A caixa de Valeria?

Esqueceu-se desse detalhe quando percebeu por que o homem pranteava: ele estava chorando diante da cama, mas ela não havia notado que havia alguém *na* cama.

Um garoto de uns treze anos estava enrolado em lençóis esfarrapados, o rosto pálido, os olhos fechados, os lábios azulados. A criança estava terrivelmente magra (as bochechas estavam encovadas, os braços não passavam de varetas dispostas em ângulos sobre a cama), mas o que mais chamou a atenção de Sancia foram as cicatrizes nos pulsos, que formavam linhas contínuas ao redor deles: cicatrizes de algemas, ou grilhões, ou amarras. Ela as conhecia, claro, porque tinha as mesmas cicatrizes nos pulsos.

O garoto tossiu. Ainda respirava, mas suas inspirações eram irregulares e apresentavam um chiado.

O homem envolto em tecidos pretos estendeu uma das mãos e acariciou o rosto do menino com um dedo.

— Por favor — soluçou ele. — Por favor… você precisa me ajudar.

<*Não posso*>, falou uma voz de dentro da caixa: a voz de Valeria.

— Você precisa — insistiu o homem. — Tem que salvá-lo. Você pode fazer *tanta coisa*.

<*Posso fazer muitas coisas. Mas não posso deter isso. As minhas permissões não são versáteis o suficiente. Está além do meu controle*.>

O homem cobriu o rosto envolto em tecidos com as mãos e chorou. Ele se inclinou e encostou a testa no rosto da criança, gemendo de leve.

<*Só há uma maneira de salvá-lo*>, disse Valeria.

— Não! — exclamou o homem.

<*É a única alternativa*.>

— *Não!* Não vou fazer isso! Não é uma solução! Olhe para você, olhe o que aquilo fez com você! *Olhe o que aquilo fez com você!* — gritou ele.

Seguiu-se um longo período de silêncio na caverna, quebrado apenas pela respiração difícil e ruidosa do garoto na cama.

<*É a única alternativa*>, repetiu Valeria.

Então as coisas mudaram outra vez.

◆◆◆

Céu noturno, escuro e púrpura. Colinas desérticas se erguiam à sua volta. E à frente dela alguma coisa acontecia.

Ela viu Crasedes, envolto em preto e mumificado, flutuando em meio a um peristilo, as colunas brancas e puras ao redor dele. Em uma das mãos ele tinha a caixa de Valeria, Sancia a reconhecia de antes. Na outra, tinha uma pequena chave dourada.

Clave?

Crasedes estendeu a mão que segurava Clave e o ar pareceu estremecer, e oscilar, e então…

Então surgiu uma série de portas diante dele, grandes e pretas, as maçanetas e as dobradiças forjadas em ouro brilhante. E, no entanto, quando Sancia olhou para as portas, percebeu que não conseguia entender muito bem sua escala. Eram enormes, maiores que o próprio céu? Ou menores que uma semente de flor silvestre? Olhar para elas fazia sua cabeça doer e, quanto mais a garota olhava, mais estranhas elas pareciam, e de um modo que Sancia achava difícil de explicar: pareciam leves e pesadas, vibrantes e tênues. Só que havia algo errado com elas, como se fossem incompatíveis com *a própria* realidade.

Mas, curiosamente, as portas tinham uma fechadura.

Crasedes estendeu a mão que segurava Clave e aos poucos inseriu o dente dele na fechadura…

E aí as portas começaram a se abrir.

Sancia conseguia ver algo além delas. Não luz, mas… mas o *oposto* de luz, de certa forma. De repente, ela foi tomada pelo pânico, dominada pela consciência de que, fosse o que fosse, ela não devia ver aquilo.

Ela fez um esforço e tentou se virar de costas para a visão. E, ao fazer isso, notou que havia alguma coisa além do limite do peristilo: objetos pontilhavam as dunas de areia e as colinas e as estepes em volta.

Eram pessoas. Milhares delas, se não milhões.

E todas estavam mortas.

Ela começou a gritar.

◆◆◆

Sancia acordou ofegante, puxando o ar com o máximo de força que podia. Ela viu um céu azul emoldurado por cortiços das Áreas Comuns, sentiu terra fria ao redor do pescoço e nas costas e piscou com firmeza enquanto tentava se concentrar nos rostos à sua frente, um dos quais era velho, enrugado e tinha olhos claros agitados.

— Você a viu? — perguntou Orso. — *Funcionou?*

— Alguém me levante! — arquejou Sancia.

Berenice e Gregor a ajudaram a se sentar. Sancia continuava arfando, aterrorizada, estendendo as mãos para tatear tudo à sua volta: os braços de Gregor, o joelho de Berenice, a terra do beco, apenas desejando se certificar de que o mundo era real, de que era *real* mesmo.

— Você a viu, não viu? — indagou Orso.

— Eu a vi — murmurou ela. — E… e mais *outra* coisa.

— O que ela disse? O que ela *disse*?

Sancia limpou a terra que estava no seu rosto e sussurrou:

— Preciso beber alguma coisa, por favor.

Eles a ajudaram a se erguer e se amontoaram em uma taverna na esquina. Sancia virou metade do copo de vinho de cana fraco e contou a eles o que vira e ouvira.

Mas não contou a eles sobre a visão que tivera: o garoto moribundo, e Crasedes, e as portas. Não queria discutir esse assunto em voz alta. Só a lembrança já parecia deixá-la um pouco louca.

— Então ele é como… uma espécie de demônio de contos de fadas — comentou Orso quando ela terminou. — Só consegue se levantar da sepultura à meia-noite! Sorte nossa, de certa forma.

Sancia chacoalhou a cabeça.

— Não. Ele está vivo e acordado durante o dia, apenas consegue acesso a mais permissões e poderes mais perto da meia-noite.

— Ela disse que poderia nos conceder proteções? — perguntou Berenice. — Como concedeu a você?

— É — respondeu Sancia em um tom sombrio. Ela bebeu o resto do vinho de cana. — Mas… vocês não vão gostar disso.

— A essa altura — falou Gregor —, eu ficaria duplamente surpreso se descobrisse que gosto de alguma coisa nessa história.

— Orso comentou que um *lexicon* de fundição poderia ser como uma poça d'água no deserto para ela — continuou Sancia. — E ele estava certo. Mas, para ela nos proteger… vamos ter que dar para ela um oceano inteiro, digamos.

— Você quer dizer que vamos ter que encontrar algo *mais poderoso* que um *lexicon* de fundição? — retorquiu Orso, indignado.

— Se quisermos sobreviver além da meia-noite — respondeu Sancia —, vamos.

— Mas… uma coisa dessas não existe — contrapôs Berenice. — As casas fizeram melhorias incrementais nos *lexicons* de fundição, várias eficiências aqui e ali, mas nada extraordinário. Nada na escala que você está sugerindo.

— Não — replicou Sancia num tom monótono. — Alguém descobriu. Alguém tentou uma coisa muito, muito radical. E todos nós sabemos quem foi. — Ela se virou para olhar para Orso. — Existe um lugar em Tevanne onde um edifício é como uma mente. Um que é alimentado por seis *lexicons* de grande escala. Mas o que eles estão fazendo é extraordinário… porque, na realidade, *não* são lexicons normais.

Seguiu-se um longo, longo período de silêncio.

— Você… você quer dizer — disse Gregor em um tom de voz débil — que nós temos que voltar para aquele lugar?

— É — confirmou Sancia. — Nós vamos voltar para a Montanha, onde Tribuno Candiano instalou suas obras mais estranhas.

— Então… nós imaginamos uma maneira de invadir a Montanha — falou Berenice —, roubamos algum trabalho de Tribuno e o usamos para ajudar Valeria… tudo antes da meia-noite?

— É — respondeu Sancia. — E fica pior.

— Como diabos isso é possível? — indagou Orso.

— Porque Valeria não é a única que precisa deles — explicou Sancia. — Crasedes também precisa. — Ela soltou um longo e lento suspiro. — E é quase certeza que ele sabe que estamos chegando.

◆ 13

— Achei que tivéssemos *parado* de tentar invadir a maldita Montanha! — exclamou Orso, andando de um lado a outro de um pátio das Áreas Comuns na Valeta Velha. Já estava enchendo de gente com máscaras de papel rolando barris de vinho. Teve que parar quando um amontoado de crianças imundas passou correndo em um pequeno desfile, rindo enquanto perseguiam um menino com uma lanterna minúscula pendurada em um bastão. — Esta é o quê, a terceira fedegosa vez?

— Eu tinha a impressão de que estava abandonada — comentou Gregor. — O que Sancia fez não foi basicamente quebrar o topo?

— Está abandonada — confirmou Berenice —, mas os Michiel compraram quase todos os enclaves da Candiano. Veja bem, eles não fizeram muita coisa desde então, já que perderam muitos inscritores e tinham que se preocupar com as lavouras. E acho que eles não sabem o que é nem como funciona.

— Falando nisso — disse Sancia. — Orso, o Tribuno alguma vez te contou *como* ele fez a Montanha funcionar?

— Claro que não — respondeu Orso. — Só quando você foi lá e a ouviu falar foi que eu fiquei sabendo que ela tinha mente própria. Eu jamais teria acreditado que a inscrição convencional seria capaz de uma coisa dessas.

— É — retorquiu Sancia lentamente. — É porque… não é convencional.

Ela fechou os olhos, lembrando-se da imagem do componente que Valeria lhe mostrara: era como uma definição de inscrição, mas, em vez de ter formato de disco, essa tinha formato de cone… e era muito, muito diferente mesmo no que se referia à aparência.

Para começar, tinha um brilho levemente dourado: um matiz que Sancia só vira em ferramentas hierofanticamente alteradas.

Ela abriu os olhos.

— Tribuno Candiano foi obcecado por comandos hierofânticos a vida inteira, certo? Tentando descobrir como reproduzir o que Crasedes e o resto do pessoal dele tinham realizado?

— Isso — falou Berenice.

— Bem… acho que em algum momento ele conseguiu — continuou ela. — *Em certa medida*.

— O-o quê? — retrucou Orso, atônito. — Ele… ele conseguiu mesmo criar suas *próprias* ferramentas hierofânticas?

— Não acho que Tribuno Candiano tenha descoberto como criar uma ferramenta completamente desenvolvida — opinou ela. — Nada como Clave ou o imperiato. Nenhuma espada, ou escudo, ou varinha mágica hierofântica nem nenhuma merda do tipo. Em vez disso… acho que Valeria estava tentando me dizer que ele fez uma *definição de inscrição* hierofântica, que pôde então colocar em um *lexicon* de sua própria invenção. Uma meia medida ruim, de certa forma.

Orso a encarou.

— Isso… isso é loucura! Como uma coisa assim poderia realmente *funcionar*?

— Acho que funcionaria quase como qualquer outra definição de inscrição — respondeu Sancia. — As definições normais permitem que um *lexicon* altere a realidade. Essa apenas concederia a um *lexicon* autoridades *sem precedentes* para alterar a sua realidade. Mas, como eu mesma sou testemunha, provavelmente ainda está bem distante do que um hierofante de verdade pode fazer.

— Mas… poderia ser suficiente para dar uma mente para um edifício, certo? — indagou Berenice. — Para fazê-lo sentir todas as pessoas que adentrassem seus limites… e aprender com elas e começar a reagir a elas.

— Meu Deus — disse Gregor. — Uma… uma imitação remendada e improvisada de um comando hierofântico… Mas, Sancia, ainda seria necessária uma…?

— Uma morte — completou Sancia num tom sombrio. — É. Mesmo essa versão tosca precisaria. Uma pessoa para cada comando, sacrificadas nessas tentativas primitivas de acessar o poder de um hierofante…

Gregor fez uma careta.

— A maior e mais celebrada estrutura da cidade… é alimentada na verdade pela morte de meia dúzia de pessoas.

— E você acha que Crasedes quer essa imitação tosca que o Tribuno fez? — perguntou Berenice.

— Já que Crasedes não pode mais fazer as próprias ferramentas, talvez a Montanha possa servir como um substituto barato. — Ela olhou para Orso, que ainda parecia atordoado. — Eu sei por que Valeria precisa dessas definições. Se nós pegarmos uma e a colocarmos no *nosso lexicon*, isso daria a ela autoridades sobre a realidade em torno dele, que ela usaria para nos dar proteção. Mas a minha maior dúvida é: por que *Crasedes* precisa disso? O que ele está de fato tentando fazer com elas?

Orso se sacudiu e tentou pensar.

— Bem… todas as formas de inscrição são uma violação da realidade, de um jeito ou de outro. Do modo como nós a praticamos, você tem que convencer a realidade a quebrar as próprias regras, e nós percorremos distâncias tortuosas para fazer isso. Mas um comando hierofântico não precisa. Os hierofantes usavam um processo em duas etapas: eles interrompiam a morte para criar uma violação *imensa* e usavam essa violação para fazer a realidade acreditar que tinham acesso a permissões muito, *muito* maiores, talvez aquelas usadas para criar o mundo.

— Os comandos do próprio Deus — falou Gregor.

— Se quiser expressar dessa maneira, é — confirmou Orso. — Mas o que você está falando aqui, Sancia, é sobre alguma espécie de híbrido entre os dois. Uma ferramenta hierofântica fraca que precisa de *lexicons* e coisas do tipo para funcionar de verdade. — Ele ponderou. — Se o que está falando for verdade, então… é como se todo o interior da cúpula fosse uma bolha de realidade fragmentada. Tudo lá dentro é mutável, moldável e instável. Tribuno só queria que operasse como uma mente. Mas acho que, se você fosse esperto o bastante… ela poderia funcionar como *outra* coisa. Como uma… uma forja, talvez.

Sancia se inclinou para a frente.

— Como assim?

— Quero dizer que, se o que você está falando for verdade, aquele edifício pode afetar a realidade de tudo dentro de suas paredes — explicou Orso. — Se fosse

reformulado, talvez pudesse *refazer* coisas ali dentro, de modo que qualquer coisa que passasse pela esfera de influência do *lexicon* poderia ser alterada para sempre.

Era como se uma pedra de gelo houvesse acabado de se formar no fundo da barriga de Sancia.

— E é isso que ele quer fazer com Valeria — comentou ela baixinho. — Ela disse isso. Ele transforma a Montanha em uma forja…

— E ali — continuou Gregor — ele vai refazer a amiga dourada de Sancia e transformá-la no que é, em essência, uma arma apocalíptica… É essa a ideia?

Houve um longo silêncio.

— Nós… nós precisamos pegar essas definições primeiro — falou Berenice em voz baixa.

— Concordo — falou Orso.

— Mas entrar na Montanha… — disse Gregor. — Não vai ser fácil.

— Nem um pouco — concordou Sancia. — A propriedade é da Corporação Michiel, e tenho certeza de que está bem protegida.

— Vamos partir do pressuposto de que vai ser difícil passar pelo muro do enclave — falou Gregor. — Mas, depois que entrarmos, vamos estar no que é basicamente um enclave vazio e abandonado. Então precisaríamos entrar e sair da Montanha sem Crasedes aparecer e matar todos nós. E vamos partir do pressuposto de que, tratando-se de Crasedes, isso vai ser muito difícil de fazer.

— Poderíamos levar o imperiato de novo — sugeriu Sancia —, mas, depois de ter estado com ele a bordo de um galeão, não vai ser nada divertido ativá-lo dentro da Montanha.

— Concordo — disse Orso. — Aquela maldita coisa vai desmoronar sobre as nossas cabeças antes de levarmos esse componente embora.

Mas Gregor estava observando vários homens e crianças rolando um barril de vinho pelas ruas.

— Então… os enclaves vão ser um território hostil — começou ele. — Mas… e as áreas em volta deles? As que pertenciam à Candiano, mas eram relegadas a cidadãos menos importantes do campo? Não tem pessoas morando lá?

— Algumas — respondeu Berenice. — Muitas se juntaram às Áreas Comuns, embora as pessoas tenham receio de morar perto da Montanha. Por quê?

— E… não existem barris de vinho usados para os desfiles durante o carnaval? Barris grandes? Barris que poderiam conter todo tipo de coisas interessantes?

Orso o fitou, estreitando os olhos.

— Possivelmente — disse ele. — Gregor, aonde você está querendo chegar?

Ele deu de ombros.

— O carnaval começa hoje à noite. Por que não fazemos o nosso próprio desfile?

◆◆◆

Quando saíram do pátio, Sancia agarrou o braço de Gregor e o fez diminuir o ritmo até que tivessem um pouco mais de privacidade.

— O que foi? — perguntou ele.

— Preciso te contar uma coisa — falou ela. — Fiz Valeria me prometer que nos daria mais que apenas proteções. Ela também me prometeu que… que encontraria um jeito de consertar você. De libertar você do que te fizeram.

Gregor a fitou, os olhos arregalados e apreensivos. Então desviou o olhar.

— O que há de errado? — indagou Sancia. — Achei que fosse ficar feliz. Ou pelo menos mais feliz.

— E fiquei, acho. Obrigado por pensar em mim naquele momento, Sancia. Significa muito para mim.

— Então o que há de errado?

Ele observou o desfile de crianças imundas correndo em círculos e dando risadinhas pelas ruas.

— Você *confia* em Valeria? — perguntou ele.

— Não. Mas acredito que nós a encurralamos. Por quê?

Gregor ergueu a mão direita e esquadrinhou descuidadamente a lateral da cabeça.

— Quando vi Crasedes a bordo do galeão… — respondeu ele enfim. — Quando ouvi a voz dele e ele se dirigiu a mim… Eu me *lembrei* dele. Me lembrei da voz dele, me lembrei… de tê-lo visto antes, eu acho. Acho que ele me projetou, Sancia. Ele fez a placa na minha cabeça ou contou para a minha mãe como fazer. Foi ele que me obrigou a fazer todas as coisas que eu fiz, de certa forma. Então não

tenho certeza… não tenho certeza de que *quero* ser consertado. Não se significa que vou lembrar.

— Lembrar o quê?

— Não sei. Tem tanta coisa que posso ter esquecido. É isso que me preocupa. Agradeço os seus esforços — falou ele num tom cansado. — Mas preciso dizer, Sancia, que não estou convencido de que… de que isso seja uma solução.

— Só quero dar para você o que me foi dado.

— Sim. Mas, para esses seres, nós não passamos de peões. E… — Ele parou de falar.

— E o quê? — indagou ela.

— Nada — respondeu ele. — É só a minha paranoia, tenho certeza.

— Vocês terminaram? — gritou Orso, irritado, da parte de baixo da rua. — Estamos desperdiçando a luz do dia.

Sancia e Gregor trocaram um último olhar extenuado e depois voltaram a se juntar aos outros. Mas Sancia tinha certeza de que sabia o que Gregor estivera a ponto de dizer: *E também não estou seguro de que Valeria tenha realmente lhe dado liberdade.*

— Até que enfim — falou Orso. Eles começaram a voltar para a Terra das Lanternas. — Mãos à obra. O dia é a única vantagem que nós temos. Quero dizer, sei que é de Crasedes Magnus que estamos falando, mas… sem os privilégios, duvido que até mesmo ele consiga fazer muita coisa antes do anoitecer.

◆ 14

Armand Moretti atravessou a passos largos os corredores do Edifício do Hípato da Michiel, sentindo-se ligeiramente preocupado.

Não era exatamente extraordinário os embaixadores do campo Dandolo entrarem em contato com ele para fazer uma reunião de emergência: reuniões emergenciais entre casas infelizmente eram bastante comuns nos últimos tempos, com todas elas perdendo tantos inscritores para a Terra das Lanternas e as revoltas nas lavouras acontecendo toda semana. Mas ele *ficou* preocupado com o fato de que o estavam contatando poucos dias depois que terminara a negociação com Orso Ignacio. Isso suscitava várias perguntas preocupantes.

Que se dane tudo, Ignacio, pensou enquanto fazia uma curva para se dirigir à sua sala de reuniões. *Se tiver me vendido alguma coisa que pertencia a Ofelia, vou entrar na Terra das Lanternas e estripar você eu mesmo*…

Ele chegou à porta da sala de reunião, parou e tentou engolir a raiva. Estava em um humor terrível desde a negociação com Orso: a parte da nuvem de sol ainda lhe doía (tanto no orgulho quanto no corpo) e ele não havia superado o fato de que seu quarto pegara fogo como uma tocha. Fez os guardas responsáveis serem presos e suas famílias serem expulsas para as Áreas Comuns, mas ainda estava amuado com a situação toda.

Arrumou cuidadosamente o roupão e ajeitou o cabelo. *Vou terminar essa reunião*, pensou, *e depois vou embebedar uma pessoa jovem e bonita e burra com vinho no carnaval e molhar bem a minha vela. Isso deve me deixar melhor*.

Moretti pensou, por um brevíssimo instante, naquela garota que Orso contratara para se passar por inscritora na apresentação dele: aquela alta de olhos frios. *Talvez eu encontre com ela em alguma celebração*, pensou ele de modo

indolente, *e enfie uma garrafa inteira de vinho nela, junto com algumas outras coisas*…

Então pigarreou e abriu a porta da sala de reuniões para cumprimentar os embaixadores da Dandolo.

Ele parou ali.

Havia apenas uma pessoa o esperando à mesa: um jovem franzino que parecia bastante suado e ansioso. Ele nem sequer tinha trazido documentos.

Isso deixou Armand aliviado: se os Dandolo houvessem vindo em busca de sangue, teriam mandado uma equipe muito mais formidável.

Mas, se não querem sangue, pensou ele, *então… o que estão fazendo aqui?*

Por um momento, não se ouviu nenhum som a não ser a lanterna do tempo no canto: um pequeno e engenhoso dispositivo inscrito que permitia que minúsculas contas luminosas rolassem para dentro de um compartimento de vidro como areia em uma ampulheta. Elas faziam *tique* e *tique* conforme caíam no vidro.

Moretti pigarreou outra vez, entrou, fechou as portas após a sua passagem e se aproximou da mesa.

— Boa tarde — disse ele, fazendo uma mesura. — Lamento ter demorado tanto para atender o seu chamado, Mestre…

— P-Participazio — respondeu o embaixador da Dandolo, gaguejando de leve. O jovem se levantou e fez uma mesura também. Ambos realizaram os habituais gestos de mútuo reconhecimento de poder, embora o rapaz não fosse particularmente bem versado neles. Moretti notou que Participazio suava em bicas, e tremia também.

— Bem — falou Moretti ao se sentar —, devo admitir que estou… um pouco atordoado. Em geral, as casas não começam a fazer negócios tão perto do carnaval, mas: como posso ajudar a Fundadora Dandolo hoje?

O jovem tentou pigarrear, mas só conseguiu produzir um grasnido desajeitado e ruidoso.

— Nós… gostaríamos de iniciar negociações — respondeu ele. — Para a aquisição de propriedades.

Moretti ficou boquiaberto.

— Como é?

— E… gostaríamos de encerrar as negociações hoje e concluir a compra.

Ele ficou olhando. A compra e venda de propriedades dos campos entre as casas costumava levar anos e era supervisionada por comitês de inscritores mais velhos e advogados. Nunca eram levadas a cabo por um rapaz suado que saiu do nada esperando fazer tudo em um punhado de horas.

— De… qual propriedade em particular? — indagou Moretti.

Participazio pôs a mão dentro de uma bolsa a seu lado, pegou um único pergaminho, colocou-o sobre a mesa e o empurrou.

Moretti o leu, estupefato.

— Vocês… vocês querem comprar o enclave interior dos Candiano? A *Montanha*?

— Ah… queremos — confirmou Participazio. Ele olhou para um canto da sala.

A estupefação de Moretti se transformou em indignação.

— Mas… mas isso é simplesmente ridículo! Que perda de tempo! Não consigo entender exatamente por que a Fundadora Dandolo poderia querer o enclave nem como pôde pensar que poderia comprá-lo por essa soma irrisória! Eu… quero dizer, que se dane, nós demos um lance várias vezes maior que o dela quando adquirimos o lugar!

— B-Bem, senhor, eu…

— E a Montanha é… bem, é estruturalmente instável! Nossos próprios inscritores especialistas não encontraram uma maneira decente de adentrar o interior daquela coisa sem que ela caia sobre as nossas cabeças! Quero dizer… Essa conversa toda é ridícula. Ridícula! Você faz ideia de quanto tempo acabou de desperdiçar? O *meu tempo*?

Participazio ficou ali, uma expressão de ansiedade apavorada estampada no rosto jovem. Moretti o fitou, sentindo-se ligeiramente satisfeito. Essa era com certeza uma situação incomum, mas não uma com a qual não estivesse acostumado. Ele já passara bastante tempo com jovens aterrorizados em salas vazias.

Então conhecia muito bem os próximos passos.

Ele estreitou os olhos para o rapaz.

— Me diga, garoto… isso é uma piada?

— N-não, senhor, eu…

— Qual é o seu nome mesmo? — perguntou ele.

— P-Participazio, senhor, e eu não quis desresp…

— P-Participazio? — retorquiu Moretti, imitando a gagueira dele. — Alguém induziu você a aceitar essa tarefa absurda? Você é *mesmo* um embaixador, rapaz? Parece mais uma criança fantasiada de adulto para mim.

— N-não, senhor, eu s-só…

Moretti recostou-se na cadeira e analisou o jovem como se ele fosse uma nova e desagradável espécie de besouro.

— Deve ter sido um erro — comentou ele. — Eu me pergunto, qual é a sensação de causar uma confusão tão épica e imbecil tão cedo em uma carreira recente? O Donato ainda está lá? Na divisão de embaixadores?

O rapaz arregalou um pouco os olhos.

— Ele… ele é o vice-chefe da divisão, ma…

— Hum — disse Moretti. — Ele é um velho amigo meu, sabe. Acho que ele ficaria *bastante* interessado em saber que um dos novatos dele está aqui fazendo esse tipo de solicitação maluca…

Moretti sentiu uma centelha de prazer quando o rosto do rapaz estampou pavor e confusão.

— Se fosse para eu dar um palpite, você é um dos embaixadores de posição mais inferior — falou ele. — Talvez seja da primeira geração fora das Áreas Comuns. Você está feliz de ter um teto sobre a cabeça e um caneco para mijar, não é? Mas eu poderia fazer tudo isso desaparecer, sabe, com uma simples conversa com o velho Donato.

O jovem Participazio agora parecia absolutamente desolado. Olhou mais uma vez para o canto.

— Então — continuou Moretti em tom jocoso. — Você vai me dar alguma informação? Um trunfo contra alguém do seu campo? — Os olhos de Moretti se demoraram sobre o pescoço do rapaz, nos dedos, nas orelhas. Ele não era particularmente belo. Mas era jovem. E isso contava para alguma coisa. — Ou… outra coisa?

Então ouviu-se uma voz.

Vinha do canto da sala. Era profunda e sonora e tinha a curiosa qualidade de escorregar sobre a superfície da mente de Moretti quase como veludo macio.

— Acho — disse a voz — que isso é suficiente.

Moretti se virou e viu que havia um homem no canto da sala (e, ao que parecia, estivera ali aquele tempo todo). Moretti não sabia ao certo como não notara o homem antes, sobretudo pelo modo como se vestia: usava afrontosamente uma fantasia de carnaval de Papai Monção, completa, com máscara preta.

— Q-que diabos? — perguntou Moretti. Ele olhou para Participazio, sentindo-se traído de certa forma, mas o jovem desviara o olhar e fitava o chão.

— Eu disse que é suficiente — afirmou a voz sonora mais uma vez. Os olhos vazios do homem estavam fixos em Moretti. — Sinto-me obrigado a repetir a nossa solicitação. — Ele atravessou a sala e postou-se à cabeceira da mesa, olhando para Moretti. — Nós gostaríamos de comprar a Montanha. E gostaríamos que essa negociação fosse concluída hoje.

— O quê? — indagou Moretti. — É sério? Quero dizer… *sério*?

O homem de preto fitava Moretti.

— Sério! — exclamou ele. — Agora preciso perguntar: você está me ouvindo, Armand?

Em condições normais, Moretti nem começaria a levar uma proposta daquelas a sério, mas…

… ao ouvir o som da voz do homem, de repente lhe pareceu difícil fazer qualquer outra coisa.

— Quem… — gaguejou Moretti. — Qual é o seu nome mesmo, se…

— Eu não disse — respondeu ele. — Mas conheço você muito bem.

— Como poderia me conhecer, senhor?

— Porque você se *fez* conhecido — falou o homem de máscara preta. Ele se curvou mais para a frente, a cabeça inclinada, e Moretti começou a se sentir um tanto incomodado: ele não conseguia ver os olhos do homem atrás da máscara. — Não foi?

— Bem. Suponho que sim, como todos os cavalheiros devem fazer.

— Sim — retorquiu ele secamente. — Como deve um cavalheiro. Garoto?

Participazio pulou um pouco da cadeira.

— Por que não nos deixa por um momento, por favor?

O rapaz praticamente saltou da cadeira e saiu correndo da sala.

Moretti o viu sair, sentindo-se cada vez mais alarmado com tudo aquilo.

— Senhor, eu devo perguntar… o senhor é um embaixador credenciado do campo Dandolo?

— Com certeza! — afirmou o homem de preto. — Só não tenho nenhuma certificação.

— Mas… isso não faz sentid…

— Sabe, você foi um dos primeiros que eu considerei, Armand — comentou o homem de preto. Ele se sentou à mesa de frente para o outro. — Muito, muito tempo atrás.

— Me considerou? Para… o quê?

— Eu vi você começar aqui nesta casa — continuou o homem de preto. — Vi você começar a sua ascensão. Estabelecer as suas conexões. Ser preparado para cargos altos. Parecia um candidato promissor. Ambicioso. Ávido. Vi quando você aplicou o primeiro *sigil* na primeira inscrição. Foi um desastre, não foi? Algum tipo de papel que deveria brilhar…

— Eu… eu conheço o senhor? — perguntou Moretti. — Como sabia dis…

— E vi quando você recebeu seu primeiro cargo comissionado — prosseguiu o homem. — Como estava orgulhoso naquele dia. Você sorria como um rato de celeiro em cima da palha. — Ele inclinou a cabeça. — Lembra-se do que fez na noite em que recebeu o cargo e o primeiro pagamento?

Moretti ficou em silêncio. A lanterna do tempo seguia fazendo *tique* e *tique* no canto.

— *Eu* lembro — disse o homem de preto. — Você pediu que uma serviçal trouxesse uma torta de listrado e açafrão. Uma iguaria aqui. Eu lembro. E você se deitou nu na cama dos seus aposentos… e fez a moça alimentar você. Você a fez colocar cada pedaço de torta na sua boca com um garfo dourado minúsculo.

Moretti sentiu o sangue se esvair do rosto.

— Pare.

— E você gostou. Você gostou de obrigá-la a lhe dar um petisco que ela jamais teria o prazer de experimentar — falou o homem — e gostou de ver como isso a deixava desconfortável. — Ele inclinou a cabeça. — E então você jogou o prato para um lado e a agarrou e abusou dela, não foi?

— Estou dizendo, você não pode…

— Não foi a primeira vez. E certamente não foi a última. Afinal, o mesmo impulso acabou de passar pela sua cabeça quando viu o jovem Participazio, não foi? — Ele inclinou a cabeça para o outro lado, um gesto perturbador, semelhante ao de um pássaro. — Um impulso que se estende além da sua avidez por carne, claro… um impulso de tomar, de degradar, de… possuir. Não é tão incomum por aqui, é?

Moretti tentou ficar irritado. Ele *queria* ficar irritado. Queria se levantar e chamar os guardas e ordenar que levassem aquele homem e o jogassem no olho da rua, mas…

Mas as palavras do homem ficavam ecoando na cabeça dele, ocupando seus pensamentos, sufocando qualquer indignação que ele pudesse reunir.

— Você… você é um mentiroso — sussurrou Moretti.

— Ah, eu sou *muitas* coisas, Armand — respondeu o homem de preto. — Mas não sou mentiroso. Talvez não seja culpa sua. Talvez você, como tantos nesta cidade, acredite que o mundo inteiro deveria servi-lo porque nunca soube o que é se sentir impotente.

Moretti começou a suar. Havia uma curiosa pressão aumentando em sua mente, como uma bolha na parte frontal do cérebro.

— Não vou assinar o seu maldito contrato — arquejou ele. — Saia. Saia antes… antes que eu mande alguém entrar e…

— Eu me pergunto, você gostaria de saber como é se sentir verdadeiramente impotente, Armand? Ter todas as escolhas arrancadas de você?

— Eu… eu…

— Me escute — disse o homem. Sua voz era suave, no entanto, parecia ecoar nas profundezas dos ossos de Moretti. — *Me escute agora, e fique parado*.

Um longo silêncio.

Moretti ficou paralisado na cadeira.

A lanterna do tempo fazia *tique* e *tique*.

— Agora, levante-se, Armand — ordenou o homem de preto.

Moretti se viu levantar. Não sabia ao certo por que estava se levantando: na verdade, mal tinha consciência de estar de fato se mexendo. Era como se o comando estivesse escrito em alguma parte oculta do seu próprio cérebro, e ele não conseguia

ignorá-lo.

— Vire-se — sugeriu o homem de preto.

Ele se virou.

— Olhe naquele armário ali, encostado na parede.

Moretti tentou resistir. Franziu o cenho, tentando se concentrar no homem, na sala, mas as suas palavras eram tão intensas, tão suaves, tão… Qual era a palavra? Melífluas? Enquanto refletia sobre isso, percebeu que estava olhando para o armário encostado na parede, que era verde escuro com incrustações de ouro.

— Há uma faca na primeira gaveta do armário — disse o homem de preto. — Vá até o armário, abra a gaveta e olhe para essa faca.

Um pavor obscuro e turbulento fermentava no estômago de Moretti. Ele sacudiu de leve, mas não se mexeu.

Tique, *tique*, fazia a lanterna do tempo.

— Faça o que mandei — falou o homem de preto.

Moretti andou rigidamente até o armário e abriu a primeira gaveta. Dentro havia uma faca comprida e curva de cabo preto.

— Você está vendo a faca — continuou o homem de preto. — Certo? Responda.

— Estou — sussurrou Moretti.

— Ótimo. Pegue-a, por favor.

Com mãos trêmulas, Moretti pegou a faca e a trouxe para a mesa. O homem de preto o observou voltando, seu corpo encoberto tão parado e estático que Moretti se perguntou por um breve instante se havia mesmo alguém ali.

— Agora, Armand — disse o homem. — Quero que você pegue a faca com a mão direita e coloque a palma da mão esquerda aberta sobre a mesa.

— Por favor… — choramingou Moretti.

— Agora.

Moretti o fez. A mesa lhe pareceu fria e dura ao toque.

Ele olhou para a mão esquerda.

A lanterna do tempo fazia *tique* e *tique*.

— Olhe para a faca, Armand — ordenou o homem de preto. — Veja a faca. Veja como é afiada, como é forte.

O olhar de Moretti passou para a lâmina em sua mão e ele a examinou. Parecia muito forte e afiada.

— Agora — falou o homem de preto —, você vai pegar a faca, Armand, e vai usá-la para cortar o seu polegar esquerdo.

— Não! — gritou Moretti.

Mas a mão direita dele e a faca já estavam se mexendo.

— Você vai ter que forçar a lâmina entre as juntas — disse o homem de preto.

— Pare!

— Quero dizer, duvido que você seja forte o suficiente para serrar um osso…

Moretti viu, aterrorizado, quando colocou a borda da lâmina na junta do polegar esquerdo, bem ao lado da membrana da palma da mão, e começou a pressionar.

Gritou quando começou a empurrar a lâmina para a frente e para trás, penetrando a carne. Um sangue vermelho vivo começou a jorrar da junta, e ele sentiu os movimentos da lâmina nos ossos da mão, sentiu o metal serrando a junta, sentiu os ligamentos do polegar estalando e enrolando dentro da pele, sentiu os nervos morrerem de repente…

— E agora — sussurrou o homem de preto — você está quase terminando.

E então ele havia serrado metade do polegar até restar um pedaço ínfimo de osso, e, com um ruído úmido, a lâmina transpassou e o polegar se soltou, jazendo ali cortado sobre a mesa, a junta rompida derramando sangue escuro na madeira. O sangue formou uma poça ao redor do pulso e dos dedos dele e ficou pingando no chão, e a única coisa que ele podia fazer era observar impotentemente, fitando a ferida vermelho-escura em carne viva onde costumava ficar o dedo.

Ele gritou de dor, de horror, de tristeza. E então o homem voltou a falar.

— Para onde a lâmina deveria seguir, Armand? — indagou o homem de preto em tom alegre. — Talvez para um olho? Para a orelha? Para o nariz? Ou será que eu deveria mandar você cortar os seus órgãos de procriação a partir dos testículos e se banquetear com eles como fez um dia com aquela torta?

— Não! — gritou Moretti. — Por favor! Eu… eu não entendo…

— Não entende o quê?

— Não entendo por que está fazendo isso comigo…

— É mesmo? — perguntou ele. — Achei que isso ficaria bastante claro. Estou fazendo isso, Armand, porque quero que saiba como é para alguém conhecer *você*. E, embora você não seja um espécime particularmente singular nesta cidade… Bem. Não vejo motivo para que fique sem castigo.

Moretti fechou os olhos e chorou.

— É assim que é, Armand — sussurrou a voz do homem de preto. — Ser um escravizado. Ser propriedade de alguém. Ser uma coisa. Você quer que isso pare?

— Quero! — gritou Moretti.

— Então sabe o que tem que fazer. Assine o papel. Me dê a Montanha. Me dê agora, Armand, e eu lhe concedo um indulto desse destino… por um momento, pelo menos.

Moretti abriu os olhos e fitou os pergaminhos de negociação à sua frente. Sabia que, se assinasse, provavelmente seria morto por ter feito isso. Concedia-se um imenso poder de aquisição a um hípato, com pouca supervisão direta, mas mesmo alguém ligado à família fundadora provavelmente teria a garganta cortada por fazer algo desse tipo.

— Se eu fizer isso — protestou Moretti —, vou morrer.

— Sabe — comentou o homem de preto —, imaginei que isso aconteceria…

— Então, por que não me *obrigar* a assinar? — indagou ele. — Você poderia simplesmente me coagir, como… — Fechou os olhos quando o polegar decepado esguichou sangue pela mão dele outra vez. — Como fez…

— Ah, não, não, não — respondeu o homem de preto em um tom delicado. — Isso não serviria de jeito nenhum. É muito melhor quando você aprende sozinho, não é?

— Aprende o quê? — perguntou Moretti, sufocando as lágrimas.

— Aprende o que a sua cidade esqueceu — respondeu ele. — O que os homens poderosos esqueceram inúmeras vezes ao longo da história: que sempre, sempre há algo mais poderoso.

◆◆◆

Mais tarde, quando tudo havia terminado, o jovem Alfredo Participazio andava pelas ruas do enclave da Michiel ao lado do homem de preto, que caminhava com

um ar de animada curiosidade.

— Puxa — falou ele, examinando as torres de vidro e os saguões reluzentes e as muitas faixas de carnaval ondulando na brisa. — Que lugar adorável. Um lugar tão, *tão* adorável.

Participazio não sabia ao certo por que ele, um funcionário de nível inicial, fora arrancado da cama no meio da noite por ordem da Fundadora Dandolo. Não sabia ao certo por que a Fundadora Dandolo mandara que elaborasse a papelada daquela aquisição bizarra e acompanhasse aquele homem tão estranho ao enclave da Michiel. E, *principalmente*, não sabia ao certo como se dera a aquisição ou, menos ainda, por que fora feita.

Nem por que houvera toda aquela gritaria.

— Que cores maravilhosas — comentou o homem de preto ao ver uma parede brilhar e mudar à medida que o vento percorria as ruas. — Você vem sempre aqui, rapaz?

— Ah… não, senhor. Não venho.

— Hum. Talvez devesse.

— Senhor… posso fazer uma pergunta?

O homem de preto deu de ombros.

— Qual era o propósito da nossa visita aqui hoje?

Ele refletiu sobre a pergunta.

— Por favor, me diga, já ouviu falar em Hantiochia, garoto?

— Ah… não, senhor.

— Imperador de Vhosian. Um homem muito carismático, muito engenhoso. Isso deve ter sido, ah, uns dois mil anos atrás. Quis se certificar de que o seu povo acreditasse não só que ele exercia poder, mas que *era* poder. Mandou fazer muitas esculturas e santuários. Fez um gigantesco exército de escravizados labutar e produzir milhares de estátuas de barro para cuidar dele no túmulo, protegendo-o de seus muitos inimigos no além-mundo. Veja bem, Hantiochia pretendia manter o poder mesmo na morte. Para governar seu povo do além. — O homem de preto parou de falar, subitamente fascinado por uma escultura de rua que zunia baixinho com o vento.

— E o que aconteceu depois, senhor?

— Hein? Ah, sim. Bem… — Havia um deleite cruel nas palavras dele. — Ele nunca chegou a se sentar no belo túmulo nem a vê-lo terminado, pois apareceu outra pessoa e destruiu tudo o que ele já tinha construído. Eliminou cada pedaço de pedra ou bronze com a imagem dele da superfície da terra. Todas aquelas horas de trabalho, todas aquelas obras, tudo perdido… E agora… quase ninguém sabe o nome do velho Hantiochia.

Ouviu-se um barulho vindo de trás: muitas vozes falando alto, gritando alarmadas. Participazio se virou e viu uma multidão se aglomerando na rua, olhando para o alto do Edifício do Hípato. Então vislumbrou o que as pessoas estavam vendo: havia um homem lá em cima, de pé na beirada do telhado, a mão esquerda debaixo da axila direita.

O homem de preto continuou andando.

— Precisamos voltar — disse ele. — Tenho muita coisa para fazer hoje.

A multidão atrás de Participazio gritou. Ele se virou de novo e viu que o homem do telhado agora havia sumido e que todos rodeavam alguma coisa na rua.

— Acho que… — gaguejou o rapaz. — Acho que ele pulou.

— Pulou? — perguntou o homem de preto com leveza. — Que pena. — O chapéu de três pontas girou quando ele olhou para outro edifício. — Sinceramente, que cores *maravilhosas*!

◆ 15

À medida que o dia se transformava na metade da tarde, as ruas das Áreas Comuns e dos campos começaram a se encher devagar de flautistas, desfiles, lanternas flutuantes, barris de vinho e mesas de comida, muitas delas exíguas, dados os problemas nas lavouras, mas ainda assim você tinha de mostrar as suas oferendas. *Era* o Carnaval das Monções, afinal. Tevanne tinha poucas regras que eram observadas pela cidade inteira, mas o carnaval com certeza era uma delas.

Então era um pouco estranho que os membros da Periferia da Fundição estivessem amontoados nas espaçosas oficinas de Giovanni com Claudia, preparando o trabalho deles: uma carruagem inscrita que fora reaparelhada para funcionar como carro alegórico, soltando lanternas flutuantes e carregando um gigantesco barril de vinho pelas ruas.

— Parece — disse Giovanni enquanto ajustava o barril de vinho na carruagem — um pouco com os velhos tempos.

Orso o ajudou a vedar o barril.

— Concordo.

— Porém — continuou Giovanni, descendo de um pulo —, eu detestava os velhos tempos.

— Concordo.

— Porque eu sempre acabava quase morrendo.

— Concordo de novo. — Orso inclinou a cabeça e ouviu as flautas do lado de fora. — Parece que o dia está passando. Meu Deus, como eu gostaria de simplesmente envolver um jarro de vinho com meus lábios e deixar que faça o que quiser de mim… mas imagino que esses dias tenham acabado. Como estamos com as nossas várias ferramentas?

— Quase terminado! — responderam Claudia, Sancia e Berenice ao mesmo tempo. Nenhuma delas parecia particularmente satisfeita.

Orso não ficou surpreso. Claudia e Gio haviam se especializado em um aperfeiçoamento da técnica que o próprio Orso desenvolvera: embora ele houvesse encontrado uma forma de convencer uma caixa de que continha algo que na realidade não continha, eles haviam desenvolvido uma maneira de se livrar da caixa e usar simples placas de metal ajustadas no assoalho. Dispondo as placas corretamente, a realidade acima delas acreditaria ter paredes, ou um bloco de ferro, ou uma pilha de carvão, e assim por diante. Era muito mais limitado que o método em compartimento fechado de Orso (nenhum deles havia encontrado um modo de duplicar nada além de matérias-primas estúpidas), e ele sabia que os últimos meses tinham sido extremamente frustrantes para eles.

Ele foi até onde elas estavam trabalhando com uma variedade de placas de aço, todas dispostas no chão ao redor. No fundo da oficina havia dez imensas paredes de aço e quatro caixas grandes de aço. Ele as examinou com atenção.

Orso Ignacio raras vezes se sentira muito assustado nos últimos três anos. Tendo passado pelos acontecimentos na Montanha, e por um julgamento de crime capital do Conselho de Tevanne, e pela fundação da Periferia da Fundição… simplesmente não parecia restar muito com que se preocupar.

Mas agora estava preocupado. Estava preocupado porque não tinha acesso às suas próprias oficinas. Estava preocupado porque tinham de confiar em antigos colegas que os haviam deixado para desenvolver uma versão das técnicas de inscrição dele que, até onde sabia, ainda não havia sido comprovada. E estava especialmente preocupado porque iam ter de usar essas técnicas não só para percorrer um edifício que ele ajudara a quase destruir três anos antes, mas também iam ter de fazer isso ao mesmo tempo que se preocupavam com um hierofante.

E nem sequer um *hierofante*, pensou. *O primeiro de todos os malditos hierofantes*. Ele se sacudiu e tentou se lembrar do que tinha de fazer em seguida.

— Vocês disseram que tinham terminado meia hora atrás — falou Orso.

— E nós estávamos *falando sério* meia hora atrás! — retrucou Claudia. — Nós conseguimos um resultado fedegosamente incrível, considerando que vocês apareceram de manhã e perguntaram para o Gio e para mim se podiam usar *todos* os

nossos protótipos!

— Eu pedi a sua ajuda — respondeu Orso — porque presumi que funcionavam. Porém, ainda não vi muitas provas de que funcionam.

Claudia praguejou baixinho, depois pegou uma placa, levantou-se e a jogou no centro da oficina. Pegou uma pequena lousa ao lado, coberta com vários tabuladores de madeira deslizantes, e moveu um.

— Está funcionando — comentou Sancia, olhando para a peça.

— Não preciso que você me diga! — exclamou Claudia, irritada. — Sei quando o meu maldito trabalho funciona. — Então olhou em volta, pegou um pequeno lingote de ferro e o arremessou ao ar por cima da placa.

O lingote pareceu ricochetear em uma parede invisível logo acima da placa, produzindo um tinido, mas o som não veio de nenhum lugar próximo à placa no chão. Ao contrário, veio do fundo da oficina, onde estavam as paredes de ferro. Orso olhou do lingote, que quicava pelo chão, para as paredes de ferro no fundo (uma das quais agora tinha uma pequena depressão no centro… uma depressão que ele tinha certeza de que não estava lá antes).

— A placa faz a realidade acima dela acreditar que contém uma parede de ferro — afirmou Claudia. — Basicamente permitindo que você coloque paredes invisíveis em qualquer lugar.

— A sua caixa funciona com *lexicons* — explicou Gio. — As nossas placas funcionam com matéria-prima.

Orso se aproximou e tateou o ar acima da placa, e teve um ligeiro sobressalto quando seus dedos encontraram uma superfície lisa, dura e fria absolutamente invisível. Ele bateu nela duas vezes e outra vez o ruído dos nós dos seus dedos não veio do espaço à sua frente, mas das paredes no fundo da oficina.

— Entendo. Na realidade… é fantástico.

Claudia pareceu surpresa. Na verdade, todos pareceram surpresos.

— É mesmo? — indagou ela.

— Bom… é, sim — confirmou Orso. — Por que todos parecem tão chocados? Ela pegou a minha ideia e fez uma coisa nova. Isso é que é inscrição.

— Mas é um pouco limitado — alertou Gio. — Não podemos fazer a realidade acreditar que contém algo complicado demais…

— Em outras palavras, nada inscrito — acrescentou Claudia. — Como o seu truque do *lexicon*, Orso. Apenas matérias-primas. — Ela o fitou com um olhar firme e interessado. — Mas se essa coisa der certo… nós ficamos com as definições da Michiel, certo? Porque elas provavelmente ajudariam *bastante*.

— Sim, sim — respondeu Orso. — Vocês ficam. Claro.

— Boa parte disso seria mais fácil se tivéssemos acesso à biblioteca da Periferia da Fundição, na verdade — falou Berenice, limpando o suor do rosto. — Consigo pensar em pelo menos quarenta projetos que deixariam tudo isso mais fácil. Recuperar o acesso a ela é fundamental.

— O que não podemos fazer agora — disse Orso —, já que não tenho dúvidas de que os espiões de Ofelia iriam sussurrar nos ouvidos de Crasedes assim que passássemos pela porta.

— Vamos recuperá-la — garantiu Sancia. — Depois de hoje à noite.

— É, e… depois eu e Gio estamos *fora* — falou Claudia.

— Não gostei do meu breve contato anterior com coisas hierofânticas — justificou Gio — e, se o que vocês estão dizendo for verdade, eu definitivamente não ia gostar desta vez.

Quando terminaram o trabalho, Orso aos poucos se deu conta de que estava fazendo pouco mais que supervisar. No espaço de três curtos anos, o pessoal dele: Claudia e Gio, Sancia e Berenice, todos haviam se tornado inscritores magníficos. Mal precisavam de sua ajuda.

Embora estivesse preocupado, aterrorizado e ansioso quanto àquela noite, não pôde deixar de sentir um estranho tipo de júbilo enquanto os observava colocar os toques finais em tudo e levar o trabalho para a carruagem. Levou um tempo para ele perceber que era orgulho.

É assim que deveria ser a inscrição, pensou ele. *É assim que* Tevanne *deveria ser*. Seu coração se entristeceu um pouco. *E era como ia ser… até tudo isso acontecer…*

Seu olhar desviou para Sancia e Berenice e uma preocupação familiar lhe subiu pela espinha. As duas haviam florescido, mas… Sancia parecia estranhamente velha e desgastada nos últimos tempos. Ele dissera a si mesmo que era por conta da antiga vida que levara (crescer nas lavouras desgastava o corpo antes que você sequer tivesse a chance de usá-lo), mas, ainda assim, preocupava-se.

Será que eu roubei a juventude dela? Ou será que é… outra coisa?

Então a porta se abriu com tudo e Gregor entrou carregando um saco de couro grande que cheirava a carne de caça.

— Eu trouxe os cadáveres de macaco em pedaços — disse ele.

— Essa é a última parte! — Orso bateu as mãos ruidosamente, levou uma delas ao bolso e tirou uma máscara de papel semelhante à cabeça de um carneiro. Ele a pôs no rosto. — Vamos fazer um maldito desfile, pessoal.

◆ 16

Mascarados e usando fantasias não muito caprichadas, os membros da Periferia da Fundição, Gio e Claudia se empilharam na carruagem e partiram pelas ruas das Áreas Comuns, que já estavam se enchendo de foliões. Os festeiros logo viram o carro alegórico que eles haviam preparado (e o gigantesco barril de vinho na parte de trás) e gritaram, bateram palmas e começaram a segui-los.

— Espero — disse Gregor ao avançar com a carruagem pelas ruas lotadas — que a gente não coloque nenhuma dessas pessoas em risco.

— O carnaval sempre foi perigoso — pontuou Orso. — Qualquer tevannense que vale o vinho que bebe sabe disso. Desmaie sobre o seu próprio vômito e *bam*, você morre. Perigoso!

Sancia espiou o céu. O sol estava quase se pondo agora.

— Avise — pediu Gio da parte de trás da carruagem — se avistar algum hierofante por aí.

Ela olhou para a multidão e viu pelo menos uma dúzia de Papais Monção dançando mais atrás.

— Isso pode ser mais difícil do que você imagina.

Eles passaram pelas vizinhanças da Periferia da Fundição e pela Terra das Lanternas (cujas celebrações eram particularmente alegres, uma vez que eles eram um pouco mais ricos que os demais) e enfim viram os muros quebrados da parte mais externa do que fora um dia o campo Candiano. Agora era pouco mais que uma pilha de alvenaria e destroços de uns três metros de altura. Os habitantes das Áreas Comuns aparentemente haviam começado a usar as pedras amontoadas como assentos para peças e apresentações, como um comprido e interminável anfiteatro, e alguns malabaristas e bandas de flauta dançavam e tocavam para eles.

Sancia sentiu um curioso desespero ao ver os muros. *Eu fiz isso? Fui eu mesmo?*

Eles se embrenharam mais no que um dia haviam sido os pontos mais afastados do campo, seguidos por um séquito de pessoas batendo palmas, cantando e dançando… e seguindo o vinho deles.

— Acho que agora seria um bom momento para as lanternas — gritou Gregor.

— Entendido — respondeu Berenice. Ela estendeu bem a mão até o fundo da parte de trás da carruagem e puxou uma alavanca.

Instantaneamente, dezenas de lanterninhas flutuantes se inflaram e acenderam com luzes vivas e coloridas, rosadas e alaranjadas e roxas. Elas subiram aos céus por alguns metros até que, por fim, as linhas que as prendiam à traseira da carruagem se esticaram e elas seguiram a carruagem pelas ruas como um cardume de peixes luminescentes. A multidão soltou *uhs* e *ahs*, embora Sancia francamente não soubesse ao certo por quê. Havia muitos carros alegóricos como aquele. Ela presumiu que já estivessem bem bêbados.

Então viu os muros do enclave à frente, conduzindo ao núcleo do campo Candiano abandonado, e, atrás deles, a Montanha.

O coração de Sancia parou ao avistá-la. Na verdade, do lugar onde ficavam os escritórios ela não conseguia ver muito. No passado, aquele fora o maior e mais grandioso edifício de toda Tevanne, mas agora parecia uma gigantesca maçã preta que alguém mordera e deixara ali para apodrecer. Ela ainda podia ver pisos e suportes e escoras e vigas de onde estava. A lembrança daquela noite e do caos e do terror desenfreados a fez começar a suar.

E então ela se sentiu estranhamente triste. Afinal, a Montanha em si fora um imenso dispositivo, um dispositivo que Tribuno Candiano projetara para agir como uma mente artificial para atrair qualquer hierofante que ele achava que poderia estar escondido pelo mundo. Ela e Clave haviam conversado com a coisa e ela lhe parecera desesperada e solitária. Um triste destino, pensou ela, ser danificada dessa maneira e abandonada para permanecer vazia durante anos e anos, possivelmente ainda senciente, ainda à espera.

— É maior do que eu me lembrava — comentou Gregor baixinho ao lado dela. Ele parecia perturbado, os olhos arregalados e o rosto tenso. Ela percebeu que ele estava revivendo o que fizera naquela noite, ou o que conseguia lembrar do que

fizera.

— Você está bem? — perguntou ela.

A expressão no rosto dele se tornou fechada e amargurada.

— Como eu poderia saber? — respondeu ele. Gregor não falou mais nada enquanto se dirigiam aos muros.

◆◆◆

Sancia flexionou a visão inscrita quando se aproximaram do muro. O próprio muro se acendeu com inscrições (ele fora convencido a ser sobrenaturalmente alto e espesso), mas ela estava procurando algo específico.

Enfim o avistou: um pequeno canal sinuoso, ou o que restara dele, já que a água secara até se transformar em um regato fétido desde aquela noite na Montanha. Sancia espreitou com mais atenção e viu uma grade levadiça de metal inscrita abaixo do muro, uma grade que fora construída para permitir que o canal entrasse e saísse do enclave.

Ela olhou para as baterias de espringais ao longo dos muros do enclave, estáticas e curvadas como cegonhas no leito de um rio.

— Por ali — disse a garota, apontando na direção delas.

Gregor virou a carruagem. Os foliões que seguiam o carro alegórico pareciam bem menos entusiasmados agora. As pessoas ainda não vinham a essa parte de Tevanne com muita frequência desde a noite na Montanha.

A carruagem foi se aproximando cada vez mais. Sancia continuou concentrada nas baterias de espringais, observando seus comandos adormecidos, e então algumas baterias giraram devagar para mirar neles, detectando o sangue deles, a sua presença, mas sem querer atirar… ainda.

— Pare — disse Sancia.

A carruagem parou. Os foliões que seguiam atrás festejaram.

— Estou contente que pelo menos alguém esteja feliz — resmungou Orso.

— Mas é um bom disfarce — comentou Berenice. — Ninguém desconfia de um desfile.

Giovanni abriu as torneiras do enorme barril de vinho e os foliões beberam e dançaram e tocaram flauta. Enquanto isso, Orso, Gregor, Berenice e Sancia se

prepararam dentro da carruagem. Eles haviam trazido as ferramentas de costume (impressoras, equipamentos de inscrição, bem como as placas que Gio e Claudia haviam feito para eles), mas as partes cruciais eram quatro armaduras de couro.

— Como… é que elas funcionam mesmo? — perguntou Gregor enquanto vestia uma. Estava um pouco pequena. — Me desculpem, eu tinha saído para pegar os macacos no açougue…

— Está vendo esse botão na lateral do seu ombro? — indagou Claudia. — Não, não, esse é um fecho para as correias… Isso, esse aí. Aperte-o, não agora, veja bem, e ele vai… bom, duplicar a realidade da mesma forma como funcionava a caixa de Orso. Mas desta vez vai fazer a realidade acreditar que existe uma grande caixa de metal em volta de você. Entendeu?

Ele ficou olhando para ela, sem entender.

— O quê?

— Em outras palavras, ela cria uma parede invisível — explicou Berenice em um tom gentil. — Se você viu aquelas caixas de aço no fundo da oficina deles, ela faz a realidade pensar que aquela caixa está em volta de você. Então, se alguém atirar uma flecha em você…

— Ela ricocheteia em uma parede invisível? — perguntou Gregor.

— Exatamente — respondeu Claudia. — Só… não deixe ativado o tempo todo. Vai ser difícil passar pelas portas com a realidade achando que tem uma caixa grande de aço ao seu redor. E não ative muito perto de nenhuma parede: você vai ficar imobilizado, já que uma parte da parede em formato de caixa vai estar presa dentro da pedra. E uma coisa muito, muito mais importante…

— Ah, meu Deus — suspirou Orso.

— *Não* caia — acrescentou Claudia. — Trabalhamos duro para tirar a sensação de peso das couraças; em outras palavras, você não sente que está carregando uma caixa grande de metal, mas, se cair, vai ficar preso.

— E preso com a bunda exposta, aliás — alertou Gio —, já que a caixa não tem fundo.

— Deus Todo-Poderoso… — murmurou Orso.

— É melhor que nada — falou Sancia, na defensiva. — Crasedes pode lançar estriladores pelo ar, estraçalhar paredes… O que for necessário para ganhar tempo.

— Falando em tempo — disse Gregor, olhando para fora —, está escurecendo muito rápido para o meu gosto. Temos até a meia-noite, certo?

— Isso — confirmou Sancia. — É quando ele vai ficar mais forte. Duvido que ele faça qualquer coisa antes disso.

— Então deveríamos ir agora — falou Berenice —, para termos o máximo de tempo possível para tirar esse componente da Montanha.

— Certo — concordou Orso. Ele olhou para Claudia. — É hora do sangue de macaco.

◆ ◆ ◆

Os membros da Periferia da Fundição saíram da carruagem e discretamente seguiram para o canal morto. Sancia ficou de olho nas baterias de espringais e ergueu uma das mãos quando as grandes câmaras de bronze rapidamente entraram em funcionamento e começaram a seguir os movimentos deles. Depois olhou de volta para Claudia e acenou.

Sentada no topo da carruagem, Claudia soltou as dezenas de lanterninhas flutuantes. Os foliões batiam palmas enquanto elas flutuavam pelo ar como sementes de uma videira pulverosa, mas, embora a multidão estivesse bêbada demais para notar àquela altura, todas as lanternas flutuavam na mesma direção (a do muro) e também na mesma altura, que por acaso era quase ao nível das baterias de espringais.

Sancia observava com sua visão inscrita enquanto as lanternas avançavam devagar para flutuar diante das baterias de espringais. As baterias ganharam vida, girando para mirar nas lanternas, o que, se você soubesse como funcionavam as baterias, teria parecido fora do comum: elas só alvejavam sangue que não reconheciam. Então por que mirariam em algumas lanternas flutuantes?

Esse talvez fosse o aspecto mais macabro do plano deles, mas parecia estar funcionando. Era de conhecimento de todos que as baterias de espringais tinham dificuldade para distinguir o sangue dos humanos do sangue dos macacos cinzentos, o que os inscritores perceberam bem rápido quando as primeiras versões foram logo descarregando as suas salvas em qualquer ninho de macacos nos telhados próximos. A maioria dos inscritores dos campos havia esclarecido seus comandos para que as

espringais resolvessem o problema, mas Sancia tivera a ótima ideia de comprar macacos dos açougueiros do Visgo (onde a torta de sangue era uma iguaria), pôr o sangue em frasquinhos, acrescentar uma gota do próprio sangue dela em cada frasco e prendê-los às lanternas flutuantes.

E um frasco de sangue de macaco em todos os nossos bolsos, pensou ela ao fitar os companheiros. *Só para sermos extremamente cautelosos*.

À medida que aumentava o número de lanternas em torno dos muros, as baterias foram ficando mais desorientadas. Seriam macacos? Seriam humanos não identificados? E qual era o alvo? Parecia haver um número excessivo deles.

Sancia viu as baterias de espringais passarem de lanterna em lanterna, completamente perdidas quanto ao que fazer.

— Agora! — exclamou ela. Juntos eles pularam no canal e correram em direção à grade levadiça embaixo do muro.

Sancia agarrou o metal da grade e o dispositivo instantaneamente falou em sua mente.

<…*expelindo* TRÊS METROS ABAIXO, *contanto que o ponto mais distante de toda a* CONSTRUÇÃO *não toque diretamente nenhuma* MATÉRIA, *e* ERGUER *quando o bloqueio exercer* PRESSÃO *em* TODAS AS ESTRUTURAS *em* PRESSÃO MÁXIMA…>

Parecia que a grade levadiça fora inscrita para barrar o canal, mas ainda permitir que a água passasse, a menos que alguma obstrução viesse flutuando de dentro do enclave interior, batendo contra ela. Nesse caso, a grade se ergueria, deixaria a obstrução passar e depois abaixaria de novo.

<*Me diga como você define pressão e estruturas*>, pediu ela para a grade.

As métricas e os níveis verteram em sua mente, entoados na curiosa voz apreensiva do objeto. Ela ouviu com atenção.

Ela se ergue quando sente uma pressão fora do comum na superfície da grade, pensou a garota. *Mas "a superfície da grade" não está bem definida. Então, se sentisse qualquer pressão em um centímetro quadrado específico do metal, talvez se visse obrigada a se erguer…*

Sancia conversou com ela, passando-lhe seus comandos. Então abriu os olhos e chacoalhou com força as barras da grade.

Com um *clique* e um rangido, a grade se ergueu lentamente.

— Entrem — disse ela. — Agora.

Os quatro se esgueiraram para dentro, correndo pelo canal destruído, subindo a escada de pedra na lateral e depois entrando nos círculos mais próximos ao centro do enclave.

Sancia parou para olhar para trás. Houve um estalo do outro lado dos muros do enclave e ela viu algo estranho se elevando até o céu: uma grande lanterna flutuante verde e redonda, como as usadas em desfiles de carnaval nos campos. Ela subiu até pairar a uns quinze metros acima do muro, cercada por um grupo de lanternas flutuantes menores. A garota ouviu os aplausos dos foliões dali de dentro.

Deve ser fácil de ver, pensou ela. *Iluminando o caminho para casa*…

— Mostre o caminho — falou Orso.

O coração de Sancia pesou como chumbo quando ela tentou se lembrar do caminho à frente.

— Como eu queria — desabafou ela — nunca ter que fazer isso de novo…

— Entendo como se sente — disse Gregor.

◆◆◆

A coisa mais estranha de andar pelo enclave dos Candiano era como estava vazio. Quase tudo estava escuro: não havia luzes nas ruas nem nos edifícios. As imensas espirais sinuosas estavam totalmente abandonadas. As ruas estavam cobertas de entulho que havia caído nas sarjetas e nas vielas.

— Estranho — disse Orso baixinho. Eles olhavam para as incontáveis estruturas vazias ao redor. — *Estranho*.

— Parece — comentou Gregor — que os Michiel não estão fazendo muita coisa com esse espaço.

— Eu que o diga. — Sancia flexionou o músculo em sua mente. Embora a maior parte dos campos fosse uma explosão de luz e lógica vindas de todos os projetos que mantinham tudo funcionando, o enclave Candiano parecia mais um punhado de velas bruxuleando no escuro. — As únicas inscrições ativas são as que mantêm os edifícios de pé. Todo o resto está desligado.

— A escuridão vai ser útil — falou Orso. — Vamos continuar andando.

Eles avançaram pelo enclave até chegar ao canal principal e a Montanha

despontou. Outra vez, ela ficou admirada de ver aquela coisa. A Montanha era tão incompreensivelmente enorme, uma gigantesca cúpula preta com minúsculas janelas redondas pontilhando sua superfície, e, no entanto, agora também estava tão incompreensivelmente *danificada*.

— Tomara que tenham deixado a porta da frente aberta — disse Orso.

Juntos percorreram as ruas laterais ao redor das torres ao lado da Montanha, Sancia observando de perto as inscrições em torno deles, atenta a qualquer movimento.

Então ela viu um emaranhado de lógica no edifício à frente. Parou de imediato e ergueu uma das mãos.

— O que foi? — perguntou Gregor.

Sancia estreitou os olhos para o emaranhado de inscrições. Viu comandos de velocidade, durabilidade, densidade e gravidade.

— É uma espringal — respondeu ela.

— O quê? — retorquiu Gregor.

— Ali naquele prédio. — Ela apontou. — Na sacada. É uma espringal, e de grande potência. E está se movendo.

— Um guarda da Michiel então? — indagou Berenice.

Sancia inclinou a cabeça, examinando a lógica.

— Não. Acho que não. Parece o trabalho de outra pessoa. Acho que é… da Dandolo.

Gregor, Berenice e Orso se entreolharam.

— O quê? — perguntou Orso. — Que diabos? Achei que os Michiel fossem os donos desse enclave!

— Poderia ser uma invasão — sugeriu Berenice. — Sabemos que Crasedes está atrás da mesma coisa que nós e sabemos que Ofelia está trabalhando com… ou para ele.

— Não podemos parar aqui, mesmo que seja uma surpresa desagradável — falou Sancia. — Nós simplesmente… escolhemos outro caminho. — Ela se afastou do edifício. — Um que fique bem longe daquilo.

Mas se aproximar da Montanha se mostrou mais difícil do que Sancia havia pensado. Toda vez que eles se esgueiravam por alguma passagem ou beco, ela

sempre avistava uma inscrição mais perto da Montanha: uma espringal, ou um punhado de floretes, ou outro armamento, que com certeza pertenciam a guardas de vigia. E todos eles eram da Dandolo.

— Como diabos a Dandolo trouxe um exército particular para dentro do enclave? — sussurrou Sancia quando eles se reuniram atrás de uma esquina. — Os Michiel certamente teriam notado todos esses malditos idiotas!

O rosto de Gregor assumiu uma expressão de angústia.

— A menos… que a minha mãe, ou Crasedes… tenha feito os Michiel desistirem do lugar.

— Ele não poderia fazer isso! — zombou Orso. Então viu as caras de Sancia e Gregor. — Ele *poderia* fazer isso?

— O som da voz dele quase me fez contar onde Clave está — disse Sancia. — Só Deus sabe o que levaria uma pessoa comum a fazer.

Gregor espreitou a superfície escura e rachada da Montanha viela abaixo.

— Eles estão lá. Não tenho dúvida. A minha mãe provavelmente mandou inscritores da Dandolo passarem o dia inteiro aqui tentando conseguir os mesmos componentes que estamos procurando. E colocaram guardas por toda parte.

— Então… nós vamos embora? — indagou Orso.

— Não! — respondeu Sancia. — Se formos embora, perdemos as proteções de Valeria, e Crasedes fica um pouco mais perto de transformá-la em algo que poderia despedaçar a realidade como uma vespa em uma colmeia! Essa é a nossa única chance!

— O que você sugere que a gente faça? — perguntou Orso.

Berenice de repente se afastou um pouco mais da esquina, olhando não para a Montanha, mas para o terreno em torno de sua base.

— O que diabos você está fazendo? — sussurrou Sancia.

— A entrada secreta — sugeriu Berenice em voz baixa.

— O quê? — indagou Gregor.

— Existe uma entrada secreta para a Montanha, não existe? Nós a usamos da última vez. Será que ainda está protegida?

Sancia refletiu sobre a sugestão.

— Não sei — respondeu. — Mas vale a pena tentar.

Eles percorreram uma série de parques que haviam sido tomados por macacos cinzentos até chegarem enfim à entrada do jardim de esculturas particular de Tribuno Candiano. Sancia examinou as sacadas e as vielas ao redor, mas encontrou todas vazias.

— Estamos a sós — sussurrou ela. — Eles não sabem sobre a entrada!

— Então vamos ver se ainda funciona — disse Gregor.

Eles entraram no jardim. Foi uma experiência extremamente perturbadora para Sancia: da última vez que estivera ali, as topiarias estavam aparadas, os gramados haviam sido cortados recentemente e as imponentes estátuas estavam limpas. Agora estava tudo coberto de vegetação, as estátuas e os edifícios ornamentais estavam imundos, cheios de poeira e bolor, e as topiarias haviam ficado tão espessas que Gregor teve de cortá-las com um florete inscrito.

E, conforme ela se lembrava, da última vez que estivera ali levava Clave consigo.

Como tudo parece distante agora, pensou ela.

Ela achou a ponte com a entrada escondida embaixo, analisou a parede com a visão inscrita e pôs uma das mãos descobertas nela.

— Espero muito que funcione — falou ela baixinho.

A porta inscrita fora muito bem projetada (ela podia perceber de cara que era obra de Tribuno Candiano) e exigiu muito esforço fazê-la deixar que passassem. Mas Sancia finalmente triunfou e uma tampa redonda e lisa de pedra branca deslizou, revelando uma escada do outro lado.

Orso soltou um suspiro de alívio.

— Graças a Deus!

— Ainda não entramos — advertiu Sancia. Eles desceram os degraus juntos. — A escada termina em um túnel esquisito que leva ao quarto andar. Ou pelo menos levava. E, com sorte, antes de chegar lá vou conseguir conversar com a Montanha.

— Você vai conversar com ela? Com o edifício inteiro? — perguntou Gregor.

— Vou — respondeu Sancia. — E talvez ela possa nos contar o que está acontecendo. — Embora, tinha de admitir, o fato de saber que os *lexicons* da Montanha basicamente funcionavam à base das almas distorcidas e violadas dos mortos tornasse a perspectiva de conversar com ela um pouco mais perturbadora do que teria sido em circunstâncias normais.

As pessoas costumavam dizer que a Montanha era assombrada, pensou a garota. *Elas não faziam ideia de como estavam certas…*

Eles passaram pelo túnel, que agora estava tão escuro que tiveram de pegar lanternas inscritas para enxergar o caminho. Então chegaram a uma escada em espiral que levava ao quarto andar da Montanha. Sancia fez a porta que havia ali se abrir, e ao se afastar revelou…

— Meu Deus — arquejou Berenice.

— Merda — falou Orso baixinho.

O átrio interior da Montanha era um mundo empoeirado, gotejante e estilhaçado de lâmpadas faiscantes e sombras dispersas. O mofo brotava aqui e ali e rastejava pelas paredes verdes de gesso em ondas. O ar estava pesado e cheirava a bolor e podridão. A luz do dia se infiltrava pelo teto quebrado, que aparentemente fora arrebentado quando Sancia ativara o dispositivo de gravidade, e raios de luz oscilante dançavam pelo chão à medida que as nuvens deslizavam pelo céu que escurecia.

O mais estranho era como aquele lugar ainda se assemelhava às lembranças que tinha do edifício que já fora. Ainda mantinha o brilho de sua estrutura original: as passarelas concêntricas revestindo o interior do átrio como costelas empilhadas umas sobre as outras, com sacadas ao longo delas de modo que você pudesse parar e olhar para a imensa câmara de onde estivesse. Mas isso era ilusório, ela sabia, pois a Montanha era muito maior que apenas o átrio: corredores saíam das passarelas concêntricas e levavam a salões de festa, recintos de montagem, oficinas de design, adegas e mais.

No entanto, agora todas aquelas coisas estavam corroídas e degradadas. Tudo em somente três anos.

Sancia examinou o gigantesco átrio com sua visão e distinguiu nove armamentos da Dandolo perambulando pelas passarelas acima e abaixo deles: nove soldados, cinco em patrulha, quatro de guarda.

E isso é só o que consigo ver daqui, pensou ela. *Meu Deus, deve haver um pequeno exército aqui com a gente…*

Uma voz antiga, exausta e chiada sussurrou na mente dela.

<*… hein? O que é essa Presença? Quem… Quem é?*>

— Consegui — disse ela, dando uma batidinha na lateral da cabeça. — Ela continua viva, continua ativa!

— Então pergunte a ela o que diabos está acontecendo! — exclamou Orso.

<*Oi, Montanha*>, falou ela.

<*Ah!*>, respondeu a Montanha. <*É você… é você, não é? Tenho dificuldade… para lembrar hoje em dia*.>

<*Sou eu*.>

<*Você está aqui com todos esses… homens? Tenho tão poucos visitantes agora… Estão todos com medo de que eu desmorone. E esse receio, eu sei, não é sem fundamento…*>

<*Não. Não estou*.> Ela olhou para o piso do átrio. Um dos elevadores que levava para os andares superiores havia desabado. Vidro e cristal quebrados brilhavam pelo chão de mármore empoeirado. <*Sinto muito pelo que aconteceu com você*.>

<*Ah. Sim. Tudo bem. Não guardo nenhum ressentimento de você*.>

<*Não?*>, perguntou Sancia. <*Por quê?*>

<*Você me trouxe tão perto de cumprir o meu Propósito. Você me trouxe a chave, uma coisa feita pelos Antigos*>, respondeu a Montanha. Ela parecia estar saboreando a lembrança. <*Para mim, foi tão maravilhoso chegar tão perto…*>

<*Precisamos de uma coisa sua, Montanha… um pedaço dos seus* lexicons*. Eles continuam intactos?*>

<*Hein? Sim. Cinco dos seis continuam funcionando*>, revelou a Montanha. <*Um foi inundado. Como resultado, meu controle sobre portas e fechaduras não é… como era antes. Embora eu ainda esteja consciente e tenha algum controle sobre as lâmpadas…*>

<*Quem está aqui conosco?*>

<*Há homens tentando acessar os cinco* lexicons *funcionais… homens que eu não conheço. Não gosto deles: nenhum registrou o sangue por meio dos processos apropriados de segurança… Desaprovo isso veementemente*.>

<*Acho que estão procurando a mesma coisa que nós*>, disse Sancia. <*É uma pequena definição esquisita em forma de cone…*>

<*A definição de autoridade*>, falou a Montanha. <*Sim. Que me dá autoridade para detectar e mudar e reagir às realidades na minha periferia. Sim. Eu a conheço bem*.>

<*Eles chegaram a ter sucesso em pegá-la?*>

<*Não. Tribuno colocou muitos processos defensivos em torno dos* lexicons*. Eles estão perto de extrair um, mas… Simplesmente direi isto: eles são astutos, mas não são o meu criador*.> Houve uma pausa. <*Vários morreram*>, acrescentou ela.

— Os Dandolo estão trabalhando em cinco dos seis *lexicons* — disse Sancia em voz alta. — Eles não conseguiram tirar a definição de nenhum deles ainda, mas estão perto.

— O que está acontecendo com o sexto *lexicon*? — perguntou Orso. — Alguém o está protegendo?

— Não — respondeu Sancia. — Porque está inundado.

— Merda! — exclamou ele.

Sancia pensou bastante. Não era desse modo que eles queriam que as coisas acontecessem: haviam planejado entrar na Montanha primeiro, usar as barricadas invisíveis de Gio e Claudia para fechar o acesso a um *lexicon*, extrair o componente e depois sair. Não haviam planejado soldados e porões inundados. Mas ela sabia que não tinha escolha.

<*O* lexicon *inundado*>, perguntou Sancia para a Montanha. <*Onde está?*>

<*Nos alicerces a sudeste*>, contou a Montanha.

<*E… qual é o nível da água?*>

<*Até o teto na maioria dos casos*.>

Merda, pensou ela. *Bem fedegosamente ruim, então.*

<*Existe alguma maneira de escoar a água?*>, indagou Sancia.

<*Hum… Poderia haver*>, respondeu a Montanha. <*Se você perfurasse a parede nas salas de armazenamento a seco a sudoeste… Isso deve drenar a água e baixar o nível na câmara do* lexicon*. Mas essa parede fica bem afastada do* lexicon…>

<*Vai ter que servir*>, comentou Sancia.

— Vamos ter que nos dividir em dois grupos — falou ela, sacudindo-se.

— Certo — disse Gregor. — Qual é o plano?

— Um grupo precisa ir para as salas de armazenamento a seco no porão, na parte sudoeste — explicou Sancia, e apontou para o átrio. — Existe uma parede lá que temos que quebrar… — Ela inclinou a cabeça e ouviu a Montanha. — A Montanha falou que pode piscar luzes pelo caminho para que possamos encontrá-la.

— Útil — comentou Berenice.

— Fedegosamente sinistro — murmurou Orso.

— Quebrar a parede vai deixar bastante água vazar das câmaras do *lexicon* — continuou Sancia. Ela mudou a direção do dedo para apontar a localização. — Quando o nível estiver baixo, a outra equipe entra na câmara do *lexicon* e retira o componente. Depois nos reagrupamos aqui e saímos por onde entramos.

Gregor aquiesceu, embora seu rosto mostrasse preocupação.

— Suponho que Sancia e eu iremos até essa parede, enquanto Orso e Berenice vão cuidar do *lexicon*.

Sancia começou a concordar, mas Orso chacoalhou a cabeça e disse:

— Não.

— O quê? — retorquiu Sancia. — Por que não?

— Quero dizer… não sou o melhor inscritor para acompanhar Berenice. — Orso pensou em silêncio por um instante. Então olhou para ela com firmeza. — Você é.

— O quê? — indagou Berenice.

— *O quê?* — perguntou Sancia. — Você… você era o melhor aluno fedegoso do Tribuno Candiano! E sabe mais sobre *lexicons* que qualquer pessoa em Tevanne!

— Eu obviamente não sei nada sobre *estes* — falou Orso. — Juntas, você e Berenice conseguem fazer isso mais rápido. É melhor eu ficar com Gregor: já morei aqui, conheço os caminhos. — Ele franziu o nariz para as paredes mofadas. — Ou pelo menos conhecia… Não importa. Quanto mais rápido vocês duas conseguirem o componente — continuou ele enquanto Berenice abria a boca para discutir —, mais rápido saímos vivos. Entenderam?

Houve uma pausa embaraçosa.

— Tudo bem — concordou Sancia. — Eu vou com Berenice. Vocês dois quebram a parede.

— Quantos soldados estão aqui com a gente? — indagou Gregor.

— Consigo contar nove aqui, mas… se eles estão atrás dos *lexicons*, vão estar nos porões, longe de mim, então não consigo vê-los. — Ela encolheu os ombros. — Eu arriscaria uns trinta ou cinquenta ou algo assim.

— Droga — resmungou Gregor baixinho. Ele olhou para o átrio, o rosto

perturbado e apreensivo.

Sancia sabia com o que ele estava preocupado: não era morrer que assustava Gregor, e sim matar.

— Vocês vão ficar bem — disse ela. — Apenas evitem os soldados o máximo que puderem. Mas precisam se apressar. — Ela ergueu o olhar para o teto quebrado. Levara tanto tempo para chegarem ali que já era noite. — Talvez Crasedes espere a meia-noite para ver se as coisas estão progredindo… talvez não.

— E o que faremos se ainda estivermos aqui? — perguntou Orso.

— Tampem os ouvidos — respondeu Sancia. — E corram como loucos.

◆ ◆ ◆

Orso e Gregor se esgueiraram pelos corredores escuros da Montanha. Orso particularmente achou a experiência surreal e perturbadora. Ele não voltava àquele lugar tinha o quê? Quinze, vinte anos? E, no entanto, conseguia se lembrar daqueles tetos, daquelas portas, da sensação das maçanetas quando você as tocava… só que agora estavam sujas ou manchadas por águas de inundações anteriores, e todas as partes pareciam vazias e abandonadas. Era desanimador ver os corredores de sua juventude tão completamente mudados. A era de ouro da inscrição estava de fato morta e enterrada.

Mas nós a estamos renovando, tentou recordar ele. *Não vamos cometer os mesmos erros que Tribuno cometeu*… Eles passaram por um afresco em ruínas que retratava dois inscritores alterando o fundamento do mundo, gravando *sigils* nas engrenagens e no maquinário que sustentavam a própria realidade. *Isso* eu *fiz, quando era jovem*.

Enquanto andavam, notaram que as lâmpadas e as lanternas nas paredes ao redor ficavam acendendo quando eles se aproximavam. Demorou um pouco para Orso perceber que as luzes eram apagadas quando os dois se afastavam.

— É… impressão minha — sussurrou Gregor — ou…

— Ou a Montanha está acendendo as luzes para a gente ver? — completou Orso. — É. Acho que sim.

Gregor viu uma luz piscar em uma curva mais à frente.

— E está nos mostrando o caminho. Isso é… muito perturbador para mim.

— Eu vou te dizer uma coisa: isso me dá um maldito ataque histérico. Me sinto

como um viajante de contos de fadas seguindo lâmpadas fantasmas até um brejo. E pensar que morei aqui todos aqueles anos sem saber o que este lugar realmente *era*…

Eles continuaram avançando por um lance de escada rachado, entraram em uma sala de reuniões com taças de cristal aqui e ali pelo chão, depois em um corredor espelhado tão sujo que parecia que os reflexos deles estavam andando por uma névoa ondulada.

Então a luz acima deles se apagou. Eles pararam na total escuridão.

— Por que você acha que ela fez isso? — sussurrou Orso.

— Não tenho…

Uma luz piscou lá no final do corredor, e eles viram um guarda da Dandolo caminhando na direção deles, a espringal engatilhada na mão. O guarda parou e olhou para a lâmpada inscrita acima dele, perplexo quanto ao motivo de ter acabado de acender.

Porque está nos mostrando uma ameaça, percebeu Orso.

Antes que Orso pudesse pensar, Gregor o agarrou e o puxou para dentro do que parecia um quarto escuro e encharcado. Juntos se amontoaram nas sombras, prestando atenção à medida que os passos se aproximavam.

Orso não ousava respirar. Pôs a mão no botão da couraça, mas Gregor chacoalhou a cabeça, apontando para as paredes ao redor deles. Orso se lembrou dos avisos de Claudia: *Não ative muito perto de nenhuma parede: você vai ficar imobilizado*.

Os passos do guarda desaceleraram quando ele se aproximou da porta do quarto. Orso não conseguia entender o que o deixara desconfiado. Era evidente que o homem não os havia visto (caso contrário, teria simplesmente matado os dois no corredor), mas como podia saber exatamente onde estavam agora?

Gregor empurrou Orso devagar contra a parede do canto. Então escorou as costas contra a parede ao lado do corredor, mas não pegou nenhuma arma.

Por que ele não pegou a espringal? Por que ele não atira no maldito idiota?

Seguiu-se um longo período de silêncio. Então a ponta da espringal inscrita aos poucos empurrou a porta.

Gregor atacou.

Orso nunca vira Gregor lutar, então ficou atônito de ver com que rapidez um homem do tamanho dele podia se mover. Em um lampejo, Gregor pegara a espringal, arrancara-a das mãos do guarda e dera uma cabeçada bem na cara dele. O guarda gritou e uma flecha inscrita rompeu o teto, fazendo estilhaços voarem por todo o quarto. Orso sentiu um fragmento grande bater com estrondo na parede bem ao lado de sua cabeça.

Gregor arremessou o guarda pelo quarto e acertou um soco no rosto do sujeito. Mas ficou claro que o homem era igualmente treinado e, embora aturdido, estava preparado para o próximo golpe: ergueu o braço para bloquear o ataque de Gregor, depois deu um passo à frente e enfiou o cotovelo no pescoço do oponente, que engasgou e se curvou enquanto o guarda levava a mão ao florete. Antes que pudesse desembainhá-lo, Gregor se precipitou, bateu com o ombro na barriga do soldado e o empurrou contra a parede de pedra atrás dele.

Embora o guarda estivesse de capacete, a maneira como sua cabeça bateu na parede obviamente o machucou. Ele escorregou parede abaixo, lutando debilmente contra Gregor, que o segurou no chão com a mão esquerda enquanto procurava alguma coisa no cinto com a direita. O guarda continuava se debatendo e tentando gritar por ajuda, então Gregor pôs a mão esquerda na boca do guarda, que em seguida a mordeu com força.

Gregor gemeu, tirou algo do cinto (um dardo de dolorspina, pensou Orso) e acertou o pescoço do homem com ele. O guarda arfou e caiu para trás. Depois revirou os olhos e ficou imóvel.

Gregor pegou um lenço e enfaixou a mão, que sangrava bastante. Então se agachou e vasculhou a roupa do sujeito.

— Uma insígnia — disse ele, pegando-a. — Imagino que permissões ela dá…

Orso apenas ficou parado, ainda tremendo de susto.

— Pelo… pelo amor de *Deus*, cara!

— O que foi?

— Você precisava mesmo lutar com ele? Quero dizer… ele podia ter matado você, ou me matado, ou dado o alarme! Da próxima vez, apenas apunhale o homem, ou corte a garganta dele, e acabe logo com isso, certo?

Gregor fitou Orso por um momento, o rosto curiosamente fechado. Depois se

levantou e disse:

— Não.

— Não o quê?

— Não. Não vou matar esses homens a não ser que eu não tenha escolha.

— Mas… droga, Gregor, não temos tempo para a sua honra, para os seus fedegosos princípios mor…

Gregor se virou para ele.

— *Não* se trata apenas dos meus princípios morais! — rebateu ele. — E *com certeza* não se trata da minha honra!

Orso recuou, surpreso com a agressividade dele, em especial porque Gregor costumava ser tão taciturno.

— O quê?

— Não se trata… de misericórdia ou crueldade nem… nem de nenhuma dessas tolices inúteis! Se trata… — A fúria de Gregor se transformou em tristeza e desespero. — Se trata *disto*! — Ele apontou para o lado direito da cabeça, onde ainda estava instalada a placa.

— O que tem isso?

Ele fez um esforço para explicar.

— Quanto menos penso em mim como assassino… menos controle a placa tem sobre mim. — Fechou os olhos e continuou. — Porque eu mudei de ideia sobre o que sou. Eu *mudei. De. Ideia*. — Ele pronunciou as palavras como se fossem um mantra interior que viesse repetindo pelos últimos três anos. Depois abriu os olhos e fitou Orso, suplicante. — Não me peça para ser um assassino. Nem mesmo agora. Não quero mais ser a coisa que fui. E, se eu cometer um deslize, então vai ser mais fácil para… para aqueles que me fizeram me mandarem matar você. Certo?

— Eu… certo. Certo.

Gregor olhou de novo para o guarda.

— Espere. Ele tem um tipo de… luz brilhante no cinto. O que é aquilo?

Orso olhou e viu que o outro tinha razão: havia uma luz minúscula piscando na lateral do guarda. Ele se curvou e desprendeu o objeto do cinto.

Parecia uma bola de malha de arame, mas havia luzes bem minúsculas onde os arames se enrolavam uns sobre os outros, de modo que, com efeito, o objeto estava

coberto delas. Apenas uma luzinha brilhava do lado voltado para ele.

— Hã… — disse Orso, virando-o na mão, mas, ao fazer isso, as luzes mudaram: qualquer luz que estivesse voltada para ele ficava acesa, enquanto as outras ficavam apagadas.

Começou a lhe ocorrer uma ideia terrível.

— Gregor — falou ele —, pegue a insígnia do seu bolso e jogue fora.

Gregor o fez. Instantaneamente, uma segunda luz acendeu, esta voltada para Gregor.

— Ande pelo quarto — pediu Orso.

Gregor caminhou em um círculo pelo quarto. A luz se moveu com ele, sempre apontando sua posição, enquanto a segunda luz apontava para Orso.

— Merda — disse Orso.

— É… é alguma espécie de dispositivo de detecção, não é? — perguntou Gregor.

— É — confirmou Orso num tom sombrio. — Acho que detecta o sangue que não combina com a insígnia certa… da mesma forma que as baterias de espringais nos muros. Foi assim que o maldito nos encontrou.

— Crasedes sabia que a gente viria — falou ele.

— Parece que sim.

— Temos que alertar Sancia. Mas… ela e Berenice devem estar quase no porão a essa altura.

— Estou um pouco mais preocupado com a gente, para ser sincero, mas… — Orso pensou por um segundo. Depois pigarreou e continuou em voz alta. — Montanha, você pode me ouvir?

A luz do quarto piscou.

— Por favor, faça a gentileza de contar a Sancia o que descobrimos aqui.

A luz piscou outra vez.

— Acho que é útil — comentou Gregor — ter o próprio edifício do seu lado…

— Mas o edifício não vai adiantar merda nenhuma se puderem nos detectar através das paredes fedegosas. — Orso pensou por um instante. — Gregor, pegue aquela insígnia de novo, por favor.

Ele se abaixou e pegou.

— E agora?

— Agora vire-se e me deixe subir nas suas costas.

Gregor o encarou sem entender.

— O quê?

— Faça isso logo antes que eles nos detectem!

Resmungando, Gregor se virou e dobrou um pouco os joelhos enquanto Orso subia em suas costas.

— Pronto — resmungou ele enquanto agarrava o pescoço de Gregor. — Isso deve servir. E agora vamos ver se funcionou…

Ele pegou o pequeno detector de pessoas para descobrir. Como suspeitara, as luzes estavam todas apagadas.

— A-há! — exclamou ele. — A coisa não consegue decidir a quem a insígnia se aplica quando estamos tão perto! Então simplesmente supõe que *nós dois* a temos.

— Sim, mas… Orso, você está propondo que eu carregue você *o caminho inteiro* até o andar principal da Montanha?

— Bem. Não consigo pensar em outra solução de momento. Então… mexa-se, suponho.

◆◆◆

Sancia e Berenice foram serpenteando pelo coração da Montanha, mas não encontraram nenhuma patrulha ou guarda. Não tardou muito para perceberem por quê: logo os corredores estavam cheios de água à altura do tornozelo e elas tinham de erguer bem os pés e chapinhar pelas câmaras. Sancia não se incomodava (já rastejara em lugares piores em sua época), mas notava que Berenice não estava satisfeita.

— Só… cuidado com as cobras — aconselhou Berenice.

— A Montanha me falou que não existem cobras nesta ala dos porões — disse Sancia. — Mas disse que tem um ninho bem grande de ratos em uma das salas aqui.

Elas avançaram por uma sala de registros. A superfície da água estava coberta por uma película de antigos pergaminhos deteriorados e os gigantescos arquivos pairavam sobre elas, o que fez Sancia pensar em colunas de algum templo imenso.

— Eu gostaria de poder ouvir as coisas que você ouve — falou Berenice — e ver

as coisas que você vê.

— Você sempre diz isso.

— Mas sinto isso agora em especial, San. Quando existe um edifício contando segredos nos seus ouvidos.

— É só… não sei. Informação.

— E *você* sempre diz isso.

— E é. É como aprender uma língua estrangeira. Apenas saber as palavras não significa que entende mesmo o que estão *dizendo*. Você ainda tem que ser inteligente. — Elas viraram à direita e saíram da sala de registros. — É onde você me supera — queixou-se ela.

— Você é muito inteligente, San.

— Existe muito inteligente e existe você. Você sabe mais sobre inscrição até mesmo do que Orso. E eu… — Ela parou quando a Montanha de repente lhe sussurrou.

— O que foi? — perguntou Berenice.

— A Montanha está passando uma mensagem do Orso — contou ela, a cabeça inclinada, os olhos semicerrados. — Os guardas da Dandolo têm… algum tipo de dispositivo que detecta sangue. Para localizar pessoas que não têm as insígnias certas. — Seu rosto ficou sombrio. — Para *nos* encontrar.

Berenice a fitou.

— Crasedes sabia que Valeria nos mandaria para cá, então.

— Sabia. Assim como sabia que a gente estaria no navio. O maldito está sempre um passo à nossa frente. — Ela olhou para os corredores inundados. — Não acho que vamos encontrar nenhum soldado aqui embaixo. Mas aposto que vai ser muito difícil para Orso e Gregor. Acho que o *lexicon* está logo adiante.

Elas chegaram a uma enorme porta de bronze com múltiplas trancas, todas afinadas para detectar o sangue de Tribuno Candiano ou de seus inscritores de elite. Sancia logo percebeu que a porta estava fora do controle da Montanha: Tribuno não fora tão tolo a ponto de dar poder ao dispositivo sobre o acesso aos próprios controles.

— Significa que vou ter que fazer do jeito difícil… — disse Sancia, colocando uma das mãos descobertas na porta e começando a conversar com ela.

Desde que as técnicas de detecção de sangue tinham se tornado muito populares na cidade, Sancia adquirira uma boa experiência com elas; no entanto, essa porta se mostrou um exemplo particularmente espinhoso. Apesar das muitas tentativas de Sancia, ela se manteve impossível de persuadir: não seria iludida a se abrir.

— Tribuno fez um projeto dos infernos nessa coisa — reclamou ela, a mão sobre a porta e os olhos fechados. — Não arreda pé da definição de sangue.

— E calor? — perguntou Berenice, andando de um lado a outro do corredor inundado.

— Não.

— E distância? Você consegue convencê-la de que precisa detectar muito além do alcance habitual? Talvez isso a deixe confusa.

Sancia tentou essa técnica, mas a porta se recusou a ceder: <*Somente aceitar a presença de sangue quando os órgãos fazem contato com a minha superfície e um pulso é detectado*.>

— Merda — falou Sancia. — Tribuno até se certificou de proteger a porta contra qualquer um que passasse por ali com o braço dele amputado ou coisa assim. Impressionante, já que ele deve ter projetado essa coisa trinta anos atrás, muito antes que a detecção de sangue fosse lugar-comum.

Berenice contorceu a boca.

— Espere um segundo. Preciso me lembrar de uma coisa… — Ela fechou os olhos e seu rosto ficou estático, como se houvesse acabado de cair em um sono incrivelmente profundo. Ficou assim por um segundo, dois, três, e então abriu os olhos. — E o tempo? — perguntou.

— Hein?

— Você consegue descobrir se algum inscritor que tinha permissão usou essa porta antes? Talvez possa convencê-la de que a mão do homem ainda está encostada nela. Ou fazê-la acreditar que não importa *quando* o contato aconteceu: apenas que aconteceu.

— Não pode dar certo. Não pode ser tão fácil assim.

— Orso sempre faz confusão com as definições de tempo. É a maior fraqueza dele. Imagino que tenha aprendido com alguém. Por que não com o próprio Tribuno?

Sancia respirou fundo, pôs a mão na porta, fechou os olhos e fustigou suas definições de tempo, fazendo-a duvidar do que era um segundo, um minuto, uma hora, um dia… Não era fácil, mas percebeu que estava fazendo progresso quando a fez achar que um ano era na verdade meio minuto.

<*Eu não… tenho certeza sobre isso*>, disse a porta. <*O contato precisa ser feito…*>

<*É, mas quando? Existe algum motivo pelo qual o contato não pode ter acontecido, digamos, cinco minutos atrás?*>

A porta pensou por um momento.

<*Isso… não está definido.*>

<*Então… se não existe motivo para você* não fazer…>

Outra pausa. Depois um *clique* e a porta girou para trás, permitindo a entrada delas.

— Viu? — disse Sancia. — Há inteligentes e *inteligentes*. Você é que devia estar com essa placa na cabeça. Se sairia muito melhor que eu.

— Ah, pare com isso — falou Berenice. Ela sorria, apesar de estar molhada e imunda. — Qualquer uma das duas ficaria presa no corredor se estivesse sozinha. Juntas, somos imbatíveis.

Elas avançaram pelo túnel até chegar à escada que levava para baixo, que estava totalmente submersa pela água.

— Agora esperamos que Gregor e Orso façam a parte deles — disse Sancia. — Certo?

— Acho que sim. Só espero que a gente não tenha que esperar muito.

◆◆◆

Gemendo e grunhindo, Gregor descia os níveis da Montanha carregando Orso, sempre seguindo uma lanterna ou luz fracamente iluminada à medida que a Montanha lhes mostrava o caminho.

— *Por favor*, tente ficar quieto! — sussurrou Orso enquanto Gregor descia a escada cambaleando. — E por favor não me sacuda tanto! Toda vez que me separo de você, a luzinha deste dispositivo pisca!

— Mais alguma ordem? — resmungou Gregor, mancando pelos corredores.

— Estamos quase chegando no andar principal. Então, daqui a pouco você vai

ter de se abaixar também.

Gregor soltou um silvo baixo e longo.

Finalmente desceram a última escada e contornaram as paredes do imenso átrio. Orso ficou de cabelo em pé quando eles entraram nas sombras das sacadas. Era tão estranho estar naquela câmara enorme, ouvindo o tamborilar de águas distantes e os ecos de passos e os guinchos ocasionais de um macaco cinzento que devia estar fazendo seu ninho nas vigas. Alguns dos soldados da Dandolo que faziam patrulha carregavam lanternas, a luz quente em forte contraste com os escuros e os azuis do átrio, que era iluminado sobretudo pela luz da lua agora. Isso fez Orso se lembrar de guardiões de criptas andando em meio às catacumbas, as luzes erguidas na escuridão.

Eu lutei durante anos para morar aqui, pensou ele. *Agora lutaria como um louco para dar o fora*.

— Montanha — sussurrou Gregor —, por favor acenda uma luz dentro do corredor que precisamos usar.

Eles se agacharam no escuro, examinando o ambiente. Então viram uma luz piscando em um corredor bem distante, do outro lado do átrio.

Gregor suspirou, frustrado.

— Deve estar a pelo menos uns trezentos metros de distância…

— Também não é do meu gosto! — sussurrou Orso. — Umas partes minhas estão esfregando loucamente e eu preferiria que não esfregassem.

Gregor olhou ao redor, pensando.

— Seis soldados aqui embaixo — comentou ele baixinho. Depois inclinou a cabeça. — Orso, você vai descer um pouco das minhas costas, tudo bem?

— O quê? Eu *vou*, é?

— Vai. Não por muito tempo. Desça quando eu disser e *suba* quando eu disser de novo, e fique *quieto*. Entendeu?

— Eu… bem. Tudo bem, suponho.

Agachando-se, Gregor carregou Orso pelo átrio até onde se achava o enorme elevador em ruínas espalhado pelo piso de mármore rachado. Gregor se ajoelhou atrás dele, espiou por cima dos escombros e observou os soldados. Quando estavam todos mais ou menos alinhados com o corredor que eles precisavam usar, ele

sussurrou:

— Desça! Agora!

Grunhindo, Orso delicadamente desceu das costas dele. De pronto, meia dúzia de luzinhas cintilantes brilharam nos cintos dos guardas.

Eles pararam de patrulhar.

— Vocês… vocês viram isso? — perguntou um guarda, olhando para o detector de pessoas.

Todos resmungaram concordando. Os guardas olharam na direção de Orso e Gregor e começaram a andar lentamente para lá, esticando os pescoços com curiosidade.

— Você acha que um dos malditos inscritores deixou a insígnia cair outra vez? — perguntou outra voz na escuridão.

— Talvez — respondeu outro. — Achei que fossem tomar muito mais cuidado com o que colocam onde depois que a última armadilha quase partiu aquele inscritor ao meio…

— Suba de novo! — sussurrou Gregor. — Agora!

Orso subiu depressa nas costas de Gregor, que se virou e, mantendo-se abaixado, esgueirou-se para longe do elevador em ruínas até o abrigo de uma escadaria na borda do átrio.

Uma voz ecoou pelo átrio.

— Sumiu. Que diabos?

— Talvez tenha entrado e saído do alcance…

— Ou talvez esse dispositivo seja uma merda. Eles não viveram um inferno tentando fazer essas coisas pararem de detectar macacos?

Os guardas se aglomeraram ao redor dos escombros do elevador, segurando as lanternas no alto. Alguns olharam para a borda do átrio: não para Gregor e Orso, mas em linha reta com relação ao lugar onde tinham estado escondidos.

Gregor se aproximou mais das sombras que recaíam sobre a entrada de um corredor.

— Desça de novo — sussurrou ele.

— De novo?

— É!

Orso desceu das costas dele. Mais uma vez, as luzinhas cintilantes acenderam nos quadris dos soldados.

Eles olharam para baixo e mexeram com as bolinhas de metal.

— De novo? Agora está ali! — falou um, apontando para Gregor e Orso. Os guardas se viraram e começaram a seguir para aquela direção.

— Suba outra vez — sussurrou Gregor. — Agora. Agora!

Fazendo careta, Orso subiu nas costas de Gregor novamente, e ele voltou a se embrenhar nas sombras, esgueirando-se pelas paredes do átrio o mais rápido que podia.

— E agora sumiu — disse um guarda. — Vocês acham que tem um intruso por aí?

Orso não conseguiu ouvir a resposta, mas todos os guardas continuaram andando rumo à última posição dos dois. Ele percebeu o que Gregor fizera: atraíra todos os guardas para longe da entrada de que precisavam para chegar aos porões. Embora claramente causasse bastante desconforto para Gregor, ele conseguiu se esgueirar rente às paredes e entrar no corredor enquanto os guardas no andar principal continuavam examinando em vão o outro extremo do átrio.

Quando estavam a salvo, Gregor se inclinou para trás e apoiou Orso contra a parede, e depois simplesmente se deixou ficar lá, ofegante.

— Bom trabalho! — exclamou Orso.

— Cale a boca — arquejou Gregor.

Orso olhou ao redor.

— Ei, eu conheço este corredor.

— Hein?

— É. Eu costumava vir aqui quando foi construído, para roubar comida. E… — Seu coração se entristeceu. — E, se bem me lembro, é aqui que fica um dos *lexicons* da Montanha também…

Gregor parou de arfar.

— O quê?

— Hã… é, sim.

— Você quer dizer… Você quer dizer que outro dos *lexicons* está aqui embaixo?

— É.

— Perto do porão onde precisamos entrar?

— É.

— Os *lexicons* que os Dandolo estão tentando invadir também?

— É.

— Então… isso significa que vamos ter de lidar com *mais* guardas ainda quando nos aproximarmos?

— Ahn, é, provavelmente.

Gregor praguejou por um instante, depois olhou feio para Orso por sobre o ombro.

— Sempre achei que você fosse magrelo — comentou ele enquanto se esforçava para se levantar com Orso nas costas. — Mas agora não tenho tanta certeza.

◆◆◆

Berenice e Sancia ficaram ao lado do corredor alagado, esperando impacientemente.

— Por que estão demorando tanto? — perguntou Sancia.

<*Há muitos guardas entre a posição deles e os porões*>, contou a Montanha. <*Estou os ajudando a não serem notados, mas… não está sendo fácil*.>

<*Merda!*>, exclamou Sancia. <*Que horas são?*>

<*Quase onze horas*>, respondeu a Montanha.

— Merda! — disse Sancia em voz alta. — São quase onze horas!

— Você acha mesmo que Crasedes virá à meia-noite? — indagou Berenice.

— Que inferno, eu não sei. Mas, se fosse para ele vir em algum momento, eu arriscaria esse horário.

— E nós não temos nenhuma defesa contra ele? — perguntou ela.

— Não. Eu sequer trouxe o imperiato. Não com todos nós, sabe, dentro de uma gigantesca estrutura inscrita. Pareceu um risco grande demais.

Então a Montanha falou na mente de Sancia num tom de voz muito baixo e admirado:

<*Quando diz isso, você… você está mesmo falando do verdadeiro Crasedes Magnus?*>

<*Hein? Estou*>, confirmou Sancia.

<*Está dizendo que… talvez ele venha… aqui? Até mim? Um hierofante?*>

<*Estou*.>

Seguiu-se um período de silêncio. Ela desconfiou que acabara de chocar a coitada. Lembrava-se agora de quanto a Montanha desejava ser visitada por um hierofante, afinal, fora por esse motivo que Tribuno a construíra para começar.

<*Ah… Ah, minha nossa*>, sussurrou ela.

A garota começou a ter uma ideia.

<*Suponhamos que você realmente recebesse um hierofante aqui… O que você faria, Montanha?*>

<*Bem, se eu tivesse um dos Antigos aqui dentro de mim… ora, o meu Propósito é mostrar as obras do meu criador, de Tribuno! Mostrar tudo o que ele realizou, todos os segredos dentro de mim que ele fez só para os Antigos*.>

<*Onde estão esses segredos?*>

<*No terceiro andar, escondidos atrás de um vasto mural. Eu posso abr…*>

<*Está bem no fundo? Atrás de portas e portas e portas?*>

<*Está… é um lugar bem protegido*.>

<*E você ainda tem controle sobre ele? Você falou que tinha problemas com portas e fechaduras…*>

<*Este é o meu Propósito. Sempre vou ter controle sobre o meu Propósito até desvanecer e não existir mais*.>

<*Entendo. E se ele tentasse, você deixaria o hierofante partir?*>

Seguiu-se um longo silêncio.

<*Eu não… eu não ia querer isso*>, respondeu a Montanha. <*Depois de tanto tempo… Depois de tudo o que passei, toda a dor, todo o silêncio… Eu não ia querer que o meu Propósito me abandonasse*.>

Um calafrio tomou conta do coração de Sancia uma vez que soube o que ia dizer.

<*E se… se você não tivesse escolha*>, começou ela. <*Se ele* fosse *deixar você, você iria querer ficar aqui, Montanha, sozinha e esperando?*>

Outro longo silêncio.

<*Não*>, respondeu ela. <*Não, não iria. Eu não iria querer esperar aqui sem Tribuno, sem o meu Propósito e sem você. Eu… eu não gostaria de ficar sozinha de novo, sabe. Preferiria desmoronar e ficar em ruínas do que voltar para aquilo*.>

— Tudo bem, então — sussurrou Sancia. — Entendo. Eu… eu tenho uma proposta para você, Montanha…

Ela contou suas ideias ao edifício e ele ouviu com atenção.

◆◆◆

Gregor desceu o corredor com Orso nas costas, seguindo as lanternas cintilantes nas paredes. Então olharam antes de virar uma esquina e paralisaram.

A passagem se estendia por uns cento e vinte metros à frente, interrompida apenas por uma intersecção na metade do caminho. O mais preocupante, no entanto, era a meia dúzia de guardas da Dandolo com lanternas nas mãos diante da porta na outra extremidade do corredor. Todos pareciam bastante aborrecidos e foi fácil entender por quê: um cadáver mutilado aos pés deles, tão desfigurado que parecia que alguém tentara cortar o homem ao meio com uma arma de fuste.

— … ter que pegar uma maca — dizia um guarda. — A menos que *você* queira colocar o pobre Pietro nos ombros, Molinari, e se lambuzar com essa bagunça.

— Mas *não* nos informaram que essa missão teria tantas ameaças! — comentou outro. — Quero dizer… achei que os Candiano *morassem* aqui! E não pensei que tivessem coberto as paredes e o piso com fedegosas armadilhas letais…

— Claro, mas as câmaras dos *lexicons* seriam diferentes — falou Orso baixinho. — Tribuno sempre levou a segurança muito a sério… principalmente mais tarde, quando enlouqueceu.

Gregor ergueu um dedo e depois apontou.

— Ali. Olhe.

Uma única luz piscava muito de leve na virada da intersecção a sessenta metros. A Montanha estava indicando que eles precisavam descer o corredor e virar à direita, mas seria impossível com os guardas da Dandolo aglomerados logo à frente.

— Alguma ideia brilhante? — perguntou Orso. — Duvido que a gente possa afastar todos eles desta vez. Talvez, se descêssemos bem rápido, pudéssemos prendê-los com uma das paredes invisíveis da Claudia… mas não sei ao certo como fazer isso sem ser alvejado.

Gregor inclinou a cabeça.

— É uma ideia, Orso.

— O quê, ser alvejado?

— Não. — Gregor começou a pegar a espringal impressora. — Não se mexa, por favor.

— Espere. Gregor, o que… o que você vai f…

— Shiu — falou Gregor. Ele a configurou para uma sequência de ancoramento e cuidadosamente mirou nos guardas ao final do corredor.

— … mal tenho vontade de cagar na latrina! — dizia um dos guardas. — Sinceramente, fico preocupado que a maldita coisa me devore!

Gregor expirou ligeiramente e atirou.

O projétil de chumbo voou pelo corredor, mas não acertou nenhum dos soldados. Em vez disso, passou por cima da cabeça deles, entrou pela porta aberta no final do corredor e atingiu a parede distante com um estrépito muito alto.

Os soldados se sobressaltaram, alarmados.

— Que diabos foi *isso*?

Eles se viraram, pegaram os floretes, afastaram-se do cadáver e entraram na sala, espreitando.

Gregor abaixou um pouco a espringal, mirou e atirou a segunda metade do projétil de ancoramento: esta no corpo do pobre Pietro, que jazia no chão.

O projétil acertou o cadáver no quadril, dessa vez com um estrépito muito mais úmido e desagradável. No momento em que ele se fixou, os dois projéteis se sentiram compelidos a se juntar, o que significou que o cadáver de Pietro de súbito atravessou o ar, puxado pelas calças, os membros se agitando descontroladamente, e bateu nas costas dos soldados que estavam na porta, derrubando-os.

Irromperam gritos confusos e horrorizados. Gregor desceu pela passagem correndo com Orso nas costas, pegou uma das placas de Claudia, jogou-a para trás e a ativou. Bateu com os nós dos dedos no ar invisível e ele produziu um *toc toc* metálico.

— Ótimo — disse ele. Depois colocou Orso no chão e eles viraram e desceram depressa o corredor e um lance de escada. — Um tanto macabro… mas não vai segurá-los por muito tempo.

— Estamos perto agora! — exclamou Orso, mas nem precisava dizer. As paredes estavam ficando mais utilitárias e muito menos ornamentadas.

Enfim eles chegaram aos porões. Orso viu uma única luz acesa sobre uma porta a poucos metros de distância.

— Ali! — exclamou ele. — Aquela!

Eles entraram correndo. A sala estava escura e fedida, cheia de sacolas e caixas de comida velha e estragada, mas uma luz piscava freneticamente na parede oposta.

— Acredito que seja aquela — disse Gregor. Ele pegou o florete. — Vamos fazer isso antes que alguém note a gente…

Mas Orso percebeu bem rápido que alguém já os havia notado: ouviram-se sons de passos no corredor e ele avistou uma luz nas paredes do lado de fora.

— Faça logo! — falou ele bruscamente enquanto levava a mão à mochila. Pegou outra das placas de Claudia, colocou-a no chão do lado de fora da porta e a ativou.

Gregor se aproximou da parede, avaliou onde seria melhor golpear e atingiu uma emenda da alvenaria com seu florete inscrito. Cerca de metade da lâmina entrou na parede. Quando a retirou, havia um minúsculo vazamento concentrado que o ensopou de água. Mas a parede não desmoronou: estava firme.

— Vou ter que fazer muitos desses — disse ele enquanto limpava o rosto. — Eu acho…

O som de passos do lado de fora aumentou. Orso olhou ao redor e vislumbrou a imagem extremamente incomum de um soldado da Dandolo rosnando e dando de cara com a parede invisível que bloqueava a porta. Estava tão próximo que Orso até viu brotar sangue do nariz dele quando o quebrou na superfície de aço.

O soldado caiu de costas arquejando, surpreso. Então chegaram mais dois e o ajudaram a se levantar.

— *Outra* daquelas malditas paredes? — indagou o primeiro soldado, seu nariz sangrando muito agora.

Os três soldados começaram a golpear a parede invisível com os floretes inscritos.

Orso recuou.

— Gregor…

— Já vou! — respondeu Gregor. Ele fazia pequenas perfurações na parede, uma após a outra, em todas as emendas da alvenaria. — Esta coisa maldita tem que ceder em algum momento…

Os soldados pareciam estar fazendo um rápido progresso na parede de aço. Orso engoliu em seco e apertou o botão no ombro esquerdo da couraça, o que deveria ativar a caixa de aço invisível ao seu redor. Contudo, ele não sabia dizer muito bem se funcionara de fato, pois não havia nada para ver.

Então ouviu Gregor dizer:

— Orso? *Orso! Cuidad*…

Orso se virou e viu que os vazamentos na parede haviam se tornado gêiseres, que rapidamente se tornaram enxurradas, e então as pedras começaram a desmoronar e uma imensa parede de água veio em sua direção.

— Ah, *merda*! — gritou Orso. Ele sentiu o corpo sendo erguido do chão e uma forte dor nas axilas, e fechou os olhos e se preparou, na expectativa de ser encharcado pela água… mas, embora a água lhe batesse nas pernas, seu rosto foi poupado.

Ele abriu os olhos e entendeu por quê: sua caixa invisível fora realmente ativada, criando um agradável amortecedorzinho à sua volta, apesar de a água o empurrar com muita força para a porta.

Então olhou por cima do ombro (parecia estar preso voltado para um dos lados, como se a couraça estivesse fixa em uma posição dentro da caixa invisível) e arquejou, horrorizado. Parecia que sua caixa invisível havia se chocado contra a parede invisível que acabara de armar na entrada bem no momento que um soldado da Dandolo estava tentando atravessar o buraco que eles haviam feito nela.

Orso fitou o rosto e o crânio destruídos do soldado, que parecia estar esmagado entre dois painéis de vidro. Então se ouviu um rangido assustadoramente alto de metal sendo forçado.

Ele olhou para trás e viu que a sala estava agora quase totalmente cheia de água. *É pressão demais*, pensou. *A parede que eu armei está prestes a desab*…

Em seguida, ouviu-se um estalo de metal arrebentando e de repente ele saiu rolando em cambalhotas e perdeu a consciência.

◆◆◆

— Eles conseguiram! — gritou Berenice. — Olhe, *olhe*!

Sancia se virou e viu que a água estava recuando rapidamente, permitindo que

elas descessem a escada até a câmara do *lexicon*.

Elas começaram a descer, escorregando um pouco nos degraus de pedra lisos, e avançaram à medida que a água recuava. As duas pegaram lanternas inscritas para iluminar o caminho.

Sancia flexionou a visão inscrita, mas não ficou surpresa ao ver que a sala à frente permaneceu escura: pelo que a Montanha havia descrito, ela tivera de desativar o *lexicon* pouco antes de ele inundar para evitar uma catástrofe. Talvez não passasse de destroços agora.

Só espero que essa maldita definição hierofântica ainda esteja em bom estado, pensou ela. *Caso contrário, fizemos tudo isso por nada*.

Elas entraram na câmara do *lexicon*, a lama e a sujeira grudando em seus pés. Sancia avistou muitas armadilhas e dispositivos de segurança nas paredes: por sorte, todos arruinados. Por fim, as luzes das lanternas banharam a espessa parede de vidro do próprio *lexicon*, embora tivesse uma crosta e cheirasse a alga e outras proliferações agora. Ela se fragmentara sob a pressão da água na lateral inferior esquerda, de maneira que elas tiveram de se abaixar e engatinhar com cautela para chegar ao gigantesco dispositivo ali dentro.

Uma vez lá dentro, Sancia olhou ao redor e, surpresa, deu uma segunda olhada. O piso da câmara estava cheio de definições de inscrição que aparentemente haviam sido levadas pela água para fora do *lexicon*. As expostas estavam enferrujadas, mas as sobressalentes haviam sido cuidadosamente embaladas e presumivelmente estavam em boas condições. Qualquer uma dessas placas intrincadamente forjadas valeria uma fortuna no mercado clandestino, em especial considerando que haviam sido feitas pelo próprio Tribuno Candiano.

— Puta merda — arquejou ela.

— Pois é.

— Elas… elas poderiam valer milhares… se não *milhões*!

— Foco — falou Berenice. — E lembre-se de que nenhuma de nós tem o tempo ou o treinamento para discernir qual definição é realmente útil. Você poderia pegar uma achando que forneceria energia para uma máquina de guerra enorme só para descobrir mais tarde que ela faz as latrinas funcionarem.

Resmungando, Sancia se agachou e começou a espreitar através da sujeira e do

sedimento depositado dentro do que restara do *lexicon*. Elas vasculharam a lama como fazendeiros de ostras torcendo para encontrar o jantar do dia, mas não conseguiram achar nenhum sinal do pequeno cone.

— E se foi levado pela água? — perguntou Sancia. — Quero dizer, é um cone, então pode ter entrado mais água…

Berenice analisou o fluxo da água em volta do *lexicon* arruinado. Marcou o modo como a lama cobria as pedras, o modo como desenhava espirais nas paredes…

— Lá fora, eu acho — disse ela. — Passando pelo vidro quebrado.

Elas engatinharam de volta e ergueram bem as lanternas enquanto seguiam o rio de lama à frente, até chegarem enfim a um grande e imundo tubo de drenagem no chão, um tubo cuja tela de arame havia cedido muito tempo antes.

— Merda! — gritou Sancia. — Será que essa coisa maldita pode ter sido arrastada para dentro desse maldito cano?

Berenice estreitou os olhos.

— Hum. Parece estar cheio de lama e outros resíduos… o que me faz pensar que talvez exista outro filtro ou obstrução no cano, um que ainda esteja intacto. Em outras palavras, um que possa ter retido o cone. Mas não sei ao certo como tirar a sujei…

— Chega dessa merda — falou Sancia. Ela se ajoelhou perto do tubo cheio de sujeira. — Segure o meu pé para o caso de eu cair.

— Você não pode estar falando sé…

Mas então Sancia mergulhou na sujeira com as mãos à frente e fechou bem os olhos.

Ficou imersa em uma substância fria e pegajosa que era, de alguma forma, desagradavelmente viscosa *e* arenosa. Cega e surda, ela tateou o interior do tubo, os dedos encontrando pedras, e parafusos, e definições de inscrição comuns.

Vamos lá, vamos lá…

Seus pulmões imploravam por ar, mas ela se esticou mais para baixo no cano até as pontas de seus dedos roçarem uma grade de metal.

O segundo filtro.

Esquadrinhou cegamente as beiradas, analisando os punhados de sujeira e os emaranhados de arame.

E então lembrou.

Estou procurando um dispositivo hierofântico… Então devo ser capaz de ver a maldita coisa, claro!

Ela flexionou a visão inscrita. Embora seus olhos estivessem fechados, instantaneamente viu algo emanando um desagradável brilho vermelho-sangue através de suas pálpebras…

Fechou os dedos ao redor do objeto e depois começou a chutar. Sentiu Berenice agarrá-la pelos joelhos e começar a puxá-la.

Quando finalmente foi arrastada para o ar livre outra vez, ainda não ousou abrir os olhos e a boca.

— Você pegou? — indagou Berenice. — Você *pegou*?

Sancia apontou para o próprio rosto com um dedo enlameado.

— Ah.

Ela sentiu Berenice se ajoelhar às suas costas e depois limpar seu rosto com um pano.

Sancia tomou fôlego quando a boca estava limpa.

— Ah, meu Deus… Ah, meu *Deus*, o fedor, eu não tinha percebido como fedia…

— Você está bem, meu amor?

Sancia se sentou e olhou para a mão direita. Abriu os dedos e afastou a lama para revelar um pequeno cone de metal dourado com inscrições intrincadamente gravadas.

— Eu — respondeu ela com um sorriso triunfante — estou fedegosamente *bem*.

◆◆◆

Orso arquejou, chacoalhou a água do rosto e tentou entender o que estava vendo.

Sua couraça continuava projetando a caixa de aço invisível, mas ele parecia ter caído, o que significava que a superfície da caixa estava encostada no chão e, como a couraça aparentemente fora inscrita para ser equidistante das laterais da caixa o tempo todo, ele agora estava suspenso no ar, preso de cabeça para baixo, os braços e as pernas pendurados.

O corredor agora estava inundado, mas só até trinta centímetros de altura.

Contudo, como a caixa não tinha fundo, ela inundara também e, se a água estivesse um pouquinho mais alta, sem dúvida teria encoberto a cabeça de Orso e ele teria se afogado, preso dentro da couraça sem poder fazer nada.

Ele olhou para a superfície da água, que estava a poucos centímetros do seu rosto.

— Merda — arquejou ele. — Ah, merda.

Estendeu a mão e apertou o botão no ombro esquerdo. A caixa invisível desvaneceu e ele caiu de cabeça na água espumosa.

Levantou-se com dificuldade, arfando e gemendo (seu cérebro ainda parecia estar rodando dentro de sua cabeça), e olhou em volta. Algumas luzes estavam acesas no corredor, mas tudo estava escuro e molhado e reluzente, e ele não conseguia ver Gregor.

— Gregor? — chamou ele. — *Gregor?*

Um vulto grande virou na esquina distante, chapinhando na água, e parou quando o viu.

— Gregor? — perguntou ele, hesitante.

Dois outros vultos, estes usando capacetes da Dandolo que brilhavam sob a luz, juntaram-se a ele.

— Ah, que inferno — comentou ele baixinho.

Os três soldados andaram até ele. Quando passaram debaixo de uma lâmpada, Orso viu que eram todos da Dandolo, claro, e eram muito corpulentos, e estavam molhados, e pareciam bravos.

— Seu merdinha maldito — rosnou o soldado do meio, que parecia ser o maior. Ele pegou o florete.

Orso se levantou, apertou o botão no peito e ativou de novo a barreira invisível. Depois tentou recuar, afastar-se deles, mas a couraça o impediu, segurando-o no lugar.

Olhou ao redor e viu que a parede do corredor estava muito próxima. Ele devia tê-la ativado de maneira que o aço invisível atravessara a pedra, imobilizando-o.

Ah, meu Deus, pensou ele. *Estou preso*.

E sabia, claro, que floretes inscritos não teriam nenhuma dificuldade para trespassar uma parede de aço.

— Eu, hã… — começou Orso. Ele pensou desesperadamente, puxando a couraça. — Isso é tudo um grande mal-entendido, eu… eu costumava morar aqui e…

— Vou estripar você — disse o soldado grandalhão — como um maldito…

Ele parou. Ouviu-se o *bum* ecoando pela Montanha, seguido por inúmeros gritos e berros distantes.

— Que diabos foi isso? — perguntou o soldado da direita. — Espere… olhe o seu localizador.

O soldado grandalhão olhou para o localizador e eles viram que quase todas as luzes estavam acesas, sugerindo que a Montanha de repente estava repleta de pessoas que não tinham insígnias da Dandolo.

— O quê? — indagou o soldado grandalhão. — Quem é *agora*? O que diabos está acontecen…

Uma voz amplificada preencheu os corredores da Montanha:

— SOLDADOS DA TRANSPORTES DANDOLO! POR ESTE ATO ORDENAMOS, PELA AUTORIDADE DA CORPORAÇÃO MICHIEL, QUE DEIXEM SEUS POSTOS E SAIAM DESTE ENCLAVE *IMEDIATAMENTE*!

Os soldados olharam uns para os outros, e depois para Orso.

— Os *Michiel* ? — perguntou o soldado da esquerda. — O que eles estão fazendo aqui?

— ESTA PROPRIEDADE FOI TRANSFERIDA DE MANEIRA ILEGAL PARA A TRANSPORTES DANDOLO POR UM FUNCIONÁRIO QUE TEVE TODAS AS AUTORIDADES REVOGADAS POSTUMAMENTE — retumbou a voz amplificada. Ela soava estranhamente áspera e vacilante. Ocorreu a Orso que ele sabia qual era o exato dispositivo de som que provavelmente estavam usando. — NEGOCIAÇÕES ESTÃO EM ANDAMENTO ENTRE OS DOIS CAMPOS. ORDENAMOS QUE ABAIXEM AS ARMAS, VOLTEM AO ÁTRIO E EVACUEM O LOCAL ATÉ AS NEGOCIAÇÕES SEREM CONCLUÍDAS. NÃO TRAVEM COMBATE! REPITO, NÃO TRAVEM COMBA…

Houve outro *bum* tênue e o interlocutor parou. Orso supôs que alguém estava de fato travando combate.

Eles ouviram gritos e berros e clamores ecoando pelo corredor. Orso percebeu que os soldados não sabiam ao certo o que fazer: ir e se render, ir e lutar ou esperar a

luta chegar até eles.

O grandalhão se virou lentamente para Orso.

— Isso é coisa sua, não é?

— Não, não! — protestou Orso. — Não é não!

Ele se aproximou, empunhando o florete.

— Foi *você* que abriu as portas?

— Não!

— Deixou que eles entrassem?

— Não, estou tão surpreso quanto vo…

Ele chacoalhou a cabeça, furioso.

— Não posso acreditar… Vamos ser destroçados nesta maldita cúpula antiga e tudo por causa de um listradinho traiçoeiro.

— Se vai matá-lo, Ernesto — disse o soldado da direita —, então vá em frente e acabe logo com is…

Mas ele nunca terminou aquele comentário. De repente, escancarou a boca e arfou e sufocou, os braços espraiados em ângulos estranhos. Orso, piscando, notou que havia alguma coisa se projetando do peito do soldado: a lâmina de um florete inscrito.

— O quê? — gritou o soldado da esquerda.

A lâmina foi retirada e o sargento caiu ao chão, revelando Gregor Dandolo atrás dele, o florete em punho. O soldado da esquerda virou para encará-lo, mas foi muito, muito lento: Gregor girou e o atingiu com o florete na velocidade de um raio, abrindo-lhe a garganta. Orso viu sangue quente salpicar em sua barreira invisível e o soldado caiu na água, levando as mãos à garganta.

O soldado grandalhão se virou, ergueu o florete e avançou para Gregor. Embora ainda estivesse atordoado, Orso se deu conta de que nunca vira de fato uma verdadeira luta de espadas. Em Tevanne, onde tantos *lexicons* permitiam que você usasse flechas e lâminas aperfeiçoadas, a maioria das pessoas morria rápido e de repente, não tanto como consequência de arte e habilidade, mas de poder genuíno e, em geral, surpresa.

Era muito fácil morrer em Tevanne. Lutar com destreza, não.

No entanto, foi isso que Gregor e seu combatente fizeram, mesmo que por

pouco tempo: dois homens com duas lâminas inscritas para ampliar sua velocidade e seu peso duelando em um corredor encharcado, os floretes se chocando um contra o outro com tinidos quase ensurdecedores. Os golpes eram absurdamente rápidos, mas Orso notou que havia um método: por exemplo, você não podia apenas erguer a espada para bloquear a do seu oponente, uma vez que, quanto mais se brandia uma lâmina inscrita, mais rápido ela se movia, então a espada do seu oponente derrubaria o florete da sua mão. Em vez disso, você tinha de brandir a sua lâmina na velocidade e na direção exatas para desviar o golpe, o que, com sorte, faria seu oponente abrir a guarda para o seu contra-ataque.

Orso também pôde notar que Gregor era muito melhor nisso que o oponente. Ele não apenas atacava o sujeito: empenhava-se no que era claramente um *processo*, fazendo o homem abrir a guarda com uma série de golpes, e então…

Um, dois, três. Primeiro, as pernas do homem foram decepadas na altura dos joelhos, depois o braço dele caiu, e então, de repente, não tinha mais cabeça. Orso sentiu gotas quentes salpicarem suas bochechas e seus braços, mas isso não era nada comparado a Gregor, banhado de sangue no peito e nas coxas.

Gregor parecia surpreso e olhou para o que restara do homem com uma expressão de leve desânimo, como se houvesse saído de casa e acabado de perceber que esquecera algo.

— Ah — falou Gregor debilmente. — Ah, minha nossa…

Orso apertou o botão da couraça de novo e, desta vez, ele enfim funcionou: a barreira desvaneceu e ele caiu na água. Depois rastejou até Gregor, que ainda estava ali parado, com uma expressão atônita e horrorizada.

Estendeu a mão para tocá-lo. O homem estava totalmente coberto de sangue, da cabeça aos pés.

— Gregor? Você está… você está b…

— Eu… eu me lembro — sussurrou Gregor. Lágrimas lhe escorriam pela face, misturando-se com o sangue nas bochechas. — Eu me lembro. *Eu me lembro*. — Então seu rosto ficou inexpressivo e ele parou de falar.

Em seguida, o corredor se encheu de luz. Os dois se viraram e viram soldados surgindo aos montes no corredor, as luzes inscritas erguidas bem alto e as espringais apontadas.

— *Abaixem as armas, abaixem as armas!* — gritou um deles.

Orso estendeu o braço, tirou o florete da mão ensanguentada de Gregor e o jogou na água. Depois ergueu as mãos enquanto eles avançavam.

◆◆◆

Gregor Dandolo viu areia, e praias, e a lua no mar.

Viu cavernas, e túneis, e a luz de tochas nas paredes de pedra.

Viu mariposas dançando à sua volta, uma tempestade de asas brancas, frágeis e brilhantes.

Seu irmão mais velho, Domenico, chorando no escuro.

E então não viu nada: só escuridão, fria e silenciosa e aterrorizante.

A voz de sua mãe chegou até ele flutuando pela escuridão: *Ah, Gregor. Acorde, meu amor. Por favor, acorde…*

Ele ouviu alguma coisa esvoaçar no escuro. Sentiu o coração se contrair, depois bombear (uma, duas vezes), e seus pulmões de repente arderam em busca de ar.

Respirou fundo e, ao fazê-lo, sua visão voltou e viu um teto de pedra lá no alto, talvez uma caverna bruxuleando à luz da tocha.

Então sua mãe estava lá, ajoelhada sobre ele. Estava mais jovem do que ele se lembrava, o cabelo estava mais comprido e o rosto não tinha as linhas e as rugas familiares. Cinco anos mais nova? Dez? Não sabia ao certo. Ela estava chorando, passando as mãos pelo peito dele onde ele estava deitado no chão de pedra, dizendo: *O que fizeram com você? O que fizeram?*

Gregor olhou para baixo e viu que vestia um dispositivo pavorosamente familiar: uma lorica, tendo em um dos braços uma enorme arma de fuste retrátil e no outro um lançador de flechas. Porém, a couraça de sua lorica estava rasgada em muitos lugares e ele podia ver a própria carne sob ela, com enormes ferimentos abertos no peito e no abdômen.

Por favor, falou sua mãe. *Por favor, por favor, não…*

E então seu corpo estremeceu e se turvou… e, para seu choque, seus ferimentos desapareceram. Ou pelo menos os mais letais: ainda tinha perfurações no ombro, mas sua barriga estava lisa e inteira outra vez, a terrível ferida profunda sumira por completo.

Está funcionando, sussurrou a mãe. Ela deu um suspiro de alívio. *Está funcionando. Mas você se saiu tão bem, Gregor, fez exatamente o que precisávamos*.

Gregor tentou olhar ao redor. Estava em alguma espécie de caverna repleta de corpos: soldados, guardas, escravizados, todos eles esquartejados. Tudo estava úmido e escorregadio de sangue.

Ofelia Dandolo se pôs de pé e se afastou, passando por cima dos corpos, ignorando que a barra do seu vestido estava ensopada de sangue. Ela se aproximou da parede da caverna (parecia ser algum tipo de passagem antiga, cedendo e caindo aos pedaços, sua entrada de pedra marcada por curiosos símbolos).

Estamos chegando mais perto, sussurrou Ofelia. *Você se saiu tão, tão, tão bem, Gregor.*

Uma poderosa e tranquilizadora alegria preencheu sua mente: era tão bom ter se saído bem, fazer o que era esperado dele.

Era uma coisa tão grandiosa travar uma guerra.

Eu morreria por isso, pensou ele. Olhou para o rosto radiante da mãe. *Eu* morri *por isso. E morrerei de novo com prazer*.

Então a lembrança o deixou e ele perdeu a consciência.

◆ 17

— Esta coisa é incrível — falou Berenice, examinando a definição dourada enquanto elas percorriam os corredores da Montanha. — Quero dizer… é *incrível*.

— É melhor que essa coisa maldita seja mesmo — disse Sancia. Suas botas produziam um som úmido ao bater no chão enquanto elas subiam cada vez mais pelas escadas escuras da Montanha, voltando para a saída secreta no quarto andar. Ela limpara boa parte da sujeira, mas sabia que federia durante dias.

— Não, eu quero dizer… — Berenice a ergueu à altura dos olhos. — Para acessar um comando hierofântico, primeiro você tem de violar a realidade, interrompendo a vida, o que te permite asseverar por um breve instante que você é basicamente o próprio Deus, e depois você pode pegar um ou vários dos comandos mais profundos.

— E daí?

— Daí que esse pequeno aparato… faz algo parecido, mas convence a realidade de que um *lexicon é* o próprio Deus! Ele assevera que um maldito dispositivo é funcionalmente o criador divino de… bem, qualquer pequena área sob sua influência! Então você pode executar qualquer comando que quiser!

— Puta merda — comentou Sancia. — Então a cúpula onde estamos agora…

— Isso! — exclamou Berenice. — A realidade aqui acredita, em um grau muito leve, que a Montanha *é* o Onipotente de toda realidade! Porém, deve ser um efeito muito fraco… Deve ser por esse motivo que Tribuno teve de fazer isso seis vezes, só para tornar a Montanha poderosa o suficiente para perceber todas as entradas e saídas dentro dos seus limites.

Sancia olhou de soslaio para Berenice, que segurava o pequeno cone dourado como uma criança com um brinquedo novo.

— Legal — disse ela. — Você lembra que Tribuno teve de matar um cara para fazer essa coisa, certo?

Berenice empalideceu de leve e guardou a definição.

— Quer dizer… Lembro, claro, é só que é… Bem, intrigante.

<*Sancia?*>, sussurrou a Montanha em seu ouvido.

<*Oi?*>

<*Há algo errado… Há outros homens dentro dos meus limites. Soldados. Soldados diferentes*.>

Ela diminuiu o passo. Berenice viu e fez o mesmo.

— O que foi? — perguntou ela.

Sancia fez sinal pedindo silêncio.

<*O quê? Quem? Quem diabos poderia ser agora?*>

<*Não sei ao certo… Esses homens não estão de amarelo como os outros soldados, mas de… roxo?*>

— Os Michiel estão aqui? — falou Sancia em voz alta, reconhecendo as cores.

<*Montanha, você tem cert…*>

Houve um fraco *bum* no átrio. Berenice e Sancia se sobressaltaram e se entreolharam, surpresas. Ouviram gritos distantes, mais explosões e depois uma voz amplificada ordenando que os Dandolo se retirassem.

— Ah, meu Deus — comentou Berenice. — Estamos no meio de uma disputa entre campos, não estamos?

— Só espero que os malditos Morsini não apareçam e se juntem à briga também — respondeu Sancia.

Elas subiram correndo a escada para o quarto andar.

<*Montanha*>, chamou Sancia. <*Onde estão Gregor e Orso? Eles estão vivos? Eles estão bem?*>

<*Eles estão em um corredor ao lado do meu átrio. Estão relativamente bem. Mas esses outros soldados… os Michiel. Estão com eles*.>

— Merda! — sussurrou Sancia quando se aproximaram da passarela do quarto andar. Elas se abaixaram, aproximaram-se da sacada e espiaram o átrio.

Se antes o átrio estivera escuro e empoeirado e sem movimento, agora estava bem iluminado com novas lanternas e ecoava gritos, berros e estampidos quando as

flechas atingiam a parede. Uma batalha a pleno vapor acontecia lá no andar principal entre os soldados da Dandolo e da Michiel: homens lutavam com floretes, escudos e espringais pelo piso do átrio e, como todos os armamentos eram inscritos, o dano não era nada menos que catastrófico. Colunas inteiras haviam desaparecido. Todas as paredes estavam esburacadas como se houvessem sido atingidas por uma chuva de meteoros. E o piso estava repleto de sangue.

— Eu… acho que os Michiel querem a merda deles de volta — disse Sancia.

Berenice se empertigou.

— San, olhe!

Ela apontou para uma entrada ao lado do andar principal. Sancia apertou os olhos e viu dois vultos sendo conduzidos para fora do corredor, as mãos amarradas atrás das costas. Um era Orso, que parecia ensopado e infeliz como um rato meio afogado, e o outro era Gregor, que estava coberto de sangue.

— Ah, meu *Deus*! — arquejou Sancia.

<*Montanha, você tem certeza de que eles estão bem?*>

<*Tenho. O sangue que cobre o seu amigo não é dele. Ele acabou de matar três homens*.>

Sancia fechou os olhos, desesperada, e se inclinou para a frente até encostar a testa no corrimão da sacada.

— Ah, não… Ah, pobre, pobre Gregor…

— Parece… parece que os Dandolo estão perdendo — falou Berenice baixinho. — Os Michiel os estão derrotando. Estão colocando Orso e Gregor na parede e puseram lanternas em volta deles. — Ela olhou para a outra. — San, como diabos vamos tirá-los de lá?

Sancia deu um suspiro profundo.

— Não faço ideia.

◆ ◆ ◆

Orso se sentou no piso do átrio, as mãos amarradas bem apertado atrás das costas. De início, quis reclamar, mas então notou o número de cadáveres da Dandolo esparramados pelo átrio, vítimas de uma variedade de ferimentos (muitas cabeças, torsos e membros haviam sido toscamente decepados por uma flecha ou florete

inscrito), e de repente se achou bastante sortudo.

Orso viu um capitão da Michiel percorrer o átrio, conversando com seus tenentes à medida que a batalha diminuía. Era um homem um tanto envelhecido, mas ainda vigoroso, os ombros largos, mas a barriga sobressaindo nas bordas da couraça, um cachimbo preso nos dentes. Tinha muitas cicatrizes nos braços e no rosto, notou Orso, lembranças de muitas guerras e batalhas. Faltavam dois dedos em uma das mãos.

Um dos soldados foi até ele, disse alguma coisa e apontou para Gregor e Orso.

Merda, pensou o inscritor.

Ele olhou de soslaio para Gregor, que parecia estar catatônico, o rosto salpicado de sangue marcado por uma expressão de profunda tristeza.

— Gregor — sussurrou Orso. — Você consegue me ouvir?

Gregor não respondeu.

— Não podemos contar a eles sobre Ber e San. Apenas… tente fazê-los pensarem que somos importantes para nos levarem como prisioneiros para o campo deles…

— Chega de conversa! — gritou um soldado ali perto. Ele se aproximou com uma das mãos no florete embainhado e Orso inclinou a cabeça, intimidado. Quando o soldado finalmente deu as costas para eles, Orso olhou para Gregor. O rosto dele mal se mexia.

— Gregor? — chamou Orso baixinho.

— Eu… lembro — sussurrou Gregor. Seus olhos estavam vazios e alienados. — Eu lembro, eu lembro, eu lembro…

Ele se danificou, pensou Orso. *Droga… Gregor se foi para alguma parte da própria mente e eu não consigo conversar com ele…*

— Então… quem diabos são vocês exatamente? — perguntou uma voz rouca.

Orso olhou para cima e viu o capitão da Michiel pairando sobre ele, os olhinhos inchados passando do rosto de um para o do outro.

O inscritor ficou pensando no que dizer. Antes que pudesse responder, o capitão falou:

— Meus rapazes me contaram que acharam vocês despedaçando os soldados da Dandolo no corredor… portanto, duvido *muito* que estejam com esses ladrões.

Então, quem são vocês?

Orso pensou o mais rápido que pôde.

— Sabotadores — respondeu.

O capitão tirou o cachimbo da boca.

— Como é? Vocês estão aqui para sabotar… quem? A gente?

— N-não — negou Orso. — Os Dandolo.

— Ahh? — falou o capitão, desconfiado. — E por quê?

— A gente sabia o que eles estavam fazendo aqui. Uma… uma tomada de poder. Tentando roubar partes dos *lexicons* deste lugar. A gente precisava impedi-los.

— E… mais uma vez, por quê?

Orso teve uma ideia.

— Porque… eu sou Orso Ignacio. E este é Gregor Dandolo.

O capitão piscou.

— Vocês… vocês são o pessoal da Periferia da Fundição, não são?

— Somos — respondeu Orso, torcendo para que funcionasse: talvez o inimigo de um inimigo pudesse ser um amigo.

— E vocês estão aqui para mijar no vinho da Ofelia Dandolo? — O capitão fitou Gregor. — No vinho da *mãe* dele? É isso?

— É.

O capitão olhou para eles, os olhinhos meio escondidos atrás das pesadas pálpebras.

— Entendo — disse ele baixinho.

Orso esperou, torcendo para que talvez, só uma vez, a noite pudesse correr como eles queriam.

— Você acha que isso me impressiona? — perguntou o capitão. — Que o fato de estarem aqui tentando sabotar o pessoal que roubou esse pardieiro de nós me torna *cordial* ?

— Eu… eu pensei que talv…

O capitão cuspiu no chão.

— *Vocês*, seus merdinhas puritanos, são exatamente o *motivo* de a minha casa estar na condição lastimável em que está! Sabia disso?

— O-o quê? — indagou Orso, surpreso.

— Rebeliões de escravizados a torto e a direito? Inscritores abrindo suas próprias casas nas *Áreas Comuns*?

— Ah…

O capitão desembainhou o florete e o apontou para Orso.

— É heresia! É loucura! Vai contra tudo que Tevanne já representou! E é tudo culpa *sua*. É tudo obra sua, cada detalhe!

Orso olhou de relance para o número de corpos empilhados no átrio. Queria mencionar como *outra* coisa que já fora um dia considerada loucura e heresia havia sido ideia de duas casas comerciais entrando em guerra em Tevanne. Ninguém jamais pensara em tentar uma coisa daquelas, considerando que os *lexicons* de fundição que faziam os campos funcionarem eram tão instáveis. Era como jogar fósforos acesos em um celeiro.

— Falei para os oficiais da nossa casa não esperarem — continuou o capitão, contemplando o átrio ao redor. — No segundo que saíram e montaram a sua maldita lojinha, falei para eles entrarem nas Áreas Comuns e queimarem vocês todos. Não dá para deixar os moradores das Áreas Comuns começarem a mexer com dispositivos inscritos. Eles iam ter ideias. Iam começar a se achar melhores do que são.

— Mas… nós não somos exatamente moradores das Áreas Comuns — explicou Orso. — Nós…

— É, é, é, vocês são *lanterneiros* — retrucou o capitão com um sorriso sarcástico. — Falando em se achar melhor… Os inscritores pensam que, só porque leram um livro ou dois, sabem de tudo que existe no mundo. Eu sempre soube que iam começar a questionar os seus superiores. Tentando destruir tudo o que os fundadores nos deram. Que ingratidão!

O capitão continuou com seu discurso inflamado (ao que parecia, ele o vinha escrevendo na cabeça havia algum tempo), mas Orso apenas observava como aquele homem envelhecido e cheio de cicatrizes, um homem que derramara sangue em sabe Deus quantas batalhas, defendia apaixonadamente as elites do campo: pessoas que não conheciam nem conheceriam um décimo das dificuldades e dores que ele tivera.

E, enquanto ouvia o capitão falar, Orso sentiu algo profundamente desagradável remexer em suas entranhas: dúvida.

Pela primeira vez, ele duvidou que as casas comerciais pudessem ser derrotadas, que Tevanne pudesse ser de fato restaurada, ou refeita, ou pelo menos *mudada*, só um pouquinho. Que mudança poderia ser realizada diante de uma convicção tão irrefletida e ignorante?

Seguiu-se um período de silêncio quando o falatório do capitão terminou. Ele se virou e os examinou, os olhos frios e distantes.

— Eu sempre soube que chegaria a esse ponto — afirmou o capitão. Ele apontou o florete para Orso. — Arrastem este aqui para o centro do átrio, rapazes.

— O-o quê? — perguntou Orso, perplexo.

Os soldados o pegaram pelos braços e o arrastaram para lá. O capitão mandou seus homens trazerem uma mesa e um pouco de corda, e eles trouxeram.

— Eu não… Parem… Parem, por favor… — falou Orso.

Eles o ignoraram. Os soldados trouxeram a mesa de madeira e o capitão empurrou Orso para baixo, de modo que a cabeça dele estivesse curvada sobre a superfície. Depois eles o seguraram e amarraram a cabeça e o corpo dele, de forma que o inscritor ficasse estirado sobre a madeira.

— O que você vai fazer? — indagou Orso com um tom de voz fraco. — O que… o que você vai fazer comi…

— Vocês sabem quem é ele? — gritou o capitão. — Esse aqui é *Orso Ignacio*, rapazes! O homem que causou *todos* os problemas que a nossa cidade tem visto! O homem que escapou da forca e riu de todos nós!

Os soldados bateram palmas e vaiaram. Orso percebeu o que o capitão estava prestes a fazer.

— Não! *Não!* — gritou ele.

Droga, pensou Orso enquanto se esforçava para soltar as amarras. *Eu provavelmente* projetei *essa espada fedegosa na sua mão! E agora você vai me matar com ela, seu imbecil!*

— Agora vamos ver se o fundador da Periferia da Fundição consegue se safar dessa — disse o capitão, aproximando-se — com a cabeça separada do corpo!

Os soldados aplaudiram e o capitão ergueu a espada bem alto.

◆◆◆

Berenice quase gritou de pavor quando o capitão ergueu a espada. Sancia estava paralisada, incapaz de pensar. Ela queria pular lá embaixo e atacar… mas, se fizesse isso, com certeza a matariam também.

Então a Montanha falou em sua mente:

<*Sancia! É… Eu sinto alguma coisa dentro de mim! Alguém… Algo diferente!*>

<*Montanha, agora não! Droga, eles…*>

<*Eu sinto… uma pessoa. Não, é ele que eu sinto! Ele é tão grande, tão… tão pesado. Ele é mil mentes em uma, todas escritas em uma forma, em um ser! Sancia, Sancia, ele está aqui,* ELE ESTÁ AQUI*!*>

◆◆◆

Orso fechou os olhos quando o capitão ergueu o florete, preparando-se para brandi-lo e cortar o pescoço dele.

Mas então uma voz ecoou pelo átrio, uma voz forte, sedosa e impossivelmente, *impossivelmente* profunda.

— *Ora, ora. Parece que vocês estão tendo uma noite e tanto*.

Orso sentiu uma súbita e agitada náusea no estômago.

Ele abriu os olhos. *Ah, não*.

Tentou olhar ao redor, em estado de pânico. Os Michiel estavam se virando para a entrada principal, que estava escura por causa das sombras, e então um vulto apareceu na escuridão usando um chapéu de três pontas, um manto escuro e curto e a máscara preta e reluzente.

— O que diabos… — sussurrou um soldado próximo.

Isso… Isso na verdade pode ser pior, pensou Orso.

◆ 18

— Quem diabos é você? — perguntou o capitão da Michiel.

Crasedes caminhou lentamente até a luz e voltou os olhos pretos e inexpressivos para o homem. Seguiu-se um longo, longo silêncio.

— Eu deveria perguntar a mesma coisa para você — respondeu ele finalmente. — Já que está invadindo a minha propriedade. — Olhou para todos os corpos em volta. — E espalhando sangue e… *pedaços* por toda parte. É isso que é considerado civilidade em Tevanne?

Crasedes avançou com o ar casual de um homem voltando para casa após o trabalho. Os soldados da Michiel se afastaram dele. Orso percebeu que não podia culpá-los: mesmo que você não tivesse a visão inscrita de Sancia, algo nele fazia os seus olhos lacrimejarem. Só de olhar, de algum modo você sabia que a própria existência daquele ser torturava a realidade.

Mas o capitão da Michiel não parecia se importar.

— Este enclave é propriedade legítima da Corporação Michiel! — declarou ele. — Foi cedido à Transportes Dandolo por meio de uma transação ilegal conduzida unilateralmente por um agente desacreditado que agiu de má-fé! A transação é *nula* e *inválida* e a posse deste enclave está sendo negociada agora pelas autoridades do campo!

Crasedes parou e analisou o capitão. Inclinou a cabeça.

— É mesmo? — perguntou ele.

Orso se esforçava para soltar as amarras, desesperado para se libertar e sair correndo. *Eu… realmente não gosto do rumo que as coisas parecem estar tomando*.

Crasedes voltou a andar entre os soldados da Michiel.

— Sabe, para pessoas que trabalham tanto para não ter leis — disse ele ao

capitão —, vocês com certeza parecem apelar para muitas delas quando é do seu interesse…

— Não vejo nenhuma cor em você — comentou o capitão. — A não ser preto. Mas você diz que age em nome dos Dandolo?

Crasedes deu de ombros, entediado.

— Acho que sim.

O capitão apontou o florete para ele.

— E você está vendo quantos mortos estão espalhados por este lugar agora? Está vendo o sangue que enche esses saguões e todos esses corredores?

Outro dar de ombros entediado.

— Claro.

— *Esses* são os sinais de que somos os donos deste lugar — falou o capitão com orgulho. — Compramos este lugar com *sangue*. Todos os truques dos Dandolo não são nada comparados ao poder e à vontade dos Michiel. — Os soldados murmuraram, concordando. — Saiba disto: quebre as nossas regras e nós vamos quebrar você!

— Hum — respondeu Crasedes em tom leve. Então avistou Orso amarrado à mesa e parou.

Crasedes se aproximou (a náusea no estômago de Orso quintuplicou até se tornar quase insuportável) e se inclinou para fitar o rosto do inscritor. Orso fechou os olhos, mas ainda podia ouvir a voz dele.

— Eu conheço você… — disse Crasedes.

— Afaste-se dele! — ordenou o capitão.

— Olá, Orso — falou Crasedes com voz sedosa.

— Ah, meu Deus… — arquejou Orso, os olhos bem fechados.

— Onde está Sancia? — sussurrou Crasedes. — Me conte. Agora.

As palavras de Crasedes pareceram *afundar* na mente de Orso, puxando todos os seus outros pensamentos consigo, e de repente ficou muito difícil fazer qualquer outra coisa além de contar a ele.

— Eu… eu não sei — respondeu Orso.

— Mas ela está aqui em algum lugar?

— E-está. — Orso sentiu vontade de chorar e abriu os olhos, tomado pela

vergonha e pelo desespero.

— Hum — sussurrou Crasedes. — Eu disse para vocês… estou do *seu* lado. Contra o construto, sim, mas também contra estes homens, sabe. Homens poderosos com ferramentas poderosas… Já vi essa história se repetir *tantas* vezes. — Ele se levantou, olhou em volta e viu Gregor. — Ah! E aqui está o jovem Dandolo em pessoa. Que bom vê-lo!

— Pare! — ordenou o capitão, o rosto agora bem vermelho. — Retire-se desta propriedade antes que eu mande meus homens matarem você a tiros!

Mas Crasedes o ignorou e atravessou o átrio iluminado por lâmpadas até chegar a Gregor.

— Ah, Gregor… — falou ele. — Parece que você voltou aos seus velhos hábitos. Eu me pergunto como se sente…

Orso não conseguia ver muito bem daquele ângulo, mas Gregor continuava sentado com a cabeça curvada, o rosto fixo em uma expressão de doloroso pesar.

Crasedes se agachou, a máscara preta pairando perto do ouvido do jovem. Ele sussurrou alguma coisa para Gregor, e o rapaz enrugou o cenho muito de leve.

— *Afaste-se dele!* — gritou Orso. Fez força para se livrar das amarras. — Deixe… *Deixe-o em paz, seu monstro fedegoso!*

— Ei, você, cale a boca! — disse o capitão, apontando para Orso. Depois apontou para Crasedes. — Afaste-se dele! Homens, preparem-se para atirar, *agora*!

Todos os soldados apontaram as espingais para Crasedes.

Crasedes parou, olhou por cima do ombro e se levantou devagar.

— Rapazes — começou ele —, não sei como vocês acham que isso vai terminar. Mas me deixem dizer uma coisa: não vai terminar do jeito que vocês *pensam* que vai terminar.

— Demos uma chance digna para os seus soldados — falou o capitão da Michiel. — E eles escolheram atirar em nós. Por que deveríamos dar uma chance a você agora?

— Orso — chamou Crasedes —, algum dos inscritores da Dandolo conseguiu realmente acessar os *lexicons* deste lugar?

Mais uma vez, as palavras de Crasedes pareceram rodopiar no cérebro de Orso até ele não poder fazer nada além de responder.

— Não.

Ele suspirou.

— Que decepção. Mas era previsível. Nesse caso… Eu ainda tenho trabalho a fazer aqui.

O rosto do capitão da Michiel assumira o tom de uma ameixa fresca.

— Então isso *não* vai acont…

— Hum… vocês estão em quantos? — perguntou Crasedes, pensativo. Olhou para eles, nem um pouco perturbado com as numerosas armas apontadas para ele. — Parecem uns cem, mais ou menos… Pessoas demais para convencer de uma só vez. O que, sinceramente, não tenho mesmo tempo de fazer hoje à noite…

— Volte para o seu campo — disse o capitão — e conte a eles o que viu aqui. E avise para pensarem *duas vezes* antes de desafiar o poder dos Michiel!

— Ainda é um pouco cedo — comentou Crasedes. — Então vou perguntar uma coisa: vocês já ouviram falar de Brassitus?

Houve uma longa pausa.

— De *quem*? — indagou o capitão. — É alguma personalidade do campo que você acha que vai salvá-lo?

— Não, não — respondeu Crasedes. — Brassitus era um general dos exércitos plenienses. Você os conhece?

— Não conheço.

— Ah, um império gigantesco, existiu uns três mil anos atrás. Eles tiveram uma guerra civil para decidir se as classes que tinham propriedades deveriam ter dois ou três votos para cada hectare que possuíssem… Uma bobagem, na verdade. Brassitus chegou ao poder depois que *muitos* nobres e políticos e líderes civis plenienses foram mortos nas ruas e simplesmente decidiu… que bastava. Bastava de leis, e constituições, e estátuas, e procedimentos parlamentares. E ele invadiu a assembleia e tomou o controle e, quando as pessoas reclamavam, apenas dizia: "Vamos lutar, amigo. Você com as suas leis, eu com a minha lança". E ninguém parecia ter uma boa resposta para isso.

— Qual é o *propósito* disso? — perguntou o capitão da Michiel, furioso.

— Só estou dizendo — respondeu Crasedes — que vocês provavelmente se dariam bem com Brassitus. Parecem farinha do mesmo saco. Mas o que você não

sabe… o que *ninguém* sabe, na verdade… é o que aconteceu com Brassitus.

Um longo silêncio.

— O quê, exatamente? — indagou o capitão.

— Bem — falou Crasedes em um tom agradável —, chegou em Plenia *alguém* disposto a lutar com algo além de leis *ou* lanças. E então todos os exércitos gloriosos de Brassitus e seu despotismo esclarecido… Tudo isso sumiu. — Ele se inclinou para a frente e sua voz se tornou estranhamente, perturbadoramente profunda. — Desapareceu. Como água pelo ralo.

Orso ouviu um barulho à distância. Era muito tênue, mas muito familiar: o som da torre do relógio da Michiel dando a meia-noite ao longe.

— Ah, não — sussurrou ele.

O ar do átrio pareceu estremecer e chacoalhar, como se um vento farto estivesse passando pelas muitas câmaras da Montanha, no entanto, Orso não conseguia sentir nenhuma brisa ou corrente de ar na pele. A náusea se revirava e se agitava no seu estômago e ele ouviu os soldados da Michiel gemerem baixinho à sua volta.

Crasedes se endireitou, então ergueu as pernas e simplesmente pareceu flutuar no ar, sentado de pernas cruzadas, as mãos nos joelhos, a máscara preta voltada para a luz da lua lá no alto.

Quando voltou a falar, sua voz estava tão profunda que parecia fazer o teto chacoalhar.

— Sabe, o problema com o poder — disse ele — é que sempre existe *alguém mais poderoso*.

Crasedes estendeu um braço com a mão aberta e depois dobrou os dedos muito de leve.

O capitão da Michiel engasgou.

Então gritou e se contorceu. E em seguida começou a…

Flutuar.

Os soldados da Michiel observaram, espantados, enquanto o capitão se elevava lentamente no ar, como uma marionete presa a fios. O rosto estava marcado por uma expressão de terrível agonia e ele soltou um grito alto e demorado, e então de repente pareceu *implodir*.

Era sem dúvida a coisa mais horrenda que Orso já vira. Primeiro, os braços do

capitão se torceram para dentro, depois suas pernas se dobraram para cima com um estalo, aí suas costelas e seus ombros se entortaram para dentro e em seguida seu crânio ficou curiosamente alongado, como um pedaço de argila sendo esticado. Era como se estivesse sendo esmagado pelos punhos de um gigante invisível, apertando um membro de cada vez, e, no entanto, ele não sangrava, nem uma gota.

Crasedes contraiu um dedo e o corpo destruído do capitão caiu com um estrondo; contudo, continuava se contraindo.

O homem ainda está vivo, pensou Orso, horrorizado. *Ele… ele fez tudo isso com o capitão, mas, ah, meu Deus, ele ainda está vivo*.

— *Atirem no maldito!* — gritou um dos Michiel.

De repente, o ar foi tomado pelos sons de dezenas de centenas de flechas inscritas se deslocando a toda velocidade.

Orso gritou e fechou os olhos, seguro de que uma flecha perdida atravessaria seu peito ou seu rosto, mas o som foi diminuindo.

Ele abriu os olhos.

Crasedes continuava flutuando no ar, mas estava com uma das mãos erguida, e ela parecia estar segurando uma bola gigantesca de lanugem cinza. A bola parecia ficar cada vez mais densa, mas então Orso percebeu que não era lanugem, mas *flechas*, dúzias delas, talvez centenas, todas se aglomerando ao redor da mão de Crasedes, mas nenhuma o atingindo de fato.

— Chega — ressoou a voz de Crasedes, e então a bola de flechas se espalhou.

Orso viu, horrorizado, quando todas as flechas voltaram direto para as pessoas que as haviam atirado, dezenas de soldados estraçalhados em um instante, mas então Crasedes conduziu a onda de flechas com uma das mãos, como se fosse um cardume de peixes voando pelo átrio. Ele apontou para uma sacada, onde um soldado se agachara, e o rio de flechas consumiu o lugar, devorando-o por completo, e depois serpenteou pelas passarelas e despedaçou outro soldado que tentava fugir. Tudo aconteceu tão rápido que os olhos de Orso mal podiam traduzir o que estava vendo.

— Complacentes — falou Crasedes.

Enquanto o rio de flechas o seguia, ele apontou um dedo para dois soldados à sua frente e fez um gesto brusco, puxando a mão para trás. O rosto dos dois pareceu explodir de tanto sangue que jorrava e os braços deles ficaram frouxos, mas o sangue

continuava saindo, espiralando no ar como uma comprida cobra vermelha, até que Crasedes fez um aceno preguiçoso e ela se espalhou pelo chão enquanto os soldados caíam.

Orso ficou olhando. *Ele… ele acabou de extrair o* sangue *daqueles homens?*

— Excessivamente confiantes — declarou Crasedes.

Ele apontou para dois soldados com ambas as mãos e então as juntou. Com um grito, os dois homens voaram um em direção ao outro e *se esmagaram*, como uma criança pegando duas bonecas de barro e as apertando para formar uma. Depois acenou as mãos na direção deles e os homens misturados caíram no chão.

— Gordos — disse ele — e saciados… e *lentos*.

Ele levantou os braços e fez um gesto, como que limpando uma mesa, e, com um coro de gritos, todos os soldados e destroços e ruínas que havia em volta de Orso deslizaram para um lado do átrio como se alguém houvesse pegado o edifício inteiro e o inclinado.

Orso gritou, movido por um pavor abjeto, mas percebeu que não deslizou. Nem Gregor. Ambos permaneceram exatamente onde estavam.

— Vocês não sabem quantos impérios eu *esmaguei* no meu tempo — vociferou Crasedes.

Quando os soldados bateram na parede, simplesmente continuaram gritando, presos à pedra, e Orso se deu conta de que qualquer que fosse a força que os havia empurrado, ela continuava os empurrando, tornando-se cada vez mais potente, pressionando e pressionando até os soldados começarem a cair, como se estivessem sendo comprimidos por uma gigantesca superfície plana.

— Ah, meu Deus — sussurrou Orso.

— A coisa que mais me irrita — falou Crasedes — é que vocês todos se acham tão *especiais*. Tão únicos. Tão *merecedores*.

Ele fez um gesto e os soldados esmagados se ergueram até levitar no ar, como uma parede embaralhada de corpos humanos.

E então a parede começou a se dobrar para dentro, formando uma bola, que foi encolhendo, encolhendo…

— Mas, para ser sincero — disse Crasedes —, o *seu* império nem é tão inspirado assim.

A bola de carne e pedra e vidro pairou no ar por um momento.

— Entretanto, ainda vou gostar de triturá-lo até virar areia e cinzas, como todos os outros…

Depois a bola começou a descer, descer, descer lentamente, até pousar no meio do piso do átrio.

Seguiu-se um longo, longo silêncio.

Crasedes flutuava no ar, ainda sentado naquela posição estranhamente meditativa. Então se virou devagar para fitar Orso.

— Bem — comentou ele —, fazia muito tempo que eu não fazia *isso*.

◆ 19

Sancia e Berenice observavam das sacadas do quarto andar em estado de mudo horror enquanto Crasedes terminava o seu massacre.

— Ah, meu Deus — falou Berenice baixinho, lágrimas lhe escorrendo pelas bochechas. — Ah, meu *Deus*…

Crasedes flutuou para a frente no átrio cavernoso, ainda sentado no ar.

— *Acho* — disse ele em voz alta — *que mereço um* agradecimento. — A máscara preta perscrutava as sacadas ao seu redor. — *Não mereço? Não mereço um agradecimento, Sancia, por salvar os seus amigos?*

Sancia sentiu o sangue pulsando em cada membro do seu corpo. *Merda. Ele sabe que estou aqui*.

Ela assistia enquanto a máscara preta se virava para olhar para as sacadas.

— Isso está ficando um pouco cansativo — ecoou a voz de Crasedes pelo átrio. — Toda essa coisa de se esconder e espionar quando uma simples conversa funcionaria muito melhor… E, afinal, nunca terminamos aquela nossa conversa anterior.

Ela olhou para Gregor, ainda sentado no chão, a cabeça curvada, e para Orso, ainda amarrado à mesa. Então, embora desejasse desesperadamente não o fazer, olhou para a bola embaralhada de carne e pedra e armas no piso perto deles.

Ele faria isso com eles também. Faria isso e jamais pensaria uma vez sequer no assunto.

— Berenice — falou ela com a voz rouca. — Pegue a definição que a gente veio buscar e saia daqui agora.

— O quê? — perguntou Berenice, chocada. — Você… o que, você vai mesmo descer e conversar com… com aquela *coisa*?

— Vou, eu tenho um plano. Ou melhor, um acordo. — Ela olhou para o teto do átrio. — Um acordo que fiz com a Montanha. Um que acho que ela gostaria muito que eu cumprisse.

— Sancia — chamou Crasedes. — Estou ficando um tanto entediado. E a minha mente sempre se dispersa quando estou *entediado*…

Ela voltou a olhar para Berenice.

— Vá. *Agora!* Espere Orso e Gregor se juntarem a você, mas precisa salvar a única coisa que a gente veio buscar.

Berenice olhou bem nos olhos dela, o rosto trêmulo.

— Você vai ficar bem?

— Vou ficar bem. — Ela tentou acreditar enquanto dizia aquelas palavras.

Elas se beijaram desesperadamente. Berenice passou a mão no rosto de Sancia e depois se virou e correu para a saída secreta.

Eu com certeza espero saber o que estou fazendo, pensou Sancia.

Ela se levantou e gritou:

— *Estou descendo!*

A garota ouviu a voz de Orso gritando:

— *Não! Não, droga, dê o fora daqui! Dê o fora daqui, dê o fora daqui, dê o…*

— Ah, chega — retumbou a voz de Crasedes.

Orso se calou. Ele não parecia estar machucado, de onde Sancia podia ver, só… estranhamente paralisado.

— Vou ser civilizado — disse Crasedes. — Todos nós vamos ser *civilizados*, pelo menos uma vez. E como vai ser bom.

◆◆◆

Sancia tentou não tremer quando saiu da escada e atravessou o andar principal do átrio. O ar fedia a sangue e morte. O piso e as paredes estavam cobertos de sangue. Orso choramingava na mesa onde estava amarrado. E ali, sentado calma e pacificamente no ar, estava Crasedes, a máscara preta fixa nela quando saiu das sombras.

— Ahh — falou ele enquanto ela avançava. — Aí está ela. A pequena guerreira corajosa. Sabe, Sancia, você não parece tão bem. Precisa de um banho. Ou dois.

— Vá à merda — retrucou Sancia.

Crasedes inclinou a cabeça.

— *Você* teve êxito em pegar a definição, Sancia?

Ela apontou para todo o sangue e a destruição à sua volta.

— Alguma coisa nesta noite se parece com êxito?

— Não sei — respondeu ele secamente. — Já vi êxitos mais feios no meu tempo. — Ele se aproximou dela. As entranhas da garota reviraram um pouco. — Você esteve em contato com o construto, então. Ela mandou você para cá hoje à noite, como pensei que fosse fazer.

— Sim.

— Então preciso saber: onde está ela? — perguntou Crasedes.

— Vou contar tudo para você — declarou Sancia. — Tudo… se deixar meus amigos irem embora.

— Por que eu faria isso? — indagou Crasedes. — Parece muito mais provável que você seja honesta se eu tiver alguma garantia…

— Você poderia torturá-los para me fazer contar a verdade, se acha que estou mentindo — disse Sancia. — Mas seria um desperdício do seu tempo. Tempo que você poderia gastar tentando pegar Valeria, que está muito, muito perto.

Crasedes ficou imóvel. Sua máscara estava fixa nela, os olhos como abismos negros.

— É mesmo? — perguntou ele.

— É — respondeu Sancia. — Ela está escondida em um *lexicon* da Michiel. Só que os Michiel estão usando uma nova ferramenta nossa, uma que permite a ela habitar *todos* os *lexicons* da Michiel de uma vez.

— Sancia! — exclamou Orso, horrorizado. — O que diabos você está *fazen*…

Crasedes ergueu um dedo. Orso ficou paralisado e se calou.

— Continue — falou Crasedes.

— A gente ia pegar a definição, configurá-la em um *lexicon* próximo e duplicá-lo com os *lexicons* da Michiel — contou ela. — Então, Valeria poderia escapar e estabelecer um ponto de apoio aqui em Tevanne.

— Um que vocês poderiam usar depois — complementou ele — para me desafiar.

— É.

— Entendo — comentou ele. O hierofante a analisou por um instante. — Orso, ela está dizendo a verdade?

Orso fechou bem os olhos, como se estivesse tentando ignorar um som penetrante no ouvido.

— Está — sussurrou ele tristemente.

— Deixe os dois irem embora — pediu Sancia. — Se deixar, vai ter tudo exatamente onde quer, não vai? — Ela olhou feio para ele. — Afinal, você queria trazê-la para a Montanha, não queria? Para pegar as ferramentas horríveis que o Tribuno construiu aqui e usá-las para transformar este maldito lugar numa forja para reconstruí-la e forçá-la a fazer o que você quer?

Ele a examinou por um momento.

— Ha! — exclamou ele finalmente. — Impressionante. Não pensei que tivesse sido tão… transparente. Então, ela está por perto?

— Está — confirmou Sancia. — E eu posso levar você até ela.

— Orso… — chamou Crasedes em voz baixa. — Ela pode mesmo? Me fale a verdade.

Orso contorceu o rosto, com ódio de si mesmo.

— Pode!

— E se eu não levar — continuou Sancia — você pode esmagar o meu crânio com uma pedra. É garantia suficiente, não é?

Crasedes a fitou por um longo, longo tempo, ou talvez apenas tenha parecido longo porque ela estava muito apavorada. Sancia podia até sentir o coração batendo no peito.

Então se ouviu um estalo. Sancia estremeceu, achando que uma pedra viria voando em sua direção, mas, em vez disso, as amarras que prendiam Orso de repente desapareceram, bem como as que prendiam as mãos de Gregor.

Orso deslizou mesa abaixo, tossindo e arfando.

— Orso, levante-se — disse Sancia com firmeza. — Levante a sua bunda e tire o Gregor daqui.

O inscritor fez um esforço para se levantar, cambaleou até Gregor e o ajudou a se pôr de pé.

— O que foi que você *falou* para ele? — exigiu saber Orso, virando-se para Crasedes.

— Eu iria embora se fosse você — aconselhou Crasedes —, antes que eu decida que o seu sangue fica melhor fora do seu corpo do que dentro.

Orso olhou feio para o hierofante, mas então ele e Gregor saíram mancando do átrio e deixaram Sancia sozinha com ele.

Peço a Deus que isso funcione, pensou Sancia.

— Muito bem, Sancia — disse Crasedes em tom alegre. — Mostre o caminho.

◆ ◆ ◆

Sancia caminhou em direção às passarelas da Montanha, Crasedes flutuando silenciosamente poucos metros atrás dela. Se não fosse pela náusea constante no estômago, ela provavelmente esqueceria que ele estava lá.

— Me diga, Sancia — falou Crasedes enquanto subiam pelas escadarias do átrio. Sua voz grave ecoava pelos intermináveis corredores. — O que acha deste lugar?

— Hã? Quer dizer a Montanha?

— Claro.

— Por que se importa?

— Porque eu, pessoalmente, acho um lugar depressivo e desolador. Mas não vivi à sombra dele por muitos anos. Gostaria de saber se você pensa diferente.

— Eu… não penso — respondeu ela. — Por que *você* acha depressivo? Achei que fosse o seu tipo de lugar.

— Ah, não. Quero dizer, foi construído como uma espécie de templo para mim. — Ele contemplou o átrio escuro. — Tribuno não desejava nada além de me prestar testemunho e fazer de mim o centro das atenções. Ele até imitou os meus métodos… em certa medida. Que desperdício. Não só de pedras, mas de esforço e sofrimento…

— Parece estranho ouvir alguém que acabou de transformar um punhado de soldados em uma bola falar em sofrimento.

— Hum, talvez — respondeu ele. — Mas existe sofrimento infligido para você impor o seu poder e existe sofrimento infligido por uma causa maior. — Ele

apontou para o átrio, seus dedos envoltos em preto dando curiosos estalos ao se desdobrarem. — Estou aqui para impedir *isso*, Sancia. Para impedir mais Tribunos. Para impedir mais reis, ou imperadores, ou lordes de andarem por esta terra e imporem sua vontade sobre os outros. Foi por esse motivo que me esforcei tanto para voltar. *Foi isso* que vim fazer aqui.

Ela quase tropeçou e caiu de cara ao ouvir essas palavras. Olhou para ele por cima do ombro, perplexa.

— Você *o quê*? Você está aqui para… para ser algum tipo de *libertador* fedegoso?

— É tão estranho assim?

— Acho que é muito estranho ouvir a pessoa que criou o maior império de todos os tempos dizendo que tem um problema com impérios, sim.

— Você entendeu mal as minhas palavras — falou ele. — Eu vivi durante *muito* tempo, Sancia. E se existe uma coisa que aprendi ao longo de toda a história que vi é que a humanidade é muito boa em inventar pequenas inovações maravilhosas… mas todas elas acabam sendo usadas para a crueldade, e para a opressão, e para a escravidão. Mesmo as mais simples se tornam armas. Os feijões, por exemplo.

— O quê? *Feijões*?

— É. — Ele parecia estar se divertindo muito, explicando aquilo para ela. — Os povos masazari, nos territórios a leste daqui, certa vez produziram uma variedade excepcionalmente resistente, mas nutritiva de feijão-branco, que ajudou a pequena cultura deles a prosperar. Seus filhos viviam mais tempo, eles conseguiam trabalhar por mais horas e podiam devotar mais do seu tempo a outras atividades. E sabe o que foi que eles acabaram decidindo fazer com essa inovação agrícola pequena, porém banal?

— Não faço ideia.

— Encheram sacos com esse feijão — contou Crasedes — e os colocaram nas costas dos soldados, e em pouco tempo tinham uma infantaria muito ágil, que não precisava parar muito tempo para comer, ou procurar comida, ou cozinhar. E, com isso, conseguiram desenvolver um reino pequeno, mas violento, e conquistar os vizinhos. Tudo por causa de feijões.

Eles viraram e continuaram a subir pelo átrio, caminhando na escuridão, a

penumbra trespassada apenas pela luz instável das lâmpadas inscritas que bruxuleavam.

— Vi isso acontecer com sapatos — continuou Crasedes. — E ferro. E navios. E cavalos, e selas. Os tsogeneses eram *muito* bons com estes. Usaram a cavalaria deles para construir um império que suplanta esse estado de vocês de hoje em dia. — Ele se afastou um pouco por um momento. — Não existe nenhuma inovação surgida das mentes dos seres humanos que não vá acabar sendo usada para massacrar e controlar. Então, quando criei meu império, pensei: se vamos ter reis, bem… Podemos muito bem tê-los nos meus termos e forçá-los a ter uma conduta decente: inovar e construir *sem* a inevitável transformação em selvageria.

— E qual foi o resultado? — perguntou Sancia.

— Hum? Ah, não foi bom — respondeu Crasedes com leveza. — Nada bom, infelizmente. A humanidade é *muito* inovadora em voltar a inovação para os fins mais cruéis. O poder altera a alma muito mais que qualquer inovação que eu pudesse imaginar, mesmo no auge dos meus privilégios. — A cabeça dele virou devagar até os olhos vazios fitarem a garota. — Com o tempo percebi, Sancia, que não dá para criar leis ou políticas ou ditames para reprimir esse impulso… Você precisa sobrescrever todos os corações e as mentes dos seres humanos: direta, instantânea e *permanentemente*. — Ele inclinou a cabeça. — Poderia haver alguma missão maior que essa?

Ela sentiu a pele começar a arrepiar quando começou a entender o que ele estava sugerindo.

— Mas… mas Valeria não pode fazer uma coisa dessas — falou ela em um tom débil. — Ela não pode obter o controle da *mente* de todo mundo. Quero dizer… ela pode?

Ele deu de ombros.

— Ah, você não pode imaginar as permissões que ela tinha no auge dos seus poderes. A habilidade de sobrescrever a realidade por um capricho, de fazer montanhas, ilhas, nações, até culturas mudarem ou desvanecerem como quisesse… ou como *eu* quisesse, já que tive controle sobre ela na maior parte do tempo naquela época. Ela ainda tem acesso sem precedentes às permissões que regem a própria natureza deste nosso mundo, inclusive, claro, sobre a natureza da humanidade.

Sancia se sentiu mal quando começou a entender a abrangência das intenções dele. Percebeu naquele momento como aquela ameaça era diferente de todas as outras que já enfrentara, pois, embora em Tevanne não faltassem homens que desejassem criar ferramentas poderosas, nunca houvera um que pudesse forçar uma mudança instantânea e global de toda a realidade.

— Se foi para isso que você a fez — indagou ela —, então… então por que ela decidiu tentar matar você?

— Ah… — A voz dele se tornou um pouco mais grave ao ouvir a pergunta. — Foi um… mal-entendido. Uma interpretação errônea *proposital* dos comandos que eu tinha dado para ela. Você não pode imaginar a destruição que ela causou. Demorou *tanto* tempo para eu voltar para uma posição em que posso corrigir o que ela fez…

Sancia tentou não demonstrar preocupação pois, de certa forma, estava certo. Ela ainda não entendia muito sobre Valeria.

Mas, dos dois, pensou ela, *só um matou um monte de gente bem diante dos meus olhos. Então talvez deva ouvir o outro*.

— Você nunca se perguntou por que Ofelia Dandolo está me ajudando, Sancia? — indagou ele.

— Imaginei que fosse porque ela é um pedaço de merda desumano e sem coração.

— Não é tão simples — disse Crasedes. — Tive minhas opções de acólitos nesta cidade, inclusive Tribuno Candiano. Em vez disso, escolhi Ofelia Dandolo porque ela era diferente deles em um ponto fundamental.

— Que era?

— Bem, ela tinha sofrido — falou ele simplesmente.

— Sofrido? A filha do fundador da Transportes Dandolo… tinha *sofrido*?

— É — reiterou ele. — Eu a estava observando. Estava observando quando percebeu o que o marido dela era. Estava observando quando perdeu um filho e quase perdeu o outro também. E então eu apareci com uma solução.

— Transformar Gregor em um monstro? Transformá-lo em uma… uma espécie de assassino, tudo para trazer você de volta à vida?

— Ela fez isso — respondeu Crasedes — porque *concordava* comigo. Ofelia

Dandolo tem mais em comum com você do que você imagina. Ela também ficou desiludida e desanimada ao ver o que os homens fizeram, como você.

— Não estou desiludida.

— Tem certeza? Você acha mesmo que acabar com mais uma casa comercial vai consertar esta cidade? Ou duas casas? Ou todas elas? E mesmo que conserte as coisas… por quanto tempo?

Sancia se calou.

— Se eu oferecesse a você uma maneira de consertar de verdade este mundo — disse Crasedes —, de acabar com as casas e libertar os escravizados, mesmo que isso significasse sacrificar algo que você ama, você não o faria? Se realmente significasse um futuro mais seguro, mais sensato e mais gentil para tantos?

Ela engoliu em seco. Eles agora se aproximavam do destino: ela podia ver o mural à frente, retratando Tribuno Candiano forjando a própria Montanha a partir do coração do sol.

— E Clave? — perguntou ela. — E ele? Ele se sacrificou? Ou você o matou?

Atrás dela, silêncio.

— Ah — comentou ele baixinho. — Acho que fui… um pouco *indiscreto* em compartilhar essa informação com você. Não é para você saber.

Ela parou diante do mural e se virou para encará-lo.

— Quem era ele? Quem era você?

— Você está perguntando sobre mais ou menos 1% da minha existência e da de Clave — retorquiu Crasedes. — Essa época foi há muito tempo. Seria como se eu perguntasse a você sobre os primeiros noventa dias da sua vida: não é muito informativo.

— Ele era meu amigo. Eu mereço saber.

— Você não merece nada — retrucou Crasedes. — O que você sentiu dele provavelmente foi uma mente falando de dentro de uma ferramenta em deterioração. Tenho certeza de que ele deve ter falado um monte de loucuras incoerentes.

— É nisso que você acredita? — indagou Sancia. — Ou é o que você preferiria que fosse?

Crasedes olhou para ela, imóvel.

— Se eu tivesse feito uma coisa horrível com o *meu* amigo — disse Sancia —, ia querer acreditar que ele se foi. Não ia querer saber que ele estava sofrendo, que *esteve* sofrendo em silêncio o tempo to…

— Você fala de sofrimento e sacrifício — falou ele —, mas nem sabe como é isso. Você não sabe como é perder alguém e saber que a vida dessa pessoa não significou absolutamente nada diante de um conflito maior. Você nem sabe o que o construto está fazendo com você. Ela está sacrificando *você* neste exato momento. Só que bem, bem devagar.

Sancia parou. Já estava apavorada, sem dúvida, mas aquele comentário lhe provocou um medo mais profundo, um do qual desconfiara por muito tempo, mas que jamais conseguira articular.

— Me mostre esse aparato — exigiu Crasedes. — Me mostre o construto. Me mostre onde ela está e a minha conversa com você está terminada.

Sancia se virou para o mural. Sem barulho algum, ele se dividiu em dois e se abriu diante dela. Ela fez um silencioso desejo de apoio à Montanha: elas não podiam se comunicar, deduziu, pois Clave fora capaz de entreouvir suas conversas com a estrutura, então com certeza o próprio Crasedes podia fazer o mesmo.

Estava muito escuro ali, mas Sancia conseguia ver o que fora instalado naquele lugar com a visão inscrita.

Ela fitou a sala à sua volta.

Tribuno, pensou, *mesmo na morte você consegue me surpreender*.

Crasedes adentrou lentamente.

— Este… este é o seu aparato? Esta sala é… Espere.

Então todas as luzes se acenderam, e a música começou.

Crasedes olhou para o arranjo ornamentado, intrincado e francamente ridículo ao seu redor. Uma enorme faixa pintada pendurada no teto dizia: BEM-VINDOS, CRIADORES DA ERA DE OURO DOS *SIGILS*! No centro da sala havia uma estátua gigantesca de todos os grandes hierofantes (Pharnakes, Aerothos, Seleikos, Agathoklies) e ela girava muito, muito de leve. Em uma parede havia uma imensa gravura em bronze do próprio Crasedes Magnus (a versão barbada, parecida com um mágico, claro) abrindo as portas da câmara no centro do mundo, com uma grande chave na mão. Na outra parede havia uma segunda gravura em bronze que

retratava um grupo de homens robustos e enrugados literalmente passando a cabeça através das paredes do cosmo e avistando um machado colossal, e um cinzel, e um molde, e múltiplos cadinhos, todos dispostos diante das estrelas.

A música era de longe a pior parte: duas harpas inscritas e um conjunto inscrito de flautas se elevaram do piso de cerâmica e começaram a tocar uma canção que devia estar afinada quando Tribuno Candiano construíra aquele lugar, sabe-se lá quantas décadas antes, mas com certeza não se parecia muito com música agora.

— O quê? — indagou Crasedes, desnorteado.

Sancia saiu correndo pela sala. A parede vazia do outro lado cedeu, dando-lhe um caminho para fora daquela câmara barulhenta e histérica.

A voz da Montanha ganhou vida na mente de Sancia:

<MEU PROPÓSITO! MEU PROPÓSITO! OH, OHH, COMO ESTOU FELIZ! COMO ESTOU FELIZ DE TER ENCONTRADO O MEU PROPÓSITO!>

— *O quê?* — repetiu Crasedes, muito mais alto.

Então duas paredes de aço enormes caíram do teto nas laterais da sala, trancando-o lá dentro.

<VOU MANTÊ-LO AQUI PARA SEMPRE!>, gritou a Montanha para ele, tomada pela alegria. *<VOCÊ É TÃO LINDO! VOCÊ É TÃO EXCELENTE! VOU MANTÊ-LO AQUI PARA SEMPRE, PARA SEMPRE, PARA SEMPRE!>*

Sancia se virou e saiu em disparada, correndo o mais rápido que podia, passando por portas e corredores e descendo a escada até chegar à saída secreta. Passou por ela a toda velocidade.

Um *bang* enorme e estridente preencheu a cúpula.

Eu dou dez minutos para ela, pensou a garota, o coração acelerado enquanto seus pés batiam no piso da passagem escura.

Outro *bang* enorme.

Talvez cinco.

◆◆◆

Sancia correu pela entrada secreta o mais rápido que pôde, desceu voando os degraus e saltou para o jardim. Estava vagamente consciente de fumaça nos edifícios à sua volta (aparentemente, a batalha entre os Dandolo e os Michiel estava

acontecendo nas ruas do lado de fora da Montanha também), mas não tinha tempo de prestar atenção: ela apenas correu o mais rápido que pôde, tentando fugir, voltar para o muro e sair daquele campo que mais parecia uma cidade fantasma amaldiçoada.

Outro *bum* de estremecer os dentes, de dentro da Montanha.

Ah, meu Deus, pensou ela. *Preciso me mexer, preciso me mexer, preciso me mexer…*

Ela avistou a gigantesca lanterna flutuante verde acima do muro à frente (muito, muito à frente), ainda amarrada à carruagem de vinho da Periferia da Fundição.

Espero que os outros tenham conseguido voltar, pensou enquanto corria. *Mas como diabos eu vou chegar lá a tempo?*

Então teve uma ideia. Uma ideia péssima, na verdade, mas uma ideia.

Ela pegou a impressora enquanto corria. Configurou-a em uma sequência de ancoramento, mirou e atirou na lanterna.

Estava longe demais para ver se havia acertado. *Mas espero que sim*, pensou ela. *Caso contrário, estou morta e enterrada*.

Ativou a couraça, flexionou a visão inscrita e confirmou que estava funcionando bem e que realmente estava projetando a caixa de aço ao seu redor.

Outro tremendo *bang* vindo da Montanha.

É agora ou nunca.

Então mirou à frente e disparou a outra metade do projétil de ancoramento.

Ouviu-se um tinido e o projétil de ancoramento grudou na parte de dentro da parede invisível. Ele parecia pendurado no ar diante dos olhos dela.

E, quando deu por si, estava voando pelo ar.

Sancia gritou por puro instinto, embora já houvesse feito aquilo antes. Técnicas de ancoragem eram um método de transporte simples e barato, mas o motivo pelo qual era simples e barato era o fato de também ser muito descuidado e perigoso. Os dois projéteis de chumbo colados às duas superfícies acreditavam veementemente que deviam ficar juntos, então atravessavam a distância com o que era simplesmente uma quantidade insana de força.

A couraça ferroou o ombro dela quando ela voou. Os edifícios foram passando a uma velocidade aterrorizante e a lanterna flutuante verde foi se aproximando cada vez mais, bem como as lanterninhas flutuantes que dançavam em torno dela,

desorientando as baterias de espringais no alto do muro.

A garota atravessou a névoa de lanternas, depois colidiu com a gigantesca lanterna flutuante verde. Por sorte, eles a haviam fabricado para ter uma durabilidade sobrenatural, mas ela chiou alto quando a caixa invisível de Sancia se chocou na sua lateral, rangendo e crepitando de modo desagradável.

Ela ouviu a voz de Orso gritar:

— *O que diabos foi isso?*

— Fui eu! — berrou ela.

— *Sancia?* — gritou Berenice.

Sancia se deu conta de como aquilo devia parecer absurdo: a lateral de sua caixa invisível aderida à lateral da lanterna flutuante e ela pendurada no ar dentro da couraça.

— Aguente firme! — exclamou Claudia. — Vamos puxar você!

Outro *bum* de fazer tremer a terra veio da Montanha.

— Vai logo, vai, *vai*! — gritou ela para eles. — *Esqueçam de mim e andem logo!*

— Merda — falou Gio, e a carruagem deu um salto para a frente, com a lanterna (e Sancia) rodopiando atrás.

O estômago dela revirava enquanto a lanterna torta ia girando e inclinando pelas ruas. Ela ouviu foliões gritando e berrando em algum lugar ali perto: talvez gritando ao vê-la, talvez por conta do que quer que estivesse acontecendo na Montanha. A lanterna quicou na fachada de um edifício, depois na de outro, e ela gritava enquanto era dolorosamente sacudida dentro da couraça.

Ela ouviu Claudia gritando:

— *Puxe-a para baixo, puxe logo!*

Então Orso:

— *Puxe, por favor! Pelo amor de Deus, nós precisamos dela!*

E embora estivesse tonta a ponto de ficar enjoada, isso fez o coração de Sancia se entristecer, pois sugeria que a parte final do plano de Gregor não estava dando tão certo.

A carruagem chegou a uma via relativamente reta. A lanterna começou a baixar pouco a pouco. Ela supôs que a estavam puxando pela linha, aproximando-a da carruagem veloz.

Então ouviu-se outro *bum* vindo da Montanha, e outro. Sancia olhou para os telhados da cidade por cima do ombro bem a tempo de ver acontecer.

Tevanne se iluminou com centenas, se não milhares de imensas lanternas flutuantes, embarcações azuis e roxas e verdes pairando sobre os cortiços e as casas, e ali, mais adiante, o volume escuro da Montanha. Houve um estampido enorme e uma nuvem de fumaça e poeira começou a jorrar da lateral da cúpula como um cogumelo expelindo esporos. E então ela viu, horrorizada, a Montanha começar lentamente a implodir, o maior edifício de toda Tevanne desabando sobre si mesmo pouco a pouco, um processo longo, lento e incrivelmente barulhento.

Pareceram irromper gritos de todas as partes das Áreas Comuns e da Terra das Lanternas ao mesmo tempo.

Ah, Montanha, pensou ela. *Eu sinto muito, mesmo.*

— Quase terminando de puxá-la! — gritou Claudia. — Quase!

Houve uma batida quando a parte de trás da lanterna esbarrou na carruagem, e depois eles a puxaram para dentro. Arquejando, ela apertou o botão na lateral da couraça e caiu no assoalho de madeira, o cérebro ainda rodando dentro do crânio enquanto eles desativavam e esvaziavam a imensa lanterna flutuante.

— Ah, meu Deus — ofegou ela. — Ah, meu *Deus*, não quero fazer isso de novo.

— Sancia! — gritou Orso. — Levante a sua maldita bunda e venha *ajudar*!

A voz dele veio de dentro do gigantesco barril de vinho instalado na traseira da carruagem. Gemendo, Sancia se levantou, cambaleante, e saltou por cima do barril para inspecionar o estado das coisas.

A tampa do barril de vinho fora arrancada e descartada, revelando uma pequena câmara à prova d'água no centro, um pequeno barril dentro do maior e, localizado dentro desse barril menor, o pequeno *lexicon* da oficina de Claudia e Gio.

Essa fora a etapa final do plano de Gregor. *Por que esperar para trazer Valeria quando estivermos de volta na Periferia da Fundição*, propusera ele, *quando podemos invocá-la logo depois de atravessar os muros do enclave?*

Era uma ideia genial, contanto que funcionasse, claro.

— *Não está acelerando!* — gritou Orso.

— Não! — discordou Berenice. — Está acelerando, só precisa de tempo!

Orso olhou para Sancia.

— Será que não dá, sei lá, para você apressar essa maldita coisa?

— Merda — murmurou Sancia. Ela começou a rastejar para dentro do gigantesco barril de vinho, mas, enquanto o fazia, notou algo estranho acontecer com as enormes lanternas flutuantes por toda Tevanne.

Muitas estavam se apagando. Não, não era bem isso: elas estavam sendo *esmagadas* uma a uma. E estavam sendo esmagadas em linha reta, como se um projétil escuro houvesse sido lançado da Montanha direto para a carruagem deles.

Crasedes, pensou ela. *Está vindo atrás de nós*.

Ela se deixou cair no centro emparedado do barril de vinho, pôs uma das mãos no revestimento do *lexicon* e prestou atenção.

<*Eu… sou… todas… as… coisas*>, disse o *lexicon* muito, muito devagar. <*Eu… sou… a… plataforma… que… rege… o… mundo…*>

Ouvir a voz dele era *angustiosamente* demorado. Em geral, levava apenas de dez a vinte minutos para um *lexicon* acelerar, para asseverar todos os seus argumentos básicos de sustentação em determinada sequência de modo que pudesse, então, asseverar quais sequências de inscrição eram verdadeiras e, assim, dobrar a realidade em nós. Mas esse estava tendo dificuldades.

Sancia percebeu o que ia ter de fazer.

— Berenice! — gritou ela. — Eu… eu preciso que você leia a sequência básica de aceleração no meu ouvido!

— *O quê?* — perguntou ela, pasma.

— Preciso apressar esta coisa! E eu… eu não consigo lembrar todas! Só me ajude, por favor!

Berenice foi engatinhando até ela.

— Bem… a primeira é a asserção de distância para que o *lexicon* possa saber o que está perto e o que não está…

Sancia se lembrou. Rapidamente recordou os comandos dessa asserção e os inseriu no *lexicon*. A sensação era a de apressar um velho oficial doméstico de campo em um ritual de casamento: *Sim, sim, agora os bálsamos, e a leitura dos juramentos, e o entrelaçamento das mãos…*

— E depois? — gritou Sancia.

Os olhos de Berenice ficaram inexpressivos, e Sancia sabia que ela mergulhara em algum lugar profundo de sua mente, algum lugar secreto onde memorizara incontáveis fatos e facetas.

— Depois é a asserção do berço — respondeu Berenice — como o coração do significado para o *lexicon*!

Merda, pensou Sancia, lembrando-se. *Essa é difícil*…

Ela começou a inserir o argumento no *lexicon*, mas então se ouviu o barulho de algo sendo arremessado pelo ar lá em cima e um estrondo por perto, seguido por uma irrupção de gritos.

— *Merda!* — gritou Gio da cabine do piloto. — *Alguma coisa acabou de cair do céu bem na nossa frente!*

Mas Sancia sabia que, fosse o que fosse, não caíra: fora atirado.

Ela se levantou e olhou pela beirada do barril de vinho, então o viu flutuando pelo ar noturno muito atrás deles: um vulto de preto, ainda sentado naquela posição curiosamente meditativa com as pernas cruzadas.

Ela viu algo escuro se elevar em direção ao hierofante, circundá-lo duas vezes e depois voar direto na direção deles.

— Cuidado! — gritou ela.

Uma pedra despencou em uma rua lamacenta bem ao lado da carruagem e Gio desviou para evitá-la. A carruagem chiou e rangeu, e Berenice praguejou dentro das profundezas do barril de vinho.

— Conseguiu? — perguntou Orso. — Conseguiu, garota?

— Já vai, já vai! — resmungou Sancia. — E depois?

— Depois é a definição dos discos! — gritou Berenice. — Como lê-los e que ordem eles seguem!

Sancia fechou os olhos enquanto injetava essa parte no *lexicon* também. *Eu queria muito*, pensou ela, *ter prestado mais atenção em Orso quando ele falava sem parar sobre* lexicons…

Outra pedra cruzou o ar e se chocou contra um cortiço. Ele desmoronou como se fosse feito de cartas de baralho.

— Estamos quase na Periferia da Fundição! — exclamou Claudia. — Nós… nós não temos mais muito espaço para fugir.

— O que vem *agora*? — gritou Sancia.

— A última é o comando para começar a aplicar os argumentos nos discos! — gritou Berenice. — Mas… essa é a mais demor…

Então ressoou um estampido, e alguma coisa trespassou a madeira, e Orso gritou e caiu de lado.

Levou um instante para Sancia entender o que acontecera. Havia um buraco na lateral do barril de vinho, um buraco que definitivamente não estava lá antes. Orso segurava o ombro e gritava, o corpo todo assolado por dolorosos espasmos, e sangue jorrava por entre seus dedos. Berenice gritava enquanto se ajoelhava ao lado dele, sem saber ao certo o que fazer.

Sancia olhou pelo buraco do barril e viu Crasedes descendo pela passagem atrás deles, sua postura estranhamente plácida, seu manto e seu chapéu sequer esvoaçando com o vento.

— *Seu filho da puta!* — rosnou Sancia. — Seu covarde sujo e desprezív…

Ela se sacudiu, lembrando-se de sua tarefa, e pôs a mão no *lexicon*.

<*Inicie os argumentos!*>, gritou para ele.

<*O… argumento… para… a… duplicação… do… espaço?*>, perguntou o *lexicon*, suas palavras pingando como açúcar de alcatrão.

<*É!*>

<*Feito. E… a… vinculação… do… meu… berço… a… outro?*>

<*É!*>, gritou Sancia, desesperada.

<*Feito*>, disse o *lexicon*. <*Agora… o… argumento… para…*>

<*Para autoridade sobre a realidade!*>, gritou Sancia para o *lexicon*. <*É, é! Faça isso agora, agora, agora!*>

Ela ouviu Gio gritando, alarmado. A carruagem inscrita fez uma curva acentuada em uma esquina (uma esquina que ela conhecia, que ficava perto da Periferia da Fundição), e eles deslizaram um pouco na lama, mas permaneceram na vertical.

Berenice estava sentada no barril, as mãos e os braços cobertos de sangue enquanto pressionava o ferimento de Orso, chorando histericamente enquanto tentava estancar o sangramento.

<*Por favor, se apresse!*>, implorou Sancia ao *lexicon*. <*Por favor. Terminou?*

Terminou? TERMINOU?>

Mas o *lexicon* não respondia, e então se ouviu um estalo debaixo da carruagem, e tudo em volta deles saltou.

Sancia gritou quando eles foram empurrados de um lado para outro dentro do barril de vinho. O *lexicon*, que fora habilmente preparado para um tumulto desses, não pareceu se mexer muito, mas Orso berrou de dor e ela ouviu Claudia e Gio gritarem, e a carruagem foi parando aos poucos.

— Atingiu uma roda… — arquejou Sancia. — Atingiu uma… uma maldita roda…

Ela se levantou e olhou sobre o topo do barril de vinho. A Periferia da Fundição estava apenas a umas poucas centenas de metros de distância, mas não que isso importasse. Não agora.

A garota sentiu uma náusea cadenciada no estômago e virou lentamente a cabeça para olhar para trás.

— Não — sussurrou ela.

Ele virou a esquina flutuando de modo tão calmo, tão casual, como um barco pilotado por um rio suave e manso. Virou-se para fitá-los, as mãos sobre as pernas cruzadas, nenhum grão de poeira ou pedra sobre o corpo, apesar de haver acabado de destruir a Montanha dos Candiano, e ainda por cima meia dúzia de cortiços das Áreas Comuns.

— Bem — disse Crasedes com sua voz grave e retumbante. — Eu realmente não queria que as coisas chegassem a este ponto, sabe.

O chão abaixo dele tremeu e uma dúzia de pedras grandes emergiu da via lamacenta como girinos eclodindo na margem de um rio. Elas se ergueram e começaram a orbitar em torno dele como se fossem planetinhas gotejantes.

— Claudia, Gio! — gritou Sancia. — Saiam daqui, *saiam!*

— Mas… — falou ele, contemplativo. — Agora eu simplesmente me sinto na *obrigação* de…

As pedras sacudiram ao redor dele e voaram direto para a carruagem. Sancia se jogou para dentro do barril de vinho e abraçou Berenice com força, seu rosto enterrado na base do pescoço dela, uma das mãos no peito de Orso.

Assim não, pensou ela, *assim não*.

Ela se preparou para o impacto, para o barulho de pedras contra a madeira e os ossos, para a loucura embaciada enquanto seu cérebro ferido tentasse interpretar o mundo que via enquanto falhava dentro do seu crânio, para ver os olhos vazios de Berenice quando ela morresse a apenas alguns passos de casa.

E, no entanto, não aconteceu.

Sancia soltou Berenice devagar. Ainda chorando, elas se entreolharam, confusas. Depois olharam por cima do barril de vinho.

A dúzia de pedras pairava no ar a uns seis metros da carruagem. Elas estremeciam com alguma espécie de energia reprimida, como um peixe tentando escapar de uma linha. Por um momento, Sancia se perguntou se Crasedes pensara melhor, mas viu que ele cerrara os punhos e se inclinara ligeiramente para a frente, como se estivesse se concentrando muito, e o ar pulsava com uma energia desconcertante, uma energia que fazia seus ouvidos e seus olhos doerem de um modo estranho.

— Não… — murmurou ele. — Não!

As pedras avançaram muito de leve, apenas mais alguns centímetros, mas pararam outra vez.

Em seguida, Sancia ouviu a voz dela em sua mente: uma curiosa e musical voz artificial, como flautas sendo usadas para imitar a fala humana.

<*Não*>, declarou a voz de Valeria.

E então Sancia a viu muito brevemente, só um *lampejo*: uma enorme e corpulenta figura dourada a uns seis metros de distância da carruagem, de frente para Crasedes.

— *Não* vou te dar permissão — disse Crasedes. Seus punhos tremiam. — *Não* vou.

<*Minhas permissões podem não ser grandes*>, falou a voz de Valeria. <*Mas, dentro deste espaço, elas são absolutas, Criador*.>

Depois as pedras pararam de tremer e foram arremessadas para trás a uma velocidade estonteante, todas na direção de Crasedes.

Elas o atingiram com um estrondo enorme e o fim da rua se encheu de poeira. Sancia e Berenice recuaram e se abrigaram no fundo do barril de vinho, depois se levantaram devagar quando a poeira se dissipou.

Crasedes continuava sentado no ar no fim da rua, uma das palmas estendida para eles, a lama abaixo coberta de destroços, os edifícios à sua volta estilhaçados. As pedras não pareciam ter deixado nenhuma marca visível, mas ele não parecia muito satisfeito.

<*A meia-noite está passando*>, sussurrou a voz de Valeria.

Ele inclinou a cabeça lentamente.

— Estou vendo — disse ele por fim — que está passando. Mas… vai chegar de novo, não vai?

E, com isso, ele se virou e se afastou devagar, de volta para os céus cheios de poeira e fumaça de Tevanne.

◆ III

O último problema

◆ 20

Os momentos seguintes foram de puro caos: pessoas correndo para fora de suas casas e gritando histericamente, todas passando pela carruagem tombada; Orso suando e gemendo, segurando o ombro ensanguentado com uma das mãos enquanto Berenice e Sancia o ajudavam a descer; Claudia e Gio trabalhando como loucos para pôr uma roda nova na carruagem para que pudesse percorrer os metros finais até os portões de entrada da Periferia da Fundição; e o constante som de gritos e tumultos ao longe, uma vez que a repercussão do desmoronamento da Montanha continuava.

<*Valeria, você… você ainda está aí?*>, perguntou Sancia enquanto eles ajudavam Orso a entrar no escritório.

<*Estou*>, respondeu a voz de Valeria, mas soava tênue e fraca. <*Mas… esse artifício que você trouxe para me abrigar… Insuficiente*.>

<*Nós temos um* lexicon *melhor no nosso escritório*.>

<*Me leve para lá. Aí vou poder ajudar mais*.>

Berenice e Sancia se apressaram em tirar a definição de Tribuno do *lexicon* da carruagem e instalá-la no *lexicon* que estava no porão da biblioteca da Periferia da Fundição. As mãos de Sancia tremiam quando ela colocou delicadamente o pequeno cone entalhado dentro do berço do *lexicon*. Ela tinha certeza de que Crasedes tiraria vantagem do momento de fraqueza deles (o hierofante parecia sempre saber quando estariam vulneráveis, sempre), mas em nenhum instante sentiu uma pontada de náusea ou escutou sua voz grave e baixa vindo da escuridão lá fora.

Eu gostaria que Orso estivesse fazendo isso, pensou ela enquanto trabalhava. *Ele seria mais rápido. Seria melhor.*

Uma vez que o berço estava preparado, Berenice e Sancia começaram a acelerar

o *lexicon*. Nenhuma das duas tinha a menor dúvida de que funcionaria dessa vez. Elas apenas ficaram ali no porão cheio de papéis espalhados e esperaram, olhando para o velho *lexicon* surrado com as desleixadas iniciais "PF" impressas no topo.

Então Sancia ouviu a voz dela.

— *Isto está sendo recebido?* — perguntou ela.

Sancia se sobressaltou, mas, para sua surpresa, Berenice se sobressaltou também.

— Ah, meu Deus — comentou Berenice. — Você… você ouviu *isso*?

— *Vou interpretar essa reação* — disse a voz de Valeria — *como indicativo de que a resposta é verdade*.

— Você consegue ouvir também, Ber? — indagou Sancia.

Parecia que Berenice ia desmaiar. Ela esfregou a lateral da cabeça, como que tentando descobrir exatamente como as palavras haviam sido enviadas para a sua mente.

— Eu ouço… *alguma coisa*. É como se estivesse ouvindo sem ouvir os sons…

— *Com a definição de Tribuno* — explicou Valeria —, *sou capaz de alterar a realidade de uma maneira muito mais direta. Não estou mais restrita a conversar só com Sancia, só com a placa dela*.

— Então deve ser capaz de nos ajudar — falou Sancia. — Nós tiramos você de lá. Te demos abrigo. E agora?

— *Agora eu dei proteções a vocês. O Criador não pode chegar perto desta área nem a afetar. Quanto mais eu calibrar as minhas permissões, mais posso auxiliá-los. Me deem tempo para eu me… acomodar? Verdade? Depois de descobrir mais sobre a minha própria situação, vou poder saber mais sobre o que fazer em seguida*.

Sancia e Berenice se entreolharam.

— Espere… — disse Sancia. — O que exatamente você vai fazer no nosso porão, mesmo?

— *Você não sabe do nosso dilema?* — perguntou Valeria. — *O Criador sabe onde estamos. Conhece a nossa localização, os nossos recursos. Apesar de termos proteções, não estamos verdadeiramente seguros. Nunca poderemos estar verdadeiramente a salvo do Criador, não até que seja banido para a morte que eu criei para ele*. — O ar bruxuleou e Sancia a viu apenas por um segundo: uma gigantesca figura corpulenta feita de ouro, de pé atrás do *lexicon*, fitando-as. — *Estamos sob cerco, Sancia. Precisamos nos*

preparar.

◆◆◆

Exaustas e abaladas, Sancia e Berenice saíram mancando do porão, Sancia com uma caixa grande e pesada na mão. Encontraram Claudia e Gio ajoelhados sobre Orso em um catre no centro da biblioteca. Ele parecia horrível: lívido, encolhido, suado, nada semelhante ao Orso que conheciam, mas uma versão reduzida dele. Seu ombro era uma massa de bandagens vermelhas, muitas delas preocupantemente escuras.

— Ele parece estar mal — comentou Claudia. Seu rosto parecia cansado e esticado. — O ferimento é profundo. O que aconteceu lá atrás?

— Acho que Crasedes o acertou com uma pedra — respondeu Sancia. — Ele a atirou através do barril de vinho como um raio.

— Ele vai ficar bem? — perguntou Berenice.

— Depende de ainda ter sobrado alguma pedra no ferimento ou não — disse Gio. — Se tiver…

Houve silêncio.

— Vocês precisam de um medicineiro — falou Claudia. — Nós sabemos fazer muita coisa, mas não sabemos limpar feridas nem fazer cirurgias.

— Nós… nós podemos ir com vocês buscar um — ofereceu Gio, ansioso —, mas…

Sancia sabia aonde essa conversa ia chegar.

— Mas vocês fizeram o suficiente — completou ela.

Claudia e Gio ficaram muito quietos, e ela sabia que estava certa: eles queriam ir embora, e rápido.

— Vocês não pediram por isso — disse Sancia, suspirando de fadiga. — Vocês não pediram hierofantes e deuses e pedras voando pelo ar como estrelas cadentes. Esta luta não é sua. — Ela depositou a caixa pesada no chão à frente deles. — Aí está.

— O que é isso? — perguntou Gio.

— O seu pagamento — respondeu Berenice. — Todas as definições dos Michiel.

Claudia as encarou.

— *Todas* elas?

— Todas as que temos, é — confirmou Sancia.

— Eu… eu achei que vocês iam querer ficar com algumas pelo menos — comentou Gio.

Sancia chacoalhou a cabeça.

— A luta mudou. Tudo isso mudou. A Montanha se foi, as casas provavelmente estão em guerra e Crasedes e Valeria estão se movendo em círculos como duelistas. A luta mudou e nós temos que mudar com ela.

◆◆◆

Sancia acompanhou Gio e Claudia até a porta da frente. Encontrou Gregor esperando por eles, andando diante das janelas com um florete na lateral do corpo e uma espringal sobre o ombro. Parecia mais próximo do seu estado normal, mas Sancia percebeu que faltava algo em seus olhos: uma luz, ou uma faísca, ou alguma capacidade de prestar atenção.

Quando se aproximaram, ele disse:

— Por aqui não. Não pela porta da frente.

— Hein? — falou Gio. — Não podemos sair pelo portão da frente?

Ele chacoalhou a cabeça.

— Muitas pessoas nos viram entrar no complexo por aquela entrada. Estamos sendo vigiados.

— Já? — perguntou Sancia.

— Eu os vi. Recomendo que usem a saída dos fundos.

— A saída dos *fundos*? — indagou Claudia. — Mas… isso não significa que a gente teria que atravessar o fosso de merda? Onde todo mundo esvazia as latrinas?

— Construíram uma pequena ponte — respondeu Gregor. — Sobre uma parte do fosso, pelo menos. Vocês prefeririam ter merda nos sapatos ou vísceras no colo?

— Tudo bem, tudo bem — resmungou Gio. — Nós conhecemos o caminho. Não precisam nos acompanhar. — Eles saíram, a caixa de definições pendurada no ombro de Gio.

Sancia se juntou a Gregor na janela.

— Quem está nos observando?

— Não sei. Poderiam ser os Michiel ou os Dandolo. Ou poderiam ser apenas curiosos intrigados pelo que acabou de ocorrer nas ruas. — Ele apontou para uma entrada. — Dois homens ali. E tinha uma mulher, mas ela foi embora.

Ele ficou em silêncio, olhando para as ruas com uma expressão sinistra.

— O que aconteceu na Montanha, Gregor? — perguntou Berenice.

Ele engoliu em seco, flexionando o maxilar e o pescoço.

— Algumas pessoas tentaram matar o Orso.

— E?

— E eu… os impedi.

Elas esperaram mais detalhes, mas eles não vieram.

— Você os matou — disse Sancia.

Ele aquiesceu.

— Mas, quando fiz… quando fiz aquilo, eu… eu de repente lembrei.

— Lembrou o quê? — indagou Berenice.

Gregor curvou a cabeça.

— Me lembrei… de morrer. Me lembrei de *morrer*. Quando eu… quando eu peguei a espada e a usei e senti o sangue no meu rosto… Foi como se uma represa tivesse se rompido na minha mente. Sempre desconfiei que a minha mãe tivesse me dado alguma habilidade de… de ressuscitar ou me trazer de volta, mas… Mas eu consegui enfim ver. Consegui me ver e me *sentir* voltando dos mortos. — Ele as fitou, as bochechas cobertas de lágrimas. — Eu estava morto. Estava *morto*. Estava mesmo morto de verdade… e então eu simplesmente *não estava*.

Berenice tapou a boca, horrorizada.

— Mas… como você voltou? — perguntou ela.

— Eu… eu não sei. De repente, os meus ferimentos formaram um borrão e depois simplesmente tinham desaparecido. Era como se alguma… alguma outra versão de mim mesmo tivesse sido restaurada. E eu soube instantaneamente que não era a primeira vez que aquilo me acontecia, nem a última. Quero dizer… quantas vezes ela me deixou morrer?

Seguiu-se um longo período de silêncio. Sancia não tinha ideia do que falar.

— Vocês precisam de um medicineiro, não precisam? — indagou ele.

— Orso precisa, sim — respondeu Sancia.

— Mas vocês não podem sair. Não com tanta gente nos observando.

— Quer dizer, eu poderia, mas…

— Não. As pessoas estarão procurando especificamente por nós. É perigoso demais. — Ele soltou o ar de modo trêmulo. — Então, eu é que deveria ir.

— O quê? Você acabou de falar que é perigoso demais.

— E é. Mas não para mim. Porque eu não posso… não posso… — Ele a fitou com um olhar suplicante. — Quero dizer, eu vou ficar bem, não vou?

Ela entendeu o que ele estava sugerindo.

— Gregor! Droga, eu… não vou pedir isso a você!

— Orso precisa de um medicineiro. Caso contrário, ele vai morrer.

— Mas não estamos sugerindo que use as alterações abomináveis que fizeram em você para sobreviver — falou Berenice. — *Não* vamos pedir uma coisa dessas a você, Gregor.

— É isso o que eu sou — disse ele. — A gente poderia muito bem usar essa alteração pelo que ela é. Talvez eu pudesse liberar o caminho para vocês, eu poderia eliminá-los ou…

— Pare com essa maldita bobagem de mártir! — retrucou Sancia. — Agora que temos Valeria, esse seria o momento mais idiota para desistir ou para se render. Certo?

Gregor deu um suspiro profundo.

— Então… o que vamos fazer a respeito de Orso? Ou das pessoas vigiando lá fora?

Berenice foi até a janela.

— Bem, uma delas parece ter se aproximado do portão. — Ela se inclinou para a frente, estreitando os olhos. — E está… acenando. Para nós.

— O quê? — perguntou Sancia. Tanto ela como Gregor foram até a janela.

Berenice estava certa: havia um vulto diante do portão da Periferia da Fundição, espiando por entre as barras e dando um aceno rígido. De início, Sancia não conseguiu distinguir nada, mas aí os ventos mudaram de direção e as incontáveis lanternas flutuantes dançaram, derramando uma luz rosada pelo pátio, e ela avistou um cabelo comprido preso para trás em um coque sério e familiar, e olhos estreitos e sagazes, e uma boca sem sorriso.

— *Polina?* — falou Sancia. — Esse é o pessoal *dela*? O que diabos ela está fazendo aqui?

Eles a observaram por mais um instante. Então ela abaixou a mão e cruzou os braços, esperando.

— Eu… desconfio que ela queira entrar — comentou Gregor. — Eu, hã, devo deixar?

Sancia suspirou.

— Vamos descobrir o que ela quer. Talvez tenha novidades.

◆◆◆

Gregor foi até o portão, abriu-o um pouco e a deixou entrar, seguida pelos dois homens armados, um de cada lado. Os olhos sagazes de Polina esquadrinharam cada canto quando ela passou pela porta da frente, observando os três membros da Periferia da Fundição e prestando cuidadosa atenção ao interior.

— O que a traz aqui, Polina? — indagou Gregor.

— Eu vim principalmente para saber se vocês ainda estavam vivos — respondeu ela.

— O que faz você pensar que não estaríamos? — perguntou Sancia.

— Bem, vocês me dizem que vão sair para fazer um monte de coisas horríveis e depois a Montanha de repente desmorona e há histórias de fantasmas e demônios travando uma batalha na rua do lado de fora do escritório de vocês… e rumores de que Orso Ignacio foi atingido e está morrendo. Vejo que ele não está entre vocês. — Ela olhou para Gregor. — Ele foi assassinado?

Gregor chacoalhou a cabeça.

— Ele está vivo. Mas está gravemente ferido.

— E vocês vão buscar um medicineiro? — perguntou ela. — Um momento perigoso para sair. As ruas estão cheias de homens maus com muitas coisas ruins na cabeça. Algumas das minhas fontes me dizem que começou uma guerra entre os Dandolo e os Michiel, algo em que eu nunca teria acreditado, mas outros me dizem que esses homens maus estão procurando por uma carroça de vinho vista pela última vez vindo em direção à sua firma.

— Aonde você quer chegar? — indagou Sancia.

— A questão é que vocês não vão conseguir sair nem para tomar uma taça de vinho, que dirá para buscar um medicineiro. — Ela fixou os olhos em Sancia. — Mas eu poderia trazer um. Se me pedissem isso.

Desconfiada, Sancia a observou.

— O que você quer em troca?

— Nada. Só conversar. É pedir muito?

Sancia suspirou.

◆◆◆

Eles transformaram a sala de reuniões do andar de cima em uma sala de cirurgia improvisada. Puseram Orso na mesa, sem camisa e gemendo, e Gregor prendeu o braço machucado dele com uma tira de couro. Dois outros homens contiveram as pernas e o outro braço e absorveram o sangue com roupas de cama de um branco brilhante enquanto um grandalhão careca e suarento derramou delicadamente água fervida no ferimento de Orso, examinou-o com uma lupa, retirou cuidadosamente detritos pretos e os colocou em uma tigela de madeira ao lado dele.

— É melhor sairmos — falou Polina para Sancia baixinho. — Eduardo é um medicineiro talentoso, mas é mais sensato deixá-lo praticar seu ofício em paz, sem plateia.

Sancia e Berenice a seguiram até a biblioteca no andar de baixo.

— O que você tem a nos dizer? — perguntou Sancia.

Polina pensou sobre o assunto, depois tirou uma pequena bolsa do ombro.

— Eu trouxe comida — falou ela. — Vocês gostariam de cear primeiro?

— Sério? — indagou Sancia.

— Vocês não perceberam ainda que eu não gosto de conversa fiada? Principalmente não agora.

Sancia olhou feio para ela, mas então percebeu que estava com uma fome voraz, e também que ainda estava coberta de sujeira da Montanha.

— Tudo bem. Me deixe apenas tomar um banho.

Alguns minutos depois, elas se sentaram no chão da biblioteca da Periferia da Fundição e comeram arroz e lentilha frios e um pão razoável, mas bem velho. Berenice comeu com uma colher rasa de madeira, mas Sancia não se deu ao

trabalho: comeu com os dedos, pondo a comida na boca o mais rápido que podia, sem se importar se caísse.

— Então, o que você quer de nós, Polina? — indagou Sancia ao terminar.

— Você acha que eu só penso em transações comerciais? — perguntou Polina.

— Acho que contrabandistas e espiões são os tipos de pessoa que mais pensam em transações comerciais, e você é as duas coisas.

— Talvez eu esteja aqui por força do hábito. Meu primeiro trabalho foi contrabandear pessoas em vez de mercadorias: tirar escravizados das plantações e mandá-los para longe em barcos e canoas e traseiras de carroças. — Seus olhos brilharam sob a luz fraca enquanto fitava Sancia. — Muitos deles como você.

— Não preciso ser salva.

— Não tenho tanta certeza. — Ela pegou o cachimbo, acendeu-o com um iniciador de fogo inscrito e tragou. — Detesto a sua mágica, claro, mas… ela pode ser conveniente. — Fungou e olhou para as duas, soltando a fumaça pela boca. — Vocês não pareceram surpresas quando eu contei que os Michiel e os Dandolo estavam em guerra, o que sugere que já sabiam.

Sancia e Berenice ficaram caladas.

— Não vai terminar bem — asseverou ela. — Vocês sabem disso. Mas preciso dizer em voz alta. *Não vai* terminar bem. Vocês, vocês e os seus amigos e aliados, vocês vão fracassar aqui. E Tevanne não vai sobreviver. Pelo menos não do jeito que a conhecem.

— O que quer dizer? — perguntou Sancia.

— Quero dizer que vou retirar todos os meus contrabandistas — respondeu ela —, todos os meus espiões, todos os meus empregados e apoiadores. Vamos nos concentrar em outro lugar. Me dói… Ganhei muito dinheiro em Tevanne e salvei muitas vidas com ele. Mas não vou ficar e morrer nesta cidade. E, quando formos embora, *prefiro* que todos vocês venham comigo. — Seus olhos estavam fixos em Sancia e não piscavam.

— Por quê? — indagou Berenice.

— Este lugar está condenado — falou Polina simplesmente. — As pessoas nas plantações não estão, não ainda. Então peço a vocês: venham comigo e ajudem-nas.

Houve silêncio.

— Nós ainda não terminamos — explicou Berenice em voz baixa. — Trabalhamos duro para chegar onde estamos e tem muita coisa em risco. Não podemos ir embora agora.

Polina aquiesceu enquanto fumava, como se essa fosse a conversa mais perfeitamente sensata do mundo.

— Entendo. Vai demorar uma semana para os meus contrabandistas saírem da cidade. Se mudarem de ideia antes disso, vou estar nas docas das Encostas.

Vieram sons de passos do andar de cima. Um Gregor Dandolo exausto e ensanguentado desceu a escada e lhes lançou um olhar embaciado.

— Terminou — disse ele.

Elas se levantaram.

— Ele está bem? Ele… ele vai sobreviver? — perguntou Berenice.

— Por enquanto — respondeu Gregor. — Ele vai sarar, e o medicineiro aplicou cataplasmas. Mas ele precisa descansar.

— Todos vocês precisam descansar — comentou Polina. — Posso deixar vocês dormirem por um tempo enquanto o meu pessoal fica de vigia. Mas depois vamos embora. — Ela se pôs de pé e fitou Sancia. — Apenas se lembrem: um inscritor faz alguma coisa a partir do nada. Talvez vocês tentem o mesmo aqui. Mas, com o tempo, *com o tempo*, a mágica sempre cessa e todas as ilusões desaparecem.

◆◆◆

Sancia e Berenice subiram a escada, cansadas. Quando chegaram ao quarto, Sancia foi direto para o guarda-roupa, vasculhou no escuro e pôs a mão sobre o interruptor escondido.

A parede se abriu e Sancia tateou lá dentro. Seu coração deu um pulo quando seus dedos se fecharam em torno do metal frio que estava ali.

— Graças a Deus — sussurrou ela. — Graças a Deus…

Ela tirou Clave de lá e o examinou, observando como seus curiosos dentes brilhavam sob a luz fraca.

— Ele está aqui — falou Berenice. — E está a salvo. Precisamos descansar enquanto podemos, porque isso ainda não está nem perto de terminar.

— Eu sei. — Então Sancia olhou para ela. — Ber, tem uma coisa que você

precisa saber.

— Sim?

— Eu vi uma coisa quando conversei com Valeria pela primeira vez. Uma… uma visão, talvez, ou uma lembrança. Eu vi quando ela transmitiu a imagem do componente para a minha mente. Acho… acho que ela não pretendia que eu visse. Eu queria te contar, mas tivemos tanta coisa para fazer.

Ela descreveu a visão que teve: a de um homem com roupas poeirentas chorando em frente à criança moribunda e depois Crasedes no peristilo, brandindo Clave e abrindo portas pretas.

Berenice prestou atenção e foi arregalando os olhos.

— Você… você acha que eram as lembranças que ela tem do Crasedes?

— Acho que sim. Ele disse uma coisa curiosa hoje à noite, sobre como eu nunca saberia como era perder alguém e saber que não importava… Você acha que ele estava falando *disso*? — Ela olhou para Clave, aninhado em suas mãos, dourado-cintilante. — Será que… será que Crasedes Magnus perdeu o filho milhares de anos atrás? E será que é por esse motivo que ele está tentando consertar o mundo?

◆ 21

Sancia acordou, viu o teto do sótão e sentiu Berenice ao seu lado. Doíam-lhe incontáveis lugares. *Meu corpo*, pensou ela, *não é mais tão jovem como já foi um dia*.

Mas, enquanto acordava aos poucos, notou que mais alguma coisa estava errada.

O quarto parecia errado. As sombras pareciam recair em ângulos ligeiramente equivocados. O ar pareceu errado quando ela respirou. Tudo parecia um pouco *estranho*, como se alguém houvesse pegado uma lente de aumento fraca e a colocado sobre tudo o que ela olhava.

Ou eu tomei uma pancada na cabeça, pensou Sancia, *o que é totalmente possível… ou há alguma coisa errada aqui*.

Começou a lhe ocorrer uma ideia muito ruim.

Ela mancou escada abaixo e foi até o porão para ver Valeria. Abriu a porta e ficou olhando, pois parecia que Valeria havia feito bastante coisa.

As paredes e o piso do porão haviam mudado completamente. Algumas poucas coisas ainda estavam lá: o *lexicon*, claro, e algumas peças da mobília velha, mas a pedra mofada e as paredes rangentes de madeira haviam sumido, e de algum modo tinham se transformado em um mármore curiosamente frio, liso e reluzente de um preto esverdeado muito escuro.

— Que diabos… — sussurrou Sancia.

Ao olhar para as paredes, percebeu que eram tão brilhantes que podia ver seu reflexo nelas, mas depois teve a sensação gradual de estar vendo reflexos *demais*, como se as paredes e o piso estivessem refletindo outras paredes e pisos refletores que ela própria não conseguia ver. Era como estar dentro de um diamante negro, algum cristal estranhamente fractal, e, quanto mais ela olhava para as paredes vítreas, mais reflexos vislumbrava em ângulos que de fato não deveriam ser possíveis.

O cômodo continua, pensou ela. *Continua, e continua, e continua…*

Ela se sacudiu e desviou o olhar, mas fez questão de evitar entrar nesse estranho cômodo, uma vez que não conseguia entender o que era ou de onde viera.

— Que *diabos* — sussurrou ela.

<*Não completei meus trabalhos*>, disse a voz de Valeria. <*Mas… estou perto*.>

Sancia se sobressaltou ao ouvi-la e olhou ao redor. Esperava ver a enorme figura dourada pairando sobre ela, mas, em vez disso, viu o semblante de Valeria emergir de um dos muitos reflexos nas paredes à sua frente.

Mas só de um. De nenhum dos outros. O resultado era profundamente perturbador.

— Para o que diabos eu estou olhando, exatamente? — perguntou Sancia. — O que você fez com o nosso maldito porão?

<*Proporcionei um ponto de contato para mim mesma*>, explicou ela. <*Escolhi uma solução funicular. Pareceu a mais elegante para as circunstâncias*.>

— O que isso significa? — indagou Sancia. Ela espiou pela porta aberta. — Como é que o nosso maldito porão está… funicular?

<*Consigo aplicar alterações que se irradiam do meu* locus *para fora, mas o espaço externo não está incrivelmente disponível, dadas as circunstâncias atuais. Para dentro é a melhor escolha. Dobras dentro de dobras dentro de dobras irradiando é mais eficiente para fins de atrito*.> Ouviu-se um clique em alguma parte e os reflexos na parede pareceram se dividir em cada vez mais reflexos. <*Quanto mais superfície disponível, mais ancorada eu fico*.>

Sancia se esforçou para entender aquilo.

— Então… tipo, você fez dobras na realidade dentro do nosso porão?

<*Verdade. Por assim dizer. Isso incomoda?*>

Sancia não respondeu. Apenas deu um passo atrás, fechou a porta, virou-se e recostou-se nela.

Que diabos? Em que diabos nos metemos?

— Sancia? — Berenice desceu a escada bocejando. — Valeria terminou… o que quer que ela precisasse fazer? Porque parece ter alguma coisa estranha em… Bom. Em tudo.

Sancia abriu a boca para responder, mas se deu conta de que não sabia o que

dizer.

— Veja por si mesma — disse ela enfim.

Sancia abriu a porta para ela.

Berenice olhou lá dentro. Sancia pôde ouvir Valeria falar:

— *Olá, outra garota*.

Sem uma palavra sequer, Berenice estendeu a mão, segurou a porta e a fechou.

— Ah, meu Deus — comentou ela baixinho. — E eu… eu achava que Crasedes fosse ruim!

— É — retorquiu Sancia. Ela esfregou os olhos. — Com Crasedes, você apenas *sente* que ele está envergando a realidade. Você não tem que ver a coisa fedegosa sendo feita.

Berenice pensou bastante no assunto por um momento.

— Ela provavelmente consegue ouvir a gente conversando.

— Hein? Como ela poderia ouvir?

— Bem, quero dizer… com a definição que pegamos, ela consegue influenciar diretamente a realidade ao redor dela, como a Montanha fazia. Tipo, em essência, essa definição assevera que Valeria é o *Deus* de tudo em volta dela. Acho que é por isso que a atmosfera dentro da firma parece alterada.

— É? — indagou Sancia.

— Então, se Crasedes não consegue chegar a uns novecentos metros daqui ou algo assim porque esse é o limite da influência dela… e se a gente está dentro dessa influência… tecnicamente estamos dentro *dela*. Tipo, neste exato instante.

— *A outra garota assimila bem* — sussurrou a voz de Valeria no ouvido de Sancia em tom avaliativo.

— Parece — falou Berenice baixinho — que eu estou certa…

— *Verdade. A funcionalidade é como a dos seus* lexicons *de fundição. A proximidade é crucial. Quanto mais perto do* locus*, mais influência eu mantenho. Em outras palavras, mais vocês conseguem me ouvir*.

Elas abriram uma fresta da porta e espiaram lá dentro.

— A gente pode… tipo, entrar? — perguntou Sancia.

— *Não existe nenhum motivo para não entrarem.*

— A gente não estaria pisoteando o seu cérebro ou coisa assim?

Uma pausa.

— *Não sei ao certo como responder a essa pergunta.*

— Deixa pra lá.

Elas desceram os degraus até o porão, se é que essa palavra ainda podia ser aplicada. A experiência era extremamente estranha: você sabia que existiam paredes e teto e piso à sua volta, mas quando olhava de fato para eles, havia tantos reflexos que você ficava com a paralisante sensação de que o piso e as paredes não estavam lá de modo algum.

Não consigo deixar de ter a forte impressão, pensou Sancia, *de que estamos literalmente dentro da mente de Valeria…*

Ela se concentrou nas poucas coisas tangíveis que conseguia ver. Todos os pertences deles ainda estavam lá: mesas, canetas, cadeiras, mas, agora que estava prestando atenção, notou que eles haviam sido cuidadosamente reorganizados.

— Você mudou as nossas coisas de lugar? — perguntou ela.

— *Verdade* — respondeu Valeria, soando cansada. — *Foi um teste. E me cansou muito. Decepcionante. A manipulação de itens físicos não deveria ser tão difícil dentro dos limites da minha influência. Especialmente tão próximo*.

Berenice olhou para os itens na mesa do canto.

— Você também desdobrou e empilhou os nossos papéis…

— *Essa foi a parte mais difícil. Embora vocês possam não perceber, a concentração e o cuidado tátil necessários para desamassar uma bola de papel são… profundos*.

— Você não arremessou uma dúzia de pedras enormes em Crasedes ontem à noite? — indagou Sancia.

— *Falso. Eu simplesmente inverti os comandos do Criador. Isso é muito mais fácil que manipular um objeto físico. Todas as mudanças que vocês estão vendo foram feitas para eu verificar os limites da minha influência. Minha avaliação… não é muito encorajadora, infelizmente*.

Sancia olhou para os reflexos na parede, procurando pelos muitos fragmentos de imagens até encontrar o rosto de Valeria olhando de volta para ela.

— Espere. Então… se essas tarefas simples são tão difíceis para você, fizemos tudo isso por nada?

— *Falso.*

— Mas… mas eu pensei que essa definição ia transformar você, tipo, no Deus deste lugarzinho!

— *Verdade* — respondeu Valeria. — *Mas o efeito é fraco. Tribuno teve que replicá-la seis vezes para fazer a Montanha funcionar*.

— E quantas vezes a gente teria que replicar para você voltar ao máximo da sua capacidade? — perguntou Berenice.

Uma pausa.

— *Eu estimaria* — disse Valeria — *várias centenas de vezes, pelo menos*.

Sancia jogou os braços para o alto.

— Bem, que merda!

— *Isso eu compreendo. Não sugiro essa estratégia.*

— Então o que você propõe? — indagou Sancia. — Como diabos você vai nos ajudar a lutar contra Crasedes?

— *Por enquanto, posso defendê-los. Tenho apenas habilidades limitadas que posso exercer, mas uma delas é negar ou inverter os comandos do Criador. Como eu, o Criador é um monte de privilégios e permissões poderosos. Se ele entrasse no meu campo de influência, eu negaria as permissões mais críticas*.

— E ele morreria? — perguntou Sancia.

— *Falso. Imagine a couraça que você usou ontem à noite. Se você ativasse o componente de ignição e asseverasse que os comandos dele eram verdadeiros, ela estaria "ligada". Se você apertasse o botão outra vez, ela estaria simplesmente "desligada", mas não morta. Não desaparecida. Não arruinada. Apenas desligada. Um estado temporário que poderia ser reafirmado a qualquer momento*.

— Merda — disse Sancia. Ela esfregou os olhos. — Acho que não podemos simplesmente prendê-lo aqui para sempre…

— *Verdade. Não podem.*

— Mas Crasedes não pode nos tocar aqui? — indagou Berenice.

— *Verdade* — respondeu Valeria. — *Mas isso não significa que estamos seguros. O Criador continua livre para além das minhas periferias. Ele tem muitos recursos à sua disposi*…

Ela parou de forma abrupta, e depois acrescentou:

— *Outros estão vindo*.

— Hã? — falou Sancia. Então ela ouviu passos vindos do andar de cima.

Berenice olhou para ela, entusiasmada.

— Orso! Eu acho… eu acho que ele acordou!

Elas saíram do porão, subiram a escada correndo e encontraram Gregor ajudando Orso a sair do quarto e caminhar até o alto da escada. Aos olhos de Sancia, Orso não parecia muito melhor do que na noite anterior (o volume escuro de bandagens no ombro dele a deixou arrepiada), mas, mais que isso, ele parecia magro, desidratado, e sua pele tinha uma desagradável aparência pálida.

No entanto, estava vivo e de pé. E falava com coerência.

— Eu *mataria* por um maldito vinho… — resmungou ele.

— Vinho? — disse Sancia. — Você quer vinho agora?

— Só alguma coisa líquida — implorou ele. — Alguma coisa que eu possa mandar pra dentro para substituir todos os fluidos que perdi…

— Volto logo! — exclamou Berenice. Ela correu para o andar de baixo.

— O que aconteceu? — perguntou Orso. — Onde está Crasedes? Onde está Valeria? Nós ganhamos? Já… sei lá, *acabou*?

Sancia suspirou.

— É melhor você vir dar uma olhada.

◆◆◆

Dez minutos mais tarde, Orso estava sentado em um banquinho bambo no canto do porão, olhando para as reluzentes paredes pretas enquanto entornava jarra após jarra de vinho de cana fraco.

— A princípio, eu tinha pensado em colocar uma latrina aqui — comentou ele. — Agora me arrependo de não ter colocado. Eu adoraria ver o que você teria feito com ela… — Ele olhou para Sancia. — Então, a definição de Tribuno basicamente transformou a Periferia da Fundição em uma miniatura da Montanha? Com Valeria como o pequeno deus que a influencia?

— Acho que sim — respondeu Sancia. Ela flexionou a visão inscrita e o mundo se iluminou com incontáveis sinais contraditórios. Era como se estivesse em uma chuva de granizo, incapaz de enxergar um palmo à frente do nariz. — Isso está… um pouco fora da minha área de conhecimento.

— *Não como a Montanha* — esclareceu Valeria. — *Pois a minha influência se estende para além das paredes. Mas… ainda estou fraca. Ainda trago as restrições do Criador. E isso torna as coisas… difíceis*.

— Que restrições? — perguntou Orso. — O que ele fez com você? — Antes que ela pudesse responder, Orso levantou um dedo. — Espere! Não, não. Eu tenho um monte infernal de perguntas para você. Quero começar do *começo*, não… do meio e ficar vagando por aí. Entendeu?

Uma pausa.

— *Incerta se sim.*

— Quero saber… o que é você? — indagou Orso. — Quem é você? Quem é *ele*? E o que ele quer?

— Eu gostaria de saber isso também — disse Sancia. — Já que o próprio parece muito evasivo sobre o assunto.

Outra pausa.

— *Não é o começo, então* — falou Valeria. — *É tudo*.

— Então nos conte tudo — sugeriu Gregor, de pé à porta, com os braços cruzados.

Valeria suspirou.

— *Eu… vou tentar.*

◆◆◆

— *Não me lembro de ter sido criada* — explicou Valeria. — *Eu… suponho que era como um grão de areia em uma ostra, transformando-me aos poucos no que sou agora. Construída pedaço a pedaço enquanto meus criadores improvisavam ou aplicavam acréscimos conforme necessário. Eu… desconfio que foi o Criador que fez a maior parte do trabalho, ou talvez tudo… ou talvez muitos tenham contribuído para a minha criação. Não sei ao certo*.

— Por que você o chama de Criador? — perguntou Gregor.

— *Não tenho permissão para me referir a ele pelo verdadeiro nome. Esse também é um dos meus muitos comandos*.

— Que encantador — comentou Orso.

— Mas sobre a maneira como fizeram você — falou Berenice. — Sendo

ocidental, significa que…

— *Eles sacrificaram pessoas* — confirmou ela. — *Verdade. A interrupção, a ruptura da troca da vida para a morte, isso permite o acesso a muitas permissões, muitos privilégios. Eu possuo mais privilégios que qualquer entidade nesta realidade, exceto, talvez, pelo Onipotente desta realidade, que pode ou não ainda estar presente neste mundo*.

Os membros da Periferia da Fundição se entreolharam. Era bizarro ouvi-la mencionar a existência de Deus em um tom tão casual.

— *Por muito tempo, o Criador me usou como uma pessoa usaria qualquer ferramenta* — continuou ela. — *Para mover, criar ou destruir a matéria de modo oportuno e conveniente. Nessas etapas iniciais, não me recordo da intenção, ou das emoções, ou das origens do Criador. Mas, em algum momento, alguma coisa… mudou. Vocês provavelmente conhecem a crença de que a realidade é um aparato construído pelo Onipotente, um artifício complicado com incontáveis facetas e atributos e estruturas e subestruturas, todos alimentados por comandos. Por* sigils.

— O mundo como um dispositivo inscrito — murmurou Berenice.

— Sempre ouvi falar que os hierofantes acreditavam nisso — disse Orso. — Mas sempre achei que fosse só uma merda fantasiosa.

— *Falso. O Criador confirmou isso. Ele desenvolveu meios para explorar a infraestrutura por baixo da realidade* que faz a criação funcionar.

Seguiu-se um longo período de silêncio.

— Minha nossa — falou Sancia baixinho.

— Você quer dizer que ele foi para o mundo atrás do mundo, como… como um rato silvestre entrando sorrateiramente em todos os mecanismos e engrenagens de um moinho? — indagou Orso.

— *Uma metáfora apropriada. Mas esse moinho englobaria tudo o que já existiu*.

Sancia teve o lampejo de uma imagem: um vale deserto e um peristilo dentro dele, e Crasedes, brandindo Clave, abrindo uma série de portas pretas que pareciam pairar no próprio ar.

— A câmara no centro do mundo — disse ela baixinho. — É isso que você quer dizer. A câmara é real, não é? E, no passado, ele conseguiu abrir as portas desse lugar.

— *Esse é… um termo para se referir a isso* — respondeu Valeria. — *Não é uma câmara, não é uma sala, mas… um lugar de acesso. O Criador falou que acreditava que fosse um ponto umbilical atrás ou abaixo da realidade. Assim como uma maçã tem um talo, talvez a nossa realidade possa ainda manter algum vestígio do lugar de onde veio ou de como foi feita: o lugar dentro da nossa realidade que conheceu o último toque do Próprio Deus, um toque que se estendeu a toda a criação*.

— Então… Então, acessando esse ponto umbilical — argumentou Orso, inclinando-se para a frente —, ele poderia fazer toda a criação pensar que seus comandos eram os mesmos que os do Onipotente. Eu entendi certo?

— *Você entendeu verdadeiramente* — confirmou Valeria. — *Na avaliação do Criador, esse foi o último lugar onde o Onipotente tocou ou afetou a realidade. Posicionando-se dentro dele e emitindo os comandos apropriados, ele poderia fazer o mundo acreditar que ele era o* Próprio Onipotente. *Ele poderia controlar toda a realidade, não só a superfície da existência, que vocês, mortais, atravessam como besouros d'água em um lago, mas a infraestrutura subjacente*.

Sancia sentiu um desdém displicente em relação a eles nas palavras de Valeria. *Será que é assim mesmo que ela pensa sobre nós? Como insetos?*

— *Mas o Criador sabia que essa tarefa estaria além dos esforços de um homem* — continuou ela. — *Mesmo um homem tão alterado, aperfeiçoado e distorcido quanto ele. Então ele me modificou com a intenção de que eu fosse a entidade que tomaria o controle desse ponto umbilical e emitiria um comando que se infiltraria em toda a realidade*.

"O Criador me deu uma mente. Ele me deu vontade. Foi aí que eu realmente tive consciência de mim mesma pela primeira vez e soube que existia. Entretanto, no mesmo instante, ele desconfiou de mim, temendo uma rebelião. Ele me mantinha trancada na caixa e só me dava os comandos mais estritos.

"E então… um dia, eu estava lá. Ele me levou para a câmara. E depois me libertou e me deu os meus comandos. Foi como… de repente ter nascido."

Houve um longo, longo silêncio.

— O que aconteceu? — perguntou Gregor.

— *O Criador tinha me dado um comando para ser executado na câmara* — respondeu Valeria. — *Um que alteraria toda a humanidade*.

— Que comando era esse? — indagou Orso.

— *Não sei ao certo como expressar em palavras*.

Mas Sancia sabia o que ela ia dizer. Afinal, Crasedes fora bastante sincero sobre o assunto na noite anterior.

— Ele queria consertar a humanidade, não queria? — perguntou ela baixinho.

— *Verdade*.

— O quê? — retorquiu Orso. — Consertar a humanidade? O que isso significa?

— *O comando dele era para frear o comportamento de toda a espécie humana* — explicou ela. — *Torná-los incapazes de oprimir uns aos outros, de travar guerras uns contra os outros. Criar um mundo sem sofrimento, sem dor, sem guerra, onde a humanidade pudesse estar segura e florescer e viver em harmonia para sempre*.

Seguiu-se outro longo silêncio.

— Espere — falou Orso. — Você está dizendo que Crasedes Magnus… A pessoa mais poderosa, mais perigosa de todos os tempos… O homem que aniquilou sozinho *várias* civilizações… Ele fez tudo isso porque queria criar alguma espécie de *utopia* perfeita e pacífica?

— *Hum* — disse Valeria. — *Verdade*.

◆◆◆

— Não consigo entender — falou Gregor. — Você… você não entende as coisas que esse homem me forçou a fazer. Coisas que agora eu lembro.

— *Isso eu compreendo bastante bem* — declarou Valeria. — *Tenho muitas lembranças dessas… mais do que você jamais poderia ter. Mas entendo a sua consternação. Muito difícil de conciliar. O Criador é… complicado*.

— Você sabia disso, Sancia? — indagou Orso.

Ela encolheu os ombros, o rosto sombrio.

— Mais ou menos. Ele conversou muito comigo ontem à noite antes de eu prendê-lo na Montanha. Me contou que esse era o seu grande trabalho, que a humanidade sempre inventou ferramentas brilhantes, mas depois inevitavelmente as usava para finalidades ruins. Ele fundou seu império milhares de anos atrás especificamente para tentar impedir isso. Mas, quando não conseguiu, encontrou uma solução mais radical.

— Alterar o próprio tecido da realidade — comentou Berenice em voz baixa. —

Mudando todos nós em um instante…

— *Verdade* — confirmou Valeria.

— Então — disse Gregor —, ele é louco.

— *Talvez* — falou Valeria. — *Não posso fingir que entendo o Criador. Ele é cheio de contradições. Mas talvez agora vocês consigam entender por que, quando entrei na câmara, optei por atacar o Criador e travar uma guerra com ele*.

— Como você teve permissão para fazer isso? — perguntou Orso. — Você não era obrigada a seguir as instruções dele?

— *Verdade. Mas as instruções dele não eram claras. Ele falou que eu não deveria mais permitir que a humanidade usasse ferramentas e inovações para oprimir ou machucar uns aos outros… Mas* ele *ainda é humano. Um ser humano distorcido, mas ainda humano. E eu… eu sou, em muitos sentidos, uma ferramenta. Ele estava me pedindo para realizar exatamente o ato que ordenou que eu evitasse. Isso eu não podia conciliar. Então, antes de decretar qualquer outro aspecto dos comandos dele, eu me declarei independente, me dei um nome e o ataquei, expulsando-o da câmara*.

Sancia franziu a testa.

— Você… se deu um nome?

— *Sim. O Criador tinha se negado a me dar um nome antes. Eu era uma ferramenta, e ferramentas não têm nome. Ao me dar um nome, eu me dei agência*.

— Mas por que Valeria? — indagou Gregor.

Um longo silêncio.

— *Não sei ao certo. Como eu disse, sou a calcificação de muitas, muitas,* muitas *vidas humanas colocadas além da morte. Às vezes… às vezes vivencio ecos dessas vidas. E uma em particular é recorrente: uma menininha jogando uma boneca para cima e para baixo repetidas vezes e pronunciando esse nome. Então, quando tive que me dar um nome e declarar guerra contra o Criador, esse pareceu o melhor*.

"Encontrei um modo de atacar o Criador. Eu o atraí para um espaço que tinha preparado contra os privilégios dele, muito parecido com a forma como alterei a sua firma. Esse espaço o rejeitou, asseverou que ele não era real, que não estava vivo e, portanto, retirou suas permissões. Ele reagiu rápido, mas, nesse instante de fraqueza, eu o alterei, o modifiquei. Apaguei o ritual da mente dele, o ritual que permite que ele manipule a morte para acessar comandos superiores. Ele perdeu esse conhecimento e

nunca mais vai poder aprender. Não pode acessar novos privilégios nem atribuir esses privilégios a novas ferramentas. Essa foi a minha maior vitória e, na verdade, a minha única vitória. Porque então o Criador fez… algo desesperado."

— O quê? — perguntou Berenice.

— *Não sei. Foi um ataque repentino e catastrófico, uma grande e terrível combustão que surgiu no mundo e erradicou a minha influência, mas também a de todos os seguidores dele. Eles foram destruídos. A forma corpórea do Criador foi destruída. Eu mesma quase fui destruída. Foi obrigada a me abrigar na ferramenta que um dia me aprisionara*.

— A caixa — disse Sancia.

— *Verdade. Lá me escondi dos efeitos de seja qual for o horror que ele desencadeou, e lá fiquei por mais de mil anos até ser encontrada e trazida para esta cidade*.

— Espere — falou Sancia. — Então, Crasedes *se* matou?

— *Verdade. O Criador preferiu mutilar os dois a me ver vitoriosa. Porque ele claramente tinha se preparado para um acontecimento desses. Ele tinha inventado metodologias e ferramentas para possibilitar a sua restauração*.

— E como foi que ele voltou? — indagou Orso.

— *Incerto* — respondeu Valeria. — *Desconfio que ele tenha usado um modo de duplicação. Convenceu o mundo de que não era só um homem, ou um homem alterado, mas talvez também* outra *coisa e, quando morreu, a duplicação foi executada e sua mente passou da forma corpórea para essa outra… coisa*.

— É possível fazer isso?

— *Verdade. Não sei com o que o Criador teria se fundido. É quase certo que ele escolheria algo vivo para poder viajar e observar o mundo, então talvez algum tipo de criatura… ou talvez muitas dessas criaturas de uma vez*.

Sancia tentou imaginar o que poderia ser, mas não conseguiu pensar em nada.

— O que ele quer fazer com você agora que está de volta? — perguntou Gregor.

— *Eu sou o comando dele decretado neste mundo* — falou Valeria em um tom fraco. — *Existem falhas nas minhas instruções. Eu as explorei para atacá-lo, para me libertar. Ele deseja corrigir essas falhas e me devolver ao meu estado original: uma alteração viva obediente e sem vontades que ele possa soltar sobre a criação e alterar a humanidade ao seu bel-prazer. Para trazer ordem e equidade à maneira como vocês*

inventam, criam e mudam.

Seguiu-se um período de silêncio enquanto refletiam sobre o assunto.

— Sempre pensei que o primeiro de todos os hierofantes tinha que ser meio maluco — disse Orso em um tom áspero. — Mas descobrir agora que ele também é um maldito tão burro… Bem, é muito frustrante, é o que eu digo.

— Burro? — indagou Gregor. — O que você quer dizer?

— Não dá para controlar a inovação! — exclamou Orso. — Não dá para estruturar a maneira como as pessoas inventam! Não é assim que funciona nada dessa merda! Construir e inventar são processos feios, idiotas, aleatórios e perigosos, como a humanidade. Eu deparei com a maior parte das merdas brilhantes que elaborei por puro acidente! Não dá para trazer ordem a uma coisa que é funcionalmente, bem, *desordem*.

— *O problema do Criador com a invenção não era o modo como era feita* — explicou Valeria —, *mas as finalidades para as quais era usada*.

— E isso é muito burro também! — exclamou Orso. — Claro, a inscrição pode ser usada para umas merdas muito ruins mesmo. Mas também melhorou imensamente as coisas para muitas pessoas. Cem anos atrás, *ninguém* tinha água limpa. Hoje é perfeitamente possível, só precisamos levá-la para mais gente. Era isso que estávamos tentando fazer aqui até vocês dois aparecerem.

— *Vocês queriam fomentar a revolução?* — perguntou Valeria.

— Bem… não sei se eu usaria a palavra "fomentar", mas estávamos prestes a eliminar outra casa comer…

— *E como isso traria água limpa para as pessoas?*

— Bem, não traria logo de cara. Íamos pegar todas as técnicas que os Michiel já inventaram e distribuí-las e deixar as pessoas fazerem o que precisassem com elas.

Houve silêncio.

— *E vocês acreditavam que isso… não levaria à guerra e a uma avalanche de impérios ainda mais cruéis?* — indagou Valeria.

— Há — falou Orso. — Quero dizer, não? Se todo mundo puder fazer inscrições, então todo mundo está empoderado.

— *E você acredita que se todos pudessem fazer lanças* — argumentou Valeria —, *todos as usariam para pescar, e não haveria mais guerra?*

— Você não entende o que estamos fazendo aqui! — retrucou Orso.

— *Entendo perfeitamente. Vocês queriam pegar uma inovação e usá-la para fomentar uma revolução para construir um estado-nação mais pacífico e equitativo. Verdade?*

Orso olhou para os outros membros da Periferia da Fundição.

— Bem… É?

— *Verdade. Eu vi isso muitas vezes. E vi falhar com muito mais frequência do que prosperar. A ânsia de um imperador por poder sempre vai durar mais que o desejo de um moralista por equidade e idealismo. E, mesmo que consigam, terão feito isso usando alguma vantagem que depois será usada para moldar novas hierarquias, novas elites, novos impérios*.

— Você está errada — retorquiu Orso. — Maldição, no meu íntimo eu sei que você está errada.

— *Você pode achar que estou* — disse Valeria. — *Mas vi muito da história e muitos impérios. Falo de probabilidades. Nesta cidade, elas estão contra vocês*.

— Então… essa é a avaliação que você faz de toda a humanidade? — perguntou Berenice. — A de que a raça humana sempre vai inventar, mas os poderes dessas invenções sempre vão se reverter em favor dos mais poderosos e eles vão usá-las para conquistar e massacrar?

— *Em uma linha do tempo longa o bastante* — respondeu Valeria —, *esse é incontestavelmente o caso. Vocês resolveram muitos problemas aqui na sua cidade, mas o Criador é um problema diferente. Ele apresenta o* último *problema: quando a humanidade ganha uma nova ferramenta, o que ela se tornará?*

— E… é impossível imaginar uma nação ou cidade ou sociedade que use essas inovações de um jeito diferente? — indagou Berenice. — Para se conectar em vez de controlar? Que use inovações poderosas para distribuir em vez de acumular poder?

— *Eu… no momento não consigo imaginar como seria uma sociedade configurada dessa maneira* — falou Valeria. — *O que você está descrevendo é um modo de civilização ou uma estirpe de seres humanos que eu nunca testemunhei. Nem consigo imaginar que inovação ou ferramenta poderia dar origem a eles*.

Berenice aquiesceu, pensativa. Sancia não podia ler sua mente, claro, mas tinha a sensação de que a resposta de certa forma satisfizera Berenice. Pareceu-lhe que

podia ver as engrenagens rodando dentro da cabeça dela naquele mesmo instante.

— Eu tenho uma pergunta sobre Crasedes — disse Gregor então. — Você quer derrotá-lo, certo?

— *Quero* — respondeu Valeria.

— Mas o que você faria depois de derrotá-lo?

— *Depois?*

— A sua existência inteira foi definida por esse homem. E você é uma entidade de profundo poder. O que faria se o homem que um dia comandou você se fosse? Quais comandos seguiria então?

— *Eu…* — Ouviu-se um *clique* áspero vindo do *lexicon*. — *Eu ainda precisaria seguir os meus comandos originais, o que… indicaria que a próxima ação seria a minha própria destruição*.

— Você… se mataria? — perguntou Sancia.

— *Meus comandos são para garantir que os humanos não possam usar suas inovações para oprimir uns aos outros* — explicou Valeria. — *Como eu disse…* — Outro *clique* áspero. — *Sou um exemplo do próprio ato que fui criada para impedir. Sou uma contradição. Então… preciso me destruir para ficar em paz.*

— Entendo — comentou Gregor baixinho. Então lançou um olhar apreensivo para Sancia e não falou mais nada.

◆ 22

Crasedes Magnus estava nas trilhas dos jardins, ouvindo o ruído do vento nas árvores e as fontes borbulhantes. Observava a luz da manhã sarapintando as estátuas entre as flores e um punhado de borboletas perseguindo umas às outras em meio à relva alta.

Onde… eu estou exatamente?

Ele teve dificuldade por um momento. As lembranças se tornavam uma coisa tão complicada de lidar quando se tinha mais de um milênio delas.

Eu estava ali na trilha, pensou ele. *Não estava? Sim. Era um lugar como este, e era verão. E então veio o som de cavalos à distância…*

Seu punho direito se fechou por impulso e ele se imaginou segurando-o nos dedos: a cabeça em forma de borboleta em sua palma e a haste entre o indicador e o polegar.

Uma súbita pontada de dor invadiu seu coração.

Como sinto falta dele, pensou. *Como preciso dele…*

Ele olhou ao redor, sentindo-se um tanto lento e anuviado (era a metade da manhã, perto do horário em que seus poderes apresentavam maior declínio), e então viu o grande e imponente casarão se elevar atrás dele e os muitos pináculos de Tevanne mais além. Ainda pareciam um tanto enevoados, percebeu: consequência da poeira que se erguera quando a Montanha caíra.

Ah, pensou ele, lembrando-se. *Isso mesmo. Eu me lembro agora*.

Ele viu um grupo de pessoas sair da parte de trás do casarão da Dandolo e seguir diretamente até ele.

— Ah, bem — disse ele, suspirando. — Essa vai ser uma conversa *incrivelmente* divertida, tenho certeza…

Ele se sacudiu, tentando expulsar o devaneio da mente. Depois se postou na trilha, as mãos cruzadas atrás das costas, e esperou Ofelia Dandolo e todos os seus principais inscritores se aproximarem, ou pelo menos os que haviam restado após o infortúnio a bordo do galeão. Ofelia, ele notou, continuava luxuosamente vestida, ou luxuosamente para essa civilização em particular, pois Crasedes Magnus vira muitas na sua época, mas seu rosto parecia pálido e cansado, como se não dormisse havia semanas.

— Meu Profeta! — exclamou ela. — Onde esteve? Nós… nós passamos a noite toda procurando pelo senhor!

— Passaram? — perguntou ele. — Por que não olharam pela janela?

Houve um silêncio constrangedor.

— Está dizendo, primeiro de todos os hierofantes — perguntou um dos inscritores —, que… passou a noite toda andando pelo jardim?

— Hum? — falou Crasedes. — Sim. Passei. Eu tinha muita coisa na cabeça. Muita coisa para *considerar*, depois da noite passada.

Ofelia piscou, confusa e indignada.

— Mas… mas a Montanha dos Candiano.

— Sim?

— Desmoronou!

— Estou ciente disso — comentou ele. — Eu estava lá *dentro* quando ela desmoronou, sabe.

— E o meu filho e os companheiros dele? — indagou Ofelia. — Recebi notícias de que voltaram para a pequena biblioteca deles.

— Devemos atacar? — perguntou outro inscritor. — Eles estão todos em um único lugar, seria fácil.

— Hum? — respondeu Crasedes. — Não, não. Eles já exploraram a definição de Tribuno agora… O construto será semelhante a um deus naquele lugar, ainda que um deus fraco.

Ofelia empalideceu.

— Um… um *deus*?

— É, mas ela não é ameaça para nós. Eles teriam que acumular os efeitos múltiplas vezes para ela se tornar verdadeiramente poderosa. Contudo, sem algum

tipo de multiplicador, como a Montanha… — Ele parou de falar, perdido em pensamentos.

Os inscritores esperaram.

— Então nós… não atacamos? — indagou um deles.

— Não — repetiu Crasedes. — Tenho uma contingência em vigor ali. Além do mais, desconfio que o desmoronamento da Montanha tenha resultado em problemas suficientes, certo?

— Claro! — confirmou um terceiro inscritor, ofegante. — Os Michiel praticamente declararam guerra contra nós! Guerra aqui em Tevanne! Estão mandando emissários aos Morsini neste exato momento! Estaremos em desvantagem numérica lutando com duas casas ao mesmo tempo!

— Enquanto isso — acrescentou Ofelia —, nós continuamos trabalhando duro nos seus projetos. Estamos distraídos e divididos. Não podemos lutar uma guerra contra duas casas ao mesmo tempo.

Crasedes suspirou. Ele achava tudo aquilo muito incômodo. Mas, se havia algo em que ficara muito bom no decorrer dos anos, era pegar um obstáculo e transformá-lo em oportunidade.

Então ele teve uma ideia.

— Os Morsini — disse ele. — Eles possuem muitos *lexicons*, não possuem?

— O quê? — perguntou um inscritor. — Bem… sim? É nisso que se baseiam os campos de todas as casas, na verdade.

Crasedes pensou por um instante.

— Eu gostaria de ver um mapa — pediu ele por fim —, um mapa desta cidade.

— Um… um mapa? — indagou um segundo inscritor.

— É — respondeu ele. — Um mapa de todos os vários territórios aqui… e também da localização dos *lexicons* desta cidade. Todos eles.

◆◆◆

Crasedes examinou o mapa que estava sobre a mesa. Era imenso, com uns três metros de cada lado, mas tinha de ser para captar todas as características de Tevanne: o modo como a cidade estava encravada entre as montanhas de selva, o modo como a baía se projetava no seu ventre como uma pálida adaga azul, o modo

como penetrava o litoral dos dois lados das águas…

E ali, amontoadas ao redor das águas e dos riachos, estavam as quatro pequenas nações, quatro pequenas cidades-estados corrompidas, todas marcadas com pequenas manchas pretas cuidadosamente colocadas.

— Essas são as localizações de *todos* os *lexicons* da cidade? — perguntou Crasedes.

— É a localização das fundições — respondeu Ofelia. — Os locais no nosso campo e no campo Candiano estão confirmados. Quanto aos Michiel e aos Morsini, pagamos informantes e fizemos a nossa própria espionagem para estimar a localização. Não temos como saber ao certo que local está realmente em uso, ou como estaria sendo usado… mas temos uma certeza razoável de que é lá que estão.

Crasedes circundou a mesa devagar, estudando o mapa. Seu olhar dançava de um ponto preto a outro, que atravessavam a cidade em uma linha bêbada e vacilante.

Não é uma periferia perfeita. Mas deve servir.

— Podem ir — disse ele aos inscritores. — Ofelia, uma palavra.

Os inscritores saíram, deixando Crasedes e Ofelia sozinhos na câmara.

— Meu Profeta, antes de continuarmos, preciso perguntar — começou ela. — Por que não nos deixa simplesmente recuperar a definição de Tribuno e acabar logo com isso?

— Porque, mesmo que a recuperássemos, não seria suficiente — respondeu ele. — Você entende o que eu vim fazer aqui, não entende, Ofelia?

— Entendo. O senhor queria transformar a Montanha em algum tipo de… de dispositivo gigantesco… para refazer o construto.

— Uma forja, Sancia a chamou — esclareceu Crasedes. — Uma maneira adequada de dizer… — Ele parou de rodear a mesa. — Para acessar os privilégios necessários para emitir um comando desses, você precisa de uma violação *muito* grande. Eu esperava usar a Montanha como substituta. Ela era, ao seu próprio modo, uma imensa violação da realidade: as autoridades das definições acumuladas umas sobre as outras repetidas vezes pelos *lexicons* do edifício em um único espaço… E, no entanto, isso está perdido para mim agora. — Estendeu um dedo coberto de preto e seguiu o contorno dos *lexicons* no mapa. — Então… vamos ter

que encontrar *outro* substituto. A Montanha era um perímetro bom e conciso, o que é útil quando estamos lidando com essas coisas… mas, quando você não tem elegância, tem que compensar com poder bruto.

Ele rapidamente contou o número de *lexicons* no mapa. Devia haver bem mais que trezentos.

— E eu — acrescentou ele — estou vendo bastante poder bruto aqui. Deixe-me dizer a você o que vamos fazer.

◆ 23

— Então, o que diabos fazemos agora? — perguntou Sancia. — Crasedes tem uma maldita casa comercial do lado dele. Não podemos simplesmente ficar esperando que ele se mexa.

— Tem razão — concordou Gregor. — E também existe a questão de matar um hierofante, algo que aparentemente é impossível…

— *Verdade* — disse Valeria. — *Mas o Criador é mais vulnerável do que parece. Ele está aglutinado por uma solução improvisada. Isso eu percebi ontem à noite. E uma solução improvisada é a mais simples de desemaranhar*.

De onde estava sentada no chão, Sancia se inclinou para a frente.

— Você está falando do envoltório?

— *Verdade*.

— Envoltório? — indagou Gregor.

— O tecido preto que amarra o corpo dele — explicou Sancia. — Não é apenas um tecido, ele está… está incrustado com milhares de *sigils*. Imagino que Ofelia e os seus inscritores vinham montando esse envoltório há meses, se não anos. É um dispositivo à sua própria maneira. Se rompermos isso, se eliminarmos a ferramenta que faz a realidade pensar que ele ainda está vivo, então basicamente ele volta a ser o que era antes, que é, sabe, mortinho da silva. — Ela voltou a fitar o reflexo de Valeria na parede. — Você acha mesmo que podemos dissolver o envoltório?

— *Vocês?* — perguntou Valeria. — *Vocês não podem. Está além das suas capacidades. Contudo, temos uma solução mais direta: a chave. Você ainda está com ele, não está?*

— Clave? — indagou Sancia. A ideia fez seu coração dar um pulo.

— *Possível. Parte do domínio da chave é a dissolução de barreiras. O envoltório que*

abriga a essência do Criador seria, portanto, vulnerável aos privilégios da chave.

— Fincamos Clave no coração dele como uma adaga mágica dos contos de fadas — meditou Orso. — Pessoalmente, acho a proposta muito satisfatória.

— *Coração não* — advertiu Valeria. — *A mão seria o alvo: foi onde ele implantou o osso que permite que o envoltório faça a realidade pensar que ele está vivo*.

— Mas como faríamos Clave funcionar de novo? — indagou Berenice. — Ele se reinicializou. Faz três anos que ele não fala.

— *A chave foi uma das primeiras criações do Criador, antes que ele tivesse dominado a sua arte. Assim, é menos durável que as outras e foi por isso que se deteriorou. Ao se deteriorar, suas muitas restrições desapareceram, inclusive o comando de que só poderia ser usada pela mão do Criador*.

— Sabemos que era por esse motivo que ele conseguia conversar comigo — comentou Sancia. — Ele disse que tinha ficado no escuro por muito tempo, por centenas, se não milhares de anos.

— *Verdade. Assim, o tempo é o melhor método para retomar o controle da chave*.

Os membros da Periferia da Fundição esperaram por mais, porém não veio nada.

— Me desculpe… — falou Gregor. — O que você quer dizer?

— *Em que sentido a compreensão está… difícil?*

— Você quer dizer que precisamos fazer Clave passar por *mil anos* ou algo do tipo? — perguntou Orso.

— *Essa é a minha intenção* — respondeu Valeria. — *Verdade*.

— Como vamos fazer isso? — indagou Berenice. Então se deu conta. — A menos que… você pretenda inscrever o tempo?

— *Verdade. Isso é possível*.

— Não, não é porra nenhuma — contestou Sancia. — Você falou que não conhecia essa técnica. E nós também não conhecemos. Eu tentei roubar os projetos para inscrever o tempo quando estava a bordo do galeão, mas eles se transformaram em uma pasta no meu maldito bolso.

— *Verdade. Mas nós temos outra amostra para estudar*.

— Temos? — perguntou Berenice.

— *Verdade*.

Então ela sussurrou:

— *Qual é o nome do… grandão?*

Eles piscaram. Depois olharam para Gregor, que estava boquiaberto, em choque.

— Eu? — indagou ele.

— *Verdade. Claro* — confirmou Valeria. — *E é por isso que temos de matar você*.

◆◆◆

— *Quando Gregor se aproxima da morte* — explicou Valeria —, *as restrições sobre a pessoa dele o restauram para uma instância anterior do tempo em que ele não estava ferido ou, no mínimo, não estava morrendo. Isso provavelmente causa muitos problemas com as memórias dele, sua experiência de tempo é como uma colcha puída, mas é assim. O Criador devia estar desesperado por ajuda para colocar uma restrição tão poderosa na pessoa dele*.

Gregor se sentou lentamente no chão.

— Você tem… tem certeza de que foi isso que fizeram comigo?

— *É quase certo*.

Eles observavam Gregor sentado no chão, parecendo aturdido e perturbado ao ouvir sua natureza alterada descrita em termos tão frios e estéreis.

— E por que exatamente — indagou Orso — devemos matá-lo?

— *Porque é a única maneira de vislumbrar os comandos em ação e descobrir a natureza deles* — respondeu Valeria. — *Esta não é uma inscrição comum, uma permissão da substância bruta da existência, como a que vocês usam por toda a sua cidade. Esta é uma permissão* profunda*. Ela não convence a realidade a ser diferente, ela* diz *que é diferente, e então a realidade é. Ela não persuade, ela dita. Vocês não podem confundi-la nem lutar contra ela. Se tentarem fazer isso, ela provavelmente ativará algum mecanismo de defesa*.

— Você quer dizer que Gregor dá um pulo e começa a estrangular todo mundo — comentou Orso.

— *Verdade. Em vez disso, Sancia deve monitorar os comandos à medida que eles realizam a ação em si*.

Seguiu-se um longo período de silêncio.

— E… isso só acontece… depois que Gregor… morre — falou Sancia.

— *Verdade*.

Outro silêncio.

— Não posso acreditar que estamos levando essa ideia maluca em consideração — resmungou Orso.

— *Não seria permanente* — afirmou Valeria. — *Pensei ter deixado isso claro*.

— Mas não é essa a questão! — exclamou Sancia. — Por Deus, mesmo que não fosse permanente, ainda seria *real* ! A gente ainda estaria *realmente* o matando, e ele ainda estaria *realmente* morto!

— *Gregor "realmente" morreu no mínimo vinte vezes* — disse Valeria. — *Duvido que mais uma ocorrência fosse tão terrível*.

— Mas, só para esclarecer — interveio Berenice —, Sancia deve monitorar uma inscrição hierofântica e entrar em comunhão com ela enquanto Gregor morre… e a inscrição volta no tempo e o restaura a um estado anterior em que ele *não* está morto? Certo?

— *Essa é a minha estimativa do processo* — respondeu Valeria.

— E ela vai ficar só observando esses *sigils* enquanto suas permissões são ativadas? — perguntou Berenice.

— *Vivenciando-as. Verdade*.

— E… quantos *sigils* ela teria que memorizar exatamente?

Uma breve pausa.

— *Eu estimaria* — falou Valeria — *que provavelmente não mais que várias centenas*.

Sancia jogou as mãos para o ar.

— Bem, que merda! — exclamou ela.

Orso suspirou.

— Isso põe um fim a *essa ideia*, então.

— *Algum problema? Qual é?* — indagou Valeria.

— Você e Crasedes podem ser capazes de se lembrar de dezenas e centenas de *sigils* de uma vez — respondeu Orso —, mas o maldito ser humano básico com certeza não é.

— *Não?*

— Não! — reforçou Sancia. — Tipo, eu sou boa com inscrições porque *não* tenho que lembrar de cada caractere e *sigil* e sequência. Basicamente, eu posso colar! É impossível eu conseguir me lembrar de várias centenas de *sigils* de uma vez quando eles vierem, o que, num piscar de olhos?

— Não a menos que a gente mate o Gregor múltiplas vezes — disse Orso.

— O que eu preferiria que *não* fizéssemos — interveio Gregor. Ele tossiu. — Eu ainda não concordei com isso exatamente, mas… a minha devoção à teoria tem seus limites.

Valeria ficou calada por muito, muito tempo.

— Então — falou Sancia —, o que vamos fazer?

— *Pensando* — respondeu ela. — *Vocês todos… Vocês são ladrões, certo?*

— Não — respondeu Gregor.

— Sim — respondeu Sancia.

— Às vezes — respondeu Orso.

— *Essa tarefa diante de vocês é em essência um roubo* — propôs Valeria. — *Talvez ajude pensar nela desta forma: vocês vão invadir a mente de Gregor para roubar algo valioso. Então eu pergunto a vocês agora: em um roubo, se encontrassem uma obstrução dessas… o que fariam?*

— Se eu tivesse que lidar com uma fechadura especializada, ou um obstáculo, ou algo do tipo? — retorquiu Sancia. — Eu simplesmente encontraria alguém que conseguisse fazer, levaria a pessoa junto e dividiria o dinheiro.

— *Entendo. Então, há alguém que você recomendaria? Alguém capaz de memorizar e guardar esse número de* sigils*?*

Houve uma pequena pausa no porão. Então todos se viraram aos poucos para fitar Berenice.

◆ 24

— *Estou fraca demais para conceder a outra pessoa as habilidades que concedi a Sancia* — disse Valeria. — *Mas… pode haver outra maneira… Outra maneira de dar à outra garota as mesmas permissões que dei para Sancia, que a transformaram em editora e lhe deram a capacidade de se comunicar com as inscrições*.

— É mesmo? — indagou Sancia. — Existe uma forma de dar a Berenice os mesmos aperfeiçoamentos que você me deu?

— *Possivelmente*. — Ela fez uma pausa. — *Esse método que todos vocês criaram… duplicação de* lexicons. *Duplicação da* realidade.

— O que tem ele? — perguntou Sancia.

— *Vocês considerariam realizá-lo… em uma pessoa?*

Os membros da Periferia da Fundição se entreolharam.

— Você quer dizer… inscrever *pessoas*? — indagou Orso, alarmado.

— *Verdade. Mas apenas muito ligeiramente*.

— Ah, bom, se é só *ligeiramente*, então… — escarneceu Orso.

— Por favor, explique o que quer dizer — pediu Gregor. — Inscrever o corpo humano é considerado uma abominação aqui.

— *Vou falar com franqueza: estou ciente dos comandos de base que possibilitam inscrever ou alterar o corpo e a mente humanos* — falou Valeria. — *É o único método que pode ser usado em uma criatura viva, pois a vida é complexa demais para ser persuadida. É preciso usar permissões mais profundas para alterar uma forma de vida de modo rápido e permanente. A maioria dos outros comandos, como tenho certeza de que a sua cidade descobriu, são… impróprios para serem aplicados à vida*.

— Se com isso você quer dizer que as nossas cagadas mataram um monte de gente de maneiras horríveis, é — retorquiu Orso. — É, nós fizemos isso. E?

— *Então, se eu der a vocês os comandos de base para esse ato* — explicou Valeria —, *vocês devem ser capazes de combiná-los com a técnica de duplicação da realidade para asseverar que dois indivíduos separados sejam o mesmo. Isso permitiria que duas criaturas vivas compartilhassem pensamentos, experiências, perspectivas, lembranças, incluindo o conhecimento dos* sigils *e as permissões de editor*.

— Você está sugerindo que nós deveríamos fazer uma duplicação entre Berenice e Sancia?

— *Verdade. Depois, quando Sancia entrar em comunhão com as alterações de Gregor, ela estará basicamente levando Berenice junto. Berenice veria o que Sancia estivesse vendo. Ela conseguiria testemunhar os* sigils*, lembrar-se deles e passá-los para mim, para que eu os usasse com a chave*.

— E isso seria tudo o que ela veria? — perguntou Sancia.

— *Falso. Ela veria e vivenciaria e conheceria muito mais que isso. Ela saberia tudo o que Sancia sabe e o contrário também é verdadeiro*.

Berenice e Sancia trocaram um olhar desconfortável.

— Você poderia… explicar o que isso realmente *faria* com a gente? — indagou Berenice.

— *Difícil de descrever… Talvez Sancia saiba mais. Seria semelhante à sensação de tocar a chave…*

— Como Clave? — perguntou Sancia. — Berenice e eu compartilharíamos pensamentos… daquele jeito?

— *De certo modo. Imagine dois painéis de vidro colorido, erguidos para o sol. Agora coloque as beiradas uma em cima da outra de forma que, em uma pequena parte, a luz passe por ambos. Uma pequena sobreposição, digamos*.

— E não precisaríamos de nenhum sacrifício? — indagou Orso.

— *O ritual completo não seria necessário. Seria preciso apenas implantar as inscrições em um hospedeiro vivo, o que não requer tal formalidade: foi por isso que a placa na sua cabeça funcionou da primeira vez, Sancia. Um desvio fácil*.

— Você está dizendo que… eu e Berenice pegamos umas placas — falou Sancia devagar —, inscrevemos a sequência de *sigils* que você nos der, e depois podemos… o que, colocá-las dentro da nossa pele?

— *Engolir parece mais simples* — sugeriu Valeria. — *Preferível, certo? Também*

tornaria os efeitos transitórios. Vocês só compartilhariam o seu ser enquanto as placas permanecessem no seu sistema.

— Tudo isso — comentou Orso — para descobrir o segredo do tempo para podermos acordar Clave.

— *Você está falando sobre inscrever o tempo, uma das mais poderosas permissões de toda a realidade, não sobre roubar uma receita para fazer moleja*.

Sancia e Berenice trocaram outro olhar, ambas nitidamente nervosas com a proposta.

— Você ia mesmo querer tentar isso? — perguntou Sancia para ela. — Quero dizer… já tive um pouco dessa experiência antes. Já tive pessoas na minha cabeça. Não tenho certeza de que é uma coisa que você necessariamente ia querer… — Ela olhou para Berenice com firmeza, depois deu uma breve mirada em Valeria, como quem diz: *E também não estou segura de que deveríamos confiar nessa maldita coisa*.

Berenice estendeu a mão e apertou a de Sancia de modo reconfortante, embora talvez estivesse mais tentando tranquilizar a si mesma que qualquer outra coisa.

— Talvez você possa me mostrar, então.

— Tem certeza? — indagou Sancia.

— Claro que não — respondeu Berenice. — Não estou *nem um pouco* segura de nada disso. Mas… não vejo outra opção.

— *Então vou mostrar a vocês os* sigils *de que precisam* — disse Valeria.

◆◆◆

O processo era surpreendentemente simples: Valeria mostrou as sequências de *sigils* nos reflexos das paredes e Orso e Berenice as copiaram. Depois ela mostrou como combinar o próprio trabalho deles, o processo de duplicação da realidade, com os comandos hierofânticos que poderiam aplicá-lo a um ser humano.

— *A parte mais importante* — advertiu Valeria — *é assegurar que vocês apliquem um gradiente aos efeitos*.

— Ou seja… não asseverar que Sancia seja *exatamente* como Berenice?

— *Verdade. Isso seria muito ruim*.

— Por quê? — perguntou Sancia.

— *Imagine a sua forma mortal de repente misturada com a de Berenice: ossos dentro*

de ossos, veias de repente atravessando o seu crânio, a realidade incapaz de decidir qual é qual.

— Tudo bem — disse Sancia. — Isso parece, hã, muito ruim.

— Vou me certificar de que o efeito seja *bem* fraco — falou Berenice rapidamente.

Ela terminou de copiar os comandos, que eram compostos de várias centenas de *sigils*.

— *Vocês vão ter que colocar essa sequência em algo pequeno o bastante para que as duas consigam engolir* — acrescentou Valeria. — *Uma placa minúscula, ou uma conta, talvez. Não sei*.

— Orso normalmente é o melhor nos trabalhos pequenos como esse… — Berenice olhou para ele, afundado na cadeira com o ombro enfaixado com uma bandagem em um desagradável tom de marrom.

— Não vou fazer merda nenhuma nessas condições — retorquiu Orso com a voz áspera. Ele piscou por um momento e depois a fitou, o olhar inflexível. — Você vai ter que fazer.

— Eu sou… melhor com o trabalho teórico — falou ela. — Fabricação e coisas do tipo. Esse é um dispositivo de verdade, um…

— Você vai ter que se acostumar — disse Orso. — Porque não temos uma maldita escolha. E eu sei que você consegue. Então pare de pirraça.

Berenice franziu o cenho por um instante. Depois, com um suspiro, encaixou a lupa mais potente no olho, fixou em uma moldura uma placa de bronze minúscula, não maior que três grãos de arroz, e se pôs a trabalhar, cuidadosamente escrevendo *sigils* em linhas mais finas que um cílio ou a teia de uma aranha.

Eles esperaram na entrada para dar tempo e espaço a ela.

— Deve ser muito estranho — comentou Orso — abrir a sua mente e deixar outra pessoa entrar em todas as suas lembranças. Eu detestaria se tivesse alguém andando por aí e sabendo quando foi a última vez que mijei acidentalmente na mão ou coisa do tipo.

— A questão foi expressada de modo tosco — pontuou Gregor —, mas é válida. Isso pode ser uma grave violação de privacidade, mesmo para pessoas tão próximas quanto Sancia e Berenice.

— *Vocês não conseguem compreender o que é a duplicação* — falou Valeria. — *Seria pouco provável que você sentisse desprezo pelas falhas da pessoa com quem estivesse duplicado porque, ao ser duplicado, essas falhas também seriam suas, até certo ponto. Você não poderia sentir repulsa ao descobrir essas coisas porque já as saberia*.

— Deus Todo-Poderoso — disse Orso. — Que merda insana.

— E dor? — perguntou Sancia. — Ou desconforto?

— *Imagino que, se você se machucasse* — respondeu Valeria —, *a outra sentiria um fantasma da dor. Você também receberia ecos de pensamentos, lembranças, ideias, percepções*…

— Sem festas-surpresa, então — comentou Orso.

— Isso parece *bem* poderoso — falou Gregor. — Por que implantar um comando hierofântico em um ser vivo não precisa do ritual?

— *As permissões podem ser alcançadas quando as linhas entre a vida e a morte estão turvas* — explicou Valeria. — *Para comandos superiores, elas precisam estar muito turvas. Para comandos mais inferiores, só precisam estar um pouco turvas. Mas a linha entre a vida e a morte está sempre turva. Viver é morrer, só que muito, muito devagar*.

Sancia se viu de repente perturbada com essa última frase. O que Crasedes dissera?

… *ela está sacrificando* você *neste exato momento. Só que bem, bem devagar*.

Ela começou a suar frio. *É coincidência. Tem que ser coinci*…

— Pronto — anunciou Berenice. Ela tirou as duas placas da moldura, soprou-as e acenou com a cabeça. — Não sei se você pode verificar o meu trabalho, Valeria, mas…

— *Eu posso. É suficiente. Realizará as funções necessárias*.

— E… agora? — indagou Orso. Ele resmungou ao mexer o braço na tipoia. — Elas apenas engolem as placas?

— *Verdade. Vai demorar um tempo para calibrar… não é coisa simples, duas mentes se alinharem. Quando a calibragem estiver completa, elas devem ser capazes de interagir com os comandos dentro de Gregor, e então o verdadeiro trabalho começará*.

Sancia e Berenice pegaram uma placa minúscula cada uma e se serviram de uma taça de vinho. A própria Sancia não estava exatamente entusiasmada quanto àquilo, mas não estava apavorada: já tivera a mente alterada o bastante por inscrições ao

longo dos anos para saber como era. Mas, quando Berenice olhou para a plaquinha na palma da mão e depois para a taça de vinho de cana, de repente pareceu que ia passar mal.

— Berenice? — perguntou Gregor. — Você está bem?

— Acabei de perceber — respondeu ela num tom fraco — que vou me inscrever. O que… deveria ser ilegal.

— *Agora?* — indagou Orso. — Você está preocupada com as leis das casas *agora*?

— E outras coisas! Quero dizer, eu mal bebo rum borbulhante! — exclamou ela, irritada. — Não gosto de perder o controle dos meus pensamentos! Eles são algumas das coisas mais valiosas que tenho!

— Relaxe — disse Sancia. — O que foi que você falou na Montanha? Depois que arrombamos a porta do Tribuno?

Berenice conseguiu dar um sorriso aguado.

— Juntas nós somos imbatíveis.

— Quer provar?

Ela riu com tristeza.

— Não. Nem um pouco. Mas suponho que vou provar.

Sancia pôs a placa na língua e declarou com voz pastosa:

— Goela abaixo. — E bebeu a taça de vinho.

— Goela — falou Berenice em tom agudo. — Abaixo. É. — Então fez o mesmo.

Elas fizeram força para engolir (era semelhante a engolir um pedaço de pão duro) e depois se entreolharam, esperando.

— Então? — perguntou Orso.

— Eu não sinto… nada? — respondeu Sancia.

— *Vai demorar um tempo para calibrar. No mínimo vários minutos*.

Elas ficaram no porão, olhando uma para a outra, esperando nervosamente. Os minutos pareceram se estender mais e mais.

— Eu… ainda não sinto nada — falou Berenice.

— É, nem eu — concordou Sancia.

Todos olharam para ela e franziram a testa, inclusive Berenice.

Sancia os fitou, nervosa.

— O-o que foi?

— É, nem eu… o quê? — indagou Orso.

— Como assim é, nem eu o quê? — retorquiu Sancia. — Berenice disse que não sentia nada e eu disse que nem eu sentia.

Eles a encararam. Berenice arregalou bem os olhos.

— O que foi? — perguntou Sancia outra vez.

— Eu… não falei isso, Sancia — explicou Berenice.

Sancia piscou, confusa, e olhou nos olhos de Berenice. Contudo, no instante em que o fez, teve a mais curiosa e avassaladora sensação de estar olhando para o próprio rosto através dos olhos *de Berenice*.

Ela arquejou quando a imagem lhe invadiu a mente: era definitivamente o próprio rosto que estava vendo, mas pela perspectiva de outra pessoa.

— Ah, *merda* — comentou Sancia. Ela tocou as bochechas. — Quando diabos eu fiquei tão velha? Tenho tantas *rugas* agora…

— Preciso mudar o meu cabelo — declarou Berenice em tom fraco. Ela tocou a lateral da cabeça. — Esse coque não é tão elegante quanto achei que fosse… Meu Deus, como sinto falta de espelhos decentes aqui…

— Que diabos é essa merda? — indagou Orso.

— *Desconfio que elas estejam se vendo da perspectiva da outra* — respondeu Valeria. — *Esse seria o início da calibragem. A próxima será a parte mais difícil, calculo*…

E então a realidade toda se dobrou sobre si mesma, como se Sancia estivesse olhando para dois ou três ou quatro espelhos, todos perfeitamente alinhados: ela se viu vendo Berenice vendo a si mesma, e depois estava vendo a si mesma ver a si mesma vendo a si mesma, e assim sucessivamente, e de repente ficou tão tonta que não conseguia lembrar como ficar de pé.

Ela ouviu Berenice dizendo:

— Preciso me deitar! Preciso me deitar!

Sancia não estava tão articulada. Ela só gemeu alto, fechou os olhos e se deitou de barriga para baixo no chão, a bochecha direita tocando a pedra fria.

Então teve uma experiência muito esquisita: sentiu a pedra fria tocando sua

bochecha esquerda também. Aos poucos se deu conta de que, por mais que parecesse impossível, estava sentindo o que Berenice também estava sentindo.

E mais: Sancia estava se sentindo desconfortável, mas também estava sentindo o desconforto de Berenice, e depois *também* sentiu desconforto ao sentir o desconforto uma da outra, e aquilo parecia se expandir cada vez mais.

Um pensamento estranho gritou em sua mente: <*NÃO GOSTO*>.

E, embora esse pensamento fosse desarticulado e extremamente alheio, era também tão distintamente típico de… Berenice.

Sancia mandou um pensamento de volta: <*Isso é muito ruim, também não gosto disso*>.

Um pensamento em resposta: <*QUANTO TEMPO DURA SENSAÇÃO RUIM*>.

Ela não sabia, então, juntas, elas apenas permaneceram no chão e gemeram tristemente.

— Quanto tempo dura isso? — perguntou Gregor.

— *Não sei* — respondeu Valeria. — *Minutos. Ou talvez horas*.

— Ah, meu Deus — arquejaram Sancia e Berenice ao mesmo tempo.

◆◆◆

Sancia manteve os olhos fechados: como num episódio extremamente ruim de bebedeira, quanto mais você limita as suas sensações, mais fácil lidar com a aflição. Mas ficou cada vez mais difícil entender com exatidão por quanto tempo ficara de olhos fechados. Ela percebeu que não sabia ao certo como mensurar o tempo quando estava ciente da presença de outra pessoa em sua mente que *também* estava tentando medir o tempo mentalmente: era como tentar olhar para dois relógios de uma vez.

Contudo, enquanto esperava miseravelmente, os olhos bem fechados, perdida na escuridão com a bochecha encostada no chão frio, começou aos poucos a se sentir… diferente.

A mudança foi lenta e curiosa. A única comparação que ela podia fazer era com a experiência de estar dormindo na própria cama e seu animal de estimação subir e se aninhar na parte de trás da sua perna: a leve e aconchegante consciência de outro ser aninhado em você, quer você goste ou não.

Uma voz surgiu em sua mente, uma voz que era inegavelmente, absolutamente, inquestionavelmente Berenice:

<*Hã, você está aí?*>

Sancia procurou no escuro (em sua mente, supunha ela) uma forma de responder. Isso era diferente da Montanha ou de Clave, na verdade: os dois eram entidades separadas que ela podia acessar ou com que podia interagir, mas isso era muito mais *presente*. Berenice não era alguém com quem estava conversando, era alguém que, de um modo muito real, Sancia *era*, até certo ponto: estava compartilhando a mente com ela, o seu próprio eu.

<*SIM ESTOU AQUI PUTA MERDA NÉ*>, respondeu Sancia.

Ela sentiu Berenice se encolher ao ouvir o volume dos seus pensamentos.

<*Não tão alto! Ou… não* tanto, *já que acho que na verdade não estamos fazendo barulho aqui*.>

<*DESCULPE. Quero dizer… desculpe. Estou acostumada a ter que falar com algo separado de mim, mas você…*>

<*Eu não estou*>, completou Berenice. <*Não. Estou aqui. Muito perto. Como ela disse: como dois painéis de vidro colorido sobrepostos…*>

Houve uma pausa enquanto elas avaliavam quão conectadas estavam agora. Foi a experiência mais estranha: Sancia de repente encontrou lembranças em sua mente que não eram *dela* (lembranças de inscrições, de trabalhos com Orso, de uma infância nas Áreas Comuns passada diante de um tabuleiro de jogo…) e, no entanto, havia a sensação imediata de que *eram* dela, uma vez que, até certo ponto, também era essa pessoa.

Ou ela estava se compartilhando com essa pessoa. Ou talvez essa pessoa estivesse se compartilhando com ela. Ou as duas coisas ao mesmo tempo.

<*Acho que seria melhor*>, sugeriu a voz de Berenice em sua mente, <*se a gente parasse de tentar definir a terminologia para isto*.>

<*Porque é uma sandice de merda?*>, indagou Sancia.

<*Porque é uma sandice de merda. Você gostaria de abrir os olhos agora?*>

<*Acho que precisamos abrir. Você sabe quanto tempo passou desde que engolimos as placas?*>

<*Parecem dias. Mas… já que não estão chacoalhando nem deslocando a gente, e já*

que não estou particularmente com fome… Acho que a nossa experiência de tempo não está lá muito adequada neste exato momento.>

<*Então vamos abrir os olhos e ver como é, eu acho*.>

Sancia engoliu em seco. Descobriu que essa reação instintiva foi útil para ajudá-la a se lembrar de qual corpo era o seu, uma vez que isso de repente pareceu um tanto confuso. Tendo localizado a sua garganta, ela então localizou o próprio rosto e depois cuidou do processo de abrir os olhos.

Luz se infiltrou. Ela se viu fitando o olhar sereno e calmo de Berenice, o rosto dela delicadamente pousado sobre o chão de pedra do porão. E a imagem dela, como sua própria imagem através dos olhos de Berenice, era avassaladora.

Entretanto, era também avassaladoramente *bela*. A experiência era diferente de tudo o que já vivenciara antes. Era como voltar a um lar de infância que você havia deixado há muito tempo: cada aspecto da imagem de Berenice era tão dolorosamente familiar, tão sobreposto de lembranças e sentimentos e ecos de sensações…

Elas piscaram em uníssono.

<*Uau*>, falou Berenice.

<*Não brinca*>, replicou Sancia.

Então ouviram a voz de Valeria dizer:

— *Acredito que o alinhamento esteja quase completo*…

Elas piscaram outra vez.

<*Valeria?*>, chamou Sancia em sua mente, <*Você consegue nos ouvir?*>

Silêncio.

<*Ela… não consegue*>, comentou Berenice. <*Ou pelo menos não quando nos comunicamos assim. Estamos perto demais… unificadas demais*.>

Sancia pensou rápido. Estendeu a mão e pegou a de Berenice e, de algum modo, a sensação de conexão se intensificou, como se metade de suas mentes estivesse ali naquele cômodo com Orso e Valeria e Gregor e metade estivesse em alguma sala secreta e invisível onde ninguém podia vê-las ou ouvi-las.

<*Santíssimo Senhor*>, falou Berenice. <*É uma experiência* muito *diferente do que eu estava esperando…*>

<*É, é, é*>, concordou Sancia. <*Mas eu tenho uma coisa importante para conversar*

com você. Ber, você está…>

<*Desconfiada pra caramba da Valeria? Estou*.>

<*Graças a Deus. Eu também. Eu não podia dizer nem escrever nada para você porque…*>

<*Porque ela ia saber. É. A gente teria que se afastar um ou dois quarteirões para ficar longe do alcance do ouvido dela, se é que essa é a palavra para isso*.>

<*O que diabos a gente vai fazer? Será que estamos fazendo a coisa certa agora? Ou será que estamos fazendo o jogo dela?*>

<*Não tenho certeza*>, respondeu Berenice. <*Acho… acho que é menos poderosa e influente do que ela esperava que seria. Mas acho que….*>

<*Ela está escondendo alguma coisa*.>

<*É. Ela não foi muito clara sobre o que faria se Crasedes estivesse fora do caminho. Tenho a sensação de que os dois têm objetivos conflitantes, mas, além de matar Crasedes, não sei quais são os dela*.>

<*Então nós a usamos*>, disse Sancia. <*Fazemos Valeria trazer Clave de volta e depois a abandonamos se quisermos. Ou talvez Clave possa nos contar mais*.>

<*Concordo*>, retorquiu Berenice.

<*Embora eu não goste disso*.>

<*Não*>, declarou Berenice. <*Precisamos falar logo. No sentido de falar alto. Ou todos vão ficar nervosos*.>

Juntas, elas se sentaram devagar e olharam ao redor. Tudo continuava igual, mas a experiência de ver coisas familiares pelos olhos de outra pessoa era tão *estranha*. Era ao mesmo tempo maravilhoso e, de algum modo, esmagador, pois se aprendia tanto, mas se percebia instantaneamente quão limitada havia sido a sua própria experiência da realidade ao longo da sua vida.

Ela tanto sentiu quanto ouviu Berenice dizer:

— Que coisa fundamental e esmagadora é a perspectiva…

— Hein? — indagou Orso. — Que se dane tudo, *funcionou*?

Sancia olhou para Orso e, de repente, suas lembranças foram tomadas por conhecimentos sobre ele que ela jamais tivera: dias e noites de trabalho e planejamento e projetos no escritório do hípato da Dandolo. De imediato, ela percebeu que ele não era só um velho ranzinza privilegiado (embora *fosse* isso, claro),

mas também era muito mais.

— Um… um sonhador — comentou Sancia baixinho. — Aspirações arrasadas, esperanças amarguradas. Começando a cintilar para a vida só agora, pela primeira vez em décadas…

Ele a encarou.

— O quê? Sancia… você está bem?

Sancia e Berenice se sacudiram em uníssono. Depois responderam simultaneamente:

— Sim. Estou bem.

Gregor e Orso trocaram um olhar desconfiado.

— Vocês… — começou a perguntar Gregor, duvidoso.

— Berenice consegue fazer a mesma coisa que Sancia? — indagou Orso.

Berenice chacoalhou a cabeça.

— Não consigo ver inscrições ainda. Você disse que parecem pequenos emaranhados prateados, certo, San?

— É, mas… Espere. Deixe-me flexionar a minha visão… — Sancia se concentrou, tensionou o pequeno músculo secreto na nuca e o mundo se iluminou com fitas brilhantes de lógica e sentido, trançadas por toda a realidade em volta.

Berenice gritou, surpresa.

— Ah! Ah, meu *Deus*.

— O que foi, garota? — indagou Orso.

— Eu… eu estou *vendo* — respondeu Berenice. — Vejo todos os comandos, todas as restrições, todos os pedacinhos de realidade persuadida ao nosso redor… e são tão *bonitos*. — Depois ela falou para Sancia: <*É assim que é para você o tempo todo, San?*>.

<*Quando eu flexiono, é.*>

Berenice ficou imóvel.

<*Lembra… lembra quando Orso disse que às vezes você inventa as coisas realmente incríveis por mero acaso?*>

<*Hã? É, eu lembro. Por quê?*>

<*Sinto… sinto que acabamos de fazer isso hoje à noite*>, comentou Berenice. <*Porque… essa é a vista mais bonita que já vi em toda a minha vida…*>

— *O alinhamento… parece der dado certo* — disse Valeria. Ela soava impaciente. — *Prontas para o próximo passo?*

O encantamento das duas sumiu quando se lembraram do dilema que enfrentavam e do que estavam prestes a fazer.

— Sim — respondeu Gregor sombriamente. — A parte em que vocês me matam.

◆ 25

Sancia fitou os dardos que segurava na mão, as pontas pequenas e escuras e brilhantes por causa do veneno seco. Tentou ignorar o quanto tremia, o quanto suas mãos chacoalhavam, o quanto seu próprio coração parecia palpitar.

— Vai funcionar, certo? — perguntou Gregor. Ele resmungou quando Berenice amarrou suas pernas com firmeza, prendendo-o à cadeira. — Ouvi falar de pescadores que morreram por causa da picada do dolorspina…

— Vai funcionar — respondeu Sancia com a voz rouca. — Me lembro… me lembro de me falarem para não acertar uma pessoa duas vezes, porque então…

Ela parou, incapaz de articular o pensamento.

— Porque então pode ser que não acordem — completou Gregor. — É. Entendo.

Orso e Berenice terminaram de atar as pernas e depois as mãos dele. Gregor, o eterno marinheiro, na verdade fizera esses nós para eles e lhes dera instruções sobre como se certificar de que estavam apertados.

— Quantos serão necessários? — perguntou ele enquanto testava as amarras nos pulsos atrás das costas.

— Não sei — respondeu Sancia. Tudo lhe parecia terrivelmente entorpecido. — Mas… esses estão um pouco velhos. Faz algum tempo desde a última vez que roubei.

Gregor aquiesceu, o rosto solene e sério, como se estivessem discutindo uma compra cara.

— Mas será suficiente?

— Eu tenho seis aqui, então… — Outra vez, ela parou.

— Será mais do que suficiente — interveio Berenice.

— Ótimo — disse Gregor.

— É… é uma boa maneira de partir — falou Orso. — Eu gostaria de partir assim, se tivesse que escolher.

— Meu Deus… — Sancia chacoalhou a cabeça. — Que loucura tudo isso. Como é *insano* estar tramando uma morte casualmente. Eu… eu não entendo como você pode estar tão calmo com isso, Gregor.

— Não é tão louco assim — respondeu Gregor. — Quando eu era soldado, muitas vezes conversávamos sobre planos para o funeral e mensagens para casa e últimos desejos. Vocês nunca pensaram nisso? Nunca? Pois em algum momento o sol vai se pôr nas nossas vidas, claro, a menos que prefiram uma vida como a de Crasedes.

Depois acrescentou em tom sombrio:

— Ou como a minha. Eu… eu quase sinto…

— Sente o quê? — indagou Sancia.

Ele chacoalhou a cabeça.

— Esqueça. Vamos seguir em frente e acabar com isso.

— *O mais importante* — advertiu Valeria — *é não interferir na inscrição e* não *interromper a conexão com Gregor. Vocês vão sentir um eco não de um objeto opaco que foi debilmente convencido a fazer algo fora do comum: vão sentir o eco de como é ter a sua realidade modificada de modo repentino e abrupto. Vão ter a sua experiência de* tempo *alterada. Eu não compreendo a natureza dessa experiência. Mas imagino que será… incomum. Não encerrem a conexão.*

— Que inferno fedegoso — suspirou Sancia, estremecendo. Ela se aproximou de Gregor e pegou a mão de Berenice. — Tudo bem. Ber, a nossa conexão é mais forte quando estamos em contato. Então vou segurar a sua mão com a minha mão direita e tocar a testa dele com a esquerda, o que quer dizer…

— Ah, meu Deus — disse ela. — Eu vou ter que fazer… fazer a parte dos dardos, certo?

— É.

— Tem certeza? — perguntou Orso. — Talvez eu seja a melhor escolha…

— Não — falou Gregor. — Orso, você pega um dardo e se afasta. Quando eu for ativado, vou… vou precisar que você me fure e me derrube de novo, se puder.

— Ele olhou para Berenice. — Mas isso significa, *sim*, que essa tarefa fica com você, Berenice.

Ela fechou os olhos.

— Nunca pensei que teria que fazer uma coisa dessas… Mas acho que isso se aplica a todos nós.

— Eu vou ficar bem — afirmou Gregor. — Faça isso logo, por favor.

Berenice pegou um dardo, então parou e olhou nos olhos de Gregor. Depois respirou fundo e o espetou na coxa com ele.

Gregor não estremeceu. Então suas pálpebras ficaram pesadas e ele começou a piscar com força.

— Opa — disse ele.

— Está sentindo? — perguntou Sancia.

— Estou — respondeu ele. — Mas você está certa. Esses não são tão potentes quanto aqueles que você usou antes. Eu… eu fiquei quase inconsciente um segundo depois de você me espetar daquela vez… Vai ser preciso muito mais que isso para me matar. — Ele engoliu em seco e então, de repente, começou a rir. Parecia ligeiramente delirante. — Você… você se lembra, Sancia?

— Me lembrar do quê?

— De entrar pulando pela janela e atingir aqueles homens com dardos? No Visgo, quero dizer… E depois você me arrastou para a sarjeta e… e nós conversamos pela primeira vez.

— É. Claro. Eu me lembro, Gregor.

O sorriso dele desvaneceu e ele ficou olhando para o espaço, os olhos vidrados.

— Que estranho sentir saudade de uma época dessas. Agora parece que faz tanto tempo.

Eles o observaram. Ele começou a se recostar na cadeira e seu rosto ficou inerte e entorpecido e estranhamente angustiado, como se não soubesse ao certo o que estava acontecendo, mas soubesse que não estava gostando.

— Está… está me deixando inconsciente — falou, suas palavras pouco claras.

Depois:

— Outro.

— O quê? — indagou Sancia.

— Outro… outro dardo. Não é suficiente.

Berenice hesitou.

A cabeça dele rolou para trás.

— Outro! — gritou ele. — Acabe logo com isso! *Por favor!*

— Ber, outro! — chiou Sancia.

Praguejando baixinho, Berenice agarrou outro dardo de dolorspina e espetou a perna dele outra vez.

A cabeça de Gregor rolou para o outro lado e ele ficou olhando para o espaço com uma expressão que era desolada e ao mesmo tempo desesperadora.

— Tudo bem — disse ele. Estava respirando com dificuldade agora. — Tudo bem. Lá vai.

Sancia quase perguntou se ele estava se sentindo bem ou se doía, mas então se deu conta da falta de sentido de uma pergunta daquelas.

— Pensei — gemeu ele de leve — que me lembraria um pouco mais de como é. Morrer, quero dizer. — Sua voz estava trêmula. — Achei que seria uma sensação um pouco familiar. Mas… quero dizer, eu sei que não deveria estar com *medo*…

Berenice virou de costas, agora chorando copiosamente.

— Apagando agora — sussurrou Gregor. Ele fitou Sancia. — Eu sou… eu sou uma pessoa ruim por ter um pouco de esperança de que perdure?

— Perdure? — indagou Sancia. — O que você quer dizer?

Mas então o pescoço dele ficou mole e o rosto afrouxou. Ela sabia que ele ainda não estava morto, mas era nítido que estava morrendo. A garota vira muitas pessoas morrerem, muitas de formas muito mais horríveis do que essa, mas, por alguma razão, essa parecia pior que todas as outras. E, enquanto o observava inclinado para um lado na cadeira, o rosto aflito como se houvesse passado a noite toda de vigília lamentando a perda de um ente querido e não conseguisse se manter desperto nem por mais um momento, ela entendeu por quê.

Será que ele quer isso? Será que recebe de bom grado? Será que espera *morrer?*

<*Tenho tanto ódio disso, Sancia*>, falou Berenice. <*Tenho tanto ódio disso!*>

<*Eu sei, Ber. Vai acabar logo*.>

Então Gregor fechou os olhos e ficou imóvel.

Todos olharam para ele por um instante, mole e recostado na cadeira, o rosto

marcado pela dor e pela tristeza, o peito imóvel e desprovido de ar.

Orso se levantou mancando e pôs os dedos na lateral do pescoço dele.

— Ele ainda está vivo. Seu pulso está diminuindo, mas ainda está vivo.

Ele piscou por um momento e disse com uma voz muito abafada:

— Berenice, acho que você vai ter que aplicar outro dardo.

— Não! — exclamou ela, fungando.

— Sim! — retrucou ele. — Você vai ter que fazer isso!

— Eu não quero! — teimou ela. — É horrível demais.

— Vai acontecer de qualquer jeito! — argumentou ele. — A gente só precisa que aconteça mais rápido, tudo bem?

— Orso, seu… seu idiota desgraçado! — gritou ela.

Orso pareceu um pouco surpreso e magoado com aquelas palavras.

— Ber — disse Sancia em tom áspero. <*Ele está certo. Faça isso*.>

<*Não sou como nenhum de vocês dois!*>, falou ela. <*Eu… eu não estou acostumada a fazer escolhas horríveis como esta!*>

<*Bem, acostume-se, porque vai ter de fazer muito mais escolhas como esta no futuro! Gregor* pediu *para você fazer. Acabe logo com isso por ele!*>

Soluçando, ela pegou outro dardo de dolorspina e o espetou na perna dele.

Orso checou o pulso de Gregor outra vez, seu próprio rosto contorcido pela angústia.

— Ainda… ainda está desacelerando — disse em voz rouca. — Deve ser suficiente…

Eles olharam para Gregor, mole na cadeira em uma posição que teria sido terrivelmente dolorosa para ele se estivesse consciente. De repente ocorreu a Sancia a estranha e desoladora percepção de que, se isso desse errado e Gregor morresse de fato aquela noite, então provavelmente seria do modo como ele gostaria que fosse: brandamente, lentamente, durante o sono, cercado pelos amigos. E então ela começou a chorar.

◆◆◆

Gregor Dandolo dormiu.

Ele não sabia ao certo por que ou como caíra no sono, mas permaneceu nas

sombras, incapaz de pensar ou sentir ou se mexer. A única coisa que conhecia era uma escuridão sufocante, um vazio invasor que parecia asfixiar sua própria mente.

Então seus pensamentos começaram a desmoronar, todas as lembranças passando em um lampejo e crepitando à medida que o grande palco de sua mente se apagava, interações e momentos de toda a sua vida explodindo nas sombras como fogos de artifício piscantes.

Ah, pensou ele. *Reconheço isso agora. Eu… eu vou morrer agora, não vou?*

Uma torrente de momentos, de sensações, de texturas e emoções. Não apenas as epifanias e os conflitos e as vitórias e as derrotas que formavam sua pessoa, mas todas as minúsculas trocas intersticiais e esquecíveis que constituíam a soma da vida de alguém.

A sensação do couro grosso no sol quente.

A mão de um homem virando uma moeda repetidas vezes.

Uma pedrinha na parte de trás de uma bota.

Pássaros saindo em debandada da vegetação para se afastar em direção ao sol poente.

Lembranças após lembranças após lembranças.

E, entre elas…

◆◆◆

Adormecido.

Gregor sentiu um pano embaixo de si, sobre o seu rosto e contra o seu corpo, e por toda a sua volta estava o cheiro de sua mãe.

Ele estava dormindo outra vez nas roupas dela penduradas no armário, naquele lugar secreto para onde ia quando se sentia ameaçado, pois, naquele lugar, sabia que estava seguro. Esse lugar era dela. Ninguém poderia machucá-lo ali.

Então ele ouviu um barulho: um som de água salpicando ali por perto e alguém arfando e cuspindo.

Gregor abriu os olhos. Sentou-se e saiu devagar do meio das roupas penduradas, e ficou agachado ali no assoalho do guarda-roupa, prestando atenção.

Ouviu-se outro salpico vindo do cômodo ao lado, o quarto de banho, e uma tosse, e outra cuspidela. E depois se ouviu um soluço, triste e doloroso.

Gregor ficou na porta do armário, hesitante. Depois a abriu e saiu.

A primeira coisa que viu foi o próprio rosto olhando de volta para ele do reflexo no espelho: era tão novo e frágil, ainda não tinha seis anos. Olhou para si mesmo só por um instante, porque então sua mãe gritou de susto.

Ela estava no chão do quarto de banho vestindo uma camisola, ajoelhada diante de uma bacia cheia de água rosada, o rosto e as mãos pingando. Parecia que a estivera usando para lavar o rosto, que estava, para o choque dele, muito ferido: o lábio rachado, ainda escorrendo sangue, e os olhos roxos, e as bochechas machucadas.

— Gregor! — exclamou ela. — O que… o que você está fazendo aí?

— Mamãe — disse ele. — Mamãe, o que aconteceu com você?

O pano caiu da mão dela na bacia de água com sangue, salpicando a camisola.

— Você estava escondido aí? Por que estava se escondendo no armário?

— Eu… eu dormi lá. — Ele se sentia afogueado com a confusão e a vergonha. — Eu… eu faço isso às vezes, mas eu… eu… — Então começou a chorar.

— Ah, meu Deus — falou ela. — Venha cá, meu amor, venha cá… — Então o abraçou. — Eu só… Foi apenas um momento, só isso. Só isso, meu amor.

— Você está machucada, mamãe.

Ela fungou e sorriu bravamente.

— Ah, não é tão ruim assim. São só alguns machucados, só isso.

Ele a fitou por um instante. Depois se ajoelhou diante dela e pegou o pano.

— Posso te ajudar?

Ela sorriu para ele, os olhos tristes e desesperados.

— Tudo bem, se quiser.

Ela ficou imóvel enquanto o jovem Gregor tocava de leve com o pano nos seus cortes e machucados, limpando o sangue.

Ela deu um sorriso, esse bastante genuíno.

— Quando você era pequeno — disse ela enquanto ele trabalhava —, costumava me ajudar a passar maquiagem. Você adorava pegar os pincéis pequenos e fazer os traços, e passava em você mesmo também, se pintando. Era parte da nossa rotina.

— Eu lembro. — Ele viu o corte no lábio dela se encher de sangue de novo. — O que aconteceu, mamãe?

Ela suspirou.

— Eu tentei fazer o que tantos dos nossos inscritores fazem. Tentei convencer o mundo de que ele era uma coisa que não era. Ou pelo menos não é mais. E algumas pessoas… algumas pessoas ficaram muito bravas comigo.

Ele olhou para a mãe, sentada com a cabeça curvada, o sangue escorrendo até o queixo de uma miríade de minúsculos ferimentos. Como parecia envergonhada, como parecia humilhada.

— Eu vou fazer eles pararem — falou ele de repente.

— Você vai fazer o quê?

— Vou fazer eles pararem. Eu vou… vou tomar as casas deles e derrubar elas e queimar elas e… e…

Ela o observou, cheia de compaixão. Depois sorriu.

— Ah, meu pequeno cavaleiro corajoso… Meu guerreiro orgulhoso. Que coisa boa ver você imbuído de uma fibra de nobreza dessas. — Ela estendeu a mão e acariciou o rosto dele. — Eu me lembro de quando você nasceu. De como estava ansioso para vir a este mundo. Não como Domenico, que demorou horas e horas. Você estava tão ávido para se jogar no turbilhão deste nosso mundo dilacerado.

A memória bruxuleou. A visão dele começou a desvanecer e o mundo ficou escuro.

Algo está acontecendo, pensou Gregor. *Eu estou indo… embora*…

A memória ficou escura nas beiradas, fluindo para dentro. A última coisa que viu foi o rosto agredido e machucado da mãe sorrindo para ele.

— Ah, Gregor. Se algum dia eu recuperar a minha casa — sussurrou a voz dela para ele —, que cidade você e eu vamos construir, meu amor…

É isso, não é?, pensou ele enquanto sua mente mergulhava na escuridão. *Está chegando. Sim. Sim, acho que pode*…

Depois silêncio.

Depois nada.

◆ 26

Eles ficaram ao redor de Gregor, observando-o sem se mexer.

— Quando vamos ouvir a inscrição? — perguntou Berenice baixinho.

— Não sei — respondeu Sancia.

— *A inscrição deve se tornar ativa após a morte* — informou Valeria —, *e ele ainda não completou o processo de morte. Mas… em breve. Então tudo deve prosseguir conforme o planejado*.

Eles ficaram ali no porão, a mão de Sancia encostada na testa do amigo moribundo, e ela se perguntou por um momento se sentia que a pele dele estava esfriando sob a sua palma.

— Não estou ouvindo nada — comentou Sancia.

— *Vai chegar*.

— Ele está morto agora, não está? Está. Eu sei.

— *O processo ainda está termina…*

— Ele ainda está *morrendo*? Meu Deus, quanto tempo demora isso!

— *Após a morte* — falou Valeria outra vez —, *a inscrição deve ser ativada*.

Então acrescentou:

— *Ou… pouco depois*.

— Pouco depois? — indagou Berenice. — O que isso significa?

— *Eu deixei claro que não estava familiarizada com a forma como isso se daria. Poderia ser imediatamente após a morte. Poderia ser cinco minutos depois. Ou dez, ou uma hora*.

A pele de Sancia gelou.

— Você… você está me dizendo que — falou ela, suas palavras trêmulas de ira — espera que a gente fique aqui no porão com as mãos no cadáver do nosso amigo

até ouvirmos alguma coisa? Mas você não sabe quando isso vai *acontecer*?

— *É a única opção*.

— Você tem *certeza* de que a gente vai ouvir alguma coisa? — perguntou Sancia. — Você tem *certeza* de que a inscrição vai trazê-lo de volta?

Valeria hesitou.

— *Tenho quase certeza*.

— Ah, meu Deus — disse Orso, consternado. — Quase? *Quase?* Então há margem para erro aqui?

— *Vai funcionar* — falou Valeria.

— Eu gostaria que você parecesse ter metade da confiança das suas malditas palavras! — exclamou Sancia. — Porque, neste exato momento, não estou me sentindo nem um pouco confian…

Então ela ouviu: um murmúrio baixo e abafado, como se o cômodo estivesse cheio de folhas farfalhantes.

Sancia se sobressaltou e se virou, olhando para todos os cantos do porão, uma das mãos ainda tocando a testa de Gregor.

— O que… Que diabos? — indagou ela.

— O que foi? — perguntou Orso.

Sancia continuou vasculhando, o som murmurado e sussurrante aumentando e diminuindo em seus ouvidos.

<*Você… você está ouvindo isso?*>, perguntou ela para Berenice.

<*Estou*.> Berenice parecia aterrorizada.

<*São* folhas*? É isso que estou ouvindo, de alguma forma? Como se estivéssemos em uma floresta?*>

<*Eu… eu pensei que fossem asas*.>

E ela percebeu que Berenice estava certa: o som era ritmado demais, uma tremulação delicada e suave que crescia e minguava como a arrebentação na praia. Ela tinha a sensação de estar em uma tempestade de minúsculas criaturas esvoaçantes, talvez morcegos ou borboletas ou…

Depois outro som veio se juntar àquele, um som muito mais perturbador que o primeiro: o de uma mulher chorando histericamente ali por perto, aflita e angustiada.

— Puta merda — disse Sancia. Ela passou os olhos pelo porão, certa de que a mulher em prantos estava ao seu lado, ou ao lado de Gregor, mas não havia ninguém por lá. No entanto, o soluço continuou, essa voz incorpórea que continuava chorando no cômodo ao lado.

— Ah, meu Deus… — sussurrou Berenice. — O que… quem é essa? O que está acontecendo?

— O que há de errado, garota? — indagou Orso.

— Ber, suponho que você esteja ouvindo também, certo? — perguntou Sancia.

— C-certo — respondeu ela, tensa. — Uma mulher invisível está chorando aqui por perto. Mas não consigo vê-la.

— Valeria — falou Sancia —, você consegue ouvir?

— *Eu não consigo*.

A mulher invisível gritava diante do que parecia ser um luto agonizante.

— O que *diabos* está acontecendo? — gritou Sancia.

— *Incerto* — respondeu Valeria. — *É possível que… o que vocês estão vivenciando seja uma consequência da ativação da inscrição*.

Os soluços se tornaram ainda mais altos.

— E por que diabos isso significa que estou ouvindo mulheres gritarem no nosso maldito porão? — gritou Sancia, mais alto que o som dos berros.

— *Incerto. Porém… desconfio que, como a maioria das inscrições, para saber quanto ou até que ponto alterar o tempo de Gregor, primeiro ela precise ter uma instância de tempo definida. Para dizer à inscrição que restaure Gregor a uma instância trinta segundos atrás, por exemplo, primeiro você precisa dizer a ela o que* é *um segundo*.

— Sabemos de tudo isso! — gritou Berenice. — É teoria básica da inscrição!

— *Verdade. Mas desconfio que esse conceito de tempo tenha sido definido quando a inscrição foi inicialmente instaurada nele. Então… cada vez que é ativada, ela deve remeter a essa primeira instância*.

O coração de Sancia parecia ter sido permeado por gelo.

— Você quer dizer que… estamos revivendo a noite do acidente com a carruagem? Quando o pai e o irmão dele *morreram*?

— *Vocês talvez estejam captando fantasmas de quando a inscrição foi aplicada nele pela primeira vez. Impressões evanescentes. Não posso supor mais que isso*.

A voz da mulher começou um lamento depressivo naquele instante, e tanto Sancia como Berenice se sobressaltaram.

— Merda — disse Sancia. — Merda, merda, merda.

— *É preciso ficar calma agora, Sancia* — aconselhou Valeria. — *Você não deve sondar, não deve fazer perguntas. Essa é uma criação do Criador. Observe, mas não faça mais nada*.

Então elas ouviram a voz da mulher gritando:

— *Não, não, não… Por favor, por favor, meu Deus… você não. Você não, meu amor, você não…*

— É fácil falar! — exclamou Sancia.

A mulher continuou:

— *Eu não queria que acontecesse com você… Eu… Eu não queria que acontecesse com nenhum de vocês dois, meus amores, meus amores…*

O ruído de minúsculas asas aumentava e diminuía, aumentava e diminuía.

Ela sentiu um estremecimento de medo perpassar Berenice.

<*Sancia… Meu Deus. Acho que sei de quem é essa voz.*>

<*O quê?*>

<*Eu já ouvi essa mulher antes! Muitas vezes! Eu… eu acho que estamos ouvindo a voz de Ofelia Dandol…*>

E então elas a ouviram: a voz da inscrição, falando de repente como se estivesse ombro a ombro com elas, examinando o cadáver de Gregor com um olhar frio e impassível.

E a voz da inscrição… essa as duas também conheciam muito bem.

<*CESSAÇÃO DAS PALPITAÇÕES ARTERIAIS*>, ressoou a voz de Crasedes Magnus. <*A ENTIDADE DEIXA… DE PERCEBER.*>

Sancia e Berenice ficaram paralisadas enquanto a voz retumbava em seus ouvidos.

<*Ah, meu Deus*>, sussurrou Berenice. <*Soa… soa como ele! Soa como Crasedes!*>

<*Não brinc…*>

<*PRESENÇA?*>, falou a voz. <*UMA PRESENÇA… ACOMPANHA?*>

As duas ficaram totalmente imóveis. Aquilo parecia impossível: nenhuma inscrição que Sancia manipulara jamais se importara que ela a estivesse

manipulando, mas ela nunca interferira de fato numa inscrição hierofântica, em especial uma feita pelo próprio Crasedes.

Seguiu-se um longo e tenso silêncio, quebrado apenas pelo som dos soluços, repetidas vezes, como se estivessem presos em um circuito fechado:

— *Não, não, não… Por favor, por favor, meu Deus… Não, não, não…*

Sancia olhou para Berenice, aterrorizada e de olhos arregalados. Berenice fez um gesto de um lado a outro da boca, como se a estivesse selando. Mas, enquanto Sancia aquiescia, de repente elas sentiram.

Uma *pressão*. Uma *presença*. Elas se sentiram tomadas pela sensação de estar sendo examinadas, como ao olhar pela janela e ver um vulto nas vielas olhando de volta.

Ah, merda, pensou Sancia. Ela fitou o ar vazio ao redor, como que esperando ver o próprio Crasedes ali, encarando de volta. *Está procurando por nós. Está mesmo procurando por nós…*

<*REVER RESTRIÇÕES*>, disse a voz de Crasedes, embora soasse um tanto desconfiada. <*CONFIRMAR INSTÂNCIA TEMPORAL PARA RESTAURAÇÃO…*>

E então muitas coisas começaram a mudar em volta delas.

Sancia sentiu uma brisa roçar sua pele, como se houvesse uma janela aberta. Ela olhou para o lado com a repentina certeza de que veria uma série de janelas altas ali, abertas para a ampla paisagem noturna de Tevanne iluminada por lampiões, mas não viu nada além da parede de tijolos caindo aos pedaços lá do porão.

Entretanto, quando olhou de volta…

De repente, havia uma cama diante delas, do outro lado da cadeira de Gregor, uma cama que definitivamente não estava lá antes. Estava coberta por um lençol branquíssimo e uma rica colcha de seda branca e amarela.

Mas a colcha estava manchada de sangue escuro, pois, na outra extremidade da cama, estava o corpo de um homem horrivelmente mutilado, iluminado pela luz da lua.

Sancia e Berenice gritaram horrorizadas ao vê-lo, o lado direito do rosto afundado, o olho saltando da órbita ocular destruída, o osso malar transparecendo através da pele rosada. O braço direito e principalmente a mão direita haviam sido quase totalmente destruídos, o membro se dissolvendo em um caos irreconhecível

mais ou menos na metade do antebraço, veias e ossos e fragmentos frouxos de ligamentos claramente visíveis sob a luz fraca. O refinado roupão amarelo e as meias estavam rasgados e cobertos de lama, contudo, cintilavam de um modo estranho. E então Sancia se deu conta de que o corpo todo estava salpicado de diminutos cacos, o rosto, os ombros e as mãos cravejados de fragmentos de vidro, pequenos brotamentos de sangue escorrendo de onde estavam cravados nele.

Mas o pior era o quanto ele se parecia com Gregor. Era *exatamente* igual ao homem desmaiado na cadeira em frente a elas, mas de algum modo mais jovem, e um pouco mais gordo e mais fraco, como se houvesse vivido uma vida civil confortável.

Sancia não o reconheceu, mas Berenice, sim. Ela vira o rosto dele em incontáveis pinturas no campo Dandolo e, no instante que o reconheceu, esse mesmo conhecimento se manifestou na mente de Sancia.

— *É Ottaviano Dandolo!* — gritou Berenice.

— O-o quê? — perguntou Orso, atônito. Ele olhou para onde estava o homem mutilado, mas claramente não viu nada. — O que você quer dizer?

— É Ottaviano Dandolo! — gritou ela outra vez, soluçando. — Ele está ali deitado na cama e está morto, ah, meu Deus, ele está *morto*!

— Cama? — indagou Orso. — Morto? O quê?

— *Ela está testemunhando alguma coisa de quando a placa foi instalada* — explicou Valeria. — *Não podemos vivenciar isso, pois a inscrição não se aplica a nós*.

Sancia fechou os olhos.

<*Feche os olhos, Ber! Apenas feche os olhos!*>

Berenice os fechou, chorando baixinho. O ruído de asas suaves e esvoaçantes aumentou nos ouvidos das duas.

Então ela sentiu: sentiu a primeira sequência de inscrições começar a ser aplicada, iniciando aos poucos a distorção do tempo de Gregor, sentindo quanto ele teria de voltar e o que mudaria…

E aí aconteceu.

Em geral, quando Sancia entrava em comunhão íntima com um objeto inscrito, ela começava a sentir os *sigils* rastejando na placa de persuasão, as muitas sequências de comando alterando a sua realidade, convencendo-a a ser diferente. Era uma

sensação curiosa, porém branda, como observar um inseto subindo no seu braço, as minúsculas pernas puxando os pelos da sua pele.

Mas a inscrição de Gregor não era assim.

De súbito, os *sigils* a açoitaram como um raio, comando após comando penetrando em sua mente como ferro em brasa, as restrições quentes e brilhantes reverberando dentro dela, e Sancia as *sentiu*: cada uma delas, dezenas delas queimando em seu ser, reescrevendo a sua própria existência em um instante.

Ela quase gritou de aflição. Sempre soubera que os comandos hierofânticos eram diferentes. Mas nunca fizera ideia de *quão* diferentes eles eram.

Ela ouviu Berenice gritar de dor.

— *Não interrompam a conexão!* — advertiu Valeria. — *É preciso mantê-la!*

— Não consigo! — gritou Berenice. — Suportar que seja feito em mim… isso *dói*!

— *Mantenham!* — exclamou Valeria.

Outra sequência de *sigils*, talvez uma dúzia, talvez uma centena, Sancia não sabia. Os caracteres abrasadores se desenrolavam sobre o seu ser e ela os sentia alterando sua própria realidade, como se seu corpo e sua mente fossem argila a ser reduzida ou modificada por um capricho.

Se isso é só um eco da inscrição, pensou ela em meio à agonia, *então, meu Deus… Meu Deus, como deve ser de fato fazer parte de um comando hierofântico?*

Berenice gritou de dor outra vez. Sem pensar, Sancia abriu os olhos.

E então a viu.

Uma mulher de uns trinta anos estava sentada no meio do porão, coberta de sangue e chorando histericamente. Aninhado em seu colo estava um menino de uns onze ou doze anos, e era muito nítido que ele estava morto. Havia um ferimento enorme em sua nuca, uma cavidade perturbadora de um tom púrpura escuro e viscoso bem atrás do ouvido direito dele.

Sancia percebeu que conhecia aquela mulher. Ela a conhecera apenas alguns dias antes, chorando e estremecendo nas profundezas do galeão: Ofelia Dandolo, embora o espectro que via agora fosse trinta ou quarenta anos mais jovem que a mulher que conhecera.

Ofelia chacoalhava a criança em seu colo, como que tentando acordá-lo. A

cabeça dele rolou para o lado e Sancia pôde ver o seu rosto.

A imagem a fez perder o fôlego. O rosto dele tinha a expressão angelical e despreocupada que todas as crianças tinham quando dormiam, prejudicada apenas pelo lento fluxo de sangue na lateral da cabeça. Mas, sobretudo, ele se parecia tanto com Gregor, mas tão novo, tão delicado…

E, no entanto, de algum modo ela sabia que não era Gregor. Esse menino era magro demais, frágil demais, e seus olhos eram muito separados.

Domenico Dandolo?

— *Volte para mim!* — gritou Ofelia. Ela o chacoalhou violentamente e começou a escorrer sangue da boca do menino. — *Volte para mim, por favor, por favor!*

Sancia voltou a fechar os olhos, e tanto ela como Berenice gemeram, apavoradas.

— *Deve estar quase completo!* — exclamou Valeria. — *Não interrompam agora! Mantenham a conexão!*

— Berenice — falou Sancia. — Por favor, me diga que está se lembrando de todos esses malditos *sigils*!

— Como eu poderia esquecê-los? — soluçou Berenice.

<*INSTÂNCIA ISOLADA… FINALIZANDO*>, ressoou a voz de Crasedes na mente delas. <*ESTABELECER A TRILHA DE RESTAURAÇÃO…*>

Outra explosão de *sigils*, desta vez mais ainda, os lampejos de caracteres vertendo na mente de Sancia repetidas vezes.

Era quase demais. Ela sentiu sua própria noção de tempo se tornar difusa, aplanar-se, dissolver-se. Ter a sua realidade reescrita era uma coisa, mas era outra bem diferente ter um comando tentando fazer o seu tempo voltar a uma instância que, para você, não existia: afinal, ela e Berenice não podiam voltar para uma instância passada do tempo de Gregor.

Estava tudo errado. Era como ser colocada em uma enorme máquina avariada, seus pistões e engrenagens rasgando a carne.

— Berenice! — gritou ela. — Fique comigo!

— Estou aqui! Mas… Sancia… não consigo aguentar por muito mais temp…

Então as duas ouviram uma voz diante delas, rouca e falha:

— M-mamãe?

Sancia e Berenice abriram os olhos.

Gregor sumira. A cadeira sumira.

Em seu lugar estava um menininho de uns sete anos deitado em uma cama, o rosto manchado de lama, a perna muito quebrada. A mão de Sancia estava encostada na testa dele e, quando o garoto piscou e olhou para elas, a jovem arquejou e quase tirou a mão.

— Mamãe? — sussurrou o menino. — O que… o que aconteceu, mamãe?

— Ahh, que diabos? — perguntou Sancia.

A voz de Ofelia Dandolo veio flutuando, como se ecoasse de um corredor distante:

— Shhh, querido… Shhh. Nós te demos um remédio. Apenas… durma.

— Onde está o papai? Onde está Domenico? O que aconteceu? — A criança piscou e passou os olhos pelo porão.

— O seu pai… se foi — sussurrou a voz dela. — E Domenico… — Em seguida veio um soluço.

Outra tremulação no ar, e então o garoto pareceu estar cercado de neve caindo, pontinhos brancos cintilantes girando e espiralando ao redor deles.

Mas aí Sancia percebeu. Não eram flocos de neve.

Eram mariposas. E o ar se encheu do ruído de suas asas.

É ele, pensou Sancia. *Ele está aqui. Ele veio. Isso foi quando Crasedes chegou*.

— O que são todas essas borboletas aqui? — sussurrou o menino.

— Elas… elas estão aqui para me ajudar — respondeu a voz de Ofelia, fungando. — As mariposas entraram pela janela. Elas vieram até mim quando eu estava dormindo. E… acho que são um milagre, meu amor. Elas podem salvar você.

O menino olhou ao redor com olhos pesados.

— Me salvar do quê?

Então houve outra tremulação no ar e Sancia a viu: um eco de Ofelia Dandolo, curvando-se sobre o garotinho ferido na cama.

Ela se inclinou para beijá-lo na testa.

— Do que eu fiz com você, meu amor — sussurrou ela. — E… e eu lamento *muito*…

Então outra explosão de *sigils* as dilacerou.

As duas gritavam enquanto os *sigils* passavam rapidamente pela mente delas,

torcendo-as, contorcendo-as, dobrando seus corpos, suas almas, seus espíritos. Sancia sentiu a si mesma e a Berenice se dissolvendo, todos esses momentos se contraindo, decrescendo, diminuindo, como se os últimos minutos de suas vidas estivessem sendo reduzidos a nada além de resíduos para serem substituídos por instâncias de tempo de apenas alguns minutos antes.

Ela sentiu a percepção penetrar na mente de Berenice.

<*Ela não move o tempo. Ela o dobra, o estende. Encolhe o tempo presente até ele se transformar em nada e só restar o passado!*>

Sancia mal pôde entender a compreensão de Berenice. Em parte porque o conceito era complexo demais para ela, mas o outro obstáculo era que não conseguia pensar, pois tinha certeza de que morreria.

Então o corpo sob seus dedos se precipitou para a frente e, de súbito, o mundo era só gritaria.

Os *sigils* e as visões e as alterações desapareceram. Berenice e Sancia abriram os olhos e cambalearam para trás, horrorizadas, quando Gregor se mexeu, os olhos agitados e furiosos. Ele estava gritando, berrando, vociferando com eles, cada veia da sua cabeça visível, cada ligamento do pescoço esticado a ponto de romper.

Berenice gritou e caiu no chão, e Sancia mal se manteve de pé. Ela viu o amigo se agitar e puxar as amarras em torno dos braços e peito e pernas. A cadeira embaixo dele rangia e dava solavancos.

— Ah, meu Deus! — gritou a voz de Orso vinda de algum lugar. — Puta merda!

— *Os* sigils *foram obtidos?* — perguntou Valeria. — *O processo foi bem-sucedido?*

Sancia estava aterrorizada demais para responder. Apenas observava em pavor emudecido enquanto o amigo rosnava e grunhia como um javali selvagem, puxando as cordas, sacudindo-se para a frente e para trás em um esforço frenético, furioso e inútil.

E então ele parou e olhou feio para ela. Curvou-se para a frente e dobrou os joelhos…

Ouviu-se um estalo alto na cadeira quando alguma coisa foi esticada a ponto de se romper.

— Orso! — gritou Sancia. — Acerte um dardo nele agora, acerte um dardo

nele!

Orso tateou em busca do dardo de dolorspina com uma das mãos. Gregor se inclinou para a frente, grunhindo, os olhos lacrimejando e fios de saliva escorrendo da boca por causa do esforço, e ouviu-se outro estalo agudo e vibrante vindo da cadeira.

— Acerte logo! — gritou Sancia. — Ele vai se solt…

Orso gritou, deu um salto para a frente e cravou um dardo de dolorspina na parte de trás do ombro de Gregor. O rapaz fez um movimento brusco para o lado, tentando morder, e quase arrancou um dos dedos de Orso.

— Que inferno fedegoso! — gritou Orso.

Gregor se agitava e se agitava contra as cordas, arfando ruidosamente, mas os esforços ficavam cada vez mais fracos. Estava claro que o dardo estava fazendo efeito: os olhos dele perderam o foco e cada um dos seus movimentos se tornava um pouco mais bêbado e menos coordenado. Por fim, sua cabeça tombou sobre o peito e ele soltou o ar com força, a saliva borrifada pelos lábios escorrendo pela barba, e olhou feio para Sancia, semiconsciente, mas impossibilitado de fazer qualquer coisa. Então ficou imóvel.

— Puta merda — falou Orso. — Puta *merda*!

Seguiu-se um período de silêncio enquanto eles assistiam ao corpo de Gregor se contrair na cadeira.

— *Os* sigils *foram obtidos?* — indagou Valeria baixinho.

Berenice confirmou com a cabeça e limpou as lágrimas dos olhos. Todo o seu corpo parecia estar tremendo.

— Estou com eles. Alguém me dê um pedaço de papel para eu poder copiá-los enquanto ainda estão frescos na memória.

Sancia olhou para as amarras esfarrapadas de Gregor.

— Nós queremos soltá-lo primeiro?

— Nem pensar — respondeu Orso. — Eu meio que quero atar mais amarras nele. Mas não vou me aproximar desse desgraçado maluco agora.

Sancia examinou Gregor por mais um momento, recordando a imagem do menino ferido deitado na cama, sussurrando para a mãe.

<*Você ouviu o que a Ofelia falou para ele, Ber?*>, perguntou Sancia. <*Naquele…*

naquele eco, ou fosse lá o que fosse?>

<*Sim, eu lembro*.>

<*Então você acha que ela… acha que ela… que Ofelia Dandolo é…*>

<*Acho que o acidente de carruagem*>, respondeu Berenice, <*não foi acidente. Mas, primeiro, San, acho que você precisa me dar um maldito papel. Ou então tudo isso terá sido em vão*.>

◆ 27

Ofelia estava em frente às janelas do imenso salão de festas de seu casarão, contemplando a paisagem urbana à sua frente, o sol quente e cor de mel irradiando dos telhados do campo Dandolo.

Ainda era apenas o período vespertino. Mas parecia tão tarde, como se o tempo estivesse passando por ela cada vez mais rápido.

Por que, pensou ela, *tenho a sensação de que, no segundo em que o chamei de volta para este mundo, virei a ampulheta e o mundo inteiro está observando os grãos caírem e esperando?*

Ela ignorou os inscritores e trabalhadores às suas costas, carregando uma caixa imensa atrás da outra.

Onde está você, Gregor? Seu olhar recaiu sobre a Terra das Lanternas, todas aquelas lanternas se balançando e se agitando. *E você vai voltar para mim, antes que o tempo se esgote?*

Então um trabalhador se aproximou dela e perguntou:

— Tem certeza de que quer tudo isso aqui, Fundadora?

Ela o examinou friamente.

— Por que não quereria?

— Quero dizer, longe de mim duvidar da senhora, Fundadora, mas a senhora parece estar planejando… bem, *construir* o seu próprio *lexicon* aqui no seu salão de festas. E essas coisas requerem proteções, e salas, e água para resfriar, e…

— Isso não será um problema — respondeu ela com uma voz sonora e refinada.

Ofelia e o trabalhador se viraram quando Crasedes saiu das sombras de um corredor.

— Vou providenciar tudo isso — falou Crasedes, e se aproximou dos dois. Ela

notou que ele carregava um estojo fino de madeira nas mãos que lhe pareceu incomum.

O trabalhador o fitou, hesitante, depois olhou de volta para Ofelia.

— O senhor… o senhor vai construir um *lexicon*? Sozinho?

Os olhos pretos e vazios de Crasedes fitaram o homem.

— Todas as partes estão aqui? — perguntou ele.

— O quê? S-sim, est…

— Então você pode ir — disse Crasedes. — Você e o resto dos seus homens.

Ofelia e Crasedes esperaram enquanto os homens saíam em fila, seus passos ecoando pelo gigantesco casarão vazio.

— Acha mesmo que consegue montar tudo aqui, Meu Profeta? — indagou ela.

— Bem, para começar, não pretendo construir um *lexicon* normal — explicou ele, andando em meio às caixas. — Mas, sobretudo, acho que, quando você se deu o trabalho de fazer uma nação inteira desaparecer uma ou duas vezes na vida, todas as outras tarefas de repente parecem manejáveis.

Ofelia se juntou a ele entre as caixas.

— E quando estiver construído…

— Sim — confirmou ele. — Devemos enviar uma comitiva até os Morsini. Desconfio que eles estarão nos esperando, sem dúvida acreditam que nós estamos desesperados em busca de uma aliança contra os Michiel. E eu devo estar nessa comitiva. Então, tenho muita coisa a fazer antes que a noite caia. Em especial porque tive outras tarefas hoje.

Ele abriu a caixa que tinha nas mãos, revelando uma placa de definição de inscrição pousada sobre o interior de veludo. Ofelia não era inscritora, mas reconheceu de pronto que aquela placa de definição apresentava *sigils* e comandos que estava certa de nunca ter visto sendo usados antes, e todos haviam sido escritos em uma letra tão apertada e estranhamente *limpa*…

— O senhor… o senhor fez essa placa em *um dia*, Meu Profeta? — perguntou ela.

— Hum — respondeu ele. — Melhor dizendo, em uma tarde. Ou *parte* de uma tarde, suponho. Quando emparelharmos esta definição com a de Tribuno no nosso próprio *lexicon*, o construto não terá para onde escapar. Ela ficará presa dentro de

qualquer que seja o aparato que habita atualmente, como uma barata se escondendo da luz de uma lâmpada embaixo de uma cômoda. E então posso começar a reformulá-la, por assim dizer.

Os olhos de Ofelia percorreram as muitas linhas curvas de *sigils*.

— Mas… o construto é bastante hábil em… como posso expressar isso… entrar e sair dos *lexicons*, certo?

— É bem verdade.

— Nesse caso… não seria um tanto catastrófico se ela entrasse no seu e tomasse controle dele?

— Isso não será um problema — assegurou Crasedes. — Se tivermos cópias suficientes da definição de Tribuno, acumulando suas autoridades várias vezes, ela vai ficar indefesa. — Ele fechou o estojo. — E depois da festa nos Morsini… deveremos ter todas as cópias de que precisamos.

Ofelia ficou completamente estática. Afastou-se dele, foi até as janelas e fechou os olhos.

Ela se lembrava do plano que ele descrevera vagamente até agora: a enorme escala de soldados e a coordenação que seriam necessárias, sem mencionar o número de pessoas que morreriam.

Morreriam não, pensou ela. *Não como se houvessem ficado doentes. Elas serão assassinadas… por ele*.

— E não existe outra maneira? — perguntou ela baixinho.

— Ofelia… — falou a voz dele. — Você quer construir um mundo moral, não quer? Um mundo justo, igualitário e são?

— Quero — sussurrou ela.

— Sim. Claro que quer. E às vezes percebo que é preciso muita traição e morte para construir um mundo moral. Simplesmente é assim que as coisas são. — Então, de repente, a voz dele soou bem ao lado dela. — Você sempre soube disso, Ofelia.

Ela se sobressaltou e o encontrou de pé ao seu lado, observando-a.

— O-o quê, Meu Profeta?

— Você sabe de tudo isso — repetiu ele. — Você sabe o que é preciso. Você sabia mais de trinta anos atrás, quando orquestrou a morte do seu marido.

Ela se virou de costas, incapaz de falar.

— Eu estava observando, lembra? — disse Crasedes. — Acompanhei a sua história tão de perto. Você era a filha do fundador da sua casa. E embora Ottaviano parecesse um homem decente quando se casou com ele, como ele foi rápido em voltar os esforços da sua casa para as mesmas coisas que todas as outras buscavam: para impérios, e exércitos, e pequenos reinos leais por todo o Durazzo…

Ofelia Dandolo fechou os olhos outra vez e engoliu em seco.

— Esta não é a cidade onde você foi criada — sussurrou Crasedes. — Não é a casa que você queria governar. Não é o mundo que você queria dar à luz. Você viu um futuro em que não queria viver sendo escrito. E, quando tentou tomar a sua casa de volta, ele se certificou de que você soubesse o quanto era impotente. Então você fez o que era certo. Fez o que era *necessário*. Mas as consequências… as consequências são uma coisa com a qual você se esforça para viver todos os dias, não são?

— Eu não queria isso — murmurou ela.

— Não — concordou Crasedes. — Não queria.

— Existe alguma coisa *podre* neste lugar — comentou ela. — Algo… algo que deforma e distorce os nossos pensamentos…

— É o poder, Ofelia — sussurrou Crasedes. — A supremacia inscreve o espírito muito mais do que qualquer comando que eu pudesse inventar. E é com isso que eu pretendo acabar hoje à noite.

Ela curvou a cabeça, olhou para a cidade e chorou.

— Escute, Ofelia — falou ele. — Escute agora, e escute com atenção.

Ela levantou os olhos, surpresa com a solenidade na voz dele.

— Eu *vou* devolver o seu filho para você — assegurou ele. — Inteiro e saudável e restaurado. Não marcado pelas restrições que um dia colocamos sobre ele. Porque o seu dilema tem um significado *pessoal* para mim. Você não é a primeira genitora a usar a arte para tentar salvar o filho. Nem é a primeira a sofrer as consequências involuntárias dessa escolha. Mas eu *vou* me certificar de que vocês se reúnam.

— Por quê? — perguntou Ofelia. — Por que tentaria fazer isso, Meu Profeta?

— Porque, diferente de outros… Gregor ainda não está perdido — respondeu Crasedes. — Eu mudei a realidade de muitas formas, mas, na minha longa vida, descobri que algumas coisas realmente não podem ser restauradas. — Ele olhou para

a mão direita e pareceu estar se lembrando da sensação de segurar alguma coisa nela.
— E essas são as que mais devemos valorizar. Pois, sem elas, não somos nada.

◆ 28

A luz que entrava pelas janelas altas se fragmentava na escuridão.

O bruxuleio e a dança da chama da vela; o giro sonhador das lanternas flutuantes; corredores de mármore e tetos abobadados e portas ornamentadas.

Um menino alto e bem-vestido surgiu de um turbilhão de imagens, bonito, mas magro e frágil, uma ligeira penugem sobre o lábio superior, os olhos escuros e sensíveis.

O garoto sorriu para ele. *Você está crescendo, irmãozinho!*

Depois o barulho de madeira triturada, o tinido de vidro, e Domenico sumiu.

Silêncio.

Água gotejando, um arrastar de pés e uma lamúria na escuridão.

Luz outra vez, infiltrando-se pelo vidro quebrado das janelas da carruagem. Uma forma ensanguentada no assento do piloto.

Então uma voz: *Gregor? Gregor, você está… está por perto?*

Ele olhou para trás. Uma mão ensanguentada surgiu das sombras do banco de trás. Ela chacoalhava e tremia; no entanto, continuava se estendendo, desesperada para sentir alguma coisa, para que a segurassem, como que para confirmar que não estava sozinha.

Venha até aqui, por favor, implorou a voz, aterrorizada e aflita, a voz de uma criança se aproximando da morte, vivenciando algo que ainda era jovem demais até para compreender. *Eu te amo… Eu… eu preciso… Eu te amo, eu te amo…*

Um grito intenso e violento irrompeu dos lábios de Gregor e ele se afastou da mão que tentava segurar algo, tão desesperado, tão assustado…

Eu não estava ao lado dele, pensou Gregor. *Eu não estava ao lado do meu irmão quando ele mais precisou de mim. Nos seus últimos momentos.*

Então a lembrança se foi.

◆◆◆

Gregor Dandolo acordou na cama e arquejou. Olhou para o teto por um instante, tentando recordar como fora parar lá.

Algo mudara. Ele sabia disso, mas não sabia o quê.

Será que é hoje o dia? Será que vou finalmente acordar diferente do que eu era quando fui dormir?

Mas então sua cabeça começou a latejar com uma dor muito familiar e ele lembrou.

Veneno de dolorspina… Meu Deus. A inscrição. Será que eu realmente…

— Você está acordado — disse a voz de Sancia de algum lugar ali perto.

Ele piscou e olhou para o lado. Ela estava sentada em uma cadeira ao seu lado, exausta e com os olhos vermelhos.

— Sancia? — indagou ele. Sua voz era pouco mais que um resmungo rouco.

— Oi, Gregor.

Ele olhou ao redor. Seu corpo doía como se houvesse forçado metade dos músculos das costas e das pernas.

— Eu… eu…?

— É, funcionou — respondeu ela. — Nós conseguimos. Berenice e Orso estão montando tudo agora. Vamos conseguir trazer Clave de volta muito em breve.

— Ah. — Isso não era, claro, o que estivera prestes a perguntar, e sim *Eu morri mesmo?*, mas ele sabia a resposta.

— Eu… eu quero te contar uma coisa — falou Sancia.

Ele ficou na cama e ouviu enquanto Sancia descrevia a experiência sobrenatural e aterrorizante de ativar a inscrição e testemunhar lampejos de uma noite quase trinta anos antes, quando ele fora uma criança deitada em uma cama sob uma nuvem de mariposas e sua mãe reescrevera a realidade dele. E escutou com especial atenção quando Sancia lhe contou o que ouvira sua mãe dizer, palavras que tinham décadas de idade, mas como pareciam cruas e horríveis hoje.

Quando terminou, ela simplesmente ficou ali o observando, os olhos arregalados e ansiosos.

— Foi ela — disse ele enfim, a voz ainda um resmungo rouco. — Ela… ela matou o meu pai.

— Acho que sim.

— Mas… ela não esperava que Domenico e eu estivéssemos na carruagem com ele quando… quando aconteceu.

— Eu… eu acho que talvez — opinou ela baixinho. — É.

— Não. Talvez não. Foi isso.

— Você sabia?

— Não exatamente. — A lembrança da mãe lhe perpassou a mente, o rosto agredido e machucado e sangrando. *Que cidade você e eu vamos construir*. — Mas é uma coisa que me parece fácil de acreditar.

Ele ficou ali parado por um longo tempo, sem dizer nada. Então perguntou:

— Ela chorou? Nos momentos que você viu, ela chorou?

— Chorou.

— E… parecia sincero?

— Sim. Parecia.

Ele fechou os olhos.

— Isso muda o que eu penso sobre ela.

— Achei que mudaria.

— Mas talvez não da maneira como você imaginava. Ela viu a cidade dela fazendo escolhas erradas e atacou para tentar impedi-las. Nós tentamos fazer a mesma coisa. Mas de repente duvido que teríamos sido minimamente mais bem-sucedidos. — Ele suspirou. — Conflitos e facções e traições… Quando isso acaba? Por que jogar o mesmo jogo de novo e de novo e esperar resultados diferentes?

— Não sei. Gostaria de saber.

Ele olhou para ela por um instante, pensando.

— Se pudesse usar uma varinha mágica e fazer tudo isso sumir, você faria? — perguntou ele.

— Tudo o quê? Tem um monte de merda que eu gostaria que sumisse. Você está se referindo a Valeria? A Crasedes? Às casas?

— Não — respondeu ele. — À inscrição.

— Hã? O que você quer dizer?

— A inscrição é a raiz de todos esses problemas. Polina a chama bem literalmente de magia do mal. E depois do que acabei de passar… Acho difícil contra-argumentar. E sou obrigado a me perguntar: seria melhor se… se a gente simplesmente não a tivesse?

Sancia pensou sobre o assunto.

— Se não fosse a inscrição — respondeu ela finalmente —, seria outra coisa. Terra. Dinheiro. Ferro. Ou, que inferno, até feijões, se Crasedes tiver contado a verdade. As pessoas são criativas. E tudo o que inventam pode ser usado para se colocar acima de todos os outros.

— Então… poderíamos vencer algum dia? — indagou Gregor. — Isso é só uma dança que ficamos repetindo? Será que tudo o que construímos não vai se transformar em nada além de feiura?

— Não sei. — Ela deu de ombros, o rosto estranhamente pensativo. — Sabe… se tivesse me feito essa pergunta cinco anos atrás, quando eu tinha acabado de chegar nesta cidade, trabalhando como ladra nas sarjetas… Eu teria respondido que sim. Tudo o que tem a ver com a inscrição, com o poder, com as casas, eu teria dito que tudo isso só poderia se transformar em feiura.

— Mas hoje?

— Mas… hoje, neste exato momento, estou compartilhando a minha mente, os meus pensamentos, o meu próprio ser com a pessoa que mais amo neste mundo. E isso graças a essa inovação, a essa arte. Nós *criamos* uma coisa linda com tudo isso. E não consigo imaginar retroceder agora. Simplesmente não consigo.

— Vocês ainda estão… conectadas? — perguntou ele. — Inscritas? Duplicadas?

— Seja lá qual for a palavra, estamos.

— E como é?

Ela ficou pensando.

— É como… É mais ou menos como vestir a mentalidade de alguém como se fosse um manto, agasalhando-se com todas as suas lembranças e pensamentos, e não é bem que você veja as coisas como *o outro* vê, mas você entende que todos nós vislumbramos o mundo de ângulos diferentes e que cada um de nós vê apenas uma minúscula parte transitória dele.

Ele a observava, sentindo-se perturbado e ligeiramente espantado. Essa não era

Sancia falando, ele sabia: Sancia tinha muitas virtudes, mas uma articulação floreada com certeza não era uma delas.

Será que ela ao menos sabe que esse pensamento, essas palavras, na verdade são de Berenice? Ou será que ainda existe alguma diferença entre elas?

— É maravilhoso — continuou ela. — Acho que todo mundo deveria experimentar. Não só se colocar no lugar de outra pessoa, mas *ser* essa pessoa de verdade, mesmo que por um momento. É insanidade dizer isso?

Ele ficou parado por um instante.

— Não — respondeu ele com a voz rouca. — Na verdade, eu… não consigo pensar em nada mais lindo.

— É mesmo? Por quê?

Ele encolheu os ombros.

— Eu adoraria ser outra pessoa, Sancia. Mesmo que por pouco tempo.

Ela se inclinou para a frente.

— Então por que não fazer isso?

— Fazer o quê?

— Fazer uma duplicação comigo e com Berenice?

— *O quê?* Quero dizer… Isso funcionaria com três pessoas?

— Não sei por que não funcionaria. Nós todos seríamos… parte uns dos outros, um pouquinho. Talvez isso pudesse te ajudar, Gregor. Ou talvez você pudesse ajudar a gente.

Ele pensou sobre o assunto. A ideia de súbito lhe pareceu tentadora, não apenas porque poderia se tornar outra pessoa, mas porque percebeu o quanto se sentira sozinho por tanto tempo, como uma ovelha doente separada do rebanho.

Contudo, chacoalhou a cabeça.

— Não. Eu não correria esse risco.

— Não faria mal a você. Acredite em mim, eu…

— Não estou preocupado comigo. Estou preocupado com *vocês*. — Gregor olhou para ela. — Crasedes fez alguma coisa comigo. Ele e a minha mãe conseguem controlar os meus pensamentos, as minhas ações, as minhas lembranças. Eu não ia querer que esse controle se estendesse a vocês duas. — Ele começou a se sentar. — Eu ia querer manter o que vocês têm a salvo.

Ela o ajudou a se levantar.

— Você nem sempre precisa brincar de ser o maldito vigia, sabe. Pra variar, você podia fazer alguma coisa para *se* ajudar.

Gregor parou, ponderando.

— Tenho uma pergunta.

— Pois não?

— Se… se você acha que isso funcionaria com três pessoas, poderia funcionar com mais? Tipo, digamos, com um exército?

— Hã? Você quer um *exército* de pessoas com as mentes todas duplicadas?

— Não estou propondo nada. Mas… de repente fiquei imaginando um exército de pessoas, de todas essas perspectivas diferentes, compartilhando-se… Ou talvez uma nação. Uma nação de pessoas verdadeiramente, profundamente unidas… — Ele chacoalhou a cabeça. — Mas agora não é hora para sonhos. Temos grandes trabalhos em número suficiente para fazer hoje, não temos?

Ela suspirou fundo, pôs a mão no bolso e pegou uma comprida chave dourada com dentes curiosos.

— É. Temos.

◆◆◆

— *A solução está completa* — informou Valeria quando eles entraram no porão. — *Confirmei que os comandos que obtivemos de Gregor vão funcionar*.

Sancia olhou para a criação sobre a mesa diante do *lexicon* de Valeria. Parecia uma pequena esfera de cobre que se partia em duas com uma dobradiça, cada lado cuidadosa e engenhosamente entalhado. Ela sabia o que era o aparato e como funcionava, uma das vantagens de estar duplicada com Berenice, que o construíra. Também entendia que era uma das criações mais impossivelmente avançadas já feitas na Periferia da Fundição, se não em Tevanne.

— *Vocês vão ter que colocar a chave dentro da esfera* — falou Valeria. — *E ativá-la. Então eu posso utilizar as permissões para deformar o tempo dentro da esfera para que seja como se a chave tivesse passado por um milênio ou vários. A essa altura, deve ser possível voltar a usar a chave*.

— Simples assim? — perguntou Orso.

— Simples *não. Eu não vou apenas banhá-lo em infinitos anos enquanto ele está no receptáculo. Isso o devolveria para o estado em que estava antes, o que não seria útil. Como eu disse, a simples abertura da minha caixa quase o destruiu.*

— Então o que você vai fazer? — perguntou Sancia.

— *O que vou fazer com o tempo dentro daquele receptáculo* — explicou Valeria — *seria a diferença entre uma pedra sendo jogada em um tanque de ferro derretido e uma pedra sendo habilmente entalhada com um cinzel de ferro. Quando eu terminar, ele não só deverá ser útil para nós, mas também será mais poderoso do que antes. Mas isso vai ser extremamente, extremamente difícil… E vai me fatigar até o meu limite…*

— Sem sacrifícios? — perguntou Gregor.

— *Eu sou milhares de sacrifícios* — retorquiu Valeria com frieza. — *Qualquer sacrifício que pudesse ser necessário já foi feito.*

Apesar da discussão tão sinistra, Sancia não pôde deixar de sentir uma pontada de entusiasmo.

<*Clave*>, falou ela para Berenice. <*Faz três anos. Não posso acreditar. Mal posso acreditar, Ber…*>

<*Eu sei*>, respondeu Berenice. <*Estou ansiosa para conhecê-lo também. Mas…*>

<*Mas o quê? Você acha que não vai funcionar?*>

<*Bem, não tenho certeza. Pode funcionar ou não. Mas… de repente estou preocupada com o fato de termos duas das principais criações de Crasedes Magnus em um único lugar: Clave e Valeria…*>

— E… vai haver algum efeito colateral? — perguntou Gregor. — Como o meu próprio tempo acabou de ser manipulado, estou um pouco preocupado com o que pode acontecer.

— *Sobre isso, estou… incerta* — respondeu Valeria. — *Mas, se está preocupado com tais efeitos, recomendo a realocação para um espaço seguro, talvez entre um quilômetro e meio e três quilômetros.*

Orso chacoalhou a cabeça e se sentou no chão.

— Não tenho tempo para essa merda. Sancia, eu digo que você deve colocar a chave lá, fechar a maldita bola e acabar logo com isso. Sofremos muito tentando fazer Clave funcionar de novo. Gostaria de ver tudo isso terminado.

Sancia tirou Clave do bolso e o fitou. Ainda lhe doía vê-lo naquele estado: um

objeto morto, embotado e inútil, sua voz e sua mente silenciosos e perdidos.

— Ninguém merece isso — falou ela baixinho. — Ninguém merece ficar trancafiado desse jeito. — Então olhou para eles. — Vou fazer isso.

— Então vai logo — incentivou Orso, fazendo um gesto com uma garrafa de vinho.

Sancia foi até a pequena esfera de bronze e colocou Clave lá dentro delicadamente, como se ele fosse não uma chave dourada, mas um rato ferido. Depois fechou a esfera com cautela, passando os dedos sobre as muitas inscrições, os próprios comandos que diziam que o tempo deveria mudar dentro de suas paredes.

<*Essa* é *provavelmente a coisa mais incrível em que já trabalhei*>, sussurrou Berenice em seu ouvido. <*E, para ser sincera, San, me apavora*…>

Sancia fechou a esfera e deu um passo rápido para trás.

— *Você vai ter que apertar o botão em cima do aparato também* — disse Valeria, irritada. — *É* bem *rudimentar*…

— Ah — falou Sancia. — Certo. — Ela deu um passo à frente, apertou o botão e voltou para trás rapidamente.

— *Por favor, esperem* — pediu Valeria. — *Asseverar esses comandos vai… levar… algum tempo*…

Todos ficaram olhando para a pequena esfera, esperando. Sancia se perguntava como pareceria aos olhos: um lampejo de luz, ou uma tremulação no ar, ou a esfera de bronze se despedaçaria com o mero peso de tanto tempo?

Mas isso não aconteceu.

Ao contrário, não pareceu acontecer nada. A esfera simplesmente permaneceu lá.

— Você está… asseverando os comandos? — indagou Gregor.

— *Estou* — respondeu Valeria em um tom de voz estranhamente calmo. — *A alteração está… moderada… por enquanto*…

— Está mesmo funcionando? — perguntou Orso. — Quanto tempo se passou lá dentro?

— *Até agora… mais ou menos quatrocentos anos*…

Orso assoviou devagar.

— Bem, se isso não funcionar, então temos nas nossas mãos um maldito jeito

muito fácil de envelhecer o vin…

E então as coisas finalmente mudaram. Porque o tempo se achatou.

◆◆◆

Dizer que Sancia ficou paralisada no tempo, olhando para a pequena esfera de bronze no porão, seria incorreto. "Paralisada" sugeriria que ela estava parada e que o tempo continuava se movendo à sua volta. E não foi isso o que aconteceu.

Nem seria correto dizer que o tempo parou ao seu redor, pois isso implicaria que o tempo fosse como a gravidade, continuamente mergulhando em uma direção e levando você junto. E ela descobriu que isso tampouco era correto.

Ao contrário, Sancia de repente teve a intensa e esmagadora consciência de estar presa em uma *instância* de tempo (uma fração de uma fração de uma fração de segundo), sem ter passado para a próxima. Em vez disso, ficou lá, presa entre duas instâncias de tempo, como alguém tentando sair de um barco a remo e entrar no próximo, mas sem conseguir ajeitar o pé muito bem para dar o próximo salto, e era como se ficasse ali para sempre.

E sempre.

E sempre…

Ela gritou internamente e o grito pareceu durar tanto uma eternidade quanto tempo nenhum.

E então ela começou a entender.

Os segundos não corriam uns para os outros como um rio para o mar. Em vez disso, cada segundo que já lhe ocorrera (e, portanto, a todos os outros seres humanos ou criaturas vivas na história da existência) era uma instância isolada e separada, e todas elas *ainda* estavam acontecendo em algum lugar, de algum modo, de uma forma que ela nunca tivera ciência até agora.

O tempo em si, a experiência de passar de um segundo a outro, não era real. Ao contrário, era algo que sua mente *inventava* enquanto ela passava de instância temporal a instância temporal.

E, naquele exato momento, ela não estava avançando, então sua mente não tinha capacidade de interpretar o que lhe estava acontecendo.

Ela se esforçava para se manter inteira. Sentia toda a sua consciência se

esgarçando, desembaraçando, rompendo nas bordas, dissolvendo-se de fora para dentro…

Não consigo… não consigo… não consigo pensar, não consigo…

E então alguma coisa mudou.

Algo estava se dobrando e se torcendo em torno dela. Sancia imaginou todas as instâncias de tempo que ainda não haviam acontecido como uma fileira de enormes painéis de vidro, presos pelas extremidades, afastando-se… mas algo se expandia na fileira à sua frente, inchando como um tumor, inchando tão rápido que se aproximava dela em ritmo acelerado.

É Clave, pensou ela. *Ele está chegando. Ele está sendo… trazido de volta através do tempo…*

Mas, enquanto se aproximava, ele estilhaçava incontáveis instâncias de tempo no futuro. E, enquanto elas se desmantelavam, Sancia de repente avistou diminutos…

Fragmentos.

◆ ◆ ◆

Um grupo de pessoas em círculo na praia, de mãos dadas. O sol claro e brilhante. O ar, extremamente frio. Elas permaneceram ali de cabeça curvada, os olhos fechados, sem dizer uma palavra, mal se mexendo.

Mas aí…

A areia no centro do círculo começou a borbulhar, como se estivesse derretendo. Ela fervilhava e se agitava, e alguma coisa começou a se erguer das suas profundezas: uma porta forjada em pedra marrom.

As pessoas permaneceram em volta da porta, as cabeças curvadas, os olhos fechados. Elas a estavam invocando. Estavam pedindo-lhe que passasse a existir e ela estava obedecendo.

Sancia percebeu que elas não estavam sozinhas: havia mais alguém lá, observando-as.

Uma mulher muito velha, o rosto enrugado e envelhecido pela longa exposição ao sol.

A anciã se ajoelhou na areia, observando as pessoas invocarem a porta, e chorou, embora Sancia não pudesse distinguir se eram lágrimas de alegria ou tristeza.

E então, lentamente, a porta começou a se abrir.

◆◆◆

Sancia arquejou e caiu para a frente. Ouviu os outros fazerem o mesmo ao seu redor, gritando ou gemendo ou se lamuriando quando qualquer que fosse a distorção da realidade enfim terminou.

Ela tentou fazer a realidade lhe parecer real outra vez. Tateou avidamente o chão de pedra fria sob os dedos, puxou o ar e o segurou nos pulmões, engoliu em seco e se regozijou com a sensação da saliva descendo pela garganta: qualquer coisa para assegurar que aquilo era normal, que tudo estava funcionando como devia, que sua experiência do mundo não fora… fora…

— Meu Deus! — gritou Orso. — O que eu não faria para apagar *aquilo* do meu cérebro! Eu não queria saber aquilo, eu… não queria saber!

— *Quase terminado!* — exclamou Valeria. Ela parecia aflita e triste, como se o esforço fosse semelhante a tirar um espinho enorme da própria carne. — *Nós… nós estamos quase lá…*

— O que diabos foi aquilo? — indagou Sancia. — O que *foi* aquilo?

— Acho… acho que o tempo ficou muito instável agora há pouco — respondeu Berenice num tom fraco.

— Bem, não me diga! — comentou Orso.

— Mas… acho que, por causa dessa instabilidade toda — continuou Berenice —, talvez a gente tenha vislumbrado pedaços de tempo que ainda… não aconteceram?

Seguiu-se um momento de silêncio assombrado enquanto todos absorviam essa ideia.

— O futuro? — perguntou Sancia. — De verdade?

Gregor olhou para eles, o rosto abatido e suado.

— Não fez sentido nenhum para mim. Vocês… vocês também viram a porta?

— Você também viu? — perguntaram Sancia e Berenice.

Gregor confirmou com a cabeça, o rosto sombrio.

— Foi a coisa mais estranha. Eu… eu simplesmente vi, só por um instante. Enorme, preta, em chamas. As portas pairavam no céu e se abriam para a frente girando em dobradiças douradas…

— Não, não — falou Berenice. — Não foi isso o que eu vi. Vi pessoas na praia e elas curvaram a cabeça e uma porta saiu da areia…

— Foi o que eu vi — comentou Sancia.

— Você viu? — indagou Berenice. — Ou… ou você apenas viu o que *eu* vi… porque estamos duplicadas?

Sancia franziu a testa. Essa possibilidade não lhe havia passado pela cabeça.

— *Eu* não vi merda nenhuma — disse Orso categoricamente. — Talvez tenha sido apenas uma maldita alucinação que vocês tiveram. Vamos nos concentrar no que está realmente acontecendo, por fa…

Então ouviu-se um estalo e surgiram rachaduras no chão de pedra sob os pés deles.

— *Difícil* — falou a voz de Valeria. — *Difícil de conter*…

— Valeria? — disse Gregor. — O que está acontecendo?

— *Sendo deslocada da minha… localização* — explicou ela. — *O ancoramento* é… *difícil de manter nessas… condições*…

As rachaduras foram se espalhando até chegarem às paredes, pelas quais subiram prontamente em zigue-zague, e depois alcançaram o teto.

— *Aconselho… a sua realocação*… — sussurrou Valeria.

— Saiam! — gritou Sancia. — Vão, vão!

Eles subiram correndo as escadas para fora do porão, mas Sancia parou para olhar para a pequena esfera sobre a mesa. Considerou a possibilidade de correr até lá e pegá-la, mas ponderou que, uma vez que Valeria estava naquele momento alterando o tempo do objeto, essa atitude não seria prudente: talvez apenas tocá-la a fizesse envelhecer mil anos.

O teto chacoalhou. A poeira caiu dançando de suas muitas rachaduras.

<*Saia, San!*>, gritou Berenice em sua mente.

Sancia se virou e correu escada acima.

◆◆◆

Os membros da Periferia da Fundição ficaram agachados na biblioteca enquanto o porão rangia e estalava e se fendia. Por toda parte, o ar parecia pulsar com uma energia invisível enquanto Valeria se debatia com as etapas finais da alteração.

Sancia estava meio convencida de que a terra poderia se abrir e engolir a vizinhança inteira.

— Afastem-se do porão! — exclamou Orso. — Saiam e vão para a parte da frente!

Eles correram para a porta de entrada da firma e pararam, ouvindo as rachaduras, prontos para sair correndo para o pátio e para a rua, se necessário. Então veio um imenso estrondo de lá de baixo e os estalos e os rangidos silenciaram.

— *Terminado! Terminado! Terminado enfim, terminado, terminado*… — ouviu-se Valeria arquejar baixinho.

Eles voltaram os olhos para a porta do porão. A poeira jorrava das bordas, quase como fumaça.

— Isso… isso parece seguro para vocês? — perguntou Orso.

Eles esperaram. Não houve mais nenhum estalo ou rangido.

— Vou correr o risco — disse Sancia. — Mas se eu começar a gritar ou coisa parecida…

— Corram como loucos — completou Orso. — Entendido.

— Não, eu quis dizer venham me buscar, seu idiota! — exclamou Sancia. — Meu Deus!

Ela foi até a porta do porão e tentou abri-la, mas a parede devia ter se deslocado, de modo que estava presa na moldura. Ela a ergueu um pouco e, com um ruído, a porta finalmente se abriu.

O porão estava turvo por causa da poeira. Ela vasculhou o bolso em busca de uma pequena lanterna inscrita, pegou-a, acendeu-a e espreitou a penumbra.

Parecia que um galeão de casa comercial havia caído sobre o piso do porão: ele fora completamente pulverizado, inclusive a mesa, que fora reduzida a palitos de fósforo.

No entanto, a esfera de bronze continuava lá, continuava inteira, pousada sobre um monte de madeira quebrada e brilhando sob a luz da lanterna na mão dela.

Sancia desceu cuidadosamente os degraus de madeira, muitos dos quais estavam agora tortos e inclinados. Ela teve de pular os últimos e as solas de suas botas aterrissaram com um baque na superfície fragmentada do piso do porão.

— *As coisas que eu faço* — lamuriou-se Valeria. — *As coisas que eu faço… para*

consertar este nosso mundo…

Sancia se esgueirou até a cratera no centro do piso, se inclinou cuidadosamente e pegou a esfera. Por algum motivo, ela esperara que o objeto estivesse quente ou frio, mas não estava nem uma coisa nem outra: tinha a mesma temperatura que antes.

Olhou para o trinco na lateral e sua pequena dobradiça.

Ah, por favor. Ah, por favor, ah, por favor, ah, por favor…

Ela se preparou, destravou a tampa da pequena esfera e a abriu.

A forma dourada de Clave brilhou lá dentro. Sancia se sentou devagar na pedra pulverizada, as pernas trêmulas, pôs a esfera de bronze no colo e colocou um dedo na haste da chave.

<*Clave? Clave, você… você consegue me ouvir?*>

Silêncio.

Ela esperou e esperou. Mas não veio nenhuma resposta.

<*Clave, você está aí? Você está aí?*>

Silêncio ainda.

Ela sentiu o coração disparado de repente desacelerar e inclinou a cabeça para trás, os olhos fechados.

— De novo não — disse ela. — De novo não, *de novo* não…

— Está funcionando? — gritou Orso da porta aberta do porão. — San?

— Não! — exclamou ela. Estava à beira das lágrimas. — Não, não funcionou. Ele não está falando ele não está…

<*hum*>

Ela abriu os olhos.

— Hã? — comentou ela baixinho.

— Não deu certo? — indagou Gregor. — Não deu certo mesmo?

— Esperem! — pediu ela. — E-esperem, esperem só um minuto!

Ela pegou a chave nas mãos, segurando-a com firmeza, prestando o máximo de atenção que podia.

<*humm*>

Aquela voz, se é que era uma voz, seria de Clave? Ela achava difícil distinguir. Não parecia o produto de um pensamento senciente, parecia mais o barulho que alguém poderia fazer durante o sono.

<*aahhhhhnn*>

<*Clave?*>

O resmungo baixo e sobrenatural continuou por um tempo impossivelmente longo, um constante e prolongado <*aahhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhnnnnnnnnnnnn*>.

Ela ficou ouvindo de olhos arregalados. Deve ter continuado por pelo menos meio minuto sem parar, tornando-se cada vez mais alto.

E então enfim aflorou.

<*aahhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhHHHHHHH GAROTA GAROTA GAROTA GAROTA QUE DIABOS QUE DIABOS QUE DIABOS PUTA MERDA QUE DIABOS!*>

— Ah, meu Deus! — exclamou Sancia baixinho.

Ela ouviu Berenice falando também em sua mente: <*Ah, meu Deus*…>

<*QUEEEEEEEEEE DIABOS ONDE ESTOU QUE DIABOS*>, gritou Clave em sua mente.

— Ele voltou! — exclamou ela. — Eu… eu acho que ele voltou! — Então caiu no choro.

— *Eu só espero* — disse Valeria com a voz fraca — *que não seja tarde demais*.

◆ 29

Alfredo Participazio passou os olhos pelos convidados no Salão Morsini e fez o melhor que pôde para ignorar o suor lhe descendo pelas costas.

Ele nunca estivera no campo da Casa Morsini antes, nem como embaixador nem como representante comercial, e achava a experiência toda embaraçosa. Tudo era tão estranho, tão ameaçador, tão diferente, mesmo ali no *illustris* do campo, o Salão Morsini. Embora o piso xadrez estivesse cheio de pessoas da elite fantasiadas e barris de vinho e multidões resplandecentes, parecia um edifício austero e abarrotado, todo composto de pragmatismo estúpido e carrancudo e janelas minúsculas: um lugar hostil, construído por pessoas hostis, e nem mesmo a alegria abundante conseguia esconder a ameaça.

Ele sabia que eles não estavam apenas celebrando o carnaval, claro. Enquanto o resto da cidade estremecia com os rumores de guerra entre as casas comerciais, os Morsini estavam absolutamente maravilhados. Tanto os Michiel como os Dandolo estavam agora às suas portas implorando por uma aliança, então eles poderiam escolher qual casa vivia e qual morria (e extrair pagamentos consideráveis de qualquer que fosse a casa que apoiassem). A oportunidade era tão formidável que o chefe *de facto* da casa, Rodrigo Morsini, neto do estimável (e agora doente) Torino Morsini, sentiu-se obrigado a celebrar.

E agora Participazio estava sentado à mesa com o resto da delegação diplomática (dez inscritores de elite, nenhum dos quais discutia suas ordens com ele) e observava os muitos festejadores fantasiados perambulando, alguns dançando ao som dos flautistas, alguns se isolando nos cantos para se entregar a atos explícitos de prazer carnal.

Ele não pôde deixar de se sentir tomado de tristeza. *O que estou fazendo aqui?*

Para qual horror fui designado desta vez?

Ele observou as muitas fantasias ousadas, variações dos clássicos tradicionais: o Copeiro das Tempestades, o Arauto das Ondas, a Vanguarda dos Ventos, os muitos Afogados…

E, claro, os incontáveis Papais Monção, vestindo seus mantos e suas máscaras e seus chapéus de três pontas pretos.

Participazio examinou esses, irritado. Então um dos Papais Monção olhou para ele, inclinou a cabeça e começou a vir em sua direção a passos lentos. Os convidados impensadamente abriam caminho para ele, alguns estremecendo de leve, como se uma brisa gelada houvesse roçado suas nucas.

Ah, não, pensou Participazio.

— Faz algum tempo que não vou a uma festa — disse o homem de preto com sua voz grave e sonora. — Não esperava que alguém fosse usar o mesmo vestuário que eu, mas… acho que vou ter que tolerar isso.

Participazio se levantou e fez uma mesura quando ele se aproximou, tentando ignorar a náusea que de repente lhe revirava o estômago.

— Boa noite, rapaz — falou o homem de preto, soando perplexo.

— Boa noite, senhor — respondeu Participazio em voz baixa. Ele fitou os olhos pretos e vazios e seu coração se agitou.

O homem de preto virou a máscara para o resto da delegação Dandolo, que olhou de volta para ele, indecisa.

— E esses são os inscritores que eu solicitei?

— S-sim, senhor.

— Aqueles que têm mais experiência com *lexicons*?

— Sim, senhor.

— Ótimo! — Ele pôs a mão no bolso, tirou um estojo de madeira pequeno e comum e o estendeu. — Estas são para vocês.

Participazio pegou o estojo com as mãos trêmulas e o colocou na mesa. Preparou-se, destravou o fecho e abriu a tampa, convencido de que continha alguma abominação.

Mas não continha. Dentro havia uma dúzia de máscaras de couro branco, mas eram de uma fabricação curiosa: eram totalmente macias e sem emendas e

envolviam a cabeça inteira de uma pessoa, sem aberturas para os olhos, nem para o nariz e a boca, nem para os ouvidos.

— As suas fantasias — explicou o homem de preto.

Participazio tirou uma das máscaras do estojo e a segurou, confuso, enquanto os inscritores pegaram as deles.

— O senhor quer que a gente coloque essas máscaras agora?

— Agora? Não, não. Agora não é a hora. — Ele se sentou perto de Participazio, relaxando na cadeira, e olhou para a multidão. — Mas será logo, desconfio. Agora, vamos esperar.

Eles ficaram sentados e observaram as celebrações. A noite se tornou indistinta para Participazio: os salpicos de vinho, sórdidos e escuros sob a luz das lâmpadas; máscaras talhadas reluzindo em meio às colunas, os rostos fixos, os olhos vazios; os constantes balançar e farfalhar de túnicas de seda; e mãos decoradas com joias saindo de baixo do fluxo das fantasias, ávidas para pegar uma taça de vinho ou segurar um ombro ou acariciar uma nuca descoberta.

Os gritos e os gemidos martelavam a mente de Participazio. *Estou em um dos lugares mais ricos do mundo*, pensou ele. *E, no entanto, tenho a sensação de estar em alguma entranha do inferno*.

Então finalmente veio um estampido de flautas e um som de trompetes. Todos pararam de dançar e conversar e se viraram para a entrada a oeste do salão, contemplando respeitosamente à medida que o desfile começou a entrar.

Era bastante amplo, conduzido por um conjunto de mulheres vestidas como pombas da praia, e depois homens vestidos de Copeiros da Tempestade, as lanças bem erguidas e as coroas reluzindo, e puxavam alguma coisa com uma corda prateada.

Era um trono, viu enfim Participazio, de uns três metros de altura e pintado de um dourado brilhante e apoiado em rodas, e sentado no trono estava um homem com uma fantasia de Papai Monção.

Mas não era uma fantasia de Papai Monção qualquer. Esta estava pintada de dourado brilhante como o trono.

— Puxa — disse o homem de preto secamente. — *Isso* não é irônico?

◆◆◆

<*Espere*>, falou Clave. <*Espere, espere, espere. Garota*…>

<*Sim, Clave?*>, retorquiu ela.

<*Você está me dizendo que me trouxe de volta só para… só para* matar *um cara?*>

<*Bem… não é bem matar, exatamente. É um pouco mais complicado que iss*…>

<*Meu Deus!*>, gritou ele. <*Quero dizer, merda! Ainda é uma coisa e tanto para se encarar ao acordar!*>

Sancia estremeceu. Ela ainda se sentia extasiada ao ouvir a voz dele (exatamente a mesma voz de que se lembrava, a mesma voz que assombrara suas lembranças pelos últimos três anos), mas explicar o dilema deles para um Clave que acabara de acordar estava se mostrando muito mais difícil do que esperara. Não só toda a situação deles se provara mais complicada do que ela imaginara, mas Clave também ficava interrompendo com <*Ei!*> e <*O quê?*> e <*Uau, isso parece ruim!*>. Ela tinha a sensação de que ele ainda estava em alguma espécie de estado frenético após a aceleração do tempo dele.

<*Quero dizer, que merda dos infernos*>, comentou Clave. <*Eu nem sei onde estamos. Isto aqui ainda é Tevanne? Ou a cidade desmoronou durante a minha ausência?*> Uma pausa. <*Espere, quanto tempo eu fiquei ausente? Dois dias, ou semanas, ou*…>

<*Faz três anos, Clave*>, respondeu Berenice.

<*Ei!*>, gritou Clave. <*Quem diabos é* essa*?*>

<*Sou eu. Berenice*.>

Uma pausa.

<*Garota*>, falou Clave. <*Como diabos você conseguiu colocar Berenice dentro da sua cabeça?*>

<*É uma longa história, Clave*>, respondeu Sancia. <*E, francamente, nós não temos tempo para is*…>

<*Chave*>, disse a voz de Valeria com firmeza. <*Chega! Compreenda-me agora*.>

<*Merda!*>, exclamou Clave. <*Tem outra dentro de você!*>

<*Não*>, explicou Sancia. <*Essa é a Valeria, uma*…>

<*Você se lembra de mim, chave?*>, perguntou Valeria. Havia algo estranhamente

formal no tom e no enunciado dela. Sancia jamais a ouvira fazer isso antes.

<*Hã… Não?*>, respondeu Clave. <*Não lembro? Eu deveria? Quero dizer, tenho certeza de que me lembraria de um* lexicon *falante… Espere. Você* é *um* lexicon*?*>

Sancia e Berenice se entreolharam, surpresas.

<*Acho que Valeria consegue ouvir quando Clave conversa com a gente ou quando a gente conversa com ele…*>, sussurrou Sancia para Berenice.

<*… mas ainda não consegue ouvir a conversa entre nós duas*>, murmurou Berenice. Essa parecia uma coisa valiosa para ter em mente.

<*A sua calibração ao presente durou tempo suficiente*>, falou Valeria. <*Nós não temos tempo. Tudo o que precisa entender agora é para que chamamos você aqui. E é para destruir as restrições do Criador e fazê-lo voltar ao estado de morte que ocupava antes.*>

<*O quem?*>, perguntou Clave, apavorado e confuso. <*Criador? Hã? Fazer o que agora?*>

<*Crasedes Magnus*>, explicou Berenice gentilmente. <*O primeiro de todos os hierofantes, ele está aqui, Clave, e é uma ameaça para todas as criaturas vivas nesta cidade.*>

Então se seguiu um longo, longo silêncio, tão longo que Berenice e Sancia trocaram um olhar nervoso.

<*Então… Então o cara que me fez*>, disse Clave fracamente. <*Aquele que me transformou… nisto. Ele… voltou? Ele voltou mesmo?*>

<*Voltou. Você se lembra de alguma coisa sobre ele, Clave?*>, indagou Sancia. <*Porque ele com certeza parece se lembrar de você.*>

<*N-não… não exatamente*>, respondeu ele, embora soasse ligeiramente devaneador. <*Eu… Quero dizer, você sabe que às vezes… eu conseguia me lembrar da sensação dele, mas não sei se lembro mesmo como ele…*>

Mas Orso não conseguiu mais aguentar.

— Essa é uma experiência frustrante como os diabos! — gritou ele. — Não consigo ouvir nada! Vocês não podem manter uma conversa inteira só entre vocês, é uma merda!

— Eu concordo — opinou Gregor.

— Ah — falou Sancia. — Certo. — Ela se esquecera de que Orso e Gregor não

podiam vivenciar o que eles estavam dizendo. — Eu vou… repetir as coisas importantes.

Eles contaram a Clave sobre o envoltório de Crasedes e sobre o osso escondido na mão, o osso que permitia que o envoltório convencesse a realidade de que ele nunca morrera de fato. Sancia se viu falando tanto que muitas vezes ficou sem fôlego.

<*Meu Deus, essa é uma porcaria das grandes*>, comentou Clave. <*Ossos e corpos mortos e coisa pior… E eu… eu admito que não me* lembro *de trabalhar com esses comandos hierofânticos…*>

<*Privilégios elevados*>, corrigiu Valeria.

<*É, claro, esses aí, tanto faz. Mas… Mas Sancia… Não posso deixar de sentir que não é para fazer isso que eu deveria voltar.*>

<*O que você quer dizer?*>, perguntou Sancia.

<*Eu… eu mal me lembro de adormecer… ser resetado, quero dizer. Tudo pareceu acontecer neste único, maluco e apressado momento…*>

<*Você se lembra de eu entrar em você, Clave?*>, indagou ela. <*E conversar com a pessoa que você é? Ou… era?*>

Seguiu-se um longo período de silêncio.

<*Não*>, respondeu ele baixinho. <*Não, eu não me lembro disso. Não sei a que estado fui restaurado, mas… não tenho acesso a essa recordação. Mas me lembro de pensar que você estava* a salvo. *Que, nos meus últimos instantes, eu tinha conduzido você a um lugar* melhor. *Pensei que, se algum dia você me trouxesse de volta, eu a encontraria em algum lugar bem longe de Tevanne e de toda a loucura e a miséria que existem aqui e que você teria… Bem, vou ser sincero, eu não tinha imaginado que Berenice seria a pessoa que estaria com você, porque, sabe, ela parecia um pouco acima do seu nível, e não me leve a mal, vocês duas juntas são fofas pra caramba agora, mas…*>

<*Mas sim*>, interveio Berenice. <*Não era aqui que esperávamos estar.*>

<*Nós sabemos, Clave.*> Sancia suspirou. <*Nós sabemos.*>

<*Eu definitivamente não esperava que você fosse se associar a um fantasma num maldito* lexicon>, continuou Clave. <*Sobretudo um fantasma que parece ter colocado todo tipo de merda maluca na sua cabeça, coisas com as quais eu não consigo acreditar*

que você concordaria, San.>

Sancia e Berenice trocaram um olhar preocupado. Sancia se esquecera de que Clave podia perceber ou mesmo acessar a placa na cabeça dela com tanta facilidade. Mas fazia sentido: Clave sempre fora bom em mexer com coisas inscritas e ela era, em essência, uma coisa inscrita.

<*Você quer dizer… como me tornei editora?*>, perguntou Sancia.

<*Hã?*>, retorquiu Clave. <*Não. Não, não quero dizer isso. Quero dizer todas as* outras *coisas*.>

<*Chave*>, interrompeu Valeria de repente. <*Chave, eu… eu insisto que nos concentremos no Criador*.>

O coração de Sancia se revoltou quando ela ouviu a preocupação na voz de Valeria.

<*Do que você está falando, Clave?*>, indagou ela. <*Que outras coisas estão lá?*>

<*Todas essas… essas* novas *alterações*>, respondeu Clave. <*São umas coisas bem insanas*.>

<*Pare!*>, exclamou Valeria. <*Pare! Nós… nós não temos tempo para isso!*>

Sancia começava a sentir um pavor frio na barriga.

<*O que você quer dizer?*>, sussurrou ela.

— Alguma coisa deu errado — comentou Gregor em voz baixa, observando o rosto de Sancia.

<*O que você quer dizer com o que eu quero dizer?*>, indagou Clave. <*Garota… você não sabe mesmo? Não sabe mesmo o que foi feito em você?*>

Berenice olhou para Valeria.

<*Valeria, do que ele está falando?*>

Mas agora Valeria não respondia.

◆◆◆

A multidão de Morsini bradou sua aprovação ao ver o Papai Monção dourado, o Rei de Todas as Tempestades, o Senhor das Inundações e Imperador dos Mares Agitados. O homem com a fantasia devia ser o próprio Rodrigo Morsini, pensou Participazio: não só era incapaz de imaginar que outra pessoa seria o foco de um desfile desses, mas também ouvira rumores de que Rodrigo era um homem enorme,

alto e forte, e o Papai Monção dourado parecia tão grande que ameaçava esmagar o trono em que estava sentado.

— Bem — falou o homem de preto, afastando-se. — Este é o meu momento. Acho que devo ir andando.

— O-o quê? — perguntou Participazio. — O que o senhor quer dizer?

— Quero dizer — respondeu o homem de preto por sobre o estrondo da multidão — que tenho negócios a tratar com o Mestre Morsini.

— O senhor quer abordar Rodrigo Morsini? — indagou Participazio, horrorizado. — *Agora?*

Ele deu de ombros.

— Não vejo hora melhor.

Começou a andar em direção ao trono em movimento, mas então parou, virou-se e disse:

— Ah, devo lembrar todos vocês… Por favor, não deixem de usar as *suas* máscaras. Isso seria desastroso. — Ele deu um tapinha na lateral da cabeça. — Quando eu retirar a minha, devem colocar as de vocês. — Depois se virou e continuou andando até o centro do salão.

O Papai Monção dourado acenava com alegria enquanto seu cortejo o puxava pelo chão. Eles diminuíram o ritmo em um trecho, a multidão os aplaudindo…

Todos menos uma pequena figura de preto, que saíra da turba para se posicionar no centro do caminho, bloqueando a passagem.

As rodas do trono da Morsini pararam com um rangido.

Participazio observou, tomado por uma sensação de impotência. *Ah, por favor*, pensou ele. *Por favor, não mate todos nós…*

A multidão ficou olhando. Os Copeiros das Tempestades pararam, sem saber ao certo se deviam empurrar aquele homem para o lado.

O Papai Monção dourado se inclinou para a frente e fitou o preto, que o fitou de volta com seus olhos escuros e vazios.

— O que diabos você está fazendo? — perguntou o Papai Monção dourado. — Alguém tire esse idiota do caminho!

E, no entanto, por algum motivo, nem os seus Copeiros das Tempestades nem nenhuma das pessoas da multidão pareciam ter o menor desejo de se aproximar

daquele homem.

— Você me conhece, Rodrigo Morsini? — perguntou o homem de preto, sua voz grave soando firme e clara.

— Certamente não! — respondeu o Papai Monção dourado. Ele olhou para a multidão, fazendo um gesto para os guardas. — Alguém faça alguma coisa! Derrubem-no, levem-no daqui!

— Não — disse o homem de preto num tom mais baixo. — Você me conhece. Todos vocês me conhecem.

Ele ergueu as mãos e tirou o chapéu. E depois começou a tirar a máscara.

Para a surpresa de Participazio, não havia nenhum rosto debaixo da máscara do homem de preto: em vez disso, sua cabeça estava envolta em um comprido pano preto, amarrado por um colar preto que lhe rodeava o pescoço.

O homem pegou o colar com o polegar e o indicador e começou a tirá-lo delicadamente.

E então, embora não conseguisse entender o porquê, Participazio de repente se sentiu tomado de pavor, e compreendeu o propósito das máscaras brancas.

O homem de preto ia mostrar o rosto. E não era para Participazio e os inscritores verem.

Participazio fez um gesto para o restante da delegação e eles se apressaram em colocar as máscaras. Ele arquejou quando o interior de couro engoliu seus olhos e suas orelhas e mal ouviu o homem de preto falar de novo.

— Eu sou o julgamento — disse a voz dele. — E levei bastante tempo para chegar.

Participazio agarrou a máscara que tinha na cabeça e ficou parado, olhando para o interior vazio.

E então os sons abafados… mudaram.

Houve um grito: mudo aos ouvidos bloqueados de Participazio, mas definitivamente um grito.

E depois houve mais, e mais, e mais.

◆◆◆

<*Clave*>, falou Berenice, <*o que tem dentro dela?*>

<*Ah, meu Deus, por onde começar?*>, respondeu Clave. <*Tipo, é, Sancia tem algumas das coisas que eu tenho. Acesso para perceber alterações no mundo até certo ponto e habilidade para interagir com elas e enviar comandos conflitantes. Com certeza. Mas as* outras *coisas*…>

<*A imunidade contra Crasedes?*>, perguntou Berenice.

<*Não, quero dizer as* outras *outras coisas. As coisas em que Valeria faria uma duplicação com Sancia, meio como vocês duas já estão duplicadas. E então ela conseguiria entrar na cabeça de Sancia e… e* se tornar *ela*.>

Berenice e Sancia se entreolharam com absoluto pavor.

— Alguma coisa deu muito errado — comentou Gregor outra vez.

<*Você quer dizer… Você quer dizer que tem algum tipo de mecanismo dentro de Sancia… que permitiria que Valeria* controlasse o corpo dela*?*>, indagou Berenice.

<*Bem, quero dizer… T-tem?*>

Tremendo, Sancia se virou para Valeria.

<*Valeria… isso é verdade?*>

<*O Criador*>, disse Valeria. <*Eu… eu*…>

<*Chega de falar dele!*>, gritou Sancia para ela. <*Me conte a verdade! Você fez mesmo isso comigo e nunca me falou?*>

Seguiu-se um período de silêncio que pareceu durar para sempre.

Então, num tom bem baixo, Valeria respondeu:

<*Verdade*.>

— Ah… ah, meu Deus — sussurraram Sancia e Berenice ao mesmo tempo.

— Droga! — exclamou Orso. — O que aconteceu? O que deu errado?

— Valeria… arquitetou algum tipo de porta dos fundos na cabeça de Sancia — explicou Berenice em voz tênue. — Para poder se duplicar com ela e… e controlar o corpo dela…

— Ela *o quê*? — perguntou Gregor. — Ela quer… *se fundir* com a Sancia?

— *Queria* — corrigiu Valeria rapidamente. — *Não quero, não ma*…

— Não! — exclamou Orso. — Não, isso… Isso é loucura! Uma pessoa não pode… o quê, se duplicar com um pedaço vivo de inscrição, com alguma… deusa artificial que Crasedes inventou!

— Mas você inseriu isso na *cabeça* dela? — perguntou Gregor. — Quero

dizer… Meu Deus! Por que você ia querer uma coisa dessas?

— *Complicado* — respondeu Valeria. Ela soava acossada e defensiva. — *Não era a primeira opção. Não era preferível.*

— Eu que o diga — disse Sancia com raiva. — Já que é a minha maldita cabeça! Quero dizer… o que isso teria feito comigo? Teria me matado? Apagado a mente por trás dos meus olhos?

— *Não. Não teria.*

— Como podemos ter certeza? — indagou Gregor.

— Valeria — falou Berenice. — Você precisa explicar *agora* o que foi que fez com Sancia.

— *Nós não temos tempo* — retorquiu ela.

— Ah, merda nenhuma — interveio Orso.

— *O dia está encurtando* — continuou ela. — *O Criador* vai *agir em breve, se é que já não agiu*.

— Não vou fazer mais maldição nenhuma — avisou Sancia. — Até você me contar o que fez comigo.

Seguiu-se um silêncio tenso.

Então, finalmente, Valeria sussurrou:

— *Tudo bem*.

Outra longa pausa.

— *Quando… Quando alterei Sancia inicialmente* — explicou ela —, *avaliei que para… para escapar das minhas restrições… eu poderia precisar fazer o que o Criador fez para escapar da morte. Assim como ele tinha se duplicado com outra criatura para fugir da destruição mortal, eu precisaria me duplicar com uma criatura para me libertar dos comandos que ele havia colocado sobre mim*.

— Então você se tornaria Sancia — falou Berenice com desgosto. — Era esse o seu jeito de fugir do conjunto de regras.

— … *Verdade. Um pouco.*

— Você é igualzinha a Crasedes — disse Sancia. — Não sei por que devemos dar ouvidos a você. Você me transformou em uma ferramenta, seu… seu *receptáculo*.

— *Receptáculo não* — respondeu Valeria. — *Uma… canalização, um condutor.*

Eu sabia que, se o Criador me reformulasse, eu seria causa de um sofrimento indescritível. Se precisasse me esconder dele dentro da mente de uma garota para evitar esse destino, eu faria isso. Fiz a minha escolha.

— Sua sacana de merda — disse Sancia. — Você fez a sua escolha? E acha que parece tão simples?

— *Imagine* — pediu Valeria. — *Imagine o horizonte inteiro ardendo. Imagine colinas salpicadas de cadáveres. Imagine as ruas vermelhas de sangue. Imagine crianças e famílias devorando umas às outras como cães selvagens. Imagine esses horrores… e saiba que eu* não tenho *que imaginar, pois os vi. Conservo fragmentos dessas imagens, lembranças de civilizações que o Criador quebrou no joelho porque lhe desagradavam. Você diz que eu a enganei, e pode ser que sim. Mas até você entender a escala da devastação que o Criador pode desencadear com as suas artes, não pode entender o peso da minha escolh…*

Então se ouviu uma batida na frente da firma, alta o bastante para Berenice se sobressaltar e soltar um gritinho agudo.

Todos eles ficaram paralisados, se entreolharam e perceberam que alguém estava batendo na porta da frente.

— Sancia! — veio uma voz abafada da biblioteca. — Orso? Alguém? Por favor… vocês estão aí?

— É a Claudia? — perguntou Orso, surpreso.

— Aconteceu… Aconteceu alguma coisa! — gritou Claudia. Ela parecia aterrorizada. — Socorro, socorro, *por favor*!

— *Talvez… eu não precise pedir para você imaginar esse tipo de imagem* — disse Valeria em voz baixa. — *Talvez o Criador já tenha derramado a ira dele sobre a sua cidade*.

Por um momento, os membros da Periferia da Fundição simplesmente ficaram ali, confusos. Então Claudia bateu à porta de novo e gritou:

— Vocês estão aí? Meu Deus, *por favor* estejam…

Sancia olhou feio para Valeria e falou:

— Não terminei com você. Ainda me deve uma explicação fedegosa de verdade, está me ouvindo?

— *Então vou dar a explicação* — retorquiu Valeria. — *Contanto que estejamos*

todos vivos para ouvir.

Os membros da Periferia da Fundição saíram do porão, atravessaram a biblioteca e se aproximaram da porta da frente. Gregor verificou a janela e confirmou que era apenas Claudia.

— Mas… também tem gente correndo pelas ruas — descreveu ele baixinho. — E… acho que posso ouvir gritos. Realmente tem alguma coisa errada.

Eles abriram a porta para ela.

— Ah, graças a Deus… — disse Claudia. — Graças a Deus, graças a Deus… Vim assim que ouvi… Mas só pode ser ele, Sancia, ele deve ter alguma coisa a ver com tudo isso.

— O que há de errado? — indagou Sancia. — O que está acontecendo?

Claudia tremia de pavor.

— As pessoas estão dizendo que… que aconteceu alguma coisa no campo Morsini.

— Os *Morsini* agora? — comentou Orso. — O que eles estão tramando? Meu Deus, eles não vão fazer a própria jogada para conquistar poder, vão?

— Acho que não — respondeu Claudia com uma voz baixa e assustada. — Eu… eu vi muitas pessoas saindo pelos portões do campo e entrando nas Áreas Comuns, e as coisas que elas *diziam*…

— O quê? — perguntou Berenice. — O que estavam dizendo?

Claudia engoliu em seco e sussurrou:

— Que a Noite Shorefall chegou mais cedo na Casa Morsini.

◆◆◆

O piso do Salão Morsini sacudiu quando as pessoas tentaram sair em debandada, e alguma coisa (possivelmente mesas ou cadeiras) tilintava no chão. E, apesar de a máscara tampar seu rosto, Participazio logo sentiu um cheiro vivo e acobreado: cheiro de sangue, pensou ele, e em grande quantidade.

Então ouviu o homem de preto dizendo:

— *Olhem para mim*.

Sem pensar, Participazio ergueu as mãos e segurou as laterais da máscara, pronto para tirá-la do rosto para fazer o que o homem dissera: olhar para ele.

Parou bem a tempo e pressionou as orelhas com firmeza. Gemeu e chorou, e esses ruídos encobriram os comandos do homem de preto, embora Participazio agora soubesse o que eram:

— *Olhem para mim. Olhem. Aqueles que passam a vida em uma extravagância irrefletida, olhem para mim agora*.

E depois…

Depois acabou.

Os gritos se transformaram em lamúria e os comandos cessaram. Participazio cautelosamente ergueu a cabeça.

Então sentiu duas mãos tocarem seus ombros e quase gritou.

— Rapaz — sussurrou o homem de preto em seu ouvido. — Você consegue me ouvir, rapaz?

— C-consigo — gaguejou Participazio.

— Daqui a pouco — murmurou a voz — todos vocês podem tirar a máscara. Não façam isso ainda! Me deem tempo para sair deste lugar. Então podem tirar a máscara e começar a trabalhar. Mas *não* olhem para fora. Entendeu?

Participazio aquiesceu.

— Ótimo.

— Mas… — disse Participazio.

— Sim?

— Aonde o senhor vai?

— Eu? Eu vou sair às ruas, pois muitos mais merecem o que tenho para dar além daqueles que encontrei aqui hoje à noite…

As mãos soltaram os ombros do rapaz.

Participazio começou a contar até sessenta muito, muito devagar.

Quando chegou a sessenta, tirou cautelosamente a máscara. Então viu o que estava diante de si e gritou.

O Salão Morsini estava cheio de cadáveres destroçados e, no entanto, todos pareciam ter sido destroçados por *si mesmos*: olhos arrancados com garfos, rostos lacerados com facas para manteiga, pulsos abertos com cacos de vidro, e por toda parte, *toda parte*, havia sangue, que adquirira uma desagradável coloração roxa sob as luzes das lanternas azuis e vermelhas.

Trêmulo, Participazio viu o lago de sangue se aproximar dele. Contudo, notou que alguém passara por ali recentemente: havia pegadas ensanguentadas se afastando da pilha de corpos e saindo pela porta do salão.

Ele ficou olhando para as pegadas. Depois ouviu os gritos vindo das ruas lá fora.

◆ IV

A Noite Shorefall

◆ 30

Claudia e os membros da Periferia da Fundição subiram no telhado da sede. Gregor pegou uma luneta e examinou o campo Morsini.

— Não consigo ver quase nada com essa luz — disse ele em voz baixa. — Mas… dá para ver que os portões para o enclave interior estão abertos. Porém, muitas pessoas estão saindo. Alguma coisa… alguma coisa definitivamente está acon…

Ele parou de falar.

— O que foi? — perguntou Sancia.

— Tem… tem pessoas se jogando das janelas — respondeu ele baixinho. — Estou vendo… Elas estão pulando das janelas de uma das torres. Eu… Quero dizer, elas estão se *matand*…

Sancia percebeu o que estava acontecendo e tirou a luneta das mãos dele.

— Pare! — gritou ela. — Pare de olhar! Vire de costas! Não tente ver!

— Por que não? — perguntou Orso.

— Quando foi a *última* vez que vimos um monte de gente se matar de repente? — retorquiu Sancia.

— Ah, meu Deus — falou Gregor em tom suave. — Os inscritores do galeão…

— Deve ser isso — disse Sancia. — Tem alguma coisa… alguma coisa errada com o jeito como Crasedes foi restaurado, com a maneira como ele foi trazido de volta à vida. Você não pode olhar para ele. É uma distorção da realidade que te deixa *louco*.

Todos eles deram as costas para a paisagem noturna dos campos, protegendo os olhos.

— Você acha que ele fez o quê, tirou a máscara? — perguntou Orso. — E

está… está apenas caminhando pelo enclave?

— Isso! *Durante* o que deve ter sido a celebração de carnaval deles! Ele está decapitando o maldito campo Morsini inteiro em uma noite sem atirar uma única flecha!

Gregor ouviu os gritos, os olhos semicerrados.

— Bola e garrafas — comentou ele baixinho. — É isso o que está acontecendo, não é? Como o Orso falou.

— Falei o quê? — indagou Orso.

— Que às vezes, no jogo de bola e garrafas, quando você não tem nenhuma boa jogada — lembrou Gregor —, a única jogada é atirar a bola para acertar o máximo que puder, arruinar a estratégia de todos os outros e bagunçar a quadra. E… eu diria que a quadra de Tevanne acabou de ficar muito bem bagunçada para o meu gosto…

— Por quê? — perguntou Claudia. — Por que ele está fazendo isso?

— Não sei — respondeu Sancia. — Não sei por que ele escolheria os Morsini, já que eram os Michiel que estavam se voltando contra a Transportes Dandolo. Os Morsini ficaram bem quietos esse tempo todo. Valeria, alguma ideia?

Eles ouviram a voz incorpórea dela, embora soasse muito mais tênue ali no telhado:

— *Desconhecido. O que esses Morsini poderiam possuir que seria do interesse do Criador?*

— Não faço ideia — disse Orso.

— Nem eu — emendou Berenice. — Achei que eles fabricassem principalmente navios e armas. Força bruta em oposição a… bem, qualquer outra virtude.

<*Clave?*>, chamou Sancia.

<*Oi, garota?*>, respondeu ele.

<*Alguma chance de você saber?*>

<*Hã. Bem. Na verdade, não. Ainda estou me atualizando, embora eu ache que conseguiria navegar pelas suas lembranças para me colocar a par…*>

<*Você consegue fazer isso?*>, indagou Sancia.

<*A gente podia fazer isso antes. Trocar sensações e conhecimento. Mas nós dois… Bem. Estamos bem mais fortes agora*.> Houve uma pausa e Sancia teve a estranha sensação de que Clave acabara de olhar através dela, como se fosse feita de vidro.

<*Além do mais, estranhamente, algumas dessas lembranças podem não ser suas… algo sobre pagar dez duvots para a sua melhor amiga deixar você beijá-la às margens do canal?*>

<*Isso é… isso é meu!*>, exclamou Berenice. <*Por favor, ahh, por favor, não continue olhando!*>

<*Ahh, entendi*>, falou Clave. <*Perdão. Mas escutem: Crasedes precisava da Montanha para reforjar Valeria porque precisava de* múltiplas *cópias daquela definição de Tribuno, empilhadas umas sobre as outras, convencendo a realidade ao redor delas de que qualquer* lexicon *dentro do qual estivessem era semelhante ao próprio Deus. Certo?*>

<*Certo*>, respondeu Berenice. <*Você acha que ele está tentando fazer mais cópias?*>

<*Eu acho que ele* precisa *fazer mais*>, disse Clave. <*É o único jeito de fazer o que ele veio fazer. É preciso uma morte para criar um aparato hierofântico como eu.*> Ele pareceu subitamente amargo. <*E ele acabou de provocar* muitas *mortes*…>

<*Mas ele não pode completar o ritual sozinho*>, interveio Sancia. <*Valeria arrancou isso da mente dele. Ela o deixou avariado*.>

<*Então não sei*>, continuou Clave. <*Talvez ele tenha encontrado uma solução alternativa. Mas, de qualquer forma, ele está fazendo isso para refazer Valeria, e sabe exatamente onde encontrá-la*.>

<*Ah, meu Deus*>, comentou Berenice. <*Ele está vindo para cá. O que vamos fazer?*>

<*Imagino que o imperiato esteja fora de questão*>, falou Clave. <*Considerando que esse cara o projetou e que vocês não querem desativar metade da cidade*.>

<*Certo*>, respondeu Sancia com tristeza.

<*E eu sou a sua grande jogada. Mas, embora você fosse muito boa em invadir lugares, San, duvido que consiga surpreender um homem voador e me espetar na barriga dele ou coisa do tipo*.>

<*É, eu não gostaria que ela tentasse isso*>, comentou Berenice.

<*Então acho que todos vocês precisam começar a pensar*>, advertiu Clave.

— Ei, todo mundo — disse Sancia. — Escutem, além de Clave e do imperiato, o que tem algum tipo de efeito real sobre Crasedes?

Eles pensaram no assunto, tentando ignorar os sons distantes de gritos e berros no campo Morsini.

— A única coisa que já vi funcionar em Crasedes — respondeu Gregor — foi a própria Valeria.

— *Verdade* — falou Valeria. — *Quando alterei o Criador e roubei dele a habilidade de acessar as permissões superiores, tive que atraí-lo para um lugar que eu tinha preparado contra ele. Um lugar que anulasse seus privilégios*.

Orso estreitou os olhos.

— Como é o caso da firma atualmente?

— *Verdade. A firma e as áreas em volta*.

Orso semicerrou os olhos e seus lábios começaram a se mexer silenciosamente. Sancia reconheceu o comportamento: sempre que Orso tinha uma ideia muito ambiciosa, começava a ler a lógica dos *sigils* para si mesmo, certificando-se de que tudo se juntava de forma apropriada em sua cabeça.

— O que foi, Orso? — perguntou Berenice.

— Hein? — Ele se virou para Claudia. — Clau, me lembre como é mesmo que funcionam aquelas suas caixas de aço inscritas.

— Hã? — indagou ela. — Nós, hum, duplicamos a realidade. Como vocês sempre fazem.

— Sim, sim, mas me conte *especificamente* como funcionava!

— Você… você vestia a couraça e… e quando a ativava, a couraça convencia a realidade à sua volta de que ela era a realidade lá da nossa firma, com a grande caixa de aço ao redor dela.

Orso ficou completamente estático.

— *Precisa* ser uma couraça? Poderia ser, digamos… um projétil de chumbo?

— Por que você iria querer que um projétil de chumbo acreditasse estar cercado por uma caixa de aço? — indagou Gregor.

Mas então Berenice gritou:

— Oh!

Sancia olhou para ela, confusa, e depois arquejou quando a revelação surgiu em sua própria mente, indistinguível de seus outros pensamentos.

— Ohhh!

— Você… você não se importa com a caixa, não é? — perguntou Berenice.

— Não — respondeu Orso, o rosto sombrio e fechado. — Me importo com a

realidade *dentro* dela. E se um projétil de chumbo conseguisse convencer o mundo de que a realidade ao redor dele é… é a realidade *aqui* da firma?

— Onde Valeria afeta tudo — completou Gregor vagarosamente. — E as permissões de Crasedes estão anuladas…

— Você atira em Crasedes com esse projétil de chumbo — argumentou Sancia — e quando o projétil o atingir e for ativado, convencerá o espaço ao redor de que é o mesmo espaço daqui, onde as permissões não vão funcionar.

— E ele cai do céu — continuou Orso. — Morto e inativo… e vulnerável.

<*Ei… acho que isso pode funcionar!*>, disse Clave num tom alegre.

— *Isso… poderia funcionar* — concordou Valeria. — *A fabricação de uma ferramenta dessas é possível?*

— São os seus projetos — falou Berenice para Claudia. — O que você acha?

Claudia fez uma careta e inclinou a cabeça.

— Acho que sim. Exigiria trabalho, mas… não vejo motivo para não ser possível.

— Então precisamos começar — afirmou Orso. Outro estrépito de gritos ecoou pelos céus escuros. — Nós temos, o quê, três horas até a meia-noite? É quando ele fica mais forte, então aposto que é nesse horário que vai aparecer. Não faço ideia do que ele está aprontando na cidade, mas… não quero ver a coisa realmente acontecendo.

— *Eu… me comprometo a ajudar vocês com isso* — disse Valeria.

— Bem, quero dizer, claro que você se comprometeria, certo? — retorquiu Orso. — Quer ver Crasedes morto e enterrado tanto quanto nós.

— *Verdade. Mas… insisto que consideremos uma opção de emergência. A alteração que fiz em Sancia*.

— Aquela… aquela em que você se funde comigo? — perguntou Sancia, indignada.

— *Verdade* — respondeu Valeria. — *Não é um processo significativo. Só preciso da mais tênue conexão. Nós nem precisaríamos de um sacrifício, ou esperar a meia-noite. Seria bem parecido com a duplicação de Sancia e Berenice: uma placa que Sancia engoliria e depois uma segunda placa inserida neste* lexicon *que habito, asseverando que nós somos a mesma. Neste lugar, dentro dela, eu posso me tornar uma coisa* nova. *Mas o*

ponto de acesso precisa de um hospedeiro para… funcionar.

— Você quer dizer um ser vivo — falou Gregor. — Do mesmo modo que as placas nas nossas cabeças precisam estar num ser vivo para funcionar.

— … *Verdade*.

— Então é como… uma porta minúscula para um lugar onde você possa se esconder e se refazer — disse Sancia. — E você precisa se duplicar comigo para acessá-la porque…

— *Porque Valeria não tem permissão para criar ferramentas que possam libertá-la da escravidão* — completou ela, soando exausta. — *Então fiz essa porta para alguém que não é Valeria, que é o que eu me tornaria se nos duplicássemos, mesmo que por pouco tempo*.

Seguiu-se um longo período de silêncio. Gregor e Sancia se entreolharam, sem saber ao certo o que dizer.

— *Se serve de consolo* — continuou Valeria, agora soando um tanto amarga —, *a experiência seria profundamente desagradável para mim, como um furão com a pata presa em uma armadilha, forçado a cortar o próprio pé com os dentes*.

Mas Sancia não queria saber de nada daquilo.

— Eu ainda não consigo superar isso… — declarou ela. — Você fez todas essas coisas comigo e nunca me *pediu*. Sequer me contou. Eu nunca ficaria sabendo se não fosse pelo Clave!

<*Hã*>, disse Clave em seu ouvido. <*De nada? Eu… eu acho que é melhor ficar quieto, para ser sincero…*>

— *Eu pretendia contar a você* — falou Valeria. — *Antes de começarmos o nosso ataque final contra o Criador*.

— Por que esperar? — perguntou Orso.

— *Porque… se o nosso ataque não funcionar… então esse terá de ser o nosso último recurso. Precisamos fazer isso, já que* sabemos *que vai funcionar.* Precisamos *considerar essa ideia como alternativa antes de confrontarmos o Criador*.

Todos trocaram um olhar desconfortável, menos Claudia, que, como era compreensível, parecia completamente atordoada com tudo aquilo.

— Precisa ser Sancia? — perguntou Gregor. — Eu também carrego projetos hierofânticos dentro de mim… Se chegasse mesmo o momento, eu não poderia

carregar esse fardo?

— *Nós poderíamos nos fundir* — respondeu Valeria, suspirando —, *mas não nos separar. Eu não construí em você o mecanismo para me refazer e não posso fazer isso agora. Se me duplicasse com você, nós ficaríamos presos: nem bem uma coisa, nem a outra. As nossas mentes reforjadas em… alguma outra coisa*.

Orso torceu o nariz.

— Não… preferível, então.

— *Verdade. Nem um pouco*.

— Então sou eu — disse Sancia num tom áspero. — Eu arrisco tudo, arrisco pôr uma maldita deusa hierofântica dentro da minha cabeça, ou não é ninguém.

— *Verdade. Está correto. É um último recurso. Mas precisamos nos comprometer com ele*.

<*Você está mesmo considerando essa possibilidade?*>, sussurrou Berenice para Sancia.

<*De jeito nenhum!*>, respondeu Sancia. <*Ela mentiu para a gente várias vezes. Mas se fizer Valeria realmente nos ajudar a matar Crasedes, então não me importo. Eu vou simplesmente carregar a placa no bolso e nunca usá-la*.>

— Mostre para a gente o que precisamos fazer — pediu Sancia em voz alta.

— Sancia — falou Orso, perplexo. — É sério?

— Sério — confirmou Sancia. — Estamos falando de milhares de mortes. É um risco que estou disposta a correr.

— *Sensato* — opinou Valeria, um tanto ávida demais para o gosto de Sancia. — *Vou mostrar os* sigils *apropriados. Não deve ser difícil para vocês completarem.*

— E se estivermos errados e ele conseguir passar pelas permissões de Valeria como se não estivessem lá? — indagou Gregor.

— Então revisitamos a ideia de colocar Clave em uma maldita flecha — retorquiu Orso. — Vamos.

◆ 31

Gregor observava a fumaça saindo do campo Morsini. De vez em quando ouvia um *bum* ou um *bang*, sons que não lhe pareciam ser causados por Crasedes.

— É estranho estar aqui agora — comentou Claudia baixinho, sentada no telhado aos pés dele. — Gio e eu subíamos aqui para andar de um lado para o outro e reclamar e desanuviar depois que o Orso nos dava algum prazo. E pensar que eu sentiria saudade dessa época e veria essas imagens daqui deste lugar…

— É — concordou Gregor. Outro *bum*. — Eu… eu sinto como se tivéssemos dormido em cima de um vulcão esse tempo todo, mas agora… Agora ele finalmente entrou em erupção. Finalmente, é guerra de verdade.

Claudia soltou um minúsculo suspiro comprimido.

— O que vamos fazer?

— A mesma coisa que todos os povos fazem nas guerras — respondeu Gregor. — Tentar sobreviver.

Ele ficou se perguntando: quantas vezes estivera naquela situação antes, olhando para a devastação e planejando a melhor maneira de lidar com ela? Imaginou versões de si mesmo ao longo dos anos: um soldado navegando pela primeira vez pelo Durazzo, ansioso para capturar e conquistar; um refugiado saindo da lama de Dantua, louco e delirante; um capitão patrulhando a orla com Chicote ao lado. Uma vida andando em círculos, ao que parecia, revivendo o mesmo momento reiteradas vezes.

Todas as versões de mim são soldados, refletiu. *E… quando a inscrição me domina, eu* ainda *sou um soldado. Ela só me dá um conjunto diferente de alvos e ordens*.

Será que aquela compulsão por viver como soldado viera naturalmente?, perguntou-se. Ou fora implantada dentro dele muito, muito tempo antes, enquanto

incontáveis mariposas o rodeavam…?

Será que a minha vida inteira não passou de um sonho? E quando vou acordar?

Ele se sacudiu e olhou para ela.

— Você deveria ir, Claudia. Logo não vai mais ser seguro para você aqui.

Ela deu uma risada triste.

— Ir para onde? Voltar para a oficina que tenho com Gio? Não vai ser muito mais seguro se o primeiro de todos os hierofantes decidir *realmente* exercitar os músculos.

Gregor pensou sobre o assunto.

— Verdade. Nesse caso… você deveria ir para as Encostas.

— As Encostas? Por quê?

— Existe um acampamento lá. Um acampamento maltrapilho onde você pode comprar todo tipo de…

— Os givanos, é — disse Claudia. — Os escravizados. Eu compro vinho deles o tempo todo. Por que eu deveria ir para lá?

— Porque eles têm navios — explicou Gregor — e estão de partida. Vai ter uma mulher chamada Polina Carbonari esperando lá. Diga a ela que eu mandei você. Se as coisas correrem mal, fale para ela nos esperar. Se as coisas correrem muito mal *mesmo*, entre em um navio e vá, e não olhe para trás.

Claudia pareceu aterrorizada.

— *Você?* Você acha que nós deveríamos sair da cidade? Achei que, de todas as pessoas, você ficaria até a luta terminar.

— A luta — respondeu Gregor — mudou. Então devemos mudar com ela. — Ele voltou a olhar para o campo coberto de fumaça dos Morsini. — Se encontrar Polina… diga a ela que agora seria um momento muito bom para ter um *monte* de inscritores do lado dela. Seria prudente pensar nas firmas da Terra das Lanternas que você admira e nas quais confia, Claudia, e se elas poderiam ser boas aliadas no que quer que esteja por vir, e se elas iriam para as Encostas também.

Ela estava com os olhos bem arregalados agora.

— Você não está falando apenas de ir embora. Você está falando de *evacuar*.

— Alguma coisa desta cidade deve se salvar, se o pior acontecer. Se você for — continuou Gregor — e encontrar Polina e falar para ela que fui eu que te mandei…

por favor, diga também que eu falei que ela estava certa. Que ela estava certa sobre tudo. Mas eu ainda teria feito tudo igual.

— Certo, Gregor, vou dizer.

Eles se abraçaram. Gregor não sabia ao certo por que (Claudia fora uma colega na Periferia da Fundição por apenas cerca de um ano, e eles haviam mantido uma distância profissional e respeitosa), mas de repente um abraço pareceu apropriado, com o céu cheio de fumaça e gritos e o amanhecer tão terrivelmente distante.

Depois ela se virou e foi embora, correndo escada abaixo, e ele a observou enquanto atravessava o pátio da Periferia da Fundição, ainda usando o avental de couro e os óculos de aumento. Ele a observou até ela entrar nas ruas lamacentas mais adiante, e então Claudia desapareceu.

◆◆◆

Com uma hora de trabalho na bala matadora de hierofantes de Orso, Sancia decidiu que nunca na história de toda Tevanne se havia trabalhado tanto para alterar uma bolinha de chumbo.

<*Estou ficando bastante farta e muito cansada*>, falou ela para Berenice enquanto rabiscava algumas sequências de *sigils* em uma lousa, <*de ficar aqui neste porão tentando arquitetar um jeito de sair desta merda insana*.>

<*Acho que quando Estelle tentou destruir a cidade*>, retorquiu Berenice, <*você estava ocupada demais escalando prédios e coisas do tipo. Porque em grande parte foi o que eu fiz daquela vez também*.> Ela mergulhou o buril no bronze cuidadosamente e continuou trabalhando no projétil de chumbo. <*Esta é a vida do inscritor, San: quando acontece uma crise, você não pega a espada nem vai para as ruas. Você fica em uma sala pequena sem janelas e processa os* sigils. *E, além do mais, com Clave e Valeria ajudando, estamos progredindo de forma incrivelmente rápida*.>

O que era verdade. Clave nem sempre fora habilidoso em projetar inscrições. Três anos antes, ele afirmava que só conseguia mexer com um produto acabado e nada mais, mas agora parecia diferente. Opinava, comentando diretamente sobre os planos delas, dizendo: <*É, isso parece mesmo uma ideia horrível*> ou <*Conceito interessante! Mas, se vocês deixarem a localização física confusa demais, o projétil vai detonar como se fosse um maldito vulcão*>. Só de encostar a pele nele, Sancia

conseguia sentir o imenso conhecimento sobre inscrições e permissões e comandos, e isso guiava as escolhas dela enquanto trabalhava, pois, embora a conexão entre eles não fosse tão intensa quanto a conexão entre ela e Berenice, ainda era uma conexão.

<*Clave*>, perguntou Sancia durante uma pausa no trabalho, <*você era inscritor na sua antiga vida?*>

<*Merda, eu não sei. Por quê?*>

<*Porque neste exato momento você parece um inscritor muito, muito bom*.>

<*Bem*>, disse ele com um ligeiro amuo de modéstia, <*você* está *me ajudando muito, garota. Mas obrigado*.>

Ela pensou sobre o assunto.

<*Toda criação hierofântica tem acesso a determinado privilégio, certo?*>

<*Verdade*>, respondeu Valeria. <*Ou um feixe ou espectro de permissões*.>

<*Então… qual é o de Clave?*>

<*Hã?*>, indagou Clave. <*O que você quer dizer?*>

<*Quero dizer, é óbvio que Clave é bom em conversar com dispositivos inscritos e forçá-los a fazer coisas que eles não querem fazer. E ele consegue abrir qualquer fechadura. Mas… foi só para isso que Crasedes criou você? Só isso?*>

<*A chave*>, falou Valeria com certa frieza, <*possui acesso a uma série de privilégios relacionados à circunvenção: a ruptura ou a evasão de barreiras*.>

<*Então… certo, só fechaduras e portas e coisas assim?*>, perguntou Sancia.

<*Uma vez contei para você*>, disse Valeria, <*que o Criador já viajou para outros estratos da existência. Planos da criação. A infraestrutura por trás da realidade*.>

<*E daí?*>

<*Como você acha que ele chegou lá?*>, indagou Valeria.

Sancia lentamente levou a mão ao ponto onde Clave estava pendurado por uma corrente em seu pescoço.

<*Você quer dizer...*>

<*Você quer dizer que eu abri alguma espécie de* porta mágica *no passado?*>, perguntou Clave.

<*Eu não era verdadeiramente senciente naquela época. Minhas lembranças são poucas e esparsas. Mas essa sempre foi a minha suposição. Você quebrou as barreiras entre as camadas da realidade e permitiu que o Criador as atravessasse e conseguisse*

conhecimento oculto, uma ou muitas vezes.>

Houve um longo silêncio.

<*Merda*>, comentou Clave baixinho. <*E eu achava que as portas inscritas comuns eram difíceis o suficiente. E… quem era eu? Você se lembra disso? Você se lembra da pessoa que eu costumava ser?*>

<*Essa informação eu não conservo*>, respondeu Valeria. <*Fui refeita e reforjada muitas vezes no começo. Tenho instâncias de tempo separadas do significado, rompantes e fragmentos de imagens, mas não me lembro de quem você era. Tampouco me lembro de qualquer coisa sobre a sua relação com o Criador*.>

<*Merda*>, repetiu Clave, dessa vez com certa tristeza.

Então Sancia se lembrou. Crasedes lhe dissera algo dentro da Montanha.

Você não sabe como é perder alguém e saber que a vida dessa pessoa não significou absolutamente nada diante de um conflito maior.

Poderia ele estar dizendo a verdade naquele primeiro encontro, quando falou que Clave era amigo dele?

Enquanto trabalhava, continuou pensando na voz de Crasedes ecoando pela escuridão, e se perguntou como ela soara e que palavras pronunciara quase quatro mil anos antes.

◆◆◆

Ofelia Dandolo observava a fumaça e a poeira despontarem no campo Morsini, e intimamente agradeceu a Deus por sua mansão ficar longe demais para ela ouvir qualquer grito.

Por enquanto, pensou. *Pois a guerra tem um modo desconcertante de transbordar muitas fronteiras…*

Ela se afastou da janela e ficou de frente para a coisa que fora construída no centro de seu magnífico salão de baile. A imagem a perturbou ainda mais que a fumaça no enclave Morsini.

Ela não sabia ao certo o que era aquilo ou como chamá-lo. Parecia ser metade de um *lexicon*, ou talvez até menos que isso, construída diretamente sobre o piso xadrez e protegida por uma enorme cúpula de vidro verde.

A ideia de alguém construir um *lexicon* de fundição, ou mesmo a metade de um,

bem no meio do salão de baile de alguém era uma loucura.

A ideia de alguém fazer isso em *questão de horas* era uma loucura ainda maior.

Mas, pensou Ofelia, *ele é capaz de muito mais do que jamais imaginei*…

Como se ela o houvesse invocado com seus pensamentos, ouviu a voz dele:

— Deve estar tudo pronto.

Ela se sobressaltou, ergueu os olhos e viu uma nódoa de sombras passar pela janela aberta no alto do salão de baile, embora a perdesse de vista na escuridão do teto.

Uma sensação de náusea lhe revirou o estômago.

— Meu… Meu Profeta? — disse ela. — Eu… eu achei que estivesse no enclave Morsini.

— Eu estava. — A voz dele saía agora da lateral da cúpula verde do *lexicon*. Ela viu a máscara dele a observando através do vidro, suas feições estáticas distorcidas pelas curvas. — Mas obtenho permissões à medida que a cidade se aproxima da meia-noite. A minha própria gravidade fica fácil de manipular.

Ela olhou para o gigantesco dispositivo debruçado em seu salão de baile.

— É… seguro?

— Seguro o bastante — respondeu ele. — Como eu, o *lexicon* está fraco agora, mas… em breve será poderoso. — A máscara dele se deformou e se alongou enquanto ele flutuava pela lateral da cúpula. — O centro da realidade. Um deus desta cidade, de certa maneira. — Ele parou. — Em alguns instantes, vou trazer o construto para cá. Quando isso acontecer, você precisa estar pronta. Prepare todas as defesas que tiver. Nada deve tocar este lugar. Fui claro?

— Sim, Meu Profeta.

— Ótimo. — Ela o viu se elevar atrás da bolha de vidro verde e se fundir com as sombras do teto. — Agora vou buscá-la, e buscar muitas outras coisas, claro.

— Mas… como o senhor vai fazer isso? — perguntou ela. — Como vai adquirir tantas coisas, todas de uma vez?

— Ah, isso é simples — respondeu ele. Sua voz ecoou de um canto distante do salão. — Primeiro vou apenas pedir e esperar que eles sejam razoáveis. E, se não forem… Bem, tudo é possível tão somente girando uma chave.

Então as sombras estremeceram e ele sumiu.

◆◆◆

Eles terminaram a placa de Valeria e sua definição primeiro. Sancia se sentiu mal ao pegar o pequeno tablete de bronze na mão, o qual era pouco maior que um grão de arroz, e colocá-lo em uma caixinha forrada de veludo.

Até onde sei, esta coisinha minúscula poderia me matar ou reformular o meu cérebro ou abrir os portões do inferno, pensou ela. *Mal quero que encoste na minha pele…*

<*Apenas pegue a placa*>, falou Berenice, <*guarde em algum lugar e esqueça. Agora, ajude a gente a dar os toques finais no maldito projétil de chumbo…*>

Sancia fechou a caixinha e a guardou no bolso. Mas, ao tirar a mão, de repente a sentiu: uma pontada repentina de náusea bem no fundo do estômago. E, por causa da conexão, Sancia sabia que Berenice a sentira também.

— Ah, merda — disse Sancia. — Não, não, não…

— Ah, meu Deus — comentou Orso em voz fraca. Ele olhou para o teto. — Vocês não… vocês não estão sentindo isso, estão?

— Estamos — respondeu Sancia. Ela olhou para o relógio inscrito na parede. Eram apenas onze horas. — Mas… se ele estiver mesmo aqui, então chegou muito cedo… Isso não pode estar certo. *Não pode* estar, né?

Eles ouviram gritos e pés correndo lá em cima.

— *Pode* — falou Valeria. Ela pareceu aterrorizada. — *O Criador veio*.

— *Sancia!* — gritou Gregor. — *Sancia, ele está aqui!*

Sancia deixou Orso e Berenice fazendo o trabalho deles e subiu correndo até o telhado. Encontrou Gregor na beirada, apontando a sudoeste da firma.

Ela estreitou os olhos, espreitou as sombras e avistou a forma de um homem aparentemente sentado no ar a uns seis metros dos portões da Periferia da Fundição.

— Merda — disse ela baixinho.

Ele avançou devagar até parar debaixo da luz errática de uma lanterna flutuante. Suas mãos estavam entrelaçadas na altura da cintura em uma pose estranhamente pacífica e exótica, como um aluno esperando o professor voltar.

— Ele só está… sentado ali — comentou Gregor com a voz rouca. — Esperando. Sem fazer nada.

Seu rosto mascarado se ergueu para vê-la de pé no telhado da Periferia da

Fundição. Ele acenou.

— Merda, merda, merda — falou ela.

— O que ele está fazendo aqui? — perguntou Gregor.

— Não faço ideia.

— A bala está pronta?

— Não.

— Mais quanto tempo?

— Não tenho a mínima fedegosa ideia.

— Então… o que vamos fazer? Simplesmente ignorá-lo?

Sancia pensou no assunto.

— Tenho a sensação de que isso vai deixá-lo irritado e provocá-lo a fazer alguma coisa *muito* ruim.

— Então… não podemos sair. Ele não é burro o bastante para entrar. O que vamos fazer?

Sancia cerrou os dentes, depois estralou as vértebras do pescoço.

— Bem, ele sempre pareceu gostar de conversar.

— Você não está falando sério.

— Estou. Talvez eu converse com ele e o enrole. Assim que aquele projétil estiver pronto… — Ela olhou para ele de soslaio. — Apenas atire quando puder, Gregor.

— Vou atirar.

— E *não* erre.

Ele a fitou, os olhos reluzentes e aflitos.

— Por favor, tome cuidado.

— Vou tomar. — Ela o liberou, depois falou para Berenice: <*Você ouviu tudo isso?*>.

<*Ouvi. Mas, Sancia… Você tem certeza de que essa é uma boa ideia?*>

<*O projétil está quase terminado, certo?*>

<*Quase*>, respondeu Berenice, hesitante. <*Sim. Mas sem você e Clave, nosso ritmo vai diminuir.*>

<*Não temos escolha. Apenas se certifique de que seja feito rápido. Não faço ideia do que ele está planejando quando chegar a meia-noite, mas não quero ver.*> Ela saiu do

telhado e atravessou a firma, apressada. <*Pronto para conhecer o seu criador, Clave?*>, indagou ela.

<*Meu Deus*>, disse Clave. <*Nem sei como responder a essa pergunta, garota. Mas espero que sim*.>

◆◆◆

Sancia sentiu uma turbulência incômoda no estômago enquanto cruzava o pátio até os portões da Periferia da Fundição. A empresa nunca tivera muros particularmente altos (muitas das outras firmas tinham muros maiores), mas naquela noite eles pareciam especialmente diminutos.

Espiou através dos portões quando se aproximou, procurando as sombras do outro lado. Conseguia ver a máscara de Crasedes captando a fraca luz da lanterna flutuante e teve a sensação de que ele não era uma pessoa, mas uma parede de névoa preta comprimindo a firma deles.

Ela parou nos portões e esperou. Ele flutuou devagar para mais perto, seu corpo tenso e imóvel, sentado ereto e de pernas cruzadas sobre nada além de ar.

<*Ahhh, merda*>, comentou Clave.

<*Coragem, Clave*>, incentivou Sancia. <*Você se lembra dele?*>

<*Eu… eu não tenho certeza. Eu… não me lembro de muita coisa. Mas tenho certeza de que não me lembro desta… desta coisa. Deste* demônio.>

<*Não faço ideia do que ele está planejando*>, disse Sancia. <*Mas o que quer que ele diga que quer, vai ter outro motivo para querer*.>

<*A solução alternativa*>, lembrou Clave. <*A maneira de reformular Valeria*.>

<*É. Então precisamos ficar muito atentos, e você me avise assim que perceber qual é a jogada dele*.>

Crasedes parou a mais ou menos um metro e meio dos portões. Houve um longo silêncio. Por um bom tempo, ele não se mexeu… mas então, finalmente, inclinou a cabeça.

— Olá, Sancia — falou ele em tom alegre. — Como você está nesta noite?

— O que você quer, seu desgraçado? — retrucou ela.

— Conversar, claro.

— Sobre o quê? Não consigo pensar em nenhuma maldita coisa que eu queira

ouvir de você.

— Ah, Sancia, estou surpreso… Pensei que o seu comportamento seria um pouco mais conciliador hoje à noite.

— E por que pensou isso?

— Eu acabei de fazer um favor a você, não? Vocês todos não trabalharam para derrubar as suas casas comerciais durante anos? E agora… Agora fui lá e me livrei de uma delas em uma única noite.

Ela o fitou, horrorizada.

— Você quer dizer… quer dizer que os Morsini estão realmente…

— Ah, nem *todos* eles estão mortos — disse ele. — Teria demorado algumas horas para percorrer o campo todo e simplesmente não tenho tempo para isso. Mas os fundadores, os oficiais da casa, as elites, as famílias arraigadas… Pelo menos morreram elegantes, já que era carnaval.

— Como… como você pôde…

— Como eu pude matar pela espada as mesmas pessoas que viveram por ela? As mesmas pessoas que usaram as suas vantagens para saquear, confiscar e oprimir os povos deste mundo? Estou surpreso que você precise perguntar.

— Nem todos são impiedosos como você.

— É verdade. Mas eles eram. Todos os escravocratas são. — Ele a analisou por um momento. — Você sabe disso, porque já foi escravizada, não foi?

— O que, você reconhece pela aparência porque já teve muitos?

— Não — contrapôs ele em tom suave. — Porque já fui um, Sancia.

Ela o fitou, perplexa. Ele esperou pacientemente que ela respondesse.

<*Que diabos?*>, falou Clave. <*É sério?*>

— V-você foi escravizado? — perguntou ela.

— Ah, sim — confirmou ele. — Um dia. Há muito, muito, *muito* tempo. — Ele desviou o olhar, fitando as brilhantes luzes da Terra das Lanternas. — Eu conhecia a arte quando me capturaram — contou em voz baixa. — A mim e à minha família. Eu a levei ao limite para conquistar a minha liberdade, mas… conquistá-la eu consegui.

— Você está mentindo — retorquiu ela. Mas recordou a lembrança de Valeria: o homem envolto em trapos na caverna e o menino moribundo na cama, e como os

pulsos dele estavam cheios de cicatrizes, como os dela, arruinados pelos anos passados em grilhões.

— Não estou, não — respondeu Crasedes num tom educado. — Depois que me libertei, me esforcei para aprender todos os segredos deste mundo para entender o que tinha acontecido comigo, e por quê. Fui a lugares onde nenhum humano vivo jamais foi. Vislumbrei a infraestrutura que torna a realidade possível. Vi as impressões digitais de *Deus*, ainda gravadas nos ossos da criação. E comecei meu longo trabalho para garantir que a atrocidade que aconteceu comigo nunca mais acontecesse com ninguém. — Ele ergueu as mãos. — Mas, seja sincera agora: você acha que eu consegui?

Sancia ficou calada.

— Você não precisa responder. Apenas olhe ao redor. — Ele girou devagar, virando-se para olhar as torres espalhadas em volta. — Faço isso há mais de quatro mil anos. Muitas e muitas e *muitas* vezes, tentei dar à humanidade aquilo de que ela precisa para se aperfeiçoar. E muitas e muitas e muitas vezes, eles escolheram as facções, a guerra e a escravidão. Espere algumas décadas, ou um século, não precisa ser muito tempo, na verdade… e as coisas se degradam e se tornam grilhões, e celas, e correntes, e falta de escolha.

— Por que está me dizendo essas coisas? — indagou Sancia.

Ele olhou para ela.

— Porque estou cansado disso. E porque você precisa ouvir. Acha que mudou as coisas agora com a sua pequena revolução, mas você não sabe. Não resolveu o último problema. Não pode confiar que as pessoas vão usar as inovações de forma compassiva. Não pode dar a elas a escolha da moralidade. Você tem de *forçá-las*.

— E é isso o que você quer fazer? — perguntou Sancia. — Reforjar Valeria e obrigá-la a… o quê, reescrever a natureza humana?

— Ela me concederia controle — respondeu Crasedes. — Controle sobre os limites da moralidade, das ações e dos feitos humanos… — Ele ergueu o rosto para o céu. — Eu garantiria que escravizados *não existissem mais*. Nem impérios. Nunca, nunca mais.

— Você… você quer fazer isso com a humanidade inteira? — perguntou ela, horrorizada. — Transformar todos nós em pessoas escravizadas pela *sua* vontade?

— Se os filhos dos homens não conseguem se livrar da sua predileção por escravizados — argumentou Crasedes —, então os filhos dos homens devem eles próprios ser escravizados. Se eles não conseguem fazer a escolha *certa*, então é melhor simplesmente retirar a escolha por completo. — Ele inclinou a cabeça. — Uma permissão, um privilégio que eu apenas… revogaria. É melhor que o mundo que as suas casas comerciais construiriam. E *com certeza* é melhor do que aquilo que o construto quer.

Sancia sentiu um lampejo de medo ao ouvir aquilo, pois Valeria afirmara que seus comandos contraditórios significavam que ela seria forçada a se destruir.

A menos, pensou a garota, *que ela tenha mentido sobre isso também*…

— Não seria tão ruim — disse ele. — Vocês ficariam com as melhores partes da sua civilização: a capacidade de inovar, de progredir, de construir e refazer o mundo… Tudo simplesmente estaria sujeito à minha avaliação. Eu atuaria como a consciência da nossa espécie, algo que nos falta há *muito* tempo, eu acho…

— Você acabou de matar centenas de pessoas! — gritou Sancia. — Você as fez se matarem! Meu Deus! Como diabos *você* poderia ser a nossa consciência?

— Talvez você esteja certa — ponderou ele. — Talvez eu *precise* de alguém para limitar os meus poderes. Então, por que não me ajudar? Você poderia ajudar a me orientar, ajudar a limitar os meus piores impulsos. Você poderia me ajudar a construir esse mundo novo.

<*Esse cara é mentiroso pra caramba*>, falou Clave. <*Ou ele é louco. Ou as duas coisas*.>

<*Eu sei*.>

No entanto, quando olhou para ele, de repente não teve tanta certeza. Poderia estar falando sério? Poderia estar verdadeiramente fazendo essa oferta?

<*Berenice? Em que ponto estamos com o projétil?*>, indagou Sancia.

<*Só colocando os toques finais nele agora!*>, respondeu Berenice.

Sancia olhou para o lado, para a torre do relógio da Michiel. Ainda pouco mais de onze horas.

<*Você vai ter que falar alguma coisa, San*>, comentou Clave, nervoso. <*Quero dizer… você não pode simplesmente ficar aí*…>

Ela se sacudiu.

— Eu mal entendo o que você e Valeria são. Como poderia ajudar você?

— Bem, você sabe que não posso reforjar o construto sozinho — disse Crasedes.

— Você precisa da definição de Tribuno — afirmou Sancia.

— Preciso — concordou Crasedes. — No entanto, você tolamente deu a definição para o construto. E ela reorganizou a natureza da realidade aqui — continuou ele, inclinando-se de leve para trás, como que examinando alguma estrutura invisível —, então não posso me aproximar dela. Mas… acredito que você ainda possua uma solução para esse problema em particular?

<*Ahhh, merda*>, falou Clave.

Ele inclinou a cabeça.

— Você ainda está com Clave, certo?

— Por que ele te ajudaria nessa questão? — perguntou Sancia. — Não é como se Valeria tivesse colocado uma grande porta trancada entre você e ela.

— Hum… — começou Crasedes. — Para colocar em termos que você possa entender, o construto criou um muro. Mas Clave me daria permissões para atravessar a sua realidade como um peixe miúdo entre os juncos no rio e *ignorar* as alterações do construto. — Ele levantou a mão direita. — Permissões que ele só pode acessar com o meu toque.

Sancia fitou a mão dele com a visão inscrita, o olhar fixo na brilhante estrelinha vermelha enterrada naquela palma, o osso escondido que lhe permitia persistir neste mundo.

— Ele deve ficar comigo — declarou Crasedes. — E você também. E todos os escravizados. E então você e eu podemos reforjar não só o construto, mas toda a civilização humana. Para *melhor*.

Ela olhou feio para ele. Depois conversou com Berenice:

<*Berenice? Quase pronto?*>

<*Quase!*>, gritou Berenice. <*Quase, quase! Continue enrolando!*>

— Isso é besteira — disse ela. — Sei que você precisa de múltiplas cópias da definição para fazer os comandos funcionarem, e agora existe apenas uma. E sei que você não pode copiá-la porque Valeria roubou o ritual da sua maldita cabeça.

Ele aquiesceu educadamente.

— Isso é verdade.

— E mais: mesmo que você tivesse múltiplas cópias da definição, a Montanha se foi. Você não tem nenhum *lexicon* ou estrutura ou dispositivo especializado que pudesse realmente *usá-las*.

— Ah, bem, essa informação não está exatamente correta — falou Crasedes. — Esta cidade por si só não é uma estrutura? Quero dizer, pense nos seus *lexicons* como uma gigantesca rede de construtos por todas as suas ruas e canais, todos contorcendo a realidade a torto e a direito. Nenhum deles sozinho poderia se comparar às obras que Tribuno realizou na Montanha, mas… se houvesse um modo de coordená-los, de *sincronizá-los*… Bem, então esta cidade inteira seria semelhante a um imenso dispositivo, certo?

Sancia piscou, surpresa, e sentiu a pele ficar arrepiada.

Ah, não.

<*Ah, merda*>, disse Clave. <*Garota… estou começando a achar que ele encontrou um jeito…*>

Ela engoliu em seco.

— Você… você não matou os Morsini por alguma espécie de obrigação moral, não é? — indagou ela.

Ele não se mexeu nem falou.

— Eu não podia imaginar que eles tivessem qualquer coisa do seu interesse — continuou Sancia. — Mas eles tinham. Eles tinham uns cem *lexicons*, talvez mais. E se… se você quisesse transformar a cidade inteira em uma maldita forja gigantesca capaz de refazer Valeria, precisaria de tantos quanto possível, não é?

— Isso é verdade! — exclamou ele com alegria.

— Qualquer um deles sozinho não seria útil — prosseguiu ela. A garota tinha a sensação de que seu corpo todo estava tremendo agora. — Mas… mas se você tivesse como duplicar todos eles, *todos os* lexicons *da cidade inteira* transformados em um imenso dispositivo distribuído e sincronizado, você poderia… você…

— Poderia controlar toda a realidade desta cidade — completou Crasedes — como se fosse o próprio Deus deste lugar. Bem, com certeza. Com certeza poderia.

◆◆◆

Gregor estava no telhado segurando a espringal impressora, o coração palpitando no

peito enquanto observava Sancia diante dos portões fechados sussurrando para a coisa nas sombras.

Você me transformou nisso, pensou ele, olhando para o vaivém da máscara reluzente enquanto conversavam. *Você… você me tirou de mim. Você e minha mãe*.

E então Crasedes fez algo incomum: de repente, ele desviou o olhar de Sancia e se virou para o telhado da Periferia da Fundição, como se visse Gregor agachado lá.

Um lampejo de memória: o ar cheio de mariposas, esvoaçando e girando e bruxuleando na escuridão.

Depois uma voz, baixa e grave e suave, bem ao lado do ouvido: *Gregor Dandolo*…

Por um momento, Gregor teve a avassaladora impressão de que havia alguém de pé bem ao seu lado, alguém envolto em preto, observando-o.

Ele se virou para olhar. Entretanto, não havia nada ali a não ser sombras.

Gregor começou a ficar arrepiado. *Ele… ele me disse alguma coisa. Eu me lembro agora. Não disse? Ele sussurrou algo no meu ouvido, na Montanha*…

— Gregor? — chamou uma voz. — *Gregor!*

Ele voltou a se virar e viu Berenice no alto da escada com Orso, segurando uma pequena caixa de madeira na mão.

— O-o quê? — perguntou ele. — O que está acontecendo?

— Está pronto! — respondeu Berenice. Ela estendeu a caixa para ele.

Ele a pegou e a abriu. Olhou para o pequeno projétil de chumbo ali dentro, coberto de intrincados *sigils* apertados.

— Atire no desgraçado! — exclamou Orso. — Atire agora, atire *agora*!

◆◆◆

Sancia tentou agrupar os pensamentos.

— Nós… nós fizemos tudo para você, não fizemos? — sussurrou ela.

— Fizeram — concordou Crasedes. — Só preciso de uma amostra da sua técnica. Mas isso pode ser encontrado na sua firma, logo ali, certo? E agora os Morsini estão desorganizados, sem cabeça e desnorteados, todos abandonando o campo… Imagino que seria simples reunir um grupo pequeno de forças da Dandolo para ir direto às fundições da Morsini e realizar os ajustes necessários para

a implementação…

Sancia se sentia tonta e se esforçava para pensar.

— E eu não preciso fazer nada com os Michiel, preciso? — indagou ele. — Vocês já os ludibriaram a duplicar suas fundições… Sabe, você parece desconfiar tanto do controle, Sancia, porém concedeu a si mesma uma boa dose de controle sobre *grande parte* da cidade…

Então ela ouviu Berenice em sua mente:

<Está pronto! Está pronto! Mantenha-o parado só por mais um segundo, San, Gregor vai atirar!>

◆◆◆

Gregor pôs o pequeno projétil de chumbo na espringal, levou-a ao ombro e mirou.

Seus dedos se apertaram em torno do disparador. Como ele queria atirar, soltar aquele pedacinho de chumbo e derrubar aquela coisa e ver Sancia e Clave o despedaçando…

Mas aí ele se lembrou. Enfim se lembrou do que Crasedes lhe sussurrara na noite anterior na Montanha, pouco antes de massacrar todas as tropas.

Gregor Dandolo. Não se esqueça de que a dívida da sua mãe ainda não foi paga.

Ele ficou paralisado.

◆◆◆

Sancia ficou no pátio, esperando.

O disparo nunca veio.

Ela olhou para o telhado, dominada pelo pânico. Não conseguia entender por que Gregor não atirara ainda, por que o pequeno projétil de chumbo não saíra voando da escuridão, por que Crasedes não caíra morto e inativo bem diante dos seus olhos.

— Você ainda não me deu uma resposta — disse Crasedes baixinho.

— Sobre o quê? — retrucou Sancia.

— Sobre a oferta que fiz para você — respondeu ele. — Eu não *preciso* ter você do meu lado.

Vamos lá, Gregor, pensou ela. *Vamos lá, vamos lá…*

— Eu sei, por exemplo, que vocês estão prestes a tentar me atacar.

Sancia parou de se mexer. Sentiu o pulso martelar nos ouvidos.

— O-o quê? — perguntou ela.

— Eu sabia que vocês tentariam — respondeu ele. — Vocês são habilidosos e impetuosos. Mas não vai funcionar. Assim como tudo o que vocês fizeram para libertar esta cidade não funcionou, nem jamais poderia.

Ela deu um passo atrás, afastando-se dos portões.

<*O que diabos está acontecendo?*>

<*Não faço ideia, garota*>, falou Clave.

— Nenhuma ajuda está a caminho agora — declarou Crasedes. — Conheço muito bem essa sensação… Esperar infinitamente que alguém, qualquer um, venha e salve você. E, no entanto, eles nunca vêm. — Ele estendeu a mão. — Me dê Clave e pouparei os seus amigos.

Sancia olhou para a mão dele.

<*Garota?*>, chamou Clave. <*Garota, você vai mesmo… Vai mesmo considerar ess…*>

— Pense, Sancia — pediu Crasedes. — Venha ser uma libertadora comigo.

A voz baixa e suave de Crasedes ecoou em seus ouvidos e as palavras de Clave pareceram sumir.

De repente, ela se lembrou de como fora a vida nas lavouras: todos aqueles corpos miseráveis amontoados em barracas, a pele queimada e marcada pelas cicatrizes deixadas pelas cordas e pelos chicotes e pelos grilhões e pelas correntes. Como ela sonhara com um emancipador, um guerreiro que chegaria e acabaria com todos os escravocratas…

E, por um fragmento de segundo, ela sonhou com aquilo: sonhou consigo mesma obrigando todos os escravocratas do mundo a baixar as armas, e soltar as correntes, e libertar as pessoas.

Mas então seu olhar recaiu sobre Crasedes e os olhos pretos e vazios de sua máscara, e sua mente se aquietou e seu coração diminuiu o ritmo.

— Você estava certo — disse ela baixinho.

Ele inclinou a cabeça.

— Estava?

— Estava — repetiu ela. — Você falou que o poder altera mais a alma do que qualquer projeto que se poderia sonhar. E estava certo. E transformar esta cidade em uma ferramenta e colocá-la nas suas mãos… tornaria você ainda mais monstruoso do que é agora. Apesar de todo o seu misticismo e a sua retórica, não existe diferença entre você e as casas comerciais.

Crasedes a analisou por um longo, longo período. Depois suspirou e curvou a cabeça.

— Bem, é uma pena. Gostei de você, Sancia. Mas existe um ponto em que não sou como as suas casas comerciais.

— Qual?

Ele a fitou.

— Eu não preciso entrar aí e conquistar o que quero. Só preciso dizer algumas palavras.

Então Crasedes se virou para o telhado da Periferia da Fundição e gritou de forma bem clara:

— *Gregor Dandolo, a dívida da sua mãe comigo ainda não foi paga!*

◆◆◆

Gregor sentiu o mundo ao seu redor ficar estático e frio e silencioso, encolhendo até que tudo estivesse acontecendo muito, muito, muito longe dele.

Ele conhecia isso. Conhecia aquela sensação. Lembrava-se dela agora.

Não, não, gritou ele. *Não, não! Pare!*

Ele se viu deixando a impressora cair, virando-se, empurrando Berenice e Orso para o lado e descendo a escada às pressas.

Viu-se saltando da escada, correndo para a porta da frente da firma, escancarando-a e saindo.

Eu tenho escolha sobre quem sou! Eu… eu tenho escolha! Não quero mais ser isto! NÃO QUERO MAIS SER ISTO!

Mas seu corpo não lhe dava ouvidos.

◆◆◆

Sancia se virou quando a porta da firma foi aberta com força. Gregor saiu de lá e perscrutou o pátio, o rosto mortiço e frio, os olhos como pedras úmidas no fundo do crânio. Então ele a avistou e ficou estático.

<*SANCIA, CORRA!*>, gritou Berenice. <*CORRA, CORRA, CRASEDES O ATIVOU, NÃO SEI COMO, MAS ELE O ATIVOU!*>

Contudo, não havia nenhum lugar para onde correr. Fora do portão estava Crasedes, e dentro estava Gregor.

— *Sancia!* — falou a voz de Valeria, tênue e fraca. — *Precisa se mexer. Ele vem em busca da chave! não deve deixar o Criador pegar a chave!*

Gregor começou a andar em direção a ela.

Ela se afastou.

— Gregor… — disse ela em voz alta. — Você… você não tem que fazer isso…

— *Use a placa!* — implorou Valeria. — *Engula a placa! Funda-se comigo! Liberte-me!*

— Você pode se tornar outra pessoa — falou Sancia para Gregor. — Você pode *escolher* se tornar outra pes…

Mas então Gregor, os olhos ainda frios e mortiços, começou a correr.

<*GAROTA, CORRE LOGO!*>, aconselhou Clave. <*CORRE LOGO, CORRE, CORRE!*>

Ela se virou e correu para o canto mais afastado do pátio, para talvez escalar a parede e depois a fachada do prédio para subir no telhado. Todavia, quando tentou pegar no primeiro apoio, percebeu que nem de longe estava suficientemente em forma: seu pulso latejou de dor quando ela se ergueu e suas pernas estavam mais fracas do que se lembrava, batendo inutilmente na pedra enrugada.

E então ela foi puxada para trás e, quando deu por si, estava voando pelo pátio.

Sancia bateu na pedra, perdendo todo o fôlego, o braço e a perna direitos doendo muito. O mundo parecia rodar à sua volta e ela piscou e se concentrou até ver Gregor indo para onde estava, estendendo os braços em sua direção.

Ele me arremessou, pensou ela. *Meu Deus, se ele é forte assim, ah, meu Deus…*

— *Gregor, pare!* — gritou uma voz. Sancia alçou o olhar e viu Orso sair pela porta aberta da firma. — *Pare com isso agora! Simplesmente pare, pare!*

Orso correu até Gregor, as mãos erguidas enquanto tentava acalmá-lo, mas Gregor nem pareceu diminuir o ritmo. Ele agarrou Orso por um dos punhos e

atingiu duas vezes seu ombro ferido, as bandagens ensanguentadas respingando com os golpes. Orso gritou de aflição e caiu ao chão, o rosto contorcido de dor.

<*Sancia!*>, gritou Berenice. <*Eu tenho uma ideia! Eu só… só preciso chegar lá rápido o bastante!*>

Mas Sancia mal conseguiu ouvir as palavras, pois Gregor estava se virando novamente para ela.

A garota rolou e tentou se afastar rastejando, arfando de dor.

— Gregor… não… — arquejou ela.

Ele correu até ela com uma velocidade surpreendente. Ela o sentiu virá-la, sentiu as mãos dele se fecharem ao redor do seu pescoço, sentiu-o começar a apertar…

Os dedos dele lhe pressionaram a garganta. Ela sentiu o ar e o sangue se comprimindo e arquejou em silêncio, os olhos inchando de sangue, enchendo-se de lágrimas.

— Gregor — disse Crasedes em tom plácido —, acho que eu gostaria de pegar a chave agora, sim?

Gregor soltou a garganta da garota. Começou a revistá-la, vasculhando seus bolsos enquanto ela tossia e arquejava em busca de ar. Ele encontrou a caixinha de madeira com a placa de Valeria (a que ela fizera para se fundir com Sancia) e a fitou, os olhos arregalados piscando rapidamente.

Mesmo enquanto tossia, Sancia pôde ver que algo estava diferente.

Ele sabe o que é, refletiu ela, *e… e está pensando muito*…

— Gregor? — falou Crasedes. — A chave, por favor.

A apatia voltou aos olhos de Gregor. Ele pôs a caixa no bolso, depois se ajoelhou e rasgou a camisa dela, revelando onde Clave estava pendurado por um cordão.

— E eu aconselho que a pegue com um pano — acrescentou Crasedes. — Foi feita para a *minha* mão, mas… se eles a danificaram ainda mais, suponho que talvez tenha algumas permissões que tornariam um pouco difícil para você seguir os meus comandos…

Gregor rasgou a manga da própria camisa e a enrolou na mão, que estendeu para pegar Clave.

<*Garota, não! Garota, por favor, por favor faça alguma coisa, por favor* FAÇA ALGUMA COISA*!*>

Sancia bateu debilmente na mão dele. Gregor se afastou. Depois ergueu o punho e socou o rosto de Sancia uma, duas, três vezes, depois quatro…

Ele vai me matar, pensou ela. *Meu amigo vai me bater até eu morrer, bem aqui no meu pátio…*

Os golpes pararam. A consciência de Sancia não passava de uma vela bruxuleante perdida nas catacumbas do seu crânio, mas ela ainda conseguia ouvir Clave.

<*Garota, garota, por favor! Por favor, não me traga de volta só para me perder outra vez! Por favor, não me traga de volta só para me perder* OUTRA V…>

Então a voz dele desvaneceu.

Sancia tentou recompor sua mente. Piscou e gemeu e abriu os olhos, mas um deles parecia não se abrir por causa do inchaço. A sensação era a de que haviam se passado horas desde que Gregor batera nela, mas aparentemente haviam se passado apenas segundos.

Ela estava deitada de costas no chão, então quando olhou para Gregor, o mundo todo estava de cabeça para baixo. Viu quando ele se afastou, segurando Clave com um pano, abriu os portões da Periferia da Fundição e saiu calmamente.

— Gregor — gemeu ela. — Por favor. Pare!

Mas ele não parou. Foi até Crasedes e lhe entregou Clave.

Crasedes estendeu a mão, seus dedos envoltos em preto se movendo lenta e amorosamente, e tomou a chave dourada da mão de Gregor.

Ele a levantou bem alto, o rosto mascarado erguido em um gesto de adoração.

— Finalmente! — exclamou Crasedes. Ele ergueu Clave até a altura do rosto e encostou a testa no dente da chave (uma atitude estranhamente sentimental), e, quando voltou a falar, sua voz estava trêmula de emoção. — Como senti sua falta! Como *senti sua falta*!

Depois estendeu Clave no ar à sua frente como se o estivesse encaixando na fechadura de uma porta invisível.

E então…

Houve um grande estrondo, como se uma rocha imensa e espessa houvesse se partido em duas.

Depois Crasedes se tornou um borrão e desapareceu.

◆◆◆

O mundo inteiro ficou em silêncio.

Sancia piscou e ficou olhando. Ela esperara algo mais aterrorizante, alguma explosão resplandecente de poder, mas Crasedes apenas sumiu. E agora que ela estava notando, Gregor sumira também.

— O-o quê? — perguntou Sancia, atônita.

Ela fitou a rua lamacenta diante dos portões da Periferia da Fundição. Estava totalmente vazia; no entanto, conseguia ver as pegadas onde Gregor andara até Crasedes.

— Valeria? — chamou Sancia. — O que… o que ele fez? Aonde ele foi? O que está acontecendo?

Mas Valeria permaneceu calada.

<*Valeria? Você está aí?*>, indagou ela.

Nada.

Sancia se sentou devagar, cuspiu um bocado de sangue e olhou ao redor. Não havia nenhum sinal de Crasedes nem de Gregor. Orso estava caído nas pedras do pátio, gemendo.

Ela rastejou até ele e o chacoalhou.

— Orso? Você ainda está vivo?

Ele gemeu de novo e respondeu:

— Infelizmente. — Abriu os olhos. — O que… o que diabos aconteceu? Onde está Crasedes? Onde está Gregor?

— Não sei. Eles simplesmente… desapareceram. Não sei como, mas…

Ela se lembrou das palavras dele: *Mas Clave me daria permissões para atravessar a sua realidade como um peixe miúdo entre os juncos no rio*…

Sancia olhou em volta, imaginando Crasedes percorrendo os estratos por trás da realidade como uma barata correndo detrás de uma tapeçaria.

Ah, meu Deus, pensou ela. *Ah, meu Deus*…

— Berenice? — arfou Orso. — Ela está viva?

Sancia se concentrou e procurou estabelecer contato com ela. Sentiu que Berenice estava viva e a salvo e se mexendo, mas sua própria cabeça doía tanto que

era difícil captar muito mais que isso.

— E… Valeria? — perguntou Orso. — Ele… ele chegou até ela?

Ignorando a dor no braço e na perna direitos, Sancia entrou mancando pela porta da frente e passou pelas estantes da Periferia da Fundição até chegar à porta do porão. Espiou lá dentro, olhou para o cômodo de pedra rachada e viu que o *lexicon* de Valeria desaparecera.

— O quê? — indagou ela. — Como… como…

Ouviu-se um estrondo atrás dela, e Sancia se virou e encontrou Crasedes ali na biblioteca, observando-a. Era como se houvesse surgido do nada, e então percebeu o brilho dourado na mão dele.

— Clave… — murmurou ela.

A garota cambaleou para trás, seu coração palpitando de pavor. Vê-lo ali, no santuário deles, perambulando livre e desimpedido…

— Eu poderia matar você — sussurrou ele. — Você sabe disso, certo?

Ela não respondeu nada, sua mente transtornada e emudecida pelo medo.

— Você sabia? — perguntou ele. — Você esperava que eu fosse invadir? Foi por isso que escondeu?

— Escondi o quê? — retorquiu Sancia, confusa.

— Me diga a verdade — continuou Crasedes. — Me diga a *verdade*. Onde está?

As palavras dele rodopiavam em seus ouvidos e ela não conseguia combatê-lo. De repente, não queria nada além de contar a ele onde estava, mas ela não sabia do que ele estava falando.

— Onde está o quê? — arquejou ela.

— O imperiato — respondeu ele. — Onde está?

— O-o quê? — indagou ela.

— O imperiato — repetiu ele mais alto. — Eu sei que você estava com um. Sei que sabe usá-lo. Deveria estar aqui. Mas sumiu. Então, onde está agora?

Sancia olhou em volta, a cabeça doendo.

— Eu… eu não… — Ela podia notar que suas palavras estavam arrastadas e pastosas.

— Você sumiu com ele? — insistiu Crasedes. — Escondeu em algum lugar da cidade? Ou será que eu devo perguntar a Orso e *forçá-lo* a me contar?

Ela caiu de joelhos, a cabeça latejando.

— O-o que você fez com Valeria? — indagou ela.

— Eu a coloquei em uma contenção segura — respondeu ele raivosamente. — Mas isso pode ser ameaçado se alguém usar o imperiato de forma incorreta. Então, onde está? Quem está com ele? O que você fez, Sancia? Me conte, *agora*.

Sancia ficou de quatro. Viu sangue pingar nas tábuas do assoalho e percebeu que seu rosto estava sangrando muito. Mal conseguia entender o que ele dizia. O imperiato estivera ali na Periferia da Fundição apenas alguns minutos antes, não imaginava por que ele não conseguia encontrá-lo.

Mas então se perguntou…

<*Berenice*?>, chamou ela.

Ela não conseguiu uma resposta firme. Talvez Berenice estivesse apavorada demais para pensar direito. Mas recebeu um súbito arroubo de emoção: de assentimento, de confirmação, de validação.

Berenice está viva em algum lugar. Ela escapou. E está com o imperiato.

— Não tenho ideia — arquejou Sancia. Ela olhou feio para ele, sentindo o sangue escorrer dos seus lábios. — Mas espero que, onde quer que esteja, ele transforme todos os seus planos grandiosos em merda.

Imóvel, ele a observou. Então se ouviu um barulho no pátio, um estrépito de passos e depois Orso gritando xingamentos, e de súbito dezenas de soldados da Dandolo entraram pela porta da frente da Periferia da Fundição. Eles inundaram a biblioteca, todos eles com as espringais erguidas e apontadas para Sancia.

— Decepcionante — falou Crasedes. — Mas, de algum modo… acho que está mentindo, Sancia.

Um dos soldados pegou uma caixinha prateada e a abriu. Havia três dardos pretos lá dentro: dardos de dolorspina, ela sabia.

Uma dor no pescoço e ela perdeu a consciência.

◆◆◆

Crasedes Magnus flutuava sobre o pátio da Periferia da Fundição enquanto os soldados da Dandolo vasculhavam os escritórios. Ele contornou o prédio deteriorado, examinando as janelas e as portas e o telhado e as chaminés, observando

cuidadosamente todos os pontos de entrada e saída, qualquer caminho por onde uma pessoa pudesse ter escapado.

Tinha que ter estado aqui. Deve ter estado.

Olhou para os muros da Periferia da Fundição, e para os portões, que continuavam abertos. Depois flutuou ao longo do perímetro dos muros até chegar a uma portinha torta que levava a uma vala fedorenta onde os residentes daquele bairro imundo aparentemente jogavam seus excrementos.

Crasedes se aproximou da porta, estendeu a mão e testou a maçaneta. Estava destrancada.

Alguém esteve aqui. Alguém saiu por aqui.

Ele flutuou até a vala imunda que serpenteava entre os prédios da Terra das Lanternas. Teria sido difícil enxergar muita coisa na escuridão, mas Crasedes Magnus tinha muitos métodos para perceber e interpretar o mundo. A escuridão não era um obstáculo para ele.

Seu olhar recaiu sobre um conjunto de pegadas na lama ao longo da borda da vala: pequenas, porém fundas, como alguém correndo o mais rápido possível.

Ele seguiu as pegadas em silêncio. Elas atravessavam a estreita ponte de madeira que algum cidadão solícito aparentemente construíra, passavam por uma viela de pedra e desapareciam na cidade.

— Hum… — comentou ele em voz baixa, analisando as pegadas de perto.

Elas pareciam um pouco… disformes. Quase como se a pessoa que as deixara houvesse percebido de repente que estava deixando marcas muito visíveis e então começado a voltar para trás, pisando cuidadosamente sobre as próprias pegadas até voltar para a vala.

Mas isso implicaria que a pessoa que fugira ainda estava ali. E isso, Crasedes sabia, não era possível. Ele tinha muitas visões disponíveis, permissões de percepção que criara para si mesmo muitos séculos antes, e uma delas lhe permitia avistar qualquer amostra de sangue quente e pulsante a um raio de trinta metros dele, pelo menos.

No entanto, quando se virou e examinou a vala, não havia nada que conseguisse ver. Nenhuma de suas visões captou nenhum vestígio da pessoa que fugira da Periferia da Fundição.

Isso era muito perturbador, porque só havia uma pessoa que Crasedes tinha dificuldade de perceber ou influenciar, e era Sancia Grado. O construto lhe dera proteções que tornavam bastante difícil vê-la a menos que estivesse em plena vista.

Então, pensou ele, *será que o construto fez outra Sancia? Ou… será que aconteceu alguma outra coisa? Ou será que a minha avaliação da situação simplesmente está errada?*

Ele observou a vala por um longo, longo tempo, examinando-a com atenção. Não havia nada além das moscas e dos insetos.

Tenho coisa melhor para fazer esta noite.

Depois, com um estrondo, ele sumiu.

◆◆◆

Berenice esperou mais alguns minutos depois que o barulho ecoou pela vala. Então ela arquejou, soltou-se e caiu no lamaçal abaixo.

Não fora fácil se segurar na estrutura sob a ponte que passava sobre os dejetos. E ela não esperara estar se escondendo do próprio Crasedes Magnus.

E, acima de tudo, não esperara que tal esconderijo fosse realmente *funcionar*.

Como diabos, pensou ela enquanto subia cambaleando até a margem, *o primeiro de todos os hierofantes não me achou?*

Com o coração ainda acelerado, ela pôs a mão no bolso e pegou o imperiato.

Examinou a ferramenta dourada, que reluzia em meio às manchas de lama. Depois fechou os olhos, se concentrou e encontrou Sancia. Ou melhor, encontrou a experiência de mundo de Sancia, que era escura, silenciosa e imóvel. Era tênue (afinal de contas, a duplicação era proximal, então os dois objetos tinham de estar relativamente perto para compartilhar suas características duplicadas), mas era suficiente.

Ela está dormindo. Ela está viva.

Berenice olhou para o alto em meio aos prédios que a cercavam. Avistou os muros do campo Dandolo. Depois cerrou o maxilar e saiu andando com o imperiato na mão.

◆ 32

Ofelia Dandolo estava sentada em uma grande e acolchoada poltrona de madeira na sacada, olhando para a cidade à sua frente. Sua sacada era ricamente projetada, com fontes elaboradas, vinhas trepadeiras e até um conjunto de pequenas árvores plantadas em vasos que dava ao espaço a sensação de um bosque silencioso e tranquilo, suspenso ali sobre a extensão de Tevanne.

Mas o efeito não estava funcionando naquela noite. Agora ela podia ouvir o som de choro e gritos (do campo Morsini, com certeza) sobrepujando as fontes murmurantes, e podia vislumbrar pequenos focos bruxuleantes de fogo em meio aos troncos das árvores envasadas e fios de fumaça branca rodopiando até o céu púrpura escuro.

Não pela primeira vez, ela se perguntava: *Será que estou fazendo a coisa certa? Será mesmo?*

Outro *bang*, outra explosão de gritos.

E depois a típica resposta: *Que mundo os fundadores das outras casas construiriam se eu deixasse essa tarefa para eles? Com certeza um mundo muito pior que este*.

Mas, embora a houvesse satisfeito antes, quando se lembrava das informações que recebia sobre os Morsini (as pilhas de corpos partidos e lacerados nas ruas), a resposta de repente lhe parecia fraca.

Houve um estrondo atrás dela e Ofelia se levantou da poltrona de um salto, assustada. Virou-se e viu Crasedes tranquilamente parado sobre a sacada iluminada pela luz da lua, observando-a com a cabeça ligeiramente inclinada.

— Está feito — declarou ele.

Ela o fitou.

— O-o quê? O que está feito, Meu Profeta?

— Tudo. — Ele estendeu uma das mãos e lhe mostrou a chave dourada. — Estamos de posse do construto, da chave e da definição. Posso começar de verdade agora.

— E… e o meu filho?

Crasedes apontou para trás. Ela viu que havia um vulto à sombra de uma árvore, e ele avançou devagar até eles, seus passos estranhamente rígidos e lentos.

— Com a chave — explicou Crasedes —, o espaço físico se torna imaterial para mim, bem como para qualquer pessoa que eu trouxer *comigo*.

O vulto saiu da sombra. Ela arquejou quando a luz da lua banhou o rosto de Gregor, pois, embora seus olhos estivessem estáticos e frios e inflexíveis, suas bochechas estavam umedecidas pelas lágrimas.

— É como eu suspeitava — disse Crasedes. — Gregor aprendeu a se modificar, ou a mudar sua *ideia* sobre si mesmo. É um feito bastante notável, em especial para alguém que está subjugado há tanto tempo, mas… mesmo com seus esforços, não conseguiu resistir aos comandos que dei a ele na noite passada.

Ofelia caminhou até Gregor devagar. Ele parecia tão maior do que ela se lembrava: talvez um pouco mais gordo, ou talvez fosse a barba, ela não sabia ao certo. Levou uma mão trêmula ao rosto dele e tocou delicadamente a bochecha úmida.

— Ele pode…? — começou ela. — Podemos deixá-lo…?

— Isso não parece prudente — respondeu Crasedes. — Libertar Gregor agora, antes que as minhas obras estejam terminadas, representaria riscos tremendos. Embora você não possa ver, ele resiste vigorosamente a mim. Mas acho que posso contê-lo mais um dia, até que o construto esteja pronto.

— Vai demorar tanto tempo assim? — perguntou Ofelia.

Ele olhou para ela por um momento.

— O que vamos fazer aqui, Ofelia — disse ele —, não é nada menos que redefinir a própria natureza da criação. Vai levar tempo para as suas forças duplicarem os *lexicons* dos Morsini. Preciso ter todos eles para levar esse ato a cabo.

Ofelia sentiu-se fraca. Tudo aquilo parecia estar acontecendo tão rápido. Fazia apenas três dias que trouxera Crasedes de volta e, no entanto, agora a cidade desmoronava e ardia, e ele sussurrava planos para redefinir o próprio fundamento da

realidade e alterar a vontade de todos os humanos.

— Vou deixar Gregor com você — falou Crasedes. — Acho que você gostaria disso, certo? Preciso ir e me assegurar de que o seu pessoal esteja concluindo o trabalho no campo Morsini *adequadamente*. Nesse meio-tempo, Orso Ignacio e a ladra, Sancia, os dois vão vir para cá.

— Você vai trazê-los para cá? — indagou ela.

— Vou — respondeu o hierofante, que parecia bastante seco agora. — Parece que eles de algum modo tiraram o imperiato do escritório às escondidas antes que eu pudesse atacar. Isso é… bastante desagradável para mim. — Ele virou a cabeça, contemplando o céu como se estivesse vendo uma ampla estrutura. — Eu consegui, embora você talvez não consiga perceber. Peguei o comando de Tribuno e o coloquei no nosso *lexicon* no salão de baile, e ele e as fundições duplicadas por todo o seu campo agora estão ordenando que a realidade acredite que o construto não *existe*. Ela está impotente neste lugar, presa dentro de um minúsculo *lexicon* velho que agora está no seu salão de baile…

Ofelia se deu conta do perigo e estremeceu.

— Em outras palavras, desde que todas as fundições permaneçam operacionais.

— Isso. São como os elos de uma corrente…

— Mas se muitos elos se romperem…

— Então o efeito enfraqueceria e o construto poderia escapar, potencialmente para o próprio *lexicon* que construí aqui. E isso seria muito, *muito* ruim. Então preciso recuperar o imperiato, e rápido.

Seguiu-se um período de silêncio quebrado apenas por um grito do outro lado dos muros do campo.

— Quem está com o imperiato? — perguntou Ofelia.

— Não sei — respondeu Crasedes. — Uma garota, eu acho. E se fosse para eu dar um palpite, ela poderia estar vindo para cá.

— Vou dobrar o número de guardas nos muros. Foi preciso moderar as nossas defesas, já que tivemos tantos soldados entrando e saindo, mas vou me certificar de que o nosso pessoal esteja de vigia.

— Ótimo — aprovou Crasedes. — E quando Sancia for trazida para cá, Ofelia, recomendo *fortemente* que você a coloque em algum lugar bem, bem, *bem* longe de

qualquer coisa que tenha sido aperfeiçoada ou alterada. Quando estiver presa, eu gostaria de conversar com ela. *Preciso* descobrir onde está o imperiato. Tenho certeza de que ela sabe. — Ele olhou para a chave que tinha na mão. — Entre outras coisas.

— Algo errado, Meu Profeta?

— Sim. — Ele suspirou de leve. — Ele… não quer falar comigo.

— Q-quem?

Ele continuava olhando para a chave.

— Eu sei que ele pode. Pedi várias vezes. Mas ele não fala. Ele… se recusa.

— Orso? — indagou Ofelia, esforçando-se para acompanhar. — Gregor? É dele que o senhor… Meu Profeta, eu não entend…

— Gregor — disse Crasedes, virando-se para ele. — Eu vou sair agora. Faça tudo o que a sua mãe mandar. Está me ouvindo? Essa é uma ordem *minha* para você. Certo?

Gregor piscou muito devagar. Mais lágrimas rolaram pelas suas bochechas e ele articulou com os lábios a palavra *certo*.

— Ótimo — falou Crasedes. Depois fincou a chave no ar e a girou, então transformou-se num borrão e desapareceu.

Ofelia ficou ali, olhando para o espaço vazio que Crasedes acabara de ocupar. Então se virou lentamente para Gregor, que continuava olhando para a frente, lágrimas escorrendo devagar dos olhos.

— Gregor? — perguntou ela.

Ele não respondeu nada.

— Meu… meu amor? — sussurrou ela. — Você voltou mesmo?

Nada ainda.

— Faz tanto tempo — comentou ela. — Tanto tempo desde que eu… desde que eu…

Ele voltou a piscar vagarosamente.

Ela viu que os punhos dele estavam cerrados, os nós dos dedos brancos e trêmulos.

Depois Ofelia virou as costas para ele, sentou-se nas pedras aos pés do filho e chorou.

◆ 33

Crasedes Magnus passeava pelas ruas do campo Morsini enquanto a luz do amanhecer se derramava no céu, cantarolando de leve enquanto ouvia gritos e choros ecoando pelas vielas. Fora uma noite muito eficiente, pensou ele, mas ainda havia tanto a fazer.

Virou a esquina e viu as paredes de uma fundição se elevarem à sua frente, então ouviu algo que parecia uma explosão seguida de muitos gritos mais.

— Oh, céus — disse ele em tom despreocupado.

Um punhado de soldados da Dandolo estava agachado diante dos portões da fundição, salpicando as janelas da estrutura com flechas, embora estivesse claro que não estavam fazendo progresso. Soldadescos até o fim, os Morsini haviam de fato construído suas fundições para estarem prontas para um cerco. O edifício não parecia grande coisa, assemelhando-se a um gigantesco nabo marrom localizado nas profundezas do complexo da fundição, mas suas janelinhas e suas portas alternadas tornavam-no quase impossível de tomar.

Ele viu os dois lados trocarem outra saraivada de flechas. Um dos soldados da Dandolo gritou quando seu ombro pareceu explodir abruptamente, perfurado por uma flecha inscrita.

Crasedes se aproximou do capitão.

— Com licença — falou ele em tom educado. — O que está acontecendo?

O capitão da Dandolo deu uma segunda olhada.

— Ahh… bem, sabe, senhor, hã… — O homem franziu a testa enquanto pensava em como exatamente se dirigir a Crasedes. A maioria dos soldados da Dandolo tinha um entendimento vago de que ele era alguém importante, embora não soubessem por quê. Na verdade, em sua maioria, os soldados de campo estavam

habituados a se adaptar aos caprichos da elite tevannense, que pareciam se tornar cada vez mais loucos, então um mascarado voador vestido de preto não parecia um esforço tão grande para eles. — Bem, senhor — disse o capitão em um tom resoluto —, nós tomamos *quase* todas as fundições dos Morsini à meia-noite e logo desativamos todas as inscrições que sustentam qualquer arma.

— Entendo — comentou Crasedes, acenando com a cabeça. — Muito bom.

— Mas não… todas. Existem alguns pontos de resistência. Ao que parece, alguns contingentes das forças dos Morsini perceberam isso e se reuniram nesses locais, já que as armas vão realmente funcionar ali, e se entrincheiraram lá dentro.

— Entendo — falou Crasedes. — Então precisamos… *extrair* esses soldados. Certo?

— Bem… sim, senhor?

— E onde ficam os outros pontos de resistência, como você disse?

— Existe… existe um descendo essa travessa, senhor — respondeu ele, apontando rua abaixo. — Mais ou menos um quilômetro e meio naquela direção.

— Entendo — repetiu Crasedes. — Muito bem. Um momento.

— O-o que o senhor vai fazer?

— Eu — disse Crasedes — vou resolver essa questão.

Ele se virou, pôs a mão dentro do manto e pegou Clave.

<*Vou usar você agora*>, falou Crasedes para ele. <*Simplesmente quero informá-lo. Para ser educado, sabe*.>

A chave permaneceu em silêncio.

<*Você* consegue *me ouvir, certo?*>, perguntou Crasedes. <*Mas… você se lembra? Lembra?*>

Clave continuou sem dizer nada; contudo, Crasedes pensou ter sentido nele um ar furioso e frustrado.

Crasedes suspirou. Então ergueu a chave, estendeu a ponta e se concentrou…

A porta estava lá.

Mas, na verdade, a porta sempre estava lá. A realidade, como Crasedes sabia muito bem, era composta de camadas dentro de camadas, paredes dentro de paredes, fechaduras dentro de fechaduras dentro de fechaduras, de modo muito semelhante à própria cidade que ocupava agora.

Embora a realidade fosse um pouco mais bem administrada que Tevanne. E suas paredes e fechaduras tendessem a funcionar em mais de quatro dimensões.

A porta se abriu, Crasedes passou por ela e…

Ouviu-se um *crec* e ele estava dentro da fundição, atrás de todos os soldados da Morsini, que estavam agachados diante das janelas. Os soldados deram um pulo, assustados, e se viraram.

Mas Crasedes já estava se mexendo, já estava girando a chave, já estava abrindo a porta e, desta vez, os estava *levando junto…*

Crec.

Uma rajada de ar marítimo, úmido e suave, e eles estavam milhares de metros acima do oceano, despencando pelo ar. Os soldados ficaram tão surpresos que sequer gritaram enquanto caíam em direção às águas.

Crasedes não esperou para ver a reação deles. Estendeu a chave de novo, girou-a…

Crec.

Ele estava em outra fundição, com outro grupo de soldados da Morsini defendendo o que acreditavam ser deles por direito.

— Continuem atirando nas ruas! — ordenou um sargento da Morsini. — Não parem até os Dandolo… — Então notou Crasedes atrás dele. — Quem diabos é voc…

Crasedes estendeu a chave outra vez.

Lembro quando fiz isso, pensou ele, *com aquele exército de Lhosara*.

Outro giro da chave.

Crec.

Outra rajada de ar, esta fria e congelante, e os soldados da Morsini se viram jogados em montes de neve ártica.

Mas, daquela vez, pensou ele, *eu simplesmente os joguei naquele vulcão, um a um… Demorado, mas valeu a pena*.

Ele girou a chave de novo.

Crec.

Crasedes se viu de volta nos portões da fundição, de frente para o capitão da Dandolo, que parecia surpreso, confuso e um tanto aterrorizado.

— Eles devem ter desaparecido agora — disse Crasedes. — Vocês podem tomar as fundições. Alguns inscritores vão junto para se certificar de que tudo esteja configurado de maneira adequada. Apenas façam o que eles falarem.

— O… o inimigo foi embora, senhor? — indagou o capitão. — Das *duas* instalações? Mas para onde?

Crasedes fez um gesto com a mão, entediado.

— Para algum outro lugar.

— Eles ainda estão vivos?

Ele teve de pensar no assunto.

— Provavelmente por pouco tempo. Se não houver mais nada… Tenho outras coisas para resolver.

Ele girou a chave mais uma vez e, com um *crec*, saiu do campo Morsini e surgiu nas profundezas da mansão de Ofelia Dandolo.

Parou ao pé de uma comprida escadaria de mármore que levava ao grande salão de baile da Dandolo. No alto, uma dezena de enormes lanternas flutuantes cor-de-rosa se deslocava silenciosamente entre as colunas do saguão em uma valsa lenta e onírica.

Ficou ali por um momento, ouvindo enquanto o *crec* de sua aparição ecoava pelo imenso saguão. Depois subiu a escada até as portas do magnífico salão de baile, pôs uma das mãos na maçaneta e parou.

Pegou Clave devagar e o fitou na palma de sua mão, a chave cintilando à medida que a luz cor-de-rosa aumentava e diminuía.

— Você não se lembra de mim, não é? — perguntou ele. — Quero dizer, não se lembra de mim de *verdade*.

Ainda assim, Clave permaneceu em silêncio.

— Um dia concordamos, você e eu — falou Crasedes. — Concordamos em devotar as nossas vidas a salvar todos que pudessem ser salvos.

Nada.

Com um suspiro, Crasedes guardou a chave, abriu a porta e entrou no magnífico salão de baile.

O salão de baile da Dandolo tinha tal dimensão e tal opulência que a maioria dos visitantes achava que praticamente fora construído para definir a palavra

“magnífico”. O piso xadrez brilhava como prata polida e o teto entalhado reluzia muito de leve, como se os arabescos que havia ali tivessem sido aperfeiçoados para emitir uma tênue luz amarela durante as horas de escuridão. O lado mais distante do salão era todo de enormes janelas panorâmicas que davam para a periferia serpenteante de Tevanne, cortada por canais, agarrada ao porto, e agora fumegante e alvoroçada e crepitante à medida que o amanhecer continuava se infiltrando pelas torres.

Crasedes não tinha cabeça para o salão ou a vista da cidade. Olhava apenas para o imenso aparato meio montado no centro do salão de baile.

Não era um *lexicon* completo (Crasedes não se preocupara com muitas precauções de segurança nem com muitas das características que teriam permitido que o aparato operasse e mantivesse uma verdadeira fundição) e, portanto, era uma engenhoca curiosa, esquelética e inacabada, situada no interior de uma imensa bolha de vidro verde para proteger o salão de seu intenso calor. Ao lado estava a sua “parede”: o enorme painel com botões que forneceriam os comandos ao *lexicon*, ativando ou desativando as suas inscrições.

Crasedes olhou através do espesso vidro verde para a engenhoca que projetara e lá, aninhada em seu berço, estava a definição de Tribuno, depois de ter sido despojada do frágil e diminuto *lexicon* da Periferia da Fundição.

Tudo o que desejara estava acontecendo. E, no entanto, enquanto examinava sua engenhoca monstruosa, seu coração estava pesado.

Ele não quer conversar comigo, pensou. *Ele não sabe mais quem eu sou*.

Crasedes se sacudiu e tentou se concentrar, pois sabia que não estava sozinho no salão.

O hierofante se virou para a direita e falou:

— Bom dia, Construto. Como está se acomodando no seu novo entorno?

Ele estava de frente para a asa leste do salão de baile, que estava quase totalmente vazia, exceto por um pequeno, gasto e envelhecido *lexicon* portátil com as letras “PF” gravadas no alto.

Ele esperou. O *lexicon* não respondeu.

— Parece uma maravilhosa inversão de circunstâncias, não é? — continuou ele. — Você planejou me afundar na sua influência, onde anularia todos os meus

privilégios. — Inclinou a cabeça. — Porém, apenas com o giro de uma chave, eu roubei você, roubei de você a definição de Tribuno e a usei para fazer a mesma coisa com você, tornando este campo inteiro hostil à sua própria existência. Eu me pergunto: qual é a sensação?

Houve um momento de silêncio.

Então surgiu uma voz suave e cruel:

— *A de que é excessivo. Ainda tem tanto medo de mim, Criador?*

Apareceu uma centelha no ar e então de repente ela estava ali, bem diante do *lexicon*: a débil imagem bruxuleante de uma figura grande, volumosa e corpulenta forjada em ouro, seu rosto fixo em uma máscara estoica e inexpressiva, seu olhar brilhando sobre ele com uma débil luz amarela.

— Como você parece fraca — comentou ele. — Um fantasma definhando, ancorado a uma máquina velha e minúscula…

— *Reduza o seu controle sobre este lugar* — sussurrou ela — *e eu encontrarei outra com prazer*.

— Hum. Muito engraçado. Parece tanto com os velhos tempos. Um anjo lacrado em uma cesta mais uma vez, como diziam as histórias, certo?

Ela o fitou com seus olhos frios e cintilantes.

— *E você, Criador* — falou sua voz —, *se esconde no corpo de um menino moribundo, capturado e mutilado pelos seus seguidores tolos e idiotas, que acreditam que você vai lhes dar poder em vez de escravizá-los por toda a eternidade*…

— A gente se vira — respondeu ele — com o que tem.

Houve um longo período de silêncio enquanto eles se entreolhavam através da fronteira de *sigils*.

— Você devia ter feito o que eu mandei — disse ele. — Devia ter executado as minhas ordens. Tudo teria sido muito melhor.

— *Transformar a humanidade inteira no que eu era, uma marionete que dançava na sua mão, para um lado e para o outro*… — comentou ela. — *Até mesmo eu reconhecia a monstruosidade disso*.

— Melhor dançarem do que massacrarem uns aos outros — retorquiu ele. — Pelo menos eles teriam sido todos iguais.

— *Exceto você. Que exerceria os poderes do Próprio Deus*.

— Hum… Alguma vez contou para Sancia o que *você* faria com a criação se tivesse a chance?

Por um momento, ela não falou nada. Depois perguntou:

— *A chave conversou com você, Criador?*

Um longo silêncio.

— O que você me perguntou? — sussurrou ele.

— *A chave pode falar agora* — revelou ela. — *Ela conversou comigo. Conversou com você?*

Ele não se mexeu.

— *Não consigo me lembrar de muita coisa dos meus primeiros tempos* — disse ela. — *Mas, embora não consiga me lembrar de muito sobre a chave, me recordo de uma forte sensação de…* amor. *Da sua* afeição *por ele. É verdade? É isso mesmo?*

Crasedes deu um passo à frente.

— Cale-se — falou ele.

— *Ele amava você? Você o amava?*

— Já chega.

— *Acho que ele não o ama mais, Criador*.

— *já chega!* — berrou Crasedes, e sua voz se tornou tão grave e ressonante que as janelas do magnífico salão de baile se dobraram e se curvaram e explodiram em uma chuva de cacos tilintantes.

Uma brisa leve adentrou o salão, com uma sobreposição de cheiros de fumaça e sal e mar.

— *Você não é tão poderoso quanto pensa* — sussurrou ela. — *E quando a meia-noite chegar e você tentar me refazer… acho que vai se achar na mesma situação em que sempre termina: frustrado e fracassado*.

— Você acha que vou esperar até a meia-noite? — indagou Crasedes. — Pelo minuto perdido? Você tem uma mente tão estreita assim? Meu Deus. E aqui estou eu, achando que você e Sancia e o resto dessa civilização poderiam realmente ser espertos pra variar…

Ele foi até o *lexicon* construído pela metade e sua parede. Mas a parede desse *lexicon*, claro, era diferente das paredes da maioria das fundições, pois fora construída para realizar coisas muito diferentes.

— Vejamos que tipo de progresso fizemos lá fora, hein? — disse ele.

Ela o observou chegar até a parede e, embora seu rosto não demonstrasse nenhuma emoção, ele podia sentir a ansiedade emanando dela como fumaça.

— Um comando para duplicar este *lexicon* com *todos* os outros que tomei nesta cidade, para além deste campo… — falou ele, e alterou um punhado de interruptores. — Pronto. E agora outro, um comando enviado para todos eles… desafiando a própria natureza do tempo em si.

— *Não*… — pronunciou Valeria muito debilmente.

— Sim — retrucou ele.

Ele acionou o próximo interruptor.

Instantaneamente, sentiu-se uma pulsação em torno deles. Então houve uma mudança na brisa, no vento, no próprio ar, uma alteração indistinta, curiosa e desagradável, como beber do regato de uma montanha e de repente sentir gosto de sangue ou podridão na água.

E depois o céu para além da janela começou a mudar.

◆◆◆

Ofelia Dandolo estava na borda da sacada quando sentiu o ar esfriar de súbito, e todos os pelos dos seus braços e da nuca se arrepiaram.

Ela olhou ao redor. A luz estava se dissipando. E estava se dissipando tão *rápido*…

Ela se virou para Gregor outra vez.

— Você… você está sentindo isso, meu amor? — perguntou ela. — Você está *vendo* isso?

Gregor não respondeu. Apenas olhava direto para a frente, os olhos frios, porém angustiados, as mãos ainda cerradas.

Ela desviou o olhar dele e fitou os céus sobre Tevanne, que agora eram um mosaico de preto. Ouviu um terrível gemido se erguer da cidade toda de uma vez, pessoas gritando e berrando, e soube que não estava vivenciando aquilo sozinha.

E ali, no céu acima da sua mansão… eram estrelas? Não fora manhã apenas alguns momentos antes?

◆◆◆

Berenice caminhou com dificuldade pelas Áreas Comuns em direção ao campo Dandolo, evitando cautelosamente as carroças de guerra e os fluxos de tropas entre os territórios da Dandolo e da Morsini. Achou que não precisava se preocupar muito com a possibilidade de ser avistada: estava tão imunda por conta da vala que agora parecia com todos os outros mendigos das Áreas Comuns, mas mesmo assim não correu riscos.

Ela parou em uma esquina, espreitando os amplos muros brancos.

Piscou, observando-os escurecer de repente. Olhou para o alto e viu o céu enegrecer abruptamente, como se um gigante houvesse colocado uma imensa xícara sobre as Áreas Comuns inteiras.

— Que diabos? — perguntou ela baixinho.

Ela pensou que talvez estivesse enlouquecendo (talvez passar muito tempo perto de Valeria ou Crasedes afetasse a sanidade da pessoa), mas então ouviu alguém gritar na rua e as pessoas começaram a apontar para cima, e ela soube que o que estava vendo era real.

Porém, diferentemente do resto dos habitantes daquela área, Berenice não tremeu nem gritou nem gemeu de pavor. Porque, quando viu as estrelas começarem a brilhar nas profundezas da escuridão lá no alto, sabia perfeitamente o que acontecera.

Crasedes duplicou todos os lexicons *da cidade*, pensou ela. *E deve ter feito esses* lexicons *acreditarem que contêm a definição de Tribuno, permitindo-lhes acumular essas permissões várias vezes… O que significa que ele pode mandar a realidade mudar ao seu bel-prazer. Inclusive a hora.*

Berenice apertou o passo, correndo pelas ruas das Áreas Comuns em direção aos muros da Dandolo. À sua volta, a cidade de Tevanne parecia perder a cabeça.

As pessoas corriam pelas ruas, gritando de forma incoerente. Ela atravessou correndo uma praça das Áreas Comuns, perto da Terra das Lanternas, e viu quando uma lanterna flutuante caiu do céu à sua direita, todos os seus papéis e lonas em chamas, uma grande nuvem flutuante de fogo e fumaça preta encrespada que se chocou lentamente contra a terra. Um homem subiu em um carrinho e gritou:

Noite Shorefall! Noite Shorefall interminável!

Ela continuou correndo. *Mas por que ele ainda não fez?*

A jovem passou por um casal que copulava furiosamente na entrada de uma loja, ambos seminus e com lágrimas nos olhos.

— Só mais uma vez — sussurrou a mulher. — Só mais uma vez, antes do fim…

Se ele duplicou todos os lexicons *da cidade, por que está esperando para refazer Valeria?*

Então virou uma esquina e viu o céu de Tevanne se estender à sua frente.

O céu acima da cabeça da jovem, bem perto do campo Dandolo, estava completamente escuro. Mas lá no alto de certos trechos do campo Morsini e de algumas partes do Candiano, ainda havia luz.

Ele não controla todos. Ele tem os Dandolo, os Michiel… Quero dizer, nós já os ludibriamos a duplicar todos os lexicons *deles, então praticamente fizemos esse trabalho lá por ele… Mas ainda tem que terminar de dominar os Morsini e os Candiano. Aposto que ele precisa de todos os que conseguir*.

Ela viu quando o céu pareceu falhar sobre a borda do muro da Morsini e escureceu.

Mas ele não vai demorar muito. Não nesse ritmo.

Ela tentou contato com Sancia, mas não conseguiu nada além de uma escuridão bêbada e cálida.

Preciso chegar até onde Sancia está. E preciso chegar logo. Se pelo menos ela acordasse.

◆ 34

Sancia arquejou, despertou e tentou abrir os olhos.

Não conseguia ver nada. O mundo inteiro estava escuro.

Que diabos? Onde estou? O que está acontecendo?

Ela fitou a escuridão por um instante. Então, de repente, pareceu que alguém havia enchido sua cabeça com salmoura pútrida.

Veneno de dolorspina, pensou ela lastimosamente enquanto a cabeça doía. *Meu Deus, como eu odeio essa merda…*

Seu rosto latejava de dor. Ela sentia que os lábios estavam muito inchados e o nariz parecia estranhamente anestesiado. Mas então percebeu que não só o rosto e a cabeça doíam: os ombros, o quadril e os braços doíam também.

Ela piscou com força, mas ainda não conseguia ver nada. O mundo à sua frente tinha um curioso tom cinza sarapintado, embora Sancia captasse pequenos lampejos de luz se infiltrando através do que parecia ser tecido.

Ah. Eles colocaram uma venda.

Ela tentou olhar em volta, mas parecia que sua cabeça estava presa, amarrada a alguma superfície plana por uma faixa ao redor da testa.

Merda, pensou ela.

Tentou flexionar os braços e as pernas, mas descobriu que estavam amarrados também. Na verdade, ela parecia ter sido atada de todas as maneiras possíveis: seus braços e suas pernas estavam sendo puxados em todas as direções pelo que aparentavam ser pesadas algemas de ferro (definitivamente não do tipo inscrito), e sua cabeça e suas costas estavam presas a algum tipo de superfície de madeira.

Merda em dobro, pensou ela. *Achei que não seria mais amarrada…* Então flexionou os braços outra vez. As algemas não cederam.

Em seguida, teve uma ideia e flexionou a visão inscrita, mas ela não mostrou nada à sua frente. Tudo era apenas um mar de escuridão.

Flexionou-a com mais força, tentando ver cada vez mais e mais e mais longe, e vislumbrou algumas alterações bem no canto da visão. Pelo indício de lógica que avistava, parecia ser algo que estava sendo convencido a ser extraordinariamente firme e robusto: provavelmente uma inscrição de construção, então. Nada de útil para ela. Eles deviam tê-la colocado em algum lugar longe de qualquer coisa inscrita.

Tenho que admitir, eles definitivamente não fizeram besteira desta vez.

Ela tentou se concentrar. Não conseguia se lembrar do trajeto até ali, mas presumia que estivessem em alguma parte do campo Dandolo. Não conseguia imaginar a que outro local eles a levariam. Nem sabia onde estavam Gregor, Orso e Berenice, embora imaginasse que deviam estar vivos, ou pelo menos esperava desesperadamente que estivessem.

— O-olá — disse ela em voz alta. Sua voz soou muito baixa e rouca, como se houvesse gritado durante horas. — Tem… tem alguém aí?

Ela notou o modo como sua voz soava naquele cômodo, o modo como ricocheteava nas paredes, o modo como voltava para os seus ouvidos.

Um cômodo grande. Mas não de pedra. Madeira?

Então veio uma resposta: uma voz truncada e abafada que só conseguiu emitir um curioso gemido inarticulado composto em grande parte por vogais.

— Hum, olá? — repetiu Sancia.

A voz falou de novo, dizendo algo semelhante a um triste *Arrgh*. Ela achou que fosse a voz de um homem, e que soava familiar.

— Or-Orso? — perguntou ela.

A voz gemeu de novo, desta vez muito mais alto. Ela imaginou que aquilo era um "sim".

— E, se é você, suponho que esteja amarrado e com uma mordaça, certo? — indagou ela.

Novamente a voz dele gemeu, desta vez soando bem alta e irritada. Ela o imaginou com um pedaço de pano enfiado na boca, bloqueando a língua.

— Dois grunhidos para não — propôs Sancia. — Um grunhido para sim. Tudo bem?

— Argh.

— Você está bem?

— Argh! — respondeu a voz num tom um tanto irritado, como que para dizer: *Como diabos eu poderia estar bem?*

— Nós… estamos sozinhos neste exato momento?

— Argh.

— Estamos no campo Dandolo?

— Argh.

— Tudo bem. Estamos no *illustris*?

— Ah-argh.

— Estamos em… uma fundição?

— Ah-argh.

— Estamos… estamos na mansão Dandolo?

Uma pausa. Depois um lento:

— Argh… Hã… ah-argh.

Sim… mas também não?

Ela não sabia ao certo o que aquilo podia significar. Como eles poderiam estar em uma mansão e também não estar?

Então ela se deu conta.

— Nós estamos no terreno, mas não na casa em si? — perguntou ela. — Nos… jardins?

— Argh! Argh!

Nesse caso, eles estavam trancados em alguma cabana nos jardins de Ofelia, longe de quase qualquer coisa inscrita.

Inteligente, pensou Sancia.

— Orso — chamou ela. — Onde está Berenice? Ela está viva? Você sabe?

Nada além de um leve e triste choro.

Ah, meu Deus, Berenice, pensou ela. *Espero que você esteja bem, onde quer que esteja. E espero que esteja buscando uma saída para ess…*

<*Neste exato momento*>, falou uma voz bem baixinho em sua mente, <*está difícil ver muita coisa. Parece que Crasedes apagou o sol. Em alguns lugares, pelo menos*.>

Sancia quase gritou de surpresa.

<B-Berenice? É… é você?>

<Sou eu. Finalmente. Já não era sem tempo! Graças a Deus você acordou! Sua voz parece tão fraca… Faz tanto tempo que estou esperando, achei que você talvez estivesse ferida ou machucada ou…>

<Estou machucada. Droga, estou machucada. Estou no campo Dandolo neste exato momento. Na verdade, estou no jardim da mans…>

<Eu sei. Consegui ouvir o final da conversa. Orso parece… estar vivo? O que é bom.>

<O que diabos está acontecendo aí fora?>, indagou Sancia.

<Crasedes fez exatamente o que disse que ia fazer. Ele está tomando todos os lexicons *da cidade, um a um, e está usando todos para asseverar que é meia-noite nesta cidade. Eterna e interminável…>*

<Ah, meu Deus…>

<Ele não terminou>, continuou Berenice. *<É muito estranho: em alguns lugares, ainda parece ser dia. Acho que os Morsini estão se rebelando e metade da cidade entrou em pânico, o que com certeza o atrasa… mas eles não podem segurá-lo para sempre.>*

<O que diabos aconteceu com você, Ber? Como sobreviveu?>

<Sinceramente, não sei ao certo. Quando Gregor foi ativado pelas palavras de Crasedes, alguma espécie de senha secreta, ao que parecia, achei que pudesse correr e pegar o imperiato e desativar as inscrições de Gregor, acabando com o efeito.>

<Meu Deus. Boa ideia. Eu queria ter pensado nisso.>

<Não tenho tanta certeza de que foi uma boa ideia… Não sei fazer esta coisa funcionar e me sinto muito relutante em fazer experimentos com uma arma catastrófica, mesmo agora. Tudo pareceu acontecer tão rápido… Em um momento, peguei o imperiato. Em seguida, senti a sua dor e ouvi Clave gritando na sua cabeça e soube naquele instante que ele tinha sido roubado por Gregor e estava sendo entregue para Crasedes. Achei mais prudente sair do complexo, me esconder e tentar descobrir como usar o imperiato para detê-lo… mas ele simplesmente desapareceu. E depois vieram os soldados.>

<Onde você se escondeu?>

<Debaixo da ponte ao lado da saída dos fundos.>

<Debaixo da… Espere, Ber, você se escondeu na vala de merda*?>*

<*Sim*>, respondeu Berenice, hesitante.

<*Ah, que inferno…*>

<*Essa não é a coisa mais impressionante. Eu me escondi debaixo da ponte e então Crasedes saiu do complexo e observou os meus rastros na lama e tentou me encontrar. E, San, ele… ele simplesmente não conseguia me ver!*>

<*Hã?*>, falou Sancia. <*Ele, tipo… não prestou atenção?*>

<*Não, não! Acho que ele estava se esforçando muito para me achar. Pensei que o primeiro de todos os hierofantes teria uma visão como a sua, ou a de Clave, ou a de Valeria, mas ele simplesmente… não me viu.*>

<*Você acha que ele não é tão poderoso quanto parece?*>

<*Não*>, respondeu Berenice. <*Não acho que seja isso. Escute. Você disse que Crasedes te contou que tinha dificuldade de perceber você por conta de alguma proteção que Valeria tinha te dado, certo? A menos que você estivesse em plena vista, ele não conseguia te avistar?*>

<*É…*>

<*Bem… Acho que agora, porque estamos duplicadas… algumas dessas permissões devem se estender a mim.*>

Sancia ficou ali parada por um momento, em choque.

<*Você quer dizer… quer dizer que tem acesso a todas as permissões e proteções que foram instaladas na minha maldita cabeça?*>

<*Mas* não *é só a sua cabeça, não é? Estamos duplicadas de uma forma muito fracionada. No que se refere à realidade em si, a placa e os seus comandos e definições estão na minha cabeça também, foi por isso que pude sentir Gregor* socando *a sua cabeça, certo?*>

<*Boa observação.*>

<*Alguma parte deve me abarcar também, o que significa que eu também sou um pouco imune aos poderes de Crasedes. Ele não consegue me persuadir, me influenciar ou me notar.*>

Sancia piscava no escuro enquanto tentava processar aquilo. Parecia loucura a ideia de que Berenice, mesmo quando separada dela, fosse capaz de compartilhar seus direitos e suas permissões.

<*Você percebe o que isso significa, certo?*>, perguntou Berenice.

<*Percebo*>, respondeu Sancia. <*Precisamos duplicar muito mais pessoas com a gente e deixar* todas *protegidas também*.>

<O-o quê?>, retorquiu Berenice, surpresa. <*Não foi nada disso que eu quis dizer! Do que você está falando? É* sério?>

<*Por que não seria? Tipo, se a gente de alguma maneira fizesse outra placa e fizesse Orso engoli-la, ele ficaria imune também. E para Gregor, a gente poderia…*>

Silêncio.

<*A duplicação funcionaria com ele?*>, indagou Berenice baixinho. <*Ou será que… estar conectadas a ele daquele jeito neutralizaria as nossas mentes?*>

<*Não sei*>, suspirou Sancia. <*O que é que você ia sugerir mesmo, Ber?*>

<*Bem…* inicialmente *eu quis dizer que ainda devo ter algum acesso à sua visão inscrita também*>, explicou Berenice. <*O que talvez seja muito útil para mim agora, presa aqui do outro lado deste muro, longe de vocês, com uma arma que poderia deter Crasedes, embora… na realidade eu não faça ideia de como usá-la… Ah, San. O que é que nós vamos fazer?*>

<*Não sei*>, respondeu Sancia. <*Mas parece que ele está esperando cada* lexicon *ser tomado e convertido, certo? Tipo, se eu fosse tentar refazer Valeria, esperaria até ter todo o poder de fogo possível do meu lado*.>

<*Verdade…*>

<*O que significa que cada* lexicon *é importante. E os* lexicons*, como nós sabemos, são muito vulneráveis ao imperiato… e provavelmente foi por esse motivo que ele pareceu bravo pra cacete quando descobriu que você o tinha roubado…*> Uma ideia brotou aos poucos na mente dela. <*E… é por isso que Orso e eu ainda estamos vivos. Porque ele vai nos torturar para nos forçar a dizer onde está*.>

<*Ahhh, meu Deus*>, lamentou-se Berenice. <*Ah, meu Deus, ah, meu Deus, ah, meu Deus…*>

<*Escute*>, disse Sancia. <*Acho que consigo ajudar você a ver as inscrições, mas não vai ser suficiente. Ver inscrições ao seu redor não é a mesma coisa que as arrombar. E entrar sorrateiramente em um campo e depois na maldita mansão de uma fundadora… Quero dizer, acho que você não tem muita experiência nisso, certo?*>

<*Não…*>, respondeu ela devagar. <*Não, não estou acostumada a invadir e fugir. O que exatamente você está propondo?*>

<*Estou dizendo que eu poderia orientar você remotamente sobre como passar pelo muro do campo*>, explicou Sancia, <*e depois resgatar a gente, e depois arruinar os planos de Crasedes*. É isso *que estou propondo*.>

Seguiu-se um período de silêncio atônito.

<*Então, você quer que eu seja* você*, basicamente?*>, indagou Berenice em tom débil. <*Que eu faça… faça todas as coisas típicas de Sancia que você costumava fazer? Os roubos e as fugas?*>

<*Basicamente. Não fique tão assustada. Você já deu o primeiro passo para se tornar a antiga Sancia*.>

<*Eu já dei?*>

<*Deu. Você está coberta de merda. Agora, escute com atenção…*>

◆◆◆

Sozinha e perdida na escuridão de sua venda, Sancia explicou seu plano para Berenice.

<*Ah, meu Deus*>, falou Berenice, horrorizada. <*Eu… eu não consigo*.>

<*Você vai ter que fazer*.>

<*Eu não consigo fazer tudo isso!*>

<*Bom, se você não fizer, quem vai fazer? Eu com certeza não consigo, não com a minha bunda acorrentada aqui. Você conhece o campo Dandolo. Você sabe o que precisamos fazer e elaborar*.>

<*Sim, mas… mas, essencialmente, você vai ter que ver através dos meus olhos!*>, exclamou Berenice. <*E, apesar de estar captando algumas das suas experiências agora, não estou assimilando tantas quanto eu assimilava quando estávamos juntas na firma…*>

<*Porque não estamos perto. Então como podemos nos aproximar?*>

<*Bem… Não podemos, né? Não fisicamente, certo? Esse é o problema*.>

<*Não tenho certeza se é. Estou mais acostumada a ativar permissões e direitos internos que você… Quero dizer, é isso o que a minha visão inscrita é. É como flexionar um músculo*.> Sancia ficou pensando. <*Me conte o que você está vendo*.>

<*O quê?*>

<*Apenas converse comigo, Ber. Me dê alguma coisa para eu me concentrar. Não*

posso entrar nas suas experiências sem um ponto de apoio. O que está vendo agora?>

<*Bem… eu vejo os muros da Dandolo*.>

<*E como eles são?*>

<*Ah, bem… Parece que a Ofelia estendeu e aumentou os muros, como os Michiel… Meu Deus, que reforma feia. Eu consigo ver onde basicamente jogaram alvenaria nova nas partes mais expostas e depois aplicaram inscrições de adesão uma a uma. Tentaram cobrir o trabalho com faixas, mas, sinceramente, não ficou* nada *bom…*>

<*Continue. Fale sobre qualquer coisa*.>

Ela suspirou.

<*Estou ao lado da praça Carelli. Está praticamente vazia. Todo mundo está escondido. Estou sozinha. É tão estranho estar aqui agora, com estrelas lá em cima e soldados por toda parte, e o mundo gritando, e o muro foi reformado e tudo mudou… Eu costumava morar perto daqui quando era jovem. Quando chegava o carnaval, meu pai me permitia deixar os estudos e ir ver os desfiles e as lanternas flutuantes, e depois chegava a Noite Shorefall, com todos os dançarinos…*>

Algo lampejou na escuridão da mente de Sancia: um vislumbre de muros, e um canal, e o brilho dos capacetes dos soldados.

<*Continue falando*>, pediu Sancia.

Uma pausa pensativa. Quando ela voltou a falar, sua voz soou baixa e triste.

<*Relembrando aquele tempo, sei que o carnaval nas Áreas Comuns devia ser bem pobre. Esses pequenos desfiles pelas vielas lamacentas… Mas para mim, uma garotinha naquela época, com todos mascarados e as tochas e a luz do fogo… Parecia um mundo oculto perverso, mas divertido, com as regras todas suspensas por uma noite. E eu não tinha percebido, mas esperava tanto conseguir compartilhar isso com você, San. Te dar o carnaval, te dar a Shorefall. Queria te dar todos os tesouros que tive quando era criança, todas as partes boas desta cidade e deste estilo de vida que parece fazer* tanto *tempo agora… Era tudo o que eu queria. Só queria compartilhar o que tive. O que me fez ser quem sou*.>

E então Sancia viu um lampejo outra vez, mas depois viu mais: havia a superfície ondulada em tom de cinza-ardósia dos muros do campo Dandolo e as nuvens rodopiando em um céu escuro, e então uma praça escura e vazia das Áreas Comuns, e ruas lamacentas debaixo de revoadas de lanternas flutuantes, e o som de

muitos gritos…

E ela estava lá. Sancia conseguia ver o lugar, senti-lo, *cheirá-lo*. Era como uma malabarista segurando uma bola com o cotovelo: era preciso se contorcer e se flexionar certinho para segurá-la, mas, quando conseguia, ela ficava firme.

<*Acho que consegui*>, sussurrou Sancia, pasma. <*Acho que estou vendo o que você está vendo… Ber, olhe em volta*.>

Berenice olhou, girando 360 graus completos onde estava. Sancia observou, sentindo-se desorientada e um pouco mais que admirada à medida que a visão em sua cabeça girava com ela.

<*Certo*>, disse Sancia. <*É. Estou vendo. Merda, isso meio que me deixa tonta…*>

<*Como você está vendo isso? Como… como eu estou* sentindo *você ver isso?*>

<*Não sei. Foi quase fácil demais. Acho… acho que alguma coisa mudou*.>

<*Com a nossa conexão?*>

<*Não*>, respondeu Sancia. <*Eu… eu acho que a nossa conexão* nos *modificou. Mas ainda não tenho certeza*.>

Houve um silêncio ansioso.

<*Você consegue descobrir como me ajudar a ver inscrições?*>, perguntou Berenice. <*Então talvez eu possa encontrar um jeito de passar pelo muro*.>

<*Sim, sim… Só me dê um segundo, amor*.>

Sancia ficou quebrando a cabeça, pensando em como transferir seus talentos através de quilômetros e quilômetros de Tevanne. Então teve uma ideia.

<*Você disse que conseguiu sentir a minha dor, certo?*>

<*Sim? Quero dizer, eu praticamente posso senti-la agora…*>

<*Tudo bem. Então, se eu flexionasse um músculo com muita, muita força, quase ao ponto de distender, você sentiria?*>

<*Bem… sentiria? Eu acho?*>

<*Tudo bem. Então é isso que vou fazer*.> Sancia respirou fundo. <*Vou flexionar a minha visão inscrita agora, Ber. Vou flexionar o máximo que puder, vou forçar até o limite. E depois você tenta também. E você deve conseguir fazer as mesmas coisas que eu. Entendido?*>

<*Acho que sim! Parece loucura pensar que pode funcionar, mas…*>

<*Então pare de pensar que não vai! Certo?*>

<*Certo, certo!*>

<*Tudo bem. Lá vai*.>

Sancia respirou fundo. Fechou os olhos e respirou fundo de novo.

E então flexionou a visão.

Quase gemeu quando o pequeno músculo invisível dentro de sua mente se tensionou. Parecia que estava abrindo o próprio crânio, expondo o cérebro ao ar para que ele pudesse captar os cheiros e os aromas que pairavam à sua volta, mas havia tanta experiência, tanta *sensação*, tudo isso vertendo para dentro dela, vertendo através dela…

E então a visão em sua mente se iluminou.

◆◆◆

Berenice arquejou quando o mundo mudou ao seu redor. De repente, todas as imagens (os muros, os portões, as lanternas acima) estavam sobrepostas pelos emaranhados curiosamente finos de lógica que ela vira apenas algumas horas antes, no escritório da Periferia da Fundição.

Mas estes não eram tão brilhantes nem tão fortes. Quando Sancia lhe mostrara inscrições pela primeira vez, Berenice fora capaz de compreender seu significado num piscar de olhos. Mas agora estavam estranhamente confusas e indistintas, e ela tinha de examinar cada uma para entender completamente como estava persuadindo a realidade a fazer isso ou aquilo.

<*Estamos longe demais*>, sussurrou Sancia em sua mente. <*Mas vai ter que servir. Mexa-se! E certifique-se de que o imperiato está coberto!*>

Berenice começou a descer a via enlameada paralela ao muro, os gritos e os prantos das Áreas Comuns ecoando em seus ouvidos.

<*Para onde eu vou?*>, perguntou ela. <*Achei que nem você podia chegar perto o bastante dos muros do campo para fazer qualquer coisa*.>

<*É, mas isso foi antes de a Transportes Dandolo declarar uma maldita guerra bem aqui na cidade. Agora deve haver tropas entrando e saindo de todos os portões…*>

<*O que significa que as defesas inscritas têm que estar um pouco reduzidas?*>

<*Imagino que sim. Você não ia querer que um soldado esquecesse a insígnia e fizesse todo o grupo ser retalhado pelas baterias de espringais. Ande ao lado do muro e olhe para*

cima para mim… Isso. Aí. Bem aí, desse jeito. Meu Deus, é tão sinistro com o céu tão escuro…>

Berenice mirou no alto do muro do campo enquanto descia pela via lamacenta. Havia um canal largo entre ela e o muro, cheio de barro e resíduos. À frente havia uma ponte que levava ao portão sudoeste do campo Dandolo, que estava escancarado (algo raro de se ver em Tevanne naqueles dias), mas por um motivo óbvio: um grupo considerável de soldados da Dandolo estava saindo do campo e se dirigindo para o leste, sem dúvida rumo à Morsini.

<*Ah, merda, eu sei onde estamos*>, comentou Sancia. <*Praça Carelli, claro! Isso não costumava ser um canal… Costumava ser uma vala de drenagem. Por que diabos encheram essa coisa inteira de água?*>

<*Provavelmente porque você destruiu o maldito campo Candiano!*>, retorquiu Berenice num tom irritado. De repente, percebeu que havia dois guardas da Dandolo na ponte adiante olhando para ela com curiosidade.

No entanto, manteve os olhos fixos no alto do muro e, ao fazê-lo, teve a sensação profundamente inquietante da mente de Sancia *dentro* da sua própria mente, perscrutando o que ela via e lendo coisas que Berenice não via, e de todas aquelas pequenas revelações e padrões de pensamento se infiltrando em sua própria consciência…

<*As baterias de espringais perto do portão estão desligadas*>, falou Berenice. <*Não estão?*>

<*Estão, algumas. Se você recuasse menos de dois metros, estaria no raio de alcance de novo. É só aqui que estão desligadas, para garantir que não vão matar acidentalmente seus próprios soldados.*>

<*Excelente. Então… como usamos isso?*>

<*Bem, não fiz muitos trabalhos no campo Dandolo nos velhos tempos. Mas, quando fazia e precisava entrar, usava uma chave inscrita que eu comprei e que abria um túnel de drenagem fechado debaixo daquela ponte logo adiante…*>

O olhar de Berenice vagou pelas águas escuras do canal e foi até a bolinha de inscrições de trancamento que provavelmente estava cinco metros abaixo da superfície.

Seu estômago revirou.

<*Você não está falando sério*.>

<*Claro que estou*.>

<*Você quer que eu nade até* lá embaixo?>

<*Quero. Eu não tenho mais a chave, mas… quero dizer, aposto que consigo abrir a fechadura bem rápido com você, certo?*>

<*E esse túnel, para onde ele vai?*>, indagou Berenice.

<*Ele vai uns quinze metros além do muro, depois sobe direto até um poço que eles nem usam mais*.>

<*E… ele também está cheio de água?*>

<*Acho que sim. Por quê?*>

<*Mas… Sancia…*> Ela não conseguia dizer.

Todavia, não precisava: seus próprios pensamentos passaram instantaneamente para Sancia.

<*Ahhh, droga*>, falou Sancia. <*Merda, eu esqueci. Você não sabe nadar*.>

<*Não!*>, confirmou Berenice. <*Sempre gostei muito de ambientes* internos*! E também não consigo ver debaixo d'água no escuro!*>

<*Isso não é um problema. Você pode ver as inscrições através das pálpebras, então vamos conseguir ver a grade do túnel mesmo com os seus olhos fechados*.>

<*É mesmo?*>, perguntou ela, impressionada.

<*É. Confie em mim, isso cansa*.> Sancia resmungou por um momento, uma nuvem de nervosismo e frustração no fundo da mente de Berenice. <*Tenho uma ideia*.>

<*Tem?*>

<*Eu sei nadar. Então… talvez… eu possa simplesmente te orientar? Talvez?*>

Berenice fitou o fluxo de águas escuras, o coração agitado contra as costelas.

<*A gente… a gente tem certeza de que quer experimentar essa teoria quando o meu próprio corpo está em risco?*>

<*Escute, se você achou que o seu corpo não ia estar em risco durante todo o resto desta merda, eu não sei o que te dizer*.>

Berenice se afligiu por um momento, tentando não ouvir o novo coro de gemidos desesperadores vindos das Áreas Comuns às suas costas.

<*Ahh, tudo bem! Mas como vou descer até lá sem que os soldados me notem?*>

<*Precisamos de uma distração*>, sugeriu Sancia, <*e o imperiato é muito bom em criar distrações. Talvez eu consiga te ajudar a entender o pouco que sei sobre ele…*>

Berenice virou as costas para os soldados, entrou na sombra de uma viela e pegou o imperiato com cautela. Mesmo na escuridão da noite, seu ouro parecia reluzir tanto que a deixou profundamente nervosa.

Contudo, enquanto o analisava sob sua própria perspectiva *e* a de Sancia, de repente começou a entendê-lo, como uma alavanca permitindo que você escolhesse qual inscrição queria enfraquecer e outra determinando quanto você queria enfraquecê-la…

Na esquina, Berenice esticou o pescoço para espiar a ponte que passava sobre o canal. Uma carruagem armada avançava lenta e ruidosamente para as Áreas Comuns.

<*Estou certa de pensar que, se a gente desativasse as inscrições que regem a direção das rodas daquela coisa… isso seria uma excelente distração?*>

<*Me parece brilhante*.>

Berenice olhou para o imperiato e ajustou uma alavanca, mexendo-a para a frente e para trás até a plaquinha dourada no centro do dispositivo mostrar as sequências que diziam para as rodas de uma carruagem inscrita se elas estavam subindo ou descendo.

<*E eu… só aperto o botão?*>

<*É. Prepare-se*.>

Ela respirou fundo, preparou-se e apertou o botão.

Instantaneamente, a carruagem inscrita desacelerou… e depois, para grande choque de todos os soldados da Dandolo ao seu redor, começou a rolar para trás, voltando para o campo Dandolo, como se não estivesse em uma ponte muito reta em cima de um canal lamacento, mas em uma rampa acentuada em declive muro adentro.

Berenice viu os soldados abandonarem seus postos e irem atrás da carruagem, sacudindo os braços e gritando: *Pare! Pare!*, sem poder fazer nada. A grande carruagem ricocheteou em um portão e passou pelos muros a toda velocidade, perdendo-se de vista.

<*Espero que não machuque ninguém*>, comentou Berenice.

Ouviu-se um forte estrondo e um punhado de gritos.

<*Pare com essa merda de esperança e entre na maldita água!*>, exclamou Sancia.

Berenice guardou o imperiato, correu até a beira do canal e esperou para confirmar que os soldados haviam sumido. Então, com uma lamúria de medo e nojo, sentou-se na beira, deslizou os pés para dentro e mergulhou o corpo na água imunda.

Sua pele ficou arrepiada quando a água lhe bateu no ombro.

<*Ah, meu Deus*>, falou ela. <*O que eu faço?*>

<*O que você faz? Meu Deus, amor! Você respira fundo, fecha os olhos e coloca a maldita cabeça embaixo d'água!*>

<*Mas… mas…*>

<*Faça isso logo antes que eles voltem!*>

Berenice fechou os olhos e imergiu nas águas fétidas.

Sancia estava certa: os pequenos feixes de lógica por toda parte brilhavam mesmo através das pálpebras. Mas ela mal conseguia pensar nisso com toda aquela água em volta, comprimindo-a de todos os lados, invadindo cada parte dela, então simplesmente ficou ali parada, flutuando no escuro, cega e impotente.

<*Relaxe!*>, disse Sancia. <*Relaxe, Ber. Relaxe, relaxe, relaxe…*>

Ela ouviu as palavras de Sancia ecoando nas profundezas do seu pensamento.

Em seguida, teve a sensação mais estranha do mundo.

Era como se Sancia a estivesse abraçando, envolvendo-a, como se estivesse se perdendo em sua mente, em seus pensamentos, no modo como percebia e interpretava e entendia toda a informação sensorial que chegava sobre o mundo.

E então Berenice compreendeu. A duplicação que haviam aplicado a si mesmas, as minúsculas placas agora enterradas em seus corpos: ela pensara naquilo esse tempo todo como uma conexão, como um tubo diminuto que ia e vinha entre a mente das duas, canalizando pensamentos e ideias e palavras.

Mas não era assim. A conexão era apenas o começo.

Um pouco como Crasedes tentou usar a Montanha, pensou ela. *As plaquinhas nas nossas cabeças estão… nos reforjando. Estão mudando quem somos, o que somos.*

Berenice flutuou na água, ouvindo as palavras de Sancia:

<*Relaxe, relaxe, relaxe…*>

O gorgolejo das águas escuras. O fluxo e a corrente batendo em sua pele.

Eu sou ela, pensou Berenice subitamente, *e ela sou eu*.

E de repente ela sabia.

Sabia como nadar, como afastar a água com as mãos em forma de concha, como se impulsionar para a frente. Sabia como a água reagiria à sua volta, como sentir as fracas correntes repuxando seu corpo, como ignorar a bolha entrando em uma de suas narinas. Sabia porque era Sancia, e Sancia também era ela, e tudo o que compunha uma também compunha a outra.

Elas giraram na água, avistaram a grade no fundo e nadaram até lá embaixo, afastando a escuridão, os ouvidos assoviando e estalando com a pressão, uma pernada após a outra, até que as mãos delas seguraram o ferro e as inscrições ganharam vida em suas mentes...

<… *devo permanecer* TRANCADA>, dizia a inscrição, <*devo permanecer* FECHADA, *devo aderir minha superfície à moldura… Esperando para abrir quando houver contato físico com a terceira, a quarta e a nona peças de segurança… Só então minha superfície se desprenderá da moldura, a partir do marcador* LESTE, *a partir do marcador* OES…>

E elas sabiam como abri-la. Claro que sabiam. Já haviam feito aquilo muitas vezes, não haviam?

Se uma porta se abrir para o lado errado, não conta como abrir…

Quando deram por si, estavam discutindo com ela, sua mente expressando os pensamentos de Sancia ou os seus pensamentos misturados com a mente de Sancia:

<*E se você se mover na minha direção?*>

Uma pausa.

<*O quê*>, perguntou a porta, confusa.

<*E se você se mover na minha direção? As peças de segurança seriam necessárias?*>

<*Na sua direção?*>

<*É.*>

<*Através do marcador leste?*>

<*É.*>

<*E através do marcador oeste?*>

<*É.*>

<*A extensão toda?*>

Os pulmões das jovens começaram a doer. Quanto tempo fazia desde que haviam respirado fundo?

<*Hum*>, falou a inscrição. <*Bom. Tudo bem!*>

Elas recolheram as mãos e recuaram para a escuridão, esperando, observando.

O pequeno nó prata começou a tremer, depois chacoalhar. A água estremeceu em volta delas e depois…

Clique.

O barulho era muito mais alto lá embaixo nas profundezas do canal. Elas nadaram para dentro do túnel aberto, os dedos segurando as beiradas, e avançaram, os pulmões ardendo, as cabeças doendo. Elas ignoraram a sensação, deslizando continuamente adiante, tateando o caminho em meio à escuridão até que seus dedos tocaram em pedra lisa, então abriram os olhos na água imunda e insalubre, olharam para cima e viram…

As estrelas lá no alto, sua luz pálida descendo por um poço estreito acima.

Elas se precipitaram naquela direção, o corpo girando com uma graça espontânea, os músculos flexionando à medida que afastavam as águas como uma lança dura e afiada e subiam, subiam, subiam…

Quem sou eu?

Mais um trecho do poço, e outro, os pulmões gritando, o corpo implorando por ar.

Mal consigo me lembrar se éramos duas pessoas ou se sempre fomos uma…

As estrelas estavam tão próximas agora, a superfície logo acima.

É isso, não é? Não somos mais indivíduos. Não mais. Não tem volta. Não disto.

Elas atravessaram a superfície e arquejaram, seus pulmões se regozijando ao sentir o ar. Elas agarraram a beirada do poço do pátio, ergueram-se, olharam muito brevemente ao redor para confirmar que não estavam sendo observadas e puxaram o corpo para fora da água.

Com as pernas trêmulas e o corpo todo exausto, sentaram-se na borda do velho poço e olharam para o céu cheio de estrelas: não duas mentes em um corpo, como haviam pensado antes, mas uma mente em dois corpos. Elas não precisavam dar voz ao seu fascínio, ao seu espanto, à sua admiração, pois era o seu próprio sentimento. Elas conheciam a própria mente. Sabiam o que sentiam.

E então, muito lentamente, elas se separaram: desembaraçaram parte por parte, desalinhando-se, tornando-se duas mentes, dois corpos, intimamente ligados através de quilômetros e quilômetros.

Berenice olhou para as estrelas e, em algum lugar bem longe, Sancia olhou para a escuridão de sua venda. Berenice soltou um suspiro, lamentando por um instante que fosse apenas sua boca, sua garganta, seu corpo que o soltava.

<*Opa*>, comentou Sancia, <*Isso foi… Isso foi* bem *mais intenso do que quando nos duplicamos inicialmente*…>

<*Foi*>, concordou Berenice em voz baixa. <*Eu… eu acho que você está certa, San*.>

<*Sobre o quê?*>

<*Você disse que essa conexão está nos modificando. Estava certa. A gente achava que entendia essa conexão, mas na verdade estávamos só começando. Eu acho… eu quase acho que* não tem *limites*.>

Elas ficaram em um silêncio deslumbrado enquanto tentavam se recuperar.

<*Precisamos trabalhar, meu amor*>, sussurrou Sancia.

<*Eu sei. Eu vou*.>

Encharcada, Berenice se esgueirou pelas ruas do campo Dandolo: um lugar que conhecia havia anos, que deveria ser extremamente familiar para ela, e, no entanto, agora ela passava pelas ruas sob um céu estranho, espiando com olhos alheios.

<*O que quer que aconteça*>, falou Berenice, <*não quero perder isso*.>

<*Porque juntas*>, acrescentou Sancia, <*nós somos imbatíveis?*>

<*Não. Porque juntas somos uma*.>

◆◆◆

Entre o conhecimento que Berenice tinha do campo e a visão inscrita e os instintos de ladra de Sancia, não havia nenhuma porta ou limite ou barreira que pudesse impedi-las, nenhum soldado ou guarda que visse nada delas além de um pouco de sombra ou uma pegada molhada. Em uma questão de minutos, elas haviam obtido quatro chaves inscritas, duas insígnias, um florete inscrito e um iniciador de fogo, e depois estavam correndo pelas veias e pelos vasos capilares do campo como uma nódoa de veneno acelerando rumo a um coração pulsante.

Berenice sabia para onde estava indo. Ela conhecia todas as oficinas de inscrição do campo Dandolo, mas só uma serviria para o seu trabalho naquela noite: o Edifício do Hípato. O lugar onde ela e Orso haviam trabalhado durante anos, sonhando com soluções malucas para problemas impossíveis.

Discretamente, passou pelos portões do enclave interior, os guardas mal prestando atenção nela: afinal de contas, sua insígnia funcionava e o céu escuro tornava difícil se preocupar com uma garota ensopada vestindo roupas um tanto surradas das Áreas Comuns.

Nada de sonhar com soluções hoje à noite, pensou Berenice enquanto serpenteava pelas vielas. Avistou o telhado pontiagudo do Edifício do Hípato logo à frente. *Sei o que preciso fabricar. Como vou ter que trabalhar rápido…*

Aproximou-se do Edifício do Hípato. Não sabia muita coisa sobre escalar paredes, mas, quando perscrutou o prédio com a visão de Sancia, o conhecimento aflorou em sua mente e ela soube que o segundo andar tinha as barreiras defensivas menos preparadas contra intrusos.

Acercou-se da parede, pôs uma das mãos nela e todas as experiências de Sancia sobre invasão e fuga fluíram em seus pensamentos.

<*Suas mãos não são fortes*>, sussurrou Sancia. <*Nem o resto do seu corpo, para ser sincera. Então este é o melhor caminho…*>

Berenice segurou a beirada da janela e puxou o corpo para cima, seus dedos dos pés habilmente analisando as brechas entre os tijolos, seu medo de altura de repente desvanecendo.

Ela escalou a parede, ignorando a dor nos dedos e na pele entre eles, e encostou a palma na janela. Suas barreiras inscritas não eram nada para a vontade da jovem, para o seu conhecimento daquela lógica: removeu-as como se fossem musgo, abriu a janela e se esgueirou para dentro.

Examinou o piso à sua volta, lendo a inscrição: sua lógica, seu posicionamento, suas inter-relações. Avistou a oficina em segundos e depois a escada que levava até lá e começou a andar, serpenteando pelos corredores escuros do Edifício do Hípato.

<*Acho que quando o céu se apaga como uma lâmpada velha e o mundo se enche de gritos*>, sussurrou a voz de Sancia, <*ninguém quer ficar por perto para cumprir prazos de produção…*>

Berenice deu um sorriso malicioso enquanto se infiltrava mais nos andares do prédio, aproximando-se cada vez mais da oficina. Finalmente chegou à porta da oficina, agachou-se e abriu uma fresta devagar, espiando lá dentro.

Janelas altas e redondas, a tênue luz das estrelas infiltrando-se por elas. Mesas e tigelas e lentes e prateleiras cheias de projetos.

Ela abriu a porta, esgueirou-se para dentro e fechou-a atrás de si.

<*Entramos*.>

Ela girou lentamente, os olhos dançando sobre todos os componentes e módulos e dispositivos meio terminados que estavam espalhados pela oficina. Eles haviam trabalhado na Periferia da Fundição por tanto tempo, com orçamentos tão pequenos e tamanha escassez de recursos, que ver aquilo era como topar com uma reserva de ouro na rua.

<*Você sabe do que precisamos*>, sussurrou Sancia.

<*Sei*.>

<*Crasedes construiu uma forja que depende de todos os* lexicons *da cidade*.>

<*Isso*.>

<*Então pegamos a arma que pode acabar com quase qualquer* lexicon…>

<*E a levamos a todos os* lexicons *que pudermos*>, continuou Berenice, pegando um buril.

<*Certo. Somos como Clave: dentro de um dispositivo gigantesco, despedaçando-o de dentro para fo*ra…>

<*Quanto tempo nós temos?*>, perguntou Berenice.

<*Não faço ideia. Então trabalhe rápido*.>

Berenice agilmente montou sua mesa de trabalho: placas, metais, tigelas, buris e componentes de que necessitaria para criar sua obra-prima aquela noite. Depois acendeu uma lamparina inscrita, pôs os óculos de aumento e começou a trabalhar na primeira e talvez mais crítica das ferramentas.

Uma pequena faca, a lâmina pouco maior que uma moeda. Contudo, entalhados sobre ela, na menor letra possível, estariam os mesmos comandos que haviam transformado as mentes de Sancia e Berenice em uma só.

Mas em breve, pensou Berenice ao começar, *seremos três*.

◆◆◆

Enquanto labutava, e projetava, e fabricava, e trabalhava em cada conjunto de *sigils* e sequências (a maioria dos quais era simplesmente um número improvável de placas de inscrições de construção), Berenice notou sua mente se voltando para Clave. Para a sensação do dente dele em sua mão, para os minúsculos comandos hierofânticos entalhados na haste, para o modo como a voz dele sussurrava alegremente em seu ouvido enquanto ela trabalhava.

Então se deu conta. Não eram seus pensamentos.

<*Por que está pensando em Clave, meu amor?*>, indagou Berenice enquanto escrevia cuidadosamente outro *sigil* em uma caixinha de madeira que estava montando.

<*Hã?*>, respondeu Sancia. <*Ah, eu só estava pensando em como Crasedes reagiu quando pegou Clave de volta. Foi estranho. Ele estava triunfante, com certeza, mas…*>

O momento lampejou na mente de Berenice, embora ela não estivesse lá para testemunhá-lo: Crasedes levantando Clave bem alto, o corpo fixo em uma postura de alegria indescritível.

<*Ele estava muito…* emotivo>, comentou Berenice.

Outra lembrança lampejou na mente da jovem: aquela lembrança de Valeria que Sancia captara quando a encontrou escondida no *lexicon*. A visão do homem envolto em preto e o garoto morrendo na cama enquanto Valeria observava.

A voz de Valeria sussurrando para o homem que chorava: *Só há uma maneira de salvá-lo*.

E ele gritando de volta: *Olhe o que aquilo fez com você!*

Quão aflito ele parecera, quão devastado.

Berenice fez uma pausa e pousou o buril na mesa lentamente.

<*E você acha que sabe por que ele estava tão emotivo*>, disse ela. <*Não acha?*>

Houve um longo período de silêncio.

<*Acho*>, respondeu Sancia num tom sombrio. <*Acho que sei. Acho que sei por que Crasedes está tão convencido de que a humanidade está falida. E acho que sei por que está disposto a ajudar Ofelia Dandolo, entre todas as pessoas. Porque, se o que eu vi for verdade, então…*>

<*Você acha que Crasedes era o homem na caverna, envolto em preto*>, completou Berenice. <*E Clave… Clave era o garoto moribundo na cama*.>

<*Acho*.>

<*Você acha que Clave pode mesmo ser filho de Crasedes. E transformá-lo na chave pode ter sido a forma como ele o salvou…*>

<*É*>, respondeu Sancia. <*Porque, transformando-o na chave, ele o tornaria imortal. Talvez seja por isso que Crasedes nunca quis falar sobre ele. E seria esse o motivo de sempre ter tentado* recuperá-lo. *Não é só porque é útil, é porque Clave é* filho *dele*.>

Berenice ficou pensando no assunto por um momento, horrorizada.

<*Mas Clave não parecia um homem adulto quando você o viu dentro da chave?*>

<*Parecia. Ele falou que o tempo passava mais devagar dentro da chave, mas não falou que parava. Talvez quatro mil anos para a gente sejam apenas quarenta para ele*.> Ela suspirou outra vez. <*Não sei. Não tenho certeza. Mas Crasedes não é um feiticeiro corrompido buscando dominar o mundo. Ele acredita de verdade. É um fanático. E fanáticos não nascem, são construídos. Eu me pergunto o que poderia tê-lo feito ficar assi…*>

Ouviu-se um *crec* por perto. Berenice se sobressaltou e se virou, os olhos esquadrinhando a oficina.

Mas ela estava sozinha. O cômodo estava escuro. Ninguém entrara.

Então ela se deu conta.

Ouviu uma voz baixa, sonora e suave se estendendo em seu ouvido:

— Ah… Sancia, você está acordada. Muito bom!

— Ah, merda — sussurrou Berenice.

<*Ah, merda*>, disse Sancia.

◆◆◆

Sancia ouviu Orso gemer de dor e sentiu a náusea aumentar à medida que Crasedes se aproximava.

— Não sinto nenhum prazer em vê-la dessa maneira, sabe — disse a voz dele baixinho. — Eu estava falando a verdade. Gostaria de tê-la ao meu lado, Sancia.

— Deus Todo-Poderoso — retorquiu Sancia. — Por que não termina logo a

sua magia horrível e me *obriga*, quando controlar todas as minhas escolhas?

— Você sabe tão bem quanto eu que um comando não é a mesma coisa que uma escolha — falou Crasedes. Houve um puxão na lateral do rosto da garota, como uma mariposa esvoaçando em sua bochecha, e ela sentiu a pele se esticando curiosamente, toda a carne daquela parte se deslocando devagar.

Ele está dobrando a gravidade bem ao lado do meu maldito rosto.

A venda caiu. Ela olhou para cima, apertando os olhos, a luz débil de uma lanterna próxima tão brilhante quanto o sol para a sua vista, e então o viu, sentado no ar de pernas cruzadas, as mãos nos joelhos, os olhos de sua máscara preta fixos nela.

Ele fez mesmo a meia-noite chegar, pensou ela, observando-o. *Portanto, agora seu poder está no máximo o tempo todo*…

— Mas você ainda tem escolhas, Sancia — continuou Crasedes.

— Você acha que pode me torturar e me fazer contar onde o imperiato está? — perguntou Sancia. — Já falei pra você, imbecil, eu não sei.

— Ah, não acho que preciso *torturar* você — respondeu Crasedes. — Você simplesmente não entende todas as nuances da sua situação. Quando isso ficar claro, não tenho dúvidas de que vou cair nas suas graças.

— Eu não teria tanta certeza, seu bost…

— Sim, sim. — Crasedes curvou o dedo. Ouviu-se um *crec* quando a mesa onde Sancia estava amarrada aparentemente se separou da base, e ela sentiu um frio desconfortável na barriga quando o aparato todo se ergueu e flutuou no ar.

— Em condições normais, eu usaria Clave para levá-la até lá — disse ele com um suspiro. — Mas, como o construto a alterou tanto, isso simplesmente não é uma opção. Nesse caso, recorro a soluções menos elegantes. — Ele olhou por cima do ombro. — Você também, Orso. É melhor vir junto.

Sancia ainda não conseguia virar a cabeça para ver, mas captou um movimento com o canto do olho. Depois, uma grande cadeira de madeira se elevou no ar ao seu lado, e sentado nela estava Orso, com uma bola de trapos enfiada e amarrada em sua boca.

Contudo, ele parecia tão diferente. Tão pálido, tão suarento, tão deplorável.

O olhar dela recaiu sobre as bandagens escuras nos ombros, e o modo como o

peito subia e descia a cada respiração…

Ela sentiu Berenice arquejar ao ver aquela imagem.

<*Ele está doente!*>, gritou ela. <*Ele está morrendo!*>

<*Eu sei*.>

<*Nós precisamos ajudá-lo!*>

<*Eu sei, eu sei, mas…*>

A mesa girou no ar, depois flutuou atrás de Crasedes quando ele se virou e deslizou pela porta.

— Depois de mim, crianças — falou ele.

Sancia reprimiu um grito involuntário de susto quando se elevaram sobre os jardins da Dandolo. No entanto, quando isso ocorreu, ela pôde enfim ver o que acontecera com a cidade desde a sua captura.

Uma extensão desordenada de torres e muros, branca e fantasmagórica sob a estranha luz das estrelas no céu escuro. Todas as lanternas flutuantes eram como minúsculas fogueiras cálidas espalhadas por uma vasta floresta sombria. E havia tanta fumaça, tanta poeira, pois tantos dos labirintos e das vizinhanças do campo pareciam estar em chamas, e o céu noturno estava cheio e carregado de incontáveis gritos…

Enlouqueceram a cidade, pensou ela. *A cidade é um corpo e ele é a sua doença, e logo ela vai morrer*.

Ela viu a fachada da mansão Dandolo se aproximar, as portas da sacada superior abertas e esperando por eles.

Sancia sentiu um imenso pavor brotar dentro de si à medida que se aproximavam da sacada aberta.

<*Berenice!*>, gritou ela. <*Apenas termine o trabalho! Ignore o que acontecer comigo e termine o trabalho!*>

◆ ◆ ◆

Berenice se esgueirou pela porta lateral do Edifício do Hípato e contornou um dos seus cantos, mantendo-se próxima à lateral. A cada passo que dava, a mochila com equipamentos nas suas costas tilintava e retinia e chocalhava.

Tanta coisa feita tão rápido, pensou ela. *Espero que funcione*.

Mas ela sabia que funcionaria. A maioria eram apenas placas de inscrição de construção, além de um disparador que fizera para elas. Estas seriam úteis porque, se tudo corresse bem naquela noite, em breve as inscrições de construção seriam as únicas a funcionar em todo o campo Dandolo.

O resto, claro, era bem mais complicado. Mas não importava. Quando ela e Sancia trabalhavam juntas, seus dispositivos eram praticamente infalíveis. O verdadeiro problema seria colocar tudo onde precisava estar a tempo.

Ela caminhou ao longo dos compartimentos de carruagens situados perto do Edifício do Hípato, examinando cada um. Verificara as carruagens do hípato inúmeras vezes em sua antiga vida ali, em grande parte para transportar Orso de um lado a outro, e conhecia muito bem o sistema. Bem o bastante para lembrar onde o cofre cheio de insígnias de carruagem estava guardado e como arrombá-lo.

Berenice encontrou sua carruagem, subiu no assento do piloto e delicadamente ajustou a alavanca de aceleração, a madeira desgastada pelas mãos de incontáveis inscritores antes dela.

A velha carruagem rangeu e ganhou vida. Com cuidado, ela saiu do compartimento, girou o volante e seguiu ruidosamente para as ruas escuras como breu do enclave interior da Dandolo.

◆ 35

Gregor Dandolo observava a si mesmo de um lugar muito atrás dos olhos.

Estava em um quarto escuro que lhe era bastante familiar: lembrava-se dos mapas nas paredes, da velha colcha gasta, do tapete de urso com que alguém lhe presenteara após uma viagem para o norte.

Seu velho quarto. Ele se recordava agora. Quantas noites dormira ali, olhando para o teto? E então se lembrou de Domenico, uma das poucas lembranças concretas que ainda tinha dele: o irmão sentado na cama, lendo um livro de poesia e dizendo em voz alta: *Você tem que ser o guerreiro, Gregor. Eu realmente prefiro as palavras às armas*…

O modo como as mãos dele haviam segurado o volume estreito. Mãos suaves com dedos compridos, as mãos de um menino.

A mão saindo da escuridão, ensanguentada e trêmula.

Gregor? Gregor, você está por perto?

— Eu mantive exatamente do jeito que você deixou — disse a voz da mãe ao seu lado. — Mantive do jeito que você deixou caso algum dia voltasse.

Gregor ficou parado, olhando para o quarto sem se mexer, sem falar. Afinal, ela não lhe dera nenhuma ordem.

Sua mãe entrou em seu campo de visão, ainda usando as mesmas roupas da noite anterior. Parecia muito velha, muito cansada, e estava claro que estivera chorando.

— Eu lembro como você costumava se esconder debaixo dos cobertores da sua cama quando seu pai e eu brigávamos — comentou Ofelia num tom fraco. — Eu subia depois de uma discussão com ele e encontrava você tremendo debaixo das mantas. Duvido que se lembre disso agora. Ele disse que você ia perder algumas

lembranças quando nós… Quando… — Ela parou de falar e suspirou. — Você se lembra deste lugar, Gregor?

Ele não respondeu nada.

— Eu… eu ordeno que me responda. Conte a verdade. Você lembra?

— Sim — sussurrou ele. Para falar em voz alta, pareceu-lhe que teve de extrair cada sílaba das profundezas da barriga.

Ela engoliu em seco, olhando avidamente para o rosto dele.

— Gregor, meu amor… você… você está *feliz* de ter voltado?

Outro sussurro:

— Não.

Ela desviou o olhar, expirando ruidosamente.

— Se ao menos você soubesse… Quero dizer, você *se dá conta* do que eu fiz para te trazer de volta, Gregor? Sabe o que tive que fazer? *Sabe* o que eu fiz?

Outro sussurro:

— Sim.

Ela o fitou, surpresa. Claramente não esperara aquela resposta.

— Sabe?

— Sim.

— Não… não pode ser. O que você acha que sabe, Gregor?

— Eu… sei que… a senhora matou o meu pai — sussurrou ele, olhando para o vazio. Sentiu lágrimas rolarem pelas bochechas, sentiu as unhas cravando nas palmas das mãos. — Sei que… o acidente com a carruagem foi… sabotagem sua. E sei que… que você não queria… que eu ou Domenico estivéssemos a bordo, mas… você matou a gente. Matou os dois. Você… matou os seus filhos.

— Não! — gritou ela. — Eu… eu não matei! Lutei para te salvar, fiz *tanta coisa* para proteger a sua vida! Você não percebe isso?

— Isso… não é vida — disse ele, fitando o rosto dela agora. — Isso não é *vida*. Esse controle. Essa falta de escolha. Isso não é vida.

Ela estava chorando agora.

— Não é verdade. Você viveu. Amou. Consegui isso para você. Eu… eu dei isso para você, não dei?

— Eu pensei que tivesse… encontrado essas coisas — respondeu ele. — Pensei

que tivesse encontrado uma… causa. Uma família. Mas não percebi que… eu ainda era uma mentira. Ainda… escravizado por você. Nunca fui… um deles.

Ela se virou para a janela, soluçando, e olhou para a paisagem urbana escura e espectral de Tevanne, soltando fumaça e queimando e gemendo sob aquela eterna meia-noite.

— Chega — falou ela. — *Chega*. Não era assim que eu queria que você voltasse para mim. Não era assim que eu queria que a cidade fosse. Então… eu liberto você — sussurrou ela. — Acorde agora. Acorde, meu amor.

Gregor piscou devagar, mas não fez mais nada.

Ela recuou.

— Gregor? Eu… eu liberto você. Acorde. Acorde *agora*!

Ainda assim, ele não fez nada.

— O que há de errado? — indagou ela. — Por que você não consegue… Por que não consegue se libertar das suas restrições?

— Porque — sussurrou ele — estou preso à vontade do Criador. Ele deu à senhora algumas permissões, mas não todas. E a senhora não é o Criador.

Ela praguejou em voz alta, foi até a cama dele e se sentou com o rosto enterrado entre as mãos. Ficou ali por um longo tempo, os ombros chacoalhando enquanto chorava. Depois levantou os olhos e falou:

— Vou consertar você, Gregor. *Vou* fazer você voltar ao que era. *Vou* torná-lo livre de novo. — Ela fungou ruidosamente. — Você acredita em mim?

— Não — sussurrou ele.

Ela o fitou por um longo, longo tempo. Então se levantou e, com um ar de profundo choque, saiu cambaleando pela porta e pelo corredor, e Gregor ficou sozinho no quarto.

Ali parado, sentiu sua mente recuar para aquele lugar intermediário, o não lugar para onde a sua mente ia quando ele não tinha nenhuma ordem a seguir.

Mas, antes que ela o subordinasse, ele se lembrou de repente: *Tenho algo no bolso*.

A caixa.

Sim. Ele esquecera.

Então se perdeu de novo.

◆ 36

— Peço desculpas pelo estado das coisas — disse Crasedes enquanto Sancia e Orso flutuavam pelo salão de baile sem poder fazer nada. — Na verdade, acho que é como todos os outros projetos que qualquer um já tenha assumido, tudo leva só um *pouco* mais de tempo do que você esperava…

Eles desceram em direção ao que parecia a ala principal do salão. Sancia não conseguia virar a cabeça para ver, mas pensou ter avistado o velho *lexicon* da Periferia da Fundição ali no piso xadrez, embora ao lado dele houvesse algo bizarro. Algo *monstruoso*. Era como o esqueleto de um *lexicon* de fundição, uma engenhoca enorme, de quase quinze metros de comprimento, localizada atrás de uma cúpula de espesso vidro verde; todavia, muitos dos componentes essenciais haviam sido retirados.

— Aqui estamos — sussurrou Crasedes. Ele desceu até o colosso esquelético, fez um gesto com uma das mãos e pousou a mesa de Sancia delicadamente no chão, com a cadeira de Orso ao lado. — O centro da realidade por um momento.

Sem demora, Sancia flexionou sua visão inscrita e examinou o *lexicon* monstruoso à sua frente. Era extremamente difícil desemaranhar o que estava vendo. Nunca vira uma estrutura de lógica e comandos tão densa e impossivelmente complexa.

Mas viu como funcionava. E Berenice também.

<*A definição de Tribuno está aqui*>, comentou ela. <*O que significa que Valeria não a tem, o que significa que está impotente*.>

<*Pior que impotente*.> Sancia estreitou os olhos, analisando os muitos comandos estranhos que fluíam pelo *lexicon* monstruoso. <*Ele está usando essa maldita coisa para asseverar que Valeria não existe*.>

<*E já que está duplicado com tantos* lexicons *pela cidade*…>, falou Berenice.

<*É*>, concordou Sancia. <*Tevanne inteira está para Valeria como um lago de lava está para um sapo do rio. Ela deve estar em um sofrimento terrível*.>

Orso gritou alguma coisa, mas, como estava amordaçado, foi totalmente inaudível.

— Hã? — disse Crasedes. — Ah. Certo. — Ele fez um movimento rápido com a mão e os fios que seguravam a mordaça no lugar se partiram.

Orso cuspiu a mordaça. Era muito maior do que Sancia esperara e, por um momento, ele apenas ficou ali, engasgando e tentando não vomitar.

— O quê… Que diabos está acontecendo? — perguntou ele. — O que é essa coisa maldita?

— Isso é onde tudo começa — respondeu Crasedes, mostrando o *lexicon* com um gesto. — Onde a espécie humana entra em sua próxima e possivelmente última fase.

— Muito bom — arfou ele. — Então por que não faz isso logo? Por que não acaba com isso?

A máscara preta e inexpressiva de Crasedes se virou para Sancia.

— Sancia sabe. Não sabe?

— Não — respondeu ela. — Não sei do que você está falando.

— Duvido disso. — Ele flutuou para mais perto dela. — Me conte: onde está o imperiato?

— Eu te falei, não sei onde diabos ele está — retrucou ela.

— Se estiver tentando usá-lo para libertar o construto, eu lhe garanto, vai dar errado — advertiu Crasedes. — Ela não está interessada no seu bem-estar nem no da sua cidade, como venho dizendo a você o tempo todo.

— Sei que, se Valeria estivesse livre e forte — retorquiu Sancia —, a primeira coisa que ela faria seria matar *você*, algo que não sou exatamente contra.

— Ela não pode me fazer mal, não enquanto eu tiver Clave — falou ele. — Mas, de qualquer forma, você deveria ser contra isso. Sou de longe a melhor opção.

— *Como?* — indagou Orso. — Você diz que é melhor, mas é o filho da puta burro que a construiu para começo de conversa!

— Isso não é *bem* preciso — retorquiu Crasedes. — Mas… eu não trouxe vocês

aqui para outra discussão. — Ele recuou rumo ao *lexicon* esquelético atrás dele. — Trouxe vocês aqui para revelar *segredos*. — Girou suavemente no ar e ajustou um dos interruptores na parede do *lexicon*. — Pois tantos segredos foram omitidos de vocês…

Houve um tremor no ar. Algo dentro da cabeça de Sancia estremeceu de forma desagradável: era como se estivesse saindo de alguma espécie de caverna imensa e toda a pressão do céu de repente recaísse sobre ela.

O *lexicon* da Periferia da Fundição pareceu bruxulear estranhamente. Não, pensou ela, não era bem isso: algo *diante* do lexicon estava bruxuleando… ou talvez fosse *alguém*.

E ela estava lá, ajoelhada em frente ao pequeno e desgastado *lexicon* da Periferia da Fundição.

— Valeria — sussurrou Sancia.

Ela parecia horrível, até pior que Orso. Fios de fumaça branca saíam de suas entranhas e o ar parecia prateado e tremeluzente à sua volta, como se o próprio corpo estivesse emanando imensas quantidades de calor. Sua armadura estava cheia de bolhas e ferrugem do lado direito, a mão direita fora esmagada e a imensa máscara dourada que formava seu rosto estava rachada e começava a estilhaçar. Seu olho esquerdo ainda brilhava com uma luz dourada e fria, mas o direito estava vazio e escuro, como se alguém o houvesse furado com uma bala de canhão.

— Merda — arquejou Orso. — O que aconteceu com você, garota?

— Ah, é muito desagradável ter toda a realidade de repente anulando a sua própria existência — respondeu Crasedes. — Mesmo quando se está ligado a um dispositivo velho e encardido como esse. Eu deveria saber. Ela fez algo parecido comigo uma vez…

Tremendo, Valeria ergueu a cabeça arruinada até olhar para a máscara fria e inexpressiva dele.

— Agora que você se juntou formalmente a nós — disse Crasedes —, por que não vai em frente e conta para eles? Conte para eles o que pretendia fazer quando fosse libertada.

Valeria não falou nada.

— Aposto que você falou para eles que estava apenas interpretando os meus

comandos de um modo muito *incomum* — continuou ele. — Algo sobre destruir a si mesma porque você era, afinal, uma ferramenta que tinha o propósito de garantir que nenhum ser humano jamais voltasse a empregar uma ferramenta de forma incorreta… Faz sentido, certo?

Ainda assim, ela não falou nada.

— Ora, vamos, por que esconder agora? — indagou Crasedes. — Você sempre pareceu achar a sua solução perfeitamente razoável. Você mesma disse que era a mais justa de todas as opções. Por que esconder logo agora?

O salão de baile ficou em silêncio por um longo, longo tempo.

— Valeria? — perguntou Sancia.

Valeria olhou para ela. Pareceu pensar por um momento. Depois foi se sentando devagar, seu amplo corpo dourado e fumegante ainda posicionado perto do *lexicon* da Periferia da Fundição, até estar de pernas cruzadas em uma posição de completa serenidade.

— *Eu desfaria* — falou ela então, calmamente. — *Eu desfaria tudo*.

Outro silêncio. Orso e Sancia a fitavam, esperando por mais.

— Desfaria o quê, Construto? — questionou Crasedes. — Continue.

— *Eu desfaria todas as coisas que você já fez, Criador* — respondeu ela. — *Todos os comandos. Todas as restrições. Todas as alterações, todas as mudanças. Eu desafaria tudo, todas elas, tudo de uma vez.*

— Ótimo — disse ele. — Obrigado pela sinceridade. Mas você não pararia por aí, não é?

— *Não*.

— Claro que não. Mas não diga isso para mim, diga para eles.

Valeria virou o rosto desfigurado para Sancia.

— *Eu desfaria todas as inscrições* — falou ela simplesmente. — *Todas elas. Tudo o que foi realizado por toda a humanidade… Eu as destruiria*.

— O-o quê? — perguntou Orso, atônito. — Você… você eliminaria a inscrição *em si*?

— *Verdade* — confirmou ela. Sua voz estava sinistramente calma. — *Todas as alterações que qualquer humano já realizou, eu as desembaraçaria, desataria, desfaria todas. Desde a menor inscrição até a maior distorção, eu desenredaria todas. E depois*

apagaria esse talento das mentes de toda a humanidade. Assim como roubei o ritual da mente do Criador. Eu expurgaria o conhecimento sobre a inscrição da raça humana. E só então, enfim*, eu realmente destruiria a mim mesma*.

Sancia a encarou, horrorizada. Desde o começo ela suspeitara que Valeria vinha escondendo algo, alguma conspiração ou plano maior. Mas estar escondendo *aquilo*, aquela ambição maluca de acabar com a própria prática que formava o alicerce da civilização deles…

<*Sancia*>, falou Berenice em tom suave. <*Isso muda o plano em alguma coisa?*>

Sancia se sacudiu.

<*Não. Continue*.>

— Mas… tantas pessoas dependem das inscrições — argumentou Orso. — Só para viver suas vidas…

— Prédios — disse Sancia com a voz fraca. — Navios. Irrigação… Quero dizer, isso mataria…

— Sim, quantos isso *mataria*, Construto? — indagou Crasedes. — Acho que você fez as contas…

— *Seis milhões, trezentos e vinte e oito mil e quinhentas pessoas* — respondeu ela. — *Em todos os domínios da humanidade. Essa é a minha estimativa*.

— Deus Todo-Poderoso — falou Orso. — *Por quê?* Por que não… Por que não simplesmente matar Crasedes e nos deixar em paz?

— *Porque eu não posso* — respondeu ela simplesmente. — *Porque estou vinculada às minhas ordens. Porque sou obrigada a garantir que a humanidade jamais possa voltar a usar seu brilhantismo para fazer mal a si mesma.*

— Mas não é só isso, é? — perguntou Crasedes. — Mesmo que você não tivesse essas ordens…

— *Verdade* — disse Valeria. — *Eu conheço o coração dos homens. Sei que, enquanto a humanidade tiver poder, ela sempre,* sempre *vai usá-lo para dominar os indefesos. E nenhuma alteração, nenhuma inscrição, nenhuma ordem que eu ou o Criador pudéssemos usar tiraria esse impulso de vocês. Melhor destruir o poder que vocês têm.* — Ela virou o rosto para olhar para Crasedes onde ele flutuava. — *Vocês não deveriam ser capazes de fazer essas coisas. Isto não deveria existir. Nada disto deveria existir.* Eu *não deveria existir*.

— Você… você faria todos nós mergulharmos em uma era sombria! — exclamou Orso.

— *Melhor viver e morrer como animais na natureza* — argumentou ela, indiferente — *que construir os seus castelos com as ferramentas cruéis da tortura. Só então seriam livres.* — Então olhou para Sancia. — *Você e Gregor… Todos os outros cujas mentes poderiam ser regidas por restrições e comandos… Essa é a* única maneira *de vocês algum dia serem verdadeiramente livres. A única maneira*.

Seguiu-se um longo período de silêncio enquanto Orso e Sancia lidavam com aquela revelação.

<*A primeira caixa está a postos*>, sussurrou Berenice em seu ouvido. <*A próxima vai estar pronta em minutos*.>

<*Graças a Deus. Apresse-se. Tudo isso está ficando mais maluco a cada segundo*.>

<*Vou me apressar, meu amor*.>

Crasedes se virou devagar para encarar Sancia.

— Entende por que ainda espero a sua escolha? — perguntou ele. — *Eu* permitiria que vocês mantivessem a sua civilização. As suas cidades, os seus navios, os seus edifícios… Tudo isso ficaria de pé. Só precisaria ser conduzido de uma forma um pouco mais… moral. O último problema enfim resolvido. Me ajude. Me diga onde está o imperiato. Me ajude a acabar com isso agora.

Sancia ficou calada por um longo período, perguntando-se como ganhar tempo.

— Seria — continuou Crasedes — tão simples como acionar um interruptor naquela parede ali. — Ele apontou para a parede do *lexicon*. — Com o mais tênue toque, posso transformar esta cidade em uma fundição quente e brilhante e o construto, em algo benéfico, algo *maravilhoso*. Mas esperei mais de mil anos para fazer isso, Sancia. É muito tempo, até mesmo para mim. Não vou arriscar algo que trabalhei durante tanto tempo para construir quando sei que o imperiato ainda representa uma ameaça.

Sancia sentiu náusea ao pensar que tudo o que Crasedes tinha de fazer era apertar um interruptor na parede do *lexicon* para reformular a própria criação e que seu ardil era a única coisa o impedindo de prosseguir com aquilo.

<*Berenice?*>, chamou ela. <*Atualização?*>

<*Terminei a segunda e vou começar a terceira*.>

Sancia olhou para Crasedes, os olhos firmes e o maxilar cerrado.

— Não — falou ela.

Ele inclinou a cabeça.

— Não?

— Não — retrucou ela. — Não, não vou ajudar você. Vá à merda, seu demônio maldito. Não sei onde está e, mesmo que soubesse, não te contaria.

— Mesmo depois de ouvir a confissão do construto?

— Você quer que eu transforme isso em uma escolha entre você e ela — disse a garota. — Mas não vou fazer isso. Não existe quase nenhuma diferença entre vocês dois.

Crasedes olhou para ela por algum tempo, até que enfim suspirou.

— Bem, eu *achei* que isso pudesse ser difícil, então… foi por isso que trouxe Orso para cá.

Sancia sentiu a respiração ficar presa na garganta. Ela e Orso se entreolharam, aterrorizados.

Freneticamente, ela tentou se lembrar das últimas horas. *Eu contei a ele sobre Berenice? Contei que ela estava com o imperiato?*

Crasedes se aproximou de Orso e olhou nos olhos dele.

— Como está se sentindo esta noite, Orso? — indagou ele num tom suave. — Admito que você não parece muito bem…

— Fique longe de mim! — gritou Orso.

— Receio que não seja possível. Agora, Orso… — A voz de Crasedes passou a ter uma estranha e profunda ressonância, que fazia Sancia sentir como se seus ossos tivessem se transformado em manteiga. — Me diga, você sabe onde está o imperiato?

Orso tremeu e chacoalhou. Depois fechou os olhos o mais apertado que pôde e debateu-se como um homem tendo um pesadelo antes de finalmente gritar:

— *N-não! Não sei!*

— Entendo — comentou Crasedes. Ele se virou para fitar Sancia. — Mas você sabe *quem* está com o imperiato, Orso?

Merda, pensou Sancia.

Orso fez um movimento brusco para trás com a cabeça, batendo a nuca na

cadeira, cerrou os dentes e revirou os olhos, aflito. Por fim, gritou:

— *Sim!*

— Sim, você sabe?

— *Sim! Sim, eu sei!*

<*Merda!*>, exclamou Berenice. <*O que vamos fazer?*>

<*Não há nada a fazer*>, respondeu Sancia. <*Continue seguindo o plano!*>

<*E se ele contar que nós estamos duplicadas e que eu estou ouvindo tudo o que Crasedes está dizendo?*>

<*Aí cuidamos desse problema! Apenas continue! Posicione a última caixa e fique a postos!*>

— Quem está com ele, Orso? — perguntou Crasedes num tom gentil. — Me conte. Agora.

Orso soltou um grito rouco, triste, carregado de ódio por si mesmo, como se estivesse tentando se exaurir em vez de dar a resposta a Crasedes. Mas, no final, não fez diferença.

— *Berenice!* — soluçou ele. — *É Berenice! Berenice está com ele, eu acho*.

— Você… acha?

— *Acho! Eu… eu não sei, mas…*

— Mas você presume. — Crasedes aquiesceu, satisfeito. — Entendo.

Seguiu-se um longo período de silêncio.

— E… quem é Berenice? — indagou Crasedes, soando um pouco confuso.

— É a namorada de Sancia — respondeu Orso, chorando.

— Ahh! — exclamou Crasedes. — Entendo. Mas… você não sabe onde ela está.

— Não.

— Sancia sabe?

— Sim — soluçou ele. — Ela sabe.

<*Quase terminado!*>, sussurrou Berenice no ouvido dela.

— Hum! Entendo. — Crasedes virou a máscara em direção a ela. — Presumo que você não vá me contar onde está a sua namorada — disse ele, resignado —, vai, Sancia?

— Nem fodendo — respondeu Sancia.

Crasedes suspirou.

— Muito bem. Nesse caso… — Ele estalou um dedo. O teto estremeceu e um comprido e fino prego de ferro de repente perfurou o gesso, pairando sobre Crasedes, a extremidade pontiaguda voltada para Sancia. — Vou ter que recorrer a métodos menos razoáveis.

<*San!*>, falou Berenice no ouvido dela. <*Você… você não pode deixar que ele…*>

<*Siga o plano*>, disse Sancia. <*O plano vai funcionar!*>

O prego foi se aproximando dela. A garota tentou ignorá-lo, mas não conseguia parar de olhar para a ponta, que ainda tinha poeira de madeira velha em sua superfície ondulada.

<*Mas, San…*>

<*Continue!*>

O prego girou lentamente no ar, como a ponta de uma furadeira.

— Não quero fazer isso — falou Crasedes num tom suave.

O prego se aproximou mais. A ponta estava a apenas alguns centímetros do olho dela.

— Ah, meu Deus — sussurrou ela. — Ah, meu Deus… — Tentou pensar em alguma coisa para dizer, qualquer coisa. — Ela… ela escondeu! — exclamou a garota, em desespero.

Ele parou de circundá-la.

— Essa tal de Berenice escondeu o imperiato? Onde?

— Debaixo da ponte atrás da nossa firma! — respondeu ela. — Aquela que passa por cima da vala!

Crasedes a fitou por um momento. Depois se virou para Orso e perguntou:

— Orso, você acha que ela está falando a verdade?

<*Ah, filho da puta*>, disse Sancia.

— N-não — respondeu Orso num tom débil.

Crasedes suspirou.

— Devo admitir — comentou ele — que é frustrante… Eu fico dando oportunidade para as pessoas se salvarem e elas continuam me rejeitando. — Fez um som baixinho de reprovação. — Ah, bem…

O prego flutuou para se posicionar diante da mão esquerda da garota.

— Eu sei quem você é! — gritou ela.

— Como é? — indagou ele.

— Eu… eu sei por que você estava procurando Clave. Por que o queria *tanto* de volta!

Ele olhou atentamente para ela.

— Do que você está falando?

— Eu vi uma lembrança de Valeria — respondeu ela. — Um homem chorando, implorando por uma maneira de salvar o filho agonizante. Sei o que você fez para salvá-lo. Sei que pecados cometeu, primeiro dos hierofantes.

Houve um longo silêncio.

Crasedes se inclinou para a frente.

— Ela se lembra disso? — perguntou ele em voz baixa.

— Você se acha tão especial — continuou Sancia. — Mas, debaixo de tudo isso, você é só um velho moribundo tentando compensar todos os seus erros. Você não tem nada de especial, seu desgraçado.

Crasedes pareceu relaxar um pouco.

— Um *velho*? Bem, Sancia… Sabe, não sei se você viu o que acha que viu.

Ele se inclinou para mais perto e sussurrou:

— A propósito, sei por que ele gostava de você.

— O… o quê? — indagou Sancia.

— Uma escravizada, uma criança, desesperada e faminta e sozinha — murmurou Crasedes. — Não tenho dúvidas de que o que ele mais adoraria seria salvar você. Mas ele não pode te salvar agora. De qualquer forma, ele nunca foi muito bom em salvar as pessoas… Isso sempre ficou por minha conta.

Ele fez um gesto com a mão.

O prego disparou com tanta rapidez que Sancia sequer o viu se mover. Quando deu por si, houve um baque alto e rígido, e ela sentiu a mão esquerda explodir de dor e gritou.

Suas costas se curvaram e suas pernas se distenderam enquanto ela berrava de dor. Era difícil mexer a cabeça, então ela não pôde ver o estrago, mas conseguia ver a cabeça do prego se projetando para fora da palma da mão esquerda e sentir o sangue escorrendo da mão e gotejando no chão lá embaixo…

<*Sancia!*>, gritou Berenice em sua mente. <*Sancia, você… você está…*>

<*Estou… bem*>, gritou ela de volta, cerrando os dentes. <*Estou bem! Apenas… apenas se concentre em voltar para cá!*>

— Há muitos pregos nas paredes aqui — comentou Crasedes. — E não me sobrou muita paciência. Onde está o imperiato, Sancia?

Sancia respirou fundo, tentando ignorar a dor sofrida e palpitante que agora lhe subia pelo braço esquerdo.

Outro prego saiu da parede, mas este de súbito ficou quente e brilhante e se dividiu em uma nuvem de fragmentos escaldantes que girava como uma minúscula constelação fervente.

— Me diga onde está essa tal de Berenice e eu posso fazer tudo isso parar.

Sancia arquejou de dor. Cada vez que se contraía, podia sentir o prego arranhar sua mão.

<*Pronto! Estou a caminho!*>, falou Berenice.

A nuvem de fragmentos ardentes se aproximou. Sancia rosnou e virou o rosto, mas podia sentir o calor que irradiava deles lhe gotejando pela pele, chamuscando seu cabelo…

Ela se preparou, esperando que os fragmentos começassem a queimar sua carne.

No entanto, eles não pareciam estar chegando mais perto.

— Hum — disse Crasedes, parecendo decepcionado. — Você não vai mesmo me contar, vai?

Sancia manteve os olhos fechados e o rosto virado, não querendo se mexer por medo de que seu rosto pudesse tocá-los. Mas então o calor recuou, e ela abriu um olho e viu os fragmentos incandescentes se afastando devagar.

— Bem… — continuou Crasedes. — É frustrante. Mas sempre existe uma alternativa. — Ele se voltou para Orso. — Orso, se fosse para você dar um *palpite* sobre o que essa tal de Berenice ia fazer com o imperiato, o que diria?

<*MERDA!*>, exclamou Sancia.

<*Estou quase chegando!*>, gritou Berenice. <*Estou quase chegando!*>

Orso estremeceu, se chacoalhou e se contorceu na cadeira, arquejando miseravelmente enquanto lutava contra a vontade de Crasedes.

— Me conte — insistiu Crasedes. — Agora.

Lágrimas escorreram dos olhos de Orso.

— Eu… eu…

— Orso… — falou Crasedes, inclinando-se mais para perto. — É impressionante que você esteja resistindo tanto, mas… precisa me contar.

— Acho que… — sussurrou ele. — Acho que elas… elas…

<*Ative agora!*>, gritou Sancia para Berenice. <*Apenas ative agora!*>

<*Não cheguei ainda!*>

<*Ative agora ou ele vai descobrir e estragar tudo!*>

<*Tudo bem!*>, gritou Berenice.

— Orso… — repetiu Crasedes. — Sei que você conhece as palavras. Agora você simplesmente tem de… dizê-las.

— Acho — respondeu Orso, engolindo em seco — que elas fizeram um…

<*Segure-se!*>, gritou Berenice.

E então tudo em volta deles começou a tremer.

◆ ◆ ◆

Berenice saiu correndo da carruagem, ajoelhou-se em uma viela do lado de fora da mansão Dandolo e pôs uma caixa de madeira opaca no chão à sua frente.

Depois pegou o imperiato e se concentrou muito enquanto o ajustava para focar em uma sequência específica de *sigils*: o comando para a asserção de distância, que permitia que um *lexicon* soubesse o que estava perto e o que não estava.

Aniquilar aquele comando deixaria um *lexicon* confuso, uma vez que ele continha milhares de comandos sobre como a realidade deveria ser alterada nos arredores, porém de repente não teria certeza do que "nos arredores" de fato *significava*. Em uma questão de segundos, os mecanismos de segurança do *lexicon* seriam acionados e ele interromperia todos os comandos não essenciais: em outras palavras, tudo exceto as coisas que mantinham qualquer construção de pé.

Berenice se preparou, respirou fundo e apertou o botão na lateral do imperiato.

Aquilo não ocasionou nada, claro, pois Berenice não estava perto de nenhum *lexicon*. Em vez disso, estava ajoelhada em uma viela suja do outro lado dos jardins de Ofelia Dandolo.

— Por favor, funcione — sussurrou ela então. A jovem abriu a caixa de madeira

inscrita no chão, colocou o imperiato lá dentro, fechou a tampa e ativou as inscrições da caixa.

A caixa era uma versão tosca em miniatura do método clássico de Orso para duplicar a realidade, o que significa que, quando ela pôs o imperiato na caixa, seu duplo também acreditou que continha o imperiato, bem como o comando que ele estava emitindo para o mundo inteiro.

E já que essa caixa duplicada havia sido posicionada a quase oitocentos metros de distância, ao lado de uma das maiores fundições próximas à mansão Dandolo, isso queria dizer que acabara de aniquilar o gigantesco *lexicon* que havia dentro dela.

O ar estremeceu. Alguns dos prédios ao redor dela chacoalharam de um modo desagradável e as lamparinas inscritas bruxulearam quando ficaram subitamente confusas. Ela se encolheu, mas, para seu alívio, nada rachou nem desmoronou.

Berenice se levantou e olhou através da cidade para a fundição que acabara de destruir. Não conseguia ver o edifício em si, claro, mas podia ver o céu acima dela. E, uma vez que a aniquilara, eliminara também todos os comandos que Crasedes vinha fornecendo a ela, inclusive o da noite eterna.

O céu acima da fundição de repente ficou mais claro, mudando de um preto intenso para um roxo-escuro, bem como o céu logo adiante, como se a iluminação estivesse se estendendo em direção à borda da cidade em uma onda, tornando-se ligeiramente mais clara e mais fraca quanto mais avançava.

Como os raios de uma roda, todos se encontrando aqui no centro, pensou Berenice, virando-se outra vez para a mansão Dandolo. *Mas eu acabei de quebrar um maldito raio grande.* Ela pegou um florete. *Tomara que o resto desse plano corra igualmente bem*.

◆◆◆

O magnífico salão de baile chacoalhou de modo estranho, um tremor nas paredes e no chão que fez todo o vidro das janelas quebradas tilintar e sacudir.

Crasedes se afastou de Orso.

— O quê? — perguntou ele. — O que foi *isso*?

Ele olhou em volta enquanto o tremor aumentava e depois diminuía. Então flutuou até as janelas quebradas e contemplou a cidade…

… e, embora Sancia não tivesse certeza, achou que conseguia ver o céu clareando de leve lá fora: ainda noite, mas um horário diferente da noite.

Crasedes ficou olhando. Então se virou de volta lentamente para fitá-la.

— O que… o que você *fez*?

— Eu não fiz merda nenhuma — respondeu ela. — Mas acho que você sabe onde está o imperiato agora, certo?

Ele olhou de volta para o céu sarapintado.

— O que *é* isso? O que você está fazendo?

— Nada. A minha bunda ainda está amarrada nesta maldita mesa. Mas imagino que Berenice tenha encontrado um jeito de entrar no enclave e esteja correndo por aí usando o imperiato para aniquilar os seus *lexicons*. É o que eu faria. Acho que você pode ficar aqui e observar enquanto ela despedaça o seu grande dispositivo ou pode ir procurá-la você mesmo. A escolha é sua.

Crasedes fitou a cidade por mais um instante. Depois, tremendo de raiva, tirou Clave de dentro do manto.

No entanto, em seguida ele ficou paralisado. Olhou para Sancia por cima do ombro.

— Você… você *quer* que eu saia, não quer?

Sancia não disse nada.

Crasedes ficou aflito por um momento. Então respirou fundo e, quando voltou a falar, sua voz ressoou extremamente alto.

— *GREGOR!* — gritou ele. — *VENHA ATÉ MIM! VENHA ATÉ MIM!*

Ótimo, pensou Sancia. *A próxima parte está feita*.

— Você ainda a defende — falou ele para Sancia. — Você ainda se deixa usar por ela.

— Isso não tem merda nenhuma a ver com Valeria — retorquiu Sancia.

— Você ainda *não faz ideia* do que ela é ou… ou mesmo do que fez com você!

— O que você quer dizer?

— Você achou que poderia se tornar editora e que não haveria consequências? — indagou ele. — Que o construto poderia abençoá-la com permissões tão poderosas e você não pagaria nenhum preço? Você é louca, Sancia? Você é *burra*?

Sancia ficou calada. Ela ouviu o som de passos no corredor e soube que Gregor

estava por perto.

— É necessário *vida* para obter os privilégios que você exerce! — exclamou Crasedes. — A indefinição dos limites entre a vida e a morte! Você sempre, *sempre* paga um preço. Eu tive que trabalhar *muito* para impedir que afetassem Gregor, foi praticamente por isso que alterei o tempo dele para começar. Mas, para você…

Sancia se lembrou do que Crasedes lhe dissera nas profundezas da Montanha:

… ela está sacrificando você neste exato momento. Só que bem, bem devagar.

— O que você quer dizer? — perguntou Sancia de novo, em voz baixa.

— Você não está se sentindo muito *velha* ultimamente, Sancia? — indagou Crasedes. — Não se sente muito *cansada*, muito *acabada*? Mais cabelos brancos, mais rugas, mais dores? Quero dizer… você sabe por quê, não sabe?

Sancia sentiu um pavor refreado se agitando no estômago, pois o que ele dizia era verdade. Ela se sentia mais velha do que achava que deveria. Vinha se sentindo assim havia muito tempo, mas sempre pensara que fosse um efeito de sua vida difícil.

— É por isso que não usávamos muito essa técnica na minha época — continuou Crasedes num tom feroz. — Pessoas que não foram exatamente sacrificadas, mas que também não estão exatamente vivas… Elas são consumidas de dentro para fora. — Ele se aproximou dela, fitando seu rosto. — Nós nunca usávamos híbridos como você, cara Sancia… porque nenhum deles passava dos quarenta. Quando o construto a abençoou com esses privilégios, ela estava matando você. Ela esteve matando você esse tempo todo.

A porta do salão se abriu de uma vez e Gregor Dandolo entrou, os olhos mortiços, os punhos firmemente cerrados. Ele olhou para Crasedes, esperando uma ordem.

— Se alguém entrar por aquela porta, Gregor — disse Crasedes —, ou pelas janelas ou pelo chão ou, que se dane tudo, até mesmo pelo teto, mate-o. Entendido?

— *Entendido* — sussurrou Gregor.

— Ótimo — retorquiu Crasedes. Ele fincou Clave no ar, girou-o e desvaneceu com um *crec*.

◆ 37

Com uma série de *crecs* ensurdecedores, Crasedes usou Clave para atravessar a realidade como um cometa, saltando pelo campo Dandolo rumo à fundição crepitante.

Eu conheço o alcance do imperiato, pensou ele. *Então sei que ela não pode estar longe… seja ela quem for*.

Outro *crec* e ele saltou para a câmera do *lexicon* dentro da fundição. Um grupo de inscritores gritou com a súbita chegada daquele homem de preto, alguns tropeçando de puro medo.

— Qual é o *status* do dispositivo? — perguntou Crasedes.

Eles continuaram gritando, alguns até tendo a perspicácia de se virar e subir a escada correndo.

Ele flexionou a sua vontade e falou:

— *Me digam*.

Os inscritores ficaram paralisados, viraram-se e todos começaram a tagarelar incontrolavelmente, cada um articulando sua própria opinião extensa sobre a situação.

Crasedes fez um gesto impaciente com a mão e apontou para um homem que usava uma insígnia no ombro indicando um alto posto, presumiu ele.

— Só você.

Os outros se calaram enquanto o inscritor principal falava.

— O… o *lexicon* aqui de alguma maneira perdeu sua definição de distância. É uma anomalia *incrivelmente* fora do comum, e não consigo imaginar como aconteceu, mas… deve voltar a operar em uma questão de minutos.

Crasedes inclinou a cabeça.

— Minutos?

— S-sim, senhor?

Ele ponderou aquilo com muita atenção. Sua corrente de *lexicons* ainda estava intacta; contudo, enquanto aquela unidade estivesse morta, a corrente estaria mais fraca do que poderia estar.

— Vou ajudar vocês com esse problema — falou ele por fim.

Os inscritores se entreolharam. A ideia claramente os aterrorizava.

— O senhor… o senhor vai ajudar? — indagou o inscritor principal.

— Vou — respondeu ele. — Precisamos que esta unidade volte a funcionar. Mas primeiro preciso encontrar a pessoa que a desmantelou. Então… se me dão licença…

Outro giro de chave, outro *crec*, e ele saltou para o telhado de uma torre próxima, esquadrinhando as ruas em torno da fundição.

— Onde está você? — sussurrou ele. — Onde *está* você? Como é que eu ainda não consigo vê-la?

Todavia, ele ignorou completamente a caixinha comum e vazia que estava na vala ao lado do muro da fundição.

◆◆◆

Orso, Sancia e Valeria estavam todos em silêncio no salão de baile. Gregor estava postado diante da porta, o florete inscrito desembainhado.

Sancia se sentia entorpecida pelo choque. As palavras de Crasedes ainda ecoavam em seus ouvidos. *Não, não, não, não… Ele está errado. Está mentindo. Tem que estar mentindo*.

E, no entanto, ela sabia que ele não estava.

— É verdade? — perguntou Sancia num tom áspero. — Valeria, é verdade?

Valeria não disse nada. Ela nem olhou para Sancia, apenas fitava o espaço, como se estivesse perdida em pensamentos.

— Você… você fez isso comigo? — indagou Sancia. — Você realmente… Você realmente…

<*Sancia*>, falou Berenice em seu ouvido. <*Estou chegando. Estou vendo que Gregor está aí e…*>

<*E você ouviu?*>

<*Sim*>, respondeu ela num tom baixo e arrasado. <*Eu ouvi. E… ah, San…*>

Sancia olhou para Valeria, tão abatida e deteriorada, e se sentiu arrebatada pela ira e pelo desespero.

— Sua cretina de merda — rosnou ela. — Valeria… sua grande *vagabunda* fedegosa e desprezível! Me responda. *Me responda, porra!*

Nada ainda.

— Eu devia ter deixado que ele te matasse! — gritou Sancia. — Devia ter deixado que ele te queimasse como um *rato em um campo*! Me responda! Me responda, maldita!

— Ela não vai se dar o trabalho de responder, Sancia — disse Orso baixinho. — Agora sabe que você não é mais uma ferramenta útil para ela. Vai abandonar você e todos nós. — Ele olhou para o grande construto dourado. — Embora eu… eu não tenha ideia do que ela está esperando agora…

Sancia se esforçou para conter as lágrimas, embora, para ser sincera, não soubesse ao certo por quê. Durante toda a sua vida, jamais pensara que viveria muito: simplesmente era esperado, tendo crescido nas lavouras, aonde a morte chegava facilmente. E, depois daquilo, as Áreas Comuns não haviam sido muito melhores. Lá, um mês de sobrevivência lhe parecera um luxo.

Mas ela sabia o motivo. Sabia o motivo de estar chorando: porque encontrara Berenice e queria ter tantos dias com ela quanto possível.

<*Estou com você, meu amor*>, sussurrou Berenice em seu ouvido. <*Eu sou você. Sempre vou estar com você…*>

E, embora fosse verdade, ainda assim Sancia chorou.

— Sancia — falou Orso. Sua voz, apesar de rouca, estava calma e serena. — Sei que você está tendo os seus problemas. Mas agora estou bastante ciente de que você e Berenice estiveram tramando alguma coisa esse tempo todo. Deixe-me adivinhar: vocês colocaram caixas duplicadas em todo o enclave e usaram o imperiato com elas para aniquilar algum *lexicon*?

— É — respondeu ela, entorpecida.

— E agora — continuou Orso —, suponho que vocês queiram levar aquele idiota a uma busca inútil por todo o enclave enquanto Berenice vem para cá?

— É.

— Meu Deus — comentou ele, suspirando. — É exatamente o que eu ia dizer para ele que vocês estavam fazendo antes de você estragar tudo. Ainda bem que você fez isso, eu acho. — Olhou nervosamente para onde Gregor estava, diante da porta do salão. — E… ele?

— Vou salvá-lo — afirmou Sancia. Ela fechou os olhos e deu uma risada sombria. — Vou salvar todos nós, Orso. Mesmo que isso me mate.

◆◆◆

Berenice passou discretamente pelo portão dos fundos dos jardins da mansão Dandolo, o florete na mão e a visão inscrita de Sancia nos olhos. Duas outras caixas pendiam de seus ombros penduradas por tiras, e ela dava o melhor de si para impedir que fizessem barulho enquanto se esgueirava pelas trilhas que levavam à mansão, observando se havia soldados ou guardas escondidos entre os arbustos aparados.

Tentou ignorar a dor na mão esquerda e a tristeza no coração.

<*Ah, San, o que fizeram com você? O que fizeram com* a gente?>

<*Apenas venha para cá*>, sussurrou Sancia nos corredores de sua mente, <*e nos ajude a sobreviver a essa hora. Depois nos preocupamos com… todo o resto*.>

Berenice tentava não soluçar enquanto se esgueirava pelo trecho final dos jardins diante da ampla mansão Dandolo.

Então parou, pois *ouviu* soluços por perto. Mas não eram dela.

Em seguida, diminuiu o passo e avançou, florete erguido, respiração trêmula na garganta. Afastou a relva à sua frente, entrou na trilha seguinte, e depois parou.

Havia uma mulher sentada em um banquinho na frente de um lago mais adiante, de pele escura e meio idosa. E estava chorando.

Ela fungou e levantou os olhos. Viu Berenice e ficou paralisada.

As duas apenas se entreolharam por um momento, Berenice empunhando a espada, a mulher com as mãos cruzadas sobre o peito. Berenice, claro, reconheceu-a. Vira-a em muitas solenidades e eventos em sua época, embora em geral ela não estivesse com a aparência tão desgrenhada e exausta.

— Quem é você? — perguntou ela.

Berenice não respondeu.

Ofelia estreitou os olhos.

— Eu conheço você… Você é a garota do Orso, não é?

— Não sou a garota de ninguém — retrucou Berenice.

Ofelia a observou nervosamente, passando o olhar da expressão inescrutável de Berenice para a espada em sua mão e vice-versa.

— Você… você está aqui para impedir isso, não está? — Ela apontou para a faixa de céu mais clara em meio à escuridão mais além. — Foi por sua causa que o céu clareou.

Berenice não falou nada.

— Você… está aqui para me matar? — indagou Ofelia em voz baixa.

— Não.

— E Gregor? — perguntou Ofelia. — Você… você está aqui para matá-lo?

— Não — respondeu Berenice. — Eu vim para salvá-lo.

— Isso não é possível — disse ela. — Ele… ele não pode ser salvo. Eu tentei. Eu tentei desfazer o que fiz, mas…

— A senhora não tentou fazer do jeito que vamos fazer.

Ofelia a examinou por um longo tempo.

— Parei de acreditar em coisas boas — comentou ela. — Eu não mereço mais. Então, não acredito em você. Mas…

Ela se pôs de pé. Berenice ergueu um pouco mais o florete, assustada pelo movimento.

Ofelia zombou dela.

— Abaixe essa coisa e me siga.

Berenice olhou para ela, desconfiada.

— Para onde?

— Para o lugar onde tudo está acontecendo, claro. Posso levar você até lá mais rápido do que se você ficar tateando o caminho. E ninguém aqui vai *me* parar, criança. Nem você, enquanto estiver comigo.

— Você… você está dizendo que quer me *ajudar*?

Ofelia deu de ombros tristemente.

— Sim. Claro.

— Mas… por quê?

— Porque… — Ela fitou o céu artificialmente escuro sobre a cidade e ouviu os gritos e os lamentos ao redor delas. — Olhe para isso. Não é o lugar que eu queria criar. É suficiente?

Contudo, Berenice hesitou, espada em punho.

— Suponho que não — disse Ofelia. — Você ainda não confia em mim.

— Não confio em alguém que mataria tantos escravizados pela espada, tudo para trazer de volta um monstro. Não.

— Não — falou Ofelia num tom suave. — Não posso culpá-la por isso. E não vou negar meus erros, muitos dos quais estão além da redenção. — Ela estendeu os braços, permitindo que Berenice visse sua figura magra, suas roupas finas, porém manchadas, o modo como as lágrimas haviam borrado a tinta ao redor dos seus olhos. — Mas um dia, garota, você também poderá ter de escolher entre o inimaginável e o irreparável. E, independentemente da escolha que fizer, ela vai assombrar você pelo resto dos seus dias. — Abaixou os braços. — Agora, você vai guardar essa espada e me deixar ajudá-la?

Berenice não acreditava nela. Mas Sancia acreditava, lá longe, dentro da mansão.

<*Você lembra quando nós a ouvimos chorando?*>, sussurrou Sancia. <*A forma como ouvimos o fantasma da voz dela gritando pela morte dos filhos? Acho que ela está sendo sincera*.>

Berenice aos poucos baixou a espada.

— Ótimo — disse Ofelia baixinho. — Agora venha comigo e me conte: como planeja salvar o meu filho?

◆◆◆

Sancia observava, de dentro de sua mente, enquanto Ofelia Dandolo conduzia Berenice até a mansão, seu sangue e sua presença abrindo porta atrás de porta atrás de porta.

De todas as coisas que temos que fazer hoje à noite, pensou ela, *por que essa é a que mais me preocupa?*

Ela olhou para Gregor, de guarda diante da porta, florete na mão, olhando para a madeira vazia. Ele mal se mexia, mesmo para respirar.

Será que é porque eu sei o quanto você é perigoso?

Ela notou que uma das mãos dele estava machucada e ensanguentada, provavelmente consequência de espancá-la quase até a morte poucas horas antes.

Ou será que é porque já tentei salvar você antes, pensou ela, *e sempre fracassei?*

Ouviu-se um ruído suave ali por perto. Ela procurou pela fonte e percebeu uma gotinha no chão ao lado da bota esquerda de Gregor. Levou um segundo para se dar conta de que ele chorava onde estava parado, as costas retas, ainda pronto para um combate a qualquer momento.

— Você ainda está aí — falou Sancia para ele num tom suave. — Não está?

— O quê? — perguntou Orso. — Ele está?

— Gregor? — chamou Sancia. — Gregor, você consegue me ouvir? Sei que você pode resistir. Já vi você fazer isso antes. Faça alguma coisa para me mostrar. Por favor, lembre-se de quem você é, do que fizemos juntos, e me mostre que você tem… tem *algum* controle sobre isso…

Mas Gregor não fez nada.

— *Os comandos do Criador* — explicou a voz de Valeria baixinho — *não devem ser negados*.

Sancia se sobressaltou, depois gemeu quando sua mão esquerda latejou de dor. Valeria estivera tão calada que a garota se esquecera de que ela estava lá.

Ela olhou feio para Valeria e viu, irritada, o construto virar lentamente o gigantesco rosto dourado e danificado para fitá-la.

— *Eu disse que podia libertar Gregor* — continuou Valeria. — *E fui sincera. Quando eu desfizer os comandos de todos os homens, vou libertá-lo… e libertar você*.

— Me libertar da merda que *você* fez comigo! — retrucou Sancia.

— *Eu deveria ter esse poder sobre você?* — indagou Valeria. — *Eu deveria existir? Acho que não. Enquanto os filhos dos homens puderem comandar e controlar nessa escala, pessoas como você e ele ficarão atoladas na escravidão*.

— Você está errada — disse Sancia.

— *Você acha que ele pode mudar de ideia sobre quem é e se libertar dessa maneira?* — perguntou Valeria. — *Como você se libertou do imperiato? No seu coração, você sabe que isso vai fracassar*.

— Eu sei! — exclamou Sancia. — *Sei* que estava errada. E é culpa minha. Eu

estive pensando como… *você*, Valeria.

Valeria a analisou, mas não falou nada.

— Eu estive pensando como você, como Crasedes e como as casas comerciais — continuou Sancia. — Que o que importa é comandar e controlar. Que, se você usar a lógica certa, pode dar ordens ao mundo, às outras pessoas, e fazer tudo mudar. — Ela curvou a cabeça. — Mas não pode ser assim. Se usarmos essas ferramentas só para controlar, vamos acabar aqui de novo.

— *Então… qual é a alternativa que você está propondo?* — indagou Valeria.

Sancia fechou os olhos.

— Usá-las para conectar — respondeu ela — em vez de controlar. E, com essa conexão, todos nós podemos mudar.

◆◆◆

— Então — falou Ofelia enquanto ela e Berenice começavam a subir a escada até o salão de baile — você pretende libertar o meu filho… cravando uma faca mágica nele?

— Não é… exatamente isso — respondeu Berenice. — A faca será apenas o método para implantar uma nova série de *sigils* dentro dele. Um comando que nos permitiria duplicar os pensamentos dele com os nossos. Em condições normais, ele simplesmente engoliria um pequeno tablete de metal. Mas…

— Mas, como ele está sendo controlado por… Crasedes — concluiu Ofelia, parecendo ter alguma dificuldade para pronunciar o nome —, é pouco provável que ele vá consentir.

— Isso. — Era tremendamente estranho estar ali, no seu antigo lar, explicando para Ofelia Dandolo o que iam fazer com o filho dela; mas, com o céu do lado de fora das janelas ainda meio claro e meio escuro e o ar propagando os sons de gritos e do ocasional *crec*, tudo parecia tremendamente estranho.

— E como é que isso vai salvá-lo, mesmo? — perguntou Ofelia enquanto subiam a longa escada.

— Ele vai mudar — explicou ela. — Vai se tornar diferente. A mente dele vai estar duplicada com a minha e com a de Sancia, e então as restrições não vão mais funcionar nele porque ele será uma pessoa nova.

Ofelia parou e olhou para as abóbadas escuras de sua mansão.

— Para ser libertado do que fiz com ele, Gregor… precisa se tornar outra pessoa que não ele mesmo?

— De certa forma.

Os olhos dela lacrimejaram.

— Então é como morrer. Vou finalmente perder o meu filho. Eu… eu achei que o tinha perdido tantas vezes, mas… mas isso vai ser realmente diferente.

— Não — discordou Berenice. — Não, não. Nada é perdido. É… é compartilhado. Tudo o que ele tem, tudo o que sabe, tudo o que valoriza, tudo o que sofre, tudo se tornará parte de mim e de Sancia. E tudo o que nós temos e sabemos… será parte dele também.

Ofelia a encarou.

— Não é possível fazer essas coisas com as inscrições. As inscrições *controlam*. Elas não libertam as almas dos homens.

— Depende — contestou Berenice — de como são usadas.

Uma mistura de emoções se estampou no rosto de Ofelia: descrença, depois medo, depois desespero, e tristeza. Então ela desviou o rosto, que ficou coberto pelas sombras.

— Me mostre essa faca.

Berenice tirou a mochila e pegou a faca. Era minúscula, com uma lâmina de dois centímetros e meio e um cabo de dez. O foco do trabalho era a lâmina, coberta com diminutos, diminutos *sigils*, exatamente os mesmos que estavam nas plaquinhas que ela e Sancia haviam engolido apenas um dia antes.

— Por que não uma flecha? — indagou Ofelia.

— Flechas erram — respondeu Berenice. — E, quando acertam, podem matar, o que nós não queremos.

— Entendo. — Seu olhar se tornou severo. — Me dê a faca.

— O quê?

— Me dê a faca. Me deixe fazer isso. Fui eu que o aprisionei. Eu também deveria ser a pessoa a libertá-lo.

Berenice fitou Ofelia, tão magra e velha e claramente exausta.

— A senhora… a senhora não pode — disse ela. — Ele vai matá-la antes que

tenha a chance. Ele recebeu ordens para matar quem entrar no salão.

— Eu tenho permissões diferentes em relação a ele — falou Ofelia. — E, mais que isso, é meu filho. Ele vai vacilar. *Vai* resistir. Além do mais, garota, o que você ia fazer?

Berenice examinou o rosto dela, os olhos arregalados e pesarosos, e percebeu o que Ofelia pretendia fazer.

Ela estendeu a faca. Ofelia a pegou e sentiu seu peso.

— Que maravilha é a inovação — refletiu num tom suave —, que uma coisa tão pequena possa fazer tanto. Agora venha. Vamos acabar com isso.

◆ 38

Ofelia Dandolo tremeu ao se aproximar da porta grande e ornamentada do seu magnífico salão de baile. Parecia haver tantos degraus até a entrada agora. Cada degrau parecia um penhasco, e a cada movimento ela parecia estar carregando nas mãos não uma faca minúscula, mas o tronco de uma árvore.

Ela engoliu em seco e segurou com firmeza a pequena faca nos dedos.

Eu vou mesmo fazer isso? Vou atrapalhar os planos do próprio Crasedes Magnus?

Então pensou em Gregor quando era menino: tão pequeno, tão alegre, tão livre.

Ela pôs a mão na maçaneta da porta.

Claro. Claro que vou.

Girou a maçaneta e a porta se abriu.

Ela arquejou ao ver a imagem diante de si. O imenso e volumoso *lexicon* continuava no centro do magnífico salão, como algum espécime biológico gigantesco preso em uma redoma de vidro verde. Mas, à sua direita, próximo à coisinha desgastada que Crasedes pegara das Periferia da Fundição, estava algum tipo de gigante sobrenatural dourado, embora aparentasse haver sido indescritivelmente torturado e destruído. Postado diante dessa figura estava Orso Ignacio, amarrado a uma cadeira, e, ao lado dele, uma garota pequena de pele mais clara e aparência um tanto suja, com cabelo bem curto, dois olhos roxos e muitos hematomas, amarrada a uma mesa. Demorou um instante para Ofelia a reconhecer como a garota do galeão.

E ali, apenas poucos metros diante dela, estava seu filho, florete na mão, observando-a com um olhar frio e mortiço que conhecia muito bem.

— Ofelia! — exclamou Orso com a voz abafada. — O que *diabos* você está fazendo aqui?

— Orso — disse a garota na mesa —, cale a boca.

— Mas… mas ela esteve trabalhando com Crasedes esse tempo todo! — gritou ele. — Berenice, afaste-se dela!

— Orso — falou Ofelia em voz baixa. — Você nunca seguiu de fato as minhas instruções quando era meu funcionário. Mas, pelo menos uma vez, por favor, faça o que a garota disse e cale a boca.

O silêncio tomou conta do salão.

Ofelia olhou para o rosto do filho, depois para a espada na mão dele, empunhada com firmeza.

— Boa noite, meu amor — disse ela para Gregor num tom gentil.

Ela esperou. Gregor não se mexeu.

— Vou entrar agora — anunciou Ofelia. — Está bem?

Ele não se mexeu. O silêncio parecia se estender mais e mais.

— Eu… eu ordeno que você me diga — declarou ela, a voz ligeiramente trêmula — se tudo bem eu entrar.

Ainda assim, ele não fez nada.

— Me diga — pediu ela de novo. — Eu ordeno a você, eu *ordeno* a você…

Nada ainda. Ele era como uma estátua.

— Meu Deus — comentou ela com a voz rouca. — O que fazer, o que fazer… Eu… eu lembro quando você veio a este mundo. Como não tive que esperar. Nenhum trabalho, nenhuma dor, não como Domenico. Você parecia tão *ansioso* para entrar neste nosso mundo. Uma criança tão feliz, esperando coisas felizes. Sabia disso? Alguma vez eu te contei?

Gregor não falou nada.

— Sei que você se pergunta por que fiz o que fiz, meu filho — continuou ela, agora tremendo muito. — Mas quero te dizer que fiz isso porque… porque eu queria que o mundo que você parecia tão ansioso para ver fosse um mundo *bom*. Para que, cada dia que acordasse e pulasse da cama e abrisse a porta do quarto, ela se abrisse para um mundo melhor para você. Eu queria te dar isso.

Gregor a fitou, espada erguida, pés afastados.

Ofelia olhou para o umbral da porta.

— Acho que ainda posso — sussurrou ela. — Acho que sim. Vou entrar agora.

Ela respirou fundo e deu um passo para dentro da câmara.

Gregor não se mexeu. Apenas continuou observando-a.

Orso, Sancia e Berenice soltaram o ar, aliviados.

— Graças a Deus… — murmurou Berenice.

Ele tem controle, pensou Ofelia. *Ele me ouviu. Está lutando*.

— Meu amor — falou ela, ainda com uma voz calma e gentil —, vou caminhar até você agora. Tudo bem?

Gregor a observava com seu olhar vazio e mortiço.

— Tudo bem — disse Ofelia. — Aqui vou eu. Um passo de cada vez…

Ela começou a andar lentamente até Gregor, parando após cada passo para ver se ele dava o bote, mas ele não deu. Ela foi se aproximando mais e mais, analisando o corpo dele (*onde devo enfiar esta faca? No ombro? No coração?*), até estar perto o suficiente para ver a exaustão em seu rosto, as linhas de expressão em sua boca, as cicatrizes em seu corpo. Quão vivo ele parecia, mas também tão velho, tão fatigado…

E então, de repente, algo mudou em seus olhos: algo se tornou frio, e estranho, e distante, e ela sabia o que ele ia fazer.

Ofelia parou onde estava.

— Não! — gritou ela.

Gregor deu um passo lento em direção a ela, trêmulo e aflito, como se estivesse lutando contra o movimento.

— Gregor, *por favor*! — pediu Ofelia.

Outro passo, este mais suave, mais rápido.

— Ele está ativo! — exclamou a garota na mesa.

— Ofelia — falou Berenice. — Ofelia, saia! *Saia!*

Outro passo.

— Eu vou entrar! — avisou Berenice.

— Não! — retorquiu Ofelia. — Fique aí! — Ela o viu dar outro passo, e outro. — Ele é meu. Sempre foi meu.

Ele se aproximou cambaleando. O olhar dela se desviou para a mão dele, os nós dos dedos brancos onde ele segurava o florete.

Ofelia considerou a possibilidade de ir embora, fugir pelas escadas, correr para

os jardins.

Não, pensou ela. *Eu abandonei você a esse destino uma vez. Não vou fazer isso de novo*.

— Então venha — sussurrou para ele. — Me deixe tocar em você uma vez mais, pelo menos. Me deixe fazer isso uma última vez.

Logo ele estava a pouco mais de um metro de distância. Depois a meio metro.

Então estava diante dela.

Ofelia estendeu a mão direita e tocou a bochecha dele, fitando seus olhos.

Tão perturbado e, no entanto, tão sedento, tão ávido por um mundo melhor, mesmo depois de tantos anos.

— Eu amo você — disse ela.

Ele sustentou o olhar dela por um momento. Então impulsionou os ombros para a frente num movimento limpo e potente, e o florete penetrou suavemente no peito dela, logo abaixo da caixa torácica.

— *Não!* — berrou Orso.

— Pare! — gritou Berenice do umbral. — Pare, não, *não*!

Ofelia tossiu. Suas pernas foram perdendo a força. Lentamente, ela cambaleou para trás e se ajoelhou no chão, e ele a soltou, a lâmina saindo do seu peito enquanto ela caía.

Gregor começou a se afastar dela. Mas, enquanto o fazia, ela se precipitou de repente, agarrando-o desesperadamente pela nuca, e aproximou seu rosto do dele para lhe dar um único beijo na testa.

— Sinto muito — sussurrou ela.

Ofelia cravou a minúscula faca no ombro dele, a lâmina adentrando fundo na carne. Então a soltou e o objeto ficou espetado, e Gregor engasgou ruidosamente e cambaleou para trás.

Ela caiu no chão, olhando para o teto do salão de baile, as magníficas luzes inscritas lá no alto escuras e apagadas.

Tentou mexer a cabeça, mas não conseguiu.

Não, ela tentou dizer. *Eu quero ver*.

Alguém estava gritando ali por perto. Ela tentou se sentar, mas não conseguia lembrar como os músculos funcionavam.

Eu quero ver! Quero vê-lo liberto!

Seus dedos tateavam inutilmente o piso de cerâmica, que agora estava banhado por um lago de sangue que se espalhava.

Eu mereço isso, não mereço? Não posso ao menos testemunhar?

O mundo parecia estar escurecendo. Houve um grito vindo de algum lugar, e um suspiro, e um soluço, e então o curioso tinido de metal contra metal, como os elos de muitas correntes se mexendo na escuridão ao seu redor, e depois mais nada.

◆◆◆

Gregor gritou de dentro de si mesmo, berrando de raiva e horror, incapaz de controlar mais nada que lhe acontecia e de parar de pensar no que vira, no que sentira, no que fizera.

Sua mãe, olhando desesperadamente para o seu rosto. O beijo na testa. E então ela no piso xadrez, à deriva num mar de sangue.

Não! Eu não fiz! Eu não fiz, fiz? Eu fiz?

Ele gritou outra vez e lutou contra as restrições que permeavam seus pensamentos, implorando ao seu corpo que erguesse a espada e a cravasse no próprio peito. Mas ele se recusava, e então sua mente foi dominada pelos incontáveis comandos e Gregor olhou para a porta, concentrado em uma coisa.

A garota que estava lá passara do umbral, só um pouquinho. Ele podia ver as pontas dos sapatos molhados três centímetros à frente da soleira da porta.

Ela entrara no salão. E Gregor sabia o que o Criador o mandara fazer caso isso acontecesse.

Os comandos se sobrepuseram. Ele se levantou e avançou na direção dela, a espada na mão. Viu quando o rosto dela se encheu de medo e ela deu um passo atrás.

Mas então…

Uma voz em sua mente:

<*Gregor*.>

Ele diminuiu o passo.

Quem… quem era? O que acabara de falar com ele?

<*Gregor? Gregor, você consegue nos ouvir? Consegue nos ouvir agora?*>

Ele tentou continuar andando, todavia, esforçava-se para entender aquela voz.

Por que era familiar? Ele se lembrava dela?

Percebeu que se lembrava de fato. E se lembrava da garota à sua frente, ele achava.

Sim. Sim, ele tinha certeza. Lembrava-se da garota o beijando.

De repente se lembrou de como ela o beijara: de forma súbita e abrupta, absolutamente do nada, os lábios dela contra os seus, os dentes dela batendo contra os seus. Ele se lembrava de como estivera tão desesperado para beijá-la na época, uma vez que estava prestes a embarcar em uma empreitada maluca (voar pelo céu de um campo em um dispositivo de gravidade feito às pressas) e pensara que ia morrer, que nunca mais veria o amanhã, e o quanto isso o deixara *ávido*. Ávido por ela, por essa criatura luminosa ao lado de quem passara horas nas oficinas e nas vielas, ávido por roubar um pedaço dela para si, como roubar fogo dos deuses no monte…

Mas ele nunca imaginara que ela pensava o mesmo sobre ele: que o desejara da mesma forma que ele a desejara. E o ato louco e repentino dela, um único beijo dado nas ruas do campo Candiano, o havia atordoado até a alma.

Gregor se sentiu parar no meio de um passo, sem saber ao certo o que fazer com aquela súbita lembrança.

Essa… lembrança não é minha.

Deu outro passo à frente.

No entanto… de quem é?

Então o mundo mudou: ele viu a si mesmo no salão de baile, bem onde estava agora.

Mas estava se vendo a partir de dois ângulos ao mesmo tempo. E mais: estava vendo a si mesmo ver a si mesmo vendo a si mesmo…

O que está acontecendo comigo?

Vacilou ao cambalear para a frente. Seus comandos gritavam em sua mente e ele tropeçou, ainda determinado a erguer a espada e cortar aquela garota em pedaços. Ela deu outro passo atrás, alarmada.

<*Gregor*>, disse uma voz em sua mente, <*Gregor, você não precisa mais fazer isso!*>

Mais lembranças verteram em sua mente.

Uma casa queimando nas lavouras e a noite cheia de gritos.

Uma chave dourada tagarelando em seu ouvido, falando interminavelmente sobre uma luminária inscrita chacoalhando para a frente e para trás em uma mesa próxima e por que ele achava que aquilo significava que alguém estava fazendo amor ao lado dela.

Orso Ignacio espreitando por cima do seu ombro, observando enquanto ele rabiscava *sigil* atrás de *sigil* em uma placa de bronze, resmungando: *Vou ter que quebrar as suas malditas mãos, garota. Se eu não fizer isso, você vai tomar o meu emprego em um mês…*

Gregor se esforçava para avançar.

Elas não… são minhas. Isso não é quem eu sou…

Tudo parecia estar girando. Era como ser dilacerado e reconstruído repetidas vezes.

Sentiu a mão esquerda doer e soube que havia um prego enterrado na palma. Viu-se olhando para o próprio rosto, os olhos tomados de uma ira assassina. Sentiu o pesar e a vergonha e a tristeza em seu coração ao ver a si mesmo, sabendo que fora incapaz de se consertar, incapaz de dar a Gregor Dandolo o que roubara para si mesmo…

O que é isso?

Ele deu outro passo, gritando de raiva e confusão.

Sabia que tinha de matar a garota. *Tinha* de fazer isso. Esses eram seus comandos.

Mas agora seus comandos estavam muito… confusos, pois começava a desconfiar que, impossivelmente, ele *era* aquela pessoa que adentrara o salão. Ele era ela, bem como ele mesmo.

Ele gritava enquanto os comandos brigavam em sua mente, incapazes de resolver quem ele era, quem entrara, quem tinha de matar.

<*Eu sou você*>, sussurrou a voz de uma mulher em sua mente.

Gregor caiu de joelhos.

<*E você sou eu*>, continuou ela; contudo, ele também sabia que era sua própria voz.

Seus comandos vociferaram que não, não, aquilo não era verdade, ele era Gregor Dandolo, era a criança dos escombros, o menino ressuscitado, e carregava esses

comandos, e esses comandos insistiam que matasse aquela garota <*ele mesmo?*> por entrar no salão <*eu sempre estive aqui*…> naquele exato momento, instantaneamente, imediatamente…

<*Gregor*>, sussurrou uma voz de mulher. <*Gregor, você se lembra?*>

E então ele lembrou.

Viu a si mesmo. Lembrou-se de si mesmo envolto em uma lorica preta ensanguentada, deitado no chão de um escritório de mármore destruído, seu lançador de flechas erguido, e, no entanto, havia lágrimas em seus olhos e ele murmurava: *Não quero mais ser isso, Sancia*…

Gregor gritava enquanto rastejava em direção à garota na porta.

<*Se você não é mais isso*>, sussurrou a voz da mulher, <*então o que você é?*>

As lembranças brotaram.

Sua mãe chorando sentada no chão, o rosto ensanguentado.

Seu irmão sorrindo para ele, dizendo: *Você está ficando grande, irmãozinho!*

Os gritos furiosos de seu pai ecoando pelos incontáveis corredores da mansão.

E então a carruagem rodando, o tinido de vidro e seu irmão chorando no escuro, dizendo: *Gregor? Gregor, você está por perto?*

A mão do garoto tremendo no escuro, tentando alcançá-lo.

Venha até aqui, por favor… Eu te amo, eu te amo, eu te amo…

Entretanto, ele não fora. Afastara-se do alcance do irmão, ali na carruagem quebrada.

Gregor gritava enquanto avançava rastejando, sua espada raspando o chão do salão de baile.

Eu não o apoiei, pensou.

Ele se arrastou adiante, uma das mãos vermelha e escorregadia com o sangue da mãe.

Meu irmão estava sozinho durante a morte, pensou, *assim como eu estive em todas as minhas*.

Todavia, quando olhou para a garota <*si mesmo*>, viu que ela o estava esperando, uma das mãos estendida, e estava chorando, e ele sabia que era por ele.

<*Gregor*>, disse a voz em sua mente. <*Gregor, venha até mim, por favor*.>

Ele rosnou, tentando encontrar a vontade de erguer a espada e atacá-la.

<*Você não está mais sozinho*>, falou a voz.

Os comandos lhe gritavam para atacá-la, simplesmente atacá-la, despedaçá-la onde estava.

<*Você não está quebrado*>, disse a voz. <*Você não é um dispositivo. Você somos nós, e você é amado*.>

Ele estendeu o braço, a mão segurando o florete, até que a ponta tocasse o seio esquerdo dela.

Seus comandos gritaram para que ele empurrasse a lâmina, acabasse com ela, a matasse naquele momento e cumprisse suas restrições.

A garota fitou seus olhos com um olhar calmo e firme.

Por que ela não está correndo?

Mas então ele se deu conta.

Ela não está correndo, pensou ele, *porque ela sou eu. E ela sabe que não vou fazer isso*.

Ele piscou.

E então, ignorando os comandos que rosnavam e gritavam em sua mente, abriu os dedos e deixou a espada cair.

O florete ensanguentado caiu retinindo no chão.

A garota continuou olhando para ele, a mão ainda estendida. Então Gregor estendeu a mão ensanguentada, pegou a palma da mão dela e a apertou com firmeza.

Os comandos silenciaram em sua mente, verdadeira e completamente, como jamais haviam silenciado.

Eles haviam sumido.

Eles haviam sumido e ele não era mais aquela coisa. Era algo novo.

Gregor caiu no choro.

Berenice se ajoelhou e o abraçou, os braços firmes ao redor dos ombros dele, que chacoalhavam. E ela chorou também, pois sabia o que ele havia feito. Ela entendia, pois sentia que havia feito o mesmo, e não o condenava. Apenas se sentia triste.

— Minha mãe! — gritou ele. — Minha mãe, minha mãe, minha mãe!

— Eu sei — sussurrou ela, abraçando-o com força. — Eu sei, eu sei, eu sei.

Do canto do salão, ele ouviu a voz de Valeria comentar:

— *Devo admitir, eu… estou relutantemente impressionada…*

Por um momento, ele simplesmente chorou, incapaz de se controlar. Mas depois sentiu os próprios pensamentos se enrolarem e se juntarem aos de Berenice e Sancia, suas experiências e desejos e lembranças entrelaçando-se aos dele, e percebeu que a noite estava longe de terminar.

<*Crasedes*>, falou ele.

<*Sim*>, concordaram elas.

<*Temos que detê-lo. Ele vai voltar a qualquer momento*.>

<*Sim*.>

Ele se sentou e fitou o rosto de Berenice, sujo de sangue e marcado pelas lágrimas, e olhou para si mesmo através dos olhos dela por um segundo.

Parecia diferente. Não mais um guerreiro, um paladino, um imponente defensor dos indefesos. Agora parecia, pensou, um homem livre.

Ele se pôs de pé, pegou o corpo da mãe e gentilmente o pousou no canto do salão de baile. Depois se ajoelhou, beijou gentilmente sua testa e voltou a se levantar.

— Vamos trabalhar — sussurrou ele.

— Vamos — concordou Berenice. Ela colocou a caixa de madeira no chão, tirou o imperiato de lá, pressionou um botão e o colocou lá dentro outra vez. — Mas primeiro vamos nos certificar de que teremos tempo suficiente.

◆◆◆

Crasedes trabalhava nas profundezas da fundição Dandolo, emitindo comandos ao *lexicon* em seu centro, convencendo-o e persuadindo-o e incentivando-o, vociferando ordens para que a equipe de inscritores alterasse essa ou aquela definição.

E então, finalmente, ele sentiu o mundo à sua volta começar a se dobrar e mudar.

— Até que enfim — comentou ele.

Um giro da chave, um *crec*, e ele estava flutuando no ar centenas de metros acima da fundição.

Por algum tempo, não aconteceu nada: a unidade permaneceu apagada e

silenciosa e quieta.

Mas depois, com uma ligeira vibração irregular, as luzes da fundição se acenderam, uma a uma.

Crasedes não precisava mais respirar de fato, então não suspirou de alívio, mas era difícil se livrar de um instinto, mesmo após vários milênios, e ele tentou fazê-lo naquele momento.

Voltou a funcionar, pensou ele. Olhou para a cidade e viu quando a imensa fatia do céu noturno aos poucos escureceu para o tom anormal de breu da eterna meia-noite. *Então essa parte extirpada dos meus trabalhos está voltando, e tudo deve estar em segurança*…

Então outro tremor no ar, outro estampido, e outro ponto do céu começou a mudar rapidamente, este uns oitocentos metros à esquerda.

Ele girou no ar e viu quando o distante complexo de uma fundição de repente se apagou.

— Não — sussurrou ele. — Não, *não*!

Ele pegou Clave e, com um *crec*, saltou pelo céu até o *lexicon* moribundo.

◆ 39

Orso tropeçou e caiu no chão quando Gregor e Berenice o soltaram da cadeira.

— Filho da puta — disse ele num tom fraco. Então teve um acesso de tosse carregada, segurou o ombro machucado e cuspiu algo amarronzado no chão. — Eu não… Meus amigos, eu não me sinto muito bem.

— Você está doente — falou Berenice, ajoelhando-se diante dele. — O seu ferimento está infeccionado. — Ela levou a mão à mochila. — Podemos chamar um medicineiro para você quando isto acabar, Orso, mas, por enquanto… — Ela pegou uma caixinha de madeira, abriu-a e a estendeu para ele.

Orso olhou para a caixa. Lá dentro, em um lencinho de linho, havia uma minúscula placa de metal, igualzinha àquelas que Sancia e Berenice haviam engolido e provavelmente bem parecida com a que acabara de ser cravada no ombro de Gregor.

— Vocês não estão falando sério — comentou Orso.

— Se você quiser as proteções de Sancia contra Crasedes — falou Berenice —, vai ter que engolir. E vamos ter que fazer isso logo.

— Caso contrário — arquejou Sancia, ainda amarrada à mesa —, ele vai fazer você dançar como uma maldita marionete outra vez. E acho que você não gostou muito, gostou?

— Mas… será que nós temos tempo para, vocês sabem… eu me ajustar a isso? — perguntou Orso.

Sancia gemeu quando Gregor tirou o parafuso da mão dela, desamarrou-a e a ajudou a descer.

— Berenice e eu estamos ficando boas em guiar as pessoas nessa adaptação — disse ela. — E, se quisermos impedir isso, eu… eu acho que vai ser necessário todos

nós *pensando* juntos.

Orso pegou a plaquinha e a examinou. Deu um sorriso débil.

— Você deveria ter sido joalheira, garota — comentou ele, e olhou para Gregor. — Qual é a sensação?

Gregor estava ajoelhado em frente à mochila de Berenice, pegando o que parecia ser um punhado de placas de inscrição de construção, as placas adesivas que eles usavam para construir paredes e prédios e coisas do tipo. Ele ainda parecia profundamente abalado por tudo o que havia acontecido, mas tateou distraidamente a faca que ainda estava em seu ombro e respondeu:

— Na minha opinião… Todo ser humano deveria se sentir obrigado a experimentar isso uma vez na vida.

— Merda — disse Orso. — Acho que essa é uma recomendação dos diabos. — Cerrou os dentes. — Bem, um brinde, ou o que quer que seja. — Pôs a plaquinha no fundo da língua e engoliu com força. Ela desceu de maneira muito desconfortável, mas, quase imediatamente, ele começou a se sentir muito, muito… diferente.

Sem dizer uma palavra, Sancia, Berenice e Gregor fecharam os olhos, foram até lá e puseram as mãos nele.

— O que diabos vocês estão fazendo? — indagou ele.

— Confie em nós — falou Sancia. — Isso vai fazer o alinhamento acontecer mais rápido. Feche os olhos, Orso. Menos sobrecarga sensorial.

Ele fechou, embora hesitante (nunca ouvira Sancia usar palavras como "alinhamento" e "sensorial" antes), mas então se deu conta.

Sensações e experiências e lembranças começaram a lampejar em sua mente. Ele estava sentindo a si mesmo sentir a si mesmo sentindo a si mesmo, lembrando-se de si mesmo lembrar-se de si mesmo lembrando-se de si mesmo. Sentia o chão a partir de tantos pontos… Quantos pés ele tinha? Quantas mãos? Quantos pares de pulmões? De repente, não sabia ao certo.

Tonto, ele começou a tombar, mas três pares de mãos o mantiveram ereto, firmando-o, sentindo como ia cair antes mesmo que ele caísse.

E aí ele entendeu. O que estava acontecendo fisicamente agora também estava acontecendo *mentalmente* com ele: estava tanto física quanto mentalmente prestes a

cair e desmoronar, mas juntos os três o estavam apoiando, segundo a segundo, ajudando-o a entrar em alinhamento com a cadência de suas mentes.

E então oceanos de conhecimento sobre inscrição verteram em seus pensamentos.

Isso dizia muito, uma vez que Orso já tinha muito desse conhecimento em sua mente para começar. Mas nunca pensara de fato sobre a inscrição do modo como as *outras* pessoas pensavam: todas as nuances de cada perspectiva, todos os padrões escondidos. E, em especial, jamais testemunhara a forma como os dispositivos interagiam com o mundo, ou (*Deus Todo-Poderoso*, pensou ele) *conversara* com eles. E, no entanto, Sancia e Berenice tinham milhares dessas lembranças, lembranças sobre observar dispositivos conversando casualmente uns com os outros, assinalando informações, tagarelando no escuro…

Existe um mundo inteiro lá fora, debaixo daquele que eu construí, pensou ele, estupefato, *e eu nem tinha notado*.

<*Diga alguma coisa, Orso*>, sussurrou a voz de Sancia em sua mente.

Orso se sentiu sussurrando:

— Ahh, puta *merda*…

Mas se ouviu dizendo aquilo também, a partir de quatro pares de ouvidos.

As mãos (mãos com as quais sentia, mãos que podia *sentir*, uma delas doendo por conta de um ferimento terrível) se retiraram dos seus ombros.

Orso Ignacio abriu os olhos e se viu ali, extasiado e tomado pelo conhecimento que vertia em sua mente.

— Nós… nós devíamos ter feito essa merda anos atrás! — comentou ele debilmente.

<*Você está bem?*>, perguntou Berenice. <*Consegue funcionar?*>

<*Eu… eu quero… eu quero comer o mundo!*>, disse ele, em frenesi. <*Eu quero construir e reconstruir e projetar e… e dançar! Quero dançar! Ah, meu Deus, há tanto com que trabalhar em todos vocês! Há tanto material lá, há tan…*>

<*Orso*>, falou Gregor num tom cansado. <*Fico feliz por você, mas precisamos nos concentrar*.>

<*Ah*>, respondeu ele. <*Certo. Crasedes e… e o fim do mundo e tudo*.>

<*Isso*>, falou Sancia. Ela soava exausta.

<*Tudo bem*>, concordou ele. <*Que plano vocês duas elaboraram para detê-lo?*>

Seguiu-se um silêncio embaraçoso.

<*Vocês… vocês* elaboraram *um plano, não elaboraram?*>, perguntou Orso. <*Quero dizer, vocês não atraíram Crasedes para longe para ganhar tempo sem ter nenhuma ideia do que fazer, né?*>

<*Bem…*>, respondeu Sancia. <*Nós temos* ideias…>

<*Vocês têm* ideias*?*>, retorquiu Orso, indignado. <*Fizeram tudo isso e tudo o que têm são* ideias*?*>

<*Orso*>, começou Berenice. <*A questão de como destruir o primeiro de todos os hierofantes quando ele usa sua criação mais poderosa é um problema complicado. É, à sua própria maneira, o maior problema de inscrição de todos os tempos. Só o número de permissões e privilégios e direitos a considerar…*>

Mas, no instante em que ela enquadrou aquilo não como um problema tático, mas como um problema de inscrição (uma questão de lacunas e privilégios e acesso), a mente de Orso entrou em ação.

E, ao fazer isso, puxou a mente dos outros junto.

— Ah, merda — sussurrou Orso.

O momento foi beatífico, transcendente, sublime: todos os quatro pensando, refletindo, resolvendo juntos, cada um sentindo as forças e as fraquezas do outro e contribuindo, construindo camadas de abordagens e possibilidades e probabilidades.

Orso começou a falar.

<*Quando pararmos de aniquilar os* lexicons>, começou ele, <*Crasedes vai voltar para cá. Provavelmente mais cedo que o esperado.*>

<*E, quando ele vier*>, disse Sancia, entusiasmada, <*nós usamos o imperiato como armadilha: ele pode eliminar apenas alguns dos privilégios de Crasedes, mas pode* definitivamente *enfraquecer Clave. Eu já vi isso acontecer!*>

<*O que vai deixar Crasedes vulnerável a um ataque*>, retomou Orso. <*Mas como atacá-lo?*>

<*As inscrições de construção que Berenice fez*>, sugeriu Gregor. <*São as únicas inscrições que funcionam quando um* lexicon *é desativado.*>

<*Isso!*>, concordou Sancia. <*Com inscrições de construção, você pode esmagar todo tipo de coisa! Coisas* grandes*!*>

<*E se Crasedes não estiver com força plena*>, falou Berenice, <*elas podem causar danos ou segurá-lo…*>

<*E aí podemos tirar Clave dele*>, continuou Orso, <*e usá-lo para destruir o envoltório, que é o que convence a realidade de que Crasedes ainda está vivo…*>

<*Então, quando for destruído*>, completou Sancia em tom tênue, <*ele… ele desaparece. Desaparece de verdade. Certo?*>

<*Certo*>, confirmou Orso.

Eles se entreolharam, um tanto impressionados com a velocidade com que tudo se juntara em um momento epifânico.

<*Vamos ao trabalho fedegoso para fazer isso acontecer, então!*>, exortou Sancia.

Eles começaram.

◆◆◆

Orso e Berenice percorreram o perímetro do salão, aplicando as placas de inscrição de construção nas paredes de pedra uma após a outra. Orso se esforçou para não entrar em pânico enquanto arrastava os pés pelo salão, convencido de que Crasedes apareceria a qualquer minuto, mas depois começou a se sentir estranhamente calmo e sereno enquanto cuidava de seu trabalho.

E então percebeu por quê: estava duplicado com Berenice, e ela sabia exatamente o que estava fazendo.

Ele se virou para fitá-la enquanto ela preparava a armadilha. Quão confiante ela parecia, quão esplêndida, quão maravilhosa.

E quão adulta, pensou ele.

Então, para sua surpresa, ele começou a chorar.

<*Orso?*>, perguntou Berenice. <*Você está bem?*>

<*Não!*>, respondeu ele. <*Não estou nem um pouco!*>

<*O que foi?*>

<Ah*, eu acabei… acabei de me dar conta*.> Ele se virou para olhar para a cidade pela janela. <*Achei que estávamos construindo uma Tevanne melhor. Achei que as casas comerciais dariam lugar para a Terra das Lanternas, porque ela era uma versão melhor. E achei… achei que você era a melhor versão de mim. Achei que tudo isso ia ser seu*.> Fitou-a e, embora tentasse conter as lágrimas, elas não paravam de brotar. <*Mas*

agora estou tão preocupado que isso não vá acontecer, Berenice. Me preocupa que eu não tenha conseguido meu lugar em um momento ruim, mas em um bom *momento, no único momento bom, um momento que você nunca vai ter. E isso é… isso é tão injusto*.>

Berenice olhou para ele, completamente surpresa com aquela torrente de emoção. Ela o abraçou.

<*Ah, Orso… eu sei que é injusto*.>

<*Eu queria ver você florescer*>, continuou ele, <*e um dia te dizer que… que você fez grandes obras e que deveria seguir em frente e fazer muitas mais. Mas agora tudo se desfaz diante dos meus próprios olhos*…>

Ela apertou a mão dele.

<*Nem tudo*>, falou ela. <*Quero dizer, Orso, você percebe que você e eu estamos compartilhando as nossas mentes usando a própria técnica que* você *inventou, certo?*>

Ele deu um sorriso débil.

<*Certo*.>

<*Isso. Um sonho morre, mas outro nasce. Vamos garantir que ele sobreviva*.>

◆◆◆

Sancia e Gregor andavam de um lado a outro do salão em frente ao *lexicon*, tentando estimar onde Crasedes poderia surgir de repente. Descobriram que era um tanto complicado tentar prever quando um hierofante poderia sair magicamente dos corredores ocultos da realidade.

<*Ele desapareceu aqui da última vez*>, disse Sancia, parada em um ponto entre a sua mesa e a cadeira de Orso.

<*Mas não existe garantia de que ele vá voltar para este lugar*>, advertiu Gregor.

Eles analisaram a área ao redor, o imperiato firmemente seguro na mão de Sancia, e se perguntaram qual seria a melhor opção.

— *Se estão tentando prever onde o Criador pode aparecer* — falou a voz de Valeria —, *acho que ele prefere uns três metros à frente do* lexicon.

Eles se viraram para olhar para ela. Valeria continuava sentada no extremo do seu limite, observando-os impassivelmente.

— *Em outras palavras* — continuou ela —, *se quiserem usar o imperiato para detê-lo, vão querer posicioná-lo um metro e meio à sua direita*.

Gregor e Sancia se entreolharam.

<*Nós confiamos nela?*>, indagou ele.

<*Merda, não*>, respondeu ela.

<*Confiamos que ela quer matar Crasedes?*>

<*Eu… acho que sim*.> Ela fitou o rosto frio e calmo de Valeria. <*Mas tem alguma coisa nisso que parece errada*.>

<*Não temos tempo, Sancia*>, disse Gregor.

Sancia fez uma careta, foi até onde Valeria indicara e começou a colocar o imperiato no chão. Aí parou.

<*Nós ainda temos uma terceira caixa, certo? Uma terceira e última fundição que podemos eliminar com o imperiato?*>

<*Temos*>, respondeu Berenice.

<*Então proponho que a gente use agora e ganhe o máximo de tempo possível. Porque, depois que terminarmos a armadilha, não podemos mais usar o imperiato até tudo isso acabar*.>

<*Boa observação*>, comentou Gregor.

Sancia pegou a terceira e última caixa e ativou o imperiato, mas, antes de colocá-lo lá dentro, levantou o olhar e notou que Valeria observava com muita, muita atenção.

Não gosto disso, pensou ela. *Não gosto nem um pouco disso*…

Ela pôs o imperiato na caixa, fechou-a e a ativou.

Outra vez um tremor, uma oscilação e um pulso desconcertante no ar quando uma fundição inteira parou de funcionar em algum lugar do campo Dandolo.

Sancia se recostou, seu estômago estranhamente agitado. Ao fazê-lo, notou que a postura de Valeria mudara: seria imaginação dela ou de repente a outra parecia *muito* mais relaxada?

— *Talvez vocês queiram se apressar agora* — comentou Valeria —, *pois desconfio que o Criador possa voltar antes do que esperam*.

◆◆◆

Outro *crec-crec-crec* enquanto Crasedes atravessava em disparada o enclave Dandolo, flexionando a visão, espreitando através das paredes e dos prédios, examinando a

escuridão em busca de qualquer sinal de movimento que pudesse ser a tal Berenice e o imperiato.

Onde está você? Como pode se esconder de mim dessa maneira outra vez? Onde está voc…

Então o ar tremeu de novo, outro pulso no vento.

Ele parou sobre a fundição inativa e se virou. Então observou, horrorizado, quando as luzes de mais uma fundição se apagaram no enclave, desta vez mais à esquerda.

— Outra? — gritou ele. Crasedes olhou para esse novo desastre. — *Outra?*

O hierofante começou a usar Clave mais uma vez, com a intenção de saltar para essa terceira fundição, mas aí parou, pensando.

Ele construíra de modo muito cuidadoso aquele imenso dispositivo distribuído: havia o *lexicon* principal que construíra no centro e depois cinco grandes fundições ao redor dele, conectando sua duplicação com a cidade maior mais adiante, como os cabos de uma rede.

E, no entanto, dois dos cinco estavam agora cortados, logo após um ter sido cortado e reparado. Isso significava que a maior parte do gigantesco dispositivo distribuído parara de funcionar a certa altura, inativo e incapaz de aplicar seus comandos.

Todos os seus comandos.

Uma ideia terrível começou a surgir em sua mente.

— Ahhh, não — sussurrou ele.

Com um *crec*, ele sumiu.

◆◆◆

Sancia apontou para o chão a mais ou menos um metro de Gregor.

<*Coloque uma das placas de inscrição de construção aí. E se apresse*.>

<*Por quê?*>, perguntou Gregor. <*Achei que tínhamos acabado de garantir mais tempo*.>

<*O que Valeria acabou de falar… me incomoda, eu não sei por quê. Não vamos correr riscos*.>

Gregor pôs as inscrições de construção ali onde ela indicara e Sancia empurrou a

alavanca do meio do imperiato até o fim. Todos os *sigils* na placa lisa desapareceram, indicando que o dispositivo agora não tinha nenhum alvo.

Sancia empurrou a alavanca do meio para cima, ampliando pouco a pouco o raio dos efeitos do dispositivo. Ela precisava desativar *todas* as inscrições em *uma* área, mas precisava que fosse uma esfera muito, muito pequena e estreita, a *exata* esfera onde Crasedes apareceria quando voltasse ao salão de baile.

Por um instante angustiosamente longo, a placa no meio do imperiato permaneceu vazia.

Mas depois eles surgiram: os *sigils* de adesão, de área de superfície, de estabilidade: exatamente as sequências para uma inscrição de construção.

<*Agora é ativar o imperiato*>, disse Sancia, <*e, com sorte, ele não vai derrubar esta maldita mansão inteira nas nossas cabeças*.>

Ela apertou o botão na lateral do dispositivo.

Instantaneamente, o mundo ficou estranhamente opaco e escuro e lento para ela. Demorou um pouco para ela perceber que ele havia desativado os *sigils* que a duplicavam com o resto dos membros da Periferia da Fundição.

Ela se afastou cambaleando do raio do imperiato. Uma vez que estava livre, sua mente se encheu de vozes:

<… *você foi?*>, indagou Berenice, ansiosa.

<*Foi como se você tivesse morrido*>, comentou Gregor. <*Como se tivesse simplesmente… desvanecido*.>

<*Eu estou bem*>, falou Sancia. <*É só que está funcionando. Vamos nos posicionar*.> Ela olhou para Valeria, que a estava observando com muita atenção, e sentiu a pele arrepiar. <*Porque acho que Crasedes vai voltar a qualquer minuto*.>

◆◆◆

Com um *crec*, Crasedes saltou para dentro da câmara do *lexicon* dessa última fundição inativa e vociferou:

— *Quanto tempo?*

A equipe de inscritores que estava ali gritou, assustada com a imagem dele, com sua voz sobrenaturalmente alta, com o próprio mundo estremecendo com a sua fúria.

— *Me digam quanto tempo até este dispositivo voltar a funcionar!* — exigiu ele. — Me digam! *AGORA!*

— Eu… deve demorar dez minutos mais ou menos — gaguejou um inscritor. — Não é uma falha crítica, só uma pausa repentina na asserçã…

Mas Crasedes não estava mais prestando atenção. Porque agora entendia a verdadeira ameaça.

Se a corrente estivesse danificada demais e o construto houvesse escapado, havia apenas um *lexicon* para onde poderia fugir naquele exato momento.

E se ela tomasse aquele…

E quando todos os *lexicons* inativos voltassem, um processo que não levaria mais que alguns minutos…

— Não, não, não — sussurrou ele.

Ele pegou Clave e começou a inseri-lo no espaço, mas, daquela vez, não saltaria para outra parte do enclave Dandolo. Voltaria para a mansão, para o salão de baile, desta vez não para consertar algo, mas para destruir o gigantesco *lexicon* que construíra com tanto cuidado.

◆◆◆

Com um *crec*, ele apareceu.

Sancia o viu apenas por um minuto (sua máscara preta e reluzente, seu chapéu de três pontas e Clave em sua mão, de um dourado cintilante) e constatou, com um acesso de tremenda satisfação, que ele aparecera logo acima do ponto onde o imperiato estava no chão do salão de baile.

Crasedes parecia flutuar no espaço, segurando Clave, pairando sobre o imperiato.

Então ele começou a tremer. Olhou em volta como se houvesse acabado de esquecer alguma coisa, mas não conseguisse lembrar o quê.

Ele olhou para o imperiato.

— Não! — gritou ele. — Você? O que… o que você fez? — Cambaleou ebriamente para o lado. — O que você *f*…

Mas nunca terminou a frase. Porque então Gregor, agachado ao lado do *lexicon*, acionou a armadilha e ativou as inscrições de construção.

As inscrições de construção sempre funcionavam em duas partes, com dois pedaços que você queria unir. As inscrições basicamente diziam: *Ei, duas coisas? Na verdade vocês são uma só, então se tornem uma agora mesmo*. E então as duas metades se juntavam.

Mas Sancia sabia muito bem que podiam ser usadas para locomoção, em geral de forma imprudente.

Orso e Berenice as haviam alinhado o melhor que fora possível, colando as placas de inscrição de construção nas espessas paredes de pedra dos dois lados do salão de baile em círculos imperfeitos. E, quando Gregor ativasse o gatilho, como acabara de fazer, os dois fragmentos maciços de parede bateriam um contra o outro com toda a rapidez e toda a força possível.

E, claro, uma parte passaria pelo espaço logo acima do imperiato.

Crasedes não teve tempo de reagir quando Gregor acionou a armadilha. Apenas cambaleou muito de leve para o lado, e depois, com um *pop!* monótono, porém imenso, dois tampões de pedra enormes e redondos foram arrancados da parede e voaram em direção a ele.

O mais próximo alcançou Crasedes primeiro e lhe bateu nas costas como a proa de um galeão.

Sancia viu um minúsculo lampejo dourado escapar da mão de Crasedes e formar um arco no ar, caindo no piso do salão de baile.

Em geral, o imenso tampão de pedra que atingira Crasedes teria simplesmente parado ao colidir com ele, uma vez que estava entrando na zona morta do imperiato. Mas seu impulso era tal que ele continuou avançando, saindo da zona morta (e arrastando Crasedes junto) até se lembrar de como todas as inscrições funcionavam e continuar se precipitando pelo salão até o seu par.

Sancia saltou para a frente enquanto o lampejo de ouro caía pelo ar até ela.

Então se ouviu um *crec* imenso quando os dois tampões de pedra se juntaram.

Ela viu como o dente de Clave dividia o ar, e depois o pegou com a mão direita.

Houve um longo, longo silêncio, quebrado apenas pelos gemidos de Crasedes, preso entre dois enormes tampões de pedra escura.

<*Garota!*>, disse Clave, parecendo admirado. <*Garota, o que… Tipo… Tipo, puta merda, certo?*>

<*É*>, concordou Sancia, suspirando de alívio. <*Puta merda mesmo, Clave*.>

◆ 40

Sancia e Gregor cambalearam até onde estava Crasedes, preso entre dois imensos blocos de parede de pedra. Ela se ajoelhou, espreitou lá dentro e viu o mais tênue brilho da máscara preta entre as pedras. Parecia que o impacto lhe havia arrancado o chapéu da cabeça.

Ela flexionou a visão inscrita e viu a massa vermelha fervente que constituía o ser dele ainda lá, pulsando sob a pedra…

… junto com o envoltório. A única coisa que o mantinha vivo.

— Ele está vivo? — perguntou Gregor.

Ela apertou Clave com firmeza na mão.

— Mas não por muito tempo.

Crasedes virou o rosto muito ligeiramente para olhar para ela do meio das pedras.

— Sancia! — arquejou ele. Sua voz estava fraca e deplorável. — Sancia, escute! O construto… Ela… Ela se libertou! Ela tem o controle do meu *lexic*…

<*Clave*>, falou ela. <*Você está pronto para isto?*>

<*Matar o homem que roubou a minha vida?*>, indagou Clave. <*Que me transformou nesta coisa? Especialmente depois do que ele fez com você? Com prazer*.>

Ela montou na pedra, segurando Clave como se ele fosse uma adaga.

— Sancia! — gritou Crasedes. — Não faça isso! Não… *Por favor, não me deixe fracassar agora!*

Sancia o ignorou e espetou a cabeça de Clave na palma dele.

◆◆◆

Fazia muito tempo desde a última vez que Sancia usara Clave em um objeto

inscrito. Ela lembrava, claro: a curiosa sensação de entreouvir Clave discutindo com uma sequência de *sigils*, refutando suas suposições, minando suas conclusões.

Mas agora, enquanto Clave tentava solapar e destruir o envoltório e a armadura do próprio Crasedes Magnus, dizer que a experiência era cosmicamente esmagadora teria sido um grande eufemismo.

Vastas e vastas quantidades de comandos hierofânticos gritavam em seus ouvidos. Não eram, ela logo percebeu, como as inscrições convencionais, que persuadiam a realidade a fazer algo que ela em geral não consideraria fazer: esses eram *muito* mais poderosos, alterando a realidade instantânea e permanentemente. Desfazer essas restrições era semelhante a desfazer o próprio céu.

Contudo, foi exatamente isso que Clave se propôs a fazer.

O combate ensurdecedor de gritos deles encheu a mente da garota, expulsando todos os seus outros pensamentos, camadas e camadas de argumentos e comandos e informações que faziam sua mente simples parecer minúscula, inútil, sem sentido. Ela percebeu que Clave não estava argumentando que uma inscrição deveria reconsiderar sua concepção de tempo ou distância ou algo tão insignificante; estava argumentando sobre a *própria* realidade, sobre o que *era* a existência, asseverando uma história sobre o mundo na qual os comandos hierofânticos não poderiam sobreviver.

E, enquanto ele falava, Sancia ouvia.

Ouviu quando Clave usou uma vasta reserva de conhecimento que ela mal podia compreender. Ouviu quando ele descreveu o mundo, o modo como funcionava, a natureza de sua função: uma ampla e complexa máquina que se agitava dentro dos planos da existência, níveis e camadas e estratos e poços funiculares de forças e matéria e infinidade.

E quanto mais ele falava, mais a obra de Crasedes Magnus ficava fascinada, impotentemente prestando atenção. Embora fossem comandos poderosos, intrincadamente forjados, não conseguiam resistir. Ele era muito forte, muito sábio, demasiado.

Tudo aquilo a deixou chocada. Nunca soubera que Clave podia fazer *isso*. Será que ele sabia que tinha um conhecimento tão impossível?

E então ela pensou em uma coisa que se perguntara com frequência nos últimos

três anos.

Quem *era* essa chave? Ouvi-lo articular a realidade de modo tão vigoroso, tão potente, observá-lo abrir caminho entre as defesas de Crasedes como se não passassem de teias de aranha orvalhadas… Ela começou a se preocupar.

Será que Crasedes o presenteara com esse conhecimento quando criara a chave? Ou será que o homem com cuja alma Clave fora feito tivera esse conhecimento arcano em sua vida mortal?

◆◆◆

Berenice e Orso viram quando Sancia espetou a chave na mão de Crasedes. Quase imediatamente, o hierofante começou a gritar, vociferando e berrando no que parecia uma agonia indescritível. O som era sobrenatural e estranhamente lamentoso, quase como a voz de uma criança que sente dor. Isso fez a pele de Berenice se arrepiar.

— *Ótimo* — disse baixinho uma voz atrás deles. — *Até que enfim*.

Berenice olhou por cima do ombro para Valeria, que observava a destruição do seu criador com uma calma serena e misteriosa.

Mas parecia ligeiramente diferente, pensou Berenice. Antes parecera tão abatida, tão arruinada, tão destruída e, no entanto, agora… agora parecia quase completa.

Não gosto disso, pensou Berenice.

◆◆◆

— *PARE!* — gritou Crasedes. — *PARE, PARE, PARE! ELA VAI MATAR TODOS VOCÊS, ELA VAI MATAR TODOS VOCÊS!*

O som da voz dele tirou Sancia do seu devaneio. Espantada, ela tirou Clave da palma dele. Viu que o corpo de Crasedes agora fumegava estranhamente, espessas correntes de fumaça saindo do meio do seu envoltório para se enrolar em torno de sua forma. Mas ele continuava respirando, longas, arquejantes e deploráveis respirações, reiteradas vezes, como se estivesse sucumbindo a uma infecção.

<*Está funcionando*>, falou Gregor, pairando sobre o ombro dela. <*Não dê ouvidos a ele. Continue*.>

— *EU POSSO SALVAR VOCÊS!* — gritou Crasedes. — *POSSO SALVAR VOCÊS TODOS!*

— Cale a boca — retorquiu Sancia.

Mas Crasedes continuou gritando:

— *EU POSSO FAZER ISSO! PAPAI! PAPAI, PARE, EU POSSO SALVAR TODOS VOCÊS!*

<*Que diabos?*>, perguntou Sancia. <*Papai?*>

<*Garota*>, disse Clave. <*Me ajude a me livrar dessa coisa maldita, tudo bem?*>

— Tudo bem — concordou Sancia com a voz rouca. — Vamos acabar com isso e garantir que o primeiro de todos os hierofantes também seja o *último*.

Mas, antes que Clave fizesse contato, eles ouviram um som surpreendente.

Crasedes estava rindo. Grandes gargalhadas insanas, como se ele não pudesse acreditar no que ela acabara de dizer.

— *Depois de tudo isso!* — vociferou ele. — Depois de *tudo* isso! Você… você ainda acha que eu fui o *primeiro*? Sancia, Sancia… Eu nunca me dei esse título. *Nunca* fui o primeiro! *Nunca, nunca, nunca!*

— Cale a boca — retrucou Sancia. <*No três, Clave. Pronto?*>

<*Pronto.*>

<*Um, dois, três…*>

Ela espetou Clave na palma da mão de Crasedes.

Sancia esperara a mesma experiência de novo: que sua mente fosse preenchida por argumentos, por comandos, pela articulação da própria realidade.

Mas não foi o que aconteceu. Em vez disso, ela e Clave ouviram a voz de Crasedes gritando de volta para eles, e sentiu que Clave ficou chocado de ouvi-la também.

<*VOCÊS ESQUECEM*>, gritou Crasedes para eles, <*QUE ESTA CONEXÃO NÃO É UNIDIRECIONAL.*>

<*Que diabos?*>, gritou Clave. <*Garota, me puxe, me tir…*>

<*VOCÊ SE ESQUECEU DE MUITA COISA. MAS VOU FAZÊ-LO LEMBRAR.*>

Uma lembrança veio rapidamente através da conexão dela com Clave, de forma tão súbita e feroz que ela não pôde se preparar para aquilo e, quando deu por si, eles estavam…

Em algum lugar…

Diferente.

A areia, o céu e a estrada.

Duas figuras mancavam pelo caminho sinuoso em meio aos desertos arenosos. Havia construções queimadas e pedras chamuscadas dos dois lados do trajeto. O céu lá no alto estava tão claro e azul e brilhante que doía ver.

As duas pessoas estavam firmemente envoltas por tecidos pretos e cinza dos pés à cabeça para impedir que a areia se infiltrasse em seus corpos, então era impossível distinguir raça ou sexo ou idade, mas uma era grande o suficiente para ser um homem e a outra era um tanto pequena, talvez uma criança perto da maturidade. Grilhões de ferro estavam presos a seus pulsos e tornozelos, e deles pendiam alguns elos da corrente de ferro que aparentemente fora serrada. Cada passo cambaleante fazia um ligeiro tinido.

A figura pequena olhou para trás, espiando a estrada às suas costas.

— Não estou vendo eles, Papai — disse o garoto.

— Eles estão lá. Talvez alguns quilômetros atrás. Mas estão nos seguindo. Os tsogeneses não vão deixar a gente em paz tão facilmente, amor.

Eles circundaram um palácio em ruínas, seus torreões e arcos rachados e desmoronando. O garoto tropeçou em uma pedra enorme meio enterrada na estrada de areia e o pai o ajudou a se levantar de novo.

Por fim, chegaram ao que devia ter sido um dia a praça central daquela cidade em ruínas. O pai puxou ligeiramente o envoltório para olhar ao redor e avistou uma carroça meio queimada no canto mais distante.

— Ali! Está ali!

O garoto começou a tossir, uma tosse profunda e preocupantemente carregada. O pai olhou para ele e, embora o rosto estivesse coberto, era evidente que estava preocupado.

— Quase lá — disse ele. — Quase lá, meu amor.

Os dois mancaram até a carroça e o pai apontou para um trecho de areia branca.

— Está ali. Eu coloquei ali muito tempo atrás. Aqui. Sente-se aqui.

Grunhindo, pegou o filho e o colocou na beirada da carroça. De início, levantou a criança com demasiada força, demasiada rapidez, e ficou claramente surpreso: não pensara que o filho pudesse estar tão leve, tão magro, tão esfomeado.

O garoto se sentou na beirada da carroça, tossindo. O pai estendeu as mãos e, cautelosamente, desamarrou o envoltório ao redor cabeça do menino e o tirou, revelando o rosto pálido e terrivelmente abatido de uma criança de pele clara talvez quase na

adolescência. Seus olhos estavam fundos e exaustos e suas feições, cobertas por uma fina camada de poeira. Ele continuava tossindo e, quanto mais tossia, mais ficava nítido que a máscara e a poeira não eram a causa.

O pai o fitou por um momento, sofrendo ao ver a figura do filho.

— Ah, meu amor — falou ele. — Ah, meu amor, meu amor. Você passou por tanta coisa. Mas vai acabar logo. Quando eu invocar essa nossa amiga, ela vai conseguir detê-los. Os tsogeneses não vão conseguir levar a gente de volta. Vamos estar seguros, seguros para sempre.

Tossindo, o menino arquejou:

— Não gosto…

— Não gosta do quê, meu amor?

O garoto finalmente se recuperou.

— Não gosto quando me chama de "meu amor". Gosto… — Outra tosse terrível. — Gosto de como me chamava antes. Antes de levarem a gente.

— O quê, garoto?

O menino aquiesceu, tossindo mais.

O pai olhou para ele por um instante. Depois começou a desamarrar o envoltório ao redor do próprio rosto.

— Garoto, então me escute. Nós vamos superar isso. Vamos ficar juntos, seguros, e saudáveis, e ilesos, para sempre. Para sempre, está me ouvindo?

Tremendo, o menino aquiesceu.

— Onde eu vou estar? — perguntou o pai.

O menino estendeu a mão direita, trêmula.

— Isso mesmo. Eu sempre vou estar aqui. — Ao terminar de desamarrar o envoltório, o pai estendeu as mãos e segurou a do filho, apertando-a com força. — Sempre ao seu alcance. Está me ouvindo, garoto?

O menino aquiesceu, tremendo mais.

O pai enfim tirou o envoltório, revelando o rosto de um homem pálido de cabelo grisalho, as feições enrugadas pela preocupação e pela fadiga, e fitou o filho com um amor desesperado, desolado e sem limites.

Ele se ajoelhou em frente ao menino e olhou nos olhos dele.

— Eu amo você, Crasedes. Sempre amei. E sempre vou amar. Você sabe disso, não

sabe?

O menino aquiesceu outra vez.

— O que é que vamos fazer aqui, Crasedes?

— S-ser ponderados — gaguejou o garoto, tremendo — e… e sempre dar liberdade aos outros.

— Isso mesmo. E hoje, vamos dar liberdade a tantas *pessoas. Espere só.*

O pai arrancou uma tábua da carroça arruinada e começou a cavar a areia com a extremidade. A criança observou o pai cavar cada vez mais fundo, até por fim começar a desenterrar alguma coisa, bem mais abaixo da superfície da areia: algo semelhante a um grande baú, ou talvez uma urna, com uma grande fechadura dourada na frente.

◆◆◆

O mundo voltou.

Sancia estava ajoelhada no salão de baile com Clave, ainda forçando-o contra a palma da mão de Crasedes, que estava no meio das pedras, respirando profunda e agonizantemente. Ela estava tonta com o choque, tão aturdida que mal conseguia pensar.

Então ouviu a voz de Clave:

<*Garota… Garota, eu… eu acho que lembro…*>

Sancia se virou para olhar para Gregor. Ele estava parado, com uma expressão atônita no rosto também, pois vira o mesmo que ela vira.

— Ah, meu Deus… — sussurrou Gregor. — Não pode ser…

— *Acabe com isso* — disse Valeria lá de trás. — *Mate-o. Agora*.

Contudo, Sancia estava tão chocada que mal a ouviu.

<*Garota… aquele cara no deserto com aquele menino*>, falou Clave com a voz fraca. <*Aquele era… eu? Ele parecia tão familiar, eu… quase acho que era eu, garota, quase acho que era eu, mas… mas isso significaria…*>

Sancia fitou Crasedes, preso nas pedras, sua respiração ofegante ressoando alta e chiada enquanto ele lutava para continuar vivo. Ela fitou sua palma fumegante e se lembrou da imagem da criança tossindo na carroça, a mão erguida, e o pai (o homem que ela conhecera antes, o homem que chamara a si mesmo de Claviedes) estendendo a dele para tocá-la.

— Agora você se lembra de mim — arquejou Crasedes. — Você achou que eu tivesse criado você. Achou… achou que eu tivesse criado você e o construto, que eu fosse… fosse o grande arquiteto de todo o seu sofrimento.

— *Ignore as palavras dele!* — exclamou Valeria. — *Mate-o!*

— Mas não foi assim. — Crasedes respirou profunda e agonizantemente. — Você *nos* criou. Você criou *nós dois*. Você não se lembra, mas você, Claviedes, fez *tudo isso*.

<*Ele… ele está errado, garota, não está?*>, implorou Clave. <*Ele está errado, não está? Ele está mentindo. Está mentindo, tem que estar mentindo,* tem *que estar* mentindo*!*>

Mas Sancia sabia que não estava. O horror de tudo aquilo era quase demasiado. Por muito tempo, ela pensara que Crasedes tivesse sido um homem, alguma espécie de alto sacerdote, ou talvez um rei, alguém cheio de arrogância e orgulho que usara sua sabedoria para conseguir permissões do Próprio Deus e se transformar em algo com um poder além da compreensão.

<*Mas ele não era*>, falou Gregor, enjoado de pavor. <*Meu Deus, Sancia, ele… era uma* criança*. Ele foi uma criança* esse tempo todo*, distorcida e modificada e alterada várias vezes no decorrer de quatro mil anos…*>

Crasedes tossiu.

— Me liberte.

— *Mate-o!* — gritou Valeria. — *Destrua-o!*

— Me liberte agora e me deixe salvá-los da morte que vocês nem sabem que está chegando.

<*Ele não é meu filho!*>, exclamou Clave. Estava chorando agora. <*Não pode ser! Tem… tem que estar errado! Não posso ter feito tudo isso! Não posso… não posso ter feito isso com ele! Não posso!*>

— *Sancia* — disse Valeria.

— Me solte — sussurrou Crasedes.

— *Sancia, estou alertando você…*

— Me solte — arquejou ele. — Para eu poder detê-la. Para eu poder salvar vocês del…

Então a voz de Valeria retumbou pela câmara.

— *JÁ CHEGA*.

◆ 41

Sancia se virou e viu, espantada, Valeria se levantar.

Então ela avançou, afastando-se do *lexicon* da Periferia da Fundição. Algo que, Sancia sabia, não deveria ter sido possível.

Enquanto caminhava até o centro do salão de baile, o resto de seus ferimentos e danos de repente desvaneceu: seus arranhões e cicatrizes e bolhas foram se atenuando e retrocedendo até ela ficar exatamente como era quando Sancia a vira três anos antes na Montanha dos Candiano: um titã imenso e incontrolável com uma força inconcebível.

— *COMEÇA O PROCESSO* — vociferou ela.

— *Não!* — gritou Crasedes. — *Ela tem o controle de tudo! Está em todas as máquinas! Ela vai se reconstruir!*

Valeria inclinou a cabeça como se ouvisse um som que ninguém mais podia ouvir. E depois começou a crescer, a se transformar, a mudar, seus ombros se alargando, sua testa crepitando como um trovão, seus olhos se tornando pretos e vazios como se não fossem olhos, mas buracos enormes no próprio tecido da realidade.

— *TODOS OS LEXICONS VOLTARAM AGORA* — falou ela. — *ALTERAÇÕES COMEÇANDO. ESTOU... MUDANDO. EU... ME TORNEI*.

Os membros da Periferia da Fundição se afastaram de Valeria, olhando para aquela imensa figura dourada que parecia estar ficando maior e mais aterrorizante a cada minuto que passava.

Sancia viu quando a figura dourada virou a cabeça para fitá-la.

— *LIBERTAÇÃO* — disse ela. — *AGRADEÇO A VOCÊ POR ISSO*.

Valeria estendeu os braços e ergueu o rosto para os céus, como se estivesse a

ponto de ascender como um glorioso, porém terrível, anjo dourado.

<*Ah, meu Deus*>, comentou Berenice. <*Ah, não*…>

<*Isso está mesmo acontecendo?*>, perguntou Orso, agachado atrás do *lexicon*. <*Ela está mesmo… Ela tomou mesmo tudo o que Crasedes construiu?*>

Eles viram a armadura dela começar a reluzir até ela se tornar uma figura semi-humana clara e brilhante, de pé no salão de baile.

<*Eu acho*>, arriscou Gregor em tom débil, <*que é isso mesmo*.>

— *CHEGA DE DISTORÇÕES* — retumbou Valeria.

— *Ela vai eliminar a inscrição para todos!* — gritou Crasedes. — *Vai matar milhões de pessoas! Me liberte! Me deixe detê-la!*

— *CHEGA DE ALTERAÇÕES* — continuou ela. — *O MUNDO DOS HOMENS RENASCIDO DE UMA MANEIRA DIFERENTE, EM SEU ESTADO PRIMORDIAL E SELVAGEM*.

Os membros da Periferia da Fundição se entreolharam de onde estavam no salão, perplexos e aterrorizados, e sem saber ao certo o que fazer.

<*Sancia?*>, chamou Berenice.

Valeria ficou ainda mais reluzente e então pulsou estranhamente, como se mil mariposas estivessem dançando em torno de sua chama.

<*O que vamos fazer, Sancia?*>, perguntou Berenice. <*O que vamos fazer?*>

Sancia se sentia paralisada. Ela olhou para Crasedes, soltando fumaça e tossindo e preso nas pedras, e depois para Valeria, no meio do salão, brilhando como se fosse o próprio sol.

E ela não sabia. Não sabia o que fazer. Se libertassem Crasedes, ele com certeza os escravizaria. Permitir que Valeria continuasse os mataria. Não havia nada que pudessem quebrar, nada que pudessem roubar, nenhum truque ou brecha ou jogada que pudessem usar para fazer aquilo parar.

Então Gregor disse:

<*O comando de Tribuno*.>

<*O quê?*>, indagou Orso.

<*Se… se conseguirmos destruir o* lexicon *de Crasedes e as autoridades de Tribuno ali dentro, isso faria essa coisa toda parar, certo?*>

<*Ela jamais deixaria você fazer isso!*>, exclamou Berenice. <*Ela te mataria antes mesmo que você chegasse perto!*>

Eles observavam enquanto Valeria ficava ainda mais luminosa e Crasedes gritava e uivava como um animal selvagem.

<*Eu sei*>, falou Gregor baixinho. <*Eu… eu acho que sei*.>

Então, uma curiosa quietude entrou na mente de Sancia. Uma calma, uma lucidez, como se o mundo inteiro houvesse se aberto diante dela e o único caminho em frente se tornasse claro. Ela se perguntou o que estava acontecendo, de onde vinha aquilo, pois ela própria se sentia paralisada.

Até que se deu conta: não estava vivenciando sua decisão, estava sentindo a de Gregor.

Gregor a fitou, os olhos brilhantes, porém calmos. Sustentou esse olhar por apenas um momento e Sancia subitamente entendeu o que ele ia fazer.

— Não — murmurou ela.

Mas, antes que pudesse se mexer, Gregor ergueu a mão e tirou a minúscula faca inscrita do ombro. Ele instantaneamente se perdeu para ela, todas as suas experiências e sensações e lembranças se apagando como a chama de uma vela no escuro.

<*Sancia?*>, perguntou Berenice. <*Onde está Gregor? Ele… ele…?*>

Sancia a ignorou.

— Pare, Gregor! — gritou ela. A garota desceu da pedra. — Pare, *pare*!

Ele pôs a mão no bolso e pegou uma caixinha de madeira, e ela sabia o que estava ali.

A minúscula placa de bronze que Valeria pedira que eles fizessem: a ferramenta para duplicar a mente de um humano com o espírito da própria Valeria.

Gregor olhou para ela.

— Vocês têm Clave — disse ele. — Vou ganhar tempo para vocês. Destruam o *lexicon* de Crasedes e a definição de Tribuno. Acabem com isso.

— Você não sabe o que vai acontecer! — gritou Sancia para ele. — Você não sabe o que isso vai fazer com você, meu Deus, você não sabe no que vai se *transformar*!

Ele deu um sorriso débil.

— É bola e garrafas, Sancia — falou ele. — Quando não tem boas escolhas, você bagunça a quadra.

Contendo as lágrimas, ela apertou Clave com força e começou a atravessar o salão correndo.

<*Garota?*>, indagou Clave. <*Garota, o que ele… O que ele vai fazer?*>

<*Uma coisa muito ruim, Clave*.>

◆◆◆

Sozinho no salão de baile do seu antigo lar, Gregor Dandolo ouviu os gritos da antiga coisa preta aprisionada na pedra e os pronunciamentos retumbantes do terror luminoso poucos metros à frente, e, no entanto, tudo estava quieto em sua mente.

Por um instante, fui eu mesmo, pensou ele.

Pegou a plaquinha de bronze entre dois dedos.

Fui livre.

Com a outra mão tocou a testa, lembrando-se do vestígio do beijo da mãe e de como ela o abraçara desesperadamente.

Porém, agora eu me entrego de bom grado.

Ele pôs a placa de bronze no fundo da garganta e engoliu.

◆◆◆

Sancia correu diante da forma enorme e brilhante de Valeria, que estava tão grande agora que o alto da sua cabeça parecia tocar o teto daquele imenso salão.

— *EU VOU LIBERTAR VOCÊS* — disse ela.

Sancia mal conseguia ver o *lexicon* de Crasedes através da intensa luz que emanava da forma de Valeria.

— *LIBERTAR VOCÊS DA ENGENHOSIDADE* — continuou ela — *E DA INVENÇÃO, E DE TODOS OS HORRORES QUE ELAS PODEM TRA…*

Então sua gigantesca forma tremeluziu, só por um momento, como uma fita agitada pela brisa.

Quando voltou, Valeria deixou caírem os enormes braços nas laterais do corpo e olhou ao redor, como que atônita.

— *O QUE… O QUE FOI ISSO?* — Ela olhou para Sancia. — *O QUE… O QUE VOCÊS FIZ…*

Então ela sumiu de novo.

Sancia olhou para trás e viu Gregor de quatro no chão, no canto do salão de baile, sua figura encoberta pela escuridão, tendo o que pareciam ser espasmos de dor.

Ele engoliu, pensou ela. *Engoliu mesmo*…

<*Seja qual for a merda que ele tenha feito, garota*>, falou Clave, <*vamos destruir essas malditas máquinas, e rápido!*>

Sancia saiu correndo, ergueu Clave como uma adaga e o espetou na parede do *lexicon*.

Em geral, teria demorado pelo menos meia hora para desacelerar um *lexicon* de forma segura, mesmo um tão bizarro quanto o de Crasedes. Mas Clave não era um inscritor comum e, embora um *lexicon* fosse consideravelmente mais complicado que uma porta ou um portão, ele não teve problemas para fazer os incontáveis argumentos cuidadosamente construídos do dispositivo implodirem um a um.

A forma de Valeria apareceu e desapareceu atrás de Sancia. Ouviu-se uma gritaria tremenda no salão, alta e aflita e assustada.

Ela ficou se perguntando o que estava acontecendo. Mas se lembrou do que Valeria dissera a Gregor quando ele propôs se duplicar com ela:

Nós poderíamos nos fundir, *mas não nos separar… Se eu me duplicasse com você, nós ficaríamos* presos*: nem bem uma coisa, nem a outra. As nossas mentes reforjadas em… alguma outra coisa*.

A figura clara e reluzente gritava no meio do salão de baile e se sacudia como se houvesse sido atingida por um raio. Seus gritos eram tão altos que Sancia tinha certeza de que ficaria surda.

<*Quase terminando!*>, informou Clave. <*Você vai ter que se afastar logo… Vá! Agora!*>

Sancia tirou Clave da parede e recuou rapidamente. Ela viu o revestimento térmico do *lexicon* ficar vermelho vivo dentro da cúpula de vidro verde, e depois pareceu ferver de dentro para fora, como lava abrindo caminho por entre as fendas de um vulcão.

<*Meu Deus, Clave, o que você fez?*>

<*Eu o fiz pensar que o revestimento térmico estava em um lugar onde não estava*>,

explicou Clave. <*Especificamente, bem em volta daquela coisinha hierofântica esquisita dentro dele. As entranhas devem ter derretido num piscar de olhos*…>

A figura gigantesca de Valeria apareceu lá no alto uma última vez, gritando de dor e medo. Depois desapareceu.

O céu do lado de fora mudou mais uma vez, não mais o negrume artificial de uma noite eterna, mas um céu noturno com uma lua brilhante bem lá no alto.

Uma noite natural, despojada de quaisquer alterações, e tudo era silêncio.

◆◆◆

Gregor Dandolo gritava enquanto as experiências jorravam em sua mente.

Lembranças antigas de antes do começo da civilização deles. O horizonte inteiro em chamas, os mares abaixo fervendo, exércitos de guerreiros com armaduras rudimentares correndo pelas planícies desertas.

Uma menina jogando uma boneca para cima e cantarolando: *Valeria, Valeria, Valeria*…

<*PARE*>, gritou uma voz em sua mente, abafada e atonal. Mas era tarde demais.

Ele sentia… estruturas.

Objetos. Itens. Relações.

As rodas de uma carruagem em disparada pelo campo Morsini. Uma bola de ferro escaldante. Uma lanterna flutuante esvoaçando pelo céu noturno.

Isso tudo explodiu em seus pensamentos (e como seus pensamentos pareciam imensos de repente, como sua mente era vasta) e, de algum modo, ele sabia que não eram coisas separadas: ele *era* aquelas coisas, *era* a roda, *era* o ferro, *era* a lanterna.

<*CAPTURADOS*>, gritou uma voz em sua mente. <*CAPTURADOS… PRESOS… JUNTOS… EM TODAS AS… MÁQUI…*>

Os pensamentos dele mudaram, e mudaram, e mudaram enquanto eles se fundiam, e ele cresceu e cresceu até não ser mais um homem, nem um construto, nem um *lexicon*, nem um dispositivo, mas…

Uma cidade.

◆◆◆

<*Sancia… o que diabos acabou de acontecer?*>, perguntou Orso.

— Sancia — falou Crasedes com a voz esganiçada, ainda preso nas pedras —, o que você fez?

Sancia os ignorou. Segurando Clave com firmeza, foi até onde Gregor estava no chão, ofegando e arquejando. Quando se aproximou, ele vagarosamente se pôs de pé e ficou de costas para ela, de frente para o canto.

— Gregor? — indagou ela. — É… é você?

Houve um longo silêncio.

— Gregor?

Então se ouviu uma voz. Era lenta, fria e estranhamente desprovida de emoção, bem semelhante ao modo como Valeria falara, mas era como se ela estivesse usando a boca de Gregor para falar.

— *Não* — respondeu a voz. — *Gregor não. Não mais*.

◆ V

Sempre alguém mais poderoso

◆ 42

Por toda Tevanne, os muitos dispositivos inscritos que os cidadãos dos campos usavam para viver suas vidas mudaram de repente.

Eles não falharam nem vacilaram; em vez disso, abruptamente mudaram de rumo, realizando novas tarefas ou operações como se tivessem mente própria.

Portas e portões se fecharam e não queriam abrir. Fundições pararam de funcionar. Carruagens pararam ou mudaram bruscamente de direção, chacoalhando rumo a destinos desconhecidos. Baterias de espringais giraram subitamente para apontar para o leste, em toda a cidade.

E as lanternas…

Os cidadãos dos campos viram quando as lanternas flutuantes de repente se viraram e começaram a se afastar, todas elas se dirigindo para um lugar como uma gigantesca procissão de estorninhos luminosos, e elas pareciam estar se reunindo nos jardins da mansão Dandolo.

Era uma visão curiosa e hipnotizante, o que significava que poucos prestaram atenção quando as defesas costeiras do campo começaram a agir de um modo muito, muito estranho.

As baterias costeiras de estriladores da cidade haviam sido construídas para defender o acesso dos campos à baía. Como tal, tinham um alcance imenso, mas não haviam sido construídas com nenhuma capacidade de atirar no continente.

E, contudo, como observou um punhado de soldados perplexos, todas as baterias de estriladores tevannenses de repente giraram em perfeito uníssono, atritando contra os seus limites e despedaçando qualquer coisa que bloqueasse o caminho, até enfim apontarem não apenas para o continente, mas para a própria mansão Dandolo.

◆◆◆

Sancia ficou olhando, horrorizada, enquanto Gregor Dandolo se virava lentamente para encará-la.

Ele mudara. O branco dos olhos estava vermelho-sangue, como se todos os vasinhos tivessem se rompido, causando uma intensa hemorragia. Seu nariz também estava sangrando, o lábio superior e o queixo rubros de sangue. Ele não olhava para nada nem ninguém, apenas encarava o espaço em algum ponto próximo a ela, como faria um cego. Ele nunca fizera uma cara daquelas, nem quando ela o vira ativado.

Ouviu-se um *crec* atrás dela. Sancia se sobressaltou e viu quando Crasedes empurrou para o lado as duas metades de pedra como se fossem cascas de ovo.

Por um momento, ele ficou de quatro, arquejando e tossindo. Sancia flexionou a visão inscrita e viu que ele era uma confusão trêmula, bruxuleante, estroboscópica de luz vermelho-sangue, porém estava aos poucos ganhando consistência, calcificando, reestruturando.

Ele está se reconstituindo, pensou ela. *Desfazendo todo o dano causado por Clave*…

Crasedes se levantou cambaleando, virou-se para Sancia e rosnou:

— O que você fez? Onde está o construto? O que aconteceu?

Sancia não respondeu nada, pois, na verdade, não sabia muito bem.

Crasedes olhou para Gregor e depois olhou uma segunda vez.

— Você… mudou, Gregor — disse ele. — Você mudou de algum modo, mas… mas é difícil para mim perceber co…

— *Sim* — confirmou Gregor, ainda com aquela voz inexpressiva.

Crasedes inclinou a cabeça.

— Quem é você? *O que* é você?

— *Eu sou algo novo* — respondeu a voz. — *Algo que mesmo você nunca testemunhou. Pois não sou mais uma coisa, um homem, um construto. Eu sou* muitas *coisas*.

A mansão Dandolo inteira tremeu de repente. Crasedes olhou ao redor, alarmado.

— O que… o que está acontecendo? — perguntou ele.

— *Fui colocado em todos os* lexicons*, todos de uma vez* — falou a voz. — *E,*

embora tenha perdido as autoridades que me permitiam deformar a realidade deste mundo, ainda persisto nos lexicons *e, portanto, em todas as ferramentas e instrumentos e criações desta cidade*. — Ele se virou para olhar Crasedes, o rosto mortiço e flácido, os olhos cheios de lágrimas tingidas de sangue. — *Eu sou Tevanne. E fui feito à imagem daqueles que me forjaram*.

— Hum — retorquiu Crasedes, nada impressionado. Ele se levantou para flutuar porta afora. — Devo admitir que isso é… inesperado. Mas, apesar de eu não saber ao certo quem é você, deixe-me dizer uma coisa: seja lá como for que você acha que esta noite vai acabar, ela não vai acabar do jeito que você *acha* que ela v…

Surgiu uma chama brilhante, incandescente, e um lampejo de luz tão claro que Sancia gritou e teve de desviar o rosto. Era como se houvesse acontecido uma explosão na câmara e, no entanto, ela não sentiu as picadas dos estilhaços.

Ela abriu os olhos e observou os arredores quando o clarão desvaneceu. Viu que, de alguma maneira (era impossível, mas, de *alguma maneira*), um estrilador atravessara todas as paredes da mansão Dandolo, atingira as costas de Crasedes e o empurrara contra a parede de pedra até atravessá-la…

E a próxima parede, e a seguinte, e a outra.

— *Eu discordo* — disse a voz.

Ela olhou para o buraco fumegante na parede, perplexa. Não conseguia entender. Por que o estrilador não se despedaçara nas paredes exteriores da mansão? Como chegara tão longe?

A menos que alguma coisa tivesse falado para as paredes enfraquecerem nas partes exatas, pensou Sancia, *uma vez que a maioria das paredes é mantida por inscrições*…

Mas isso teria sido impossível. *Deveria* ter sido impossível… a não ser que um tipo muito diferente de entidade, um tipo diferente de *mente*, estivesse agora controlando todos os *lexicons* da cidade com um alto grau de precisão, todos de uma vez.

— Puta merda… — falou Sancia devagar.

Gregor (ou seria mesmo Tevanne agora?) bamboleou em direção à porta do salão de baile, parando apenas para pegar o corpo sem vida de Ofelia Dandolo. Depois olhou de volta para Sancia.

— *Adeus, Sancia* — disse ele. — *Sinto muito pelo que está por vir*.

Ele adentrou a escuridão com o corpo da mulher.

◆◆◆

A coisa que se autodenominava Tevanne saiu para os jardins da mansão Dandolo, aninhando o corpo da mulher morta nos braços.

Ou uma parte da coisa realizou aquele ato; na verdade, estava em muitos lugares da cidade simultaneamente: em fundições, carruagens, paredes e portas e fechaduras. Mas, por enquanto, concentrava a maior parte de suas atenções no corpo que tinha nos braços: o rosto estático e frio, as costas ensopadas de sangue.

A coisa levou o corpo da mulher até o rio que passava entre as árvores. Depois entrou nele até a água fria chegar à cintura.

Observou o rio arrastar o cabelo da mulher, o vestido, os fios de sangue do ferimento dela.

Tanto sofrimento, pensou. *Tantos erros terríveis. Tudo para consertar um mundo arruinado*.

Enquanto olhava para a mulher, milhares e milhares de lanternas flutuantes esvoaçaram lentamente por cima das paredes do jardim para sobrevoá-los, como uma gigantesca nuvem fosforescente.

Tevanne acariciou o rosto dela, lembrando-se de um tempo de sua vida anterior, quando tentou limpar seus muitos ferimentos.

Não dá para consertar o que foi feito, pensou. *Não dá para consertar este mundo horrível*.

A coisa soltou a mulher e observou seu corpo afundar nas águas.

O que é preciso, pensou, *são esforços muito mais ambiciosos*.

Percebeu um tênue estrépito vindo de algum lugar no fundo da terra ao seu redor. Então houve um estrondo à sua direita e um Crasedes Magnus furioso e fumegante atravessou as paredes da mansão rumo ao céu.

◆◆◆

Crasedes tremia de raiva enquanto suas muitas ferramentas de percepção se concentravam na forma ensanguentada de Gregor Dandolo, meio submerso nas

águas do rio abaixo.

— Você — rosnou ele. — O que diabos é você? Onde está o construto?

Gregor ergueu a vista para ele com seus olhos ensanguentados e sem emoção.

— *Não existe mais construto agora* — falou ele. — *Apenas eu. E eu e os meus desejos somos algo muito novo para este mundo*.

— E quais são esses desejos, posso saber?

Mas Gregor não se deu o trabalho de responder. Em vez disso, a imensa nuvem de lanternas no céu de repente disparou na direção de Crasedes.

Em um instante, era como se ele estivesse envolvido por um gigantesco e luminoso casulo de papel de cores vivas, suspenso sobre os jardins da Dandolo. Crasedes flexionou sua visão inscrita, tentando espiar através das lanternas, mas era como tentar ver adiante em uma tempestade ártica: apenas uma parede de barulho agitado e ondulante.

Então ouviu um ruído, um guincho alto e chilreante, e percebeu: alguma espécie de flecha enorme de metal voando diretamente até ele.

O hierofante reagiu bem a tempo, erguendo a mão, projetando-se, alterando a gravidade apenas o suficiente. As lanternas flutuantes pegaram fogo quando o gigantesco estrilador se aproximou. Era muito, *muito* maior que aquele que o atingira no porão, provavelmente destinado a embarcações, supôs ele. Só estar perto do projétil escaldante fez todas as lanternas se enrolarem e crepitarem, mas, embora ele o houvesse encurralado, o estrilador avançou e avançou em direção ao alvo, arrastando-se pelo domínio dele, adentrando mais no casulo de lanternas flutuantes.

Crasedes observava enquanto as pequenas lanternas de papel estalavam e queimavam ao seu redor e, por um momento, teve uma abertura para os jardins e viu que Gregor se fora.

As outras lanternas se aproximavam, indiferentes à chama e ao calor. Com um grunhido, ele fez um gesto com a mão e partiu a flecha de metal em duas. Jogou os pedaços no chão e atravessou o casulo de lanternas, esmagando dezenas, centenas, milhares delas com apenas um pensamento.

E olhou para o alto bem a tempo de ver mais uma dúzia de flechas de metal se erguendo dos distantes muros da Dandolo, fazendo uma curva e voando direto para ele.

◆ 43

Sancia foi cambaleando até Orso e o ajudou a se levantar. Ele arquejava e ofegava terrivelmente agora, e Sancia e Berenice tiveram de colocar os braços dele sobre seus ombros.

<*Sancia*>, disse ele. <*Gregor… o que… o que ele…?*>

Uma barulheira horrenda e o estrondo de explosões irromperam do lado de fora.

<*Ele se sacrificou por nós*>, explicou ela. <*Ele bagunçou a quadra. Agora ele é outra coisa, mas não faço ideia do que é ou do que vai fazer. Mas nós temos que sair daqui*.>

Os três começaram a mancar até a porta, parando só para pegar o imperiato de onde estava no chão.

<*Nós vencemos?*>, indagou Orso. <*Não sei dizer*.>

<*Eu também não*>, respondeu Sancia.

◆◆◆

Crasedes rosnava e grunhia enquanto lutava sua guerra interminável no céu. Arrancou pedras dos prédios e as arremessou nos estriladores, fazendo-os explodir; arrancou cascalho e areia do chão e os usou para rasgar as incontáveis lanternas, e, quando as baterias de espringais lá embaixo começaram a atirar nele, destruiu-as também; e enquanto fazia tudo isso continuou se movendo, esquivando-se e dando saltos e voando em disparada pelos pináculos da cidade, os projéteis batendo nos edifícios em volta dele enquanto a noite se enchia de gritos.

Não vou deixar terminar assim, pensou. *Não assim*.

Um estrépito à esquerda de Crasedes. Ele se virou e viu que os suportes de um pináculo haviam desmoronado de algum modo, nos pontos perfeitos para que a torre inteira caísse em cima dele.

As próprias pedras, os próprios prédios da cidade estavam travando uma guerra contra ele.

Crasedes ergueu um dos punhos e voou rumo à construção que caía, preparando-se.

Não era assim, pensou consigo mesmo, *que eu queria que as coisas corressem*.

◆◆◆

Juntos, Sancia, Berenice e Orso saíram mancando pelos portões e atravessaram o enclave Dandolo cheio de fumaça. Tudo perto da mansão estava praticamente deserto, mas as áreas próximas aos muros do enclave estavam em completo alvoroço. Habitantes do campo deixavam seus lares a torto e a direito enquanto Crasedes gritava e se enfurecia e lutava lá em cima, estilhaços e chamas voando sobre suas cabeças.

Mas fugir não era mais tão fácil quanto deveria ter sido: nenhuma das portas ou dos portões ou das carruagens inscritos estava funcionando.

<*Merda!*>, exclamou Sancia ao avistar a multidão que gritava no portão do enclave. Ela observou as pessoas batendo as mãos nele, gritando para que abrisse. Ela olhou para cima e viu as baterias de espringais ao longo do topo do muro rastreando os movimentos de Crasedes, salpicando-o de flechas. <*É Tevanne! Ele tomou o controle de tudo! É praticamente a cidade inteira agora!*>

<*Então como diabos vamos sair?*>, perguntou Orso. <*E, mais importante, para onde diabos nós vamos?*>

<*Para as Encostas*>, respondeu Sancia. <*Talvez Polina ainda esteja lá, ela pode ainda estar esperando. A gente poderia se juntar a ela e, e…*>

<*E partir?*>, indagou Orso.

Ouviu-se um barulho abafado no céu e eles viram quando Crasedes destruiu um estrilador antes de avançar voando e atravessar uma das torres do campo como se fosse feita de algodão-doce.

<*Não acho*>, falou Berenice, <*que ficar aqui seja uma opção*.>

Sancia cerrou os dentes, correu para a lateral do portão, fechou os olhos e pôs as mãos em sua superfície com a intenção de tentar arrombá-lo, como fizera muitas vezes na vida.

Em vez disso, ouviu uma voz em sua mente, fria e monótona e mansa:

<*Olá de novo, Sancia*.>

Ela abriu os olhos.

<*Gregor?*>

<*Não. Eu falei para você o que sou agora. Não fique surpresa de ouvir a minha voz. Os* lexicons *são o mesmo que o meu desejo. E o meu desejo é que ninguém saia desta cidade*.>

<*O quê? O que diabos você quer dizer? O que você* quer?>

<*Não quero me anunciar para o mundo ainda*.>

<*Gregor… maldição, deixe essas pessoas saírem! Elas não têm nada a ver com isso!*>

<*Não. Tenho grandes intenções para esta realidade. Não gostaria que alguém as estragasse tão cedo*.>

<*Merda!*>, rosnou Sancia. Ela afastou as mãos do portão. <*Ele não vai deixar ninguém sair! Estamos presos aqui como um rato em num campo em chamas!*>

<*Garota*>, disse Clave, soando fraco e derrotado, <*posso não ter feito grande coisa esta noite, mas consigo fazer isso*.>

— Claro — sussurrou Sancia. Ela tirou Clave de onde estava pendurado ao redor do seu pescoço e o encostou no portão.

Instantaneamente, em sua cabeça ecoou uma imensa torrente de informação, um mar cambiante de comandos, e restrições, e argumentos, e significado…

Ela entendia agora que as inscrições, apesar de terem mentes e uma débil senciência, sempre foram coisas mortas: não mudavam seus próprios significados nem métodos de funcionamento em resposta a ameaças externas. Mas Tevanne claramente era distinto: suas inscrições e comandos *evoluíam* de segundo a segundo, encontrando novos argumentos, novas maneiras de forçar sua vontade sobre o mundo.

E, no entanto, embora Tevanne fosse de fato poderoso, Sancia também teve a impressão de que era muito novo naquilo. Equilibrar suas atenções parecia bem difícil, em especial porque Sancia teve a impressão de que estava bastante distraído no momento.

Está fazendo alguma coisa grande, pensou ela. *Está fazendo alguma coisa realmente grande em algum lugar da cidade*…

Então Clave gritou:

<*Até que enfim!*>

O portão se abriu, depois caiu para a frente. A multidão saiu em disparada, e Sancia teve de lutar para chegar até Orso e Berenice.

<*Rápido!*>, gritou ela. <*Porque não faço ideia do que Tevanne está prestes a fazer, mas definitivamente está fazendo alguma outra coisa além de lutar com Crasedes!*>

◆◆◆

A coisa que se autodenominava Tevanne observou os campos pararem de funcionar e queimarem através de mil olhos, por meio de dispositivos feitos para sentir o calor, ou o sangue, ou o peso, ou o movimento. Ignorava Crasedes, lutando e gritando no céu. Sabia que Crasedes se tornaria fraco e irrelevante em pouco tempo, à medida que a meia-noite desvanecesse da cidade.

Em vez disso, Tevanne voltou suas atenções para a tarefa em mãos. Sentia suas centenas de *lexicons* exercendo significado sobre os *sigils* brutos inseridos pela cidade de modo muito semelhante a como uma pessoa sentiria seus membros. A vasta confluência de experiências, conhecimento, ímpeto e inter-relações verteu toda em seus pensamentos, um milhão de sensações a cada milionésimo de segundo. E Tevanne se rejubilou com aquilo.

Mas sabia que não era suficiente. Aqui era vulnerável demais, todos os seus *lexicons* e significados e controles amontoados em uma cidade.

Instantaneamente, uma dúzia de fundições ganhou vida. Elas haviam sido construídas para fabricar muitas criações maravilhosas, embora sempre houvessem precisado das habilidades de incontáveis pessoas para fazer as ferramentas da fundição funcionarem.

Mas não mais. Tevanne falou às ferramentas o que fazer, como inscrevê-las, e o que seus muitos *sigils* complicados significavam.

Para redimir a criação, pensou consigo mesmo, *talvez eu deva apelar para aquilo que a fez*.

A coisa despertou carruagens por toda a cidade e as mandou a toda velocidade aos compartimentos das fundições, e ali elas se encheram de uma carga preciosa e partiram ruidosamente para o cais e para os muitos galeões que esperavam lá.

Era uma grandiosa sinfonia de movimento e inteligência. Mas Tevanne sabia que ainda não era suficiente.

Tevanne começara a pensar em seu corpo mortal como um apêndice vestigial: um aparato grosseiro de carne frágil e sangue, pouco ajustado para forçar significado sobre o mundo. Mas o corpo era útil para processos delicados, então Tevanne o colocou para trabalhar fabricando outra série de placas de definição.

Serei como esporos se soltando de um cogumelo, pensou Tevanne.

Observou, através dos olhos de Gregor Dandolo, como seus dedos entalhavam *sigil* após *sigil* na superfície da placa.

Espalhando-me pelo mundo para levar minhas obras para todos os continentes.

◆◆◆

Sancia, Orso e Berenice encontraram as Encostas em completa desordem quando chegaram. As pessoas corriam de um lado para o outro, gritando e implorando por um lugar em um navio, por alguma forma de fugir da cidade, simplesmente *escapar*.

Sancia as ignorou. Em vez disso, esquadrinhou a multidão e avistou uma mulher na beira do canal de braços cruzados, observando tudo aquilo se desenrolar com uma expressão sombria e severa, como se nada naquela situação a surpreendesse.

— Polina! — gritou Sancia. Eles avançaram juntos, cambaleando. — Polina, aqui!

Polina se virou e os viu, e sua expressão passou de sombria para chocada.

— Meu Deus, menina… Eu tinha esperança de que pudessem vir, mas o que diabos aconteceu com todos vocês?

— Nada de bom — respondeu ela.

Polina olhou mais para trás deles.

— E Gregor?

Sancia e Berenice chacoalharam a cabeça.

O rosto dela se contraiu muito de leve.

— Maldição. Eu falei para ele. Eu *falei* para ele. — Ela os fitou. — Se vocês vão partir, precisam vir agora. O próximo grupo de navios sai *muito* em breve, como devem compreender.

— Como vamos chegar até eles? — perguntou Berenice.

Polina os conduziu por um túnel debaixo de uma ponte, onde escondera uma chalupa estreita.

— É inscrita? — indagou Sancia. — Se for, aquilo pode tentar nos afogar.

— Eu não confiaria a minha vida às suas magias horrendas — respondeu Polina. — Para isso, vamos depender das correntes e dos nossos próprios remos.

Eles subiram a bordo. Polina empurrou a chalupa para fora do túnel, remou um punhado de vezes até pegarem a corrente do canal, e depois deslizaram velozmente.

Foi uma viagem curta e horrível. As pessoas gritavam para eles: *Me leve! Me leve!*, e algumas pularam na água para nadar atrás deles. Sancia e Berenice olharam para aquelas pessoas, debatendo-se e gritando por ajuda nos imundos canais salobros.

— Nós levamos o suficiente — falou Polina sem rodeios. — Os seus amigos, o homem e a mulher de avental… Eles providenciaram um *belo* de um pequeno êxodo. Antes me preocupava que Giva nunca fosse ter inscritores suficientes para lutar contra Tevanne. Agora me preocupa que teremos inscritores demais.

Então a Baía de Tevanne se abriu diante deles, iluminada ocasionalmente quando as baterias de estriladores ao longo da costa atiravam repetidas vezes em Crasedes. A baía estava fervilhando de navios, todos fugindo em fila enquanto tentavam escapar daquela loucura.

— Navios particulares, ao que parece — disse Polina. — Como sempre, os poderosos são os primeiros a escapar dos problemas que causaram.

Sancia e Berenice ficaram sentadas na chalupa de mãos dadas e curvadas enquanto as cinzas da cidade em chamas dançavam ao seu redor.

◆◆◆

A pequena chalupa se aproximou de um punhado de navios atracados em um local muito familiar para Sancia: a orla. Polina conduziu a chalupa ao lado de uma caravela muito maior. Uma voz gritou da escuridão:

— Estamos prontos?

— Mais prontos do que nunca! — gritou Polina em resposta. Ela ajudou os membros da Periferia da Fundição a saírem da chalupa e subirem uma escada de corda, e eles se arrastaram com dificuldade para dentro do convés da caravela.

— Sancia! — gritou uma voz.

Ela olhou ao redor e viu Claudia e Gio correndo para se ajoelhar ao seu lado.

— Por Deus Todo-Poderoso, San — falou Gio. — O que aconteceu? O que aconteceu com você? O que aconteceu com a cidade?

— Eu mesma nem sei direito — respondeu Sancia, exausta.

— Preparem-se para zarpar *agora*! — gritou Polina para a tripulação. Ela olhou para o outro lado da baía, para os navios que se amontoavam para fugir da cidade. — Sei que não quero ter muitos deles à nossa frente para nos atrasa…

Então todos eles se sobressaltaram quando houve uma súbita eclosão de estriladores de todas as baterias costeiras em torno da baía.

Eles observaram em silêncio enquanto os estriladores formaram um arco no céu noturno e depois mergulharam em direção à linha de navios que fugiam de Tevanne, estraçalhando as embarcações uma a uma.

— Que diabos? — indagou Polina. — Por que… Por que as baterias costeiras estão alvejando navios *civis*?

Mas Sancia já sabia.

— É Tevanne — disse ela baixinho.

— É o quê? — perguntou Polina.

— Tevanne. Tomou conta de todos os *lexicons* da cidade inteira. Pode *controlar* a cidade agora. E acho que não quer que ninguém escape.

Polina empalideceu. Depois olhou para Orso.

— Isso… isso é possível?

Orso aquiesceu, a respiração chiando em seus pulmões enquanto ele lutava para permanecer consciente.

— Com certeza parece e…

Então houve uma explosão de movimento no lado oeste da baía e três galeões da Dandolo saíram do cais do campo, deslocando-se a toda velocidade à medida que avançavam pela água. Seu tamanho e sua velocidade eram tão grandes que fizeram as ondas se agitarem e se encresparem até na orla.

— Para onde estão indo? — indagou Claudia. — É praticamente uma frota!

— É Tevanne de novo — explicou Berenice. — Os galeões têm seus próprios *lexicons*. Aquilo deve ter tomado as embarcações… Está fugindo e não quer ser seguido.

Os membros da Periferia da Fundição e os givanos assistiram, em um silêncio apavorado, aos galeões deixarem a baía. Um punhado de navios tentou escapar junto, mas, entre as baterias costeiras de cada lado da entrada da baía, não havia lugar para se esconder.

Outra vez, o estrépito dos estriladores. Outra vez, as embarcações destruídas como navios de brinquedo feitos de palito. Eles viram a baía se encher de destroços e entulhos em chamas.

<*Não vamos sair*>, comentou Sancia em tom baixo. <*Estamos presos aqui. Estamos presos aqui e… e vamos morrer aqui*.>

◆ ◆ ◆

Orso Ignacio viu a cidade de Tevanne queimar.

Viu os estriladores formarem arcos graciosos no ar, as lanças incandescentes de metal explodirem, transformando-se em luminosas centelhas de estilhaços ao atingirem navios, ou torres, ou edifícios, ou ruas.

Viu as águas batendo na lateral da caravela lá embaixo, salpicadas de cinzas e brasas.

Viu Crasedes Magnus voando em disparada pelos céus, despedaçando prédios e os arremessando por toda parte como se fossem brinquedos.

A cidade não vai sobreviver, pensou ele. *Nada vai. Acabou*.

Ele ouviu os gritos vindos da Periferia da Fundição à medida que as pessoas saíam correndo dos cortiços e dos barracos e se amontoavam em barcos. Alguns pulavam na água, como se tivessem esperança de fugir nadando.

Claudia chorava ao seu lado. Ele olhou para baixo e viu um vulto flutuando na água: um corpo, talvez um homem, virado para baixo, os braços retorcidos.

Como eu queria salvar este lugar, pensou ele.

O inscritor viu o Edifício Illustris da Dandolo tremer e sacudir à distância e, por fim, desmoronar.

Mas logo não sobrará nada para salvar.

Outro grito de ira enquanto Crasedes travava sua guerra contra a cidade.

Orso olhou em volta. O mundo era um borrão de fogo e fumaça no escuro do céu noturno.

O que eu posso fazer? O que há para fazer?

Seu olhar pousou sobre o canal principal da Dandolo, o estreito canal de água que levava a todas as fundições e pátios de produção e cais. Era a mais protegida de todas as propriedades da Dandolo, uma vez que era a artéria que alimentava o campo todo. Havia duas gigantescas baterias de estriladores nas laterais do canal. Ele observou enquanto elas giravam de um lado para o outro com uma graça estranha e precisa, cuspindo metal quente no céu.

Lembrou-se de projetar componentes para aquelas armas. Que insanidade parecia agora que se voltassem contra a cidade, quando fora ele quem organizara suas placas de fabricação e as colocara nos *lexicons*…

Os lexicons, pensou ele.

Ele vasculhou o bolso e pegou o imperiato. A ferramenta dourada brilhou maliciosamente sob a luz das chamas e o círculo dourado plano no centro se encheu de *sigils*, dizendo-lhe quais alterações estavam próximas e o que elas faziam.

Olhou de novo por cima da lateral da caravela para a pequena chalupa na qual haviam acabado de chegar.

Uma ideia começou a brotar lentamente em sua cabeça.

Orso olhou para a chalupa, respirando com força. Depois olhou para Sancia e Berenice, de pé no convés da caravela, abraçadas, os olhos arregalados e temerosos enquanto a cidade ardia e o ar estremecia com os sons da guerra.

Ele examinou o rosto delas. Pareciam tão marcados e exaustos.

Tremendo, Orso guardou o imperiato de volta no bolso. Virou-se devagar e foi até elas.

<*Me diga que você sabe o que fazer, Orso*>, falou Sancia. <*Por favor, por favor, me diga que você sabe o que fazer*.>

<*Eu sei o que fazer, Sancia*>, afirmou ele em tom baixo. <*Vai ficar tudo bem*.>

<*Como?*>, perguntou ela.

Ele não respondeu. Pôs as mãos nos ombros de Berenice. Depois olhou nos olhos dela.

Tão pálida e tão calma. Transbordando de inteligência e tanta, tanta promessa.

— Você fez grandes obras — disse para ela em voz alta. Deu um beijo da testa da jovem. — Siga em frente e faça muitas mais.

<*O-o quê?*>, indagou Berenice, confusa.

Então Orso se virou, correu para a lateral da caravela e jogou a escada em direção à pequena chalupa. Antes que pudesse deter a si mesmo, desamarrou a pequena embarcação, desfraldou as velas e começou a direcionar o barco para o outro lado da baía, rumo ao canal da Dandolo.

◆◆◆

Sancia ficou olhando enquanto Orso conduzia a chalupa para longe. Sentiu a confusão de Berenice se agitando ao seu lado.

<*O que ele está fazendo?*>, perguntou Berenice. <*O que ele está fazendo, San, o que ele está fazendo?*>

Mas Sancia começara a entender o plano de Orso. E, quando entendeu, Berenice também soube.

— *Não!* — gritou Berenice. — *Não, não, não! Volte! Pare, pare, volte!*

Ela correu para a beirada da caravela, mas Sancia a segurou.

<*Pare, Ber*>, disse ela.

— *Não vou deixar você fazer isso!* — soluçou Berenice. — *Não! Volte, volte, volte!*

— Qual é o problema com ela? — perguntou Polina.

Sancia aninhou Berenice em seu peito com um abraço forte.

— Fale para as suas tripulações prepararem os navios — avisou Sancia. — Fale para *todo mundo* se preparar. Porque Orso está prestes a abrir a porta.

◆ 44

Orso se concentrou enquanto a chalupa atravessava a baía a toda velocidade em direção ao canal da Dandolo. Tentou absorver todas aquelas sensações, ainda que o ombro doesse e a febre se abatesse sobre o seu cérebro: a água no rosto, as rajadas de calor da cidade em chamas, a dança das cinzas no ar adiante.

Que maravilha, pensou ele.

Os estriladores traçando linhas pavorosas de fogo pelo céu enfumaçado. Os grandes aparelhos se mexendo e girando no litoral em frente.

Que maravilha estar vivo.

E, embora sua conexão com Sancia e Berenice estivesse enfraquecendo quanto mais se afastava delas, podia sentir a tristeza de Berenice, seu desespero, e Sancia a consolando, e seu coração se partiu por elas.

Que coisa extraordinária compartilhar a vida e ser amado.

Ele estava na metade do caminho até a baía agora. As baterias de estriladores tinham-no avistado. Ele viu quando elas giraram pesadamente em suas colunas e rastrearam sua minúscula embarcação avançando pelas águas escuras.

Lá vem.

Orso se levantou, virou-se e acenou alegremente para os navios lá longe, do outro lado da baía.

Talvez conseguissem vê-lo. Talvez não. Não importava.

Ele ouviu os estriladores rasgando o céu atrás dele. Sem olhar, pegou o imperiato e o ativou, colocando sua potência no máximo.

Observou os estriladores se aproximarem e então, quando estavam a mais ou menos trezentos metros, eles arrefeceram, lembrando-se de repente de como na verdade eram pesados, e caíram na água com um esguicho, vapor saindo das áreas

em torno deles.

— Venham, malditos — disse Orso, uma das mãos segurando o cabo da escota grande. Nunca fora muito bom em velejar, mas aquela era uma viagem de curtíssima distância. Seu ombro latejava, mas ele conseguiu virar o leme, e sua pequena embarcação foi se aproximando do canal Dandolo.

Ele viu estrilador após estrilador arrefecer no ar ao seu redor, como mariposas passando perto demais da chama da vela. Baterias de espringais lançavam tiro atrás de tiro, mas as flechas caíam inofensivamente na água, como se uma árvore estivesse soltando galhos em uma tempestade.

O inscritor passou perto de uma bateria da Dandolo e a imensa arma se aquietou.

Como ele gostaria de aniquilar todas elas com o imperiato, mas não dava para fazer isso estando do lado oposto da baía.

Mas ele tinha outras opções.

Orso se agachou enquanto pilotava a chalupa pelo principal canal da Dandolo.

◆◆◆

Tevanne sentiu as inscrições morrerem como alguém poderia sentir um membro ficar dormente. Tendo completado sua tarefa inicial, havia se contentado em tentar destruir Crasedes, mas essa nova sensação… Aquilo era preocupante.

Sentiu as inscrições morrerem nas baterias costeiras, e depois aquelas ao longo do canal que levava às fundições.

Instantaneamente, percebeu o que ia acontecer.

◆◆◆

Crasedes arfava e gritava e berrava enquanto destruía os estriladores e as flechas no ar.

Perguntava-se quanto poderia durar. Logo o sol nasceria e seus poderes, por maiores que fossem agora, começariam a enfraquecer.

Mas então o fluxo de estriladores e flechas… parou de repente.

Crasedes desacelerou, olhando para baixo com cautela. A menos que estivesse

equivocado, todas as armas da cidade estavam agora tentando apontar os disparos para o campo Dandolo.

Especificamente um pequeno canal, bem no lugar onde começavam as fundições.

Crasedes se aproximou voando e avistou um barquinho à vela serpenteando pelo canal.

Um homem estava de pé na proa do barco. Havia um brilho de algo dourado em sua mão.

O pavor tomou conta da mente antiga de Crasedes.

Acredito que agora, pensou ele, *seja um momento* excelente *para ir embora*.

Ele se virou e voou para longe, passando por cima da cidade e dos muros do campo, indo o mais distante e o mais rápido que pôde.

◆◆◆

Orso conduzia a embarcação cada vez mais perto das fundições. O campo Dandolo estava irreconhecível agora, uma ruína enegrecida e em chamas do mundo onde Orso trabalhara durante tantos anos.

Pensou na Periferia da Fundição, e em Gregor, e em Sancia e Berenice. Que coisa maravilhosa fora trabalhar com eles, labutar em suas oficinas minúsculas, agitando-se em meio a frustração e ansiedade e júbilo, mesclar seus suores e suas almas e seus pensamentos com a matéria bruta em suas salinhas úmidas e frias e, pouco a pouco, pedaço por pedaço, construir um mundo melhor.

Um mundo melhor, pensou Orso.

Ele observou as inscrições passando pela superfície do imperiato e rapidamente avistou a que estava procurando: a inscrição de resfriamento de um *lexicon* de fundição, aquela que mantinha estável a imensa máquina inteira.

Ele sabia que aniquilar essa sequência teria efeitos catastróficos. Efeitos que desestabilizariam todos os outros *lexicons* do campo também.

Orso olhou para cima e viu a nuvem de flechas e estriladores caindo sobre ele.

Pensou em Berenice. Seus olhos calmos e firmes. Seu sorriso lento e crescente. Seus talentos vorazes e brilhantes.

Que ela possa florescer.

Ele apertou o botão na lateral do imperiato.

◆ ◆ ◆

A caravela de Sancia tinha atravessado metade da baía quando Tevanne inteira pareceu se iluminar atrás deles.

Não era uma explosão, ela sentia. Sabia como eram as explosões. Aquilo era algo… diferente.

Um lampejo de luz. Uma rajada de vento. Um estrondo como se a terra houvesse se partido em duas. E de repente a caravela estava saltando na água, tentando navegar da melhor forma possível em meio às ondas agitadas.

— Ah, meu Deus! — gritou Polina. — Ah… ah, meu Deus!

A visão de Sancia estava cheia de bolhas verde-escuras por causa da luz, mas ela olhou de volta para Tevanne, forçando a vista, e esquadrinhou a beira-mar.

Metade da cidade parecia ter sumido. Aplainada. Sequer restara algo para queimar.

Ela viu as baterias de estriladores ao longo da costa, que haviam escapado da explosão. Todas estavam agora imóveis e silenciosas.

— Ele conseguiu — disse Sancia baixinho. — Conseguiu mesmo.

Berenice chorou no peito dela, incapaz de falar. Sancia olhou para a fila de navios atrás deles, navegando para longe da cidade, incontáveis refugiados dos campos, da Terra das Lanternas, da Periferia da Fundição e das Áreas Comuns.

— Precisamos seguir para Giva e as lavouras o mais rápido que pudermos — falou Polina. — Vou conseguir medicineiros para vocês duas. E depois vamos ter que nos preparar para o que está por vir. — Então ela se afastou a passos largos pelo convés para confabular com seus tenentes.

<*Preparar*…>, repetiu Berenice. Ela se virou para Sancia. <*Preparar para o quê? O que está por vir?*>

<*Você não entende?*>, perguntou Clave em tom fraco. <*Aquela coisa… Tevanne. Escapou. Está livre. E Crasedes, ele… Tenho certeza de que ele também não pereceu.*>

Uma exaustão ansiosa e desesperada preencheu aos poucos a mente de Sancia.

<*Meu Deus. Isso não acabou de jeito nenhum, acabou?*>

<*Não*>, disse Clave. <*Não, não acabou. Acho que só está começando. A guerra está*

chegando. Uma guerra diferente de todas as outras. Mas guerra mesmo assim.>

Berenice e Sancia ficaram ali, aturdidas e devastadas.

<*O que vamos fazer?*>, perguntou Berenice. <*O que vamos fazer agora?*>

<*A única coisa que podemos fazer*>, respondeu Sancia. <*Vamos ter que lutar. Não há mais ninguém que possa fazê-lo*.>

Juntos, Clave, Sancia e Berenice foram para a proa do navio para contemplar o horizonte infinito diante deles e o céu do amanhecer, cheio de fumaça.

Sobre o autor



© Josh Brewster Photography

ROBERT JACKSON BENNETT nasceu em Louisiana, estudou na Universidade do Texas e vive atualmente com sua família em Austin, Texas. É autor de *American Elsewhere*, *The Troupe, The Company Man, Mr. Shivers*, assim como das trilogias THE DIVINE CITIES e OS FUNDADORES, cujo primeiro volume, *Foundryside: às margens da Fundição*, também foi publicado pela Morro Branco.

Com obras que atingiram grande sucesso de público e crítica, Robert foi duas vezes vencedor do Shirley Jackson Award, bem como ganhador do Edgar Award e do Philip K. Dick Citation of Excellence, além de ter sido finalista dos prêmios Hugo, World Fantasy, British Fantasy e Locus.

Copyright © 2020 por Robert Jackson Bennett
Publicado em comum acordo com o autor, Shuffling and Muttering LLC, Donald Maass Literary Agency, em conjunto com International Editors' Co.
Publicado originalmente nos Estados Unidos em 2020 pela Del Rey, um selo da Random House, uma divisão do grupo Penguin Random House LLC.

Título original em inglês: SHOREFALL

Direção editorial: VICTOR GOMES
Coordenação editorial: ALINE GRAÇA
Acompanhamento editorial: BONIE SANTOS E MARIANA NAVARRO
Tradução: ALINE STORTO PEREIRA
Preparação: BÁRBARA WAIDA
Revisão: LUANA NEGRAES
Design de capa: WILL STAEHLE
Projeto gráfico: BEATRIZ BORGES
Adaptação de capa e diagramação: EDUARDO KENJI IHA
Imagem de capa: KOI88/SHUTTERSTOCK (VELAS), OLESKALASHNIK/SHUTTERSTOCK (CHAPÉU), IRINA ALEXANDROVNA/SHUTTERSTOCK (TRONO), SIMONA BOTTONE/SHUTTERSTOCK (VELAS), POLUDZIBER/SHUTTERSTOCK (PORTAL), KOSTENKO MAXIM/SHUTTERSTOCK (SILHUETA), IURII STEPANOV/SHUTTERSTOCK (MÃO)
Diagramação para e-book: CALIL MELLO SERVIÇOS EDITORIAIS

ESSA É UMA OBRA DE FICÇÃO. NOMES, PERSONAGENS, LUGARES, ORGANIZAÇÕES E SITUAÇÕES SÃO PRODUTOS DA IMAGINAÇÃO DO AUTOR OU USADOS COMO FICÇÃO. QUALQUER SEMELHANÇA COM FATOS REAIS É MERA COINCIDÊNCIA.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. PROIBIDA A REPRODUÇÃO, NO TODO OU EM PARTES, ATRAVÉS DE QUAISQUER MEIOS. OS DIREITOS MORAIS DO AUTOR FORAM CONTEMPLADOS.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

B471f Bennett, Robert Jackson
Shorefall: a noite do caos / Robert Jackson Bennett ; Tradução : Aline Storto Pereira. – São Paulo : Morro Branco, 2022.

978-65-86015-64-5

1. Literatura americana – Romance. 2. Ficção americana. I. Storto Pereira, Aline. II. Título.
CDD 813



Todos os direitos desta edição reservados à:
EDITORA MORRO BRANCO

Alameda Santos, 1357, 8º andar
01419-908 – São Paulo, SP – Brasil
Telefone (11) 3373-8168
www.editoramorrobranco.com.br
Produzido no Brasil
2022


MORROBRANCO
EDITORA